

A romantic couple is shown in a close embrace, nearly kissing, in a vineyard. The scene is bathed in the warm, golden light of a sunset. The man is on the left, leaning towards the woman on the right. The background features rows of grapevines and a bright sun low on the horizon, creating a soft, hazy atmosphere. In the top left corner, there is a close-up of a bunch of dark purple grapes hanging from a vine.

QUANDO O *Amor*
TORNA-SE
Irresistível

Ma Zuanati

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Autora: Nya Zuanatti
Revisão / copidesque: Becca Zuanati
Edição 01
Quando o amor...,
torna-se irresistível.

Merano, Itália.

Suspirou aliviada. Graças a Deus! Estava sobre terra firme... Outra vez. Ufa! Clamou. Assim que o avião pousou, anunciando o desembarque. Rhane levantou da poltrona, pegou sua bolsa e a bagagem de mão. E rumou para a saída. Aguardou suas bagagens na esteira rolante. Pegou-as. Seguiu para o saguão do aeroporto. Domenico havia chegado dois dias antes. E ficou de buscá-la. Olhando pelo saguão em busca de um homem alto, moreno, cabelos castanho claro, liso, porte atlético, olhos azuis, e lindos! Não foi difícil de localizar. Seu futuro padrasto chamava atenção por onde passava principalmente atenções femininas. E, lá estava ele. Era divertido. Via-se claramente, como isso o incomodava.

-- Rhane desculpe o atraso! -- disse educadamente.

-- Tudo bem! O avião também atrasou. Cheguei, há menos de 10 minutos. Foi o tempo de retirar a bagagem, chegar aqui. E você, surgiu. -- apontou. -- Pensei que aqui fosse, Merano? -- indagou curiosa.

-- Não, não é. -- negou. -- Aqui, é Bolzano. -- informou. -- Mas, estamos a mais ou menos meia hora, de lá. Em Merano, não tem aeroporto. Só particulares. E nós temos um... -- contou. -- Mas, meu irmão Aleico está usando um dos jatos. Os outros estão em manutenção. -- explicou. -- Vamos, então. -- Tomou-lhe o carrinho com as bagagens, seguindo rapidamente para a saída.

-- Sério. Vocês, tem um aeroporto particular? -- perguntou ela, surpresa. Algo do qual não sabia.

-- Sim, temos. -- afirmou rindo, ante o ar surpreso dela. -- É mais prático, devido as constantes viagens que temos de fazer... Se os nossos jatos não tivessem em manutenção. Era nele, que você, teria vindo de Milão.

-- Quantos jatos têm? -- indagou.

-- Três. -- disse Domenico, com naturalidade.

-- Nossa! Bom, pelo menos podem ir e vir sem nenhum transtorno. -- comentou casualmente.

-- Nem tanto, Rhane. Também temos de respeitar as normas de aviação de cada país. -- disse tranquilo.

-- Ah, mas que chato! -- exclamou ela. -- Então, o que ficou decidido? Vou para a casa de seu pai... Ou, para casa de seu irmão. -- Rhane quis saber.

Domenico riu, mediante a reclamação dela. Olhando-a, falou.

-- Aleico achou melhor você ir para casa dele. -- informou chateado.

-- Domenico olha não precisa ficar chateado só porque o seu pai não concordou em receber-me. -- começou a dizer. -- Sei que gostaria que ele, concordasse. Afinal, é noivo de minha mãe! Mas não acho que seu pai, esteja errado. Olha... Eu compreendo. Acredite? Não precisa se preocupar. -- pediu educada. -- Não ligo de ficar na casa de seu irmão. Só não quero causar nenhum transtorno. Nem para ele. E nem para sua família! -- falou, sentindo certo incomodo.

-- Tenho certeza que não vai ser nenhum transtorno para meu irmão, Rhane. E depois não vai ficar com minha família. -- pausou. -- Mas, pode ter certeza que irá conhecê-los. E tenho plena certeza que vai gostar de todos eles. -- disse. -- Apesar de meu pai ser um pouco... Como posso dizer. Conservador. É uma ótima pessoa. Gosta muito de conversar. É um bom ouvinte. Aprecia uma boa leitura. Também gosta de arquitetura antiga. Além de cavalos, é claro! -- resumiu.

-- Serio? E tem algum motivo para estar dizendo-me, isso? -- quis saber ela.

-- Bom, em primeiro lugar. Sei como você gosta de arquitetura. E depois terá um assunto que você entende. E ele gosta! – falou dando-lhe uma piscadela. -- Entendeu? – indagou-a.

-- Obrigado pela dica, Domenico. -- agradeceu. – Mas, de cavalos... Não entendo nada! -- comentou sorrindo.

-- Hum... Mas, espero que não tenha medo? -- procurou saber.

-- Isso eu não posso garantir. O mais perto que cheguei de um cavalo foi no desfile do dia da Pátria. Quando eu era pequena. -- notificou. – Helen, disse que seu pai tem um haras na villa?

-- Sim, depois que aposentou. Voltou a fazer o que sempre gostou. Criar cavalos. Além é claro, ensinar na escola de equitação. – informou.

-- Então na verdade, ele, realmente não aposentou. Trocou de profissão. -- disse brincalhona.

-- É bem por aí mesmo. – concordou. -- Já teve vontade de aprender a montar?

-- Bom.. Nunca passou pela minha cabeça. Mas tem sempre a primeira vez, não é! – falou, entre curiosa e pensativa. – Sabe, deixou-me interessada. Acha que consigo aprender? -- indagou-o ansiosa.

Domenico riu ante o interesse dela.

-- Tenho certeza que sim. -- afirmou. -- Posso falar com meu pai... Ou, com Aleico. Tenho certeza que um dos dois, terá prazer de ensiná-la. -- falou confiante.

-- Acha mesmo? -- quis saber desconfiada. -- Seu pai e seu irmão, ainda não me conhecem. Como sabe que vão querer ensinar-me? -- Viu o sorriso alegre e confiante que ele, deu-lhe.

-- Porque, meu pai adora dar aulas de equitação. E Aleico, adora um desafio! -- rindo da cara feia que ela fez. -- Não que você seja um desafio! -- brincou.

-- Menos mal... Já chega estar incomodando a vida de todo. E ainda ser um desafio. Aí, já é demais! -- replicou triste.

-- Não está incomodando a vida de ninguém, Rhane. Quero que saiba disso. -- consolou-a.

-- Tomara que seu irmão pense o mesmo. -- reclamou sem graça.

Então o viu rir novamente. E achou ótimo. Pois era raro da parte dela, vê-lo sorrir.

-- Porque está sorrindo assim? – perguntou-o. Era um sorriso estranho. Notou ela.

-- Sei que achou estranho... Eu sorrir assim. Mas, é que está preocupada de conhecer meu irmão... E acho que ele também! -- falou com tom caçoísta na voz. -- Hoje, eu ainda não sei... Mas ontem ligou-me, três vezes. Queria saber se tinha chegado. Esperávamo-la, para ontem. -- explicou.

-- Sei disso... O voo foi cancelado devido ao mal tempo. -- justificou.

-- Foi o que ficamos sabendo. -- confirmou. -- Aurélio, coloque as malas da signorina no porta malas. Por favor! -- Domenico pediu educado.

-- Pronto. Para onde vamos? – perguntou o motorista, gentilmente.

-- Para a villa de Aleico. Antes, quero apresentar-lhe minha enteada. -- fazendo as apresentações.

-- Rhane, este é Aurélio. – apresentou-os. – Aurélio, esta é Rhane. -- Aurélio trabalha para minha família há muitos anos. -- explicou.

-- Prazer em conhecê-lo, Aurélio! -- disse Rhane, ao cumprimentá-lo.

-- O prazer é meu, signorina! Seja bem vinda à Itália. Espero que goste de sua estada aqui.

-- Vou gostar. Tenho certeza. Sempre quis conhecer a Itália. – falou ela.

-- Bem, então vamos indo Aurélio. Tenho uma reunião hoje antes do almoço. E preciso localizar Aleico. – disse, sem perca de tempo.

-- Ele desconhece minha chegada... Apesar da troca do dia de voo, Domenico? -- perguntou cautelosa.

-- Ele tem conhecimento da sua chegada... A bem da verdade, Rhane. Aleico fez o possível para poder estar de volta antes de você chegar. Mas, acabou tendo problemas com uma equipe na instalação de um novo sistema, em uma de nossas filiais. Mas deve estar aqui dentro de dois, ou três dias! -- Domenico informou.

-- Estive pensando, Domenico. Seu irmão é solteiro. Não quero tirar a privacidade dele. – comentou.

-- Devia ter aceitado ir para Áustria. Pelo menos lá, não incomodaria ninguém. -- disse com arrependimento. -- Mamãe, falou que as pessoas que me receberiam lá. Também são seus parentes?

-- É um primo de Dom Rafael, o meu tio! Aleico, quando soube... Não concordou. E para dizer a verdade, Rhane. Eu também não! São ótimas pessoas! Mas, não gostaria de ficar lá. acredite. – expressou. – E eu, em nenhuma hipótese... Mandaria você para lá. – falou aborrecido.

-- É tão ruim assim? -- quis saber. Incrédula.

-- Dio! É longe de tudo! A cidade mais próxima fica a 2 horas de carro. Perto consta só um pequeno vilarejo. Sem nenhuma estrutura. O lugar não é feio, Rhane. É uma bela villa. É ótima para descansar. É preciso uso do jato para ir, e vir. Entende? -- disse-lhe apático. – Aleico, ofereceu a casa dele. Caso não me importasse. – explicou. -- Falei com sua mãe. E ela, concordou. Você aceitou. Não vi problema algum!

-- Oh, agradeço muito! – disse sincera. – Mas, além de estar preocupada em conhecê-lo... — falou, sua voz soou tensa. – Sinceramente não acha que vou causar problemas com alguma namorada, amiga... Ou, sei lá. Que possa ter? Não quero problemas com mulheres ciumentas nunca mais. -- falou desgostosa.

-- Bom, creio que não. Mas, em todo caso... Pode perguntar para ele. Certo? – assentiu ela, em acordo. -- Bem, estamos chegando. Esta é a villa de Aleico! -- exclamou alegre.

-- Todos vocês possui uma villa, Domenico? -- indagou curiosa.

-- Não. Aleico é o único!

-- Por quê? – quis saber. Achando estranho.

-- Oh, não é pelo que deve estar pensando! Aleico herdou a villa de nosso Tio-Avô. Ele não tinha filhos homens. Só mulheres! E antes que pergunte por que não deixou para as filhas, vou dizer-lhe! -- disse rindo. Ao vê-la arquear as sobrancelhas. Intrigada. – Elas fizeram péssimos casamentos. Então para garantir o futuro dos netos, e das filhas. Meu Tio-Avô nomeou Aleico, como um de seus herdeiros. Não que ele precise! – defendeu-o. – Aleico, fez fortuna sem ajuda da família. E ainda voltou para ajudar-nos, a expandir pelo mundo todo. Herdou a villa. E tem participações nos lucros da Companhia de nosso Tio-Avô. As nossas primas concordaram com os termos dados pelo pai. – explicava. – Assim, elas continuam com todos os bens. E os maridos não pode vender nada. Evitando assim o risco de perder os bens. Não são bons negociantes. – informou. – Eis o motivo de meu Tio-

Avô, ter agido desta forma. Mas em compensação eles têm que trabalhar na Companhia. Caso queiram ter dinheiro no bolso. -- disse maroto.

-- Uma atitude muito inteligente da parte dele. -- falou Rhane, elogiando-o.

O carro parou em frente de uma enorme mansão toda branca. Com janelas e portas em azul Royal. Dois andares. Toda avarandada. Tanto no piso térreo. Como no piso superior. Um esplêndido jardim contornava a casa. E em frente da entrada da casa tinha outro pequeno jardim em círculo. No centro uma bela fonte. Tão comuns nas praças das cidades da Europa. E ali havia uma particularmente a sua frente. Um pequeno querubim ao centro, que segurava um jarro de onde água jorrava, abundantemente. Meu Deus! Era algo lindo de ver. Belo. Olhou adiante... Uau! Que vista possuía a localidade! Surreal! As plantações de uva começavam a poucos metros dos jardins da casa. E estendia por quilômetros. Logo á frente tinha um grande lago. Repleto dos mais variados tipos de aves. Adiante se via pequenas montanhas verdejantes. Espetacular! Um cenário cinematográfico. Nunca viu nada semelhante! Fora do carro em pé. Olhava tudo a sua volta. Deslumbrada!

Domenico estava ao seu lado. Encantado por vê-la deslumbrada. Em quase dois anos que havia conhecido Hellen. Foi impossível construir um vínculo de amizade com ela. E muito menos compreendê-la. Rhane era uma garota fechada. Evitava demonstrar sua pouca idade. Sempre muito cautelosa. Ressabiada. Mas apesar do que acontecera. E de sua pose extremamente autossuficiente. Domenico desconfiava que ali, havia algo de errado. Quis ajudá-la. Contratando bons advogados. Ela rejeitou-os. Deixando Helen, sua mãe. E sua noiva, desesperada. Rhane, afirmava dizer a verdade. Refutou sua ajuda. Terminantemente. E ele, nunca soube o que pensar. E nem como a julgar. Resolveu por não insistir. Deixar como estava.

-- Domenico, isto aqui... É magnífico! Uau! -- exclamou deslumbrada.

-- Tinha certeza que iria gostar! Venha, terá muito tempo para conhecer tudo. -- tomou-a pela mão. Indo em direção á entrada da casa. -- Quero apresentar você, para Arela. -- falou indicando uma senhora que os aguardava.

-- Quem é ela? -- quis saber.

-- Arela foi nossa babá. Ajudou minha mãe, criar-nos. -- explicou. -- Hoje, ela trabalha para Aleico. É responsável por toda a coordenação da casa. E dos demais empregados. Tudo o que você achou magnífico. É responsabilidade dela. -- falou respeitosamente.

Ao subirem os três lances da escada. A senhora saudou-os com um sorriso simpático. E com muita alegria.

-- Que bom vê-lo! Quanta saudade, mio bambino! -- expressou saudosa. Beijando-lhe as faces. Abraçando-o logo em seguida com força.

-- Arela, como vai! Também estou com saudades! -- respondeu também em italiano. Retribuindo o abraço apertado dela.

-- Que bons ventos o trazes aqui! -- brincou ela. -- Não me diga que esta é a mia bambina? -- indagou-o. Toda alegre. Observando-a com extremo cuidado.

-- Sim! Esta é a sua bambina! Vou deixá-la com você e Aleico. Espero que cuidem bem dela, para mim. -- pediu sério.

-- Então, é melhor nós conhecermos. Não é? -- Arela propôs calorosa. Num perfeito inglês.

-- Claro. Rhane, esta é nossa querida Arela. E Arela, esta é minha enteada. -- Domenico fez as apresentações.

-- Muito prazer, Arela. -- disse Rhane. Recebendo um abraço apertado e beijos nas faces.

-- O prazer é todo meu! Piccola mia, minha pequena. Vou cuidar de você, com todo o carinho. – falou, com extrema simpatia. Deixando-a toda embaraçada. – Oh, deixei-a embaraçada. Pois não fique. Para mim será um imenso prazer tê-la, aqui. Pode acreditar! – exclamou alegre. – Caso achar que a estou mimando demais. É só me avisar. Adoro mimar as pessoas que gosto. E gostei de você! – exclamou. Abraçando-a novamente com carinho.

-- Rhane pode acreditar. Arela adora mesmo mimar. Principalmente quando se encanta com a pessoa. Não é mesmo, cara mia. – disse Domenico. Depositando um beijo na face da simpática senhora.

-- Oh, ela é tão linda! Tão pequenina... Como pode ser tão linda assim! Dio Mio! – disse Arela, com admiração. -- Como pode achar que não cuidarei dela. Vou sim. Ah, como vou!

-- Bom, Arela. Não sou de dar muito trabalho. Sou como dizem, meio que independente. Mas, acho que vou gostar.. De ser um pouco mimada. -- revelou meiga.

-- Então, venha. Vou mostrar seu quarto. Ah, Domenico, sua mãe mandou umas trocas de roupas para você. -- avisou-a.

-- Ótimo! Vou ficar aqui com você... Até a chegada de Aleico. -- explicou ele.

-- Oh, que bom. Achei que fosse deixar-me sozinha. – deu um suspiro de alívio. -- Ainda não conheço seu irmão. É bom saber que vai esperar comigo, por ele. Assim não vou sentir-me... Uma intrusa. Obrigado, Domenico! Eu não sei.. Como posso dizer.. – enrolou-se com as palavras. – Ultimamente não fiz outra coisa. Senão ser-lhe, um fardo. – lamentou. -- E aqui estou.. Dando trabalho para seu irmão. Também para Arela. Meu Deus! Detesto esta situação. Mas, não consigo encontrar um jeito... Uma solução... Sabe? Deus! Como gostaria de ver o fim, disto. Ver tudo acabado... Tudo! -- sua voz soou embargada. Triste.

-- Rhane, não pense que esta dando trabalho para mim, ou para qualquer outra pessoa. Saiba, não tem sido um fardo para mim. Creia? O que fiz por você. O fiz... Porque, é minha enteada. Considero-a como uma filha. – falou gentil. -- E Rhane... Amo sua mãe. E amá-la. Significa amar você. E eu a amo. – foi sincero. – Sei que é difícil aceitar-me, como seu padrasto. E eu entendo. -- foi cauteloso. – Mas, um dia... Quando conhecer-me, melhor.. Vamos nos entender! – disse amável.

-- Oh, sei como é difícil entender-me. Mas, concordo. Ainda nos entenderemos. Eu não sei como agradecer.. Tudo o que tem feito para mim. Sinto-me, confusa... E isso me impede de ver a pessoa que você, é... Paciência, é tudo que peço a todos! -- falou, angustiada.

-- Oh, cara mia. Não é trabalho algum para mim. E nem será, para Aleico. -- Arela disse alegre. – Venha descansar. Vou mandar servir-lhe um lanche. Tome um banho relaxante. Durma um pouco. Irá sentir-se melhor. Verá. – dizia-lhe, ao mesmo tempo em que a levava para o quarto. – Espero que seja do seu agrado. A villa foi toda reformada. E conforme a decoradora vai terminando o projeto de cada cômodo. Deixa-os, já prontos. Este é um. – falou Arela.

-- Oh, é muito bonito! A decoradora é ótima. -- disse com apreço.

-- Bom, fique à vontade. E não precisa preocupar-se com o almoço. Mandarei vir chamá-la. Descanse bastante? -- pediu licença e saiu do quarto.

Sozinha. Observava a decoração. Muito aconchegante. As paredes pintadas em um amarelo claro, combinavam com as cortinas em seus variados tons de amarelos. Os moveis eram todos em pátina brancos. Uma cama de casal de cabeceira alta, com uma chaise-longue nos pés da cama. Uma penteadeira com espelhos e gavetas. Dois criados mudos de cada lado da cama. Dava todo um toque elegante ao conjunto. Constava um espaçoso closet. Onde suas roupas encontravam-se todas bem distribuídas. Nossa! Elas eram rápidas! Enquanto ainda lanchava. Suas roupas foram todas organizadas no closet. Quanta eficiência! Admirou. O banheiro também muito espaçoso. Além, do chuveiro. Contava com uma bela banheira de hidromassagem. Legal! Tudo de muito bom gosto. Extremamente confortável. Optou por um banho de banheira. Encheu-a. Entrou na água morna. Deixou-se relaxar. Precisava relaxar. Fechou os olhos. Mas sua mente vagou para os acontecimentos dos últimos dias. O qual tinha mudado sua vida para sempre. Suspirou triste. Fazia quase um ano que sorrir de alegria... Tornou-se difícil em sua vida! Seus pensamentos constantemente vagavam nas cenas ridículas daquele dia fatídico. Ver sua mãe ser chamada no colégio. E ouvir o reitor apresentar contra ela uma acusação de assédio sexual. Acusando-a de assediar um dos professores do colégio. E sua mãe protestar em sua defesa. Alegando sua inocência. Nunca imaginou ver sua mãe passar por algo assim. Humilhante ao extremo. Seus protestos foram infundados. Logo o reitor mostrou-lhe uma fita, onde comprovava a realidade dos fatos. Uma armação muito bem elaborada. Aceita pelo o Tribunal de Ensino. A tentativa de contestar a acusação complicou a situação do professor de matemática. Inocente, assim como ela. Tudo começou ao pedir-lhe explicação de uma matéria no final de uma aula. A proximidade entre eles, junto á mesa na sala de aula foi vista como tentativa de assédio por parte do professor. Uma professora os viu. E maldosamente fez a acusação. Inconformada com situação, Rhane, tomou a acusação para si. Afirmando ser ela quem assediou o professor. Culpada. Foi expulsa do colégio. O Tribunal de Ensino. Considerou o seu crime um delito grave. Foi excluída e proibida de estudar em qualquer entidade de ensino na Inglaterra. E só poderia voltar em seu país após seis meses. O difícil foi enfrentar a mídia. Mal conseguia sair de casa. E era seu último ano no colegial. E já tinha escolhido a faculdade onde cursaria engenharia civil. Queria aperfeiçoar-se nas construções de maquetes. Fez vários cursos técnicos direcionado para os desenhos e montagens das maquetes. Sua grande paixão. Agora faltava a faculdade para ter o seu diploma de profissional. Resultado. Sua Tia Karen, não precisaria assinar seus trabalhos. Ela o faria. Uau! Mas, diante do processo. Teve que adiar todos os seus sonhos... Inclusive a faculdade... Suspirou inconformada. Bom, poderia terminar os estudos em outro país. Só teria de aguardar o próximo semestre. Dentro de quatro meses completaria 20 anos. E perdeu um ano de estudo. Mas, o que fazer? Viu-se obrigada a esperar o veredito do Juiz. E logo teria que ficar seis meses fora da Inglaterra, conforme determinação judicial. Após este período. Iria voltar para Londres. Seria uma longa espera! Ufa! Bufou.

Deu muito trabalho para sua mãe, sua tia, e Domenico... E agora para o irmão dele. Pensou desgostosa. Através da internet conheceu sua descendência secular... Os Domenacci provinham da aristocracia italiana. Ou, seja. Ricos e poderosos! Inclusive Aleico Domenacci. O homem era lindo. Sempre acompanhado de belas mulheres. E ela, há muito queria conhecê-lo. Pessoalmente. Claro! Sendo o dono de uma das maiores construtoras dos Estados Unidos. Tendo expandido por toda a Europa. E vários outros países... Com extremo sucesso! Três meses após o namoro de sua mãe, com Domenico... Tornar-se concreto. Soube que Domenico e Aleico, eram irmãos. Tia Karen, confirmar. Foi surreal! Inacreditável! O escritório de Karen Farr prestava serviços de engenharia para a "Corporation & Incorporation Empreendimentos Industriais Domenacci". E ela, não teve oportunidade nos três anos que trabalhava nos escritório de Karen, conhecê-lo. Seus horários nunca coincidiram com os agendado por ele, para suas visitas. Ou, estava em uma palestra de

apresentações das maquetes. Ou, estava em viagem a serviço do escritório. O que tornou difícil o encontro. Agora... Conheceria Aleico Domenacci. O “Dominador”! Era como Felipe Verazzi, o chamava. Puxa vida! Lembrar-se de Felipe Verazzi.. Era um tanto desgastante. Suas insistências em conquistá-la. Irritava-a. Resistir aos seus constantes flertes. Parecia incentivá-lo... Ou ele não entendia. Ou fingia não entender, um “Não” como resposta. Era maçante! Muitíssimo! Pensou.

E sentia-se nervosa... E muito ansiosa. Finalmente conheceria Aleico. As palavras das garotas do escritório ao referir-se ao homem.. Um ”Deus Grego”. Ao associar Domenico, com o irmão. Elogiaram sua mãe... Classificaram-na como uma mulher que herdaria muita dor de cabeça. Mediante as mulheres que os perseguiam. E isso era real. Ao questionar sua mãe como via o seu namoro com Domenico. Sendo herdeiro de uma família rica e poderosa. Sua mãe admitiu ser uma batalha. Bonito. Extremamente rico. Composto por dois fatores que o deixaria sempre exposto a flertes. E ao assédio das mulheres. E ela, teria que conviver com isso. E viveria. Tinha seus truques. Era uma boa lutadora. Rhane concordou. Quando se apaixonasse... Faria o mesmo. Com toda certeza! Lutaria e muito!

A vida do Clã dos Domenacci era bem exposta. Estava tudo na internet. Principalmente de Aleico Domenacci. Considerado um dos solteiros mais rico do mundo! E ali estava, ela... Na casa, dele. Soava estranho. Fato que se desconheciam. Totalmente. E ele foi o único disposto em recebê-la. Pensou. Sentiu-se incomodada. Suspirou. Será que tinha conhecimento que ela prestava serviço para sua empresa? Domenico contou-lhe? Desconfiava que não! Soube através de sua mãe... Que a família Domenacci prezava a verdade. Tanto que ao contar a verdade ao pai. Este não a aceitou em sua casa. Foi melhor. Ufa! Pensou. Homens como Dom Geovane Domenacci. Cheios de princípios e morais antiquados. Eram pessoas complicadas. Nada compreensivas. Literalmente foi melhor assim! Seu anfitrião com certeza era adepto da modernidade. Afinal vivia rodeado de mulheres glamourosa e exuberante. Algumas revistas sensacionalistas em nota rotularam-no... Como um libertino. Nunca viu uma nota de protesto contra isso da parte dele. Será verdade? Perguntou-se. Suspirou. Querida, esqueça isso! Recriminou-se. Saiu do banho, vestiu o robe. Deitou um pouco. Veio a sua lembrança como sua mãe conheceu Domenico, seu futuro padrasto. Meu Deus! Um pequeno erro na entrega dos vinhos. E tudo simplesmente aconteceu. Imagine! Riu ante a lembrança. Sua mãe e o entregador se desentenderam. Ele, revoltado pela não concordância dela. Mandou-a reclamar no escritório. O que ela fez. Chegando lá a recepcionista por engano levou-a para sala de Domenico. Percebendo seu equivocado engano. A recepcionista se desculpou. Porém, antes que saíssemos. Ele viu-nos. Quis saber do que se tratava. Sua mãe foi taxativa.

-- Se for capaz de resolver! -- falou com firmeza. -- Poderei expor do que se trata.

-- Quem sabe? – indagou, ele. Um sorriso maroto permeava-lhes, os lábios. Que não passou despercebido, por ela. -- Senhorita Janete, pode deixar.. Verei como posso ajudar.

-- Helen Britte! -- sua mãe apresentou-se. Friamente.

-- Sra. Helen Britte. Então... Posso chamá-la de Helen? -- pediu, gentilmente.

Rhane que fazia companhia a mãe viu a recepcionista abrir a boca, e a fechar. Sem palavras. Recuperada. Logo em seguida pediu licença e saiu.

-- Bom, depende de como devo chamá-lo. – disse sua mãe. Educada, porém fria.

-- Oh, é claro. Domenico Domenacci. – apresentou-se. -- Pode chamar-me, de Domenico. – falou, educado. Ignorando sua frieza.

-- Ótimo.

-- Helen, posso esperar lá fora? -- Rhane disse. Interrompendo-os.

-- Claro querida... Não saia sem me avisar. Está bem? -- pediu cuidadosa.

Rhane fez uma careta, pediu licença e saiu.

-- É sua filha?

-- Sim, é. Mas, vamos ao que interessa...

E foram as últimas palavras que ouviu. Sentou na recepção e aguardou. Dentro de vinte minutos sua mãe saiu com tudo resolvido. Graças a Deus! E também com um convite para jantar. Quando sua mãe começou a sair com Domenico. Ela pensou. Outro... Para ocupar a longa fila. Ele não era o primeiro. Havia outros. E com nenhum durou... Hum... Dois encontros! Ao procurar saber como estava evoluindo o relacionamento. A resposta foi... Só saindo. E este só saindo. Durou um mês... Este um mês... Virou um ano. E que evoluiu para 13 meses. Enfim o novo relacionamento da mãe, juntamente o medo de uma nova rejeição. Impediu-a, de aproximar-se Domenico. E da própria mãe. Receosa. Temia ser novamente culpada caso o namoro... Definhasse. A separação dolorosa dos pais. Marcou-a profundamente. Optou por isolar-se. Sozinha. Com os seus medos e suas apreensões. E agora 13 meses depois, sua mãe iria casar com ele. Rhane continuou a morar com sua Tia Karen. Nos anos que morou com ela, aprendeu a gostar de arquitetura. Tinha uma facilidade com desenhos. Sempre que podia, ela acompanhava a tia para o escritório. Começou a prestar atenção nos trabalhos da tia e dos demais engenheiros, desenhistas e projetistas. Pegou gosto pela coisa. Passou a copiar tudo que via. Olhava-os. E passava para o sulfite. Sua tia viu seus desenhos. E gostou. Achou que tinha talento. Incentivou-a, a continuar. Ao ver que tinha ideias próprias. Passou a dar-lhe pequenos projetos. Foi o começo de tudo. Quando viu pela primeira vez um dos projetistas no estúdio produzindo uma maquete. Apaixonou-se! Pediu-o que a ensinasse. Ele concordou. Rhane se superou. Deixando-o entusiasmado. Ensinou-a tudo o que sabia. Rhane tornou o projeto de produzir maquetes parte da sua vida. O que não foi recebido por sua mãe com muita alegria. Queria que Rhane voltasse a morar com ela. Ela rejeitou. Logo após a separação sua mãe voltou para faculdade. Terminou os estudos. Indo depois especializar-se em vários países. Deixando-a aos cuidados de sua irmã Karen. Sua querida, tia Karen. Após um longo dialogo, com sua tia. Há dois meses voltou a morar com sua mãe. Continuou com o estúdio na casa da tia. Onde trabalhava durante o dia... Aos 12 anos recebeu o último telefonema do pai. Este praticamente não cumpriu o que prometeu. Dificilmente vinha visita-lá. Quando o fazia. Eram visitas rápidas. Frias. Mas, ao ligar para ela naquele dia. Avisou-a que estava voltando para ficar. Queria que fosse buscá-lo no aeroporto. Foram. Aguardaram por horas. O voo estava atrasado. Determinado momento foi anunciado que uma tempestade aproximava. Os aviões tinham dificuldade em localizar a pista para pousar. Tomada de medo e tremendo. Vendo todo o seu medo. Sua tia procurou acalmá-la. Em vão. O alto falante anunciou a queda de um dos aviões. Atingido por um raio a turbina fora destruída. Era o avião de seu pai. Pela segunda vez viu seu mundo ruir. Sofreu e chorou noites seguidas, por meses.

Deus! Pensou. Precisava ligar para sua tia. Mesmo estando chateada. Achou que a tia não concordaria com a ideia em ser mandada para Itália. Mas concordou. Chateada dirigiu toda a sua fúria para sua tia. Meu Deus! Apesar de tudo foi ingrata com a tia! Oh! Iria ligar assim que pudesse. E se desculparia com ela. Refletiu. Bocejou lentamente... Dormiu.

Foi acordada por alguém que a tocava no ombro. Abriu os olhos contemplou o rosto bonito de uma garota por volta dos vinte anos. Com um sorriso alegre no rosto.

-- Olá, signorina. Meu nome é Ana. E trabalho aqui. Vim avisá-la que o almoço será servido dentro

de 40 minutos. Portanto, pode trocar-se sossegada. Precisa de ajuda? – perguntou toda simpática.

-- Oh, não! Obrigada, não precisa... Ana. – agradeceu, educada.

-- Tudo bem. Com licença. – pediu, saindo do quarto.

-- Ana. -- Rhane chamou-a.

-- Sim, signorina.

-- Virá alguém para o almoço?

-- Não, signorina. O irmão do patrão, o signor Domenico. Saiu assim que a deixou. Informou a signora Arela, que tinha uma reunião antes do almoço. Depois iria almoçar com um cliente. – informou-a. -- Mandou avisar a signorina que deve chegar por volta, das 6 horas da tarde. – citou. -- Dona Elisa, a mãe do signor Aleico e do signor Domenico ligou... Comunicou a signora Arela, que a signorina... -- fez uma pausa. -- Será apresentada ao restante da família, amanhã. – continuou. -- Que Dom Geovane não irá esperar o signor Aleico, chegar. Parece que todos querem conhecê-la. Irá ficar perdida signorina, pois são tantos. Que será difícil guardar todos os nomes. -- disse, divertida. -- Mas não precisa preocupar. Do jeito que a signorina, é linda. Eles irão ficar encantados. Isso sim! -- falou, admirando-a.

-- Não sou tão linda assim, Ana. -- disse, com modéstia.

-- Oh! É sim! Quando a signorina chegou, e ficou lá fora conversando com o irmão do patrão. Todos nós fomos bisbilhotar escondidos. E não imagina quantos, ‘Ohs’, se ouviu. Ficamos todos encantados com sua beleza! -- disse, com sinceridade.

-- Bom, então devo acreditar que sou... Como você disse... Linda, não é mesmo. -- falou zombeteira.

-- Nossa signorina! Não devia zombar assim! Quem me dera fosse linda como a signorina! -- replicou zangada.

-- Desculpe Ana. Não quis chateá-la. – Rhane, pediu gentil. --- Então, vou almoçar sozinha? – indagou, mudando de assunto.

-- Creio que sim! O almoço será servido na copa. -- informou-lhe, Ana.

-- E onde fica a copa? Ainda não tive tempo de conhecer a casa. -- falou insegura. -- Apesar da reforma, espero poder conhecer... Falta muito para terminar, Ana?

-- Não muito. Creio que três salas. Todos os quartos estão prontos. Faltando apenas a nova decoração. As salas do lado direito. Também estão prontas. Lá a maioria dos moveis serão restaurados. Datam do século XVI. Falta pouco... Logo termina. -- explicou, detalhadamente.

-- A villa nunca foi reformada antes?

-- Creio que sim. Mas, agora foi restaurada toda a parte hidráulica, e elétrica da casa. O patrão fez mudanças inovadoras nos banheiros. Modernizou-os. A cozinha também. Ficou ótimo! -- exclamou esfuziante.

-- Que bom! Um pouco de modernidade. Sempre é bem-vindo.

-- Sim, é muito bom! Fique despreocupada. A signora Arela vai aguardá-la no hall. No final da escada. -- Com licença. – pediu, foi embora.

Colocou um vestido de malha leve. Azul claro. Frente única, na altura do joelho. Calçou sandálias brancas, salto Anabela. Elevando-a uns centímetros. Além, de serem confortáveis. Logicamente.

Manteve as joias. Passou gloss-rosé nos lábios. Escovou os cabelos. E pronto.

Ao descer as escadas viu Arela, esperando-a.

-- Espero que tenha descansado. Cara? -- falou amável.

-- E como! Há dias que não descanso assim! – exclamou serena.

-- Ótimo! Venha, vamos almoçar. Vou fazer-lhe companhia. Caso não se importe? – disse cautelosa. Gentil.

-- Não. Claro que não! Vou adorar.. Detesto comer sozinha. E podemos conversar. Conhecer-nos, melhor.. – ofereceu gentil. -- Quero saber um pouco da história da villa... Do meu anfitrião. E das pessoas que aqui trabalham. Isto é, caso esteja de acordo. Certo?

-- É justo! – assentiu ela. -- Bom, da villa... E dos que comigo trabalham. Posso falar o que quiser saber. Mas, sobre Aleico. Acho que você deva perguntar-lhe... Não sei o que quer saber. Cabe a ele responder suas perguntas. Não concorda? -- descartou com habilidade. -- Eu trabalho com a família dos Domenacci há quarenta anos. Antes, foram os meus pais. Mamãe era governanta da casa de Dom Geovane. E papai, era o administrador das terras. Quando Dona Elisa ficou grávida do primeiro filho, e precisou de uma babá. Fui contratada. Ajudei criar a todos. Foram crianças maravilhosas! Dona Elisa, sempre preocupou em ensinar os filhos a ter respeito pelo o próximo. Nunca admitiu que eles fossem orgulhosos e soberbos. E isso foi bom. Tornaram-se pessoas maravilhosas. -- sou orgulhosa. E saudosa dos velhos tempos. – Sempre amei a todos. Mas, Aleico... Sempre foi o meu preferido. Eu... Não sei... Talvez seja pela sua inquietude. – explicou. -- Meu esposo dizia que ele logo alçaria voo. – sua voz souu triste. – Sua discordância em não concordar com o pai... Como este queria as coisas. Tornava-o um pouco rebelde. Sabe? E eu, me preocupava com aquilo. Tinha medo... Mas, não adiantou. – suspirou. – Quando foi para a faculdade. Decidiu ficar. Não voltou. Chocou a todos! – falou gesticulando as mãos. -- Só voltou quando conseguiu provar que era capaz de fazer aquilo que queria. Ser seu próprio dono! – exclamou desgostosa. -- Os empregados aqui da villa, são todos ótimos. E de confiança. Pode ter certeza... Será muito bem tratada. – finalizou simpática.

-- Sei disso. -- Rhane concordou.

-- Quando Aleico voltou da America... Vim trabalhar aqui como governanta. – falava. -- Meu marido toma contas dos vinhedos, junto com os meus filhos. Tenho dois meninos, e duas meninas. Graças a Deus! Todos estão casados. – citou. Feliz. -- Mas, agora quero saber de você. Sei de algumas coisas... Poucas coisas. Diria eu... – dizia, em tom curioso. – Mas, foi o que me contaram. – disse, delicadamente. – Então não tenho muito escolha. A não ser perguntar-lhe, não é mesmo? – justificou-se.

-- É uma mulher muito inteligente, Arela. Posso chamá-la, assim? -- quis saber.

-- É claro. – concordou. -- Posso chamá-la de Rhane? – emendou.

-- Adoraria. Formalidades faz-me parecer uma pessoa que realmente não sou! -- reclamou frustrada.

-- Muito bem! Olha, sei por que teve que vir para cá. – Arela foi direto ao ponto. -- E também sei que Dom Geovane, não quis que Domenico a trouxesse. Na verdade... Ele quase desistiu. – explicou. -- Mas, Aleico e ele, conversaram em particular a seu respeito... A bem da verdade... Os patriarcas não queriam de jeito nenhum sua presença aqui. – foi sincera. -- E ficaram furiosos quando Aleico resolveu que iria trazê-la. – disse com voz preocupada. -- Domenico contou a ele tudo o que

aconteceu. – dizia. -- E depois saiu na internet! – exclamou. -- Creio que foi isso que impediu de Dom Geovane, em aceitá-la. Ele é uma ótima pessoa, sabe! – falou gentil. – Mas é um tanto antiquado. E ainda não está acostumado com a modernidade. Quando se conhecerem. Entenderá o que estou dizendo. -- revelou com sabedoria.

-- É, acho que sim! – exclamou, deu um suspiro desanimador. – Quando se referiu aos patriarcas? Falava do avô, o tio, e o pai... De Domenico e Aleico. Não é? – indagou.

-- Sim, exatamente. São bons homens. Acredite. – observou. – Olha, não fique imaginando coisas onde não existe. Compreendeu? – confortou-a. -- Achar que Aleico, não vai gostar de você... É injusto! Deixe para pensar sobre isso quando conhecê-lo. Certo? – inquiriu-a, gentilmente. -- Rhane... Sinto muito pelo vou dizer. – desculpou-se, sem jeito. – Mas, antes de conhecê-la pessoalmente. Cheguei a pensar que tanto Domenico... Como Aleico. Estavam fora de suas razões psicológicas. Preocupe-me. – ponderou. Olhando-a, cautelosa. -- Mas quando a vi chegar... Confesso. Mudei completamente minha opinião a seu respeito! – justificou séria. Emendou rapidamente. -- Inventou esta história... Ou está apaixonada pelo professor? -- indagou sutilmente.

-- Deus! Lógico que não! Isso foi o que mais me perguntaram naquele maldito Tribunal! – falou, rispidamente.

-- Tribunal! -- exclamou Arela. Incrédula.

-- Exatamente... Tribunal. Por ser considerado um ato de assédio sexual. E por ser um dos melhores colégios de Londres. – ombreou indiferente. -- Um julgamento seria o único jeito de não colocar o nome da escola em situação escandalosa. Fazendo assim. Eles livrariam o colégio de ser difamado. O que não discordo deles. -- explicou-lhe. Arela olhou-a, inquisitiva. Ela explicou-lhe. -- Foi um julgamento, Arela! Cheio de gente olhando para mim. Como se eu fosse a única garota no mundo que tivesse cometido tal crime! -- falou, ficando em silêncio por alguns segundos. Vendo que Arela aguardava-a. Continuou. -- Sabe, quando você é culpada por algo que não fez? – perguntou, sua voz soou desenhada. -- E tem que aceitar... Pois não há outra escolha... Já fizeram isso por você... – falava insípida. -- Eu, pouco me importaria... Por ser banida de Londres. Caso fosse a única atingida... Não mesmo! – falava, devagar. Sua voz expressava todo o seu rancor. E toda a sua mágoa. – Mas, ver uma pessoa inocente... Ser arruinada. Porque uma pessoa egoísta... – pausou. Pensativa. – Nunca soube realmente. O que houve entre eles... Tudo o que ouvi. Foi algo existente no passado. Creio. – expôs, incerta. – E sua lealdade com a atual esposa. Talvez fora visto por ela... – objetou. -- Como uma rejeição ou humilhação... Sei lá! – concluiu refletiva. Balançou a cabeça, incompreensiva. Voltou á atenção para a conversa entre elas. -- Francamente como pode pensar uma coisa dessas! – censurou-a. Injuriada.

Arela fitou-a, pesarosa. Imaginou-a inocente no primeiro olhar. Instantaneamente. Sim, e agora suas desconfianças. Findaram-se. Raramente enganava-se a respeito de uma pessoa. E ela, com certeza eram inocentes... Em todos os sentidos. Dio!

-- Ao vê-la, desconfiei mesmo desta história. Achei muito estranha. Não acreditei que pudesse estar apaixonada pelo professor. Só perguntei para ter a absoluta certeza do que imaginei aqui, na minha cabeça. – falou, batendo na própria cabeça. -- Gosto de avaliar as pessoas. E raramente erro. – expressou determinada.

-- Detesto ser avaliada. E questionada pelas as pessoas... Passei por isso com Domenico, minha mãe... Com aquele advogado idiota... E todo o resto do mundo! -- ironizou. – Oh, tudo isso pouco importa agora! Falar deste assunto é muito angustiante. – reclamou. -- Foram meses... Dizendo as mesmas coisas. No tribunal. Em casa. Decorei-as. – brincou tristonha. – Realmente espero que seu

irmão. Não faça tantas perguntas... Porque não sei se vou querer responder. – suspirou lamentosa. – Cansei de responder! – grunhiu. -- Quero alguém que possa ouvir-me...

-- Não pretendo fazer nada... Que não queira signorina. – replicou uma voz forte. E muito envolvente, atrás delas. -- Então, não precisa preocupar-se... Pretendo ouvi-la. – ofereceu. Gentilmente.

O susto foi tão grande que as duas congelaram-se. Fitando-o. Mudamente. Arela foi a primeira a recuperar-se. Aprumou-se. E falou com alegria.

-- Caro mio, que surpresa maravilhosa! – exclamou ela. Levantando-se, foi beijá-lo nas faces com prazer. – Pensei que só o veria depois de amanhã. – apontou. – Francamente não devia assustar as pessoas desta maneira. Dio Santo! – reclamou. – Isto não é bons modos... Poderia provocar-me um ataque cardíaco. -- repreendeu-o com carinho.

-- Bem, aqui estou! E perdono, cara mia? Não era minha intenção assustá-las... Achei que houvessem me ouvido... Chegar. – Falou meigamente. Retribuindo-lhe os beijos. Carinhosamente. -- Vejo que está interpelando minha hóspede, Arela? -- censurou-a, suavemente.

-- Oh, não, não! Estávamos conversando. Aproveitando para tirar certas dúvidas. -- respondeu habilidosa.

Aleico olhou para Rhane da cabeça aos pés. Lentamente. Admirando-a. Logo, apresentou-se.

-- Aleico Domenacci. -- estendeu-lhe a mão. Educado. -- Sinto não estar aqui quando chegou! -- desculpou.

-- Rhane Britte... E não se preocupe com isso. Eu entendo. E muito obrigado por receber-me... Em sua casa. – agradeceu, gentilmente.

-- É bem vinda, Rhane. E realmente espero que goste de ficar conosco. – assentiu ele. Um tanto, tenso. -- Arela, estou faminto! – reclamou. -- Espero que tenha algo para comer? – indagou-a.

-- É claro! Vá tomar um banho... Enquanto isso. Vou providenciar o seu almoço. -- ordenou, ela.

-- Dio mio! É pior que minha mãe! -- resmungou. – Espero que não se importe por deixá-la, Rhane... Mas preciso de um bom banho. – inspirou. Cansado. – Teremos todo tempo para conhecermos. Não é verdade? As três escalas que fiz para estar hoje, aqui... Detonou-me! – explicou. Visivelmente abatido.

-- Nossa! Por quê? Domenico, falou que estava com um dos jatos particular. Certo?

-- Sim, é verdade. – confirmou. – Mas temos de seguir as normas de aviação. E o tempo ruim não ajudou. Fomos obrigados a pousar três vezes... Imagine. -- explicou. -- E digamos que queria muito... Vê-la! -- falou baixo. Olhando em direção de Arela que seguia para cozinha.

-- Por quê? -- quis saber, agora intrigada.

-- Não sei. Talvez curiosidade! Queria muito conhecer a filha da mulher.. Por quem meu irmão está apaixonado! – explicou curioso.

-- E eu pensando que era pelo meu talento. – debochou, ela. – Mas, tudo bem! Vou perdoá-lo. Mas... -- disse, impedindo-o de interrompê-la. – Mas, porque também queria te conhecer. E não é de agora. Ouço falar de você. Digamos, hum.. Há mais ou menos, três anos... É acho que é isso! – forneceu. Séria.

Aleico arqueou uma sobrancelha.

-- Não acho que entendi... Falou que queria conhecer-me? Posso saber por quê? -- quis saber. Intrigadíssimo.

-- Bem, vamos dizer que indiretamente... Eu trabalho para “você”. -- disse frisando, a última palavra.

Vendo que a olhava com interesse. Continuou.

-- Conhece o escritório de Arquitetura e Decorações Home Farr Stilos em Londres. Certo? -- indagou-o.

-- Sim, claro. Minha Corporação tem um contrato de serviço com eles. -- respondeu. -- Conseguiu deixar-me, curioso. Continue?

-- Ótimo! Então logicamente conhece Karen Farr?

-- Com toda certeza! Karen é a proprietária. Encontro-me com ela, ao menos quatro vezes no ano. Continue Rhane? -- pediu aparentemente cansado.

Reparando em sua aparência cansada devido às varias escalas e a longa viagem. Concluiu. Realmente um bom banho... E uma nova troca de roupas. Faria-lhe muito bem! Trajando um terno em risca de giz azul marinho, Armani. Camisa de manga longa, em um tom azul claro. Abotoadura de ouro. Gravata de seda cinza, riscada em vários tons de azul. Sapato de cromo alemão preto... E mesmo em total desalinho. Exalava uma beleza masculina... Espetacular! Uau! Encalorou-se. Logo que entrou e enquanto conversavam. Viu-o tirar o terno. Lentamente. Jogando-o sobre uma poltrona. Dando-lhe a oportunidade de ver sua forma física... Muita malhação! O homem prezava a boa forma. Respirava saúde! Aff! Santa misericórdia! Então, imaginou-o impecavelmente bem trajado. Bom Deus! Onde estava com a cabeça! Ele esperando por explicações. E ela pensando... O que não devia. Que horror! Devia ter vergonha por tais pensamentos! Reprimiu-se. Disfarçando seus pensamentos insensatos. Procurou ser rápida nas explicações. Liberando-o para o merecido descanso.

-- Karen Farr é minha tia! E trabalho com ela. Ou, melhor... Acho que trabalho mais para você. Visto que praticamente faço todas as maquetes. E também as apresentações dos projetos. -- dizia. -- E antes que pergunte, como? Vou dizer-lhe. -- explicou. -- Andrezzi Verazzi... É através dele. E... Não. Nunca foi possível! -- confirmou, ao ver que pretendia perguntar-lhe o motivo de seus desencontros. -- Fomos impossibilitados por nossos horários... Infelizmente! -- lamentou sincera. -- Suas rápidas visitas ao escritório. Coincidiam com minhas viagens fora do escritório. Dá pra acreditar? -- disse chateada.

Então, este era o motivo do desencontro, deles! Quando Andrezzi contou-lhe, sobre ela. Automaticamente quis conhecê-la em âmbito profissional. Lógico! As muitas vezes que esteve em Londres, procurou conhecê-la através de Karen Farr. Esta mencionava que estava em viagem de trabalho. Certa vez chegou a duvidar. Presentiu que Karen, achava-o interessado nela por outros motivos. E não profissional. Então, desistiu. Acabou esquecendo. Ah! Mas, agora... Não esqueceria. Impossível! E obteria todas as informações deste trabalho que ela prestava em sua Corporação.

-- Como terei certeza sobre o que diz? Sobre ser sobrinha de Karen? -- inquiriu-a. aparentemente, duvidoso.

-- Mas, é verdade! -- afirmou. -- Caso esteja em dúvida. Ligue para Andrezzi. Confirme-o. -- pediu sincera.

-- É brincadeira, Rhane... -- riu. -- Andrezzi me falou de você. -- disse, em tom levemente

zombeteiro. – Tentei conhecê-la nas muitas vezes que estive em Londres. – citou. -- Mas, fui discretamente avisado por Karen que viajava a trabalho... Todas às vezes. – observou. Aparentemente surpreso, diante dos fatos ocorridos. Dio! – Precisamente creio... Karen, não queria que a conhecesse. Sabia? – expos, pensativo. É fazia sentido! Pensou, aborrecido. – Estranho é Domenico... Não ter me dito nada! – reclamou. Exalando um suspiro cansado.

-- Concordo. É muito estranho! Apesar de que quando conheci Domenico... – falava. – Demorei fazer a ligação dos vossos sobrenomes. – explicava. Refletiva. -- E ele teve conhecimento que Karen, prestava serviço para sua construtora há pouco tempo. Precisamente há quatro meses. – citava. -- Foi quando se conheceram pessoalmente em um jantar... Antes do anúncio do noivado... -- comentou. – Esqueçamos isso por hora? Vá tomar seu banho. Realmente precisa! – observou, repentinamente. Notando-lhe seu extremo cansaço. – Como você mesmo citou. – lembrou enfadonha. – Vou ficar aqui... Por um bom tempo! – replicou indiferente. – Teremos muito o que conversar... E o que perguntar um ao outro. Não é?

-- É teremos... E oportunidade não vai faltar. – concordou ele. -- E como você... Detesto ficar na expectativa. Consegui deixar-me curioso! Quero saber tudo sobre esses nossos... Desencontros. – disse todo agoniado. – Agora realmente preciso de um banho. Sinto-me agoniado. Dio! – clamou superante. – Essa conversa apenas começou. Entendeu? – avisou-a. – Vou deixá-la por alguns minutos. Tudo bem, Rhane?

-- É claro! Fique á vontade. A casa é sua! -- ironizou.

-- Como ficará por algum tempo. A casa também é sua! – devolveu, gentilmente. Deixando-a sem graça.

-- Desculpe... Agi estupidamente! – pediu totalmente desconfortável. -- Aleico... Agradeço-o por receber-me, em sua casa... – dizia. Super-hiper-sem-jeito. -- Espero não estar causando nenhum incomodo? – indagou-o, chateada.

-- Ok, Rhane... Ainda vamos falar sobre isso. Está bem? – anuiu prestativo. -- Deixe-me tomar meu banho... Antes que Arela faça isso, por mim! – brincou. Retirando-se.

-- Claro! – assentiu. Fitando-o. Sentiu que a presença dele causava-lhe certo incomodo. Tipo, tremores. Coração, acelerado. Mãos, frias. Aff! Tudo. Que estranho! Aliás, sentia-se... Estranha! Pensou. – Acho que vou dar uma volta pelo jardim. – anunciou, tentando disfarçar.

Aleico fitou-a por alguns segundos. Sentiu que algo a incomodou. E muito! Ah, piccola! Não foi a única! Virou, e seguiu o rumo de seu quarto. Dio! Será que fizera a coisa certa. Quando ofereceu ajuda para seu irmão? Perguntou-se. E saber que seu pai não aceitou acolher a garota por conta do escândalo que se envolvera. Chateou-o. Sabia o quanto o pai era conservador e antiquado. Foi assim com ele. Relembrou. Seu pai... Nunca concordou com ele quando resolveu deixar a família para fazer seu próprio caminho. Foi. E nunca se arrependeu. Havia conquistado a paz que procurava. Detestava quando era questionado na faculdade como aluno bilionário. O porquê, que queria estudar... Ou, trabalhar? Isso o irritava. Sentia-se desinquieto e sem equilíbrio. Perdeu a paz. E o único jeito de encontrá-la novamente. Foi procurar por ela. E foi. Ao realizar algo com as próprias mãos, traçando o seu próprio caminho. Encontrou-a. E alguns anos depois obteve sucesso. Fez sua própria empresa. Tornou-se um empresário renomado. Conhecido quase mundialmente. Consagrado o novo multibilionário da Itália. Paz restaurada. Saudoso. Resolveu voltar para sua casa. Juntamente com sua amada família. Seu país. Sua amada Itália. Feliz novamente. Devido rumores de uma recessão na Europa. Surgiu a ideia de unir as empresas. Fazendo trocas de ações, entre elas. As suas, da sua família, e de seu Tio-Avô. Pois tinha sido passado para ele, o direito de administrá-

las por conta da herança deixada pelo Tio. A união das empresas tornou-se em “Corporações Mundiais”, com operação em praticamente todos os meios comerciais desde agricultura, petróleo, minas, setor aéreo, informática, telefonia, têxtil, fluviais, etc. Refletia inquieto. Tentava amenizar o nefasto pensamento que começava formar em torno de si. Dio Santo! O que sentiu logo ao entrar em sua casa. Aqueceu-o. Ouvir o som daquela voz. Límpida. Macia. Acelerou-lhe as batidas coronárias. Suas veias pulsavam. Quentes. Quis saber depressa como seria em pessoa. Entrou, viu-a. Madre di Dio! Desejou-a, instantaneamente. Alucinadamente. Nunca sentiu nada igual por nenhuma mulher. Sentiu-se enamorado, dela. Dio! Seria isso possível? Perguntou-se, aflito. Nunca havia ficado enamorado... Apaixonado... Amado... Não soube classificar tal sentimento. Mas nunca o teve por nenhuma mulher! Era tudo muito confuso! Suspirou. E ela. Era bella. Mui bella! Sentiu-a roubar-lhe seu coração. Inferno! Aos diabos! Era enteada de seu irmão. Tecer por ela sentimentos libidinosos. Resultaria pura loucura! Lamentou... Aleico esqueça o que sentiu? Reprimiu-se. Alegue cansaço da viagem. Estresse. Culpe... A longa viagem somado com as três escalas. E todas as noites mal dormidas para finalizar o trabalho na filial do Brasil. É isso! Só pode ser isto! Tranquilizou-se. Mas uma coisa não podia negar. Soaria ridículo. Jamais o faria! Ele que não era chegado em mulheres baixas, nem morenas. Viu-se exatamente perdido por uma. Dio Mio! A linda pequenina de cabelos negros. Deixou-o trêmulo! O sangue em suas veias correndo a mil. O coração. Retumbava loucamente dentro do seu peito. Doía. E Dio! Descaradamente gostou de como seu corpo reagiu, diante dela. Uma sensação completamente diferente. Gostosa. Alucinante. Prazerosa. Madre di Dio! E isso provocado por um pedacinho de gente. Possivelmente medindo 1,60 cm, e 50 kg. Muito bem distribuídos. Em seu lindo corpinho. Seios fartos, bumbum redondinho, pernas longas. Bem torneadas, e cintura fina. Uma boca pequena e carnuda. Que o deixou sedento por possuí-la. Sentir o sabor daquela boca. Vê-la passar a língua pelos os lábios carnudos. Matou-o. Consumiu-se em desejo. Devo estar ficando maluco! Pensar tais coisas... É errado! Muito errado! Dio! Domenico o mataria. Caso ousasse dizer-lhe o que sentiu. Droga! Não queria novamente ter problemas com a sua família! E porque Domenico não disse que ela era linda! Perguntou-lhe a seu respeito. Tinha plena certeza. Droga! Droga! Droga! Praguejou. Inferno! Que culpa tinha seu irmão? Jamais adivinharia que ele, fosse desejar sua enteada. Pensou. E ali estava, ela. Mui bella. E indisponível para ele. Que azar! Resmungava silenciosamente. Foco meu camarada. Pense em outra coisa! Censurou-se. Certo... Soube do pequeno gênio que trabalhava para ele, através de Andrezzi. Porém nunca imaginou ser ela. Quem diria! Suspirou. Lembrou ter feito o possível para conhecê-la. Mas, tornou-se complicado. E como lhe havia dito. Sua tia pareceu desconfiar-se. E ele achou melhor deixar para lá. E acabou por esquecer-se do assunto. Principalmente porque havia varias outras prioridades dentro da empresa. Enfim. Ela acabou dentro da casa sua! O gênio de Andrezzi. E a garota de Felipe. Dio Mio! Agora entendia Felipe! Será que Andrezzi tinha conhecimento dela, em sua casa? E Felipe. Como reagiria? Achou melhor nem pensar! Problemas! Um bem grande! Pensou. Suspirando agoniado. Qual seria o envolvimento, deles? Visto que Felipe parecia adorá-la... Isso não é bom! Resmungou. Intranquilo. Teria uma conversa com ela, a esse respeito. Com calma e cabeça fria. E falando em frio. Um banho frio. Esfriar-lhe-ia o sangue. E acalmaria sua libido. Aliada de uma boa alimentação, junto ao um bom descanso. E com a mente e o corpo em equilíbrio. Os pensamentos iriam fruir esclarecidos. Seguramente.

Que loucura! Pensou. Nunca sentiu isso com seus namorados. Tudo bem. Foram dois. E daí! Com eles, nunca sentiu essa luxúria despudorada... Uma sensação de torpor, incendiando-a por inteiro. E um desejo consumindo suas entranhas. Deixando-a, inteiramente tremula. O coração batia louco, junto a sua garganta. Sufocando-a. Meu Deus! E ele nem sequer a tocou. Ou a beijou! E beijou seus namorados. Muitas vezes... Os beijos trocados com eles. Nunca a despertou para os desejos carnis

assim! Oh, como seria ser beijada por ele... Sentir o gosto da boca dele na sua. O toque dele em seu corpo. Suas mãos acariciando-a. Ai, Deus! Oh, como seria tocar seu corpo firme. Sentir cada músculo em suas mãos. Provar cada pedacinho daquela pele morena, com a boca. Ah, que corpo! Misericórdia! Agora sabia o que era desejar uma pessoa. Porque foi exatamente o que sentiu. Jesus! Excitou-se só de ouvi-lo... E ficou sem palavras quando virou em direção daquela voz excitante? Nossa! O homem pessoalmente era a perfeição em beleza. Um ‘Deus grego’, alto, porte atlético. Devia ter 1,90 cm, entre 90 kg, mais ou menos. Sua relação com pesos e medidas não era lá grande coisa. E isso no momento era de pouca importância! Agora de muita importância neste momento... Era aquele rosto perfeito, o nariz aquilino, sobrancelhas grossas, cabelos preto anelados, cortados abaixo da nuca, um pouco mais comprido do que estava na moda, mas muito bem cuidado. E que olhos! Uau! Nunca viu olhos tão incrivelmente azuis! Como também terrivelmente misteriosos. Ao mesmo tempo debochados. Perscrutador. Tê-los, sobre ela sondando-a. Incomodou-a extremamente. Parecia querer enxergar através dela. Causando em seu corpo um misto de prazer e medo. Algo muito estranho. Como poderia sentir medo e excitação? E por alguém que acabou de conhecer! Seria isso normal? Bom, iria pensar nisso em outro momento! Exclamou. Confusa. Dando um suspiro. É francamente. As garotas do escritório de sua tia tinha razão! O homem era um perfeito Apolo, o “Deus grego da beleza”! Oh, Meu Deus! Quantos problemas! É, parecia que a sua vida ultimamente tornara-se um verdadeiro caos... E que a cada minuto... Só aumentava. Onde já se viu! Grunhiu. Nem bem conheceu o irmão de seu futuro padrasto. E já estava babando de desejo pelo homem. Quanta falta de respeito e consideração da sua parte. O homem era seu anfitrião! Onde estava sua dignidade. A sua integridade. Também tinha sua boa e ótima educação. Devia fazer bom uso dela. Isso sim! E não agir ou comportar-se como... Uma imatura adolescente. Mas, que droga! Como isso foi acontecer? Condenou-se.

Aflita, resolveu dar um passeio pelo jardim. Precisava espairecer a mente. Refletir. Era muita emoção para seu já conturbado coração. Sendo eles errados ou não. Era demais! Viu um senhor que cuidando de um canteiro de rosas. Resolveu conversar um pouco com ele. As flores... Tinha um apreço especial por elas. Rosas, orquídeas e tulipas. Suas preferidas. Amou o jardim e os muitos canteiros repletos delas.

-- Buonpomeriggio. -- disse Rhane. Ao vê-la, vir em sua direção. O senhor parou o que fazia.

-- Boa tarde, senhorita. -- disse em inglês. Vendo-a ficar surpresa. Apressou em dizer-lhe. -- Todos que aqui trabalham, falam inglês. Por ser uma cidade turística. O inglês é necessário! -- explicou ele, muito simpático.

-- Oh, que ótimo! Então não terei dificuldade em comunicar-me na cidade. Quero conhecer os pontos turísticos de Merano. -- falou contente.

-- Com certeza isso não será um problema... Senhorita Rhane, certo? -- perguntou para confirmar.

-- Sim, é isso. E o senhor é? -- Rhane quis saber.

-- Dimas, ao seu dispor. -- tirando a luva, estendeu-lhe a mão.

-- Muito prazer, Dimas. -- disse ao tomar a mão dele em cumprimento. -- Espero não estar atrapalhando o seu trabalho?

-- De jeito nenhum, senhorita! -- falou sincero. -- Se deseja saber algo, e só me perguntar. E terei imenso prazer em responder. -- informou, ele.

-- Qualquer coisa? -- brincou.

-- Sim, claro. Desde que seja tudo que estiver ao redor do jardim, e do lago. -- disse ele. Mostrando com as mãos, ao redor. -- Dos vinhedos e pomares, também! -- falou todo feliz.

Rhane conversou com ele, por uns quarenta minutos mais ou menos. Ficou sabendo muitas coisas a respeito da villa. Dos moradores antigos, do Tio-Avô de Aleico. E deste próprio. Dimas demonstrou grande apreço e respeito ao atual dono.

Despedindo-se dele, continuou o passeio. Chegando-se ao lago, sentou no gramado sob a sombra de uma árvore. Ficou a contemplar as aves que estavam a nadar. Tranquilas. Alheias ao perigo. Seguindo o ritmo do ciclo da vida. Dia após dia. Sem preocupar com o amanhã. Olhando pra eles, assim. Perguntou-se. Será que devia fazer o mesmo? Esquecer tudo? E curtir toda aquela beleza! Era um lugar maravilhoso! Se quisesse poderia esquecer-se de tudo... E de todos? O tempo por certo faria sua parte. Tinha certeza. Logo tudo seria passado. E a vida de todos. Inclusive a sua. Seguiria o ciclo. O ciclo da vida! Oh, quantas vezes teve vontade de gritar e chorar. Até não ter mais uma gota de água em seu corpo para tornar-se em lágrimas! Suspirou. Angustiada. Distraída. Assustou-se ao pressentir alguém do seu lado. Virou de lado receosa. O intruso mesmo sentado sobressaía-se em altura, sobre ela. Seus olhos deram na altura de seu ombro. Teve que levantar a cabeça, até a altura de seu rosto. E assim poder alcançar seus olhos... Muito azuis! Olhos azuis que a contemplava curioso.

-- Oh, desculpe! -- pediu. Toda sem jeito, com o olhar especulador dele. -- Não ouvi você chegar.

-- Percebi. Estava tão absorta em seus pensamentos que parecia estar em outro mundo. -- explicou, ele.

Rhane encarou-o por um nano segundo. Oh, belos olhos azuis! Não faz a mínima ideia onde estavam meus pensamentos! Caso soubessem. Ah! Teria muito com o que preocupar-se! Problemas! Tenho muito. Acredite! Sua vida jamais, será a mesma. Pode apostar! Pensou. E seria de bom tom descobrir como iriam dar-se um com o outro. Caso de repente combinar-se fosse algo complicado entre eles. Não haveria motivo para explicar para ele a verdadeira razão de ter sido trazida para a casa dele, por Domenico. E algo que notou naqueles olhos enigmáticos. Com ar impassível. Facetas de um homem naturalmente dominador, e imponente. Cujo o desrespeito às suas ordens era inaceitável. E ela não nutria admiração por homens dominadores. Tinha dificuldades em obedecer ordens. Às vezes gostava de contrariar por pura rebeldia. É, pelo jeito neste quesito. Eram totalmente diferentes. Droga! Isso não era bom. Não mesmo! O que fazer? Esperar? Ver como as coisas, fruíam? Perguntou-se. Dilema, dilema, dilema! Preferiu esperar.

-- Oh, estava apreciando tanta beleza. Isto aqui é... Absolutamente lindo! -- exclamou, disfarçando seus pensamentos errôneos.

-- Fico feliz que tenha gostado. -- falou, agradecido.

Ufa! Suspirou em pensamento. Aliviada.

-- A villa de seus pais é bonita, assim? -- perguntou. Mudando o foco do assunto.

-- Sim. Eu acho que é até mais bonita. -- respondeu-lhe, alheio. O pensamento no assunto em que ela, tentava mudar de foco. Por quê? A garota tinha segredos. Isso logo percebeu. Qual? Quantos? Iria descobrir. Ah, sim!

-- Foi obrigado a vir morar aqui por causa da herança? -- quis saber.

-- Não. -- respondeu calmo. -- Apesar de achar a villa de meus pais, mais bonita, Rhane. Eu sempre gostei muito daqui. É aqui que pretendo viver o resto dos meus dias! -- revelou feliz. Analisando-a

atentamente.

-- E pretende casar?

Aleico riu.

-- É sempre assim? Vai direto ao ponto sem pestanejar? – quis saber. Atônito.

-- Hum... Minha tia Karen diz que a franqueza. É meu ponto fraco. Que terei muitos problemas. – deu um meio sorriso, sem graça. -- Caso não aprenda... Sei lá. Controlar-me. – ombreou, dando pouca importância. – Olha, esqueça a pergunta. Não é obrigado a responder. Fui indiscreta. Sinto muito! – pediu ela. Educadamente.

Ele fitou-a. Pensativo. Hum... Quanto problema terei com você, mia bela? Além de desejar possuí-la loucamente! Concentre Aleico?

-- Bom, como foi sincera ao responder-me. – falou, em tom gracioso. Fazendo-a rir baixinho. -- Não vejo motivo nenhum em não responder. Todo o homem um dia tem de casar. Ter filhos. Dar continuidade a família, não acha? -- respondeu com indiferença.

-- Então, irá casar-se porque acha que é um dever dar continuidade ao nome da família? Nossa! Nunca imaginei que as pessoas ainda pensavam desta forma! -- exclamou, horrorizada. -- Principalmente vindo de você. É assim que pensa?

--Não, não penso assim. -- respondeu, dando-lhe um sorriso. – Você é que entendeu assim! O que eu quis dizer foi que, talvez um dia... Preste atenção? – pediu ele. Sério. Ela olhou-o com um misto de riso nos lábios. Dado a mudança repentina da colocação das palavras dele sobre casamento. – Possa querer casar-me, ter filhos. Rhane. Com a mulher que eu escolher. E não simplesmente para gerar filhos, e continuar linhagem da família. Meus irmãos, já fizeram isso!

-- Está querendo dizer-me que foi isso que seus irmãos... Fizeram? -- perguntou, chocada.

-- Dio! Não, é lógico que não! Eles casaram porque estavam apaixonados. E pelo que vejo ainda continuam. São todos muito bem casados. Tem filhos lindos. – disse, com orgulho dos irmãos.

-- Então fico feliz por eles! -- desejou sincera.

-- Eu também! Espero poder fazer como eles, casar com amor! E não sem amor como você julgou que eu, faria. Não pretendo me casar, só para agradar ninguém. E quanto ao dizer, sobre filhos. Quero dizer que não preciso preocupar-me, tanto com isso. Entende. – explicava. -- Já tenho sobrinhos suficientes para continuar a linhagem da família, por muitos séculos! – declarou, em tom de brincadeira.

-- Desculpe-me! É que você falou de um jeito que pensei... Oh, deixa pra lá. Quantos anos tem Aleico? -- perguntou, de repente mudando de assunto.

Sem entender o porquê, da mudança repentina de assunto. Curioso. Aleico, respondeu.

-- Trinta e dois. Por quê? -- quis saber.

-- Oh, por nada! Curiosidade... Acho. Mas, sinceramente. Pensei que tivesse menos... É serio! -- afirmou, ao ver o olhar duvidoso que lançou em sua direção. -- É verdade. Juro!

-- Isso não quer dizer que devo acreditar, não é mesmo! -- replicou. -- E você, Rhane. Quantos anos têm?

-- Vou fazer vinte. -- disse pouco animada. -- Em algumas semanas. -- completou.

-- Queria ser mais velha? – perguntou, ao notar o ar de desânimo dela.

-- Talvez! – respondeu com indiferença.

-- Conheço muitas mulheres que dariam tudo para ter a sua idade! -- disse em tom repreensivo.

-- Bom, para isso existe o cirurgião plástico! – ironizou, com ar de riso.

Fazendo-o rir alto. Causando-lhe um formigamento pelo corpo todo. Sentiu-se totalmente sem jeito diante do acesso de riso dele. Virando a cabeça em direção ao lago, passou a observar os patos que continuavam a nadar. Percebeu que ele, ao parar de rir. Passou a fitá-la. Analítico. Quando pensou em repreendê-lo. Ouviu-o perguntar-lhe.

-- Também pretende casar-se, e ter filhos... Rhane?

Olhou-o sem acreditar no que ouvia. Bom, havia feito-lhe a mesma pergunta. Qual o problema de ele devolver-lhe a mesma. O que devia fazer era simplesmente responder.

-- Quem sabe! -- disse evasiva.

-- Do que tem medo? -- insistiu ele.

-- Do quem tem medo, Aleico? -- devolveu-lhe a pergunta.

Aleico olhou para ela, examinando-a com cuidado. Tinha certeza que ela escondia algo. E gostaria muito de saber o que era. Sentia que o que ela guardava dentro de si a magoara muito. Fazendo-a retrair-se, e desviar das perguntas que achava ser inoportunas.

-- Talvez de apaixonar-me, e ser desiludido. Dizem que ser desiludido no amor Rhane, pode causar medos irreparáveis. E disso. Pode acreditar... Tenho medo! -- afirmou ao ver seu olhar de incredulidade.

-- Está dizendo-me, que aos 32 anos... Nunca apaixonou-se, por ninguém. É isso?

-- Sim. E porque não! Dei prioridade ao trabalho. Acha isso errado? E se eu apaixonar-me, agora. Também vai achar isso errado? -- indagou-a, queria saber o que ela pensava.

-- Não. Claro que não acho errado. – assentiu. -- Você não é primeiro ser humano que conheço... Que deu prioridade ao trabalho. Tia Karen, também fez a mesma coisa. -- esclareceu. -- E talvez vir a apaixonar-se, agora. Depois de ter conseguido tudo o que queria. Seja a melhor coisa para a sua futura esposa... O quero dizer é que... Terá mais tempo para a família. -- explicou. Ao ver o olhar intrigado dele. -- Mas, acho impossível nunca ter se apaixonado... Nem mesmo uma paixão de adolescente? Afinal, dizem que todo o garoto tem uma musa inspiradora nesta fase? Deve ter tido a sua, não é? -- quis saber dele, curiosa. -- E depois nunca vi um homem que coleciona mais mulheres do que Aleico Domenacci. E que estampa praticamente a primeira página de todas as colunas sociais e sites de fofocas. Sempre acompanhado de uma bela mulher. “Nunca sozinho”. – frisou as últimas palavras. – Há-há... Não vai me dizer que é só amizade? Sinto muito... Mas, não vou acreditar! De entre elas, deve ter a sua escolhida. Para ser a futura, signora Aleico Domenacci? -- falou divertida.

-- Não devia acreditar em tudo que publicam sobre mim, Rhane. -- replicou zangado, por mencionar o que falavam dele, na mídia. – Eles vivem de fofocas. Qualquer coisa é motivo para jogar uma pessoa na mídia. Principalmente nas de sensacionalismo. Eles condenam você sem se quer procurar saber a verdade, Rhane. E não. Ainda não escolhi a futura signora Aleico Domenacci. – ressaltou. -- Se tivesse feito isso. Tenho certeza que saberia. -- completou com indiferença.

-- É talvez não devesse acreditar mesmo. – assentiu – E, sim iria saber. Toda a Itália, também. A internet, às vezes, é uma maravilha. -- concluiu. – Sabe, foi o único jeito que tive para saber de você. Infelizmente. Nas poucas fotos que encontramos não deu para ver muito. Parecia que procurava evitar as câmeras. Eram fotos de perfil. Domenico não quis dizer-me, nada a seu respeito. Então, tive que esperar. -- explicou ao vê-lo arquear as sobrancelhas, duvidoso.

-- Por que disse, encontramos? – perguntou ele. Vendo o ar confuso dela. -- Falou no plural. -- explicou.

-- Ah, sim! Eu e minha amiga Joane. Como não tive a oportunidade de conhecê-lo no escritório. Assim que soubemos que Domenico e você eram da mesma família. Procuramos no site. Pessoas milionárias tem tudo registrado na internet. Mesmo que sejam totalmente contra. – falou. -- Como você mesmo disse. Fofocas. Não importa como seja ou de quem seja. Rende milhões na mídia. – assentiu ela.

-- Olha Rhane... Eu realmente acho que você não deve acreditar em tudo que falam. Muito do que falam a meu respeito, não é verdade. Quero que você acredite em mim? – pediu. – Não, no que sai na mídia. O que quiser saber a meu respeito. Pode perguntar-me, entendeu? -- inquiriu firme, queria ter certeza que ela entendia.

-- E, é importante para você que eu não acredite nas colunas de fofocas, Aleico. Por quê? -- perguntou. Estranhando o tom autoritário dele, ao se referir as colunas de fofocas.

-- Vamos ficar juntos por um tempo, Rhane. E será muito importante que não acredite nesses sites e colunas de fofocas. -- certificou-se.

-- Qualquer coisa mesmo? Tem certeza! -- procurou saber.

-- Dou minha palavra! -- falou ele. Cruzando os dedos, fazendo o sinal da cruz em juramento.

-- Posso fazer à primeira? -- indagou-lhe curiosa.

-- Que seja! -- exclamou ele. Fingindo arrependimento.

-- Promessa é dívida. -- caçoou.

-- Vou me lembrar disso. -- prometeu.

-- Ainda não te prometi nada. -- ardilosa, retrucou.

-- Então, não vou responder a nenhuma pergunta. -- revidou.

-- Isso é chantagem, sabia?

-- Não, não é. Isso é troca de confiança. -- expôs cauteloso. Convencendo-a.

-- Está bem! Troca de confiança, não é? -- confirmou, vendo-o concordar com a cabeça com um gesto afirmativo. -- Ótimo!

-- É uma garota muito esperta. Acho que vamos nos dar muito bem, não concorda? – falou habilidoso.

-- Espero que, sim. – assentiu. – Então, aqui vai a primeira pergunta que não quer calar! Dormiu com todas? -- quis saber, marota. -- As mulheres que aparece com você, em todas as notícias de fofocas? -- explicou. Ao ver que ele não gostou da pergunta. --Qualquer coisa, lembra? -- falou, estalando os dedos diante dos olhos dele. Fazendo-o, olhar-lhe.

Suspirou resignado. Droga! Porque tinha que fazer justo esta maldita pergunta! Pensou, com raiva.

Detestava falar sobre sua vida sexual! Ainda mais com ela. Não queria que pensasse que era um devasso. Droga! Nunca se arrependeu por ter tido tantos casos amorosos. Como estava tendo agora. Jesus! O que estava acontecendo? Jamais se preocupou com o que as pessoas pensavam a respeito de seus relacionamentos. Mas, agora estava. E muito. Ah, pequena feiticeira. O que você, está fazendo comigo! Pensou.

Vendo a indecisão dele em responder-lhe. Rhane pensou. Como seria possível para uma mulher suportar ter que amar um homem, assim. Sem nunca desconfiar nem que fosse por um segundo da lealdade dele? Vivendo cercado de tantas mulheres lindas. Seria impossível. Ela por exemplo, não conseguiria. Deus queira! Que o desejo que pensou sentir realmente fosse fruto da sua imaginação. Principalmente porque ansiava conhecê-lo. E há muito tempo. Poderia estar confundindo as coisas? Perguntou-se. É, era isso tinha certeza! Pensou. Além do mais não tinha experiência alguma para competir com todas aquelas mulheres. Meu Deus! O que estava pensando!

-- Não. Não dormi com todas aquelas, mulheres. – expos. -- Mas tive muitos casos, Rhane... E não me orgulho disso! – revelou muito desconfortável.

-- E nunca amou nenhuma. Ou, alguma delas teve alguma importância na sua vida? -- quis saber. Curiosa.

-- Nunca amei nenhuma. – afirmou. – Mas, não posso dizer que nenhuma delas... Não foi importante em minha vida, Rhane. -- respondeu, sentindo-se o pior dos homens na face da terra.

Ela olhou-o. Sem compreender. Impossível.

-- Sabe, acho que jamais conseguiria viver assim. Apaixonar-me por um homem... Em que jamais pudesse confiar. – balançou a cabeça. Negativamente. -- Fico imaginando quantas dessas mulheres amou você. E o que elas devem ter sofrido por esse amor. Já chegou a pensar nisso alguma vez, Aleico?

-- Não. Porque nunca prometi a nenhuma delas, fidelidade... Amor, ou qualquer outra coisa. E mesmo assim sempre terminava um relacionamento para iniciar outro. – expressou. – Muitas, saíam comigo... Por status, dinheiro, joias. Para se promoverem, ou algo assim. Mas, promessa de fidelidade. Nunca fiz a nenhuma! Se for isso que quer saber. -- disse relutante.

-- Nunca parou para pensar que quando encontrar a mulher certa. Ela poderia ter dificuldade de aceitar ou de acreditar. Sei lá. Não ter confiança... Sabe, tenho pena desta mulher! -- exclamou pesarosa.

-- Poderia vir a apaixonar-se por mim, Rhane. Poderia ser esta mulher. Já pensou nisso? -- brincou ele.

-- Então iria sofrer muito! Infelizmente não confio muito nas pessoas, Aleico. E detesto promessas que não podem ser cumprida. Por isso nunca prometo nada. Não sou uma pessoa que tolera ser provocada. Não gosto de dividir... Certas coisas. Sou ciumenta. Às vezes sou insegura. E inconstante. Não sou uma pessoa muito fácil de compreender! E às vezes tenho vontade de jogar tudo para o alto... E sumir do mapa! -- revelou-lhe, toda envergonhada.

-- E acha que um homem como eu, não poderia ser fiel a uma mulher. Não é? -- falou pausadamente, disfarçando seu aborrecimento. -- Quando prometer fidelidade a uma mulher. Pode ter certeza Rhane, que serei fiel! Quero que saiba disso! -- falou sincero. -- A estas mulheres... Eu nunca jurei nenhuma fidelidade. E mesmo assim, nunca as traí. Então quando jurar fidelidade a uma mulher pode acreditar. Eu o serei! -- afirmou.

Capítulo 2

Rhane ficou olhando para ele, muito confusa. Não devia ter-lhe dito aquelas coisas. Pois sabia que um dia iria ter que aprender lidar com toda aquela sua insegurança, e a falta de confiança que tinha nas pessoas que amava. E que também a amava. Vestido em um jeans preto. Camisa branca de cambraia. Sapatos de mocassim, também pretos. Sua aparência jovial. Renovada, depois do banho. Demonstrou ter menos idade do que tinha. Realmente! Pensou. Assim, que ele chegou de viagem. Aparentemente muito cansado. Deu-lhe mais de 30 anos. Mas agora todo confortável com roupa casuais de uma conhecida grife. Parecia ter menos de 30 anos. E muito belo. Belíssimo! Meu Deus! Que ironia, pensou.

-- Olha, não acho que precisamos preocupar-nos com isso, visto que não tenho nada ver com a sua vida particular. – desculpou-se. -- E depois que isso é inviável no nosso caso. Certo? -- disse, procurando desviar o assunto. Pois estava ficando perigoso.

-- É, creio que sim. -- concordou ele.

De repente quis saber algo que a incomodava.

-- Aleico posso fazer uma pergunta... Um tanto íntima? -- disse toda embaraçada.

-- E porque quer fazer-me uma pergunta íntima? – indagou-a, arqueando as sobrancelhas. Intrigado.

-- Oh, não é o que está pensando. -- tratou logo de esclarecer. – Eu, só... -- disse baixinho constrangida.

-- Você, só... -- incentivou-a.

-- Já dormiu com uma virgem? -- soltou bruscamente. Respirando rapidamente.

Deixando-o perplexo. Ele abriu a boca, e tornou a fechar. Então a fitou. Vendo que ela aguardava sua resposta. Entre, ansiosa e tensa.

-- Não. -- respondeu seco.

-- Por opção?

-- Sim.

-- Dormiria com uma... Caso pedisse?

-- Dio Santo! Porque, está fazendo-me este tipo de pergunta? – replicou, fugindo da resposta.

-- Porque, sim! E não respondeu a minha pergunta. Sim, ou não? -- insistiu.

-- Eu não sei... Dio! É algo difícil de responder. -- disse, sentindo-se constrangido.

-- Acha que primeira vez de uma garota seria menos dolorida... Caso o companheiro soubesse?

Aleico encarou-a. Suas perguntas indecentes. Chocou-o.

-- Não me olhe, assim. -- pediu ela. -- Você mesmo disse que não devia acreditar em tudo que falam!

-- replicou. – Então não deve acreditar em tudo que ouviu, ou viu... Sobre mim. – acusou.

Ele nada comentou. Silêncio.

Pensativa por uns instantes. Então, ela falou.

-- Eu estava pensando... Domenico sabe que você já chegou? – perguntou. Tensa. Dando o assunto por encerrado.

-- Não. Ainda não avisei ninguém. Por quê? -- quis saber, sentiu-a incomodada.

-- Aleico sei que não gostou de ver Arela, procurando saber a respeito do aconteceu comigo. Não pense que estava sendo indiscreta. Muito pelo contrário. Fui eu que achei que seria bom que procurássemos conhecer-nos, melhor. Afinal, vou passar muito tempo em sua companhia. Do que de com qualquer outro. Não é mesmo! -- falou tranquila.

-- Pode ser. Mas, ela não tinha direito de interrogar você, Rhane. – reclamou. -- E sei o que preciso saber... Não tenho a intenção de ficar interrogando-a. Apesar de deixar-me confuso com estas perguntas sobre virgindade. – disse entre desconcertado, e intrigado. Muito mesmo! -- E falando desse jeito. Penso que minha companhia, não é bem-vinda! -- reclamou zombeteiro.

-- Oh, não pense isso! É a sua casa. Longe de mim querer uma coisa dessas. – esclareceu. -- Tem o seu trabalho. Não pretendo incomodá-lo... -- pausou. -- E pretendo conhecer um pouco da sua cidade. – falou, evitando voltar ao assunto anterior. O que não passou despercebido por ele. -- Arela prometeu-me, um tour por Merano. O que prontamente, aceitei. -- falou eufórica.

-- Bom, tenho direito a uns dias de folga. E se você quiser posso te acompanhar. --ofertou educado. -
- Não creio que Arela, vá se importar. Afinal, já não tem mais idade para isso. Não concorda?

-- E não vou ser acusada de estar desviando você do trabalho? -- quis saber surpresa, pela oferta dele. E estava certo. Arela, não aparentava mesmo idade para um tour por Merano. E sua oferta foi devido o interesse dela, em procurar por um guia na cidade.

-- Eis ai a vantagem de ser seu próprio patrão. – riu. – Mas, não. Ninguém vai acusá-la de nada! – exclamou orgulhoso. -- E já faz anos que não faço um tour por Merano. Espero ainda ser um bom guia.

-- Bom, já que pode acompanhar-me. Prometo não ser uma turista exigente. -- brincou.

-- Nasci aqui, sabia. -- reclamou. -- Conheço certos lugares que um guia profissional desconhece, totalmente! -- gabou-se.

-- E vai levar-me, lá. Certo?

-- Hum... Vou pensar no assunto. -- disse, deixando-a na expectativa. O que reclamou imediatamente.

-- Nossa. Quanta maldade! Juro. Prometo ser uma boa menina. Vai, diga que sim? -- fingiu implorar colocando as mãos em conchas suplicantes. Sorriu. Vendo-o rir com seu gesto fingido.

-- Dio Mio! – exclamou. -- Que menininha mais fingida, é essa? -- falou olhando para os céus, brincalhão.

Mudando de assunto repentinamente. Perguntou.

-- Aleico, porque acha que Domenico não falou a meu respeito... Quer dizer, não falou que trabalhava com Andrezzi?

-- Sinceramente, não sei. Mas, espero que ele tenha uma boa explicação para isso. -- falou distraído. O que perguntou a seguir deixou-a, aborrecida. Como estava distraído, não notou. – Então, você é a garota de Felipe? -- quis saber, com um sentimento estranho dentro dele. Ciúmes. Dio! Estava com ciúmes dela! Não gostou nada do que sentiu. Não mesmo! Deu um suspiro. Mesmo assim de agora em diante não deixaria Felipe, aproximar-se dela. Ah, não iria deixar mesmo! Pensou furioso.

Rhane viu o semblante dele tornar-se sombrio. Sem entender porque ficou tão zangado. Resolveu

perguntar.

-- Olha, espero que não tenha ficado aborrecido. Por trabalhar para você. Jamais imaginei que fossem irmãos. – declarou. – E eu, não sou a garota de Felipe! -- disse enfurecida. -- Já disse para Andrezzi, que se ele continuar insistindo em querer me conquistar.. Não trabalho mais com ele. Prefiro sair com um.. Oh! Deixa para lá. Só, nunca me chame... Não sou a garota dele. Ponto. – bufou de ódio.

-- Ei, tudo bem. Não precisa ficar tão irritada. -- disse na defensiva. -- Quando Andrezzi, falou-me de você. Quis te conhecer. Como, já lhe disse. -- procurou explicar-lhe. – Ele estava super impressionado. Achei que estava atraído ou apaixonado, por você – disse. -- Quando lhe perguntei a respeito. Ele riu. Disse que era muito bonita. Mas, só. O mesmo não poderia dizer de Felipe. -- concluiu.

-- Atração! Felipe... É, pode ser! – assentiu. -- Apaixonado? Duvido muito! – ironizou. – Acredita nisso?

-- Não sei. Talvez. – respondeu, estranhando a ironia dela. -- Mas, pelo jeito você não sentiu o mesmo. Não é?

-- E nem ele! – respondeu com indiferença. -- Acontece que Felipe não consegue aceitar um “não” como resposta. -- expressou. -- Vem tentando conquistar-me... Ou melhor. Levar-me para cama. Há pelo menos três anos. O meu atual caso o tem deixado... Como posso dizer. Zangado. É isso. – disse, tentando encontrar as palavras certas. – Quando nos conhecemos... Bom, perguntou-me se eu era virgem. – falou, muito sem jeito. – Prefiri não responder. Um grande erro que cometi. Ele passou a acreditar que sim. Então quando meu caso de assédio sexual, veio á tona. Conquistar-me, tornou-se uma obsessão. Acho. – explicou.

-- E você era virgem.. Quando o conheceu?

-- É um pouco complicado falar sobre isso... Mas, é isso. – esquivou da pergunta dele. – A verdade, é que não temos nada em comum. Creio, eu. – disse um tanto duvidosa.

-- E ele sabe disso? O nada em comum? – explicou quando viu o ar indagador dela. – E não respondeu minha pergunta. – inquiriu-a.

-- Bom, ele prefere fingir que não sabe? -- exclamou desanimada. – E acho melhor mudarmos de assunto. – pediu, evitando responder.

Aleico riu. Concordando com ela. Conhecia Felipe desde que eram crianças. Sabia da fama de conquistador dele. Tinha pleno conhecimento que a inexperiência de uma garota. Era o que chamava atenção de Felipe. Por isso compreendeu quando Rhane referiu-se ao seu caso de assédio sexual, com o professor em Londres. Havia alguma coisa ali, que Felipe devia saber. Por isso Andrezzi, ao falar com ele por telefone mais ou menos, há quatro ou cinco meses atrás. Informou-lhe que o irmão andava muito furioso. Quando se encontrou com os dois, há um mês atrás, viu que Andrezzi tinha razão. Felipe estava aparentemente preocupado. Demonstrava um nervosismo que não era próprio dele. Estranhou.

-- É, creio que sim! – concordou, dizendo logo a seguir. -- Uma coisa não consigo entender?

-- O quê?

-- Domenico sabe que trabalha para mim?

-- Sim, claro. Também não estou entendendo! -- Falou intrigada. -- Estranhei mesmo o fato de você

desconhecer que eu trabalho, para sua empresa. Domenico tem conhecimento. Achei que quando dissesse que trabalho para sua empresa. Iria dizer-me que já sabia. E não olhar-me, duvidoso.

-- Bom. Não é de o nosso feitio agir assim. Nunca deixamos de expor todos os fatos. Jamais ocultamos algo importante! Como disse antes, espero que Domenico tenha um bom argumento para isso...

-- E tenho! -- ouviram a voz de Domenico, atrás deles.

Os dois estavam deitados no gramado conversando. E não o ouviram. Aproximar-se. Olharam para ele, curiosos. Aleico sentou-se encolhendo um dos joelhos junto ao corpo, usando-o como apoio a um dos braços. Rhane continuou deitada. Virou-se de lado, teria assim um ângulo melhor dos dois irmãos. Domenico sentou-se ao lado de Aleico. Imitando-o. Ficando na mesma posição com o corpo. Fitou o irmão durante alguns segundos. Analítico. Balançando a cabeça, inexpressivamente. Permeou um meio sorriso debochado em seus lábios.

Encabulado com o ar inexpressivo, e o sorriso de deboche do irmão. Aleico replicou.

-- O que foi? -- quis saber.

-- Nada! -- respondeu Domenico.

-- Nada, coisa nenhuma! Conheço este sorriso debochado. Pode tratar de falar logo, Domenico. E depois me deve algumas explicações, vamos? – falou impaciente.

Diante do tom zangado do irmão. Domenico tratou logo de explicar-se.

-- Está bem, vou dizer. Mas não é nada que você, não saiba! -- falou. -- Arela ligou avisando nossa mamma, que havia chegado. Ficou furiosa...

-- Porque, não queria minha volta. -- caçoou.

-- É lógico que queria que voltasse, sabe disso. O que mamma, não gosta... E sabe muito bem! É essa sua mania de falar uma coisa. E fazer outra. – repreendeu-o. -- Dio Mio! Fico imaginando quando vai mudar Aleico? -- virou para o irmão analisando-o, sério.

-- Não sei! Talvez quando uma mulher roubar meu coração! -- disse zombeteiro.

-- Estou falando serio, Aleico. E não devia brincar com isso! -- repreendeu-o novamente. – Bom. Agora quanto não ter dito-lhe... – falou, mudando o assunto. – Sobre Rhane, trabalhar para você... Helen teve medo da sua reação a isso. Achou melhor que devia falar-lhe pessoalmente. Iria fazer isso caso você chegasse no dia combinado. O que não aconteceu. Certo. – explicou-lhe severo.

-- Tudo bem. Concordo! Então, já que tudo está esclarecido. Assunto encerrado! -- disse Aleico. Autoritário. Dando o assunto por encerrado.

Rhane vendo Domenico acatar sem pestanejar. Achou incrível! Sendo mais velho, aceitou uma ordem do irmão mais novo, sem reclamar. O que fez ela, dar uma gostosa risada. Espontânea, cristalina. Deixando Aleico, ao mesmo tempo fascinado e excitado. Que ele, tratou logo de disfarçar sua reação inesperada diante do irmão.

Rhane ainda rindo, disse.

-- Não é á toa que são executivos de sucesso. – apontou. -- São rápidos mesmo em resolver as coisas! -- exclamou. Trocista.

-- Bom, eu vou entrar! – Domenico disfarçou. -- Tenho que ligar para sua mãe. Quer mandar algum recado, Rhane? Ou prefere ligar para ela? – Indagou. Levantando, voltou-se na direção da casa.

-- Não. Diga somente... Que estou bem. -- murmurou.

Virando de bruços na grama com os braços dobrados apoiando o queixo. Ficou olhando-o ir rumo a casa. Com passos rápidos, logo alcançou a porta da entrada e desapareceu no interior desta. Rhane ainda continuou olhando na mesma direção por alguns segundos. Depois deu suspiro um resignado. Ao virar rapidamente de lado. Ficou cara a cara, com Aleico.

Ele havia deitado novamente no gramado. Com o rosto muito próximo um do outro. Aprisionada naqueles olhos azuis. E incapaz de resistir. Manteve o olhar nele. Fitavam-se um nos olhos do outro, em silêncio. Sentindo o desejo fruir entre eles. De repente sentou. E puxou-a para seu colo. Tomou-lhe o rosto com as mãos, com sua boca buscou a dela. Sedento. Provando-lhe o sabor. Tomando sua língua com a dele. E sugou-a com prazer. Ávido. Mordiscou e passou a língua lhe contornado o delicioso o formato da boca. Fazendo-a, gemer de desejo. Passou a beijar-lhe o rosto, o lóbulo da orelha. Descendo para o pescoço, indo para o queixo e voltando novamente para boca. Com as mãos, acariciava-lhe o corpo. Tocando os seios por cima da roupa. Instigando-os, até sentir os bicos duros. Desceu sua boca mordiscando-os de leve. Deixando-a em brasa. Voltando, tomou-lhe a boca novamente, com gula. Sugando. Provando todo o seu sabor. Sentiu seu sangue ferver. Um prazer jamais sentido, tomar seu corpo. Dio Santo! Nunca sentiu tanto prazer num beijo.

-- Aleico... Alguém pode ver... Não devemos... – Rhane, murmurou. O fôlego curto.

Ao ouvi-la parou na hora, rijo. Ao procurar desvencilhar-se dele. Ele impediu-a. Fitou-a. Estava trêmula. O rosto vermelho. Fôlego curto. E o desejo ardente nos olhos brilhantes. Dizia-lhe que sentiu o mesmo, que ele.

Rhane olhava-o, toda embaraçada. Ofegante. Envergonhada. Escondeu o rosto no pescoço dele. Meu Deus! Jamais sentiu algo assim em toda sua vida. Como iria resistir? Como? Perguntou-se. Arquejante.

Vendo-a embaraçada. Abraçou-a apertado. Dio! Que loucura! Beijou-lhe o alto da cabeça. E sentiu o cheiro delicioso dos seus cabelos. Afastou-a. Ficou-a contemplar-lhe o rosto durante alguns segundos.

Vendo-o fitá-la. Queria dizer-lhe alguma coisa. Mas, sentia-se tão envergonhada. Muito tensa. Nunca a imaginou comportando-se daquele jeito. O que ele iria pensar dela? Sentiu-o examinar-lhe o semblante. Nervosa, lambeu os lábios. Mordendo-os, logo a seguir. Um gesto adquirido, quando nervosa ou preocupada. Sendo sempre repreendida por sua tia.

-- Não devia... Fazer isso! -- exclamou Aleico, num gemido rouco. Apreciando-lhe o gesto. Desejoso. Beijou-a novamente. Com avidez. Sugando-lhe a língua. Provando-a lentamente. O sabor daquela boca pequena e deliciosa. Extasiou-o! -- Dio! Não imaginei que fosse tão delicioso, beijá-la... Rhane faz ideia de como... Isto tudo é loucura! -- clamou, sem deixar de beijá-la. -- Jamais devia ter beijado você. Muito menos sentir o que estou sentindo. Não é certo! Dio Mio! -- recriminou-se. Abraçando-a.

-- Oh! Eu nunca imaginei que isso... Pudesse acontecer. Não sei nem como dizer... O que estou sentindo... -- murmurou, não conseguindo encontrar as palavras certas. Encabulada.

-- Dio Mio! O que pensa que estamos sentindo um pelo outro, Rhane?

-- Não sei! Talvez não devêssemos pensar no que estamos sentindo. É errado. Deus!

-- É... É errado. Um puro e delicioso desejo ansiado por nós dois! -- disse com angústia. -- Algo que jamais imaginei sentir, por você. Mas, senti. E como! E saber que sentiu o mesmo. Sinceramente...

Rhane, não ajuda muito! -- falou com tristeza.

-- Eu sei. Mas, como podia imaginar que isso fosse acontecer.. Eu só queria um pouco de paz. Poder pensar sobre que atitude tomar.. Seguir um rumo. Sabe! E não, não... Desejar o, o...

-- Irmão do seu padrasto. -- terminou por ela.

-- É...

-- Nem, eu... A enteada do meu próprio irmão. Eu só queria ajudar, Domenico. Dio! Que grande ajuda estou dando a ele. -- murmurou, soltando-a de seus braços. Levantou-se. E a ajudou fazer o mesmo. Deu-lhe um beijo leve nos lábios. Olhou-a, por uns instantes. Disse.

-- Acho que precisamos esfriar um pouco a cabeça. De repente tudo isso. Seja... Sei lá! Euforia do momento! Talvez por querer nos conhecer. Não sei. Precisamos pensar melhor. Procurar esquecer. Entende. -- disse, procurando um jeito de relevar o que havia sentindo um pelo outro. Confuso.

-- Acredita mesmo nisso? Que é realmente euforia momentânea? Que vai passar.. Que vamos esquecer.. É isto? -- quis saber, nem um pouco confiante.

-- Sim, acredito que sim! -- afirmou vacilante.

-- Tudo bem, então. Bom, acho que vou entrar. -- falou, indo em direção da casa.

Aleico ficou olhando-a, até vê-la entrar. Dio! Queira eu... Que esteja certo. Pensou. Duvidoso. Sabia ser impossível. Jamais sentiu tanto desejo por uma mulher em toda sua vida. Estava com 32 anos. Havia dormido com muitas mulheres. Era experiente. Sabia muito bem distinguir o que havia sentindo. Um desejo avassalador por uma pequenina mulher. Ainda por cima, enteada de seu irmão. Maravilha! Era só o que estava faltando na vida dele! Madre di Dio! Se não procurasse controlar-se, e ignorar este desejo doido. Iria ter uma bela encrenca com Domenico. Não estava nem um pouco a fim de brigar com o irmão. Não estava mesmo! E ainda tinha Felipe. Inferno! Havia se esquecido dele.

Ao adentrar na casa. Rhane sentiu um grande alívio. Sentiu o olhar dele as suas costas, acompanhando-a. Subiu as escadas correndo entrou em seu quarto, indo direto para o banheiro. Precisava de um bom... Banho frio.

Colocou o vestido de seda amarelo-bebê, com um recorte no busto que valorizava os seus seios. Volumando-os. Deixando-os, mais sexy. Justo, até altura dos joelhos. No recorte do busto, como detalhe. Tinha uma fita de cetim preta em forma de laço. Tornando-o elegante. Sem exagerar. Colocou scarpin pretos, de salto agulha. Brincos de perolas em ouro branco. E a gargantilha de ouro branco que sempre usava. Dentro do pingente em forma de coração estava uma foto dela com o pai. Estava com dez anos. Foram as últimas fotos deles juntos. Antes do trágico acidente que levou seu pai embora para sempre. Ainda doía pensar naquele dia. Deus! Jamais iria esquecer!

Colocou pouca maquiagem. Escovou os cabelos deixando-os soltos. Perfumou-se. Olhou no espelho, e conferiu como estava. Gostou do que viu. Cabelos pretos longos, até a cintura fina. Corpo esguio, pernas torneadas, um rosto perfeito. Apesar da baixa estatura, considerava-se uma mulher bonita. Não era paranoica com a aparência. Sua tia Karen, e sua amiga Joane, diziam-lhe que Deus podia ter errado na sua altura. Mas, em compensação caprichou na beleza. Olhando-se no espelho. Viu que realmente não podia reclamar. "Uma beleza perfeita e exótica". Foi o que lhe disse Andrezzi Verazzi, quando a conheceu. Lembrou ela. Realmente, sua beleza parecia um tanto exótica mesmo! Algo que nunca havia reparado antes! Porque foi notar isso agora? O motivo seria a atração que sentiu por Aleico? Perguntou-se.

Oh! O que iria fazer?! Como podia sentir tanto desejo assim. Estava tudo errado. Tinha que ignorar aquele desejo. Precisava! E era isso que iria fazer! Iria procurar esquecer. Ou passar por cima daquele desejo a todo custo. Era um sentimento de luxúria totalmente impossível. Suspirou.

Deu outra olhada no espelho. E saiu do quarto. Desceu as escadas. Logo ouviu a voz dos dois irmãos. Dirigiu-se até onde estavam. Ao entrar na sala de estar onde estavam. Notou que conversavam tranquilamente em italiano. Ao pressentirem sua presença pararam de falar. Virando-se em sua direção. Ficaram olhando-a por uns segundo. O que para ela pareceu ser tempo demais. Estavam em pé, do lado de fora da sala estar. Junto à porta-janela, perto um do outro. Drinques nas mãos. Belíssimos! Vestidos em seus ternos Armani. Aleico, em um cinza-prata, camisa branca e gravata de seda verde-escura. Domenico trajava um preto em risca de giz, camisa lilás-clara, a gravata de um tom de lilás escuro. Estavam magníficos!

Domenico foi o primeiro a quebrar o silêncio que caiu na sala no momento de sua entrada. Deixando-a constrangida. Dizendo.

-- Está linda, Rhane. Mui bella! Nem parece aquela garotinha de Londres! -- exclamou surpreso com aparência dela. Sempre a via com o uniforme do escritório, composto por um terninho feminino, estilo executiva. Não se lembrava de já tê-la visto, com outros trajes. Simplesmente, ficou surpreso com o que viu. E preocupou-se. Ao olhar de relance viu que Aleico, procurava disfarçar a surpresa que também sentiu. Pensou ter visto mais que surpresa no olhar do irmão. Não! Exclamou em pensamento. Devia estar imaginando coisa. Conhecia o irmão. Sabia que era um homem no qual podia confiar. E tinha certeza. Sua enteada estava segura com ele. Assim esperava! Pensou.

Vendo o olhar de surpresa dos dois, ante sua presença. E o comentário do padrasto. Lembrou que Domenico, só a tinha visto com roupas do trabalho. Por isso achou interessante à surpresa dele, ao vê-la com vestes informais. Ficou imaginando o que ele diria. Quando a vissem vestida para ir a algo mais sofisticado. Pensou. Seria divertido ver a cara dele! Pensou na roupa que comprou para ir à apresentação. Da qual a família dele queria fazer para apresentá-la, aos demais Domenacci. Não pode deixar de fazer um ar de riso.

-- Obrigada, Domenico. -- agradeceu. Segurando-se, para não rir. -- Mas, infelizmente sempre esquece... Não tenho, 16 anos! -- reclamou amável. Vendo o olhar intrigado de Aleico, diante da reprimenda. Explicou. -- Quando nos conhecemos, seu irmão achou... -- disse, olhando para Domenico com ar debochado. -- Que eu tinha 16 anos de idade! -- explicou, dando de ombros.

-- A bem da verdade não o condeno, Rhane. Pensei a mesma coisa quando a vi. -- falou em defesa do irmão. Recuperado do impacto que sentiu, quando a viu entrar na sala. Dio! Nunca se sentiu fraquejar diante da beleza de uma mulher. Sentir o desejo tomar-lhe o corpo. Fazendo-o indefeso. Estava perdido! Tinha certeza absoluta. Pensou ser por causa do cansaço, ou por que estava sem dormir com uma mulher, fazia já um bom tempo. Três meses, para ser bem exato. E por isso desejou-a, assim que a viu. Agora sabia perfeitamente não era nada disso. Desejava-a demais! E como! Seu corpo chegava doer de desejo. Receoso, achou que Domenico, tinha visto o impacto que ela tinha causado nele. Mas, se viu. Soube disfarçar muito bem. Preocupou-se. Sabia que o irmão confiava nele. Dio Mio! Pensou. Não sabia como iria lidar com aquilo. -- Quando disse que tinha, 19 anos...

-- Vou fazer 20 dentro de quatro meses! -- interrompeu-o, ela.

Aleico sorriu diante da insistência dela em querer ser mais velha.

-- Quero ver se vai continuar insistindo nisso daqui... Há, 20 anos. -- caçoou.

-- Rhane, sei que não gosta que confunda sua idade. Mas, se olhar no espelho verá que não aparenta ter, quase... 20 anos. Sinto muito. -- sorriu. -- Tem um rosto angelical demais. Aparenta ser uma garotinha para mim. -- Domenico, falou como um pai carinhoso.

Irritada com a insistência dele, em vê-la como uma criança. Respondeu-o com desdém.

-- Já passei da idade de ter um pai, Domenico. Nem de longe vou considerá-lo como um. Só por que acha que vai casar-se, com minha mãe. -- replicou rudemente.

-- Não pretendo tomar o lugar de seu pai. -- falou triste. -- Só gostaria de ser seu amigo, Rhane. Mas, pelo que vejo isso vai ser impossível. Com tantos obstáculos que encontro todas as vezes que tento aproximar-me de você. Sabe, não consigo te entender. Aliás, nunca sei como devo agir. Você me confunde. Sinto que perco meu tempo tentando ser seu amigo! -- confessou aborrecido.

Ela pensou em abrir a boca para dizer algo. Mas, não encontrou nenhuma palavra que pudesse falar em sua defesa. Então, fechou-a. Ficando em silêncio. Um silêncio pesado e constrangedor.

-- Quer um drinque, Rhane? -- Aleico ofereceu-lhe. Quebrando o silêncio pesado ao mudar de assunto. -- O que vai querer beber?

-- Qualquer coisa. -- soltou, ela. Intranquila. -- O que recomenda? -- sem jeito, corrigiu-se.

-- O espumante que fabricamos Aleico. Tenho certeza que vai gostar. -- Domenico disse, gentilmente. Dirigindo-se para ela. -- Sua mãe, disse-me que gosta dos espumantes. -- explicou, ao notar o seu ar perplexo.

-- É, gosto. Acho que é a única bebida... Que realmente gosto. -- confirmou, procurando ser mais gentil.

-- Bom, então temos algo em comum. -- disse Aleico. -- Os espumantes são os meus prediletos. E vai gostar deste. -- falou indo até o bar. Voltando com a taça de vinho. Entregou-lhe, e serviu-a em seguida.

-- Bom, não sou uma conhecedora de vinhos. -- alertou-lhe, ela. -- Por isso, nada de me fazer pergunta que não saberei responder. -- avisou.

-- Então, não farei. -- Aleico, falou rindo. -- Mas posso ensiná-la a aprender apreciar, e conhecer o sabor do vinho Rhane. Isto é se quiser?

-- Deve achar estranho, não é mesmo? -- perguntou-lhe, ela.

-- E, porque acha que devo pensar assim?

-- Primeiro. Porque minha mãe é uma chef de cuisine. E tem certamente que conhecer vinhos, e outras bebidas. Para saber combiná-las com a refeição... Ou, sugerir ao cliente. Quando este tem pouco conhecimento sobre bebidas. -- disse com humor. -- Então, naturalmente que deve achar estranho que eu seja uma leiga no assunto. -- expos. -- Minha mãe iria adorar me ouvir dizer que quero aprender! -- exclamou. Rindo.

-- E não tem? -- Aleico, quis saber.

-- Sabe que nunca pensei no assunto. -- revelou. -- Sempre que Helen sugeria isso. Tinha alguma coisa para fazer. -- finalizou.

-- Com licença?

-- Sim, Ana. -- respondeu Aleico.

-- O jantar, já vai ser servido. -- anunciou.

-- Ótimo! Obrigado, Ana. – agradeceu Aleico

-- Venha, vamos. -- disse Domenico, estendendo-lhe a mão.

Levantando, pegou-lhe a mão estendida. Sentia-se mal por tê-lo magoado. Terrivelmente. Precisava desculpar-se com ele. Domenico era apaixonado por sua mãe. E os tantos constrangimentos que sofreu por causa dela, naquele escândalo ridículo. Provou o quanto ele amava Helen. E ainda fez todo o possível para ajudá-la. Mesmo seu pai tendo negado que fosse acolhida em sua villa. Conseguiu que seu irmão a recebesse. E estava sendo tratada divinamente bem por todos. Inclusive pelo dono da casa. Oh! Iria arrumar um jeito para entender-se com ele. Prometeu.

O jantar foi servido com esmero e muita elegância. Como a etiqueta exigia na elite social dos grandes aristocratas, ou, dos muitos ricos. Muito glamour. Elegância. E boas maneiras... Significava muitíssimo no meio social. E quando foi morar com sua Tia Karen. Ouviu muito isso. Aos 14 anos, passou juntamente com sua tia Karen, a frequentar reuniões que incluía muitos almoços, jantares, coquetéis e festas exuberantes. A importância em vestir-se, falar e portar-se de acordo, tornava-se praticamente obrigatório. Mesmo assim achava aquilo tudo muito cansativo e supérfluo. Acabado o jantar. Os três foram sentar-se na varanda. Conversaram sobre varias coisas. Curiosa. Rhane perguntou dos negócios e da histórica família Domenacci. Soube que a família deles, datava de seis séculos. Tinham tudo registrado. Eram documentos milenares. Pacientes e atenciosos. Tanto Aleico, como Domenico respondiam a tudo que perguntava. Satisfeita. Resolveu perguntar-lhe, sobre o seu trabalho. Havia meses que não dava andamento em seus projetos. O processo de julgamento longo e complicado. Fez que deixasse seus projetos de lado. E Andrezzi, não via a hora da sua volta ao trabalho. Tinha projetos importantes que estavam parados. E ela queria voltar ao trabalho. Envolvida em seus projetos poderia esquecer os problemas. E evitá-los também. Com a cabeça entretida evitaria pensar nos acontecimentos recentes, como sentir-se atraída pelo o irmão de seu padrasto. Loucura!

-- Aleico, posso lhe perguntar algo... Referente ao meu trabalho? -- disse lentamente, cautelosa.

-- Faça. – pediu, educado.

-- Bom, deve saber. -- começou. -- Que tem vários projetos parado, não é?

-- Sim. Andrezzi disse-me algo a esse respeito. Parece que você... Tem certa preferência por alguns de nossos clientes!

-- É. Parece que sim. – concordou. -- Na verdade queria voltar aos meus projetos. Isto é caso não fizer objeção? – quis saber, com certo receio.

-- Porque acha que vou me opor Rhane? – perguntou inquisitivo.

-- Não sei. Talvez, por não ter sido notificado a meu respeito. -- respondeu.

-- Hum... E acha que isso é motivo para eu por em risco minha empresa. E o emprego de várias pessoas. – replicou. -- Ainda não me conhece, Rhane. -- falou num tom áspero.

-- Tenho certeza que não. -- replicou em sua defesa. Educada. – Espero que me dê oportunidade de conhecer? – pediu sincera. Percebendo-o meio sem jeito diante do seu pedido.

Reconhecendo sinceridade no pedido dela, em conhecê-lo. Aleico sentiu-se desconcertado. Domenico parecia estar divertindo-se, com a sua situação. Notou. Essa era boa! Pensou. Desconcertado por uma garotinha. Que maravilha! E seu caro irmão divertindo-se, as suas custas.

Ótimo! Ele teria o dele! Bom, agora precisava responder a pergunta da pequena feitiçeira, dona de longos cabelos negros. Que o tentava! Suspirou.

-- Bom... Respondendo a sua pergunta sobre seu trabalho. Não vejo problema em voltar ao trabalho. -- disse. -- Mas tem um pequeno detalhe, Rhane. Terá que trabalhar aqui. E como pretende fazer isso?

-- Andrezzi pode mandar os meus trabalhos. Ou, posso... Felipe, disse-me que posso usar a casa dele. Visto que ele fica em Turim mesmo! -- disse dando de ombros. Viu que os dois irmãos trocaram olhares significantes, um com o outro. Não gostou da troca de olhares. Perguntou. -- O que foi?

-- Achei que não gostasse de trabalhar com Felipe? -- indagou Domenico, em tom desconfiado.

Percebendo o tom desconfiado do futuro padrasto. Defendeu-se.

-- Não falei que não gostava de trabalhar com Felipe, Domenico. Ele é um ótimo profissional. Aliás, o melhor que já vi. -- explicava. -- Eu disse que não gosto de ter que repreendê-lo, o tempo todo. Fazê-lo entender que não vou envolver-me, com ele. Entenderam? -- quis saber, dirigindo-se aos dois.

-- Mas, se tem problemas com ele desse tipo. Então, porque ir trabalhar na casa dele. Não entendi Rhane? -- Domenico procurou saber. Muito intrigado.

-- Deus! -- exclamou. -- Lá tem um estúdio onde posso trabalhar. E depois, ele está em Chicago. Não vejo problema algum nisso. -- inflamou-se.

-- O quanto você conhece de Felipe, Rhane? -- Aleico quis saber dela.

-- Bom. Creio que nem um terço de vocês dois. Certo? -- foi sincera. -- Mas, sei que ele é um namorador despudorado, e que... Que... -- gaguejou. -- Bem, não importa. Não corro nenhum risco com ele. -- afirmou. -- Não vou ficar na casa dele quando estiver lá. Se for isso que os deixam preocupados. -- esclareceu.

-- Não vai ficar lá em hipótese alguma! -- Aleico replicou. -- E nem adianta teimar, não vou mudar de opinião. -- foi taxativo.

O tom autoritário dele. Deixou-a furiosa. Domenico olhava o irmão. Pasma.

-- Não pode fazer isso! -- reclamou. Olhando para Domenico, pediu. -- Domenico...

-- Sinto muito, cara mia. Mas, Aleico, tem toda razão. -- disse em acordo com o irmão. -- Será responsabilidade dele, agora. Terá que entrar em acordo com ele. Não vou estar aqui para cuidar de você. Ele, sim. -- disse tranquilamente, indicando o irmão com a cabeça. -- E, Rhane... Não faz ideia de como Felipe, é um devasso. -- completou.

-- Credo! Falando desse jeito faz-me pensar que ele, é um, um...

Vendo-a com dificuldade para encontrar as palavras. Aleico achou melhor interrompê-la. Domenico não devia ter dito aquilo. Pensou. Olhou para o irmão, reprovador. Domenico entendeu. Desculpou-se com o olhar. Por deixar escapar sem querer o comentário. Aleico fez um gesto com a cabeça de que entendeu o deslize.

-- Domenico expressou-se mal, Raí. -- explicou. -- Mas, realmente não há necessidade de você ir à casa de Felipe. A villa, ainda está em reforma. Tem muitas salas desocupada. Escolha qualquer uma, que quiser. Não ligo. Decore-a. Faça um estúdio para você. -- ofereceu. Gentil. -- E depois vou gostar que esteja aqui. Poderá ajudar Suzanne na decoração. -- propôs.

-- Isso... -- replicou séria. -- Chama-se barganha. E quem é Suzanne? – quis saber. Ressabiada.

-- Não, não é. -- respondeu divertido. -- E Suzanne, é a arquiteta que está fazendo a decoração da villa. Vai gostar dela. E tenho certeza que ela vai ficar surpresa quando te conhecer. -- Finalizou, ao ver o olhar intrigado dela.

-- Tem certeza que ela, é só... Isso mesmo? -- perguntou muito desconfiada.

Fazendo Domenico cair na gargalhada por ver a cara desconfiada dela. Ao qual ela resmungou.

-- Não vejo graça alguma! -- disse ela, sem jeito.

Vendo que irmão não entendeu o motivo de sua risada. Domenico explicou.

-- Bom. Não sei você sabe, Aleico. -- começou. – Mas, foi por causa de uma ex-ciumenta que Rhane... Teve problemas. Então, eis aí o motivo de toda esta desconfiança. -- explicou desconcertado. Vendo o seu ar tristonho.

-- Não precisa falar por mim, Domenico. -- disse ríspida. – Olha, não quero... Na verdade não tive uma boa experiência... Com uma ex-ciumenta. Portanto, não pretendo correr o risco de novo. E espero realmente que esta tal Suzanne, seja mesmo só uma arquiteta. -- falou um tanto aborrecida.

-- Suzanne é casada. Tem dois filhos. -- explicou-lhe. Sabia que não lhe devia nenhuma explicação. Mas, ao ver-lhe o semblante triste. Achou melhor explicar-lhe. Não entendia por que. Mas, sentia que havia algo de errado naquela história de assédio sexual. E Felipe devia saber. Sem chance. Não iria mesmo deixá-la trabalhar na casa dele!

-- Que bom... Fico extremamente, aliviada! – clamou, dando um suspiro. -- Então, posso mesmo montar um estúdio. Tem certeza? – quis saber dele. Mudando de assunto.

-- Certeza absoluta.

-- Mas, não vai manter a casa como era antes?

-- Não todos os cômodos. A casa é enorme, Rhane. Tem tantas salas, que nem sei o que fazer com elas. -- disse humorado. -- Espero que me dê algumas sugestões?

-- Sério?

-- Por que, não?

-- Bom. Primeiro preciso conhecer... Suzanne, não é mesmo?

-- É, será bom.

-- Hum... Acho que vou gostar. -- disse alegre.

Desprovida de qualquer outro assunto aparente. Argumentos sem sentidos não era o seu forte. Preferiu ficar em silêncio. Voltou sua atenção ao ambiente onde se encontravam. Amplo, muito bem decorado. Notando os muitos objetos de artes nas paredes. Sentia o olhar dele, sobre ela. Terminou sua análise no ambiente, encarando-o. Fitava-a firme. Olhos penetrantes. Magnéticos. Presa neles sentia-os, desvendar-lhe a alma. Sensibilizada com a descoberta. Tratou logo de desviar o olhar para escuridão da noite. Receosa. Ouviu Domenico, dizer.

-- Aleico. -- Domenico chamou-lhe atenção. Vendo-o distante.

-- Sim. – respondeu ele, pouco atento.

-- Mamma resolveu fazer a festa de Rhane, amanhã. -- explicou. – Mas, caso tiver algo contra. Pode

contestar. Rhane também. -- esclareceu. -- O combinado seria no domingo. Então, acho que os dois têm direito de opinar. -- disse. -- Mamma, acha que como você já chegou... -- meneou a cabeça, discordando. -- Não há razão para esperar mais, pois todos estão querendo conhecer minha futura enteada. -- declarou, sorrindo. Fitando-a.

-- Por mim, tudo bem. E você, Rhane? -- perguntou. -- O que acha?

Ela ombreou indiferente.

-- Não vejo problema algum nisso. -- disse friamente.

-- Bom, já que tudo está acertado. Acho que vou... Ah, já estava esquecendo. Como os garotos, reclamaram. -- informou. -- O almoço amanhã será em nossa casa. Querem conhecê-la, primeiro que os demais... -- riu. -- Bom. Caso não se importam. Vou me deitar. -- Domenico, falou com ar cansado.

-- Claro que não. -- Rhane e Aleico, disseram ao mesmo tempo.

-- Que bom... Boa noite.

Levantando-se rapidamente da cadeira. Rhane chamou-o.

-- Domenico.

Ele parou. Voltando-se em sua direção, e chocou-se com ela. Segurou-a firme. Soltou-a em seguida. Afastando-se um pouco para vê-la.

-- Eu queria... -- começou, e parou criando coragem. -- Queria que me perdoasse por ter falado com você, daquele jeito. Sei que tem procurado ser meu amigo... Mas, têm acontecido tantas coisas em tão pouco tempo. -- deu um suspiro. -- Que às vezes tenho medo de sair perdendo nisso tudo... Eu, não quero amar e perder mais ninguém. Não sei como pode entender isso, Domenico. -- sua voz soou amarga. -- Mas, assim mesmo quero que me perdoe... Sei que ama minha mãe. E quero que sejam muito felizes. Só quero que me dê... Um pouco mais de tempo. Por favor? -- pediu sincera.

Domenico viu nos olhos dela, uma tristeza que a consumia. Comovido por sua inteira sinceridade. Tinha conhecimento que vida não lhe foi fácil. Tornando-a uma garota retraída. Parecia gritar-lhe, sempre. "Não se aproxime, não é bem-vindo". Foi o que o manteve longe. Mas, sempre observou a paciência de Helen em procurar entender os motivos equivocados da filha. Por não ter tido a oportunidade de dar para ela, um lar, como toda criança gosta. E era isso que o fazia ter toda a paciência do mundo com ela. Abraçou-a, e deu-lhe um beijo de leve na face. Pela primeira vez. Deixando-a, constrangida e envergonhada.

-- Tudo bem, não se preocupe. Eu entendo... Piccola mia. -- disse afável. Dando-lhe outro beijo na bochecha. -- Buenanotte! -- retirando-se.

-- Buenanotte, Domenico. -- murmurou ela, baixinho.

Ao virar-se notou que Aleico olhava-a. Olhos levemente, semicerrados. Curiosos. Indagadores. Ignorando-o. Caminhou até a grade da varanda e encostou-se nela. Ficou-a ouvir o barulho das folhas das árvores, e os animais da vida noturna. Desanimada. Triste. Suspirou. Sentiu-o logo atrás de si. Quente, muito quente. O calor que emanava do corpo dele. Queimou-a, inteiramente. O coração acelerou. Suas veias latejavam. Difícil respirar. Deus! Trêmula, procurou afastar-se. Aleico impediu-a. Prendeu-a, firme entre ele e a grade de proteção da varanda. Machucando-a, junto á grade de ferro.

-- Está me machucando, Aleico. -- resmungou. Sôfrega.

-- Então, não tente fugir de mim, Rhane. -- falou zangado.

-- Não sei por que está zangado comigo. – reclamou.

-- Não estou zangado com você, piccolina. Só quero... Abraça-la. -- confessou. Envolvendo-a nos braços. – Rhane... Nunca teve nada mesmo com Felipe? – indagou repentinamente. Deixando-a surpresa com a pergunta inesperada.

-- Não, nunca! -- negou veemente.

-- Hum.. Que bom! Quero beijá-la... Não sei se é uma boa ideia, mas...

-- Não, não é... Uma boa ideia. – protestou, interrompendo-o. Procurou desvencilhar-se dele. O que foi inútil. Ele abraçou-a fortemente. Impedindo-a. – Aleico, me deixe ir. Olha, sabe que não é certo... Isso... Oh! --exclamou ao sentir ele, beijar-lhe a nuca. Arrepiando-a inteira.

-- Concordo, plenamente. Mas não consigo pensar em outra coisa. -- disse encabulado. -- Dio! Quero beijá-la... Inteira. -- falou rouco de desejo. Abraçou-a apertado. Sentiu-a estremecer toda de desejo. Beijou-lhe a nuca, desceu a língua contornou-lhe o lóbulo da orelha. Ouviu-a gemer. Virou-a de frente com ele, fitou-lhe a face. Toda ruborizada. Arfante. Procurou desviar o rosto, embaraçada. Aleico segurou-a. Ladeando-lhe a face com as mãos. Encantado. Beijou-a docemente. Tocando-lhes os lábios, gentilmente. Ensandecido de desejo, sem controle. Sugou-lhe a língua, ávido. Lambeu-lhe os cantos da boca. Bebeu-a, deixando-a sem fôlego. Trêmula. Todo o seu corpo clamava louco, por ela. Gemeu, angustiado. Inconformado, soltou-a. Praguejando em italiano.

-- É melhor ir dormir, piccola mia. -- falou, empurrando-a em direção da entrada da casa. -- Antes que eu perca o pouco de bom senso que me resta! -- lamentou, ele. -- Buonanotte, piccolina.

Trêmula, e sem fôlego. Fitou-o, sem saber o que fazer. Então ouviu-o, dizer. Sério.

--Vá, antes que eu me arrependa. – repeliu-a friamente.

A expressão do rosto dele tornou-se repentinamente sombria. Sentiu-se como em um sonho do qual fora acordada. Extremamente confusa, adentrou na casa. Subiu as escadas como um raio. Entrou em seu quarto. Recostou-se na porta. Tremendo. Ofegante. Deus! Pensou. Sentia seu corpo tremeluzir, descontrolado. Nossa! Nunca sentiu nada igual! Somente com um beijo. E que beijo! Uau! Precisava de um banho! Iria sentir-se melhor. Ao sair do banho já estava bem melhor. Ufa! Sentia-se, mais calma. Ai, Meu Deus! Como resistir? Como? Perguntou-se. Sem resposta. Infelizmente. Resolveu pensar sobre o que Aleico, perguntou-lhe a respeito de Felipe. Será que foi isso que o fez parar de beijá-la? Foi tudo tão repentino! Beijou-a, ardentemente... E num instante demonstrou frieza e arrependimento por tê-la beijado. Foi estranho? Será que achou que ela estava mentindo sobre Felipe? Sentia-se muito confusa. Com medo. O desejo que sentia por ele... Era muito forte. Deus! Ajude-me? Precisava por a mente em ordem. Como conseguir? Cansada e confusa. Acabou por dormir imediatamente.

Aleico ficou olhando-a entrar. Angustiado. Saber que ela, o desejava. Tanto, como ele a desejava. Não era bom. Suspirou, resignado. Viu medo e confusão em seu olhar quando a repeliu. Dio Santo! Buscar forças para conter-se de beijá-la. Acabou com ele. Sentia que seu corpo queria mais. Muito mais. E agir friamente com ela, para poder controlar-se. Não foi uma boa atitude. Droga! O que poderia fazer? Estava deveras ardendo de desejo por ela... Desejava-a, com loucura! Algo inédito em sua vida... Quanto tempo iria conseguir controlar-se? Perguntou-se. Apavorado. Dio mio! Precisava de uma bebida forte... Tinha que manter a calma. Muito mesmo! Suspirou exasperado. Entrou foi direto para seu escritório. Dirigiu-se onde estavam as bebidas, servindo-se de uma boa

dose de uísque. Em pé tomou um gole da bebida, sentiu-a descer queimando-lhe as entranhas. Ficou a observar sua mesa de trabalho. Usava-a pouco. Nunca trazia trabalho para casa. A escrivaninha era a mesma de séculos atrás. Pertenceu aos antepassados de seu Tio-Avô. E agora pertencia a ele. Quase tudo ali, eram peças antigas. Estilo Luís XV. A única peça moderna era sua cadeira de executivo. Foi sentar-se nela. Colocou os pés sobre o tampo da mesa. Confortavelmente. Depositou o copo vazio na mesma. Abrindo uma das gavetas. Retirou um maço de cigarros, e pegou um. Iria acendê-lo. Quando foi interrompido por uma voz familiar.

-- Não sabia que tinha voltado a fumar, mio fratello? – ouviu a voz de Domenico.

Levantando rapidamente a cabeça em direção ao som da voz. Viu-o encostado no batente da porta. Olhando-o. Indagador. Curioso. Apagou-o imediatamente.

-- E eu pensei que estivesse dormindo... Não, me vigiando. -- replicou secamente.

-- E estava. -- respondeu. – Mas, acordei. Perdi o sono... Resolvi descer. E beber um pouco de água. Vi a luz de seu escritório acesa. Achei que tivesse se esquecido de apagá-la. Quando cheguei. Vi você. – apontou o copo na mão dele. -- Não tem nem, 5 minutos... Que estou aqui. Sabe quantos já bebeu. Aleico? – perguntou, indicando-lhe a garrafa de uísque sobre a mesa. Vendo-o balançar a cabeça negativamente. Continuou. -- O que está acontecendo? Não voltou a fumar, não é? – quis saber, apontado o maço de cigarros sobre a mesa.

-- Não está acontecendo nada, Domenico! -- respondeu com certa reserva. -- E não voltei a fumar. -- disse em tom ácido. Jogando o maço de cigarros no lixo.

-- E, quer que eu acredite nisso! Francamente, Aleico. São quase 3 da manhã! Encontro você acordado com uma garrafa de uísque ao meio. – disse calmo. -- E ainda fumando. E, quer que eu acredite que não está acontecendo nada? – repreendeu-o, preocupado.

-- Não cheguei a fumar, e não bebi tanto assim. – apontou o cigarro inteiro que jogou no lixo, junto com o maço. -- Não estou bêbado. Se for isso que quer saber. -- disse zangado.

-- Fico feliz, que não tenha voltado a fumar. – disse. -- E sei muito bem que não está bêbado, Aleico. – concordou. -- Mas, quero saber por que está acordado de madrugada, bebendo. Dio mio, homem! Nunca o vi assim... Tão... Sei lá pra baixo, desnorteado. O que está acontecendo? -- insistiu. -- É algo relacionado com minha enteada. Se for. E tiver se arrependido. Pode dizer? Acha que terá problemas com alguma garota? Está saindo com alguma garota?

-- Domenico. -- Aleico interrompeu-o. Ao vê-lo todo embaraçado e com dificuldade de encontrar a palavra certa. E achar que o motivo dele estar, ali... De madrugada bebendo e louco por um cigarro. Tinha algo a ver com uma garota! Sim, tinha mesmo! Mas, não era por uma garota qualquer. Como as que ele estava acostumado a sair. Não, não era! Suspirou pesadamente. Caso, ele pudesse imaginar que esta garota era nada mais, nada menos que a enteada dele. Dio! Não queria nem pensar! É era exatamente por isso que estava ali. Sem sono e bebendo. -- Olha, não estou saindo com nenhuma garota faz um bom tempo. A bem da verdade estou dando um tempo. Estou... Pensando... Hum... Em seguir os seus passos. – disse com um sorriso maroto os lábios.

Domenico fitou-o todo desconfiado.

-- Está me dizendo as tantas da madrugada que está pensando... É serio mesmo, Aleico? Não está curtindo com a minha cara? – Aleico negou. -- Casar! Dio! Sabe... É um pouco difícil de acreditar. -- falou pasmo. Olhando para a garrafa de bebida. Duvidoso.

-- Bom, então não acredite. -- resmungou chateado. Sabia que nenhum de seus irmãos iria acreditar!

-- Mas estou falando serio. E depois a culpa é sua. -- tornou a resmungar azedo. Continuou. -- Mas, nada disso tem a ver com o motivo de eu estar bebendo, ou acordado... De madrugada, Domenico? São outros problemas. Não tem com o que se preocupar. Fique tranquilo. -- firmou. Procurou demonstrar tranquilidade ao irmão. Notando que ele parecia acreditar. Respirou aliviado.

-- Ainda bem! -- Domenico, falou com certo alívio. -- Não pensei que poderia estar atrapalhando sua vida. E esta, foi a primeira pergunta que Rhane... Fez-me. -- expressou. -- Como eu poderia saber que estava pensando em sossegar, Dio mio! Mamma vai adorar ouvir isso. Quem é a garota?

-- Domenico... Não tenho ninguém em vista ainda. -- disse cauteloso. -- Por isso acho melhor não comentar com ninguém... Principalmente, com nossa mamma... Si? -- pediu.

Vendo o olhar estranho do irmão, acrescentou.

-- Prefiro esperar passar esses dias que Rhane, vai ficar aqui. Assim evito problemas com minha futura esposa, não acha? -- expôs hábil.

-- É, faz sentindo. Mulheres costuma ter ciúmes por qualquer coisa. E convenhamos, minha enteada não é qualquer coisa, não é mesmo? -- falou sorrindo com ar maroto. -- O que achou dela, Aleico? -- quis saber, entre curioso e desconfiado.

-- Não, não é. Bom, acho melhor irmos dormir. -- desconversou. -- Antes que a noite acabe, e o dia chegue. -- falou, levantou-se. Indo em direção da porta, onde o irmão encontrava-se encostado. Vendo-o não mexer-se do lugar. Impedindo-o de passar. -- O que mais quer saber, Domenico?

-- Não vai me dizer quem é ela? -- quis saber, agoniado. -- Dio, Aleico! Sabe que vai me matar de ansiedade. -- implorou. -- Prometo não contar para ninguém. Juro! E ainda não respondeu minha pergunta. -- intimou-o.

-- Não, não vou contar nada ainda. -- falou firme. -- E se contar para alguém. --disse em tom de ameaça. -- Eu, desminto. Quero ver em quem eles vão acreditar! --replicou com desdém. -- Agora, me dá licença? -- pediu fingindo ser gentil.

-- Ainda não respondeu a minha pergunta. -- insistiu.

-- O que quer saber? -- disse áspero.

-- O que achou de Rhane? -- repetiu.

Aleico encarou o irmão nada feliz, diante de sua insistência.

-- Ela é linda, Domenico. Satisfeito? O que quer que eu diga mais?-- respondeu rudemente. Deixando o irmão sem jeito, com a sua grosseria.

-- Nossa. Aleico! Quanto azedume. Só fiz uma pergunta. -- falou com ar desconfiado. -- Não precisa me ameaçar. Eu, Hein!-- Clamou, erguendo os braços fazendo um gesto “de deixa pra lá”.

-- Buonanotte, Domenico. -- desejou ao passar por ele, sem se importar com seus gestos. E rumou para seu quarto.

-- Buonanotte, Aleico. -- ficou olhando-o ir. Balançando a cabeça rindo. Inacreditável. Casar! Aleico... Pensava em casar-se! Será verdade? Mesmo assim não gostou da resposta que ouviu dele, sobre sua enteada. Tinha o pressentimento que o irmão ficara perturbado com ela. E bastante perturbado! A menção do casamento... Seria para desviar sua atenção sobre o que realmente sentiu por sua enteada? Dio! Não permita que Aleico, sintá-se atraído por Rhane. E nem ela por ele. Porque, caso isso acontecesse. Não seria nada bom! Pensou, preocupado. Enquanto dirigia-se para o

seu quarto.

Enquanto retirava-se para seu quarto sentia o olhar do Domenico, seguindo-o. Pensou. A cabeça do irmão devia estar a mil com sua louca revelação. Cristo! Onde estava com a cabeça ao dizer tal coisa! Seria o efeito da bebida? Bom, iria dormir. Despiu-se, e caiu na cama. Sentia-se cansado. Meio bêbado. Talvez, fosse esse o motivo de ter dito tamanha besteira. Suspirou. Quem sabe depois de uma boa noite sono. Descansado. Tranquilo. Resolveria as besteiras que falou! Pensou. Logo, caiu no sono.

Ao acordar Rhane, sentiu uma leve dor de cabeça. Nossa! Iria precisar de uma aspirina. Logo, tinha o almoço na casa dos pais de Aleico e Domenico. Ai, Deus! E essa dor de cabeça não ajudava. Levantou tomou um banho.

Colocou um vestido de linho branco, sem mangas. Justo, na altura do joelho. Complementou-o com um cinto, de pelica dourado. Sandálias, também dourada de salto agulha. E uma pequena bolsa, branca. Nas orelhas. Um conjunto de brinco em argolas de ouro pequeno. Presente de sua Tia Karen, quando fez dezoito anos. Passou seu perfume preferido. Escovou bem, os cabelos. Deixando-os soltos. Penteados complicados não eram seu forte. Maquiou-se levemente. Olhou-se no espelho. Hum. Ótimo!

Ao vê-la surgir na sala do café. Aleico, quase teve um colapso cardíaco. Belíssima! Dio Mio! Como evitar o desejo que sentia por ela. Resistir! Sem chance. Impossível! Quer saber. Pensou. Seja o que Deus quiser. Não oporia resistência. Desfrutaria! Decidiu.

-- Buongiorno, Rhane! Está mui bella. -- elogiou-a. Maliciosamente.

Sentiu suas faces ruborizar-se, diante do comentário. Totalmente desconcertada. Gaguejou.

-- Bom... Dia, Aleico.

-- Perdono. – pediu. -- Não era minha intenção desconcertá-la. Sinto muito?

-- Tudo Bem. Eu, ainda... Não estou acostumada com os costumes italianos. --admitiu. – Mas, aprendo rápido. -- concluiu brincalhona, procurando acalmar-se. -- Domenico, já se levantou? -- perguntou, mudando de assunto. Viu surgir nos lábios dele um leve sorriso. Parecia admirado!

-- Esplêndido! -- bateu palmas.

Olhando atrás de si, e dos lados. Não viu ninguém. Rhane perguntou.

-- O que é tão esplêndido, Aleico? Eu não vejo nada! -- falou, demonstrando com gesto de que estavam sozinhos.

-- Você! Quem mais? Só estamos nós, aqui. Bella mia... – apontou. Pegando-a pelo o braço, levou-a para mesa do café. Puxou uma cadeira. Sentou-a. Puxando outra cadeira, sentou ao seu lado. Vendo-a, olhar-lhe. Intrigada. Segurou-lhe o queixo com um das mãos. Fazendo-a olhar para ele. – Aqui estou. Elogiando você... Desejando você! – clamou um sorriso maroto nos lábios. -- E você, zombando de mim. Deixou-me de orgulho ferido. Sabia! -- replicou provocativo.

Olhando-o, sem outra alternativa. Visto que ele segurava seu queixo próximo do próprio rosto. Ela preocupou-se. Seu padraço poderia chegar ali, a qualquer momento. Ou, um dos empregados da casa para servi-lhes o café. Pensou aflita. Tratou de responder rapidamente.

-- Desculpe Aleico. Não foi intencional. É sério! -- falou gentil. --Eu... Só, estava tentando...

Vendo a preocupação nos olhos dela, interrompeu-a.

-- Ei, não precisa preocupar-se... Estamos sozinhos. -- tranquilizou-a. -- Domenico, já saiu para a villa de nossos pais. E dei o restante do dia de folga para os empregados. Antes, pedi que servissem o café, e os dispensei. -- informou. Tranquilo. -- Então, você surgiu linda e maravilhosa... Como uma ninfa toda de branco! -- expressou maravilhado.

-- Oh! -- exclamou surpresa.

Foi calada com os lábios sedentos dele que tomava os seus. Suavemente no começo e aumentando a pressão conforme o desejo tomava-os. Ávidos. Descontrolados. Arfando, foi a primeira a recuperar-se. Empurrando-o.

-- Aleico, não... Pare... Por favor... Pare... -- replicando, entre beijos.

Aleico parou imediatamente quando a ouviu pedir. Aflito. Confuso. Levantou, passou as mãos nos cabelos, angustiado. Voltou o olhar. E a viu também aflita. Confusa. Dio! Ele a queria. E ela, também o queria... O que iriam fazer?

-- O que fazer? Dio mio! -- clamou alto. Agoniado.

-- Às vezes acho que devemos deixar acontecer. -- sussurrou. -- Não consigo pensar em mais nada... -- exclamou desanimada. -- Não consigo parar de pensar no que estou sentindo, por você. E acho que é mutuo! -- desabafou. Triste.

-- Não ache Rhane. Tenha certeza, eu...

Aleico foi interrompido pelo som do telefone que tocava insistidamente, pela segunda vez. Ouviu-o tocar quando a beijava. O som do telefone foi o que os despertou do beijo. Teve certeza. E voltou a tocar novamente. Resolveu melhor atender. Pegou-a pela mão levando-a junto com ele, até a biblioteca. Ao entrarem. Aleico foi atender ao telefone. Rhane soltou-se da mão dele. Dirigiu-se para a enorme estante de livros que ocupava toda uma parede. Deslizando o dedo indicador nas lombadas de cada livro. Lentamente. Constavam todos os gêneros da literatura. Coleções inteiras. Pena não ser uma leitora assídua. Os seus preferidos era sobre a arquitetura. Principalmente Leonardo da Vinci e outros grandes arquitetos, construtores, inventores, e desenhistas. Encontrou-os com indicador. Tocava-os. Depois, os retirava e os folheava. Apreciativa. Logo, os devolvia no lugar. O pouco que prestou atenção na conversa de Aleico, ao telefone. Descobriu que falava em italiano. Detestava quando falavam em italiano. Faziam-na sentir como uma intrusa. Longe do seu lugar.. Invadindo espaço alheio. Bom, aquele não era seu país. E realmente estava, invadindo-o! Pensou, suspirando angustiada. Mas, a sua ousadia impetuosa. Preocupava-a. MUITÍSSIMO! Como pode falar daquele jeito. Deixar rolar os sentimentos que nutriam um pelo outro. Ah, foi uma audácia sem tamanho. Pura irresponsabilidade... Loucura! Iria dizer para ele esquecer tudo. Diria que estava confusa. Sem noção alguma do que dizia. É, era isso! Suspirou.

-- Não precisa preocupar-se, Rhane. Não falávamos de você. -- falou, atrás de suas costas.

Fazendo-a pular assustada. Não o percebeu desligar o telefone. Ao tentar virar foi pressionada por ele, que a abraçou por traz. Cheirou-lhe o pescoço. Deixando-a toda arrepiada.

-- Aleico...

-- Quero sentir o seu cheiro, piccola! Quero tocá-la...

-- Aleico... Deus! Pare... Está, me deixando... Oh!

-- Estou deixando você toda arrepiada! Hum... Que delícia! -- falou deliciado. -- Ah, piccola mia... Também acho que devemos deixar acontecer. Mas, já pensou em tudo que vamos provocar.. Acha

que consegue enfrentar, Rhane? Meu pai vai se opor. Tenho certeza disso... Minha mãe? Não tenho certeza... Meus irmãos? Dio! Nem quero pensar! Principalmente, Domenico! -- disse ele, desgostoso.

-- Oh! Eu não sei. Realmente, não sei! -- admitiu. Sentia-se frágil. Soltou-se dos braços dele. Prostrou-se junto da janela. -- Passei quase um ano da minha vida sendo pressionada de um lado, e de outro. Não sei se quero, ou, se vou aguentar tudo de novo! -- lamentou. -- Lembra o que conversamos ontem na beira do lago, Aleico. Tudo o que eu disse sobre como sou, ou como penso?

-- Sim, lembro. -- afirmou.

-- E, então acha que pode me tolerar... Caso, realmente queira provar o que sinto por você. Amá-lo. Meu Deus! E pensar que vou ter que sentir pena de mim, mesma...

-- Ah, não, Rhane! Isso não mesmo! -- retrucou ofendido. -- Esqueceu-se de uma coisa... Serei fiel a você! -- declarou. -- Procure lembrar sempre disso. Mas, quanto ao resto não posso prometer nada. -- disse. Com certo desapontamento. -- Eu quero viver isso que sentimos, um pelo outro. E gostaria que também quisesse piccola mia. Só não sei como. -- concluiu, sentindo-se encurralado.

-- Talvez pudéssemos... Sei lá. Não é o mais certo... Mas, não seremos os primeiros a fazermos isso... Esconder? -- propôs. Arrependendo-se logo em seguida. Diante do olhar de assombro dele. -- Foi só uma sugestão maluca, sei disso. Não precisa concordar! -- expôs.

-- E, quanto tempo acha que vamos conseguir esconder, Rhane?

-- Não para sempre, é lógico?

-- Devo estar ficando louco!

-- Quer dizer que concorda? -- perguntou feliz.

-- Quer dizer... Que preciso pensar. -- respondeu desnorteado. -- Tenho trinta e dois anos, Rhane. Não sou mais um garoto de dezoito anos que pode cometer uma rebeldia, assim. -- expôs.

-- Não é rebeldia, Aleico. É...

-- É loucura, isso sim! -- retrucou apreensivo.

-- Eu acho que não! -- discordou. -- É difícil aprender seu idioma, Aleico? -- perguntou mudando de assunto.

Aleico olhou-a, erguendo uma das sobrancelhas com ar intrigado. Diante da rápida mudança de assunto. E achou mesmo que era uma boa tática. Mas ele não gostava de fugir de um assunto. Ainda mais se fosse importante. E aquele era. E muito! Viverem juntos. Escondido das famílias deles. Não era uma boa ideia. Dio! Que dilema! Notou que Rhane, procurava fugir do assunto quando este parecia ser complicado. Suspirou. Iriam ter muito sobre o que conversar. Sabia disso. Mas, mesmo assim queria arriscar. Tinha certeza.

-- Preocupa-a não saber falar italiano, Rhane?

-- Sim, muito. -- confessou. -- Sinto-me um peixe fora d'água! Não quero ficar na dúvida quando chegar onde todos estão falando em italiano. E sentir que de repente todos passam a falar em inglês, só por minha causa! -- replicou. -- Sabe, vou sempre ficar na dúvida. Se estiverem falando ou não de mim! -- exclamou aborrecida.

-- Vem cá? -- Ele pediu. Batendo com a mão o lugar vago ao lado dele no sofá. Vendo-a, hesitar. -- Por favor, Rhane. -- insistiu.

Ela olhou na direção da porta, preocupada. E lembrou que não tinha ninguém na casa. Os empregados estavam todos de folga. E Domenico, já havia ido para a casa dos pais. Depois olhou para ele, em dúvida. Não sabia o que fazer. Mas foi. Sentou no lugar indicado por ele. Murmurou.

-- Acho que não devia ter feito isso! -- falou referindo-se a porta. Ao vê-lo, olhar para ela. Todo maroto. Viu que fez bobeira. -- Eu... Esqueci! E depois vamos ter que prestar mais atenção, não acha?-- falou toda embaraçada.

Ele riu diante do embaraço dela. E disse apaziguando-a com carinho.

-- Não vou agarrá-la se é isso que a preocupa, piccolina! Apesar de ser exatamente a minha vontade. -- declarou, acariciando-lhe o braço. -- O que vamos fazer com este desejo que nos toma, Rhane? -- perguntou, sentia um desconforto muito grande dentro do peito.

-- Achei que já tivéssemos decidido? --indagou-o.

-- Preciso pensar.. Não posso decidir, assim. Dio Santo! -- lamentou. -- Piccola mia, não faz ideia o que está me pedindo! -- sua voz soou triste. -- Bom, vamos esquecer isso por enquanto. Certo?

-- Certo. -- concordou. -- Bom, quero saber.. Acha que terei dificuldade em aprender seu idioma?

-- Sabe falar algum outro idioma?

-- Um pouco de Francês que fazia parte do currículo da escola. E um pouco de Português. -- admitiu.

-- Português? -- quis saber curioso.

-- Minha avó materna, era brasileira.

-- Sero?

-- Sero. -- afirmou.

-- Então, é por isso que você tem esses cabelos negros? -- perguntou, afagando-lhe os cabelos.

-- Sim. Porque, não herdei só os cabelos de minha avó. -- disse lentamente. -- Minha mãe costuma dizer-me, que sou a minha avó em pessoa. -- falou passando a mão pelo corpo todo, marota. Fazendo-o rir. -- Costumava não acreditar. Mas, quando há revi três anos atrás. Vi realmente que era verdade. -- completou, sorrindo.

-- Ontem quando a vi pedir desculpa para, Domenico. -- falou um tanto cauteloso. -- Achei que foi um ato, muito bom.. -- disse com aprovação. -- Vai me contar um dia, sobre seu pai ?

-- Se quiser ouvir. -- disse em concordância. -- Eu quero me entender com Domenico, sabe? -- revelou, desconcertada.

-- Vou querer ouvir, sim. -- afirmou. -- E Domenico, adora você.

-- Qualquer dia desses. Contarei sobre meu pai. -- prometeu. Ele assentiu em acordo. -- Está com ciúmes de seu irmão?

-- Hum.. Acho que sim. -- disse, sentindo-se desconfortável. -- Amava seu pai? -- quis saber.

-- Acho que sim! Eu era muito pequena. Não me lembro muito dele... Do jeito dele, quero dizer.

-- O que senti por meu irmão, piccola? -- quis saber ele, curioso.

-- Em que sentido você quer dizer? -- procurou saber, cautelosa.

-- Duvido que sinta pelo o meu irmão. O mesmo que senti por mim, piccolina! -- caçoou.

-- É não sinto mesmo! O que sinto por você, é excitante. Ao mesmo tempo confuso. Causa-me, medo! E por seu irmão, talvez sinta o que nunca senti por meu pai. – disse sincera.

-- Pensei que amava seu pai?

-- Sim. Mas, era diferente. Nunca pude contar com ele quando era pequena. E depois que cresci. Muito menos. -- disse, sentindo magoada.

-- Eu sinto muito, Rhane! Não gosta de falar disso, não é? Não devia ter perguntado, perdoe-me! -- falou, abraçando-a. E beijando-lhe o alto da cabeça com carinho.

-- Tudo bem! Eu acho que foi bom ter falado. Pude entender quando vi Domenico, ficar triste... Só quer ser meu amigo. E eu venho sendo muito ingrata com ele. Apesar de que mesmo assim não vou concordar com tudo que ele, quiser. -- disse em tom de rebeldia.

Acariciando-a. Aleico, começou beijar-lhe o rosto. Depois a boca de leve. Sentou na beirada da escrivaninha puxando-a para o seu colo, queria beijá-la melhor. Sem resistência, tomou-lhe a boca pequena com carinho. Deslizou a língua acompanhando o formato da boca dela. Sentiu a textura dos lábios carnudos. Tomou a boca dela com a dele, provando-lhe o gosto. Penetrando a língua dentro da boca pequena. Sugando-lhe a língua com prazer. Sentiu seu corpo e o dela estremecerem juntos, de puro desejo. Nunca havia sentindo tanto prazer assim. Dio! Estava perdendo o juízo! Aleico ficou tenso na mesma hora ao lembrar-se da loucura que cometia. Afastou a boca da dela rapidamente, murmurando.

-- Oh, Rhane, Rhane, quero-a tanto... Quero que seja minha, entende! -- disse, segurando o rosto dela com as mãos. Olhando-a nos olhos negros, que brilhavam de desejo. -- O que vamos fazer com todo esse desejo? -- falou desesperado.

Sem saber o que falar diante de tamanha loucura. Rhane ficou quieta tentando controlar o tremor que tomava o seu corpo. E junto o desejo que a fazia arder, em chamas. Ofegante.

Sentindo todo o corpo dela, trêmulo de desejo. Aleico aninhou-a fortemente em seus braços.

-- É melhor sairmos daqui, angello mio. Antes que cometamos uma loucura! --exclamou pesaroso. -- Era minha mãe, ao telefone. -- explicou-lhe. -- Pediu que não chegássemos muito tarde. -- falou olhando o relógio no pulso.

-- É. Achei mesmo que fosse... Mesmo sem entender quase nada. Entendi “Mamma”. -- replicou.

-- Não terá dificuldade em aprender italiano. Terei prazer em ensiná-la. -- prometeu.

-- Jura?

-- Juro.

-- Oh, Aleico. -- falou encantada. Abraçando-o. Dando-lhe um beijo na boca suavemente.

-- Se continuarmos a nos beijar, assim. Não iremos chegar nunca na villa de meus pais. -- disse malicioso.

-- Não entendi. -- falou, olhando-o inocentemente.

Vendo o semblante inocente dela. Ficou confuso. Sem entender porque às vezes pensava, que ela realmente era inocente. E isso o confundia ainda mais.

-- Oh, deixa pra lá. -- falou. -- Vamos, antes que alguém venha nos buscar.

-- Claro. Não quero causar má impressão no meu primeiro dia. -- falou preocupada.

-- Má impressão. -- repetiu ele.

-- Não é assim que se pronuncia? -- perguntou em dúvida.

-- Sim, claro. -- concordou. -- Mas, não era a isso que... Referia-me. – respondeu olhando-a, divertido. -- É melhor irmos! – exclamou, vendo o ar confuso e tenso dela.

-- Está bem. – concordou. Tensa.

-- Nervosa?

-- Bastante. -- afirmou.

-- Por causa de meu pai? -- quis saber.

-- É.

-- Não devia. Já disse que apesar de ser um homem... Como posso dizer. A moda antiga. – explicou. -
-Meu pai é uma excelente pessoa, Rhane.

-- Espero realmente que seja! -- concordou, dando um suspiro nervoso.

-- Ei, procure relaxar? -- falou, segurando-lhe queixo e olhando para ela demonstrando seu apoio. --
Confie em mim. Não vou deixá-la sozinha em nenhum momento. -- propôs com carinho. -- Estarei do
seu lado, está bem?

-- Está bem. Vou confiar. – assentiu ela.

-- Ótimo! Agora vamos.

Concordando com aceno de cabeça entrou no SUV, dele. Um Land Rover último modelo. Ao saírem
na rodovia começaram a falar de trabalho. Ele procurou saber dela, como havia se interessado por
projetos de maquetes. E o por quê? Rhane sabia que estava procurando fazer que ela, ao falar de
seu trabalho esquecesse a família dele. E se acalmasse.

-- Bem, quando passei a morar com tia Karen. Acompanhava-a ao escritório... Sempre que podia,
após as aulas. É claro! – explicou ao vê-lo arquear as sobrancelhas. – Procurava entreter-me, vendo
o que os funcionários faziam. Fazia perguntas. Aliás, perguntas demais. – riu. – Eles, para me verem
de boca fechada. Davam-me, folhas de sulfite. Lápis e borracha. E alguns desenhos que não tinham
sido aprovados pelo cliente. Mandavam-me, copiar sem colar. Somente olhando e passando para a
minha folha em branco. Assim, viam-se livres de mim por horas. --- relatou, dando de ombros. Ele
riu. -- Resultado! Acabei gostando. Então com o tempo passei ajudar nos desenhos dos projetos. E
depois quis saber como fazia para montar o projeto que era demonstrado ao cliente. -- Olhou-o,
rindo. – Era muito curiosa. – informou. – E... Foi aí... Que conheci o projetista das maquetes. E me
apaixonei!

-- Pelo projetista? -- perguntou serio.

-- Não, seu bobo. Pelo processo de criar as maquetes. -- replicou rindo. Ao ver que ele estava
procurando distraí-la, fazendo graça.

-- Ah, bom. Gosta do que faz? – procurou saber, interessado.

-- Adoro! -- disse com franqueza. -- E não é só a criação das maquetes que adoro. Entende?
Também gosto do procedimento de demonstração do projeto ao cliente. Vê-los entender que o
projeto é realmente perfeito. E o arquiteto é um profissional. – exultou. -- É algo que eu considero...
Desafiante!

-- E gosta desse desafio?

Capítulo 3

-- Sim. Gosto. – afirmou. – É algo, que... Sei lá...Completa-me. – explicou feliz. – Ohhh!... – exclamou.

Quando o viu sair da rodovia e parar diante do portão de entrada de uma villa, com um pórtico em forma de um arco, todo feito de pedra. Magnífico. No portão, bem ao centro. O desenho do brasão da família. Um enorme ‘D’ todo em bronze. O muro que se seguia a frente da villa, também era todo em pedras. Coberto com um tipo de trepadeiras desconhecido por ela. Mas, de um colorido perfeito. Uau!

Aleico parou a entrada digitou uma senha no dispositivo de segurança. O portão abriu-se. Tocou o carro adiante devagar. Permitindo que ela pudesse admirar a vista. Rhane viu que a casa ficava a uma boa distância da entrada. O lugar era mesmo lindíssimo. Lembrou-se que havia perguntado a seu padrasto se a villa dos pais dele, era bonita como de seu irmão. Respondeu-lhe que era maior. Talvez mais bonita. Mas, que particularmente achava a villa de seu irmão, bem mais aconchegante. Realmente viu que a casa era maior mesmo. Mas os vinhedos pareciam menores. Deduziu. Notou dois lagos enormes. E outras construções que a seu ver uma parecia ser um estábulo. Estranhou. Qual o sentido em ter um estábulo enorme como aquele em uma villa de plantação de uvas? As outras construções eram casas idênticas em tamanhos e modelos. Viu o que devia ser uma pista de equitação. Varias repartições de pastos. E cavalos. Muito deles. Legal! Havia fora as plantações de uvas, pomares de frutas. Todos os tipos. Nossa!

Ao aproximar-se da mansão. Pasmou-se. Era majestosamente magnífica. Toda em branco. Com suas portas e janelas verdes. Bem ao estilo da era vitoriana. Preservada. Continha um piso superior. Toda avarandada. Um jardim luxuoso digno de capa de revista. Os muitos querubins espalhados, que pareciam dominar o jardim, em diferentes poses. Levava em suas pequeninas mãos, sempre alguma coisa. Espetacular. A entrada da mansão um lance de quatros degraus para adentrar na varanda, que procedia a porta de entrada.

Ao descer do carro ficou analisando cada detalhe da mansão encantada. Deslumbrada, exclamou.

-- Uau!

-- Gostou? – perguntou, ele. Fitando-a sorrindo.

-- Quer saber se gostei? É magnífica. Enorme! – exultou. -- Seus pais moram aqui sozinhos?

-- Não, nos fins de semana. – informou. – Antes de ir para Londres... Domenico, vivia aqui. Integralmente. – dizia. – Meus outros irmãos, moram durante a semana em Milão. E aqui nos fins de semana, e feriados...

-- Ah... Sério? – indagou-o, sua voz soou estranha. Entre atônita, e chocada.

-- Chocada? – inquiriu-a, diante do seu ar chocado.

-- Eu, eu... Achei estranho. Só isso. -- disse evasiva. Sentia que ele olhava-a fixamente. Analítico. Procurou virar o rosto para o lado, fingindo que apreciava algo. Mas, ele pegou-lhe seu queixo e virou-o, de frente com ele. Fitou-a profundamente.

-- O que realmente pensou Rhane?

-- Nada.

-- Duvido muito. Acha estranho... Que meus irmãos. Sendo casados. Morem nos fins de semanas... Com, meus pais? – indagou-a.

-- Bom, não. – disse. – Normalmente é assim que funciona aqui. Não é? Sei que em boa parte da Itália. As famílias preferem que mesmo o filho tendo casado. Morem com eles. Certo?

-- Sim, é verdade. -- concordou. – Meus pais, pensam deste modo. E procurou manter este costume... Mas, com o nosso trabalho. Tornou-se impossível. Mas, manteve o costume pelo menos nos fins de semanas. -- explicou. -- Mas isso não quer dizer que eles, não possam fazer suas próprias escolhas. Mas, meus irmãos... Gostam. Concordam.. – falou. Dando de ombros. -- Ao contrário de mim, que sempre preferi... A primeira opção. – revelou.

-- O que é... Fazer suas próprias escolhas. Certo?

-- Em certo ponto, sim. Mas não tenho nada contra morar com os pais, depois de casado. Se assim eles, quisessem! -- volveu, ele.

-- Bom, então vejamos. Se você se casasse. E seus pais, pedissem que viesse morar com eles. Você viria? -- zombou.

-- Não foi isso que eu, disse. -- negou. -- Está distorcendo minhas palavras. -- reclamou zangado.

-- Não, não estou não...

Foi interrompida por uma voz aguda e alegre de criança. Seguida por uma segunda voz que gritava ao mesmo tempo.

-- Zio Ale, você chegou... Mas porque está demorando tanto para entrar. Cansamos de esperar. -- falavam rapidamente em italiano, correndo pularam sobre ele. Fazendo-o perder o equilíbrio indo chocar-se na lateral do SUV. Com dois pequenos anjos grudados no seu pescoço.

-- Dio mio! Piccolinos... Querem me matar. – ralhou, ele. Beijando-os no rosto com carinho. Totalmente equilibrado. Rodopiou-os, no ar. Ao parar. Tornou a beijá-los novamente. Saudoso.

Ficou observando-o, junto aos sobrinhos. Todo alegre e carinhoso. Muito atencioso, também. Ele seria um excelente pai. Sem falar um ótimo amante e marido. Suspirou. Meu Deus! Precisava parar de pensar assim. Tais pensamentos não iriam ajudá-la. Já tinha problemas demais. Aí, Deus! O que iria fazer... Desejava-o tanto!

-- Quero que os dois... Conheçam uma pessoa. -- ouviu-o, dizer aos sobrinhos.

-- Zio Domenico, falou-nos que ela era bonita. Ela é sua namorada, zio Ale? -- quis saber, a garotinha.

-- Não, Elô. Ela não é minha namorada... Ainda. -- disse a última palavra bem baixinho. Permitindo ser ouvido, só por ela. Olhando-a firme nos olhos. Cheio de desejo. Piscou-lhe maroto.

Constrangida com a revelação baixa dele próximo ao seu ouvido. E aqueles olhos azuis fitando-a, brilhando de desejo. Fez seu corpo aquecer. Jesus! Disfarçadamente, voltou o olhar para as crianças.

-- Oh, ela é linda! Parece a minha Barbie de cabelo preto! – exclamou Eloisa. Encantada.

-- Não, não parece! Ela é de verdade. A sua Barbie é uma boneca! -- replicou o pequeno anjo, com seus maravilhosos olhos azuis.

-- Piccolinos, não precisam brigar. – Aleico, repreendeu-os. Brincalhão. -- Agora, vamos conhecer a sua futura prima. Rhane, estes são Enzo e Eloisa. -- apresentou-os. Colocando-os de volta ao chão.

Ela estendeu a mão. Cumprimentou-os.

-- Muito prazer em conhecê-los. -- falou em um italiano, razoável. Aleico olhou-a surpreso.

-- O prazer é meu. -- respondeu Eloisa. Com um largo sorriso no lindo rosto.

-- E meu também. -- emendou Enzo. -- Zio Domenico, disse que você não sabia falar italiano. Mas, você sabe! -- falou rapidamente. E ela não conseguiu entender mais nada do que dizia.

Olhou para Aleico pedindo socorro com o olhar. Ele atendeu-a, prontamente. Rindo. Falou algo com os sobrinhos em italiano. E traduziu o que Enzo havia dito para ela.

-- Domenico os avisou que não falava italiano, Rhane. – explicou. -- Ao vê-la falar com eles, em italiano. Enzo achou que sabia. Aliás, eu também. Mas me lembrei quando mencionou sobre aprender a falar italiano.

-- Bom, aprendi só o básico... Tipo para uma viagem de turismo. Mas vejo que não é o suficiente. Terei mesmo que aprender... Ou, estarei perdida! – reclamou. – Caramba! É difícil entendê-los quando falam rápido. – reconheceu, rindo. -- Domenico, me falou que são três ou quatro... Não me

lembro direito... As crianças com menos de 10 anos. Certo? – perguntou.

Quando estava para dizer-lhe para não preocupar-se pois os garotos falavam inglês. Enzo interrompeu-o. Eufórico.

-- Oh, nós sabemos falar a sua língua. -- expressou Enzo. -- Não é mesmo, Elô? – indagou-a, em um inglês razoável. Suficientemente compreensível, para ela.

-- Sim, sim. -- concordou Eloisa. Batendo palmas, toda contente.

O que provocou uma crise de riso em Rhane. Totalmente embaraçados. Os três olhavam-na, entre espantados e curiosos. Percebendo os olhares deles, sobre ela. Procurou controlar-se. Difícil. Inspirou o ar enchendo os pulmões. Soltando-os devagar. Pronto. Passou. Crise de riso controlada. O que fazer? Perguntou-se. Fitando-os.

-- Desculpe-me. – pediu. Toda sem graça. -- Não devia ter rido assim.. Mas, Deus! -- exclamou. -- Eles, sabem falar o meu idioma... Quase melhor que eu! – clamou um tanto surpresa. -- Puxa vida! Paguei mico agora. – fazendo uma careta. -- Nossa! Podia ter me avisado, não? Estou... Sentindo-me uma completa idiota! – ralhou, entre chateada e raivosa.

Vendo-a chateada. Procurou acalmá-la. Notou que Enzo e Eloisa, haviam percebido o tom chateado dela. Pareciam levemente assustados com a sua repentina mudança de humor.

-- Perdono, Rhane. – pediu. Aparentemente calmo. -- Foi tudo repentino... Mal tivemos tempo de conversarmos nem mesmo, entre nós. – falou, procurando contornar a situação. – Acho que não deve ficar tão chateada assim.. – pediu. -- Depois, não houve tempo de dizer que eles, falam inglês. – justificou-se. -- Não perfeitamente. Mas, falam. – disse. Olhando os sobrinhos com carinho. -- Eles são super elétricos. – explicou. -- Tem tanta coisa sobre minha família que não sabe... – revelou. -- E que precisava saber... Antes, de estar aqui. – sua voz soou pouco paciente. -- Se minha mãe não estivesse adiantada essa festa de apresentação. Ou, este almoço. – pausou. – Pretendia lhe contar muita coisa durante o dia de hoje. Mas, vê... Nada deu certo! -- exclamou sincero.

Deu um suspiro resignado. Viu que ele tinha razão. Havia chegado há menos de 24 horas. Como poderia saber de tudo em curto espaço de tempo. Principalmente com uma família imensa como a dele. Realmente estava sendo incompreensível. Perfeita idiota!

-- Oh! Desculpe-me, Aleico. Estou agindo como uma perfeita idiota... Na frente das crianças. -- murmurou envergonhada.

-- Ei. Tudo bem... -- confortou-a. -- Sei que está nervosa. E tem todo o direito, piccola mia. – disse, abraçando-a. -- O problema é que Enzo e Eloisa. Não vão entender... Deixou-os, assustados. – disse, notando a carinha assustada dos pequenos. Fitando-a.

-- Oh, meu Deus! -- clamou arrependida. -- Sinto muito.

-- Tudo bem. Acho, que eles já...

Foram interrompidos por alguém que pigarreou. Perguntando logo a seguir. Secamente.

-- Espero não estar interrompendo? – soou uma voz forte, como um barítono. Detrás deles.

Rhane assustou-se. E soltou-se dos braços de Aleico tão rápido que perdeu o equilíbrio. Ele agilmente segurou-a pelo braço. Ou, teria caído estatelada no chão. Manteve-a firme. Fitando-lhe os olhos. Firme. Ao vê-la equilibrada. Soltou-a. Voltando o olhar para a pessoa que os interrompeu.

Assustada e constrangida por ser flagrada nos braços dele. Disfarçou olhando a sua volta

procurando pelas crianças. Não fazia a mínima ideia do exato momento em que elas, resolveram desaparecer.

-- Dio mio, Ricardo! Não sabe agir com discrição. -- implicou zangado.

-- Bem que eu tentei. -- procurou justificar-se. -- Mas, os dois estavam tão entretidos. -- disse em tom de malícia. -- Que eu não tive outra alternativa. Sinto muito! -- pediu. -- Não era minha intenção de...

-- Bom, acho que agora já é um pouco tarde pra isso. -- Aleico interrompeu-o. Percebendo o tom de malícia na voz dele. -- Mas, qual é o problema? -- perguntou irritado.

-- Não entendi? -- Ricardo, falou. Fazendo cara de bobo.

-- Tenho certeza absoluta que entendeu muito bem. Onde estão todos? -- retrucou mais irritado ainda. Diante da atitude de bobo do irmão.

-- Nossa! Aleico nunca vi você, assim. Não vejo motivo algum para ficar irritado. -- disfarçou um riso. -- Bom. Quanto onde estão todos. -- falou calmamente, com sua voz de barítono. Olhando Rhane, perplexo. Não imaginava que ela fosse tão bonita. Agora entendia porque seu irmão Domenico, achou melhor todos aguardarem-na, lá dentro. -- Domenico achou que seria melhor esperar pelo os dois, lá dentro. -- arriscou, mais uma olhadela. -- É mais aconchegante. -- completou, sem jeito. -- Apesar dos garotos não terem gostado nem um pouco. -- riu. -- Eles, não viam a hora de conhecê-la. Sabe com são os jovens. -- explicou, e estendendo-lhe a mão. Disse. -- Sou Ricardo Domenacci. E é um prazer conhecê-la. -- disse gentilmente educado. Não escondendo a surpresa. Como se ela não fosse nada daquilo que se via ali, a sua frente.

Já recuperada do susto e do seu rápido... Constrangimento. Ficou á observar o homem alto. Cabelos castanhos escuros. Olhos azuis. Como os de Aleico, e Domenico. E muito belo a sua frente. Enquanto os dois trocavam algumas palavras nem um pouco gentis de boas vindas, um com o outro. Sem entender porque Aleico ficou zangado e aparentemente nervoso diante da atitude do irmão. Afinal, quem devia estar nervosa ali... Era ela! Iria conhecer toda a família do futuro marido de sua mãe. E seu futuro padrasto. E muito zangada por estar sendo avaliada pelo o irmão dele, daquele jeito. Mas, por incrível que parecesse não estava nem um pouco nervosa ou zangada. Aliás, sentiu que todo o seu nervosismo havia passado.

-- Rhane Britte... Prazer em conhecê-lo, signor Ricardo. -- cumprimentou-o, educada. Sentia o olhar criterioso dele, sobre ela. Estudando-a. O que a deixou furiosa por dentro. Detestava quando era analisada daquele jeito. Como se fosse uma peça de leilão em exposição esperando pela melhor oferta! Essa era boa!

-- Chame-me de Ricardo, Rhane. -- pediu cortês. -- E desculpe-me pelo susto. Não era minha intenção mesmo! -- disse, não deixando de examiná-la. -- Apesar de meu irmão achar o contrário. -- falou com um sorriso encantador. Concluindo seu minucioso estudo sobre ela. Sem deixar transparecer o que achou. O que a irritou ainda mais.

-- Tudo bem! A bem da verdade estava somente um pouco tensa. Mas, já passou. Só espero ter sido aprovada. -- reclamou. -- Afinal de contas, não há nada que eu goste mais do que ser avaliada como uma peça de colecionador. Nossa... É fabuloso, não! -- respondeu com ironia. Deixando-o abismado diante da sua petulância. E tomou o rumo da porta. Já que tinha que entrar. Iria fazer exatamente isso. Dane-se! Pensou.

Ouviu a gargalhada zombeteira de Aleico, diante da cara abismada do irmão.

-- Dio Santo! Que língua afiada! -- resmungou baixinho. Ao vê-la, dar-lhe as costas. E caminhar com firmeza até entrada da porta. -- Dio! Agora sim, entendo porque Domenico achou melhor deixá-la com você. Dio! E ela é linda! – exclamou, admirado. – Sabe, vamos ter problemas com ela. Como vai fazer? – perguntou, olhando para o irmão. -- Já pensou... Que terá problemas com suas namoradas. – indagou-o, curioso. -- Quando elas... A conhecerem -- parou o que falava, e fitou-a. Vendo-a parada junto á porta. Esperando-os. Fascinado. Podia ter uma língua ferina. Mas era a coisa mais linda que já vira! Madre mia! Ouviu a voz de irmão, chamando-o. -- O que disse?

-- Perguntei... Deixa para lá! – resmungou. -- Está escrito na sua cara. – zombou. -- Só não esqueça que é casado, Ricardo. E ela enteada de nosso irmão. – apontou não achando nada interessante o fascínio do irmão. -- E não estou ligando a mínima... Para suas sugestões, de tais namoradas! -- exclamou aparentemente irritado. – Primeiro. Que não, as tenho. – apontou, sério. -- Segundo. Sabe muito bem que não estou em nenhum envolvimento, no momento. – foi áspero. -- Quando Domenico me pediu ajuda. Achei melhor não estar envolvido com ninguém. -- explicou.

-- Mas, isso foi há três meses! – olhou-o, duvidoso. – Está me dizendo que realmente é verdade. Não tem saído com ninguém, ultimamente? – Ricardo, quis saber. Perplexo.

-- Sim, estou. E qual é o problema? -- disse impaciente.

-- Nenhum. – deu de ombros. -- Só que não é típico de você, sabe disso. – acusou, demonstrando que o conhecia bem. -- Nunca fica tanto tempo sem um rabo de saia... Ou, sem sexo. Adora sexo, Aleico! – olhou-o desconfiado. -- Sabe, estamos todos muito curiosos quanto a isso. Eu, particularmente acho muito estranho. – confessou. -- Mas nossa mãe, desconfia que esta querendo sossegar... Casar. Se é que me entende? -- zombou.

-- Pode ser. Quem sabe? -- respondeu brincalhão, deixando o irmão mais desconfiado ainda. – E realmente, adoro sexo... Mas posso lidar com isso por uns dias. Acredite. – expressou. Categórico.

-- Acredito. Com certeza! Mas, não devia brincar... Com certas coisas. Casamento é coisa seria. -- advertiu-o. -- E quanto eu ser casado. E ela ser, minha... Ou, melhor. Nossa futura sobrinha. Perdono... – disse referindo a Rhane. -- Não sou cego. E ela é bellíssima! E não lembro em hipótese alguma de Domenico, ter dito algo a esse respeito. – falou com estranheza na voz. -- A não ser sobre o problema que ela teve em Londres. Estava ciente disso, Aleico? Sabia quão bellíssima, ela era? -- perguntou serio.

-- Não, não estava. Também fiquei surpreso. -- respondeu, também serio.

-- Ah! Então, também ficou...

-- Sim... Agora, vamos entrar. -- cortou rapidamente, aquela conversa estava ficando perigosa.

-- Dio mio! Os garotos vão ficar malucos! -- Ricardo exclamou, rindo. – O que você sentiu quando a viu?

-- Qual o propósito desta pergunta, Ricardo? – foi cauteloso.

-- Qual é Aleico. – Ricardo, olhou-o com ar maroto. – Sempre gostou de uma mulher bonita. Aliás, nunca o vi com uma mulher que não fosse belíssima! Então, não venha com essa... Que não entendeu a minha pergunta. – intimou-o.

-- Cristo! Não acredito que está me fazendo uma pergunta dessa, Ricardo. – replicou. – Ela é enteada de Domenico! – exclamou zangado.

-- E daí. – falou, dando de ombros. – Tudo bem, que ela é totalmente diferente das mulheres... Com

quais você costuma sair. – expressou. – Mas, ela é a coisa mais linda que já vi na minha vida! – disse com fascínio. – Não acha que vai ser um pouco difícil... Conviver sobre o mesmo teto que ela. – disse, com ar preocupado. -- Sem não sentir-se, atraído?

-- Dio Santo! Não complica as coisas, Ricardo. Por favor? – pediu, constrangido. Sabia que seus irmãos o conheciam bem demais. Principalmente, Ricardo. Ia ser difícil esconder alguma coisa dele. Sempre foram muito íntimos, uns com os outros. Sentia os olhos do irmão, sobre ele. Analisando-o. Preocupado. -- Seu pensamento indecente ofende-me, Ricardo. – protestou chateado.

Ricardo fitou-o. Preocupado.

-- Não tinha a intenção de ofendê-lo, Aleico. – desculpou-se. – Só estou preocupado.

-- Não fique. Não há necessidade. – pediu.

-- Está bem, vamos entrar. – disse alegre. – Tem uma garota linda e impaciente, esperando por nós. – falou, apontando para a própria. Rindo.

-- É, parece que sim. – Aleico, concordou. Também rindo.

-- Bom, não posso retirar o que disse sobre os garotos. – Ricardo, falou sério.

Aleico olhou-o. Droga! Havia se esquecido de seus sobrinhos, Rafael e Lucca. Seu irmão Ricardo, estava certo quando os garotos conhecesse Rhane. Realmente iriam ficar malucos. Eram jovens. E com muita energia pra queimar. Hum! Não estava gostando nada daquilo. Droga! Pensou. Com raiva.

Rhane estava super tensa. Não esperava conhecer todos assim. Tão rapidamente. Domenico havia dito que teria pelo menos dois, ou três dias. Mas, por fim acabou que não teve aqueles dias. Culpa de Aleico que antecipou sua volta para casa. Mediante isso a mãe deles, resolveu adiantar as coisas. Suspirou. Ali, estava ela. Diante da porta esperando para ser apresentada ao seio do “Clã da Família Domenacci”. Maravilha! Meditava em silêncio... Precisava acalmar-se. Muita calma! Depois de ter sido avaliada por um dos irmãos. Percebeu que não deveria ter medo. Apesar, que ficou indignada com tanta análise de reconhecimento. Tudo bem! Ignore-o. Ser analisada provou ser bom. Pensou. Pois resultou em uma decisão repentina. Muito boa. Muito mesmo! Não iria temer nada... Nem ninguém. Enfrentaria todo mundo de queixo erguido. E pensassem eles, o que bem quisessem dela. Não estava nem aí! Era isso. Pensou, decidida. Voltou na direção deles. O que será que aqueles dois falavam tanto? Já estava cansada de esperar. Tinha ficado intrigada com uma coisa que Ricardo, havia dito. Sobre os garotos que queriam conhecê-la! Não se lembrava de Arela, ter-lhe dito nada sobre garotos ou jovens. O jeito que Ricardo expressara-se deu a entender que eram mais ou menos, da idade dela. E teve quase certeza disso. Notou que Aleico não gostou quando o irmão mencionou os sobrinhos.

Vendo-a impaciente. Cortou o assunto com irmão. E apressou em ir ao encontro dela. Também não estava a fim de conversar sobre Rhane. Ela era assunto particular dele. Só dele. E de mais ninguém. Não porque seu irmão percebera seu desejo, por ela. Que iria dizer suas reais intenções. Aproximando-se, dela. Tomou-lhe a mão.

-- Venha, vamos entrar.

Assim que entrou na casa, observou que o hall de entrada era muito alto e enorme. Várias portas ao longo do corredor, que aparentemente devia conduzir aos demais cômodos da casa. Ao centro do hall tinha uma escada que dava acesso ao andar de cima. Toda em granito italiano. Material muito usado nas mansões na Itália. Na casa de Aleico, apesar de menor. Mas, também muito imponente. O

granito estava praticamente em todos os lugares. Notou muito objetos de artes nas paredes. Moveis antigos, tipo Luis XV, faziam contraste com os modernos e contemporâneos. Deixando tudo muito rico. Maravilhoso, soberbo! Uau! Da onde estavam ouviam-se vozes de vários tons e altura. Entraram na primeira porta a direita. Ao verem-na, as vozes cessaram-se imediatamente.

De repente ouviu-se vários ‘ohs’. Que a deixou totalmente sem graça.

Aleico e Ricardo puseram-se a rir. Deixando-a, ainda mais constrangida. Ouviu o pedido de desculpa de Domenico, diante da atitude dos irmãos. Vindo ao seu encontro. Socorrendo-a.

-- Perdoe meus irmãos, cara mia. Acho que perderam a razão. -- falou sem jeito, chateado com os irmãos.

-- Claro. Claro. – concordou, procurando aparentar calma. Diante de tantos olhos curiosos e surpresos.

-- Oh, Raí. Perdoe-me. Foi falta de educação da minha parte e de Ricardo. Rirmos, assim.. – Aleico, falou educadamente. – Mas, há de entender que é a primeira vez na vida. Que vemos... Tanto silêncio. – apontou, rindo ao ver a careta que os sobrinhos fizeram. – Sabe, é um pouco... Um pouco nada! – corrigiu-se. -- Na verdade, é bastante. Isso sim! – afirmou. -- Conseguir um feito desses... Parabéns! -- brincou.

-- Oh! Eu não sei... Nem.. -- começou a falar. E parou logo em seguida. Constrangeu-se totalmente diante do assombro deles. Parecia que todos ali não tinham a menor ideia de como era sua pessoa. Bem, paciência. Eles não sabiam mesmo. A não ser é claro que Domenico tivesse mostrado a eles, alguma foto sua. Não se lembrava de nenhuma foto recente. As postagens na internet sobre ela, e o escândalo com professor. Foram retiradas em tempo recorde. Duvidava que eles tivessem tido acesso. Muitos dos seus amigos não o conseguiram. Diante da rapidez que fora tirada do ar.

Sua única lembrança era de um álbum que estava fazendo para dar de presente para sua avó paterna, como recordação. Mas, ao lembrar-se de seu pai e do acidente que tirou sua vida. Num acesso de fúria, típica de uma adolescente rebelde. Cortou todas as fotos em pedacinho. Desde então evitava fotos. Pouco de seus amigos tinham fotos dela. Salvo sua avó materna Meg. Que tinha algumas, muito bem guardadas. Voltou novamente sua atenção para as pessoas que se encontrava ali. As mulheres eram lindas! Desde as jovens. Até as de mais idade. As mulheres que aparentava serem as irmãs, de Aleico e Domenico. Eram parecidas umas, com a outra. Cabelos pretos, olhos também azuis. Pele clara. Altas e esbeltas. Muito bem vestidas. Com pouca maquiagem, poucas joias. Mas, com aparência de serem muito sofisticadas. Bellíssimas! Os homens que estavam ao lado. Delas. Deviam ser os maridos. Altos. Morenos. Cabelos pretos. Olhos escuros. Tão bonitos, como os irmãos Domenacci! As mulheres que a seu ver deviam ser as respectivas cunhadas. Também eram belíssimas. Notou o que estava todo vestido de branco. Guillermo Domenacci. O médico da família. Sua beleza igualava com os demais irmãos. Uau! A perfeição e a beleza. Parecia ter ficado num único lugar! Deus, todo poderoso! Tenha dó, vai! Clamou em pensamento. Suspirou. Fôlego recuperado. Continuemos a inspeção. Pensou. Voltando o olhar. Viu dois senhores e uma senhora. Esta era lindíssima. Cabelos negros e olhos azuis. Como os de Aleico. Os senhores eram muito parecidos. Olhos com os mesmos tons de azuis. Cabelos levemente grisalhos. Beleza inconfundível. Ver eles. Era ver os mais jovens no futuro. Nossa! Era demais! Continuando. Havia cinco jovens. Muito belos! Deviam regular idade, com ela. E mais quatro meninos. Entre seis e dez anos. E três meninas. Entre quatro e doze anos. Todos belíssimos. Aff!

-- Olha, acho melhor fazer uma apresentação coletiva... Para todos. – falou Domenico, quebrando o silêncio. – Bom. Depois cada um de vocês se apresenta. Individualmente. Isso é caso ninguém

importar? -- procurou saber. Ao ver que ninguém manifestou contra. Fez as apresentações. -- Bom, vamos lá! Quero que todos conheçam minha futura enteada, Rhane. E Rhane, esta é a sua futura família. – expôs gentilmente.

Rhane fez uma reverência perante todos. Educadamente. Sendo beijada na face por Domenico, perante todos. Logo após houve uma salva de palmas de toda a família. Dando-lhe as boas vindas como eram costumes dos italianos. Depois, foi cumprimentada e beijada por todos na face. Uns dos sobrinhos de Domenico, por ser o último. Beijou-a na boca. Embaraçada, diante da audácia do rapaz. Virou o rosto disfarçando. E deu de cara com Aleico. Que a olhava com os olhos faiscando de raiva. Sem saber o que fazer. Deu de ombros. Queria que ele entendesse que a culpa na fora dela. E nada significou. Viu-o suspirar com aparente alívio. Logo foi abordada por uma das crianças. Deu-lhe atenção. Sentiu-se um pouco aliviada. Quando a criança a deixou. Olhou na direção onde Aleico se encontrava. E não o viu. Estranho. Sentia-se sendo observada, pensou ser ele. Como não o viu. Quem estaria observando-a? Buscou no salão. E não o encontrou. Então teve sua atenção clamada por Dona Elisa. E uma de suas filhas. Simpatizou-se imediatamente com Dona Elisa. E com as irmãs e cunhadas de seu futuro padrasto. Meia hora de conversa. E simplesmente foi o suficiente para gostar de todos. Mesmo, Dom Geovane. O qual temia. Teve que mudar de opinião sobre ele. Antiquado e conservador. Demonstrando não gostar de ser desobedecido. Mostrou-se, ser muito culto e sensato. Gostava de conversar. E de ouvir. Aparentava ser um homem muito paciente. Algo raro nos dias de hoje. Era realista. Um tradicionalista. Inteligente. Respeitado e temido. Deixou claro para ela, que acima de qualquer coisa estava sua família. Via-se que a união familiar era de grande importância para ele. Pediu desculpas para ela, pelo ocorrido. Referente em não aceitá-la em sua casa. Ela aceitou, numa boa. Que culpa tinha ele! Pensou. Logo após o término do almoço todos se recolheram para a costumeira siesta. Rhane, ainda não estava acostumada com este pequeno descanso. Resolveu sentar um pouco na varanda para aproveitar um pouco da brisa fresca do começo da primavera. Pôs-se observar a bela paisagem a sua frente até onde suas vistas alcançavam. Era linda! As casas dos empregados eram todas iguais. Tinha os estábulos que parecia ser bem interessante. Da onde estava, via os cavalos. Logo percebeu que não estava sozinha. Temendo que fosse Rafael. Pôs a levantar-se para sair dali, quando ouviu a voz de Aleico. Suspirou aliviada. Não queria ficar sozinha de jeito nenhum com Rafael. O garoto era ousado. O que significava problemas. Com ‘P’ maiúsculo. Deus me livre!

-- Não precisa fugir de mim, Rhane. – falou, com um sorriso zombeteiro nos lábios.

-- Desculpe, não vi que era você. -- justificou sem jeito. Não queria que percebesse que estava evitando o sobrinho dele.

-- Pensou que fosse meu sobrinho? -- indagou.

-- Er..., eu... Sim, pensei. -- respondeu aliviada.

-- Sinto muito pelo comportamento de Rafael, Rhane. Creio que ficou impressionado com sua beleza. – defendeu-o. -- Aliás, não foi o único. Não é mesmo! Minha família achou que não foi justo da parte de Domenico ocultar o fato de você, ser tão bela! Bom, e ele defendeu-se do melhor jeito possível. – riu, ao lembrar-se da cara do irmão. -- Dizendo que não tinha culpa. Se na única fotografia que ele possuía de você... -- falou apontando para ela, rindo zombeteiro. -- Você estava tão diferente.

-- Está me dizendo que Domenico tem uma foto minha, é isso? -- quis saber, muito curiosa.

-- Sim.. Mas, pode ter certeza. É bem antiga. Falou algo sobre você evitar posar para fotos. Parece que as últimas recentes foram destruídas, creio. -- explicou olhando-a, compreensivo. – Nesta, tem

os cabelos vermelhos. E está vestindo roupas pretas... – apontou os dentes. -- Usava aparelho ortodôntico. Uma gracinha! -- caçoou dela, rindo.

-- Deus, que horror! Oh, como odiei esse dia. – reclamou. -- Eu tinha treze anos. Tirei esta foto no aniversário de minha avó Meg. – falou, sem graça. – Estava numa fase de não saber que tribo seguir. – ombreou. -- Cada semana era uma diferente. – balançou a cabeça, arrependida. -- Tia Karen e minha mãe. Ficavam malucas. Vovó dizia que deviam enviar-me, para um internato. Meus Deus! Não gosto de me lembrar dessa fase horrível da minha vida. -- expressou com angústia. Sentiu a respiração difícil. Eram tempos que não trazia boas lembranças. Lamentou. Procurou mudar de assunto. Ou cairia em prantos ali, na frente dele. Perguntou. -- Todos aqui cavalgam? Daqui dá para ver tantos cavalos nos estábulos ou haras... Não sei ao certo?

Vendo que a brusca mudança de assunto dela devia-se ao fato referente á foto, ou alguma lembrança dolorosa. Ele, simplesmente assentiu com a cabeça.

-- Sim, todos. Podemos ir lá. Quer?

-- Claro.

-- Sabe montar, Rhane?

-- Não. Na verdade, é a primeira vez que vou ver um cavalo de perto. É sério! -- retrucou, ao ver o olhar de duvidoso dele.

-- Está me dizendo que em Londres não tem cavalos? –perguntou brincalhão.

-- É lógico que tem. -- respondeu rindo. Ao ver que brincava com ela. -- Só que eu nunca cheguei perto de um. Entendeu? -- explicou.

-- Entendi. Então, não sabe cavalgar. – olhou-a alegre. -- Hum... Acho que vou ter que ensiná-la. O que acha?

-- Bom... Eu, não acho que seja uma boa ideia. E depois não vou ficar aqui muito tempo. Então, não há razão para aprender cavalgar. -- foi sincera.

-- Mas, caso fosse ficar mais tempo. É só uma suposição, Rhane. – explicou, ao ver o olhar indagador dela. -- Gostaria de aprender?

-- Gostaria que eu aprendesse. Aleico?

-- Sim, muito. Podemos cavalgar juntos. -- respondeu. Parando na entrada do estábulo, acariciou-lhe o rosto levemente com a costa da mão. -- Rhane, se eu pedisse para ficar comigo. Ficaria?

Sem saber o que responder, pois fora pega de surpresa com o pedido. E com ele acariciando-lhe a face. E os lábios com o dedo indicador. Umedecendo-o, em sua boca. Tornava tudo difícil. E como! Aquele gesto de carinho fez seu corpo em brasas. Arder em desejo. Seu coração batia descontroladamente. Faltou-lhe fôlego. Procurou recuperar a calma. Inspirou lentamente. Tentando relaxar.

-- Aleico... Eu, não sei... Por Deus, pare! -- disse segurando a mão dele. -- Por favor! -- pediu amável. Não queria pensasse que o estava rejeitando. Mas, ele parou. Ficou olhando-a, querendo uma explicação. -- Deus! Sabe tão bem quanto eu... Que não posso responder assim. Repentinamente! A gente se conheceu ontem.. – tentava explicar, com dificuldade. -- Depois tem tantas coisas, entre a gente. A sua família. A minha família! Eu mesma... Tenho tantos problemas! – exclamou com voz cansada. -- Que não seria justo da minha parte... Sabe, dizer pra você que não sinto nada... E que não quero ficar... E que não o desejo. Porque desejo, você... Ah, e como desejo! -

- confessou. -- Seria mentira tentar dizer o contrário. Mas, também seria mais fácil. Evitaria muita coisa. – avaliou. -- Já parou para pensar? A discórdia que vamos provocar no meio de toda a família? Pois, eu já! Tenho feito isso desde a hora que te conheci. Não tenho pensado em outra coisa. – deu suspiro, angustiada. – Mas, até agora não vi nenhuma solução plausível. -- declarou desconsolada. -- Se você encontrou um jeito de ficarmos juntos sem magoar ninguém, diga-me? -- perguntou esperançosa.

-- Rhane, antes de responder a sua última pergunta. Quero que saiba que desde que a conheci... Não faço outra coisa, senão pensar sobre nós. E sei que é complicado chegar diante das nossas famílias, e dizer que queremos ficar juntos. – disse, aborrecido. – Principalmente, por que quando isso acontecer... --pausou pensativo. -- Nós dois, teremos que estarmos bem fortalecidos a respeito do que sentimos um pelo outro. Porque realmente vamos causar uma boa confusão. – alertou. -- E até que eles entrem em acordo. E aceite. Vamos ter muito impedimento diante de nós. – dizia, serio. -- Vamos precisar estar bem unidos, e fortes. Entendeu? – vendo-a concordar. Puxou-a de encontro ao peito abraçando-a, com carinho. Depositou beijos no alto de sua cabeça. Sentiu o perfume dos cabelos dela. -- Adoro o cheiro de seu cabelo! – murmurou. Carinhoso. -- E não vejo outro jeito da gente ficarmos juntos, sem magoar ninguém. – esclareceu pesaroso. -- Há não ser, é claro. Fazer o que sugeri. É uma ideia meio maluca. Mas, pode dar certo. -- disse com aparente entusiasmo. Apertando-a nos braços. Delicadamente.

-- Bem, ultimamente maluquice... Tem sido o meu nome. -- falou brincalhona.

-- Hum... Parece bom! – clamou, sorrindo. -- Venha, quero mostrar estábulos. E os cavalos. – disse, tomando-a pelo braço. -- Vou contar-lhe um pouco da história da minha família. Tudo bem? – perguntou. Ao vê-la assentir em concordância. – Bom, nossa descendência vem de longa data, desde século VIII. Não tenho muito conhecimento deste tempo. – explicou. -- Mas meu avô e meu pai, tem toda a história de nossos antepassados. Registradas e bem guardadas. – informou-a. -- Se quiser saber algo mais. Tenho certeza que será um prazer para os dois, contar-lhes. Meu pai quando jovem, foi um jóquei. – revelou. -- Gostava de participar das competições de Hipismo, no hipódromo. Foi campeão mundial. Duas vezes. E até hoje tem muito envolvimento com tudo que se relaciona com cavalos. Por isso, temos uma criação de cavalos de raça. Administrada por ele e meu avô. – mencionou com orgulho. -- Quando os dois resolveram deixar os negócios da família para os mais jovens cuidarem. Passou dedicar-se a criação de cavalos de raça. Criamos cavalos para todo tipo de esportes. E os para simplesmente cavalgar. Aqui, temos um laboratório genético com profissionais altamente capacitados. Onde é selecionado. E armazenado. Todo o material genético das raças, mais raras. E caras do mundo. – informou. Prestativo. -- Aqui, no haras ficam alguns dos mais nobres garanhões... – apontou. Às várias separações. – Separados, como pode ver. Por estas baias. – dizia calmo. -- São rigorosamente cuidados por cavaleiros profissionais. E supervisionados por um veterinário competente. Isto, todos os dias do ano. -- explicou.

-- Meninos de sorte esses, não? – brincou. – Então quer dizer que seu pai e seu avô, dedicam-se a criação de cavalos de raça. Você e seus irmãos, dos negócios da família. E dá certo? Quero dizer... Seu pai, não se arrependeu nem um pouco de deixar os negócios. Ou sentiu-se, tipo... Coagido? – enrolou-se toda, procurando a palavra adequada. – Tipo. Quero dizer... Sei lá. Notou que os filhos viam os negócios com mais interesse... Maior competência! -- arriscou-se ao dizer o que pensava.

-- Não. Não acho que, ele ou meu avô. Se sentiram intimidados. – falou, achando interessante o ponto de vista dela. -- Para dizer a verdade, meu pai nunca gostou muito do mundo dos negócios, Rhane. E meu avô. E tio Rafael, era os únicos firmemente interessados. E os três, ainda fazem partem do ‘conselho de negocios’, do Grupo. – esclareceu. -- Meu pai tinha vinte uns anos. Quando

meu avô passou boa parte dos negócios, para ele. E tio Rafael administrar. Foi por isso que ao desistir de trabalhar nos negócios da família... Ficou furioso comigo. – não gostava das lembranças daquele dia. -- Na época, acusou-me de querer afrontá-lo. Desafiá-lo. Que desde pequeno gostava de desobedecê-lo. Que sempre procurava fazer ao contrário. Tudo o que me pedia. – murmurou aborrecido. Continuou. -- Que enquanto meus irmãos queria agradar-lhe. Eu fazia questão de aborrecê-lo. – falou um tanto ressentido.

-- E ele estava certo?

-- Sim. E não.

-- Não entendi?

-- Bom. Sim. Queria aborrecê-lo. – assentiu. – Arrependo-me, por isso! – declarou. Sincero. – Mas, não era só isso. Tinha necessidade. Precisava me encontrar.. – confessou nada feliz. -- Estava cansado de ser considerado entre meus amigos. Como o filhinho de papai, que não precisava trabalhar. Que não precisava ter um ideal. Ou criar. Ou gerar algo. Que não precisava estudar. Nem, ser inteligente... – suspirou resignado. – Eles, não viam necessidade nisso... Porque eu tinha tudo! – balançou a cabeça em desacordo. – Mas, desde pequeno tinha pensamentos totalmente diferentes. Queria ter a minha própria vida. Construída por mim mesmo. Entende? Mas, quando disse a eles, como pensava. Disseram-me, ”Está louco! O que quer provar? E para quem?”! Fiquei furioso! Resumindo. Parti no outro dia. E só voltei definitivamente. Há seis anos. – falou um tanto melancólico. -- Decidi ajudar meus irmãos nos negócios da família. Devido á recessão econômica que o país vinha enfrentando. Fazendo as fusões das companhias. – resumiu.

-- Nesse tempo que ficou fora. Nunca visitou sua família?

-- Claro. Vinha todo o ano vê-los, no natal. -- respondeu. -- Não fiquei com raiva... Não há como guardar rancor da família. Sempre os amei. Família é tudo. – revelou meigo. -- Mesmo, discordando de meu pai e meu avô. Nunca deixei de comunicar-me, com eles. – disse alegre.

-- Perguntavam como você estava?

-- Uma vez, minha mãe quis saber. Mas, achei melhor não contar nada. Estava começando a ter meu trabalho reconhecido. Não quis deixá-la preocupada... Sempre que podia. Pedia-me, para voltar. – contou.

-- Nunca teve vontade de largar tudo. E voltar?

-- Não, nunca. Sempre fui uma pessoa determinada, Rhane. Queria vencer por mim mesmo. Lutei muito por isso. Foquei no que queria. Só parei... Quando consegui. – sua voz soou tão determinada que a intimidou. -- Naquele tempo a construção civil estava em franca expansão nos Estados Unidos. Quando consegui uma quantia para construir a minha primeira obra. Nós, não paramos mais. -- expressou emocionado.

-- Nós?

-- Sim. Reencontrei Andrezzi na faculdade. A família dele morava em Merano. Éramos vizinhos. E amigos. Tínhamos 15 anos, quando se mudaram para Turim. -- ao ver que ela, havia entendido. Continuou. – Nós dois, juntamos nossas economias. Adquirimos nosso primeiro trabalho. Com tempo e com mais experiência. E um amplo conhecimento no meio dos negócios. Passei a investir em varias áreas. Outros ramos de atividades comerciais. E tudo deu certo. Graças a Deus! – exclamou orgulhoso.

-- E não parou mais. Não é mesmo. – brincou. -- Pretende continuar estar sempre á frente de todos

os negócios? – quis saber, curiosa. -- Quero dizer... – pausou, procurando expressar-se melhor. -- Não tem vontade de viajar menos. Ficar mais com a família? Curtir mais a vida, os pequenos momentos... Sei lá. Formar uma família? – então, antes que ele respondesse, ela bateu com a mão na cabeça, ao lembrar-se da conversa que eles tiveram um dia antes. -- Que cabeça a minha. Ontem mesmo, falamos sobre isso! -- vendo que ele olhava-a, sem entender. Explicou. -- Sobre... Casar... Formar uma família. Lembra?

E ele lembrou. Sorriu.

-- Oh! Sim claro. Quando me acusou que seria um marido infiel... Que minha futura esposa, iria ser uma mulher infeliz...

-- Não foi bem isso que eu disse! -- protestou interrompendo-o.

-- Ah, acho que foi isso sim, signorina! -- revidou.

--Tenho certeza que não foi bem assim. Você está invertendo, o que eu disse. -- insistiu. – Falei, que a mulher que o amasse. Iria ter certa insegurança. Por causa das tantas mulheres... Que teve. – acusou-o. -- Não disse que ela seria totalmente infeliz. Mas, sim. Que teria ciúmes de você, o tempo todo. Por que... Eu teria. E como teria! -- finalizou com raiva.

-- Nada que não pudemos resolver angello. -- disse com carinho.

Vendo-o entender errado o que dissera, procurou esclarecer o mal entendido.

-- Não estou falando de mim. Entendeu errado. Estou falando da mulher que se casar com você.

-- Mas, disse que teria ciúmes de mim o tempo todo. Foi isso que ouvi!

-- Eu só dei um exemplo. Ao referir como me sentiria. Caso o amasse. E fosse eu, sua mulher. Entendeu?

-- Entendi, muito bem. -- respondeu rindo.

-- Oh! Acho que não entendeu coisa alguma. Mas, deixa pra lá! Quero ver o restante dos cavalos. Você tem um cavalo? -- perguntou mudando de assunto.

-- Entendi sim, Rhane. E gostei muito do que entendi. – olhando-a, admirado. -- E sim, tenho um cavalo. – entrando no jogo dela. -- Adoro andar a cavalo. A villa de meus pais, é enorme. No alto das montanhas tem várias nascentes de água, que formam belo lagos transparentes. No verão são convidativos, ao um bom mergulho. Saber cavalgar é o jeito mais fácil para poder chegar lá. Preferencialmente, se estivermos sozinhos. -- falou baixinho em seu ouvido, insinuando segundas intenções nas palavras. E que ele, com certeza pretendiam executar.

Embaraçada com as insinuações maliciosas dele. Sentiu-se seu rosto corar. Fazendo-o rir ao vê-la toda corada. Deixando-a, totalmente envergonhada.

Voltou a tocar a face dela, novamente. Carinhoso.

-- Sabe. Temos muito que conhecer, um do outro. Confunde-me muito, piccolina. Vê-la corar assim, faz-me pensar que antes de por em prática qualquer ideia maluca... Sobre vivermos o que sentimos, um pelo outro. Temos realmente que conversar! -- explicou. -- Não quero. E acho que você também não vai querer, nem uma sombra de dúvida no nosso relacionamento. Estou certo?

-- Absoluta. -- concordou. -- Aliás, já tinha dito isso. Se não me engano! -- reclamou.

-- Sim, eu lembro... Rhane. Bom, aqui está! -- disse alegre ao chegarem á frente de uma baia. Onde se encontrava um cavalo todo negro. Uma estrela branca na testa. Ela nunca tinha visto um cavalo

tão lindo. -- Este é Kalipso. -- fez as apresentações. -- Um garanhão árabe puro... Uma linhagem de longa data. -- forneceu. -- E aí, garotão com saudades? -- perguntou saudoso, tocando o cavalo carinhosamente no focinho. Sendo retribuído na hora o gesto de carinho com uma boa assoprada. Sujando-o todo de saliva. -- Ei, calma lá, rapaz. Não precisa me sujar todo. -- disse repreendendo-o rindo. -- Prometo que não vou ficar tanto tempo fora. Tá legal! -- falou afagando-o -- Está bem, calma. Olha, quero que conheça uma linda garota. Vem cá. -- chamou-a. -- Não precisa ter medo, Rhane. Ele é dócil.

Receosa, aproximou-se devagarzinho do animal. Aleico tomou-lhe a mão puxando-a, para perto dele. E do cavalo. Elevou a mão dela para que tocasse a cabeça do animal. Guiou-a, para tocar-lhes as orelhas. A seguir a testa. E foi descendo até tocar-lhe o focinho. Vendo que o animal realmente era dócil. Pôs-se, sozinha acariciar a cabeça de Kalipso. Tocando-o de leve. Conversou baixinho com ele. Afagando-o.

Vendo-a acariciando seu cavalo, Aleico, sorriu feliz. Esconder o que sentiam um pelo outro de suas respectivas famílias... Era de uma insensatez hedionda. Algo que estava além de sua capacidade mental. Loucura mesmo! Na verdade não havia outro jeito. Dio! Jamais iria deixa-la partir sem saber o que era aquilo que eles, sentiam um pelo outro. E caso descobrissem ser somente um puro desejo físico sexual. Prazeres satisfeitos. Os dois evitariam intrigas entre suas famílias. Sem precisar revelar o envolvimento deles. É..., é isso! Pensou. Totalmente perturbado.

-- Aleico.

-- Aleico. -- Rhane tornou a chamar ao vê-lo, distraído. E aparentemente preocupado.

-- Desculpe... Não entendi o que perguntou. Eu estava... Pensando. Acabei me distraíndo. Perdono. O que perguntou?

-- Tudo bem. -- anuiu. -- Perguntei se Kalipso, é seu?

-- Sim, é. Gostou dele?

-- É lindo! E realmente é bem dócil... Oh, acho que também gostou de mim! -- exclamou. Feliz. Ao dar as costas para Kalipso para conversar com Aleico. Este apoiou a cabeça em seu ombro. Todo folgado.

-- É, acho que tem todos os machos aos seus pés. -- reclamou, com aparente ciúme.

-- Oh! Não está com ciúme do seu cavalo comigo. Está, Aleico? -- quis saber achando muito interessante. Sorrindo.

-- Sabe que não estou falando só do meu cavalo, não é mesmo? -- reclinou-a. Arrependendo logo a seguir. Ao ver o sorriso dela, morrer nos lábios. -- Droga! Perdono... Não devia ter dito isso, Rhane. Mas, me entenda? -- pediu. -- Isso tudo é novo para mim. Nunca me senti, assim. Dio Santo! Estou sentindo ciúmes do meu cavalo! -- resmungou aflito. -- Apesar de ele estar sendo um belo folgado. E você, dando-lhe corda. -- censurou-a.

-- Aleico. -- replicou zangada.

-- Estou brincando, angello. -- riu.

-- Ele não tem culpa. Ele é lindo! Olha, não liga pra ele. Está bem. -- falou para o cavalo. Afagando-o com carinho. -- É, que ele... Sabe... Hum... Deve estar com o orgulho um pouco ferido. -- caçoou. -- Logo passa. E ele vem levá-lo para um passeio. Ok. Ótimo! Até logo, bonitão. -- despediu-se do animal. -- Acho que devemos deixar para ver o restante outro dia. -- falou olhando as horas no

relógio em seu pulso. – Já é meio tarde. Logo, mais a noite... Temos o jantar com o restante da família. -- resmungou desanimada.

-- É. Havia me esquecido. – concordou ele. -- E então. Gostou dele? -- quis saber dela. Também acariciando a cabeça do garanhão.

-- Sim. Por quê?

-- Então, o darei para você. – disse repentinamente. -- Ele é muito dócil. Um bom cavalo. Fácil para você, aprender a cavalgar..

-- Sinto muito. Mas não posso aceitar. Aleico. – recusou. -- O cavalo é seu. E depois nem sei cavalgar. E definitivamente. Não quero um cavalo. O que vou fazer com um cavalo? Logo, vou embora! Três meses, passa rápido. – avaliou. – Não há motivos para eu ter um cavalo... E ele, parece adorar você. – observou. -- E o mesmo acontece com você. Estou errada?

-- Não, não está. Mas isso não vem ao caso agora. Ele também gosta de você. – insistiu. -- E eu confio nele, para você aprender a cavalgar, Rhane. – firmou. -- E quando resolvermos isso que sentimos um pelo outro. Não ouse pensar que vai escapar de mim... Assim, tão fácil! – exclamou. -- Porque, piccolina. Não vou deixar! -- foi categórico. Beijando-a nos lábios, levemente. Pegando-a pela mão. Disse. -- Vamos.

Rhane firmou-se no lugar. Fazendo-o, estacar. E olhar-lhe com ar interrogativo.

-- Aleico não sei o que será de nós... Apesar, que é muito insensato. Loucura seria o correto. Mas, enfim concordo que devemos descobrir o que é isso que sentimos, um pelo outro. Do melhor jeito possível... – murmurou, sentindo-se insegura. – Só não quero que pense que isso lhe dá o direito de mandar em mim. Não sou sua propriedade! E que isto fique bem claro, entre nós. Mas,... -- cortou-o, ao vê-lo querer dizer algo. – Mas enquanto estivermos juntos. Não vou aceitar em hipótese alguma que você, nem em sonho pense em outra. Que não seja eu! -- finalizou exigente.

Notando a sinceridade nas palavras dela. Sorriu. Viver aquela paixão... O desejo que consumia seu corpo, e sua alma. Era tudo o que queria naquele momento. Decidiu. Finito. Abraçou-a com alegria. Elevando-a ao alto. Rodopiou-a. Deu-lhe um beijo na boca rapidamente. Colocando-a de novo no chão. Olhou-a com paixão. Declarou honesto.

-- Serei sempre fiel, piccola mia! -- afirmou. – Caso, tenha esquecido. Disse-lhe isso ontem. Lembra?

-- Não, não me esqueci! -- confirmou. – Mas, o que me disse... É que seria fiel a mulher que amasse. O que não é o nosso caso. Não é verdade? -- quis saber.

-- Não, exatamente! – replicou. -- Acho que está esquecendo que me acusou de não ser fiel, a nenhuma mulher. – reclamou. -- E eu, lhe disse... Que nunca jurei fidelidade a mulher alguma em minha vida. E eu fui fiel! -- esclareceu-lhe. – Então, acha mesmo que não vou ser único para você. Ah, vou ser! E você será única para mim. Só para mim! -- confidenciou. Acariciando-lhe a face com carinho.

Deixando-a surpresa diante de tal declaração de fidelidade. Aliás, queria ter certeza se havia entendido corretamente.

-- Então, não preciso me preocupar. É isso?

Puxando-a novamente de encontro ao seu peito. Abraçou-a apertado. E meio desajeitado. Confessou carinhosamente.

-- Sei que pode soar meio estranho para você, amore! Mas... Tens-me, em suas mãos. Sou todo seu! -- reclamou, com ar de derrotado. Sincero.

Rindo diante da cara de derrota que ele fez. Aconchegou-se a ele sentindo o calor do corpo dele, junto ao seu. Ele apertou-a em seus braços. Há muito tempo não se sentia assim. Protegida. Desejada. Feliz. Pensou. Suspirou.

-- Isso é um suspiro feliz? -- Aleico quis saber.

-- Sim. Isso é um suspiro feliz. -- Ela respondeu.

-- Terá muitos suspiros felizes, tesoro. Prometo! -- afirmou, beijando-lhe os lábios com paixão. -- Mas, agora acho que devemos ir para casa. Antes, que passamos dos limites aqui mesmo. E alguém acaba por nos ver. -- recriminou-se. -- E temos um jantar para comparecermos. -- comentou. -- E você precisa descansar um pouco. Pois a noite, é longa!

-- Acha mesmo que não será somente um jantar em família? -- quis saber, insegura.

-- Com Dona Elisa, nada é simples. Pode apostar! -- falou resolutivo. -- Mas, não precisa ficar preocupada, cara mia. São todos excelentes. Tenho certeza que vão gostar de você. E você, deles. -- acalmou-a.

-- Deus seja louvado! -- foi irônica.

-- Engraçadinha. -- brincou.

De volta na sede. Todos, se encontrava fazendo a siesta. Aleico achou por bem deixar recado com um dos empregados. Avisando sua mãe que já tinham ido embora. Iriam descansar em sua própria casa. Facilitando evitar atrasos na volta deles, á noite.

Chegando á casa de dele. Rhane pediu licença. E subiu para seu quarto. Precisava de um banho. E descansar um pouco. Ao sair do banho. Vestiu um robe de cetim preto. Deitou de costas na cama. Os braços cruzados atrás da cabeça como apoio. Olhando fixamente para o teto. Pensou. Dando um suspiro desanimado. Á noite teria uma nova apresentação. E perante um número bem maior do “Clã dos Domenacci”. E isso francamente começava a deixá-la preocupada! Ainda mais agora que optaram por descobrir se era realmente somente atração física... Ou, algo mais que isso que sentiam um pelo outro. Principalmente porque nem ela, e nem Aleico. Pretendiam magoar ou confrontar, suas respectivas famílias. E ocultar o mútuo sentimento por enquanto. Era a melhor saída. Irresponsável, na verdade. Mas, menos arriscado. Pelos menos para seu coração! Pensou. Caso a relação deles... Tornasse-se efetivamente pública. O que ela achava ser impossível. Preocupava-a seriamente. Sobre como seria a reação da família deles! Pensativa, não escutou bater na porta. Assustando-se com a entrada repentina de Aleico.

-- Deus! Que susto! -- falou, sentando na cama rapidamente. Ao vê-lo abrir a porta. Colocando a cabeça no vão.

-- Perdono, eu bati. Mas, creio que não ouviu. Posso entrar? -- quis saber. Ao vê-la olhar-lhe entre preocupada, e pensativa.

-- Sim, claro. Entre. -- concordou. Tentando disfarçar.

Ele entrou e sentou-se ao seu lado na cama. Deitando logo em seguida na mesma posição em que ela havia estado. Rhane apoiou as costas na cabeceira da cama. Permanecendo sentada, com as pernas estendidas e cruzadas.

-- Rhane...

-- Aleico...

Falaram ao mesmo tempo.

Ele fez sinal para que ela, falasse primeiro.

-- Têm certeza que não quer ser o primeiro?

-- Sim, tenho. Sei que está preocupada com alguma coisa. Tanto, é... Que nem ouviu quando bati na porta. Não é mesmo?

-- Sim, é. – concordou. -- Eu estava aqui pensando em nós. Na minha tia... Em Domenico. E minha mãe. Na sua família. E em tudo isso que vem acontecendo. – pausou. -- Na minha vida, lá em Londres. Nas pessoas que conheço. Nos meus estudos. E no meu trabalho. E em tudo que deixei para trás. – deu um suspiro cansado. -- Nossa, meu Deus! Sabe, minha vida virou uma grande confusão... Em menos de um ano! E ao que parece... Tende a crescer ainda mais! -- expressou. -- Por que agora também têm a sua família. E também, você! – concluiu. Olhando para ele, começou acariciar-lhe o rosto com a mão. Carinhosamente.

Aleico segurou-lhe a mão. Elevou-a, até os lábios. Beijou-lhe a palma docemente. Puxando-a gentilmente para seus braços.

-- Hum... Fica bem melhor aqui, não acha?

-- H-hum... É bem quentinho. – murmurou, aninhando-se junto dele.

Fazendo-o rir, calorosamente.

-- Dio Mio! Só isso? Quentinho! -- reclamou.

-- Oh! Não acho que seja uma boa ideia dizer realmente... Hum.. O que penso. – revelou toda constrangida. Escondeu o rosto no peito dele, ruborizada.

Aleico afastou-se um pouco dela. Pegando-a pelo o queixo. Ficou a fitar-lhe o rosto. Deixando-a totalmente, ruborizada.

-- Sabe. Gosto quando fica assim.. Toda corada! -- e riu. Ao vê-la virar o rosto toda embaraçada. -- Não consigo entender.. Porque fica tão embaraçada quando digo o quanto te desejo, Rhane? – quis saber, ele. Analisando-lhe o semblante, calmamente. O que a deixou ainda mais embaraçada. -- Sabe, penso que... Ou, melhor. – parou de repente. -- Tinha quantos anos quando dormiu com um homem pela primeira vez? -- indagou-a, rudemente.

Sentir-se sendo analisada por ele, calmamente. Tudo bem! Pensou. Mas ser indagada com uma pergunta tão íntima. Com tanta frieza... Já era demais! Quem ele pensava que era! Como poderia ter experiência. Se nunca teve relações sexuais. Droga! Droga! Tinha se esquecido do seu caso com o professor de Londres. O motivo que a tinha levado para Itália. Argh! Ele devia estar pensando que o professor, não era o seu primeiro caso. Jesus! Por isso tinha lhe feito aquela pergunta indecente. Tão friamente. Rude. Devia estar pensando que ela, era uma bela sem vergonha. Ah! Mas, ele iria ficar muito surpreso! Bom, também poderia não acreditar nela como fez, Domenico. Pensou, aborrecida. Mas para ele poderia dar-lhe a prova.

-- Para de ficar me olhando assim. Todo acusador! -- pediu.

-- Não estou acusando você de nada. – defendeu-se. -- Só fiz uma pergunta, Rhane. – replicou.

-- E eu vou responder todas as perguntas que quiser fazer, Aleico. -- disse. -- Mas, primeiro quero que saiba, que... Como posso dizer. -- soltou-se dele. Levantou-se da cama, indo ficar junto à janela.

Encostou-se ao batente da porta-janela. E ficou olhando o entardecer que chegava, tingindo o céu de um tom meio alaranjado. Era começo da primavera. Adorava a primavera. Cruzou os braços para proteger-se do ar meio frio das tardes de primavera. Continuou. -- Como já sabe o motivo de eu estar aqui. Então, vou direto ao ponto... Que a meu ver é o mais importante. E que será também, para você. -- pausou. -- Deve lembrar-se, que ontem ao chegar. Encontrou-me conversando com Arela. Certo? -- perguntou, virando-se para ele. Ainda encontrava-se deitado na cama, no mesmo lugar. Vendo-o concordar. Silenciosamente. Perguntou, repentinamente.

-- Quando Domenico, falou com você. Viu a gravação?

-- Não, não vi.

-- Por quê?

-- Por que acreditei nele. -- respondeu. -- E depois nem sabia que Domenico possuía uma gravação! -- exclamou horrorizado. -- Dio! Acha que ele viu a gravação? -- indagou-a. Aborrecido. -- Não, acho que não. Tenho certeza que ele não faria isso! -- concluiu, sentando-se na cama.

-- Olha, sinto muito. Se isto o aborrece. Mas, não tinha nada de tão horrível naquela gravação. Se é que entende?

-- Tipo?

-- Tipo, tipo, horas... Não estou nua. Se é isto que quer saber? -- respondeu chateada com a insistência dele.

-- Acho que preciso ver esta gravação. -- zombou.

-- Oh! Não importa que não acredite em mim, está bem! -- replicou. -- Pois, para você... -- falou apontando o dedo para, ele. Furiosa. -- Eu posso provar que estou falando a verdade. Diferente de Domenico. E daqueles bandos de idiotas! -- bufou.

-- Do que está falando, Rhane? O quer dizer? Comigo pode provar? Provar o quê?

-- Estou falando que sou virgem! E... Nem, pense em rir. Estou falando serio! --magoada, ao ver o ar de riso dele. Provocou. -- Pode tirar a prova, caso queira. Mas, se não quiser. Não têm problema! -- ousou. -- Tem Felipe, Rafael. E como chama mesmo? O seu primo... Lúcio! -- falou, instalando os dedos ao lembrar. -- Daena, me disse. Que este tal Lúcio. Estava louco para me conhecer. -- dando de ombros. -- Também disse, que vou gostar de conhecê-lo. Que ele é lindo! -- exultou. -- É... Foi isso mesmo que falou! -- e foi mais, além. -- Então qualquer um deles poderá lhe dar o resultado...

-- Cale-se! E Dio Santo! Não me provoque... Nunca... Mas, nunca mesmo! Entendeu. Rhane? -- explodiu furioso. Segurando-a pelos braços com força. Prensando-a, junto ao batente da porta-janela.

Assustada com a reação dele diante da sua inocente provocação. Demorou sentir que suas costas latejavam. E também seus braços. Sentindo dor, e os nervos a flor da pele. Protestou.

-- Está me machucando, Aleico. Solte-me. Por favor! -- pediu, sentindo que iria irromper-se em lágrimas.

-- Oh! Rhane, perdono. -- falou soltando-a rapidamente. Ao perceber que a machucava. -- Não queria machucá-la. Sinto muito? -- pediu, puxando-a junto ao peito, abraçando-a. -- Juro, piccola mia! Não queria machucar você. Dio! Nunca perdi a cabeça, assim. -- lamentou, angustiado.

-- Tudo bem! A culpa foi minha. -- disse, num lamento. -- Provoquei você. Desculpe? -- murmurou,

tentando conter as lágrimas.

-- Ei, não chore. Está bem. – pediu, com carinho. -- Isso não vai acontecer mais. Prometo!

-- Não vou chorar.. -- mal terminou o que dizia. E irrompeu-se, em lágrimas.

Aleico abraçou-a com carinho. Sentia que o choro amargurado dela não tinha nada a ver com a reação violenta dele. Aliás, nunca fora um homem violento. E reagir daquele jeito com Rhane. Foi á gota d'água. Mas, Dio! Por que inferno... Ela tinha que falar aquilo. Caso ele não a quisesse. Sairia com outro. Oh, inferno! Ele a queria! E como! Mesmo sabendo do caso dela, com tal professor. Imagina agora. Sabendo ser o primeiro homem da vida dela. Iria ter o maior prazer de sua vida em torná-la, sua mulher. Só dele! Riu ao pensar que sempre deu preferências para mulheres altas, e curvilíneas. E ali estava embasbacado por pedacinho de gente. Uma bonequinha, delicada e linda. Foi que ouviu sua mãe dizer ao seu pai. E viu-o concordar. Engraçado. Aliás, ver toda a sua família encantado com sua beleza. Era incrível! E tê-la em seus braços era realmente maravilhoso.

-- Sente-se melhor! -- tocou-lhe o rosto com a mão, acariciando levemente. Retirou um lenço do bolso. Secou-lhe o rosto molhado de lágrimas, com carinho.

Rhane levantou a cabeça. E olhou-o. Sentindo-se bem melhor com o carinho dele. Respondeu num murmúrio. Um 'sim' baixinho.

-- Posso? -- Aleico pediu. Vendo que ela, não tinha entendido. Tomou-a nos braços erguendo-a em seu colo. E sentou-se assim, na cama. -- Sabe, Matteo, meu sobrinho pesa bem mais que você. -- brincou. Fazendo-a sorrir. O que o alegrou. -- Sei que não está em condições de continuarmos com a nossa conversa. Mas... Quero que saiba que acredito em você. – disse, beijando-a na face. --- Foi por isso que me indagou ontem. Sobre virgindade, não é? – quis saber, vendo-a concordar. – Deixou-me super intrigado... Sabia? – falou, arqueando uma sobrancelha. -- E amore mio... Per Dio! Jamais. Jamais, mesmo. Diga algo assim novamente! – pediu, com certo desespero em sua voz. -- Dio! Nunca senti tanto ciúmes em toda a minha vida. – murmurou um tanto embaraçado, e preocupado.

-- Nunca? Por nada? – quis saber, com voz chorosa.

-- Por outras coisas. Não me lembro. Mas, por uma mulher. Nunca. – afirmou. -- É a primeira mulher que me faz provar o gosto amargo do ciúme. – revelou. -- Sabe, nunca imaginei ser assim, tão ruim. – lamentou.

-- É, é horrível mesmo. – concordou. -- Lembra quando falei que era ciumenta?

-- Sim, lembro.

-- Não estava brincando.

-- Não.

-- Não.

-- E, isso... É ruim. -- caçoou.

-- Está caçoando de mim, Aleico. – repreendeu-o. – Falo sério. Sabia.

-- Eu sei.

-- Então, vai me ninar? -- perguntou, aninhada no colo dele.

-- Quer?

-- Não... Quero que me beije. -- pediu, tocando-o nos lábios. Com a ponta do dedo indicador.

Contornando-o lentamente.

Sentindo o sangue ferver em suas veias. A respiração pesada. Tomou-lhe os dedos e os beijou, um a um. Em seguida apossou-se da boca dela com carinho. Deslizando a língua contornou aqueles lábios que o deixou tentado o dia todo. Deliciando-se com textura dos lábios carnudos. Prazerosamente. Entreabrindo-lhe a boca tomou-lhe a língua sugando-a, em êxtase. Precisava saciar com urgência aquele desejo louco que sentia por ela.

-- Rhane, eu a quero...

-- Eu... Também, quero você.

Com as mãos acariciava as costas dela. Voltando a tomar-lhe a boca. Guloso. Passou a tocar os seios dela. Apertando-os com as mãos por cima do robe. Beliscando os bicos dos seios. Deixando-os intumescidos. Não resistindo, abriu-lhe o robe. E segurou-lhe os seios com as mãos. Apertando-os. Delicadamente. Tão firmes, e macios. Sentia o corpo dela em puro êxtase de prazer. Aleico tomou os seios com a boca. Deliciado. Sugava-os levemente. E mordiscava-os. Sentia seu corpo em chamas, e num desejo frenético que o consumia... Inteiramente. Dio Santo! Jamais imaginou ser surpreendido assim. Nunca em sua vida sentiu algo tão forte. Um desejo que dominava sua alma. Assustador! Mas, delicioso.

Rhane jamais sonhou que seria assim.. Tão bom! Quando Joane, sua amiga falava como era bom o ato sexual. Achava que a amiga exagerava um pouco. Mas, agora com seu corpo em chamas. Um desejo avassalador que deixava seu corpo em estado de puro enlevo. Dominado pela luxúria do prazer! Queria mais. Muito mais! Não queria que Aleico, parasse. Nunca. Nunca. Queria que a amasse, assim.. Para sempre. Sentir a boca dele, possuir a sua. Era delicioso. Sentir a boca dele em seu corpo. Provando-o. Era de uma loucura sem igual. O toque de suas mãos em seu corpo. E da sua boca em seus seios, era alucinante. Impossível não gemer de puro prazer e desejo. E queria mais. Muito mais. Queria ser possuída. Senti-lo dentro dela. Ser dele. Deus! Nunca em sua vida teve pensamentos tão obscenos. Pensou. Envergonhada.

Depositou-a na cama com carinho. Beijando-a voraz. Sentia uma ânsia que tomava todo o seu ser. E precisava saciá-lo. Quando a beijou pela primeira vez. O gosto da boca dela... Impregnou-se, dentro dele. Consumindo-o. Impedindo-o de dormir a noite. Fazendo-o pensar a todo o momento em seu doce sabor. Martirizando-o. Mas, agora provaria o sabor de cada pedacinho daquele corpo delicioso. Sem reservas ou impedimentos. Sentiria o calor do seu sexo. Entraria dentro dela. Ah! Iria amá-la devagarzinho. Tirou-lhe o robe. Ficou a contemplar-lhe o corpo. Embevecido. Pequenina. Perfeita e linda! Beijou-a levemente nos lábios. Desceu depositando beijos ao longo do pescoço. Chegando aos seios. Lambeu um, depois o outro. Bem devagar. Contornou o bico com a língua mordiscando-o. Depois os sugou com volúpia. Indo de um ao outro, até vê-los inchados. Deixando-a em chamas. Ávida. E cada vez mais ousado. Explorava-lhe todo o corpo com suas mãos. Acariciou o abdômen liso e firme. As nádegas arredondadas. As coxas roliças, firmes. Tocou-lhe os pelos pubianos entre as pernas, com mãos totalmente levianas. Fazendo-a gemer em êxtase. Deixando-o muito excitado. Seu sangue fervia. Seu membro latejava ardente. Sentia seu corpo dominado por um desejo alucinante. Algo que nunca sentiu antes. Dio! Gemeu. Chocado. Algo novo para ele! Ao tocar-lhe o sexo, sentiu-a úmida. Muito quente. Pronta, para recebê-lo. Mas queria antes vê-la chegar ao êxtase. Depois, iria possuí-la. Penetrou lentamente um dos dedos dentro dela. Sentiu-a retrair o corpo. Levemente assustada. Parou. Esperou-a acostumar-se com a invasão de seu dedo. Então o aprofundou. Lentamente. E continuou penetrando-o. Devagar. Controlado. Movendo-o para dentro, e para fora. Fazendo-a explodir em delírios de prazer. Deixando-a ainda mais, latejante. Toda

molhada. Juntou outro dedo, ao primeiro. Começou a movê-los com um pouco de rapidez. Movendo-os dentro e fora. Sentiu-a entrar em êxtase.

-- Aleico... -- gemeu.

-- Calma, amore... Quero fazê-la gozar mais. Quero que sinta como é delicioso.

Voltou a beijar-lhe a boca. Todo ávido. Impossível controlar o desejo que o tomava. Queria-a demais. Seu corpo todo queimava.

Rhane enlaçou-o pelo pescoço. Sentia um calor queimar-lhe todo o corpo. Queria-o. Desejava-o, com ardor. Um desejo louco que não sabia explicar. Suas entranhas corroíam-se em fogo.

Sentindo-a excitadíssima. Passou a explorar-lhe o corpo com os lábios. Beijou-lhe a boca. Depois os seios. Pegou a mão dela e levou-a junto ao seu membro. Queria-a sentindo sua excitação. Ao tocá-lo gemeu baixinho. Tocava-o delicadamente. Entre extasiada, e assustada. Demonstrando sua aparente inexperiência. Insegura. Toda trêmula. Mesmo assim. Ele amou.

Estacaram-se na hora mediante o som estridente do telefone que tocava sem parar. Aleico sentiu-a retesar o corpo. Toda tensa. Assustada sentou na cama rapidamente. Olhou para ele. Totalmente envergonhada. O que fez ele praguejar.

-- Droga! Não precisamos atender. Rhane. -- falou, segurando-a. Ao vê-la querer se levantar. Mas, a droga do telefone persistia.

-- Acho melhor atender. --falou muito embaraçada. Trêmula. Fechar o robe tornou-se uma grande batalha. Mal conseguia segurar o laço para fazer o nó. Sentia seu sangue ferver em seu corpo. E a sua libido a mil. -- Droga! -- resmungou. Desistindo de atar o nó. Juntou as partes do robe segurando-as. Cobrindo seu corpo. Rubra de vergonha. Meu Deus! Onde estava com a cabeça. Não era tão desmiolada, assim. Era?

-- Ei, ei, olhe para mim? – falou, tocando-lhe o queixo com a mão. Fazendo-a olhar para ele. -- Não precisa sentir vergonha do que aconteceu... Oh, piccola mia... Até quando acha que iríamos resistir? – tranquilizou-a. -- Eu posso assegurar-lhe... Estou no meu limite! – desabafou passando as mãos pelo cabelo nervoso. -- Quero você tanto, quanto você me quer. E se não fosse essa droga de telefone. Estaríamos nos amando agora... Não, frustrados assim! -- reclamou, mostrando a situação que se encontrava. Excitado.

-- Oh! – exclamou. Totalmente envergonhada.

-- Oh! Digo eu, não. -- imitou-a, abriu a boca para dizer mais alguma coisa. E o telefone voltou a tocar novamente.

-- É melhor atender. -- insistiu, ela. Ao ver que ele relutava em atender.

Com um suspiro resignado. Diante da insistência dela para que atendesse o maldito telefone. Acabou por atender. Sentou na cama puxou-a para seu colo. Mantendo-a presa pela cintura junto dele.

-- Alô.

-- Aleico... Porque demorou tanto para atender? Estou á meia hora...

-- Perdono, mamma. Mas, estava ocupado. -- respondeu em italiano.

Capítulo 4

Ao perceber que falava em italiano. Rhane tentou desvencilhar-se. Mas, ele impediu-a. Sem outra

alternativa. Pediu baixinho. Gentilmente.

-- Solte-me. – ele, olhou-a. E fez um gesto negativo com a cabeça. Mas, ela insistiu. -- Por favor? -- forçando o braço que a prendia.

Diante da atitude estranha dela. Soltou-a, a contragosto.

Rhane levantou e saiu rapidamente para a sacada. Encostou-se a um dos pilares. E ficou a contemplar o começo da noite que chegava. Dali podia ver as luzes acesas das casas dos empregados da villa. E logo a sua frente, via o lago. Com a lua refletida nele. Deixando-o num prateado lindíssimo. Era magnífico! Fechou o robe e cruzou os braços para proteger-se do ar frio. Ao longe via um relampejar que cortava os céus com promessa de chuva. Afinal, era primavera e a natureza precisava de chuva para restabelecer-se para a próxima estação. O verão. Ah, adorava o verão! Com o brilho do sol. Tudo parecia ganhar vida. Gostava do agito que a época do verão provocava. Como devia ser o verão ali em Merano? Pena não estar ali para ver! Queria conhecer todas as estações dali, junto com Aleico. Como seria viver com ele tanto tempo? Será que teria muito ciúmes? Ou quanto tempo iria agradá-lo... 3, 4 meses? Perguntou-se. Sabia por intermédio da mídia que os casos dele eram curtos. Não passavam de dois ou três meses. Teria ela forças para suportar... Quando tudo acabasse? Já tinha perdido tanto! Iria suportar mais uma perda. Oh! Deus! O que iria fazer? Não queria desistir. Desejava estar com ele. Mas, já sofria ao pensar que logo tudo acabaria. Bom, era melhor não martirizar-se antes da hora. Pensou. Suspirou. Desconsolada.

-- Com frio? – perguntou, ele. Prostrando-se atrás dela. Abraçou-a pela cintura puxando-a junto ao seu corpo. Protegendo-a. -- Ficou melhor?

-- Muito.

-- O que está pensando? -- quis saber. Aconchegando-a apertada junto ao seu corpo.

-- De como deve ser o verão, aqui. -- revelou sincera.

-- Tem certeza que é só isso? – indagou-a. -- Quando cheguei parecia triste, Rhane? Como que temesse algo. Do que tem medo? -- insistiu.

-- Eu...

-- Não está com medo de mim, está? Espero não ter assustado você. Sei que devia ter tido um pouco mais de paciência. Dio mio! Fui um estúpido. Não é mesmo? -- disse, aborrecido.

-- Não, não... Não estou com medo de você! -- replicou. -- E não foi estúpido em nenhum momento. Juro. -- afirmou, ao vê-lo olhar-lhe. Desacreditado. -- É serio! Estávamos conversando. E de repente á conversa tomou outro rumo. Acabei tendo uma crise de choro. E a gente quase acabou...

-- Fazendo amor. -- terminou por ela. Ao vê-la com dificuldade em encontrar a palavra certa.

-- É. Se não fosse pelo telefone... – assentiu um pouco envergonhada. -- Não estaríamos aqui, nesse exato momento. – concluiu sem jeito. – Olhando, o céu... A lua. Que por sinal está lindíssima. Não acha? -- gracejou.

Fazendo-o rir.

-- Sabe. Ainda bem que consegue achar graça nisso tudo! Porque, eu... -- reclamou. -- Nunca odiei tanto um telefone em toda a minha vida, como hoje! -- esbravejou. – Mas, o que realmente quero saber. – disse, voltando no assunto. -- É o que está preocupando, você? Já que disse que não ficou assustada com a minha falta de... Como posso dizer... Compostura?

-- Acho que foi melhor, assim! -- expressou com desalento. -- E não estou preocupada com nada. Estava só pensando em tudo que deixei em Londres. – mentiu.

-- E isso a entristece tanto assim?

-- Deixei minha vida toda, lá. Como poderia não ficar triste! Meus amigos, meu trabalho. Não posso simplesmente ignorar tudo. Foi lá que nasci. Onde praticamente vivi toda a minha vida... Até agora. Acha que num piscar de olhos posso esquecer tudo. E fingir que nada aconteceu. Não, não posso. – declarou triste. -- Tudo... Tudo realmente aconteceu. E isso sempre irá fazer parte da minha vida. Eu posso estar aqui... Mas, é lá... Que está a minha vida. E é para lá... Que eu vou voltar. Assim que for possível.

-- E nós? -- perguntou.

--Teremos todo o tempo em que estiver aqui para ficarmos juntos. – falou. -- Por isso acho que é bom mesmo que fique só entre nós. – disse segura. – Assim, quando acabar... Não teremos magoado ninguém.

-- Só a nós mesmo, não é? -- falou demonstrando aborrecimento.

-- Olha, acha que não pensei nisso. – falou na defensiva. -- Pois fique sabendo que pensei... E muito.

-- Então, vai concordar comigo? – indagou-a, exigente. -- Que antes de tomarmos qualquer decisão a este respeito. Vamos conversar. – Ao vê-la concordar, continuou. -- Eu sinceramente queria muito que ficasse...

-- Não posso decidir isso agora. -- desconversou.

-- Pelo menos por um ano, Rhane? – pediu. Temeroso.

-- Aleico... Mal sabemos como vamos estar daqui a três meses. – disse insegura. -- Não vejo necessidade de prometer que vou ficar aqui... Um ano. – discordou.

-- Seis meses, então? -- insistiu. Angustiado.

-- Meu Deus! -- exclamou, rindo. -- Como é insistente, não! -- replicou. --Está bem! Seis meses, então. -- concordou.

-- Ótimo! Prometo... – sorriu largo. -- Não vai se arrepender. Eu não vou deixar! -- afirmou. Feliz.

Quando ameaçou abraçá-la. Rhane colocou as mãos no peito dele. Impedindo-o.

-- Mas...

Aleico estacou. Desconfiado.

-- Mas, o quê? -- perguntou.

-- Mas... Com uma condição. -- impôs, ela.

-- Que condição, Rhane? – perguntou mais desconfiado ainda.

-- Sei que concordou sobre o meu trabalho. Mas, também quero continuar com as apresentações das maquetes. E isso significa que vou ter que viajar algumas vezes. -- explicou.

Viu que não gostou quando mencionou as apresentações e as viagens. E não entendeu, o por quê. Mas, preferiu esperar para ver o que ele iria dizer. Ou esclarecer.

-- Olha... Rhane. -- começou aparentemente apreensivo. -- Concordo plenamente que deve voltar a trabalhar. Nunca serei contra. Pois sei que ama seu trabalho. É ótima profissional. Aliás, a melhor

que já conheci. – elogiou-a.

-- Obrigado. – agradeceu-o. A demora dele em responder. Deixou-a ansiosa. Nervosa.

-- Mas, quanto às viagens... Não sei Rhane. – dizia, encontrando dificuldade de expressar. -- Ainda não falei com minha família. Nem com os demais executivos e acionistas da Corporação... Sobre, delegar mais cargos. Promover. E treinar novos profissionais para dirigir os negócios...

-- Mas, o que isso tem a ver com o meu trabalho, Aleico? -- cortou-o. Não entendia aonde ele queria chegar.

-- Tem tudo a ver, Rhane. – procurou se explicar. -- Não posso simplesmente deixar a empresa para lhe acompanhar.. – achando as palavras certas. Dizia. -- Sem ter um pessoal de confiança, a frente dos negócios...

-- Mas não é preciso me acompanhar, Aleico. – informou tranquila. --Andrezzi ou Felipe...

-- Não mesmo! -- interrompeu-a, alterado.

-- Qual é o problema. Sempre foi assim?

-- Mas, não será mais. -- frisou. -- Lembro-me muito bem.. O que disse sobre Felipe. – foi categórico. -- E eu não sabia até ontem.. Que você é a garota que ele quer. Sinto muito, cara mia. Mas, sem mim. Você, não viaja com Felipe. Não mesmo! -- foi franco.

--- Meu Deus! Acha que não sei lidar com ele. Trabalhamos há quase três anos juntos. E soube me defender, muito bem. – reclamou, zangada com a desconfiança dele.

-- Ele... Gosta de virgens. -- disse a contragosto.

-- E você pensa que não sei disso. – riu da cara de espanto dele. -- Mas, acontece que sei! Felipe deixou isso bem claro... Assim que nós nos conhecemos. -- explicou calmamente. -- Mas, infelizmente deixei claro que não seria ele, o meu primeiro homem. E não precisa me olhar, assim. – ao ver o olhar desconfiado dele. – Elenão gostou nem um pouco de ouvir isso. Mas fui honesta com ele. E não pretendo ser virgem.. Quando me encontrar com ele, novamente. A não ser é claro, que você... Tenha mudado de ideia. -- conclui desafiadoramente.

-- Não, não mudei. -- respondeu matreiro. -- Aliás, essa era a minha intenção antes da minha mãe ligar. O que me faz lembrar que vamos chegar atrasados neste jantar. Se continuarmos sem saber.. Se nós, nos amamos. Ou discutimos nossas diferenças?

-- Era... Sua mãe, ao telefone?

-- Sim, era.

-- Vai me ensinar mesmo sua língua, Aleico? -- tornou a perguntar.

-- Quer mesmo aprender falar minha língua, Rhane? – quis saber. Sorrindo.

-- Sim, muito.

-- Então, vou ensiná-la. Vou gostar de ouvi-la gemer para mim, em italiano. Quando fizermos amor. -- disse malicioso. Deixando-a toda ruborizada.

Vendo-a com as faces vermelha. Riu alegre e descontraído. Deixando-a ainda mais, embaraçada. Abraçou-a. E beijou-a gostoso. Dizendo.

-- É melhor prepararmos-nos. Ou realmente vamos nos atrasar. Espero você, lá embaixo. Hum.. Deixe-me ver. – falou, olhando o relógio em seu pulso. -- Dentro de uma hora. Está bom, para você?

-- Está ótimo.

-- Então, vou para meu quarto me trocar. – disse, dirigindo-se para a porta. Mas, parou. E voltou-se, para ela. -- Rhane...

-- Sim. -- respondeu, vendo-o meio indeciso.

-- Quero que durma comigo em meu quarto... Ou melhor. Vou pedir para Arela, levar suas coisas para lá. -- decidiu.

-- Não acha que ela vai estranhar? -- quis saber, cautelosa.

-- Não me importo. – respondeu, dando de ombros.

-- Pensei que ficaria só entre nós. Mudou de ideia?

-- Não, não mudei. -- afirmou. – Mas, pretendo dizer para Arela. Irá notar. Tenho certeza. Ela é de confiança. Não precisamos nos preocupar. E depois quero deitar e levantar com você do meu lado. Sem ter que preocupar em ter que estar indo e vindo do meu quarto, para o seu. -- alegou.

-- Mas, e os outros. Os demais empregados? -- perguntou receosa.

-- Arela irá resolver isso. Não se preocupe!

-- Bom, se está dizendo. Vou acreditar.

-- Então, está resolvido. Vamos dividir o mesmo quarto, e a mesma cama. -- chegou mais perto dela. Pegou-a no colo, suspendendo-a. -- Têm preferência de lado na cama, piccolina?

-- Não, não tenho.

-- Hum.. Que bom. Também não tenho. -- beijou-a levemente. -- Rhane.

-- Hum.

-- Olhe, para mim?

Ela levantou a cabeça e olhou-o. Ele depositou-a, no chão. Cuidadosamente. Mas, continuou com ela nos braços.

-- Sim, estou olhando.

-- Quero que saiba de uma coisa! -- falou sério.

-- O quê?

-- Nunca... Trouxe uma mulher para dormir aqui. Você é a primeira! -- revelou.

-- Hum.. Então terei muitas inimigas. – brincou. -- Quanta honra! Fico lisonjeada com tanto apreço. -- agradeceu exultante, beijando-o com paixão. Uma paixão que foi retribuída por ele.

-- Oh, tesoro! Se continuarmos... Vamos ficar por aqui mesmo! – clamou. Louco de desejo. -- Eu a quero tanto. Que acho impossível aguentar o fim deste jantar, em paz. -- resmungou desanimado.

-- Nem eu. -- fez coro. -- Mas, é melhor você ir para seu quarto... Agora. -- ela expulsou-o. Gentilmente.

-- Vou, mas... -- frisou bem. -- Não vai poder me expulsar a partir de amanhã. – avisou-a.

-- E eu, não vou querer te expulsar. -- afirmou, ela. -- Tenho outras coisas melhor na mente... Que pretendo fazer com você! – incitou-o. Toda maliciosa.

-- É mesmo?

-- É.

-- Então, a partir desta noite... Terei o imenso prazer em cobrar por isso... Signorina! – piscou.

-- E eu... Terei o imenso prazer em pagar por tudo... Signor!

Em dúvida sobre que vestido colocar. Acabou por optar-se pelo que havia escolhido sua tia Karen. O vestido de cetim azul marinho. Num corte simples, que descia reto na altura do joelho. Tomara que caia. Com recortes no busto. Qual dava sustentação aos seios. Deixando-os sexy. Posicionou o vestido na frente do corpo. Olhou-se no espelho. É. Sua tia tinha razão. Estava resolvido. Iria com ele. Colocou-o. Calçou um scarpin salto agulha, prata. Maquiou-se levemente. Perfumou. Escovou bem os cabelos. Optou por deixá-los soltos. Com os cabelos soltos, resolveu não por brincos. Usava no pescoço um cordão de ouro branco. Com um pingente em forma de coração. Presente de seu pai. Usava-o sempre. Tinha-o como amuleto da sorte. Elevou-o aos lábios. Beijando-o. Com voz baixa, pediu.

-- Deseje-me sorte, papai!

Desceu as escadas. Viu-o esperando por ela. Ele estava encostado no portal da janela olhando para a noite. As mãos nos bolsos da calça. Pensativo. Trajando um smoking preto. Que aos seus olhos parecia especialmente tallado, para ele. Uau! Estava... Belíssimo! O corpo atlético. Super definido. Nossa! Deixou-a deslumbrada com a visão... Tão maravilhosa.

-- Demorei? -- falou para chamar-lhe a atenção. Totalmente impactada.

Virou-se lentamente em sua direção. Olhando-a examinadoramente. O que para ela, pareceu uma eternidade. Detestava ser examinada. Pior ainda daquele jeito. E por ele... Entre, gostou. E não gostou. Era horrível. Pensou.

-- Estou aprovada? -- ironizou.

Aleico sorriu diante do seu tom irônico. Achou-a deslumbrante. A cor do vestido caiu perfeitamente com sua pele branca. E os cabelos negros como ébano.

-- Bellíssima! – elogiou-a. Dizendo em seguida. -- Não precisava ser tão irônica, cara mia. -- reprimiu-a. – Só estava... Admirando-a. E não fazendo um julgamento. -- respondeu eufórico. Tomou-lhes as mãos, beijou-as. Amavelmente.

-- Têm um jeito muito estranho de demonstrar admiração. -- questionou constrangida. -- Deu-me a impressão... Que não havia gostado.

-- Perdono, Rhane. Não era minha intenção constrangê-la. Muito pelo contrário... Eu... -- murmurou desconcertado. – Está Mui bella, cara mia! Já estou cheio de ciúmes. Só de pensar nesse jantar... -- lastimou. -- Com todos, olhando-a. Admirando-a. – suspirou. -- Não é nada bom. Dio Santo!

-- Bom, me avisaram que os homens italianos. São sedutores. Galanteadores. Charmosos. – pausou.

-- Hum... Sabe, vai ser muito interessante! -- provocou.

-- Nossa! – resmungou nada satisfeito. -- Ajudou bastante, obrigado!

-- De nada! -- riu. -- Mas, você também está... Uau! Bellíssimo. Lindo mesmo! Deixou-me... Aff.. Sem fôlego! -- sua voz soou, ousada.

-- Fico feliz que te agradei. – agradeceu, sem jeito. -- Mas, confesso. Fiquei fascinado quando a vi! – disse, sem esconder o seu desejo por ela.

-- Hum... Que bom! Então, irá me proteger de todos eles. Não é mesmo? -- fez graça.

-- Posso... Ao menos, tentar. – prometeu, ao notar sua graciosidade para amenizar o clima.

-- Viu. Já entrou no clima! E está... Maravilhoso! – falou, olhando-o. Admirando-o. -- Não sabia que era traje a rigor. Espero estar á altura do meu acompanhante! -- reclamou.

-- E está. -- falou. -- Só falta uma coisa. Espere aqui. Volto já. -- pediu.

-- Tudo bem... Não tenho para onde ir mesmo. -- comentou humorada.

Fazendo-o rir, descontraído.

Rhane ficou olhando-o ir rapidamente em direção do escritório. O que será que estava faltando? O que quis dizer com isso? Perguntou-se. Curiosa. Mas, logo o viu voltando. Nas mãos levava uma caixa de veludo preta. Parou a sua frente. Educadamente, pediu.

-- Posso? – falou, abrindo a pequena caixa de veludo. Nela encontrava-se um par de brincos em forma de gotas. Adornados com minúsculas safiras. Junto, um cordão. Todo em ouro branco. Completava o conjunto.

-- Nossa! -- exclamou, pasmada. -- São lindos! Mas, eu... Acho que não devo usar. -- recusou educada. – Comprou para alguém... Em especial? -- quis saber cautelosa.

Aleico balançou a cabeça negativamente.

-- Não. Essas joias pertenceram á bisavó paterna do meu tio-avô Theodoro. – dizia, enquanto colocava-lhes os brincos. -- E faz parte de um documento. Onde foi registrado que suas joias não poderiam ser vendidas. – sentiu-o, retirar-lhe o cordão. Presente de seu pai. E colocando o outro. -- E sim, passada. De geração, a geração. Junto com á villa, para aquele que há herdasse. E isso vem sendo executado, há muitas gerações. – notificou-a. -- Quando herdei a villa. Herdei-as, juntamente. – terminado. Entregou-a seu cordão.

-- Nossa! -- exclamou perplexa. Colocando o cordão no aparador do hall. – Mas, e as filhas de seu Tio-avô? O que acharam disso? -- perguntou, achando estranho. -- São as herdeiras diretas. Certo?

-- Sim, exatamente. – afirmou. -- E não. Porque não foram as herdeiras da villa! -- disse lentamente. – Mas, herdaram todas as joias que pertenceu a minha Tia-avó. -- concluiu.

-- Claro. Claro. – concordou. -- Esqueci-me, que as joias faz parte da villa. Mas, não questionaram?

-- Não questionamos essas coisas, Rhane. Isso não é algo que pode ser questionado. O ‘Clã familiar’ foi criado há muitas gerações. Dificilmente, será quebrado... E nossa família. Respeita muito isso. -- definiu coerente.

-- Então, ninguém nunca questionou algo assim. Nem você?

-- Nem... Eu. -- declarou.

-- Então, foi por isso que seu pai não me aceitou na casa dele?

-- Não, não foi por isso. Meu pai, não aceitou você na casa dele. Porque acreditou... Aliás, todos acreditaram no que aconteceu com você em Londres. -- ponderou. – Acho que se preocupou com os netos. Pensou que você... Seria, má influência para eles. – esclareceu, dando de ombros.

Ela desatou a rir, diante da revelação.

-- Perdão! – pediu, sem jeito. -- Não devia ter rido... Afinal, o único que sabe da verdade dos fatos. É você, e Jamie... Talvez, Filipe. -- assegurou.

-- Jamie... É o professor?

-- Sim, é.

-- Hum.. Devo me preocupar com ele? – inquiriu-a.

-- Não, claro que não. Ele é casado. Tem dois filhos. Ama a esposa. E os filhos. É um excelente professor. – elogiou-o. – Só teve o azar de estar no lugar errado, na hora errada. E foi vítima de uma mulher fútil, amarga. Sem escrúpulos. – disse com voz indignada. -- Mas, acho que devemos preocupar em irmos... Para o jantar. -- falou mudando de assunto.

-- É, vamos acabar chegando atrasados. – falou, com tranquilidade. -- Venha junto ao espelho. Deixe-me vê-la. Vire-se. – falou, referindo-se as joias.

Rhane virou-se de costas para ele. Olhando-se no grande espelho sobre o aparador do hall de entrada a sua frente.

-- Suas primas vão estar no jantar? – perguntou, admirando-se. Sentindo-o atrás de suas costas. -- É... Lindo! -- falou extasiada.

-- Sim, elas estarão. -- respondeu. -- Ficou maravilhosa! – expressiu encantado. Ergueu-lhe os cabelos dos ombros. E beijou-lhe a nuca com carinho. Causando nela um arrepio prazeroso por todo o corpo. Fazendo-a gemer.

-- Oh, que delicia! -- murmurou trêmula.

-- Dio mio! É melhor irmos! – falou, sentia dificuldade em atenuar o seu desejo por ela. – Antes, que minha mãe mande alguém atrás de nós... – murmurou rouco. – Depois, não quero voltar tão tarde para casa! – expressou. Sentia-se aflito. E vulnerável diante dela. Suspirou. Estava perdido!

-- Nem eu. -- concordou. -- Mas, Aleico... Acha que suas primas, ou sua família pode estranhar.. Ao me verem com estas joias? – quis saber. Apreensiva.

-- Não me importo com isso, Rhane. – disse. – Então, não se preocupe. Certo?

-- Tudo bem. – concordou.

Enquanto encaminhavam-se para a garagem na lateral direita da casa. Ainda não havia terminado seu tour pela casa. E aquele lado da casa, era-lhe desconhecido. Ao chegarem à suposta garagem. Ficou boquiaberta com o que viu. Tinha cinco carros luxuosos. E duas motos. Ela olhou-o, embasbacada.

-- Uau... Nossa! -- exultou. -- Posso escolher? – pediu, no auge da euforia.

-- O que você quiser. -- assegurou.

-- Posso... Posso mesmo? – procurou certificar-se. Eufórica.

-- Absoluta. -- afirmou. Rindo de sua euforia.

-- Nossa! – murmurou, em dúvida sobre qual escolher. – Usa todos eles? -- perguntou repentinamente.

-- Sempre que estou em casa. -- respondeu. Desconcertado.

-- Ah! Isto é muito pouco. Não é? -- criticou. – Visto que viaja toda semana. – vendo-lhe o olhar indagador. Explicou. -- Foi o que Domenico, me disse... Quando lhe perguntei se não viria atrapalhar sua vida de solteiro. Então... Este daqui! – apontou a Ferrari preta ônix.

-- Excelente escolha! – assentiu. -- Ainda não tive tempo de estreia-la. – disse, entusiasmado. Abriu a porta para ela. Após, ela sentar. Ajudou-a com cinto de segurança. Logo deu a volta sentou-se ao volante. Dando a partida. Deixou o motor aquecer. Antes de sair, e iniciar a viagem.

-- Está tirando onda comigo, não é? Só porque, eu disse... Não! Na verdade eu critiquei...

-- E estava certa, Rhane. -- interrompeu-a. -- Quando disse que não tenho tempo para usar todos... Os meus carros. – explicou, sentindo-se desconfortável. -- E não estava tirando onda como você. – citou. -- Realmente, ainda não o usei. É a primeira vez. E olha, já deve fazer.. Uns quinze dias que chegou.

-- Está brincando! – exclamou, sem acreditar.

-- Não estou não.

-- Nossa! Como sou tola! -- repreendeu a si mesmo.

-- Porque, diz isso?

-- Por quê? Você ainda pergunta, por quê... Tá na cara! – troçou. -- Que não é a sua primeira Ferrari, não é mesmo? Olha outras, ali. – apontou na garagem. -- Deve estar me achando uma tremenda idiota! -- resmungou chateada.

-- Não, não acho. O bem da verdade achei interessante. Você, não é uma garota... Como posso dizer..

-- Mimada. Vaidosa. Fútil. Ostensiva! Como poderia ser! – reclamou. -- Não tenho tempo para isso. E não sou bilionária, vezes 100!

-- Não era isso que eu iria dizer.. Mas, serve. --- concordou. -- E depois pode não ser bilionária. Tão pouco, é tão pobre. -- contestou. -- E não. Não é a minha primeira Ferrari. Satisfeita? E quem disse... Que sou bilionário, vezes 100?

-- Muito! -- respondeu. – A revista Forbes. Estão entre os 20 homens mais ricos do planeta. – informou.

-- Essa é boa. – reclamou, fazendo uma careta. Ela riu. -- Sabe dirigir?

-- Sim, sei dirigir.

-- Ótimo!

-- Bom. Voltemos ao assunto anterior. -- disse. -- O que levou você achar que não sou vaidosa? É por causa de não estar usando joias?

-- Digamos, que sim. -- respondeu ele.

-- Porque, caso seja isso. Quero deixar claro que está enganado. Sou, digamos bem vaidosa. Gosto de me vestir na moda. Adoro perfumes importados. Amo viajar. Ainda vou comprar minha Ferrari. Uma maranello amarela... Humm.. Deixa-me ver. -- fez graça. E ele, olhou-a curioso. -- Não me lembro de nada agora, mas... Ah, também gosto de joias! -- exclamou rindo. -- Mas o que realmente me faz evitar, usá-las. É a preguiça de ficar combinando-as... A cada troca de roupa. Argh! – resmungou, mordendo o lábio inferior. Um tanto sem jeito.

-- Sabe, é a primeira vez que ouço uma mulher falar assim. – disse incrédulo. -- Geralmente, as mulheres com quem saio... Querem ter várias joia. Só para terem o prazer de ficarem em dúvida sobre qual usar. – disse, mais que para si mesmo. -- Então... Gosta de joias. Mas, tem preguiça de usá-las! – exclamou, achando estranho.

-- É. É estranho mesmo. Mas, é a pura verdade! Acho muito tedioso ter que ficar ali na frente do espelho. Escolhendo qual vai combinar... Fico com tédio antes mesmo de começar. -- desdenhou.

-- Então, vamos fazer o seguinte de agora em diante? -- propôs.

-- O quê? -- quis saber curiosa.

-- Você escolhe a roupa. E eu, as joias. Combinado? -- perguntou.

-- Está falando, serio? -- quis saber. Achando aquela conversa estranha. Engraçada.

-- Estou. -- respondeu firme. Ao ver que ela não o levou a serio.

-- Bom, está combinado. Mas, caso queira escolher as roupas... Não ligo nem um pouco! -- declarou preguiçosa. Olhando-o, divertida.

-- Ah, tá! O que mais a madame vai querer que faça? -- perguntou zombeteiro.

-- Ah! Bem, agora não me lembro... Ah, sim. Não me compare com as suas mulheres! Não sou como elas! -- reclamou azeda.

-- Dio Santo! Jamais faria uma coisa desta! -- defendeu-se.

-- Acho que passamos da entrada da villa. -- falou rapidamente indicando com o dedo polegar. -- Ouviu o que eu disse, Aleico?

-- Sim, signorina, ouvi. Mas, não vamos entrar por esta entrada. Vamos entrar por outra. -- explicou paciente.

-- Oh, não sabia que havia outra! -- disse surpresa.

-- Sim, têm. É... -- ele parou a Ferrari, diante de um portão com o mesmo desenho do outro. Só que maior. Este estava todo aberto. E com seguranças a postos. Os quais conferiam os convites de todos os convidados. Tinha três carros na frente deles. E todos, eram parados. Quando chegou a vez deles. Aleico abaixou o vidro da Ferrari para cumprimentar o segurança.

-- Buonanotte, signor Aleico. -- o segurança falou com voz forte, em italiano.

-- Buonanotte, Tony. -- respondeu educadamente em italiano. -- Como está a família?

-- Muito bem, signor Aleico. -- respondeu alegre.

-- Fico feliz. -- falando em inglês, disse ao segurança que prestava atenção. -- Tony quero que conheça a enteada de Domenico. -- disse. -- Tony, esta é Rhane. Rhane este é Tony. -- apresentou-os.

Rhane olhou-o. Semicerrando os olhos. Estranho. Muito, estranho. Voltou o olhar para o segurança que se encontrava abaixado na altura do vidro do carro. Examinando-a. Analiticamente, tranquilo.

-- Muito prazer, Tony! -- cumprimentou-o em inglês. Acenando-lhe a mão.

-- O prazer é meu, senhorita. -- disse ele, em um inglês perfeito. Despedindo logo em seguida. -- Tenham uma boa noite! -- desejou, afastando-se do carro.

-- Obrigado. -- Aleico agradeceu, tocando o carro em frente. Entrou na villa. Logo a frente parou o carro fora do caminho de acesso para não impedir a passagem dos outros carros que chegavam.

-- O quer saber? -- perguntou repentinamente, olhando-a, com ar debochado.

-- Oras, por que o deboche? -- reclamou. -- Não gostei do jeito que ele olhou para mim... Falar inglês, perfeitamente... Tudo bem! -- resmungou. Irritada. Impedindo-o. -- Sei que vai me dizer que

todos os seus funcionários falam inglês. Ok. Mas os que conheci. Não olharam para mim como um guarda-costa particular. Não sou burra. Tá bom! – reclamou.

-- Cara mia, vamos deixar claro uma coisa aqui... – pausou. Inspirou. Calmamente. – Vai morar comigo. Portanto, é minha responsabilidade. Não sou uma pessoa comum. Sou dono de uma Corporação Internacional. E como você mesmo expôs... Minutos atrás. Estou entre os homens mais ricos do planeta. Compreende? – ela respondeu com um bufo, indignado. Ele ignorou. Continuou. -- Acha que vivo sem segurança? Não, claro que não! Minha família, meus negócios. Tudo é protegido, 24 horas por dia. – informou. – Tony, é o meu chefe de segurança. Responsável por tudo. E por todos. E isso não vai mudar. Nunca. – avisou. – Terá um segurança particular, junto com você. Queira ou não... Não me interrompa? – pediu exasperado. Ao vê-la abrir a boca, e balbuciar algo inaudível aos seus ouvidos. Fechando uma carranca para ele. – Xingar. Não vai ajudar. Isso não é negociável. – foi taxativo. Fitando-a nos olhos. Sério. – Fui claro?

-- Muito! – desdenhou. – Agora, vamos deixar esse assunto chato de lado... – falou, dando o assuntou por encerrado. – Porque tem outra entrada para a villa?

Aleico sorriu, e balançou a cabeça. Nada surpreso. Domenico o avisou. Ela preferia fugir bruscamente de situações complicadas, ou do qual discordava. Do que enfrentá-las. Riu. Definitivamente. Teriam que conversar sobre isso! Decidiu.

-- O que foi? Disse algo engraçado? – fingindo, inocência.

-- Não. – respondeu. Evitando falar o que pensava. Algo para resolver-se em outra hora. Pensou. -- Bem, como disse. Temos duas entradas. Você já conhece a da sede da villa. E esta agora. Veja. – apontou, pedindo sua atenção ao indicar três vias de acesso. Todas com placas de sinalização. Continuou. -- A entrada da villa é particular. Somente para a família e amigos. E esta... – explicou. -- São destinados para o Haras. Os vinhedos e a vinícola. Também para o salão de festas. Onde são feitas todas as comemorações e confraternizações em família. Ou, juntamente com os funcionários. Meus Bisavós, acharam melhor evitar o entra e sai de pessoas. E todo o aparato de equipamentos... Com o convívio do lar. – explicou. Orgulhoso.

Ouvindo-o falar chegou á conclusão que estava realmente certo. Caso permitissem na mesma entrada o movimento dos trabalhadores. Com certeza a villa, perderia a sua familiar tranquilidade.

-- É. E eles, tinham razão... A villa perderia a privacidade. E o seu aconchego familiar. -- concordou.

-- Fico feliz em ouvir isso. Achei que fosse discordar! -- exclamou feliz.

-- Oras, só estava pensando como eles... Por isso demorei em responder! -- explicou.

Ao chegarem ao salão de festas. Ficou pasma com tantos carros estacionados. Olhou-o, nervosa.

-- Pensei... Que fosse um simples jantar... – gaguejou. Sentiu os nervos a flor da pele. -- Meu Deus! -- protestou. Nervosa. -- Isso não é simplesmente um jantar! Sabia disso?

-- Não. Mas, tinha minhas desconfianças. -- replicou. -- Dona Elisa, nunca faz nada simples. -- respondeu calmo.

-- É. Estou vendo! Impossível acreditar! É tudo parente? – quis saber. Esticou a conversa procurando se acalmar.

-- A família é bem grande. Mas, nem todos são parentes... – ponderou. -- Mamma deve ter convidado alguns amigos. – deduziu. -- Só... Acho que devia ter avisado primeiro. -- reclamou chateado.

-- Tudo bem! Agora não importa. O difícil é entrar. Depois, é fácil... – disse, com aparente firmeza. --

- Bom, assim espero! – exclamou. Dando um suspiro. Coragem garota! Você consegue! Pensou.

-- Ei... Nada de ficar nervosa. Certo. – pediu. Tomando-lhe o rosto entre as mãos. Olhou-a nos olhos. Prometeu. – Confie em mim? Não a deixarei sozinha. Ok?

-- Conto com isso! – agradeceu enternecida.

Vendo uma aparente calma surgir no rosto, dela. Ele desceu da Ferrari. Deu a volta para lhe abrir a porta.

-- Venha, vamos entrar. – disse, pegando-a pela mão.

-- Puxa, nem ouvi quando saiu! – comentou, espantada com a rapidez dele.

-- E no que estava pensando? -- brincou.

-- Estava pensando o quanto todos aqui sabem a meu respeito. – murmurou. Triste.

-- Além, da minha família... Ninguém sabe de nada. – informou. – Depois, não é verdade. -- disse brando.

-- Eu sei. É bom irmos, não é? Acho que somos os últimos a chegar. – disse. Saindo do carro pegou na mão dele. Ao tocá-lo foi envolvida por uma leve tranquilidade. Aquiesceu-se. Feliz.

-- Sim. Vamos. -- tomando-lhe a mão, conduziu-a ao hall de entrada do salão. Eles entraram. Juntos. De braços dados, como um casal.

Foram recebidos por Dona Elisa, e Dom Geovane.

-- Porque demoraram tanto? Já não tínhamos mais desculpas para dar. – repreendeu-os. Severa.

Aleico olhou-os. Respeitável. Com um silencioso pedido de desculpa. Seu pai deu de ombros. Deixando claro. Que por ele. Estava tudo bem.

-- Perdono, pelo atraso. – pediu, educado. – Está Mui bella, mamma! -- elogiou-a. Beijando sua mão. Todo galante.

-- Oh! Tudo bem, caro mio! – exclamou exultante. -- Está perdoado... – declarou, e beijou-o na face. Fez o mesmo com Rhane. – Venha, cara... -- chamou-a.

Rhane olhou para Aleico, antes de segui-la. Pediu.

-- Vem com a gente?

-- Importa-se, papa? – procurou saber. Educadamente.

-- Não, caro. – assentiu. Gentilmente. -- É bom que lhe faça companhia... Aliás, isso é obrigação de Domenico. – expos. Criticamente. – Mas, faz tempo que não vejo seu irmão. – falou. -- Bom, vá com sua mãe... – ordenou. -- Vou ver se encontro Domenico. – olhando a sua volta, aparentemente preocupado.

Sentindo-se mais calma segurou na mão de Aleico. E seguiram a mãe dele pelo salão.

-- Cara, vai conhecer toda a nossa família... Mas, não se preocupe em guardar o nome de todos. – observou, num tom calmo. -- São muitos. Com o tempo pode ter certeza... Não se esquecerá de nenhum! – disse, rindo alegremente.

-- Espero que sim! – respondeu. Olhando a sua volta. Duvidando.

Ouviu mãe e filho. Rirem baixinho.

-- O que foi? – quis saber. Toda desconfiada.

-- Oh, cara mia... Não se preocupe. Boa parte são amigos. -- confidenciou baixinho. – Alguns tiveram que serem convidados..., para evitar falatórios. Se é que me entende? – sarcástica.

-- Mamma! -- Aleico ralhou.

-- Mas, é a pura verdade! – resmungou, dando de ombros.

-- Sabe, gostei dela. Ela... É notável! -- comentou Rhane, humorada.

-- Sim, ela é! – concordou ele. – Acho que também gostou de você. -- reconheceu.

-- E tendo a aprovação dela. É bom para mim.. Ou melhor. Para nós? – perguntou baixinho. Cautelosa. Consciente não só das pessoas em volta deles. Mas, também da anfitriã que ia adiante deles.

-- Os dois. – respondeu ele, no mesmo tom. -- Minha mãe é mais compreensiva que meu pai. Espero poder contar com ela... Quando for preciso. -- completou confiante.

-- Sinceramente, gostei dela... Acha mesmo que gostou de mim, Aleico?

-- Com certeza... Mas, não se preocupe. Hoje, vai ser impossível contar com sua atenção. – observou. -- Mas, durante a semana irá ter prova de sua hospitalidade e de seu afeto, Rhane. -- concretizou.

Após apresentações, cumprimentos e elogios. Sentindo-a menos tensa. Aleico levou-a ao bar. Servindo-os de champagne. Comentou.

-- Não foi tão ruim, não é?

-- Não, não foi. -- suspirou aliviada. -- Mas, confesso... Realmente, fiquei apavorada no início. – revelou. -- Tenho pensado neste momento desde que cheguei. Ufa! Alívio... É pouco! – clamou. Levemente relaxada. -- E, é impossível lembrar-se dos nomes. Eles são muitos! – reclamou aparentemente humorada.

Aleico riu. Vê-la relaxada e procurando achar humor na situação. Foi bom! Pensou. Era comum para ele ver como as pessoas de outros países estranhava o fato das famílias italianas serem grandiosas, e apreciadas.

-- Não aprova famílias numerosas, Rhane? – perguntou. E sem esperar sua resposta. Falou. -- Venha, vamos dançar. -- Tomou-a pela mão, dirigiu-se para pista de dança. Onde havia vários casais, estavam dançando.

-- Não sou boa, dançarina. -- avisou.

-- Esta música... Tenho que certeza que sabe. – falou. Era uma música lenta. – Deixe-me conduzi-la. Está bem? – enlaçando-a pela cintura. Iniciou os passos. Lentamente.

-- Tudo bem. -- murmurou. Colocando os braços em volta do pescoço dele. Acompanhou-o no ritmo da música. Fácil.

-- E então?

Ela olhou-o estranhando a pergunta. Sem saber ao que referia.

Entendendo o olhar dela. Explicou.

-- Referia-me a pergunta, anterior... O que acha?

-- Ah! Bom, não posso responder com exatidão sua pergunta... Não tive uma família grande, Aleico. Quando meus pais se separaram. Fui morar com minha tia. E Helen, e tia Karen. Mesmo, sendo irmãs. Não são... Tão amigas. Mal, se falam. Há não ser quando o assunto resume-se, a minha pessoa. – explicou com pesar. -- Como pode ver... Sou leiga neste quesito. – lamentou. – Não sei como é ter uma família grandiosa.

-- Bom, logo terei uma resposta exata. Certo? – anuiu. – Afinal, minha família é grandiosa. E passou ser a sua, também. Sabe disso, não é?

-- Diz no sentido figurado. Não é? – indagou. -- Minha mãe, e Domenico... Ainda não se casaram. Esqueceu?

-- Com certeza não esqueci. -- respondeu. – Referia-me, a nós. É minha namorada agora, tesoro. – anunciou, em seu ouvido. Baixinho. -- Portanto, esta é a sua nova família. – Fazendo um gesto com a mão abrangendo todos ali. Discretamente.

-- Hum! Não sabia que era sua namorada... Sou? Desde quando? Não me lembro de me pedir em namoro? Pediu signor? – indagou-o, no mesmo tom.

-- Desde... Digamos, que desde a hora que aceitou dividir o quarto comigo. -- falou novamente em seu ouvido.

-- A cama... Você quer dizer? -- corrigiu-o, baixinho.

-- Também. -- afirmou malicioso. – Então, como aceitou. É definitivamente minha namorada. -- aclamou convicto.

-- E devo dizer que aceito. Certo? – replicou rindo. Ele assentiu. – E desde quando namorada faz parte da família, Aleico? – indagou-o. Aquela conversa deixou-a, desconfortável.

-- Desde, quando eu quero! – afirmou ele. Fitando-a. Determinado.

Sem jeito com o tom determinado dele. Concordou.

-- Ok.

Então a música acabou. Voltando da pista de dança, viram Domenico vir ao encontro deles.

-- Peço desculpa, aos dois. – falou, em tom chateado. -- Sei que devia estar aqui quando chegaram... Mas tive de atender uma chamada de Londres, que demorou além do que imaginei. – explicou.

-- Tudo bem, Domenico. Não me importei... – tranquilizou-o. -- Sinto não dizer o mesmo de nosso, pai. – Aleico, avisou.

-- Bom, quanto a mim... Estou bem. -- Rhane, afirmou tranquila.

-- É eu sei que não. – falou sem jeito. Grato ao irmão. Virando para ela. Disse. -- Mas, papa... Parece não ter gostado. Disse-me que não devia ter deixado para Aleico... A responsabilidade de entrar com você! -- reclamou desconfortável.

-- Por quê? – perguntou intrigada diante do que ouviu.

-- Ele... – pausou. Suspirou. Visivelmente incomodado. O que não passou despercebido aos dois. Continuou. – Pensa que as pessoas podem interpretar de forma, errônea... A chegada dos dois, juntos. -- completou.

-- Ah, tá! -- replicou com desdém. – Mas, ele se esqueceu de uma coisa... Domenico. Como todos irão interpretar o fato de que eu, e Aleico... Vamos morar sobre o mesmo teto... Ou isso é aceitável?

-- questionou irônica.

Aleico abriu a boca para falar. Mas, foi interrompido por Domenico.

-- Bem, quanto a isto Rhane... Resolvemos deixar restrito a nossa família. Os demais não tem conhecimento que está hospedada na casa de Aleico. -- esclareceu.

-- Sabia, disso? -- indagou-o, mal humorada.

-- Sim, sabia. -- Aleico afirmou, soando desconfortável.

-- E quando pretendia me dizer? -- perguntou, tentando manter a calma.

-- Hoje, á noite... Em casa. -- respondeu, seu desconforto aumentou.

Ela olhou-os sem saber o que pensar. Confusa. Viu que tanto Aleico, como Domenico estavam agoniados com o seu silêncio. Mas, não conseguia pensar em uma resposta adequada para o momento. Era muita informação em tão pouco tempo. Precisava sair dali. Estava muito abafado... Precisava respirar um pouco de ar puro. Aturdida.

-- Dê-me licença, mas preciso... Respirar, um pouco de ar.

-- Rhane espere... -- pediu Domenico. Segurando-lhe o braço. Cauteloso.

Ela olhou-o com ar ressentido. Voltando o olhar para braço que ele segurava. Soltou-a procurando desculpar-se. Ela não fez conta. Apressada cruzou o salão. Desaparecendo por uma das várias portas que davam para os jardins.

-- Deixe-a ir, Domenico. -- pediu Aleico. Calmamente. Viu o semblante do irmão transformar-se em preocupante agonia. Condoeu-se.

-- Não consigo manter um relacionamento amigável com ela, Aleico. -- confessou tristonho. -- Hoje... Quando os vi chegar para o almoço. Achei ter percebido uma leve mudança nela... -- parou pensativo. -- Nunca trocamos mais que três, ou quatro palavras. Nem mesmo durante todo o processo. -- disse num murmúrio. -- Rhane preferia falar com o Dr. Battisti, do que comigo. -- disse vulnerável. -- Mas, esses dias que estamos aqui. Tem sido diferente, sabe. Temos conversado bastante. Surpreendi-me quando me indagou.. -- riu. -- Sobre, quantos irmãos terá. -- falou embargado. -- Helen, não acreditou. -- balançou a cabeça. -- Disse-me que estava querendo muito! Mas, começo a pensar que Helen realmente estava certa. -- desabafou. Olhando na direção da porta que sua enteada desaparecera. -- Às vezes acho que não serei.. Um bom, pai! -- reclamou desanimado.

-- Acredita mesmo nisso, Domenico? -- quis saber, Aleico. Preocupado com o tom desanimador do irmão.

-- Quer prova maior que isso! Acabei de estragar, tudo... Ou melhor, nada. -- reprimiu a si próprio com ar aborrecido.

-- Não somos conhecidos por desistir com facilidade, mano. -- Aleico repreendeu-o.

-- No mundo dos negócios, com certeza. Mas, estamos falando da nossa vida pessoal... Ou melhor da minha vida pessoal. Sobre querer ser amigo da minha enteada. Filha da mulher que eu amo! -- ralhou. -- Não, sobre negócios! -- exclamou nada feliz. Tomando de uma vez toda a bebida de seu copo. -- Dio mio, Aleico. Como consegue ver as coisas, assim. Ela é um ser humano. Não um negócio. Droga! -- replicou zangado.

-- Ei, ei... Calma. -- pediu paciente. -- Não precisa ficar zangado. Está bem. -- tornou a pedir. --

Entendeu errado. Ou, me expressei mal. – procurou contornar. – Mas, o que quis dizer... Foi que não está totalmente errado ao afirmar que houve... Certa mudança no jeito dela. Entendeu? – disse em concordância. -- Tenho certeza que está realmente... Acontecendo! – afirmou vendo que o irmão estava atento. Continuou. -- Domenico, nesses poucas horas que estamos juntos. – parou, escolhendo as palavras. -- Apesar de não conhecê-la tanto, quanto você. E diante do que me contou. Quando conversamos a respeito dela, ficar na minha casa. Lembra? – Ele assentiu. -- Cheguei a esta conclusão também. – finalizou. Convicto.

-- Sim, me lembro muito bem. – anuiu. – Queria saber como era nosso relacionamento. Disse-lhe que não era dos melhores! -- retrucou com ar magoado.

-- Exatamente! O que prova que algo entre, os dois... Está mudando. – Aleico animou.

-- Não sei não, Aleico. – falou sem graça. – Contei a você, que papa, quis saber qual era meu interesse em lhe dar proteção? – quis saber magoado.

-- Sim. Esqueça isso. Está bem. – Aleico pediu.

-- Para você, é fácil! – replicou impaciente. – Além, de você... – apontou um dedo com raiva para ele. – Papa também me questionou a respeito. Queria saber qual era meu envolvimento, com Rhane! – repetiu em tom aborrecido. -- Dio Santo! Tem ideia de como estou me sentindo? – vociferou. -- Fui acusado de estar querendo, mãe e filha. Primeiro. Por meu próprio irmão... – apontou-o. Alterado. – Irmão, este, que adoro!

-- Dio, Domenico! – reclamou também exaltado. -- Estamos chamando atenção. – replicou, ao notar olhares curiosos sobre eles. Consternado, falou. -- Já pedi desculpas um milhão de vezes. Dio mio! Não dá para você esquecer isto? – pediu, sua voz soou baixa. Controlada.

-- Tudo bem, Aleico. – Domenico, assentiu. Também baixo. Notando os olhares das pessoas. -- Tem toda a razão... Estou sendo mal agradecido. Não tinha obrigação nenhuma de aceitar Rhane, em sua casa. -- disse com voz arrependida -- E no entanto aceitou numa boa. Mesmo, sendo solteiro. E eu, em nenhum momento pensei que poderia... Dio! Como fui egoísta! -- exclamou. -- Estava tão aflito que nem pensei em você. Na sua vida. É um homem livre. Oh, Aleico... Desculpe. – pediu constrangido. -- Nem sei o que dizer... Eu...

-- Domenico, vamos esquecer tudo. E começar do começo. Certo? – indagou-o tranquilo. Ao ver que o irmão concordou. Continuou. -- Ótimo! Não precisa ficar aflito porque sou solteiro. E nem achar que aceitei Rhane, em minha casa... Para contrariar nosso, papa. Não foi. Acredite! -- afirmou sincero. -- Quando me disse... Não pensei duas vezes. Quis ajudar você. E não me arrependi nem um pouco. -- expressou firme.

-- Tem certeza? – Domenico, quis ter certeza.

-- Absoluta. -- afirmou. -- E pode acreditar na sua intuição, caro. A próxima vez que a ver... Terá outra ideia, dela. Acredite! -- foi taxativo.

-- O que tem em mente, Aleico? -- indagou curioso.

-- Deixá-la decidir por si mesma, Domenico. Acho que é disto que Rhane, está precisando. -- afirmou convincente.

-- Espero que esteja certo! -- exclamou mais alegre.

Andando a esmo a procura de um lugar calmo. Continuou. Precisava de um pouco de ar puro. E assim refletir sobre o que tinha acabado de saber. Parando ao deparar com o lago. Ficou

contemplando-o. Sentiu-se acalorada. Sua cabeça latejava. Ficou sem saber se era devido às taças de champagne que bebeu. Ou, era a conversa nada feliz que teve com seu futuro padrasto. Droga! Logo que chegou à Itália percebeu que algo entre eles, tinha mudado. Passou a vê-lo com outros olhos. Mesmo incomodada. Sentiu a necessidade de uma aproximação maior com ele. Suspirou. Domenico, sempre fez o possível e o impossível, para aproximar-se dela. Ser seu amigo. E ela sempre... Repeliu-o. Mas, naquelas poucas horas juntos. Haviam conversado bastante um com outro. E tinha sido... Muito bom! Admitiu. Lembrou como o deixou desconcertado. E feliz ao mesmo tempo. Ao mencionar sobre querer irmãos. Droga! Droga! Praguejou em silêncio. Tudo parecia bem! Porque eles tinham que estragar tudo com aquele assunto? Porque Domenico não mentiu? Não! O idiota tinha que dizer a verdade! E porque Aleico tinha que confirmar o que disse o irmão? Porque não desmentiu... Ou inventou, qualquer desculpa! Perguntava-se, cheia de fúria.

-- Ao inferno com tudo! – esbravejou furiosa. Jogou a taça vazia de suas mãos no lago.

-- É muita fúria... Para uma pessoa tão pequena! -- exclamou uma voz forte e aveludada.

Assustada, virou-se rapidamente a procura de onde vinha o som daquela voz tão agradável. Localizando o dono dela encostado-se ao tronco de uma árvore. Bem próximo da onde estava. E o reconheceu. Era um homem difícil de esquecer. Pensou. Observando-o. Disfarçadamente. E com era! Com todo aquele aparato de perfeição atlética. Obviamente. Muito difícil! Alto. Moreno. Cabelos pretos. E olhos azuis. Um corpo perfeitamente feito para o pecado. Ai, ai! Bellíssimo. Meu Deus! Pensou, sorrindo. Sua amiga Joane ficaria maluca. Diante de tantos homens belos! Definitivamente. Deus, deixou todos os homens bonitos na Itália!

-- Não devia ficar espionando as pessoas, sabia? – retrucou, sem graça. Será que notou o olhar dela, sobre o corpo dele? Aff!

-- Na verdade signorina, já estava aqui quando chegou. -- replicou zombeteiro. Deixando claro que notou sua apreciação.

-- Então, por educação devia ter feito um barulho para se identificar. – retrucou, ela. Desconfortável. Ele notou! Ai, que vergonha! Pensou. – E eu, teria ido para outro lugar. – reclamou sem jeito. -- Lúcio Domenacci, não é? – perguntou, entre curiosa e receosa.

-- Pode me chamar de Lúcio. -- disse amável, e aproximou-se dela. -- Bom, não vou perguntar seu nome. Afinal de contas a única pessoa diferente neste jantar.. É você. Não é mesmo? – expressou humorado.

-- É. – afirmou desgostosa. – Sou a única... Pessoa diferente. Que privilégio. Não! -- ironizou. – Mas, que pena... Quebrei minha taça... Ou poderíamos fazer um brinde, a isso... Iria ser tão interessante! – zombou, erguendo o braço como se estivesse com uma taça na mão, falou bem alto. -- Um brinde... A única pessoa diferente... Neste jantar! – riu, com desgosto.

Vendo que Lúcio olhava-a preocupado. Implicou.

-- O que foi?

-- Nada... Simplesmente, acho que não devia beber tanto com o estomago vazio... Está bêbada, piccolina...

-- Não me chame de pequena. -- cortou-o, brava. – Detesto ser tão baixa... E quando me chamam de pequena. Odeio, mais ainda! -- resmungou. -- Queria ter pelos menos, uns 20 ou 30 centímetros mais. Isso sim! -- murmurou raivosa.

-- Pois, não devia. Sabia? -- repreendeu-a. -- Creio que não deve ter percebido. Mas, não chamou

atenção das pessoas que estão lá dentro por ser pequena. -- frisou esta última palavra. -- Mas sim, por sua beleza! -- afirmou.

-- Está dizendo que todos me olhavam por causa da minha... Hum. Beleza... Francamente. -- zombou.

-- Pode apostar que sim. E eu, não tiro a razão deles. Principalmente dos homens. -- afirmou, olhando-a com apreço. -- E sinto muito pelas mulheres... Que você, cara mia, deixou enciumadas. -- foi franco. -- Eu mesmo, nunca vi nada tão lindo em toda a minha vida! Sinto ter chegado tarde! -- exclamou, demonstrando estar aborrecido. -- Casaria-me com você, amanhã mesmo. -- brincou. Aproximando-se mais dela.

Surpresa diante do elogio dele. Mas, sabendo que o pedido de casamento inesperado era brincadeira. Sorriu.

-- Estou lisonjeada com o elogio. E extasiada com o pedido de casamento. Mas, não posso aceitar. -- disse toda graciosa. -- E não acho que sou tudo isso, que disse... Mas, vou considerar. -- sorriu. -- Porque disse que chegou tarde? Ao que se referia exatamente? -- perguntou curiosa.

-- Sabe, há um minuto. Achei que estivesse bêbada. -- Lucio falou, procurando mudar de assunto. Tocando-lhe face com carinho.

-- É mesmo. Não me diga! -- caçoou. Estranhando o comportamento inesperado dele. -- Então, já viu que não estou bêbada. Poderia responder a minha pergunta? Deixou-me muito curiosa! -- falou docemente. Incomodada com toque dele em seu rosto. -- Até onde, eu sei. Não tenho um noivo, ou namorado. -- constrangida com aproximação dele. -- Será que já me arranjaram um.. E não estou sabendo?

-- Dio Santo! Você é de deixar qualquer homem maluco. Sabia! -- clamou perplexo. Aproximando-se ainda mais dela. -- Você é linda demais! -- disse, contornando a boca dela com o polegar. Sentindo uma atração enorme por ela. -- Não existem mais casamentos arranjados, aqui na Itália. Sem o conhecimento dos envolvidos... Cara mia. -- resmungou contrafeito. Soltando-a. Dio Santo! Não queria confusão com seu primo. Pensou. Perturbado. -- Tem certeza que quer saber?

-- Ah, mas faço questão! -- arrematou.

-- Está bem. Vamos lá. Bom, antes de qualquer coisa. Aleico, e eu não somos só primos. Somos grandes amigos...

-- Pode pular esta parte... -- falou, interrompendo-o. -- Ele me falou sobre Álvaro, Andrezzi, Andrei. E seus irmãos... Francesco, Stefano, e Giorgio. Certo? Também, sobre você. -- apontou-o. -- Por isso disse que podia pular esta parte. -- mencionou.

-- Bom, não me resta outro jeito mesmo. Não é? -- suspirou, desanimado.

-- Não, não resta. -- confirmou.

-- Posso estar enganado. Mas, acho que Aleico chegou primeiro. -- concretizou.

-- Hum... E o que o faz pensar assim?

-- Conheço meu primo muito bem, Rhane. -- firmou. -- Ele gostou de você... E muito. -- insinuou.

-- Também, gosto dele. -- concordou. Sem compreender a insinuação dele. -- Mas, sabe o que é mais engraçado nisso tudo? -- proferiu sarcástica. -- Quando saí. Minha intenção era encontrar um lugar tranquilo. Mas, inesperadamente fui abordada por uma mulher. Que não faço a mínima ideia de

quem seja. E sabe o que ela me disse? Não, não creio que deva saber. – continuou, antes que ele emitisse qualquer som. -- Que eu... – apontou o dedo indicador a si mesmo. Indignada. -- Não era a única... Que gostava dele, e o queria. Mas praticamente todas as mulheres que ali estavam. Solteiras, ou casadas. Mas, Anabelle era a única... Com poder sobre ele. E ainda me ameaçou... Deus me livre! -- comentou apreensiva.

-- O que ela lhe disse? – perguntou, referindo-se sobre a ameaça.

-- Mandou-me deixar minhas garras... Longe de Aleico! – expôs, em tom sarcástico. Mostrando-lhe as unhas arreganhadas como uma tigresa. Sorriu. Sentia-se triste, e um tanto vulnerável.

Lúcio notou que o tom sarcástico, seguido do sorriso vulnerável dela. Mexeu com ele. E muito! Sem saber o que fazer. Abraçou-a com carinho. Confortando-a.

-- Ei, está tudo bem! Não precisa se preocupar. Olha angello mio, meu anjo... -- dizia carinhoso. -- Aleico vai cuidar bem de você. acredite. Só acho que deve conversar com ele, antes de tomar qualquer atitude. Está me entendendo, Rhane? -- perguntou amável.

-- Sim, acho que sim... – respondeu, sua voz soou frágil. E lágrimas desceram-lhes na face.

-- Ótimo! – exclamou. Retirou um lenço do bolso, e passou a secar-lhe as lágrimas. Carinhosamente. -- E não precisa se preocupar com, Anabelle. Certo. – disse. – Agora, vamos procurar conter estas lágrimas, antes que apareça alguém... -- sussurrou com doçura. Beijando-lhe os lábios, levemente. -- Sente-se melhor? -- ela balançou a cabeça afirmativamente. Contornando-lhe a boca com o dedo indicador. Impotente. Suspirou. -- Bom, como dizia mesmo... Antes que eu me veja em maus lençóis. -- brincou.

Fazendo-a rir.

-- Está achando graça, né. – disse, em tom de reprimenda. -- Dê graças a Deus... Que meu primo, não está por perto...

-- Ah, mas eu estou! – Aleico, respondeu friamente.

Olharam rapidamente na direção que vinha o som grave da voz dele. Aleico fitavam-nos. Com uma fúria contida nos olhos, e a voz fria como gelo. Assim que saiu para o jardim a procura dela. Avistou-a junto com o primo. Vê-lo tocá-la, deixou-o agoniado. Conhecia seu primo. Sabia como era galante e sedutor. Foi tomado de um ciúme que jamais pensou sentir na vida.

-- Olha... Não é nada disso que você, está pensando... -- ela procurou justificar. -- Lúcio...

-- É mesmo. Não me diga que sabe exatamente o que estou pensando, Rhane? – debochou, rudemente.

Deixando-a mais vulnerável ainda. Sentindo-se humilhada pelo deboche dele. Calou-se. Sabia que se o confrontasse sairia perdedora. E estava sentindo-se cansada demais. Sua cabeça latejava. E para piorar, sentia náuseas. Devido á bebida e a crise de choro. Estava péssima! Precisando urgentemente de um bom banho e de uma cama.

-- Não precisa tratá-la assim, Aleico. – Lúcio, manifestou com aparente calma. -- Ela não está se sentido bem. – defendeu-a – Acho melhor levá-la para casa. – pediu calmo. – Depois, nós... Eu e você. – apontou aos dois. Pela cara do primo tinha certeza que ele vira, mais do que devia – Conversamos com mais calma... Fazer isso agora não é uma boa ideia. Sabe disso, não é? -- certificou-se convicto.

Aleico olhou-a. E viu que o primo parecia dizer a verdade. Rhane estava pálida. E aparentemente

parecia levemente enjoada.

-- Dio Santo... Está bêbada! -- falou zangado. Olhando na direção de seu primo, querendo explicações.

-- Não tenho nada a ver com isso, Aleico! -- justificou sincero.

-- Ele está dizendo a verdade, Aleico... -- falou na defensiva. – Enquanto saía para fora. Fui bebendo tudo que encontrava pela frente. Não estou bêbada. Mas acho que o álcool... Não me caiu bem. Não comi nada! – tentou explicar. -- Quando cheguei aqui, já estava me sentindo mal. Lúcio, desculpe. -- pediu amável. -- Quando disse que não estava passando mal, eu menti! – disse massageando a fronte com as mãos.

-- Eu sabia que estava. – Lúcio disse gentil. -- Foi por isso que não entrei para dentro. Quando a vi jogar a taça no lago. Toda furiosa... Achei melhor ficar por perto! – falou, sua voz soou triste.

-- Não pretendia me jogar no lago. Caso seja isso o que pensou. -- resmungou chateada. -- Fique sabendo. Não tenho aptidão para suicídio...

-- É bom saber disso, Rhane! -- exclamou interrompendo-a. -- Acho que é melhor levá-la, Aleico. -- disse, dando o assunto por encerrado. -- Não se preocupe... Vou procurar Domenico. E digo que foi embora. Está bem? – indagou-o. Apreensivo.

-- Oh, acho melhor irmos para casa. Realmente não me sinto bem. – Rhane suplicou. Sentiu que estava difícil manter o próprio equilíbrio. -- Minha cabeça está doendo... Meu Deus! -- lamentou.

-- Não diga a Domenico, que...

-- Não direi. Fique tranquilo, Aleico. -- Lúcio concordou.

-- Obrigado, Lúcio.

-- Não por isso, primo. -- respondeu coerente.

Amparando-a. Ele falou.

-- Venha, apoie-se em mim. – pediu. Enlaçando-a, pela cintura. -- Isso... Vamos...

-- Buonanotte, Lúcio. – falou, ela. Sua voz soou cansada. Pastosa.

-- Buonanotte, Rhane... Aleico... – Lúcio, respondeu. Inclinando levemente a cabeça na direção do primo.

Aleico olhou-o sem responder. Silenciosamente, virou-se e foi na direção do carro. Ajudou-a entrar. Colocou o cinto nela e deu a volta. Sentou junto ao volante. Dando partida no carro logo em seguida.

Recostada no assento do carro resolveu fechar os olhos. Talvez, assim amenizaria o latejar de sua cabeça. Acabou pegando no sono.

Acordou assim que chegou á casa dele. O pequeno cochilo a fez sentir-se um pouco melhor. Precisava de umas aspirinas. Urgente. Argh! Clamou. Sentiu sua cabeça girar com o movimento que fez ao descer do carro. Respirou. Aprumou-se. E seguiu direto para entrada da casa. Aguardou-o em pé. Apoiando a cabeça na porta procurando manter o equilíbrio. Não iria demonstrar fraqueza. Mas, sentia-se péssima. Tanto de corpo, como de alma! Exclamou em pensamento. Suspirou, cansada. Sentiu-o prostrar-se atrás dela. O ar do suspiro impaciente dele aqueceu-lhe e roçou sua nuca.

-- Podia ter me deixado ajudá-la, Rhane... Não precisava sair assim.. -- ralhou ele, passando a sua frente para destrancar a porta.

-- Estou bem, Aleico... Obrigada. – agradeceu, ao ver que ele afastou permitindo-lhe a passagem. Entrou aos tropeços. Sentia suas pernas fracas. Trêmulas. Droga! Praguejou baixinho. -- Eu não estou assim, tão mal... O meu erro foi não ter comido nada. Só isso. – resmungou, procurando resistir o máximo que podia. Não iria desmoronar na frente dele. Pensou. – Só preciso de um banho. E descansar um pouco. Com licença...

-- Rhane...

-- Depois a gente conversa, Aleico. – murmurou, sentia sua cabeça latejar. -- Eu... Sinceramente, não estou com cabeça para conversar. -- disse desconfortável.

-- Tudo bem. Mas, caso precisar de alguma coisa... É só me procurar, está bem? – ofereceu. Ao vê-la cambalear. E ignorar sua ajuda. Preocupou-se.

-- Tá bom. Boa noite, Aleico.

-- Buonanotte, Rhane.

Rhane subiu para seu quarto, despiu-se. E rumou direto para o chuveiro. Colocou-o na água fria. Ficou sentindo-a, caindo em seu corpo. Estremeceu-se de frio. Mas, sentiu-se revigorada. Desligou o chuveiro. Saiu. Secou-se. Enrolou uma toalha nos cabelos. Dispensando a camisola. Colocou o robe sobre o corpo nu. Procurou em sua bolsa as aspirinas. Tomou dois comprimidos. Espero que faça efeito logo! E quando acordar. Estarei ótima! Pensou. Desabou na cama. Adormecendo, imediatamente.

Acordou sedenta e com fome. Que maravilha! Nunca foi de sentir fome e nem sede a noite. Pensou. Olhando no relógio digital que estava sobre o criado-mudo. Três horas da manhã. Então, lembrou-se do jantar na casa dos pais de Aleico. Praticamente não comeu nada. Eis, porque estava com fome. Mas em compensação bebeu além da conta. Por isso estava com tanta sede. Levantou e foi até a cozinha. Veria o que tinha para comer. E tomar água. Muita água mesmo! Abriu a geladeira. E improvisou um lanche rápido. Com pão de forma, queijo branco, presunto e tomate. Após comer. E tomar o suco de laranja. E Beber uma boa quantidade de água. Sentiu-se pronta para voltar para a cama. Ao voltar para seu quarto. Lembrou que Aleico queria que a partir daquela noite dormissem juntos. Não sabia se era a melhor coisa a fazer. Mas também não queria pensar a respeito. Resolveu ser irresponsável e ousada pelo menos uma vez na vida. Não iria pensar no amanhã. Poderia sofrer e chorar muito. Mas, já havia sofrido e chorado tanto por coisa que não fez. E se sofresse agora estava ciente do fato. Pelo menos não iria arrepender-se por algo que não viveu, ou sentiu. Queria viver e sentir cada momento ao lado de Aleico. Então, parou e tomou a direção do quarto dele. Entrou. Devagar, aproximou-se da cama. Percebeu-a vazia. Olhou a sua volta. E nem sinal dele. Onde será que estava? Será que voltou para festa! Ao ver que ela estava dormindo? Perguntou-se. Impossível! Ou, seria possível? Afinal de contas foi por culpa dela que voltaram cedo. Certo... Aleico era solteiro. E até onde sabia era presença constante nas rodas sociais das elites dos milionários. Era visto sempre em festas e badalações. Constantemente acompanhado por uma beldade. Resignada. Suspirou. Talvez, pudesse estar na sacada. Saindo pela porta-janela do quarto dele. Chamou baixo.

-- Aleico... Você esta, aí?

-- Sim... Estou aqui, Rhane. – respondeu, sua voz soou cansada.

Então, ela o viu. Estava encostado num pilar junto ao balaústre da sacada. Olhava para a noite, em silêncio. Vestindo a calça do pijama, e sem camisa. Fitou-o por um segundo. Perguntou.

-- Estou atrapalhando?

-- Não, nem um pouco... Mas, prefiro você aqui. Perto de mim. Vem cá -- chamou-a, estendendo-lhe o braço.

Obedecendo, foi-se ao encontro dele. Ele envolveu-a nos braços aconchegando-a junto ao corpo. Sentindo-se protegida, deu um suspiro aliviado.

-- Quando entrei em seu quarto, e não o vi. – dizia. – Achei que tivesse voltado para festa. -- falou sem jeito.

-- E porque pensou isso?

-- Bem, por que... Eu sei que vou alterar o seu modo de viver, Aleico. -- disse sem reservas. -- Eu não quero que mude sua vida por minha causa... Gosta de frequentar as rodas sociais. – tentou ser sensata. -- Por mim, pode continuar. Não precisa ficar do meu lado o tempo todo. – disse, um pouco sem jeito. -- Sei me cuidar, entendeu? -- replicou.

-- Deixa ver se entendi?! -- foi sarcástico. -- Está dizendo que posso continuar frequentando as rodas sociais. Foi assim que disse, não foi?

-- Sim, por quê? Como é que falam aqui?

-- Isso não importa, agora! -- resmungou, virando-a de frente para ele. Pegou-lhe o rosto com as mãos, beijando-a levemente nos lábios. Olhando nos olhos dela, disse. -- Não pretendo ir a lugar algum, sem você... A partir de hoje. Não, não... Ainda não acabei. -- disse rapidamente, ao ver que ela iria interrompê-lo. – Hoje, quando aceitou viver comigo. Também, aceitou ser minha namorada... Mesmo, que de um jeito um tanto diferente. Mais aceitou. Certo? -- perguntou, vendo que ela fez um gesto com a cabeça afirmativo. Continuou. -- Bom, então quero que fique sabendo... Rhane, eu não sou um aficionado por essas recepções, coquetéis, festas. Ou, seja lá o que for. Em muitos, vou a negócios. E em outros, por obrigação. E respeito por minha família. -- explicou. -- Não posso dizer que não irei. Ou melhor, que não iremos. Pois, em alguns teremos que ir. E vai comigo. Não vou sozinho. Entendeu? – assegurou.

-- Sim, entendi. – assentiu feliz. – Mas, não acha que as pessoas vão estranhar. Ao ver-nos, sempre juntos. Sua família, nem tanto... Acho, eu. – falou apreensiva. – Creio que vão associar que faz parte da responsabilidade que você assumiu para com Domenico. Certo? E depois, antes que me responda... Quando disse que não precisava mudar seu modo de vida. Referia-se ao fato de ter mudado de ideia por causa do que aconteceu hoje? -- explicou desconcertada.

-- Não, não mudei de ideia. E como poderia... Eu desejo você mais que tudo na vida! -- confessou. -- E não me preocupo com o que os outros, possam pensar... Mas, concordo com você. – disse tranquilo. -- Minha família realmente me responsabiliza por você. Então, não há com o que preocupar no momento. – finalizou, acariciando-lhe o rosto. Beijou-a. Apaixonadamente.

-- Aleico... – murmurou, desviando os lábios do dele.

-- Hum... – resmungou nada satisfeito com a interrupção dela.

-- Está acordado desde hora que chegamos?

-- Bom, tentei dormir. Mas não consegui. Levantei-me, fui ao seu quarto. Fiquei lá, observando-a dormir.. Acho que não faz nem uma hora que saí de lá. Quando ouvi você me chamar. -- disse

lentamente.

-- E porque não me fez companhia? Eu... Iria gostar. Sabia?

-- A bem da verdade cheguei a pensar em fazer isso... Mas, depois pensei que poderia achar que estava aproveitando da situação. Não me parecia nada bem... Quando saímos da casa de meus pais, Rhane. – falou gentil. -- E sinceramente, não sou homem de tirar proveito de uma pessoa indefesa. Principalmente se for uma mulher. -- considerou.

-- Bom, agora estou me sentindo ótima! – afirmou ousada. -- Não precisa mais pensar. E sim. Como posso, dizer.. Ousar? -- pediu maliciosa.

-- Hum.. Sabe o que está pedindo, picollina? -- perguntou desejoso.

-- Hum-hum. -- ela afirmou, sentindo o sangue correr mais rápido nas veias. O coração, acelerado. Pegou a mão dele, e levou junto ao coração para que sentisse como estava. -- Sei muito bem o que quero Aleico. Quero ser tua... E agora? -- pediu desesperada.

Sentindo que não iria mesmo resistir não adiantava mais adiar o inevitável. E estava mesmo louco por ela. Aleico tomou-a nos braços, beijando-lhe a boca com prazer. Um prazer que o consumia como fogo.

-- Dio Santo... Picolla mia, não faz ideia de como te quero... Quero fazê-la minha. Só minha, mio amore! -- exclamou com ardor.

-- Então, faça-me... Só sua, Aleico? – pediu, tomada de desejo.

Com ela no colo foi direto para o quarto. Não parando um instante se quer de beijá-la, sugando-lhe a boca macia. Arrematou-lhe a língua sugando-a com prazer. Então, passou a deslizar a língua ao longo dos lábios dela. Os contornando. Lentamente. Desceu para o pescoço, o lóbulo da orelha dela. Fazendo-a gemer de prazer.

Depositou-a com carinho na cama. Beijando-a vorazmente, numa ânsia que o tomava. Fazendo-o ter dificuldade para controlar o desejo de possuí-la imediatamente. O cheiro dela deixava-o inebriado de prazer. Dio! Estava ficando difícil conter-se. Queria provar cada pedacinho dela. Sentir na boca todo o sabor dela. E para isso precisava se controlar ou acabaria por assustá-la, visto que ela era virgem. Não queria machucá-la. Queria que a primeira vez dela fosse maravilhosa.

-- Quero amá-la, amore...

Tirou-lhe o robe, deixando-a totalmente nua. Vendo que ela ficava ruborizada diante dele, procurando o lençol para se cobrir. Envergonhada. Ele riu com o jeito inocente do gesto dela.

-- Não. -- reprimiu, ele. -- Quero vê-la, assim? -- falou impedindo-a de cobrir-se com o lençol. – Dio, como é linda! -- exclamou extasiado.

-- Aleico... – murmurou muito constrangida com o olhar guloso dele.

-- Não... Não, amore mio, não deve envergonhar-se de mim...

Tomou-lhes os seios com as mãos moldando-os. Apertando-os. Bem devagar com ínfimo prazer. Beliscou-lhes os bicos levemente, fazendo-os ficarem tesos. Depois percorreu todo o corpo dela com as mãos. Contornando-os devagarzinho. Percorrendo em seguida o mesmo caminho com a boca, deslizando lentamente a língua em cada pedacinho daquele corpo que o deixou fora de si, desde que a viu pela primeira vez. Sugava um seio com volúpia, indo seguidamente o para o outro. Sugando e mordiscando os bicos. Até vê-los inchados. Fazendo-a gemer de puro desejo. Descendo os lábios

tocou o umbigo, circundando-o com a língua. Torturando-a.

Ela estava a ponto de explodir de tanto desejo. Jamais imaginou que fosse assim tão bom o ato de amar alguém. Não conseguiria expressar com palavras o que estava sentindo naquele momento de pura nostalgia. E que tinha mais. Muito mais! Pensou. Extasiada.

Aleico acariciou e explorou com a boca o abdome liso e firme. As nádegas arredondadas. As coxas roliças. Cada pedacinho do corpo dela com extremo prazer. A fez explodir em delírios ao tocar os pelos que se aninhava entre as suas pernas. Com mãos experientes. Tocando-lhe o sexo já inflamado e úmido. Ouviu-a gemer de puro prazer. Deixando-o, a beira de um colapso.

-- Oh! Quero... Tocá-lo, Aleico... -- pediu arfante.

-- Não, amore. Ainda, não...

Voltou afagar-lhe os seios com a boca. Mordiscando os bicos. E sugando-os. Descendo a boca. Foi mordiscando-lhe todo o corpo. Ao mesmo tempo em que o beijava com paixão. Com a mão, passou a acariciar-lhe o sexo. E introduzindo devagar um dedo. Penetrando-o para dentro e para fora com cuidado. Depois juntou a este um segundo dedo. E aos poucos foi aumentando o ritmo. Sentindo-a latejante e toda molhada. Passou a mover os dedos mais rápidos. E sentiu quando o corpo dela estremeceu e convulsionou em estado de puro êxtase.

-- Aleico, por favor.. – pediu, sentindo um prazer inebriante que lhe tomava o corpo. Deixando-a em estado de pura letargia.

-- Calma, amore... Quero fazê-la gozar um pouco mais... Quero que sinta como é delicioso...

Voltou a beijar-lhe os lábios num beijo devorador. Recebendo a língua gulosa dele em sua boca. Rhane enlaçou-o pelo pescoço, sentindo seu corpo ser tomado por calafrios que a percorria da cabeça aos pés. Algo que jamais imaginou que fosse sentir. Que a fazia querer mais. Muito mais! Era uma vontade que não sabia explicar. Um fogo que lhe corroia as entranhas consumindo-a em pedacinhos. Fazendo-a sentir como se dependesse dele para viver.

Quando ele sugou-lhe o sexo com boca. A língua penetrando-a fundo. Tentou segurá-lo com as mãos. Pois, pensou que fosse desmaiar de tanto prazer. Mas, ele segurou-lhes as mãos dizendo.

-- Deixe-me prová-la, amore. Quero bebê-la, inteirinha... Oh, Rhane, que delícia... Está molhadinha! – clamou com desespero. -- Dio Mio! Como você é deliciosa. -- disse num sussurro, tornado a sugá-la.

O prazer que sentiu era inexplicavelmente, torturante. E ao mesmo tempo delicioso. Sentia-o, penetrando a língua para dentro e para fora com força. Fazendo-a explodir novamente em êxtase. Arfando, trêmula e sem forças. Implorou para que a possuísse.

-- Oh! Aleico... Eu não aguento mais...

-- Amore, amore, vou fazê-la minha agora...

Ele despiu a calça do pijama rapidamente. E pegou-lhes as mãos levou-as ao seu membro duro e reto. Fazendo-a sentir o tamanho e a rigidez. Ela tocou-o delicadamente. Uma carícia doce e um tanto insegura. Demonstrando sua total inexperiência. Trêmula. Ela tocava-o entre extasiada e assustada. Aleico sentiu aquelas mãos pequenina tocando-o. Trêmulas. Seu corpo estremeceu de puro prazer. Um prazer que nunca sentiu antes. Totalmente diferente do que ele havia provado até aquele momento. Era uma sensação maravilhosa, nostálgica e inebriante. E que o possuiu inteiramente de corpo e alma. Fazendo-o sentir que pertencia a ela, por inteiro. Adorou aquela sensação. Sem conseguir mais controlar o desejo que o tomava. Mediante aquelas mãozinhas que o acariciava deixando-o louco. Aleico viu que iria perder o controle, e não queria que ela tivesse medo dele. Sabia que era pequena. E tinha medo de machucá-la. Além de ser a primeira vez dela. Nunca havia dormido com uma virgem. Mais sabia por intermédio de seus irmãos. E de seu primo Lúcio. Que a primeira vez de uma mulher era sem dúvida um pouco dolorido. Por isso precisava ter calma e paciência.

Vendo o olhar dela um pouco assustado, falou procurando acalmá-la.

-- Amore, não tenha medo... Confie em mim. Não vou machucá-la, está bem? -- disse beijando-lhe a boca docemente.

-- Oh! Sou tão pequena... E você... É tão grande! – sussurrou temerosa.

-- Prometo amore. Não vou machucá-la. – falou com ternura. -- Farei com calma e carinho, está bem? Se quiser que eu paro. É só pedir. -- falou beijando-a novamente explorando lhe a boca com paixão. Acendendo-a com seus carinhos, deixando-a extasiada. Colocando-se entre as coxas dela, levou o membro rígido de encontro ao sexo inflamado e úmido dela. Sentindo a paixão dominá-lo, procurou refrear-se. Precisava ter cuidado para com ela. Respirou profundamente. Procurando controlar o desejo. Era o primeiro homem em tudo na vida dela! Isso o deixava extremamente feliz! Não deixou de beijá-la com paixão.

Sentindo-se extasiada com os beijos dele. O cheiro do perfume da pele dele, a entorpecida. Enlouquecida com as mãos possessivas que a acariciava ao mesmo tempo. Ofegante sentiu-o penetrá-la. Sem ao menos dar conta do que fazia ergueu o quadril para recebê-lo dentro de si, por completo.

Aleico percebendo tentou segurá-la, mais não conseguiu. Arremeteu o corpo para traz procurando amenizar. Mas sabia ser tarde. Ao sentir uma dor lacerante tomá-la, estacou retesando o corpo. Ofegante.

-- Oh! Aleico pare. – pediu, respirando com dificuldade, mediante a dor. -- Dói muito... Achei que não doesse tanto... – protestou, sem fôlego.

-- Não devia ter levantado o corpo, picolla mia. -- disse-lhe com carinho beijando-a. – Quer que a dor pare? -- perguntou docemente. Assim que a sentiu mais calma. E recuperada da sensação da dor.

-- Sim, quero... -- respondeu receosa.

-- Então, relaxe... Não deixe o corpo tenso, está bem? -- pediu gentilmente. -- Relaxe... Isso... Assim. – instruiu-a. -- Abra-o para mim, amore -- dizia com doçura. Beijando-a, e acariciando-a.

Quando viu que ela relaxou. E a paixão tomou-a novamente. Penetrou-a rápido sentindo o hímen se rompendo. Então, foi introduzindo seu corpo dentro dela, aos poucos. Até sentir-se inteiro dentro dela. Fazendo-a, dele. Tomou-lhe a boca com voracidade. Sentindo na boca dela a dor que lhe tomava o frágil corpo. Aleico esperou alguns segundos até que o pequeno corpo acostumasse com ele, dentro dela. E a dor amenizasse. Vendo que ela o acomodara plenamente. Sussurrou-lhe ao ouvido, carinhosamente. Feliz.

-- Tesoro... Estou inteirinho dentro de você... Inteirinho!

-- Oh! Aleico... -- sussurrou, ela. Procurando a boca dele. Beijaram-se com volúpia.

Ao mesmo tempo em que ele se movia. Penetrando-a, primeiro devagar. Depois começou aumentar o ritmo. Tomado por uma sensação sem controle conforme se tornava mais intensas, e rápidas as investidas dentro dela. Arremetendo o membro rígido para dentro e para fora. Ele sentia o desejo tomando-a. E levando-a ao delírio. Rhane sentia o corpo contrair e arder de paixão com o vaivém do quadril de Aleico. Ao sair e entrar novamente, dentro dela. Sentiu seu corpo ser tomado por uma explosão de prazer. Estremecer e vibrar de puro êxtase. Vendo-a totalmente em êxtase. Aleico penetrou-a com mais força. Fazendo-a explodir em um orgasmo alucinante. Sentia o calor que vinha de dentro do corpo dela tomar-lhe membro deixando-o mais excitado. Sentiu a seiva dela, fruir e escorrer em seu membro túrgido. Causando nele um prazer. Uma dor alucinante e louca. Não podendo mais conter-se. Deixou o prazer dominá-lo. Aquela sensação deliciosa de pura letargia. Levando-o ao êxtase total. Tomando a boca dela, sugava-a com prazer. Deixando que seus corpos

juntos explodissem nos deleites do prazer. Aleico sentiu o corpo de Rhane, estremece por inteiro quando gozou dentro dela. Foi delicioso! Uma sensação inexplicável para ele! Sentindo-a se acalmar. Puxou-a por cima dele. Invertendo as posições sem sair de dentro dela. Abraçou-a junto ao corpo. Beijando-lhe os cabelos com carinho.

Ela levantou a cabeça para ele. E deu-lhe um beijo saboroso.

-- Hum.. Que gostoso! -- exclamou todo contente.

-- Não vai ficar mal acostumado. – brincou ela.

-- Estraga-prazeres! -- reclamou. -- Cansada? -- perguntou ao vê-la suspirar. -- Incomoda ficar assim? – referindo-se por ela, estar sobre ele.

-- Hum, hum... -- murmurou cansada.

-- Então é melhor descansar um pouco, tesoro. -- disse carinhoso.

-- Aleico...

-- Hum..

-- Você, ainda está dentro de mim. -- falou inibida.

-- Eu sei.

-- Bom, achei que logo que... Bom, você sabe... Voltasse ao normal? -- disse curiosa.

-- E... – incentivou, queria ver até aonde iria a curiosidade dela.

-- Bem.. Achei que fosse assim.. Então não é? – insistiu. Vendo-o rir. Ficou brava. -- Oh! Aleico, você está se divertindo com a minha falta de experiência. -- reclamou mordendo-lhe o mamilo com força.

-- Ai. Dio Santo! Doeu. -- replicou massageando o mamilo que ela mordera. Rindo zombeteiro. Vendo que ela olhava-o. Chateada. Falou sério. -- Ei.. Não fique assim.. -- disse afagando-lhe a face com carinho. -- Adorei ser o primeiro. E será para mim um grande prazer iniciá-la na arte do amor! – declarou alegre. -- E respondendo à sua pergunta. Deveria mesmo após termos feito amor.. -- pausou. -- Como você disse voltar ao normal! Mas, parece que hoje isso não aconteceu. -- falou remexendo-se dentro dela, ainda excitado. Fazendo-a gemer de dor. – Perdona, amore. – pediu. -- Eu aqui tentando me controlar. E você querendo saber. Porque ainda estou excitado... Ah, amore...

-- Hum.. Deixa ver se entendi? – ao sentir a pontada de dor passar. – Está me dizendo... Que é a primeira vez que isto acontece com você? -- indagou curiosa.

-- Sim, signorina... -- disse brincalhão. -- É uma garotinha muito curiosa, sabia! -- replicou, sorrindo.

-- Bom, acho que não sou mais... Uma garotinha. Não é verdade? Mas, concordo no quesito curiosa. E a culpa... É toda sua. – acusou-o.

-- É, mas para mim... Será sempre uma garotinha. A minha garotinha! -- falou com ternura. – Acho que é a primeira vez que vou adorar ser culpado por algo. – esboçou, sorrindo. -- Como tê-la feito minha mulher! Quero ensiná-la todas as formas de amar. Nunca me senti assim antes... -- disse com voz embargada. Olhando-a com paixão.

-- Nunca se sentiu assim antes. Como? – perguntou contornando os lábios dele com o dedo indicador, levemente. Excitando-o ainda mais.

-- Dio Mio! Picolla mia! Assim vai acabar provocando um colapso ao meu pobre coração! --

reclamou apaixonado.

-- Perdone, amore mio! -- exclamou sorrindo. -- Eu quero você bem vivo! -- falou beijando-o com paixão.

-- Amore mio. -- repetiu ele. Vendo-a, olhando-o intrigada. Continuou. -- Gostei de ouvir da sua boca como me chamou de, amore mio. Meu amor. -- explicou afagando-lhe o rosto. -- Nunca me apaixonei antes, picollina... -- falou sentindo-se embaraçado. -- Então, não sei como posso expressar o que estou sentindo! É algo... Oh, não sei como dizer o que estou sentindo aqui... -- disse pegando a mão dela e levando junto com a dele, ao próprio coração. -- É a primeira vez em minha vida que faço amor, e me sinto completo. Se estar apaixonado... É isso! Então, devo estar apaixonado! Dio Santo! E como estou! -- declarou carinhosamente. Ao mesmo tempo sentindo-se apreensivo diante da recente descoberta. Era algo novo para ele. Um sentimento que vinha do coração. E junto com a própria alma! Pensou.

-- Oh! Aleico também estou me sentindo assim. -- assentiu em acordo. -- É tão estranho! Oh, também estou confusa. Sei lá, com um pouco de medo. -- murmurou aliviada. -- Mas quando me fez tua. -- expressou um pouco constrangida. -- Senti que meu corpo, e todo o meu ser.. Fizesse parte do seu corpo! Como se fossemos um só... -- falou ardorosa. Beijando-o calorosamente. Ele retribuiu o beijo. Prolongando-o. Deixando-a, ofegante.

-- Então, acho que devemos juntinhos... -- falou beijando-a novamente, desfrutando prazerosamente. E lentamente a boca dela. -- Descobrir até onde vai o que sentimos um pelo outro. Não concorda?

-- Sim. Amore, acho que devemos... -- concordou. Sentindo-se sonolenta.

-- Ótimo! Agora acho que devemos dormir... -- exprimiu, beijando-a com paixão.

Sentindo seu corpo sucumbir de desejo pelos beijos ardentes dele. Deixando-os excitados. Amaram-se novamente com toda volúpia. Até estarem saciados. Ofegantes e cansados. Aconchegaram-se, um ao outro. Pegando no sono na mesma hora.

Capitulo 5

Aleico pensava ouvir um telefone que insistia em tocar. Sonolento e cansado não tinha certeza se era real. Ou se estava sonhando.

-- Hum... É melhor atender... -- Rhane resmungou, tapando os ouvidos.

Diante de tanta insistência esticou o braço mal humorado. Atendendo-o zozinho de sono.

-- Alô! -- falou secamente.

-- Filho!

-- Depende de quem quer saber. -- respondeu, em italiano zangado.

-- Aleico, isso lá é modo de atender ao telefone! -- sua mãe repreendeu-o severa.

--Mamma! -- exclamou assustado com tom severo da mãe.

-- Dio Mio! Está dormindo? -- perguntou ela, estranhamente. -- É quase meio dia... Está doente? -- quis saber com voz preocupada.

-- Não, não estou doente... E a senhora, me acordou... -- reclamou. -- Mamma, se não for nada sério, quero voltar a dormir...

-- Voltar a dormir! É quase meio dia! -- exclamou impaciente. -- Meu filho tem certeza que não está doente? -- tornou a perguntar.

-- Mamma...

-- Está bem, já entendi. – Dona Elisa não insistiu. Sabia como o filho era. -- Sabe que já devia estar aqui. Mas, como não está! Espero que tenha uma boa desculpa para dar, a todos. E o almoço será servido no horário de sempre! – replicou, demonstrando estar surpresa com o atraso dele.

-- Dio, mamma! Hoje é domingo? -- perguntou, abrindo a boca de sono.

-- Si. – respondeu ela.

-- Droga, droga! -- praguejou.

-- Francamente, Aleico! Não devia proferir palavrões aos ouvidos de sua mãe! -- reprimiu-o novamente.

-- Perdone, mamma! Que horas disse que era? – perguntou, sentia-se ainda cansado e sonolento.

-- Agora, já é meio-dia... Filho. Não dormiu em casa?

-- Estaremos para o almoço, mamma. Beijos. – despediu, sem responder a pergunta dela. Recolocando o telefone no gancho. Tornou a praguejar baixinho.

-- Problemas? – Rhane, perguntou desperta.

-- Sim, me esqueci totalmente que hoje é domingo. -- resmungou. – Então, temos um almoço. Hum... Deixe-me ver. Há exatamente daqui 1 hora. – disse, procurando pelo relógio que estava sobre o criado-mudo. E viu o envelope de preservativo lacrado. Dio Santo! No auge da loucura em fazer amor com a linda garotinha ao seu lado se esquecer do preservativo. – Então, vamos ter que sair desta cama deliciosa... -- reclamou desgostoso.

Puxando-a tornou a abraçá-la. Aconchegando seu corpo ao dela, novamente.

Quando a abraçou forte. Sentiu o corpo inteiro dolorido. Gemeu.

-- Oh, Rhane, perdono! Esqueci-me que poderia estar dolorida. – falou chateado. -- É a primeira vez que durmo com uma virgem. – disse sem jeito. -- Eu devia ter tido um pouco mais de paciência...

-- Tudo bem. – interrompeu-o gentil. -- Eu já sabia que seria assim. Portanto, não precisa se sentir culpado. – disse amável.

-- Tem certeza?

-- Tenho. -- respondeu. -- Aleico?

-- Sim.

-- Falou sério quando disse que eu, era...

-- Sim, falei. – respondeu todo desconcertado. -- Sempre achei que garotas inexperientes significariam problemas. – revelou. -- A não ser, é claro... Que pretenda casar-se com ela. O que não era o meu caso...

-- Então abriu uma única exceção para mim? – perguntou, sentindo-se honrada. Beijando-o gostoso.

-- Sim, abri uma única exceção para você. Feliz? -- quis saber, retribuindo o beijo com ardor.

-- Muito, muito! -- exclamou feliz. – Mas, quero ser a única. Serei?

Ele fitou-a com carinho. Tocando-lhe face, acariciou-a meigo.

-- Sabe que será, picolla mia...

-- Aleico... – falou, beijando os dedos dele com carinho.

-- Hum.. Oh! -- gemeu de prazer quando ela sugou-lhe um de seus dedos, prazerosamente. Excitando-o. -- Dio! Vamos chegar atrasados... -- murmurou sem fôlego.

-- Oh! Acho que sim... -- respondeu correspondendo aos carinhos dele. Explodindo de desejo. Voltando a se amarem com loucura, novamente.

-- Santo Dio! Até que enfim! -- Guillermo reclamou. -- Estamos todos cansados de esperar.

-- Guillermo! -- repreendeu-lhe D. Elisa. -- Tenha modos...

-- Eu tenho... Meu estomago é que não tem. – brincou, fazendo todos rirem.

-- Perdono Mamma! -- Aleico pediu educado. -- Mas não precisavam ter esperado por nós. – disse, contemplando todos sentados à mesa, esperando por eles.

-- Sei que não, filho. – Dona Elisa, concordou. – Mas, é o primeiro almoço de domingo em família de Rhane. – foi gentil. -- Não seria certo começarmos sem a presença dela, não concorda? -- falou dirigindo-se a ela.

-- Obrigado, Dona Elisa. – agradeceu um tanto comovida. – Mas, concordo com Aleico. As crianças...

-- Oh, não se preocupe com as crianças. Elas já almoçaram. – anunciou. – Realmente, elas não esperam. – falou. – Venha se sentar. – pediu educada. -- Não sei se Aleico, lhe disse... Mas, boa parte das famílias italianas ainda mantém o costume de reunir-se, aos domingos para o almoço. – comunicou-a sem devaneios. – E as famílias que prezam isso... Só aceitam faltas por motivos específicos...

-- O que mamma quer dizer, Rhane. – Ricardo auxiliou. -- É que nossa família preza o almoço aos domingos. Certo, mamma! -- cortou-a, com elegância.

-- Nossa, filho! Já vou mandar servir o almoço. -- falou suavemente, levantando-se. – Quem o vê! Pensa que não come, há dias. – reprimiu-o. -- Rhane, não ligue para os resmungos dos meninos. – dizia. – Aleico, sente-se ao lado de Rhane. – ordenou. -- Logo vai estar acostumada com todo este alvoroço. Isso é comum. Verá. – disse sorridente. -- Bom, agora que a mesa está servida. Fiquem à vontade! – disse, alegremente. Contemplando a todos com orgulho por ter uma família tão maravilhosa.

Rhane ficou observando todo o alvoroço que faziam. Pensou. Como conseguiam conversar, rir, comer. E se entenderem ao mesmo tempo! Meu Deus! Que loucura!

-- Louco, não? – Aleico, comentou. Ao ver o olhar de surpresa dela diante do alvoroço de sua família.

-- E como. – assentiu em acordo. – Não consigo entender nada do que falam. Mas, eles parecem entender cada palavra que trocam, entre si... – dizia, impressionada. -- Não digo isso por não ser o meu idioma. E sim, o seu. – forneceu. -- É mais por que... – pausou, procurando as palavras certas. – Porque, parece que cada um aborda um assunto diferente. – conseguiu expressar. – Como conseguem? – riu fascinada. – Eu jamais conseguiria!

-- Essa é uma pergunta difícil de responder. – ele falou. Sorrindo. – Já me perguntei a mesma coisa.

Um milhão de vez... E nunca encontrei uma resposta! – disse em tom brincalhão. Expressando através das palavras o amor pela família. – Então, achei melhor aceitar meu destino!

-- Verdade! – Rhane exclamou. – É o primeiro que vejo aceitar o destino com tanto prazer, sabia? – apontou, rindo alegre.

Aleico também riu.

-- Não posso reclamar que o meu destino, é assim.. Tão ruim! -- observou. -- Os italianos consideram a família sua maior riqueza. Algo único, e especial. -- declarou. – Toda essa união, e alegria. É de suma importância para ele. – falou, olhando na direção de seu pai.

Rhane acompanhou-lhe o olhar. Dom Geovane observava-osm atento. Sem jeito diante o olhar indagador do patriarca da família. Voltou sua atenção novamente para Aleico. E viu que ele também notou.

-- E para você. O que significa? -- perguntou insegura. Sentia o olhar de Dom Geovane fixo nela. Incomodou-se.

-- Porque pensaria diferente. Sou italiano! – expressou gentil. Percebendo o tom inseguro na voz dela. – Não demonstre insegurança para ele, Rhane. – pediu baixo. – Meu pai é um homem sábio, astuto. – elogiou-o. – E às vezes... Bastante intimidador. – advertiu-a. Olhando-a fixamente.

-- Oh! – exclamou descrente, sustentando-lhe o olhar.

-- Rhane. – Daena, chamou-a.

Rhane desviou o olhar de Aleico, ao ouvir a garota chamá-la.

-- Sim. – respondeu, procurando manter a calma.

-- Temos uma festa na casa de uma amiga nossa hoje á noite. Que tal nos acompanhar? – Daena, convidou-a.

-- É mesmo, Rhane. – Pauline, concordou. – É uma ótima oportunidade para conhecer nossos amigos. Não acha, zio Aleico?

-- Eu, não... – Aleico começou a falar. Mas, foi interrompido por Lucca.

-- Concordo plenamente! Somos todos da mesma idade. Não vejo motivo para discordar, zio. – Lucca expôs. Deixando-o em situação delicada.

Aleico praguejou em silêncio. Droga!

-- Deixa, deixa. Vai! – Daena, suplicou meiga.

-- Não posso decidir por Rhane, Daena. – Aleico procurou contornar. Dio Santo! Por essa ele não esperava! Festa! Com jovens... Na idade, deles. E eles, queriam levar Rhane. A sua Rhane! Nem em sonho iria concordar com aquilo!

-- Papa, disse que você é o responsável por ela agora, zio Aleico. – Daena replicou. – Mas, concordo com você. – virando para Rhane, soltou. – Vai com conosco, não é? Vai adorar nossos amigos! Garotos bonitos é o que não vai faltar para dançar com você, acredite. – disse dando uma piscadela marota.

-- É verdade Rhane. – Pauline, firmou. – Vamos dançar a noite toda. Pode apostar! – fez coro a prima.

-- E quem disse que vai ficar a noite toda fora, mocinha? – Ricardo disse, em desacordo. – Todos

tem horário para chegar em casa. Quem não cumprir com as regras. Fica sem sair de casa por um mês! – exclamou autoritário. – É o responsável por cumprir com as regras, Rafael. – apontou para o filho. – O não cumprimento das mesmas... Será o primeiro a sofrer as consequências. – declarou firme.

-- Não concordo com isso, papa! – Rafael reclamou. – Sempre que eles cometem besteiras... Sou sempre, o prejudicado. – resmungou indignado. – Lucca também poderia ser responsável, por elas. Droga! – praguejou.

-- Olha como fala com seu papa, bambino! – Dom Geovane repreendeu-o, com extrema autoridade. – Sabe da sua obrigação. Portanto, não discuta as ordens dadas por seu papa. Fui claro?

-- Sim, nonno. Muito claro! – respondeu, contrariado. – Mas, não vou ser responsável por ela. – resmungou, apontando Rhane. – Isso é sua obrigação, zio Aleico. – contestou. – Portanto, terá que ir também! – replicou brejeiro.

Daena e Pauline bateram palmas eufóricas.

Aleico não gostou nem um pouco do tom malicioso do sobrinho. E muito menos da euforia das garotas.

-- Vai ser demais! – Daena, clamou excitadíssima.

-- E como! As garotas vão enlouquecer! – Pauline, concordou entusiasmada.

-- E porque as garotas vão enlouquecer? Podemos saber? – quis saber Tania. Uma das irmãs de Aleico. Olhando-o com ar indagador. Aleico deu de ombros. Deixando claro que não sabia do que elas falavam.

-- Ora, mamma... Todos aqui conhecem os casos amorosos do bonitão, aí... -- Daena apontou um dedo para o Tio. – Está sempre em todas as revistas e tabloides da Itália. – fazendo um gesto com as mãos, como que descrevendo as notícias. – Como o solteiro mais lindo, e cobiçado do momento. – revirou os olhos, marota. – E isso não é indiferente para elas. Não faz ideia do quanto. Eu e Pauline. Sofremos com o assédio delas, em conhecer... O senhor beleza. – reclamou sorrateira.

-- É verdade! – Pauline, fez coro á prima.

-- E a presença de zio Aleico. Trará vantagens para as duas, com certeza! – Lucca criticou. – Essas duas, não fazem nada de graça. Aí tem. – acusou. – Se eu fosse você, zio. Tomava cuidado. -- avisou.

-- É. Quero ver você sair desta... Senhor beleza! – Rafael caçou.

Todos riram. Menos, Dom Geovane que observava atento o desfecho do assunto.

Rhane não achou a menor graça. Principalmente, a menção das façanhas sexuais dele. Tudo bem! Que isso foi antes dela chegar. Ou dela, ir para a cama com ele. E que ali... Ninguém sabia! E que não deveriam saber mesmo! Foi o combinado entre eles dois! Poxa! Mas, ao menos ele podia dizer algo em sua própria defesa. Será que não percebia como aquele assunto mexeu com ela! Exclamou. Indignada.

Aleico não estava gostando nada daquela conversa. Percebeu-a constrangida e sem jeito. Principalmente, mediante a menção da sua vida amorosa. Droga! O que ela devia estar pensando. Que ele não era um homem fiel! Dio Santo!

-- Bom. Caras... Sobrinhas. – Aleico, começou com certa cautela. – Sinto decepcioná-las... Mas, não conte comigo! – refutou. -- Não vou me enfiar no meio de adolescentes afoitas. E sabe-se-lá, o que

mais! Dio Mio, não mesmo! – firmou.

-- Agora é tarde, zio. – Daena, avisou. – Já avisei todo mundo que você, e Rhane. Estarão presente...

-- Ah, tá. – Aleico, replicou desconfiado. – Posso saber como?

Ela levantou o celular e mostrou.

-- Enviei mensagens. Rápido, prático e objetivo. – vangloriou-se.

-- Eu bem que avisei. – Lucca disse.

-- Não pode fazer as coisas assim, Daena. -- Aleico reclamou, perdendo a paciência. – Rhane, ainda não deu uma resposta. E eu. Disse, não! – exclamou injuriado.

-- Isso porque ninguém perguntou a ela, não acham? – Guillermo entreviu.

-- Concordo com você, zio Guillermo. – Pauline, assentiu. – Então Rhane, qual é a sua resposta?

-- Vai Depender de como as duas vão ficar diante de suas amigas? – Rhane, disse em tom plausível.

-- Mal. Muito mal! – exclamaram elas, ao mesmo tempo tristes.

-- Por favor, Rhane! – Daena, implorou toda meiga.

Rhane colocou os cotovelos sobre a mesa. Apoiou o queixo sobre as palmas da mão. E fitou-a. Em um silêncio perturbador. Viu que todos a olhavam com extrema expectativa!

-- Está bem! Nós, vamos. – Rhane, impôs solene. E viu que Aleico não gostou. Dane-se! Queria que ele sentisse ciúmes dela. Como estava sentindo dele. Deus! Havia constatado no dia anterior que realmente todas as mulheres... Independente da idade. Arrastavam asas para ele! Que droga!

-- Urruh! – Pauline festejou.

-- Isso! – Daena bateu palmas. O celular dela deu sinal de mensagens. Olhou para certificar. Riu. – Ah, zio Aleico. Não faz essa cara, não. – brincou. – Pode chamar o primo Lúcio? -- pediu, excitada.

Aleico olhou-a intrigado achando aquele pedido um tanto estranho. Já não bastava Rhane ter aceitado aquele pedido absurdo! Agora, mais isso! Bufou.

-- E posso saber o motivo do pedido? – Aleico, indagou áspero.

-- Curiosidade da galera, zio! Qual é o problema? – Daena replicou com voz doce.

-- Não vou chamar Lúcio. – Aleico, disse decididamente. – Duvido que isso seja só curiosidade, Daena. – encarou-a, nada contente com aquele assunto. – Tenho certeza que ele tem mais o que fazer. – declarou um tanto irritado.

-- Disso, tenho certeza. – Daena respondeu. – E você sabe o que o primo Lúcio, mais gosta de fazer, zio Aleico? – provocou, sorrindo maliciosamente.

Rhane percebeu como todos ficaram em silêncio. Um silêncio aterrador. Estranho. E ela ficou curiosa. Muito curiosa!

-- Olha, acho que esse assunto já foi longe demais. – Aleico, procurou encerrar a conversa.

O que Daena não permitiu. Olhou para Rhane. E disse bem tranquila.

-- Conheceu o primo Lúcio, não é Rhane?

-- Sim, conheci. – Rhane, assentiu em acordo.

-- O que achou dele? Ele não é lindo?

Rhane olhou-a, receosa. Todos olhavam para ela. Inclusive Aleico. Esperando por sua resposta.

-- Bom. Sim, ele é... Mas, também é uma pessoa muito simpática. Educada. – respondeu cautelosa.

-- É. Mas, por trás de toda aquela... Simpatia, e educação. -- Daena começou. – Existe um lado dele, que muitos que estão aqui. Pensam... – apontou toda a família sentada a mesa. – Que é desconhecida para nós. Só que não é! – exclamou com raiva. Disparou. – Todos sabem que ele curte, garotas virgens...

-- Basta! -- falou Dom Geovane. Dando um tapa na mesa. Deixando todos assustados e alertas. – Acho que desconhece a verdade dos fatos, Daena. – disse em tom de reprimenda.

-- Mas é o que todos falam nonno. – Daena, insistiu.

O que irritou Dom Geovane, ainda mais. Detestava certos assuntos á mesa. E não compreendia os motivos da insistência de sua neta no assunto. Conhecia-o. Sabia que não tolerava esse tipo de coisa. Aonde ela queria chegar? Dom Geovane, perguntou-se em silêncio.

-- Daena, sabe que papa não gosta que tragam assunto deste tipo á mesa. Por favor? Respeite seu nonno? – Tânia, pediu nervosa.

-- Mas, mamma... – Daena, cortou-a. – Eu o vi ontem no jardim com Rhane... – soltou. Com tom de preocupação na voz, olhando para Rhane. – Acho que ela deve saber...

-- Essa é a sua preocupação? – Rafael, quis saber em tom de deboche.

-- Olha aqui, Rafael. – Daena revidou. Brava. Não gostou do tom debochado do primo. -- Você sabe muito bem que todas as garotas querem ter sua primeira vez com ele. – revelou. Deixando todos pasmos. Rafael. Ficou lívido. – Não que ele, as procurem. Elas, o fazem. E ele, simplesmente não as rejeita. – informou. – Ele é o primeiro da lista de toda garota virgem.. Zio Aleico, é o segundo...

Aleico cuspiu todo o vinho da boca que acabara de beber novamente na taça. Horrorizado.

-- Dio Santo! Não me olhem assim. -- defendeu-se. Diante do olhar de toda a família. -- Nunca toquei em nenhuma dessas garotas...

-- Ah, pode acreditar. -- Daena auxiliou-o. – Dizem que zio Aleico, foge de uma virgem. Quem nem o diabo da cruz! – disparou a rir. – O que quis dizer sobre ser o segundo preferido das garotas... São os seus muitos casos. – dizia encarando-o, seria. – Elas acreditam que você deve ser tão bom de cama... Tanto, quanto o primo Lúcio.

Entre constrangido, e perplexo. Aleico ficou sem palavras diante da revelação da sobrinha. Dio! Nunca em sua vida imaginou algo assim! Garotas pervertidas! Exclamou, silenciosamente. Horrorizado. Suas sobrinhas não deviam andar com garotas assim! E pensar que seu pai achou que Rhane poderia corromper suas netas!

-- Não deviam andar com estes tipos de garotas. – Aleico repreendeu-as. Enérgico e irritado.

-- Oh, não se preocupe. Não andamos com elas. -- Pauline assegurou. -- Isso são coisas que ouvimos na escola, no clube e nas baladas. -- explicou. – Fazer o quê! Os homens mais bonitos de toda a Itália estão na nossa família! – exclamou dando de ombros.

Fazendo todos rirem. Aleico não riu. Permaneceu serio.

-- Ao meu modo de ver.. Daena, não há motivo para estar preocupada com Rhane... -- Rafael manifestou. -- Principalmente, por causa do primo Lúcio. – observou maroto.

-- Por quê? – Aleico quis saber. Arrependendo-se logo a seguir ao perceber o tom malicioso do sobrinho.

-- Porque se o que dizem dele. É verdade. E o que dizem dela, também é. Não há motivo para preocupação. -- falou dando de ombros, com indiferença.

-- Não entendi? – quis saber, Daena. Inocentemente.

-- Oras Daena. Deixe de ser tão inocente. – Rafael, zombou. Daena trunfou a cara com raiva. – Ela não é mais virgem..

Ao ouvi-lo Rhane engasgou com o vinho que acabara de beber. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Seu peito doía. E seu nariz ardia com o álcool do vinho. Deus! Sentiu o ar esvair-se de seu pulmão. Tomada pelo acesso de tosse. Todo o seu corpo doeu. Deus! Gemeu!

-- Erga os braços dela para cima, Aleico. – ouviu alguém dizer. – Isso. – sentiu que massageavam suas costas, e davam-lhe pequenas palmadas. Fazendo-a expelir o vinho de volta. – Ótimo. – a voz calma dizia. – Pronto. Sente-se melhor?

-- Sim. – respondeu com voz rouca. Olhando para seu salvador. – Obrigado. Guillermo! – agradeceu, sentiu sua garganta áspera devido ao acesso de tosse.

-- Beba um pouco de água. – ofereceu-lhe. -- Vai aliviar o ardume da garganta. --Guillermo disse gentil. – E não precisa agradecer Rhane. Não seria um bom médico, caso não soubesse lidar com um paciente engasgado. Não acha? – disse com um sorriso maroto.

Ela assentiu em acordo.

-- Não me olhe assim, zio Aleico. – Rafael falou com frieza. – Não é segredo para ninguém aqui... O caso envolvendo ela, em Londres! – exclamou na defensiva.

-- Então, sinto muito em informar, Rafael. – Daena, falou. Cortando Aleico, de dar uma boa resposta ao sobrinho. – Mas o que vi ontem.. Deixou bem claro para mim, que ele abriu uma exceção para Rhane. Pronto falei! – exclamou indignada.

-- Oh, meu Deus! – Rhane, exclamou aflita. Olhando para Aleico. Ele olhou-a furioso. – Ele só estava me ajudando... – tentou explicar em vão. A garota olhou-a cheia de dúvida. Desacreditada.

-- A mim.. Pareceu que ele estava, beijando-a. – acusou.

-- Tem certeza do que está falando, Daena? – Dom Geovane procurou saber. Em um tom nada agradável.

Aleico percebendo. Interceptou.

-- Rhane bebeu um pouco além da conta. – explicou, olhando firme para o pai. Voltou á atenção para sobrinha. Continuou. – O que você viu. Foi Lúcio, tentando ajudá-la. Por isso, fomos embora mais cedo. – olhou para o pai. – Tenho certeza que ele o avisou, não?

Dom Geovane assentiu. Sustentando-lhe o olhar.

-- Sim. Avisou a mim, e a Domenico. – confirmou. Achando a atitude do filho um pouco suspeita. Iria ficar de olho! Pensou. – Bom. Esse é um assunto que não gosto que seja comentado em uma hora tão sagrada. – reprimiu. – Mas, como não pôde ser evitado... Devido a muitos acontecimentos nos últimos dias. Sugiro que... – apontou, para os filhos casados. -- Converse com seus filhos sobre Lúcio. E você... – apontou para Aleico. -- Com Rhane. Ela precisa saber que seu primo, não é o monstro que o pintam! – exclamou desgostoso. – Dio Santo! Como vai esquecer toda aquela

tragédia. Com todos esses comentários! – reclamou com tristeza.

Rhane viu a tristeza tomar o semblante de todos. Aleico abaixou os olhos e ficou a observar o prato de comida a sua frente, ainda intocado.

-- Ele não liga para os comentários, papa. – Aleico disse com voz fraca e triste. – Para Lúcio, o difícil é esquecer, como á amou... E como á perdeu. Dio! Não quero nunca passar por isso! – exclamou dolorosamente.

-- Ninguém quer filho. – o pai concordou. – Mas, isso não é motivo para você fugir do amor, Aleico. – admoestou-o, sábio. – Um homem não é nada sem o amor de uma mulher. – disse, olhando atento para o filho. Aleico desviou o olhar. – Tenho certeza que seu primo não fechou o coração para o amor. – apontou, olhando para a enteada de seu filho Domenico, entendeu o motivo da aproximação de seu sobrinho. A picolla era de fato parecida com a garota por quem ele se apaixonou. Santo Dio! Domenico, não iria gostar nada disso.

Percebendo o olhar atento do pai em Rhane. Aleico teve certeza que ele notou a semelhança dela, com Caterine. Como ele também havia notado. Quando viu o primo encantado com ela.

-- Papa...

-- Não sou cego, Aleico. – Dom Geovane, interrompeu-o. Rude. Deixando a todos surpresos, com sua atitude. – Vamos esquecer esse assunto um tanto desagradável. – ordenou nada contente. – E vamos almoçar em paz... Antes que toda a comida esfrie, si!

Após o almoço como era costume. Todos se sentavam em uma área reservada no jardim. Ninguém ousou voltar ao assunto que tornou o almoço daquele domingo, um tanto desagradável. Notou ela. Sobre a sombra de duas grandes árvores foram colocado várias espreguiçadeiras. Além de chaise, redes, namoradeiras e colchonetes. Tudo próprio para um descanso. Ou simplesmente para um bate-papo. O lugar era cercado de muito verde e flores. Fora projetado num ponto onde podia ver todo o arredor da villa. A vista era sensacional.

-- Uau! Dá pra ver tudo daqui! – disse Rhane. Boquiaberta.

-- Gostou? – quis saber, Dom Geovane. Prostrando-se ao seu lado. Surpreendendo-a.

-- É simplesmente... Fabuloso! -- respondeu sincera.

-- É sempre assim? – perguntou, ele. Demonstrando curiosidade.

-- Assim, como? -- indagou cautelosa.

-- É muito espontânea, Rhane. Agi sempre assim... Sem nenhum receio. – explicou, admirado com seu jeito alegre.

-- Bom, nem sempre. Às vezes ser espontânea demais se torna um grande empecilho... – sua soou um tanto, aborrecida. – Mas, sinceramente não imaginei que fosse... O que quero dizer. É...

-- Sei o que quer dizer. -- cortou-a, um tanto áspero. -- Nunca estive na Itália, Rhane?

-- Não, nunca.

-- E pelo o seu entusiasmo devo acreditar que gostou? – indagou-a. Com aparente dúvida.

-- Sim, muito.

Sentindo que era observada por ele. Ficou sem jeito. Não gostava de ser avaliada. Mas, procurou não demonstrar seu desconforto diante dele. O seu olhar perscrutador, parecia ver através dela.

Ler sua alma. Aflita. Voltou seu olhar para a paisagem maravilhosa a sua frente. O lugar era realmente lindo. Impossível não se apaixonar. Ao olhar na direção onde se encontrava os demais. Percebeu que todos os olhavam atentos. Rhane voltou a olhar para o jardim. Encantada com a paisagem. Caminhou direto para uma pequena mureta logo a sua frente. Recostou-se, e apoiou os cotovelos sobre ela. Dali, via-se todo o lago. Os vinhedos. Tudo. Ficou lá, silenciosamente. Observando toda aquela beleza. Percebeu a presença de Dom Geovane, ao seu lado. Ele a tinha seguido. Sentiu a tensão tomar seu corpo.

-- E pretende conhecer algum lugar em especial? – perguntou, segundos depois. Sem desviar o olhar dela.

-- Não, não tenho um lugar em especial. – expressou, procurando ocultar sua tensão. -- Mas, tenho em mente fazer um tour geral... Depois que... Que Domenico liberar. É claro. – disse, sem jeito.

-- Hum.. Aleico sabe disso?

-- Não... Não disse nada, ainda... Só quero conhecer o país. -- explicou receosa. Estranhando a pergunta.

-- Então, será bom lhe dizer. – avisou-a severo. -- Domenico passou toda a responsabilidade sobre você, para ele. Sabe disso, não é?

-- Eu sei.

-- Sabe que fui contra sua vinda para cá, não sabe? – observou. O tom dele demonstrava aborrecimento.

-- Sim. – Rhane anuiu. Receosa

-- Aleico, como sempre resolveu me contrariar. – disse. – Mas, agora entendo o motivo dele, em agir assim..

-- Era um direito do senhor..

-- Não, não era. – expôs. -- E não me interrompa. Por favor? – pediu, educadamente.

-- Desculpe!

-- Devia ter sido mais compreensivo, olhado... Ou ouvido, com mais atenção. Procurado entendê-lo. Neguei ajudar. Um pai não deve negar ajuda ao um filho. E foi o que fiz, com Domenico. – exclamou, aborrecido. – Julguei-a. Sem ao menos conhecê-la. – parecia amargurado. – Preocupe-me, com o que aconteceu com você... Aleico... Enxergou, além disso. Preocupou-se com irmão. Dio! Como pude ser tão cego! Não me lembrar de Lúcio. – pausou pensativo. Continuou. – Ele não estava por perto. Quando toda a tragédia aconteceu. Caso estivesse. Teria feito algo a respeito. – vendo que ela olhava-o, sem nada entender. Falou. – Quando Aleico lhe contar sobre esta tragédia. Entenderá! – afirmou. – Quero que me desculpe Rhane. – pediu sincero.

-- Olha, não sei o que dizer Dom Geovane... – falou, sem jeito. Diante do seu pedido de desculpa... – Pelo pouco que o conheci... Pareceu-me uma pessoa sensata que ama muito sua família. E isso é algo que admiro muito.

-- Obrigado. – Dom Geovane agradeceu, honrado. – Domenico, saiu um pouco preocupado hoje. – disse, mudando de assunto. Rhane achou ótimo. -- Durante o almoço. Notei que ele estava certo. – concordou. -- Ao dizer que os dois, haviam se dado bem. Ficamos preocupados com isso. Aleico é... – disse, virando para olhar o filho. Vendo-o em total sintonia com os irmãos. – Ele é uma pessoa maravilhosa, Rhane... Sempre o amei. Às vezes mais do que deveria. – declarou. -- Nunca consegui

compreender, o por quê? Talvez, seja por ele ter me desafiado. Não sei! Mas, ao invés de ter ficado furioso com ele por isso. Achei-o muito corajoso. – falou com orgulho. – Pois, não havia necessidade alguma. Sempre, fomos ricos. Mas, ele queria conquistar o seu próprio espaço. E conseguiu. Admirou-o. – exclamou terno. – Amo todos os meus filhos... São todos diferentes em suas personalidades. E os amo, como são. Jamais farei aceção de nenhum... São únicos! -- revelou maravilhado. -- Mas Aleico, é o mais diferente de todos. Por isso nunca o enfrente, Rhane... Sairá perdendo. -- disse em tom de repreensão. Mas, amigável.

-- Acho que nunca farei isso, Dom Geovane. -- foi franca. -- Não sou muito boa em lidar com esses tipos de situações. Na maioria das vezes prefiro ceder... É menos doloroso... – anuiu.

Viu-o, olhando-a. Pensativo.

-- Mesmo... Por amor? – indagou-a, repentinamente.

Rhane olhou-o, espantada. Diante da pergunta inesperada.

-- Eu não sei quanto... Há isso. É algo que ainda não tive a experiência de sentir... -- dizia olhando na direção de Aleico. Dando de cara com ele, fitando-a com ar preocupado. Então, voltou a olhar para Dom Geovane que acompanhava o olhar dela. – Acho que ele... Está preocupado. -- disfarçou nervosa.

-- Não tiro a razão dele. Deve achar que estou recriminando-a. -- Dom Geovane falou divertido. – Ainda vai encontrar o amor, Rhane. Isso é... Se já não o encontrou! – disse um pressentimento estranho. Alertando-o. -- É melhor ir ter com ele, picolla! – então, beijou-a na testa. E saiu ao encontro da esposa.

Ficou olhando-o ir á direção de Dona Elisa, e os netos. Matteo e Eloisa. Estes estavam na beira do lago jogando migalhas de pão aos patos. Surpresa. Sem compreender aquela estranha conversa. Será? Não, acho que não! Seria impossível. Fazia três dias que tinha chegado. Tudo bem que sentiu uma forte atração por Aleico, assim que o viu. Mas, e daí? Que mulher resistiria? O cara era lindo! O desejo foi mutuo. Não foi? E daí que o resultado disso levou-os a sucumbirem ao desejo de seus corpos. E acabaram juntos na cama. Era só sexo! Nada a ver com amor! Observou. Ou tinha? Perguntou-se. Olhou para Dom Geovane. Será que ele percebeu alguma coisa. Algo que nem ela havia percebido. Meu Deus! Estaria apaixonada? Talvez, sim... Talvez, não! Lembrou que ao ter seu corpo possuído por ele. Sentiu-se parte dele. E isso. Afligiu-a. Confundi-a. Oh, céus! Suspirou, agoniada. E agora? O que iria fazer?

Voltou-se para Aleico. Viu que a fitava. Indagador.

Aproximou-se dele, e dos demais. Todos estavam sentados. Ele e Álvaro ocupavam o mesmo banco. Este se levantou indicando o seu lugar, para ela.

-- Não se preocupe Álvaro... Eu...

-- Tudo bem. Estávamos só conversando... E a esperando... – falou, sentando na cadeira ao lado. – Aliás, todos a esperavam. -- disse Álvaro. Sua voz soou expressivamente curiosa.

Olhando a sua volta. Notou que os únicos não presentes. Eram Dom Geovane, Dom Gustavo, Dona Elisa e as crianças. Estranhou.

-- Mas, por quê? – perguntou ela. Inocentemente.

Todos riram diante da sua inocente pergunta. Menos, Aleico. Constrangida. Olhou-o, sentia-se perdida. Exposta.

-- Basta! – reprimiu-os. Enérgico. E todos, calaram-se. -- Rhane... Olha, não estão zombando de você. É serio! – afirmou, ao ver visivelmente a descrença em seu rosto.

-- Então porque, você... Também, não riu? – quis saber, irônica.

-- Porque sabia que iria estranhar. -- disse gentil. – Isso é comum, entre nós... Muita das vezes parece estarmos brigando... Ou zombando, um do outro. Mas na verdade. É tudo brincadeira. – tentava explicar. -- Sei que é complicado para você entender, isso...

-- É mesmo. Não diga! -- desdenhou azeda. – Caso não importar.. Quero ir embora?

-- Rhane... Olha, não estávamos zombando de você. acredite?! – Marize, falou meiga. – Somos assim mesmo. Não queremos que tenha uma má impressão de nós. Perdoe-nos. – pediu sincera. – Esquecemos que é inglesa... Que não está acostumada com o jeito de ser dos italianos... -- foi humilde.

Rhane fitou-a. Analítica. Concluindo sua sinceridade. Notou também como os demais pareciam desconfortáveis com a situação. O que a fez sentir-se uma idiota por reagir estupidamente.

-- Sinto muito. Eu.. Nem sei o que dizer.. – gaguejou, sem jeito. Tensa.

Vendo-a muito tensa e constrangida. Perante o jeito alegre e desinibido de sua família. Aleico socorreu-a.

-- Tudo bem... Logo vai estar acostumada. -- confortou-a. – Agora... Estamos todos curiosos. Sobre sua longa conversa com, papa. – sua voz soou um tanto ansiosa. Preocupada. – Vai nos contar?

Rhane notou.

Ouviu Álvaro, rir.

-- Não parecia curioso, cunhado. Parecia desesperado, isso sim! – zombou.

-- Nisso concordo com Álvaro, mano. -- fez coro, Guillermo. O mais calmo dos irmãos. Também sorrindo. -- Nunca o vi tão desesperado. – dando-lhe uma piscadela. Olhou para Rhane. Disse. – Dom Geovane... Nunca aceitou ser afrontado. – avisou-a. – Ao trazê-la... Fez exatamente isso. – falou, encarando o irmão. – Sabe que papa vai ficar de olho em você. Não é?

Aleico resmungou um palavrão em italiano. Sabia que seu irmão tinha razão em fazer tal observação. Seu pai iria monitorar cada passo dele. Ou melhor. Dele, e de Rhane. Droga! Dio! O que fazer? Perguntou-se. Precisava elaborar uma estratégia. Uma muito boa. Ou estaria perdido. Dom Geovane, era um homem muito inteligente. Um estrategista nato. Conhecia-o. Não seria fácil enganá-lo. Devia estar ficando louco! Suspirou.

-- Xingar... Não resolverá sua situação, Aleico. – brincou Ricardo. – Terá que por olhos na nuca, mano. – troçou. Fazendo todos rirem.

-- Há-há. Muito engraçado. – resmungou contrafeito.

-- Bom, mas veja o lado bom disso. – Marize veio em seu auxílio. – Eu e Tânia... Achamos... Ou melhor, pensamos. Que você, e Rhane. Não devem mesmo irem, a esta festa. – observou. – A não ser é claro... Que Rhane queira ir. Aliás, não vejo problema nisso. Mas, quanto a você. -- apontou-o. -- Não acho uma boa ideia. – balançou a cabeça em reprovação. – Os tablóides vivem o perseguindo. – lembrou-o. -- Está sempre nas principais manchetes de fofocas. E isso seria um prato cheio para esses urubus! – exclamou preocupada. – Mamma, detesta essas coisas. Ainda mais os comentários maldosos, a seu respeito...

-- Sei disso, Marize. – Aleico, concordou. Desgostoso. – Mas, não vou deixar Rhane ir sozinha. Ela mal sabe falar nosso idioma...

-- Ela vai estar com as meninas, Aleico. – Tânia interrompeu-o. – Não há com o que se preocupar..

-- Acho melhor, não. – Aleico determinou, passando as mãos nos cabelos. Aparentemente nervoso. Olhou para Rhane, perguntou. – Mas, depende de você. Se quiser ir. Tudo bem!

Rhane olhou o ar nervoso dele. Sabia que caso decidisse, por ir. Ele iria também. Pensou em não ir. Mas, tinha as meninas. E não queria magoá-las. Suspirou. Por outro lado, todo o seu corpo doía. Precisava de umas aspirinas para dor. Isso era certo! Em hipótese alguma se via com condições para frequentar uma balada. Que drama! Como resolver isso? Aí, que agonia! Exclamou, cansada.

-- A bem da verdade... Preferia não ir. – Rhane começou. – Mas, prometi as meninas. Não sei o que fazer! – clamou cheia dúvida.

-- Quanto a isso não precisa se preocupar Rhane. – Álvaro disse. – Duvido que Dom Geovane, vai perdoar o comportamento de Daena. – observou serio. – E eu, como pai. Não tiro a razão de meu sogro. Respeito-o. E ela, como minha filha e sua neta. Deve-lhe, o mesmo respeito. Ultrapassou os limites do respeito com o avô... Deve arcar com as consequências. – demandou.

-- Oh! – Rhane exclamou. Num lamento preocupado.

Todos ficaram em silêncio. Um silêncio constrangedor.

Aleico resolveu quebrar o silêncio. Sabia que sua família pensava no assunto trazido a mesa. Assunto não. Tragédia. Isso, sim!

-- Bom. Qualquer coisa alguém me avisa. Está bem? -- pediu. – Quer ir para casa? – quis saber, olhando-a.

-- Sim, acho bom. Estou cansada. – falou ela, um pouco sem jeito. Diante da pergunta dele. – Estou estranhando um pouco o clima... Aqui é bem mais quente do que em Londres.

-- Logo você se acostuma. – Tânia observou. – Já decidiu quanto tempo irá ficar?

-- Eu...

-- Ela vai ficar o restante do ano. – Aleico respondeu por ela. – Não poderá voltar às aulas este ano mesmo. Então, não vejo motivo para não ficar. – acrescentou. Olhando-a nos olhos. Decidido.

Rhane ficou furiosa.

-- Não precisa responder e nem decidir por mim, Aleico. Não é meu dono! – replicou com raiva. – Sou perfeitamente capaz! – bufou.

-- Dio Santo, Rhane! Só estava tentando dizer que não ligo que fique...

-- Não, não estava. – cortou-o furiosa. – Não vai mandar em mim. Não vou deixar. Vou fazer o que quiser. “Você”. Não. Manda. Em. Mim! – esbravejou palavras por palavras.

-- Uma ova... Que irá fazer o que quiser! – revidou, tentando não perder a calma. Sua família olhava-os, surpresos. – Sou responsável por você. – falou, com mais calma. – Prometi a meu irmão. – justificou.

-- Prometeu o quê? Que eu faça o que você quer? Do seu jeito? Sem questionar?

-- Cristo! Como começamos isto? – Aleico quis saber. Referindo-se a discussão ridícula deles.

-- Pouco me importa como isso começou. – resmungou zangada. – Disseram-me para não procurar briga com você... E realmente não quero mesmo! Não gosto de brigas. Sempre perco. – falou procurando acalmar-se. Ao perceber toda atenção da família neles. – Só não quero que tente... Controlar-me...

-- Não quero controlar você. Quero respeito. – Aleico disse descontente com o rumo daquela conversa. – A pessoa que a avisou para não brigar comigo. Deve me conhecer, muito bem! Obedeça-o. – avisou-a, impaciente.

Irritada. Sentindo-se mal por ter perdido a paciência e discutido com ele. Praticamente por um motivo banal do qual ela poderia esperar. E conversar com ele, a sós. E não ali na frente de toda a família. Rhane olhou. Viu-os, olhando-a. Entre surpresos e chocados. Percebeu que sua falta de decoro havia chamado á atenção dos pais deles. Dom Geovane, deixou a esposa e os netos na beira do lago. E caminhava a passos largos na direção deles. Aflita. Levantou.

-- Quero ir para casa? – pediu, com voz falha e baixa.

Vendo toda aflição estampada em sua face. Por ter chamado atenção de seu pai. Aleico deu suspiro resignado. Ela estava fugindo da situação. Como sempre!

-- Fugir não é a melhor solução, Rhane. – reprimiu-a áspero.

-- Não estou fugindo. – fungou.

-- Vá para o carro... – ordenou, dando de ombros. Deixando claro que não acreditou nela. – Deixa que resolvo isso. – deu-lhe chave. E empurrou-a na direção da saída.

Rhane pegou as chaves. E saiu dali rapidamente.

Aleico ficou olhando-a ir embora. Pensativo. Dio! Como aquilo foi acontecer? Eles estavam brigando! Desabou na cadeira. Passando as mãos nos cabelos com gestos nervosos. Olhou para o pai vindo a passos largos. Demonstrando no rosto puro descontentamento. Seus irmãos olhavam para ele. Preocupados. Ele procurou relaxar. Preparou-se para responder as perguntas que o pai, certamente faria.

-- O que foi isso, Aleico? – Dom Geovane requereu autoritário. – Porque estavam discutindo? Deixou sua mãe preocupada. – repreendeu-o. Olhando para onde sua esposa estava com os netos. Demonstrando no olhar toda sua paixão pela sua amada companheira, há mais de 43 anos.

Aleico acompanhou o olhar do pai. Admirava todo o amor que um tinha pelo outro. E que os longos anos juntos. Foram incapaz de amenizar. O amor dos pais sempre foi um exemplo para ele. Queria um amor assim! Alg, que jamais pensou encontrar. Que achava impossível há menos de 24 horas. Agora. Estava confuso. Apavorado. Com medo. Dio!

-- Aleico? – ouviu a voz enérgica de seu pai, chamá-lo. Tirando-o de seu devaneio.

-- Eu... Sinceramente, não sei o que dizer. – parou. Achando dificuldade em encontrar as palavras certas. O que estava acontecendo com ele? Pensou. Nunca teve dificuldade em se expressar. Lidar com situações difíceis. Era o seu ponto forte.

-- Dio mio, Aleico! É a primeira vez que o vejo... Sem palavras. – Ricardo caçoou. – Sempre teve resposta para tudo. – exprimiu surpresa. – Sua primeira briga com aquele pedacinho de gente... Mexeu mesmo com você. Não?

-- Deixe-me paz, Ricardo. – rosnou. – E não estávamos brigando. Só divergindo em certos pontos. – reclamou.

-- Só divergindo? Pois para mim pareceu outra coisa. – Ricardo disse em tom desconfiado. Chamando a atenção de Dom Geovane, para o tom desconfiado de sua voz.

-- Diga o que pareceu para você, Ricardo? – O patriarca exigiu.

-- Só estávamos discutindo sobre o que aconteceu durante o almoço, papa. – Aleico tomou a frente do irmão. Queria evitar que aquele assunto se alongasse. – Marize e Tânia... – apontou as irmãs, que assentiram em acordo. -- Chegou a uma conclusão que não seria de bom tom, minha presença nesta festa. Os tabloides iriam adorar. Aliás, qualquer coisa que faço já é motivo para colocarem nas primeiras páginas de todas as revistas sensacionalistas da Itália. – falou em tom desanimado.

-- Bom. Quanto a isso não discordo de suas irmãs. E sua mãe, detesta vê-lo... Sempre estampado nestas revistas de fofocas. – Dom Geovane anuiu. – Mas, isso não é motivo para brigas. Entre você, e a "bambina". – chamou-lhe a atenção. -- Desrespeitou-me. Ao trazê-la para cá. – lembrou-o. -- Portanto trate de cumprir com que prometeu a seu irmão Domenico. Caso venha achar que não dará conta. Ainda podemos mandá-la para nossa villa na Áustria, sabe disso? – notificou.

Aleico bufou indignado. Odiou seu irmão Ricardo pela a insinuação maldosa. Não tão maldosa assim! É claro! Ele era inteligente. E muito perspicaz. Devia ter percebido alguma coisa. Droga! Praguejou. Também se preocupou com a desconfiança de seu pai.

-- Não há necessidade disso, papa. – Aleico respondeu firme. – Sabe que nos conhecemos, há menos 24 horas. É pouco tempo para criarmos afinidades um com outro, não acha?

-- Sabe o que é engraçado, Aleico? – Ricardo disse cinicamente. E antes que ele falasse qualquer coisa. Continuou. -- Que não foi pouco tempo... Para terem a primeira briga. – objetou desconfiado.

Aleico percebeu que o comentário de seu irmão Ricardo. Deixou a família um tanto confusa e constrangida.

-- Gostaria de saber do que me acusa Ricardo? – refutou-o.

-- Não estou acusando-o, de nada... – respondeu resolutivo. – Essas 24 horas fez mudanças estranhas em você, mano! Confesso. Desconheço o Aleico Domenacci... – apontou-o. -- Sentado aqui... A minha frente. – observou atento.

Aleico encarou-o nada contente. Também estava desconhecendo a si próprio. Pensou. Aborrecido.

-- Bom. A meu ver isso tem uma explicação lógica... Não acham? – Dom Geovane, se expressou. E todos voltaram á atenção para ele. – Acho, que todos aqui. Esquecemos-nos de um pequeno detalhe. Aleico é solteiro. Mora sozinho. Há anos. – avaliou. – Nada mais natural que haja certas mudanças em seu comportamento. – justificou-o. – Tudo bem! Que foi ele quem procurou isso! – exclamou a contragosto. – Tenho certeza que é difícil para um homem acostumado a viver sozinho... Se ver às voltas. E ainda por cima, responsável por uma adolescente. – acrescentou. -- Então chega de acusações ou desconfianças sem nenhuma pretensão. Fui claro? – quis saber. Com olhos atentos principalmente sobre Aleico e Ricardo. Vendo o tom autoritário do pai, todos concordaram silenciosamente. – Vá para casa, Aleico. – ordenou. – Procure ser paciente, e compreensivo com a "picollina". – salientou. – Às vezes é muito dominador, filho. E isso assusta quem não o conhece direito. – reprimiu-o, calmo. Deixando-o, sem jeito.

Aleico aproveitando a deixa. Levantou-se. E tratou logo de ir embora.

-- Marize avise mamma, para mim. – pediu.

-- Pode deixar, Aleico...

-- Obrigada, Marize...

Despediu-se de todos.

Ao sair. Encontrou-a encostada no carro. Parecia nervosa. Angustiada. Assim, que o viu. Foi logo ao seu encontro.

-- Aleico... Não sei o que deu em mim... Eu... Eu... – parou ao ver a carranca estampada no rosto dele.

-- Entre. – mandou áspero. – Conversamos em casa. – falou abrindo a porta do carro para ela. Empurrando-a para dentro. Nada gentil.

Rhane olhou-o assustada com o jeito, e o seu modo de falar nada educado. Não sabia se o seu comportamento era devido a sua falta de respeito por discutir com ele, daquele jeito na frente da própria família? Deveria era estar grata por ter sido bem recebida... Não só por ele. Mas, por toda a sua família. Pensou envergonhada. Decidiu por ficar em silêncio.

Quando chegaram. Achou que fossem conversar. Mas, ele seguiu direto para o escritório. Fechando a porta em seguida. Desanimada, subiu para o quarto. Deitou-se. Precisava descansar um pouco. Refletir. Mas sua cabeça doía. E seu corpo também. Sem outra alternativa. Levantou foi direto ao armário do banheiro. Pegou dois comprimidos para dor. Tomou-os.

-- Ainda está com dor, Rhane? -- Aleico quis saber.

Levantando a cabeça. Viu-o através do espelho. Estava encostado no batente da porta fitando-a. A carranca parecia ter se esvanecido. O semblante demonstrava preocupação. Cautelosa, respondeu.

-- Um pouco... Acho que dentro de um, ou dois dias. Deve passar. -- falou, tentando parecer calma. Enxaguou o rosto com água fria. Pegou a toalha que ele estendeu. Secou-se. E ao passar por ele, foi barrada junta a porta. Olhou-o nos olhos. Naquele exato momento. Sentiu-se cansada e insegura. Sabia que iriam ter que conversar sobre o acontecido na casa dos pais dele. E era por isso que ele estava ali. Teve medo.

-- Com o quê... Está preocupada? – quis saber, ao ver nos seus olhos... Insegurança. Medo. Cansaço. Queria protegê-la.

-- Não estou preocupada com nada... – respondeu, procurando demonstrar segurança na voz.

-- Não finja para mim, Rhane. -- reprimiu-a, ao ver que mentia. Encostando-a ainda mais, junto à porta.

-- Não estou fingindo, Aleico... -- respondeu. Sentindo a pressão do corpo dele, junto ao dela. Na verdade, não queria ter aquela conversa no momento. Pensou. Não estava preparada. -- Sei que é normal no começo...

-- Não me faça de idiota... Sabe que não me referi a isso. -- disse, tentando se conter. Se tinha coisa que detestava. Era quando tentavam fazê-lo de idiota. Bufou. E era exatamente isso que ela estava fazendo. Fugir de um assunto, com outro.

Ao ver o tom alterado da sua voz. Estremeceu-se. Era melhor dizer logo o que passava em sua cabeça. Mas, não sabia ao certo como começar. Inspirou o ar. Nervosa.

-- Eu estava pensando sobre o que aconteceu... Comportei-me, como uma idiota... E não devia ter discutido com você na frente da sua família. – dizia, sua voz saiu tensa. – Fiquei com raiva... Quando respondeu por mim. – explicou. – Não estou acostumada que outra pessoa responda por mim.

Aprendi desde muito cedo a tomar minhas próprias decisões, entende? Tia Karen, sempre me ensinou a ser independente. – referiu-se a tia com orgulho. – Tudo bem! Que minha última decisão... Trouxe-me, aqui. – disse, dando de ombros. Um tanto sem jeito. – Mas, fui idiota e ingrata, com você. – anuiu. -- Acabei por chamar a atenção do seu pai para a nossa discussão. Errei. Quero que me desculpe. – pediu sincera.

Aleico tocou-lhe a face com carinho. Deu-lhe um beijo leve nos lábios. Sentiu-a trêmula.

-- Primeiro. Não se comportou como uma idiota, Rhane. – disse. – Eles agiram errado... – falou, referindo a brincadeira dos irmãos. -- Tudo bem. Que é comum, entre nós. Mas, você não está acostumada. E era obrigação deles, lembrarem-se disso! Por isso ficaram chateados quando viram a sua reação. – lembrou. – Segundo. Quero cuidar de você. Protegê-la. Amá-la. – disse abraçando-a com carinho. – Terceiro. Não precisa se preocupar com meu pai. Está bem?

-- Está bem. Mas, não é só isso... Seu pai... – parou, sem saber ao certo o que dizer.

-- O que meu pai falou que a deixou tão preocupada, piccola mia? -- indagou-a, acariciando o rosto levemente.

-- Queria saber... Parece desconfiado. – gesticulou. – Acha... Insinuou. Sei lá... Que estou apaixonada. – sussurrou nervosa.

-- E está? – perguntou ele, com aparente calma.

-- Oh! Como consegui ficar assim. Tão calmo? -- reclamou. – E eu não sei! Talvez! – exclamou.

-- Por mim? – insistiu, com ar de satisfação.

-- Não... Sim... – não resistiu. Confessou. Seu coração batia acelerado. Louco. -- Convencido! – replicou, vendo-o sorrir. -- Satisfeito?

-- Muito. -- afirmou, beijando-a com paixão.

-- Oh! -- gemeu, com seus beijos calorosos.

-- Disse-lhe, por quem?

-- Deus, não!

-- E por que, não? -- quis saber, beijando-lhe o pescoço, o lóbulo da orelha. Ao mesmo tempo em que acariciava o corpo dela, com mãos afoitas. Deixando-a sem fôlego.

-- Por que... Oh, por que... Deus! Não vou conseguir explicar nada assim, Aleico... -- resfolegou, sentindo dificuldade em respirar.

-- Não, não vai... -- concordou, parando subitamente com os carinhos. Soltando-a tão rápido, que a desequilibrou. Mas, antes que viesse a cair. Segurou-a novamente. -- Perdono... Minha falta de gentileza. -- beijando-a levemente na testa. Então, dirigiu-a para a cama. Ajudou-a sentar-se. Permanecendo em pé. – Acho que fez o certo. Creio que ainda é cedo para isso... -- fez uma pausa. Passando as mãos pelos cabelos, demonstrando certa preocupação. -- Mas, quero que saiba... Não pretendo demorar muito para falar-lhes, Rhane. Ainda mais agora sabendo que me ama...

-- Aleico, eu não devia ter dito nada. Estou tão confusa! -- interrompeu-o. Já arrependida por sua confissão. -- Não quero que se sinta obrigado... Por assumir um compromisso comigo...

-- Acha que estou me sentindo obrigado. Dio Santo, não! -- replicou, vindo sentar-se ao seu lado. Pegou-lhe o rosto com as mãos. Fazendo-a, olhar-lhe. -- Ouvir você confessar seu amor. Foi a melhor coisa que me aconteceu, picollina... Logo assim, que a vi. Apaixonei-me, por você. -- rindo,

ao vê-la arregalar os lindos olhos negros. -- Quando cheguei cansado... Louco por um banho. Sedento por uma boa refeição. E sabendo que logo teria que encontrá-la. -- dizia. -- Sinceramente, desconhecia sua presença em minha casa. -- alegou. -- Domenico, me disse que até minha chegada... Ficaria na casa de meu irmão Guillermo. -- contou. Rhane olhou-o surpresa. Seu futuro padrasto não mencionou nada a esse respeito. Pensou. -- Então, não imagina a minha surpresa ao ouvir uma voz... Que misturava meiguice, com extrema braveza. E que soou maravilhosa aos meus ouvidos. E incitou o inferno dentro de mim. -- reclamou. -- Quis saber de imediato... A quem pertencia... Dio! -- disse balançando a cabeça, ao relembrar daquele dia. Então sorriu. -- Então quando entrei na sala, e a vi... Discutindo com Arella. Dio Mio! O desejo me consumiu... Completamente! -- confessou. -- Mas, repreendi a mim mesmo. -- suspirou. -- Era enteada de meu irmão. Seria loucura querê-la! E estava tão cansado. Aleguei o desejo que senti, ao cansaço. Mas, ledô engano...

-- Como soube que era eu?

-- Primeiro. Porque falava em inglês. Não, em italiano. E depois pelos cabelos negros...

-- Serio! Como sabia que eram negros? Á única foto minha. Estavam vermelhos...

-- Sim, é verdade. -- concordou. -- Mas, quando perguntei a seu respeito. Domenico. Disse-me que era "bonitinha". Mas, que tinha os cabelos negros mais belos que já vira, em toda a sua vida. -- falava tocando-lhe os cabelos, prazeroso. -- Foi a primeira coisa que vi. Sabia? Não os corte... Nunca, Rhane. -- pediu com paixão.

-- Não vou cortar... Gosto deles assim! -- prometeu. -- Mas, "bonitinha"! -- reclamou. -- Francamente não acredito que... Domenico, falou que eu era "bonitinha"! Meu Deus! Oh, odeio quando dizem que sou "bonitinha"! É a mesma coisa que dizer que sou "anãzinha"... -- resmungou, fazendo cara feia.

-- Pois para mim, foi a "bonitinha" mais linda que vi... E que mudou o meu jeito de pensar... -- revelou, beijando-lhe os lábios. Meigamente. -- Passei a desejar. E querer daquele dia em diante. Viver com você, Rhane...

-- Eu também! -- confessou, retribuindo-lhe seus beijos. Sentiu que o desejo tomava o seu corpo. Novamente.

-- Rhane... Tem certeza? -- parou preocupado. Não queria machucá-la. Sabia que devia estar dolorida.

-- Tenho. -- afirmou. Queria-o. Seu corpo fervia de desejo. Queria senti-lo novamente dentro dela. Sua feminilidade pulsava entre suas coxas. Sentia-se úmida e pronta. -- Quero você. Quero-o, dentro de mim... -- sussurrou, beijando-o na boca com prazer. Ouviu-o gemer. Sentiu o corpo dele estremecer, junto ao seu.

-- Não quero machucá-la... -- murmurou rouco. Sua excitação era tanta que sentia seu membro doer, tamanho o desejo que tomava seu corpo. Teve medo de perder o controle. De ser violento, com ela. Sentia tanto tesão. Sabia que fazer amor com ela, calmamente... Não aplacaria o desejo que sentia. Mas, precisava ser paciente. Ela era inexperiente. Ele, seu primeiro amante. Cabia a ele, ter o controle. Não ela. Vê-la tremula de desejo. Era uma tortura! Difícil de conter-se! Inspirou, profundamente. Procurando controlar-se. Desistiu. Dio! Tomou-a nos braços deitando-a na cama, despiu-a. E passou a beijar o corpo inteiro. Abriu suas coxas. E sugou-a. Penetrando a língua em sua umidade. Lambeu-a. Ouviu-a gemer e arfar em êxtase. Tocou-a com os dedos bem fundo, com carinho. Não queria machucá-la. Só lhe dar prazer. Muito prazer! Ouvi-la gritar quando um orgasmo lhe tomava corpo. O excitava ao extremo. Sentia o seu sangue queimar em suas entranhas. Seu sexo pulsava. Latejava. Queria possuí-la com todo o vigor de seu corpo. Animal, Selvagem.

Temia perder a razão.

-- Oh... Aleico. Quero-o dentro de mim. – pediu num sussurro. Arquejante.

-- Então, me terás amore... – disse, penetrando-a. Rápido e forte. Rhane gemeu ao senti-lo invadir com força. Ele retraiu o corpo. Temeroso. Tentou retroceder o corpo. Mas, ela o segurou com força. Impedindo-o. Beijando-o na boca. Incentivando-o com o corpo. Aleico não resistindo. Continuou. Estocando-a. Num vaivém frenético. Descontrolado. Prazeroso. Rhane arquejava de prazer a cada investida dentro dela. Seu corpo latejava. Pulsava. Fremia. Sentiu o delírio do prazer aproximar-se. Tomar seu corpo. Sua alma. E enlevá-la em puro êxtase. Ao senti-la estremecer e gozar prazerosamente. Aleico não suportou segurar seu desejo. E gozou junto com ela. Gemeu. Urrou. Ao sentir seu corpo esvaír-se, e sua seiva quente fruir. Estremeceu. Sentia os espasmos lhe tomar o corpo, juntamente com o dela. Dio! Era delicioso. Beijou-a com paixão. Sugando-lhe boca gostosa com prazer.

--Dio! Como te adoro! – clamou cheio de amor. Beijando-a sem parar.

-- Também te adoro, Aleico! – exclamou, sentindo-se feliz e completa.

-- Como você está? – quis saber preocupado. Rolou de lado na cama. Puxando-a junto ao peito. – Não devíamos ter feito amor novamente... Eu devia ser mais paciente. – clamou ele. Ao ver que sentiu dor quando saiu de dentro dela. – Precisa de tempo para recuperar-se. – falou aconchegando-a, ao seu corpo. – Pelo menos de dois ou três dias, sem sexo...

-- Dois ou três... Dias! É muito! – protestou. – Estou bem. Juro! -- choramingou.

-- Não, não é! – admoestou-a, gentil. -- Seu corpo vai reagir a isso, amore. – disse com carinho. – Precisamos ir com calma. Temos todo o tempo do mundo para nós amarmos. – falava suavemente. – Sou um homem experiente... Um, que sempre evitou garotas inexperientes... – falou tocando levemente um dos seios. Os bicos estavam vermelhos e inchados. Sentiu-a enrijecer diante do toque. Soltou-o. -- Mas, nem por isso... Desconheço que a primeira vez de uma mulher é dolorido. E que nem sempre é prazerosa. – expressou. Gentil. – É muito pequena, e inexperiente. Não quero machucá-la. Por isso serei paciente. E a signorina, também! – disse, beijando-a.

-- Não sou tão pequena, assim! – reclamou. Desvencilhou-se dele, fazendo uma careta de dor com o gesto. Ele franziu as sobrancelhas, atento. Ela maliciosamente desceu o olhar por seu corpo. Parando em seu sexo, ainda excitado. Aleico lhe acompanhou o olhar. Sentiu-a tocá-lo. Estendeu a mão, e segurou-a. – Ele... Não me achou... Tão pequena. – acariciou-o de leve. Sorrindo.

-- Não, ele não achou... – concordou, com um gemido rouco. Diante do toque dela. – Sou um pouco descontrolado... Às vezes, quando estou muito excitado. Sou violento. – dizia, acompanhando o movimento da mão dela, com a sua. Em seu membro. -- Não faz ideia de como me segurei para não machucá-la. – suspirou angustiado. – Dio, amore! Não me tente! – pediu enrouquecido. Tirando a mão dela de seu corpo. Segurou-as longe.

Rhane riu. Com a atitude dele.

-- Pode me soltar? – pediu. – Prometo não tentá-lo, por hoje. – avisou-o, toda maliciosa.

Ele arqueou as sobrancelhas. Duvidoso.

-- Juro! – disse ela, cruzando os dedos em promessa.

Aleico gargalhou gostoso diante do seu gesto infantil.

-- Vem cá. – chamou-a. Ela foi. Virou-a de costa. E aconchegou-a junto ao peito. – Precisamos

tomar um banho. O que acha?

-- Uma boa ideia. – concordou, beijando as mãos dele posta em volta de sua cintura. – Posso fazer uma pergunta? – disse com certo receio.

-- Faça.

-- Disse que sempre evitou garotas inexperiente. Certo? -- Ele assentiu, com um gesto afirmativo de cabeça. – Então como sabe tanto sobre isso? Lúcio? – deixou escapar. Sentiu-o enrijecer. Arrependeu-se. – Desculpe, eu...

-- Tudo bem. – Ele tranquilizou-a. – Acho que todo homem experiente. Ou não... Sabe que a primeira vez de uma mulher, não é de um todo... Tão agradável. E eu, com a minha idade... – riu sarcástico. – Seria impossível não saber disso. Não acha? – reprimiu-a áspero. Deixando-a sem graça. Com tom áspero que usou ao falar. – Lúcio, não tem nada a ver com isso! Desculpe minha grosseria? – pediu. Ao perceber o ar triste dela. – É que não gosto de falar sobre isso!

-- Então, não fale! – disse um tanto constrangida. Por ter tocado em um assunto que a seu ver parecia não trazer boas recordações. E que toda a família queria evitar.

Ele inspirou. Ficou pensativo por uns segundos.

-- Bom, como poderia dizer... – começou, achando dificuldades em falar sobre aquele assunto. Era muito doloroso lembrar como seu primo Lúcio, sofrera. Ela fez menção de falar. Ele a calou com um gesto repreensivo no olhar. – Há sete anos, Lúcio, se apaixonou por uma garota bem mais nova que ele. Ela tinha 18 anos. Ele 26 anos. A meu ver não era uma grande diferença... – ela concordou. Era 12 anos mais velho, que ela. Viu que isso parecia incomodá-lo. Ele procurou disfarçar. Ela preocupou-se. -- Mas a família dela não achou isso...

-- Como eles, se conheceram? Ela era daqui?

-- Não, era da Sicília. – respondeu. Torcendo uma mecha do cabelo dela, entre os dedos. – Fomos até lá ver uma propriedade...

-- Você estava com ele? – quis saber interrompendo-o.

-- Sim. – respondeu, olhando-a com um olhar repreensivo.

Rhane percebeu que não gostou de ser interrompido. Muito típico dele. Era um homem autoritário, dominador. Gostava de ser ouvido, não interrompido. Suspirou, resignada. Ele percebeu. Ela ficou sem jeito.

-- Desculpe! – pediu ela.

Ele deu de ombros. Continuou.

-- Os corretores estavam a nossa espera. Nós nos perdemos. Então, a encontramos. Paramos para pedir informação. E ela, nos levou até lá. A villa pertencia ao tio dela. – pausou. Lembrando-se daquele dia. Do deslumbramento de Lúcio por ela. E o quanto o primo se sentiu incomodado com a beleza da menina. Balançou a cabeça, procurando esquecer aquele dia. – Ela era linda! – falou com enlevo. – Cabelos louros e longos... Como os seus. – murmurou. Tomando os cabelos dela entre as mãos. – Era pequenina, como você... – disse olhando-a com admiração. -- pele branca, como a sua... – deslizou a mão em seu corpo, abdome, pernas e braços. Rhane estava chocada com a revelação. – Sabe a única diferença entre as duas? – Ele perguntou com voz triste. Ela balançou a cabeça negativamente. Estava sem fala. Tamanho era seu estado de choque. – Seus olhos, são negros como o ébano. E os de Caterine, eram azuis. Como as águas do mar mediterrâneo da Sicília. – parou.

Repentinamente. Ela viu uma sombra escura tomar-lhe os olhos azuis. Viu angústia, sofrimento. Sentimentos de culpa. Impotência. Tomar-lhe a face. – Ele a amava... Como um louco... – sua voz saiu baixa. Angustiada.

-- E ela?

-- Também! – afirmou num murmuro. Lamentável.

Rhane sentiu uma angústia tomar seu coração.

-- O quê aconteceu? Porque eles não ficaram juntos?

-- O tio era irmão do pai dela. Um antigo desafeto de Dom Rafael. – revelou. – Os dois se conheceram na juventude. Tiveram uma rixa. Que culminou com uma briga. Dom Rafael, levou vantagem. Ganhou a briga. E também um inimigo. – suspirou. – Essas coisas entre os italianos, é algo difícil de ser perdoado...

-- E porque eles brigaram? Lúcio tinha conhecimento disso... Quando a conheceu? – quis saber com voz aflita.

-- Uma mulher. – respondeu a primeira pergunta dela. Com amargura. – Ele não sabia que os dois, se conheciam... Nem eu.

-- E foi isso que os impediu de ficarem juntos? O desafeto dos pais?

-- Não. – olhou-a, por uns segundos. Que para ela pareceu uma eternidade. Um olhar sinistro. Mortal. Que a deixou agitada. Trêmula de medo. – Ela, se suicidou. – soltou de uma vez. Com uma voz fria. Cortante como gelo.

Rhane sufocou um grito angustiado na garganta. Sentou na cama. Ignorando a dor de seu corpo. Horrorizada. Chocada. Sentiu sua voz voltando. Mas, só conseguiu pronunciar um lamento.

-- Oh! – disse com todo o horror que sua voz pode produzir. Por quê? Perguntou a si mesmo. Abaixou a cabeça junto às pernas, inconsolável. Aquilo havia sido a coisa mais horrível que ouvira em toda sua vida. Nem a perda de seu pai, causou nela... Tanto horror. A morte dele fora um acidente. Sua vida fora tirada dele. Mas, Catherine... Tirou a própria vida! Por quê? Meu Deus! Clamou inconformada.

Aleico percebeu como ficou abalada. Viu angústia e dor lhe tomar o rosto. Abraçou-a.

-- Oh, Rhane... Não pensei que ficaria assim, tão abalada. Perdono. – procurou consolá-la ao sentir lágrimas descer-lhe pela face. – Olhe. Isso já passou. Lúcio, já esqueceu. Seguiu em frente...

-- Por quê? Porque, ela fez isso? Podiam ter lutado juntos, pelo amor deles... Ela, não precisava ter se suicidado. Sei que era muito jovem. Mas, se o amava. Idade não importa. Só o amor! – clamou num lamento. – Podiam ter fugido... Sei lá! Feito qualquer coisa! Eu teria feito! Eu teria lutado... Teria... – não conseguiu mais falar. Tomada por uma tristeza imensa. Derramou-se em lágrimas.

-- Oh, piccola mia... Se soubesse que ficaria assim, jamais teria contado. – falou confortando-a, em seus braços. Beijou-lhe os cabelos com carinho. Sentindo o pequeno corpo dela, convulsionar junto ao seu. Nunca imaginou que aquilo a afetasse tanto. Arrependeu-se por ter-lhe contado aquela tragédia. Devia ter mudado de assunto. Enrolado-a. Ido tomar o banho como havia sugerido. Evitado aquele assunto... Tão desagradável.

-- Por isso, ele... Ele ficou tão... – gaguejou.

-- Impressionado. – ele terminou por ela.

Ela assentiu. Ficando em silêncio. Estava difícil falar. Sentia uma amargura junto ao coração.

-- É. Ele ficou... – lembrou a cara do primo quando o viu entrar com ela, na festa. Surpresa, encantamento e angústia, lhe permeou o rosto. Logo após as apresentações. Desapareceu do salão. Encontrou-o com Rhane, a beira do lago. O homem parecia tomado por um encantamento. Olhava-a, sonhador. Saudoso. No momento, ele, não juntou os fatos. Estava tomado de um ciúme que o consumia. Julgou-o. Pensou o que não devia. Mas, tarde compreendeu-o. Dio! Como seu primo deve ter sofrido, ao vê-la. Lembrar-se de Caterine. De sua perda. Sua dor! Como foi um estúpido! Precisava pedir desculpa ao primo. Pensou.

-- Aleico, como aconteceu? O que a levou, se suicidar? – quis saber. Precisava saber.

-- Rhane... Olha, acho melhor deixar para outro dia. – falou, secando-lhe a face ainda úmida pelas as lágrimas derramada.

-- Não, eu quero saber... Preciso saber! – protestou com voz amargurada. – Não vou conseguir ficar em paz. Por favor? – suplicou.

Aleico olhou-a, aborrecido.

-- Está bem. – concordou á contragosto. – Mas, não quero que me interrompa. Certo? – Ela concordou. – Surgiu então o conhecimento do desafeto entre as famílias. Acabamos por não fazer negocio. Foi melhor... Então, encontrei Caterine, em Roma. Pediu-me o telefone de contato de Lúcio. Queria falar com ele. Não vi nada errado, nisso. E dei. Alguns dias depois. Ele, me procurou. Queria minha ajuda para encontrá-la. Aconselhei-o. Disse que a garota era muito jovem. Mesmo lembrando-o do desafeto familiar. Não adiantou. E acabei por ajudar... Algo que me arrependo... Amargamente. – deu um suspiro, triste. -- Bom, a discordância em parte da família de Caterine, em aceitar o namoro deles. Foi irreduzível. E tudo se tornou difícil. Os encontros continuaram. E Lúcio, decidiu procurar o pai dela. Queria assumir o namoro. Casar. Ele não aceitou. Ameaçou-o. Passou a manter Caterine, sobre constante vigilância. Lúcio, não conseguia se aproximar. Fizemos tudo o que podia. Cada um de nós. E nada. Ele não cedeu. Por causa dos negócios em expansão tivemos que sair em viagem. Lúcio estava nos Estados Unidos... E eu no Brasil. Antes ligou avisando-a. Sozinha, Caterine entrou em pânico. Decidiu fugir. Os seguranças do pai conseguiram localizá-la. Ao ver que eles, iriam levá-la de volta. Jogou-se no mar... E nós estávamos longe... – concluiu, com voz embargada. Pesarosa. Culpada.

Rhane sentiu que ele, parecia sentir-se culpado pelo o acontecido. Abraçou-o.

-- Não teve culpa, Aleico. Ninguém teve. – procurou consolá-lo. – Quem iria imaginar uma coisa dessas. Que ela, iria tomar uma atitude tão drástica... Deus! – lamentou. Não tinha palavras para descrever o que sentia. – Não consigo entender. Por quê? – quis saber. Horrorizada.

-- Na época... Fazia-me, a mesma pergunta... – dizia. Apático. – Lúcio, tornou-se escuro... Fechou-se em si mesmo. Nunca voltou ser a mesma pessoa. – respondeu triste.

-- Meu Deus! Ele...

-- Há dois anos. A mãe de Caterine, o procurou...

-- Para quê? – interrompeu-o. Toda ansiosa.

Ele riu. Triste.

-- Sem me interromper? – quis saber, ele. Sério.

-- Não vou. – prometeu, ela.

-- Como, eu disse... A mãe de Caterine, o procurou. E lhe revelou algo totalmente desconhecido... Praticamente de toda a família, dela. Chocou-os. E chocou a todos nós. Caterine sofria de transtorno bipolar. E isso foi uma das causas de seu suicídio. Os pais resolveram conversar com Lúcio. Expor o problema. Caterine foi contra. Implorou para os pais, não revelar seu problema de saúde. Mas, eles não concordaram... E ela, temeu ser rejeitada por Lúcio. Entende?

-- Oh, Deus! -- clamou, ao juntar os fatos. E o porquê do suicídio. – Preferiu a morte... A perder o amor de Lúcio. Cristo! Como... Ele reagiu a isso? É... Tão cruel!

-- Sim, é. Cruel... E também egoísta... Tanto, por parte de Caterine... Apesar de seu problema mental. Mas, como da parte da família dela... Deviam ter dito isso... Há anos. – afirmou. – Quanto, há Lúcio. Nunca falou com ninguém sobre isso. Seja lá o que sentiu. Guardou para si, mesmo. – concluiu, em tom amargo. --Agora, chega de histórias tristes. Venha. Vamos tomar um banho. – falou, mudando de assunto. Tomou-a pela mão. E a conduziu ao banheiro. Entraram juntos sob o jato de água. Pegou o sabonete líquido. E foi ensaboando-a. Devagar. Teve cuidado ao lhe tocar os seios. Estavam inchados e doloridos. Fez o mesmo com sua feminilidade. Rhane nunca pensou que um banho poderia ser tão prazeroso. No deslizar da esponja envolta em espuma a acariciava, em cada toque. Deixando-a sem fôlego. Vendo-a excitada. Aleico parou. Lhe entregou a esponja.

-- Sua vez. – disse, indicando o próprio corpo.

Ela o olhou. Seus olhos eram, puro desejo. Acompanhou toda a extensão do corpo dele, com um olhar devorador. Engoliu seco. Ele estava excitado. Ela, trêmula.

-- Não sei... Se é uma boa ideia. – falou com voz pesada. Tomando a esponja da mão dele. Voltou o olhar para o seu sexo excitado. Queria tocá-lo. Teve receios.

Aleico vendo o impasse dela. Lhe pegou as mãos, e levou ao próprio peito.

-- Que tal começar por aqui. – expressou com voz rouca. Ajudando-a esfregá-lo. – Não precisa ter vergonha, amore... Pode me tocar. – instruiu-a.

Sentindo-se encorajada. Passou a ensaboá-lo, timidamente. Devagar. Sentiu-o estremecer diante de seus toques tímidos e inexperientes. Foi tomando gosto do que fazia. E passou a acariciar o corpo dele, juntamente com a espuma que a esponja formava. Ele tencionou os músculos do abdome. Conforme as mãos dela iam descendo. Sentiu-a, lhe tocar o membro. Usando a espuma que ali estava. Sentindo-se, desinibida. Acariciava-o. Acompanhando toda a extensão de seu sexo. Devagarzinho. Aleico sentia o sangue em suas veias entrar em ebulição. Queimá-lo. Sua respiração, pesada. Oh! Difícil se controlar. As mãos dela iam, e vinham. Numa carícia quente. Deixando-o louco.

-- Chega Rhane. – disse seco. Segurando as mãos dela. – Não quero perder o controle... Se o perder. Vou querer penetrá-la. E não quero machucá-la. – falou com fôlego curto.

-- Eu quero... – sussurrou, excitada. – Quero que me possua... Aqui, agora. – pediu. Tocando o membro duro dele. Sentia-o latejar em suas mãos. Tamanha era a excitação dele.

-- Não, não é certo. – murmurou rouco. – Estou excitado demais... – gemeu ao sentir o toque dela. -- Vou acabar machucando, você.

-- Por favor, Aleico, por favor. – suplicou ofegante. Enlaçando-o pelo pescoço. Fitou-o nos olhos. Ela era puro desejo.

Ver o desejo aflorando em seus olhos negros. Era impossível resistir. E não resistiu. Puxou-a para cima. Encaixando-a lentamente sobre seu membro.

-- Deixe que eu a conduza, Rhane. – pediu com doçura. – Está bem?

-- Está bem. – concordou. Ao senti-lo entrar em seu corpo, lentamente. Estremeceu. A dor a fez enrijecer-se.

-- Relaxe, não segure o corpo. Será pior. – instruí-a. – Isso, solte-se. – ao senti-la relaxada. Adentrou-a numa única estocada. Sabia que seria melhor. Sentiu-a segurar-se nele. Com força. Encostou-a na parede do banheiro. Esperou até o incomodo dela, passar. Ao senti-la relaxada. Iniciou o ato. Entrando e saindo dela devagar. Não queria perder o controle. Adorava sexo violento. E ela era inexperiente ainda para isso. Precisava ter paciência. Muita paciência! Buscou a boca dela para um beijo. Os lábios dela era doce, suave. Sugou-lhe a língua com prazer. Ávido. Tudo nela. Mexia com ele. Lembrou-se do comentário de seu irmão Ricardo. Ele tinha razão. Ela mexia com ele, além da conta. Tomou-lhe um seio na boca. E o lambeu suavemente. Sabia o quanto estavam doloridos. Mas, viu o prazer que sentia ao toque suave de sua língua. Sentiu o corpo dela contrair-se, com o orgasmo que se aproximava. Excitou-se. Ela umedecia seu membro com sua seiva. Sentia o seu gotejar nele. Seu sexo inchou de desejo e prazer. Latejava. Descontrolou-se. Estocou-a com força e rapidez. Seguidamente. Sentiu seu corpo entrar em convulsão. E derramou sua seiva nela. Os espasmos sacudiam seu corpo violentamente. Precisou segurar-se junto á parede para conter-se. Abraçou-a forte. O mundo parou de existir. E só eles, pareciam existir ali. Naquele momento de plenitude e enlevo.

-- Não me deixe... Nunca. – Ele clamou. Enlevado.

-- Não vou deixar. – prometeu ela. Beijando-o com ardor. Ele retribuiu na mesma proporção.

Saíram do banho. Ele a enxugou com cuidado como se fosse uma criança. Enrolou-a na toalha. Sorriu.

-- Pronto. – pegou-a no colo, a levando para a cama. – Precisamos de um bom cochilo. – disse, aconchegando-a junto ao corpo.

-- Hum-hum. – concordou, prontamente.

Capítulo 6

Aleico acordou horas depois. Já era noite. Rhane ressonava tranquila em seus braços. Ficou ouvindo a respiração dela em seu peito. Tirou-lhe os cabelos da face. E ficou-a contemplá-la. Embevecido. Era ainda mais linda dormindo! Parecia serena. Bem diferente daquela garotinha que o enfrentara logo cedo. Riu, ante a lembrança. Achava-a muito jovem para ser tão determinada e independente. Mas, diante do que lhe contou Domenico. Fora obrigada pelas circunstâncias a amadurecer cedo. Lembrou-se do irmão dizer que às vezes, ela, não aparentava a idade que tinha. Olhando-a, viu que seu irmão tinha razão. Ali, dormindo tranquila e serena. Parecia não ter menos que 15 anos. E ele, já a tinha feito uma mulher. Dio Santo! Onde estava com a cabeça. A diferença de idade entre eles era grande. Quase 12 anos, para ser exato. Sentia-se incomodado com isso. Preocupado. Temeroso. Estava desenvolvendo sentimentos profundos por ela. Isso tudo em menos de 24 horas! Como era possível! Nunca acreditou em amor á primeira vista! Aliás, ao ver o sofrimento de seu primo Lúcio. E a perda de Domenico. Quando sua esposa, Isabela, faleceu. Vítima de câncer. Decidiu que não iria querer isso para ele. O “amor” deixava as pessoas expostas e vulneráveis. Causava sofrimentos irreversíveis. Sentimento de abandono e de derrota. E ele havia decidido que não iria querer passar por isto nunca! Agora, estava tendo que rever melhor sua decisão. Não queria perdê-la. Queria ter uma vida com ela! Filhos! Sim, queria filhos com ela. Vê-la grávida de um filho dele! Riu, ante seus pensamentos. Quando foi que passou a ser um sonhador? Ah, sim! Lembrou. Quando a viu pela

primeira vez. Ali, na sua casa. Acariciou-lhe a face levemente com carinho. Levantou da cama. E desceu para a cozinha.

-- Hum... Que cheiro bom! – ouviu-a dizer. Entrando na cozinha.

-- Está com fome? – perguntou, virando para recebê-la em seus braços.

-- Morta de fome! – exclamou, o abraçando. – Está cozinhando? – perguntou surpresa.

-- Surpresa? – quis saber, dando uma piscadela.

-- E como! Jamais poderia imaginar que um dos maiores empresário da Europa, sabia cozinhar! É inacreditável! – arqueou as sobrancelhas, duvidosa.

-- Sou italiano, Rhane. – replicou. – E todo bom italiano sabe fazer uma boa massa. – falou com orgulho de sua descendência.

-- Sério? Todos? – indagou-o, totalmente descrente. Não deixando de perceber o orgulho em sua voz.

Ele a olhou. Pensou.

-- Bom, nem todos. – falou dando de ombros. – Sou uma exceção... Gosto de cozinhar de vezes em quando. Sou bom nisso. – mostrou as panelas fervendo sobre o fogão. – E você? O que sabe fazer? Visto que sua mãe é uma “Chef de Cuisine”. – quis saber, curioso.

Ela lhe deu um sorriso, todo meigo. E muit desajeitada. Falou.

-- Sinto desapontá-lo... Mas, não sei cozinhar. – respondeu, olhando ao redor. A cozinha era ultramoderna e bem equipada. Toda em inox. Os armários embutidos todos brancos, em brilho italiano. As paredes revestidas em porcelanato branco. Também italiano. Tudo moderno. E da ultima tendência do mercado. – Minha mãe, iria adorar essa cozinha. – falou, apontando o lugar. Disfarçadamente. – O que foi? – perguntou ao ver que a olhava, desacreditado.

-- Está brincando, não é?

-- Sobre não saber cozinhar? – Ele assentiu. – Não, não estou. – reafirmou. – Mas, sei como preparar comida congelada...

-- Comida congelada! – exclamou incrédulo. – Não gosto de comida congelada. – reclamou, fazendo careta.

Ela riu.

-- Bom. Não conte comigo para cozinhar. – avisou-o. – Precisa de ajuda? – Ele a olhou desconfiado. – Oras, para arrumar a mesa. Isso sei fazer! – replicou.

Ele apontou o armário onde se encontrava os pratos, talheres. E as taças de vinho.

-- Creio que deve estar tudo ali. – Ele disse. – Nas gavetas. Estão os guardanapos. – apontou o balcão onde se encontrava uma garrafa de vinho. – O vinho, para acompanhar a refeição. Se achar que falta alguma coisa, me avise. – voltou á atenção para o fogão.

Ela abriu as gavetas. E pegou o que precisava Arrumou a mesa com esmero.

-- Pronto. A mesa, já está arrumada. – avisou-o. Chegando por trás dele. E o abraçou.

-- E o molho da massa, também! – falou, a puxou sua frente. Abraçando-a pela cintura. Lhe beijou toda a extensão do pescoço.

-- Posso saber o que está fazendo? – perguntou, levantando a tampa da panela para ver o que estava cozinhando. Ao mesmo tempo se arrepiava toda, com os seus beijos.

Aleico interrompeu os beijos. Estava ficando excitado. Deu um suspiro.

-- Minha especialidade. – apresentou. Colocando a massa em uma travessa, a cobrindo com molho vermelho. E salpicando queijo por cima. – “Talharim ao molho. E queijo gorgonzola”. Molto buona! – expressou, em italiano.

-- Então me deixe provar. Estou morta de fome! – clamou, com a boca cheia d’água.

Ele riu.

Terminada a refeição. Aliás, uma deliciosa refeição. Nunca imaginou que ele levava jeito como Chef. Colocou os cotovelos sobre a mesa. Apoiou a cabeça nas mãos. Fitou-o. Analítica. Viu-o ficar sem jeito. Parecia constrangido. Ela riu.

-- Bom, devo admitir. É um excelente Chef! – foi franca. – Quando cansar de ser um grande empresário. Pode optar por ser um grande, “Chef de Cuisine”! – brincou.

-- Obrigado. – agradeceu. – Mas, gosto de ser um grande empresário. Gosto do desafio! – declarou. – Cozinhar é mais como um hobby, para mim. O que ultimamente não venho tendo tempo de fazer... Por causa dos negócios. – explicou.

-- E... Sempre cozinha para suas namoradas? – quis saber. Não resistiu em fazer a pergunta fatalística. Enciumada.

Ele a fitou. Avaliou a pergunta antes de responder. Atento. Pegou a taça de vinho a rodou entre os dedos. Ficou observando o líquido girar em círculo. Tomou um gole. Lentamente. Olhou-a novamente.

Estava ganhando tempo. Formulando a resposta. Uma boa. É lógico. Maldito! Pensou. Tensa.

-- Rhane... Ficar olhando o que fiz no passado. Só vai magoá-la. – disse com voz calma. -- Não faça isso, por favor? – pediu.

Ela ficou sem saber o que responder. Sentia muito ciúmes. Muitíssimo! Oh, droga! Imaginou para quantas mulheres devia ter feito aquele mesmo prato! Quantas deve ter amado? E levado ao ápice do prazer. Como a levou! Sentiu uma cólera tomá-la. Enfureceu-se. Levantou-se. Começou a tirar a mesa. Em silêncio. A rapidez de seus movimentos causou dor em seu corpo. Era preferível aquela dor. Do que a dor de saber que ele, poderia não ser fiel. Era um multibilionário ‘X 100’, conhecido no mundo todo. Lindo. E um amante maravilhoso. Leu muitas frases destas, “Ele é um amante maravilhoso” dito, pelas mulheres que passaram por sua cama. E ela. Não era uma expert em sexo. E ele. Era seu primeiro amante! Como iria competir com mulheres experientes e lindas! Com as quais ele, sempre aparecia nos tabloides! Tentou controlar as lágrimas que ameaçavam cair. Sentiu-o se aproximar. Encostou-se a pia, ligou a torneira. E começou a lavar os pratos. Ele a desligou. Tirou o prato de suas mãos. Virou-a de frente para ele. Ela abaixou os olhos. Fitou o chão. Não tinha forças para encará-lo. Se o fizesse iria se irromper em lágrimas. Não queria chorar na frente dele. Sentia-se vulnerável. Insegura. Impotente.

-- Rhane... Olhe, para mim. – pediu, lhe erguendo o queixo.

Ela fechou os olhos.

-- Não...

-- Não faça isso comigo, amore. – pediu com carinho. – Não faça isso com você mesma, por favor! – implorou. – Nunca imaginei que um dia fosse me arrepender do que fiz no passado. Ou, de deixar os tabloides expor minha vida, como a de um devasso. – lamentou. – Nem tudo que dizem. Eu fiz. Ou, é verdade. E isso será sempre assim. – procurava explicar. -- Vai ter que aprender lidar com isso, Rhane. – avisou-a. -- Prometo ser fiel a você. Fidelidade... É tudo para mim! Só quero que confie em mim? – pediu. – Não tome nenhuma atitude sem antes falar comigo. Promete? – suplicou. Com aparente desespero na voz.

-- Não sei se posso prometer isso... Aliás, nem sei se consigo lidar com isso. – disse num fio de voz. – É multibilionário. Um homem poderoso, lindo e sexy! Assediado pelas mulheres mais bonitas, dentro e fora da Europa... E eu nem faço o seu tipo! – depreciou-se.

-- Rhane... Por favor, não diga tolices? – Aleico, falou ao ver como aquilo mexia com ela. Ficou aflito. – Eu nunca tive um tipo...

-- Tolicses! – gritou. – Nunca teve um tipo! – replicou. -- Sempre andou com beldades. Altas, louras, belíssimas! – apontou. – Quando suas ex, o virem comigo... O que acha que elas irão pensar? E os tabloides? – fitou-o. Seus olhos negros denunciavam seu desespero. – Eu o avisei que sou ciumenta. – confessou aborrecida.

Ele a tomou nos braços fortes. Apertou-a. E lhe beijou os cabelos no alto da cabeça. A Conduziu para fora da cozinha, até a varanda. Sentou em uma das poltronas que ali, estava. E a colocou no colo de costas para ele. Abraçou-a pela cintura. Ela se recostou nele. Sentindo o calor gostoso do corpo dele junto ao seu. Deu um suspiro cansado. Pesaroso. Ele a apertou forte, junto ao peito.

-- Não terá motivo para ter ciúmes de mim, piccola mia! – foi franco. – Quanto a ter um tipo preferido... Sinceramente, acho que nunca tive! – replicou. Pegando lhe o queixo. A beijou com avidez. -- Adoro beijá-la... Adoro fazer amor com você. Dio Mio! – clamou ao sentir seu corpo ficar excitado, só de beijá-la. E a apertou em seu colo para que sentisse nas nádegas sua potente ereção. – Viu o que faz comigo! – reclamou.

E ela, para provocá-lo ainda mais. Remexeu o quadril com sensualidade. Incitando-o. Inocentemente.

Ele gemeu. Angustiado. Sabia que precisava dar um tempo. Adorar sexo. E desejá-la demais. Não estava ajudando. E ele, precisava se controlar. Ela era muito inexperiente. Pura inocência.

-- Não faça isso, Rhane. – pediu atribulado. – Precisa de um descanso, si? E um homem tem o seu limite. Não me faça perder o meu! – advertiu-a.

-- Desculpe! – ela pediu chateada. Sabia que a recusa dele fazia sentidos. Seu corpo lhe dizia isso. Cada célula de seu corpo doía. Mas estava feliz. Por ver e sentir o que causava no corpo dele. Levantou devagar. Foi junta a amurada da varanda. E ficou a contemplar o brilho da lua cheia sobre o lago. Pela segunda vez. Era magnífica. Nunca viu nada igual.

-- Esplêndida, não é! – Aleico comentou as suas costas. Circundando-a pela cintura.

-- Sim! Nunca vi... Nada assim! – disse com voz emocionada.

Ficaram em silêncio. Vivendo aquele momento, só deles. Maravilhoso e especial.

-- Há muito anos não fazia isso! – murmurou. Feliz e saudosos.

-- Isso o quê? – quis saber.

-- Contemplar o lago em noite de lua cheia. – falou, ele. – A última vez que fiz isso... – riu ante a

lembrança. -- Era um adolescente. Estava de férias. Minhas últimas férias ante de ir para a faculdade! Estávamos todos deitados sobre o gramado próximo ao lago. -- contava alegre. -- Eu, meus irmãos e primos. -- explicou. -- Meu tio-avô contava umas de suas histórias. Aliás, aquele dia sua história foi diferente de todas as outras. -- riu malicioso. -- Como a maioria de nós iria para faculdade. Ele resolveu contar suas aventuras amorosas com as garotas. Era um grande de um pervertido, isso sim! -- acusou-o. Em tom brincalhão. -- Mas, eu o adorava... Assim mesmo! -- disse num lamento, saudoso.

-- Sente saudades, dele?

-- Sim, muita! -- afirmou. -- Ele me apoiou quando resolvi traçar meu próprio caminho. -- falou, aconchegando-a ao corpo. Percebeu ela estremecer. Estava gelada. -- Com frio?

Rhane assentiu com a cabeça em gesto afirmativo. A noite estava amena. E um vento frio soprava levemente.

-- Domenico disse que ele era muito apegado a você. Por não ter tido um filho homem. -- comentou.

-- Ele era meu padrinho. E eu, seu único afilhado. -- explicou. -- Tinha deveres com ele. Respeito. E além de tudo. Amava-o. -- disse com embargo na voz. -- Ele entendia minha inquietude, minha falta de paz... -- parou por instante. Parecia refletir. -- Talvez, por isso éramos tão apegados, um ao outro. -- disse em acordo.

-- Como foi para você ficar longe? Sinto que ama tanto, tudo aqui! -- mostrou a propriedade com as mãos. -- Sua família, a villa de seus pais, o seu país? -- queria entender os motivos que o levou a deixar tudo para trás, para provar sua capacidade. E ter paz consigo mesmo.

-- Talvez, por ter nascido em uma família rica e poderosa... Eu me sentisse um inútil. Sei lá! -- falou em tom indiferente. -- Era um jovem impaciente. Sempre me questionava. Não tinha paz comigo mesmo... Precisava me encontrar. -- disse com suspiro cansado.

-- E encontrou?

-- Sim. -- anuiu. -- Foi melhor coisa que fiz da minha vida. -- explicou. -- Superei a mim mesmo. -- expôs. -- Mas, pensando bem... A melhor coisa que aconteceu na minha vida... -- disse a beijando com paixão. -- Foi ter conhecido você! -- declarou.

-- Verdade? -- Ela quis saber. Toda feliz.

-- Pode apostar amore mio!

-- Hum... Vou fingir que acredito, pororas! -- fez beicinho. Toda dengosa.

Ele riu do seu jeito dengoso.

-- Venha, vamos entrar. Está esfriando. E eu tenho que rever uns contratos desta minha última viagem... -- falava. Ao mesmo tempo em que a conduzia casa adentro. -- Preciso por tudo em pauta para a reunião de amanhã. -- explicou. -- Pode me fazer companhia. Mas se quiser ir deitar. Tudo bem. -- disse gentil.

-- Vou ficar um pouco... Ainda não estou com sono. -- disse ao entrar no escritório dele. -- Vou ler alguma coisa, enquanto você trabalha. -- falou. Indo até a estante de livros. Ficou a olhar a lombada dos livros. A procura de algum interessante. Sentiu-o atrás de si. Pegou um livro. E o estendeu.

-- Vai gostar deste. -- sugeriu.

-- Por quê?

-- Fala da arte “Renascentista” do século XV. E da arquitetura desta época, e outras coisas. – explicou. – Que ao meu modo de ver.. Todo o amante de arquitetura gosta. – piscou galante.

Pegou o livro das suas mãos. Com ar sério. Ele estava a manipulando. Tinha certeza.

-- Era o seu preferido? Visto que é um grande “engenheiro arquiteto”. – fez com dois dedos, em “abre aspas fecha aspas”. – “Amante da arquitetura”. – referiu-se, um tanto sardônica.

Aleico ignorou o seu ar de desdém.

-- Sim, é um dos meus preferidos. – disse. – Há outros destes, lá. -- apontou para onde tinha retirado o exemplar. -- São raros. Duvido que existam muitos deles, por aí. – falou. -- Isso acredite. – apontou o livro nas mãos dela. -- É uma preciosidade. – expos, demonstrando conhecimento do que dizia.

Ela olhou para o livro. E teve uma grande surpresa. Estava com um exemplar que falava sobre arquitetura do século XV. Escrita e descrita por nada mais, nada menos. Que Giorgio Vasari e Leone Battista Alberti. Admiradores das obras de Leonardo da Vinci.

Olhou para o exemplar raro em suas mãos. Boquiaberta. Emudeceu.

Ele a vendo muda diante do livro. Piscou maroto. Tirando-a do estado de puro emudecimento.

-- É inacreditável! – exclamou eufórica. – Onde conseguiu? – quis saber admirada.

-- Está na família há muitas gerações. Não saberia lhe dizer.. Quem, ou como foi adquirido. – disse dando de ombros. – Quando comecei a estudar engenharia, meu tio-avô me deu este mesmo livro para ler.. Acabei por ler todos os outros.

-- Posso ler os outros, também?

-- Fique á vontade.

-- Legal! – exclamou sorrindo. Indo se sentar no sofá. – Ai! – gemeu.

-- Tudo bem? – quis saber, ao ouvi-la gemer de dor.

-- Sim, claro. – respondeu, fazendo uma careta. Ele riu. – Esqueci que meu corpo ficaria grato... Com bons modos!

-- Tomou alguma coisa para dor?

-- Depois... Eu tomo. – respondeu, folheando o livro. Atenta.

Aleico a viu se acomodar para iniciar a leitura. Levantou, e saiu. Voltou em seguida, com um copo de água. E dois comprimidos.

-- Aqui, tome. – estendeu-lhe.

Pegou os comprimidos e a água, das mãos dele. Tomou. Sem tirar a atenção do livro.

-- Para que é? – perguntou, sem deixar de ler.

-- Já os tomou mesmo. – disse com esgar. – Poderia ser veneno.

-- Oh! Não faria isso? – parou de ler, chocada.

Ele riu gostoso. E a beijou com paixão.

-- Não, não faria. – acariciou-lhe a face. – São para ajudar com as dores. Relaxante muscular. Vai fazê-la se sentir melhor. – informou cortês. – Volte a ler. – ordenou. – Preciso terminar meu trabalho.

-- Mandão... – murmurou baixinho.

-- Ouvi isso. – respondeu, rindo.

Raí o olhou ir se sentar. Sorriu. Bom, não pediria desculpas. Ele era mesmo um mandão! Pensou. Agora, sinceramente. Não devia mesmo ter tomado os comprimidos sem antes saber para que fosse. Era mesmo muito ingênua! Concentrado nos contratos que lia. Ele parecia outra pessoa. E em nada com aquele que havia lhe dado tanto prazer. E a transformado de garota inocente, em mulher! Deus! Há 24 horas, era virgem! Agora, sentia em seu corpo todo o prazer de ser uma mulher. Que mudança! Deu um suspiro, feliz. Voltou sua atenção ao livro.

Aleico sentia o olhar dela, sobre ele. Observando-o. Procurou concentrar no que fazia. Mas ficou curioso. Queria saber o que se passava na cabeça dela. A olhou. Ela voltara a ler. Parecia concentrada. Distante. Parecia uma menininha lendo uma revista infantil. Madonna Mia! Sentia-se cada vez mais, preocupado. Domenico iria matá-lo! Suspirou agoniado. Procurou concentrar no trabalho. Tinha uma reunião logo pela manhã. Dio!

Duas horas mais tarde, terminava de analisar o último contrato. Quando ouviu um barulho. Rhane havia dormido. E o livro caído no chão. Acabou o que fazia. A tomou nos braços. Indo se deitar. Aconchegou-a nos braços. Dormindo imediatamente.

-- Buongiorno, Arela! – Aleico desejou. Ao entrar na cozinha, logo pela manhã.

-- Buongiorno, bambino! – Arela respondeu alegre. – Dormiu bem? Parece bem descansado. – perguntou, o olhando. Atenta.

Ele riu.

-- Acho que não fiz outra coisa neste final de semana... Que não seja ficar na cama. – respondeu brejeiro.

Arela franziu as sobrancelhas estranhamente.

-- Sente-se. – mandou. – Já vou servir seu café.

-- Obrigado. – Ele agradeceu. – Arela... – chamou-a.

-- Sim. – respondeu. Trazendo-lhe o café. O serviu. Colocou as demais iguarias sobre a mesa. Olhando-o.

-- Sente comigo. – pediu. – Precisamos conversar.

-- Sobre o quê? – quis saber preocupada. Havia percebido o duplo sentido de suas palavras. Quando perguntou se estava descansado.

-- Sobre, Rhane. – Aleico respondeu cauteloso.

-- O que tem a bambina? – perguntou receosa.

Aleico ficou olhando-a. Dio! Como iria dizer aquilo? Não imaginou que seria tão difícil! Passou as mãos nos cabelos com gestos nervosos. Um tanto constrangido.

Arela percebeu o nervosismo e o constrangimento dele.

-- Vocês não estão combinando, é isso? – procurou ajudá-lo. Demonstrando compreensão. – No começo é um pouco difícil..

-- Eu... Dormi com ela. – soltou de uma só vez. Olhando atento a reação dela. Apavorado.

Arela olhou para ele. Desacreditada. Não ouviu aquilo. Tinha certeza! Balançou a cabeça inconformada. Não, não. Tinha certeza. Não ouviu aquilo! Ele não faria isso!

Vendo-a com dificuldade em acreditar nele. Repetiu firme.

-- Eu dormi com ela, Arela. – tornou a falar.

-- Madonna Mia! Impazzito! Ficou louco. – repetiu em inglês. Atordoada. Sentia dificuldade de respirar. Olhava-o. Sem acreditar. – Isso é impossível... Dio Mio! Tenho certeza! Não faria tal loucura, faria? – perguntou, temendo a resposta.

-- Sim, eu fiz. – admitiu. – Não me olhe assim, Arela. – Ela o olhava, horrorizada. – Sei que agi errado. Mas, não cometi nenhum crime. – tentou se defender.

-- Como queria que eu olhasse, para você? Com um sorriso nos lábios? O parabenizando pelo ato cometido. – repreendeu-o severa. – Em algum momento passou pela sua cabeça enquanto cometia tal loucura... – procurou saber inconformada. – A repercussão disso tudo. – cobriu o rosto com as mãos trêmulas. – Como pode seduzir a enteada de seu irmão? Como? É um homem adulto. Dio santo!

-- Não a seduzi! – reclamou.

-- Está me dizendo que foi ela... Que o seduziu? – quis saber, duvidosa.

-- Dio Mio! Não, claro que não. – negou. – Ninguém seduziu ninguém. O desejo foi mútuo. – explicou, com certo alívio.

-- Achei ter percebido algo no dia! – Arela clamou, com amargor. – Mas, ignorei... Pensei que fosse momentâneo. Impressão do primeiro encontro. Os dois pareciam surpresos, um com o outro... – dizia tentando compreender. – Pelo menos foi o que pensei. – lamentou sua falta de percepção. – Mas não era surpresa! – exclamou balançando a cabeça. Inconformada. -- Era encantamento, desejo, atração... – murmurou angustiada. – Domenico a confiou, a mim! – reclamou em tom de derrota. – Confiou ela, a você! – volveu.

-- Eu sei. – Aleico disse sensibilizado com ela. – Em nenhum momento quero que sinta culpada pelo o que aconteceu, Arela. Entendeu? Sou o único responsável. Está bem?

Ela assentiu em acordo. Desgostosa.

-- Como vai contar a Domenico? A sua família? – quis saber, consternada.

Perturbada. Andava de um lado, para outro. Em aflição.

-- Sente Arela. – pediu paciente. – Ficar assim não vai ajudar em nada. -- Ela obedeceu. -- Olha, sei que vai achar errado o que vou dizer. – pausou. Deu um suspiro longo. – Mas, não pretendo dizer nem a Domenico. Nem ao restante da família, sobre isso. – Ela arregalou os olhos com horror. – E quero que me ajude com isso?

Arela o fitou. Indignada.

-- Impazzito, si! Quer que o ajude a esconder seu caso com a menina. É isso? – esbravejou furiosa, com tal pedido. – Como pode pedir tal coisa para mim, Aleico? Sirvo sua família, há 40 anos! Ajudei sua mãe a criar você, e seus irmãos. Todos estes anos, fui uma mulher honesta...

-- Nunca duvidei da sua honestidade, Arela. Sei o quanto isso é importante para você, e sua família. E sei que minha família também é muito grata com sua dedicação. Eu sou. – declarou.

Ela o olhava como se o desconhecesse. Analítica. Insegura.

Ele percebeu. Ficou em alerta. Aborrecido.

-- Ainda sou o mesmo, Arela. – disse gentil.

-- Não parece! – retrucou. – O meu bambino jamais agiria assim! – declarou emocionada. – Vejo como a imprensa o persegue a todo o tempo. Sempre o assediando. Preocupo-me tanto. E agora, como vai ser? – perguntou com lágrimas nos olhos.

-- É por isso que preciso de sua ajuda, cara mia! – pediu. – Não quero causar um escândalo. E é isso o que vai acontecer. Entende?

-- Acho, que sim. – assentiu um tanto confusa.

-- Serei crucificado antes mesmo de entender.. O que se passa, aqui. – tocou o coração. – É algo novo para mim. – revelou sem jeito. -- Nunca me senti tão completo! – disse com enlevo na voz.

Arela lhe tocou a face com carinho. Emocionada. Fitou-lhe os olhos. Ele estava confuso. Mas, ela teve certeza! Seu bambino estava apaixonado!

-- Oh, caro mio! – clamou, lhe beijando a face. – Está apaixonado?

Aleico a olhou, confuso. Seus sentimentos estavam um tanto embaralhados. Havia se declarado para ela. Mas, não seria precipitado. Queria ter certeza absoluta do que sentia por Rhane, em seu coração. Então, estaria pronto. Para enfrentar qualquer coisa por ela. Sua família. Domenico. A imprensa. Qualquer um.. Que ousasse cruzar lhe o caminho!

-- Isso é algo... Que ainda preciso ter certeza, Arela. – disse receoso. – Nunca senti nada assim antes, por alguém..

-- O que senti por, ela? Aqui? – perguntou, pondo a mão no coração dele.

-- Um desejo que me consome... Alucinante, descontrolado... E que dá medo! – confessou. Temeroso.

-- É por isso que quer ocultar das pessoas? Tem medo que seja, só desejo? – quis saber. Ele assentiu em acordo. -- E ela, o que pensa sobre isso? Concorda com você? – Arela, sabia em seu íntimo que ele logo teria certeza do que iria em seu coração. Era questão de tempo. Nunca o vira tão transtornado. Era a primeira vez.

-- Sim, concorda. – falou. – Rhane... Acha que o nosso envolvimento pode vir a afetar o noivado da mãe, e do meu irmão. – esclareceu preocupado.

Arela levou um choque. Dio! Havia esquecido por completo de Domenico e Helen.

-- Oh! Madonna Mia! Por um momento esqueci totalmente disso! – exclamou.

-- Vai me ajudar, Arela?

-- Sí! Não vejo outra solução! Mas, saiba que essas coisas não se podem ocultar para sempre, Aleico. – alertou-o. – Pretende dividir o quarto com ela? Ou quer que passe as coisas dela, para seu quarto?

-- Quero-a na minha cama. – exigiu. – Não vou ficar perambulando á noite em minha própria casa!

Arela balançou a cabeça. Desaprovadora.

-- Bom, posso lidar com isso. – disse, num muxoxo.

-- Sei que pode Arela. – frisou. Rindo da cara dela. – É com o restante dos empregados que me preocupa. Acha que pode lidar com eles?

-- Tenho certeza que sim! – rebateu com segurança. – Nenhum deles dirá uma palavra, ou fará qualquer comentário sobre isso. Acredite.

Ele tinha certeza.

-- Ótimo. – levantou. – Preciso ir. Já estou atrasado. – falou olhando as horas no relógio. – Quero que a faça tomar estes medicamentos. Está bem? – disse, lhe entregando uma cartela de antibióticos e outra de dipirona. – Um comprimido de cada. – instruiu.

-- Por quê? Ela está doente?

-- Não. – foi à resposta seca.

-- Então, para que os remédios? – insistiu, Arela. – Não vou dar remédios sem necessidade. – resmungou brava.

-- Ela era virgem, Arela. – soltou à queima roupa. – Vai precisar, si. – pediu. --Cuide dela para mim, por favor? – pediu gentil. Ignorando o ar chocada dela.

-- Madre Mia! Quanta loucura! – disse em tom de assombro. Olhou-o de cima abaixo. – Ela é tão... Pequena!

-- E isso, significa? – quis saber zangado. Arrependendo-se logo a seguir.

-- Significa que pode tê-la machucado! Dio Santo! – olhou-o reprovadora.

Aleico bufou com raiva.

-- Por quem me tomas? Não sou um animal, si! – replicou descontente.

-- Está bem, perdone! Não se preocupe. Cuidarei dela. – prometeu.

Rhane acordou toda dolorida. Credo! Nossa, pensei que estaria melhor hoje! Reclamou. Viu que Aleico, já fora para o trabalho. Bom.. O jeito era descer. E enfrentar a realidade. Ou melhor. Arela. Esperava que Aleico tivesse conversado com ela. Assim, lhe poupava explicações. Detestava dar explicações!

-- Buongiorno, Arela. – disse um tanto sem graça.

-- Buongiorno, bambina. – respondeu séria. – Dormiu bem? – olhando-a com atenção.

-- Sim. – assentiu. -- Aliás, dormi além da conta. – falou olhando o relógio na parede da cozinha. – São quase 11 onze horas. Que horror!

Arela lhe serviu o café. Colocando uma quantidade enorme de alimentos a sua frente. Rhane olhou para tudo aquilo. Riu.

-- Não consigo comer um terço, disso tudo. – reclamou.

-- Bom, recebi ordens para deixá-la dormir até tarde. E de alimentá-la, muito bem. – falou com simpatia.

-- E sempre cumpre às ordens, dele? – quis saber.

-- Quase sempre. – respondeu matreira.

Rhane riu divertida. O acesso de riso lhe causou dor. Gemeu. Chamando a atenção de Arela.

-- Oh, sinto muito! – Arela pediu, sem jeito. – Tome o seu café. – ordenou. – Aleico, deixou uns comprimidos para você tomar, após o jejum. – disse. – Ele me contou.. O que aconteceu. – esclareceu, ao ver o constrangimento dela.

-- Tudo bem. – Arela, a tranquilizou. – Não vou dizer que concordo... Com isso. – falou, sentindo certo desconforto. – Envolve toda uma família, muitas pessoas. Também, muitos sentimentos. É algo muito complicado. Eu sei. – balançou a cabeça, inconformada. – Farei o que ele me pediu. – disse, tomando as mãos dela entre as suas. – Mas, me preocupo com você... Aleico é uma ótima pessoa. Pode acreditar. Se ele prometeu ser fiel, a você. Será. – confortou-a. – Mas, também é um homem experiente da vida. Nem tudo que a imprensa fala. É verdade. Mas, assim mesmo... Teve muitas amantes. – relatou sincera.

-- Eu sei Arela. – disse num fio de voz. – Sou muito ciumenta. – revelou com angústia.

-- Lhe disse isso? – perguntou Arela. Preocupada com aquela revelação.

-- Sim. – olhou para pia, já limpa. – Ontem á noite... Ele fez o jantar. – riu sem graça. – Não sabia que cozinhava. – pausou. – Então, disse que era mais como um hobby. – Arela assentiu em acordo. Sabia disso. -- Eu... Acabei por lhe perguntar... Se cozinhava para as amantes.

-- O que respondeu?

-- Pediu-me para não olhar para o seu passado. – sentiu-a apertar suas mãos com carinho.

-- E ele, está certo. -- Arela concordou. – Só vai se magoar, Rhane.

-- Foi o que ele me disse. – confirmou.

Terminou seu café em silêncio. Sendo observada por Arela.

-- Acho que vou dar uma volta, por ai... Tudo bem? – quis saber, tomando os comprimidos que ela, lhe estendia.

-- Faça isso. – a animou.

Voltou ao lago. Onde ela e Aleico haviam se beijado, pela primeira vez. Eles, jamais deviam ter feito aquilo! Ou, sentindo qualquer desejo um pelo outro. Mas sentiram. E não resistiram. E consumaram o desejo que os perseguiam. Quanta loucura! Preocupou-se com sua mãe e sua tia. Com Domenico, e a família. Principalmente, com Dom Geovane! Sabia o quanto era conservador e moralista. E tinha ainda a imprensa. Odiava lidar com a imprensa! Durante um ano foi assediada e massacrada por ela. Ficou imaginando como a família dos Domenacci, conseguia lidar com tudo aquilo. Por ser uma família descendentes de poderosos aristocratas. E dona de uma fortuna incalculável. Eram considerados celebridades pelos paparazzi. Estavam sempre nas páginas das revistas de fofocas. Só de pensar que seria alvo constante deles, novamente. Sentia náuseas. Lidar com os paparazzi, era horrível!

-- Signorina. – ouviu Ana, lhe chamar.

-- Sim.

-- Telefone para a signorina. – disse. – É de Turim. – informou.

-- De Turim. Quem é? – perguntou surpresa.

-- Signor Andrezzi Verazzi. – forneceu.

-- Sério! – exclamou alegre. Ana assentiu em acordo. -- Obrigada, Ana.

Saiu apressada para atender.

-- No escritório do patrão. – Ana, falou. Logo atrás dela.

Rhane agradeceu.

-- Alô.

-- Rhane. – ouviu a voz forte de Andrezzi.

-- Eu mesma. – respondeu alegre. – Andrezzi, tudo bem?

-- Sim, estou ótimo. E você?

-- Oh, também estou bem! Feliz em falar com você. O que faz em Turim? – quis saber curiosa.

Andrezzi riu. Era realmente sua garota talento. Nunca fazia uma pergunta de cada vez.

-- Ei, calma. – pediu rindo. – Uma pergunta de cada vez, está bem?

-- Aff, isso é impossível! – resmungou. – Como me encontrou?

-- Aleico, me ligou hoje de manhã... Sabia que eu estava em Turim. Queria me avisar que você, estava com ele. – explicou um tanto sem jeito.

Ela percebeu.

-- Andrezzi...

-- Rhane não vou falar para Filipe sobre você estar na casa de Aleico. – interrompeu-a, preocupado.

-- Dio! Ele vai surtar!

-- Queria tanto que ele entendesse que o vejo como um amigo. Nada mais! – clamou tristonha. – Gosto de trabalhar com ele. Mas, é só isso! Porque ele não entende?

-- Eu não sei. – Andrezzi, respondeu aborrecido. – Mas, também gostaria muito que a considerasse como uma amiga. Não como uma conquista! – lamentou.

-- Também acha isso, não é? Que sou só uma conquista para ele?

-- Conheço meu irmão, Rhane. – disse. – Ele nunca aceitou um “não” como resposta! Dizer “não”, para ele. O instigou a conquistá-la. E acredite. Ele não vai desistir tão fácil!

-- Espero que desista! – reclamou.

-- Eu também. – disse. – Mas, vamos falar de trabalho... – falou mudando de assunto. -- Vou mandar os projetos para você terminar. Acha que dá conta de terminar até o começo do mês?

-- Tenho certeza que sim. – disse segura. – Aleico ligou para você... Mandar-me trabalho? – perguntou curiosa.

-- Bom, sim. – respondeu. – E realmente fiquei feliz em dar andamento nos projetos que estão parados. – expôs. – Já mandei enviar o material para a villa de Aleico. -- notificou. – Me liga assim que receber, está bem?

-- Ok.

-- Rhane, posso fazer uma pergunta?

-- Claro. Faça.

-- Estão se dando bem? – Andrezzi, demonstrou preocupação na voz.

-- Oh, estamos sim. – respondeu, em tom alegre. – Não precisa se preocupar. Mas, caso eu, o venha tirá-lo do sério. E ele queira me matar. Ligo para você. – brincou.

Andrezzi gargalhou.

-- Aleico, não mataria uma barata! – o defendeu.

-- Ah, que pena! – Ela troçou.

-- Sinto muito! – rindo da brincadeira. -- Mas, fico feliz em saber que estão bem. – falou com satisfação – Caso precise, não exite em me ligar. Ok?

-- Ciao, Rhane. – despediu.

-- Ciao, Andrezzi.

Após almoçar, resolveu tirar um cochilo. Acabou por pegar num sono profundo.

Aleico queria o fim daquela reunião. Estava estressado. Inquieto. E eles pareciam não chegar num acordo. Dio! Sua explicação havia sido tão nítida. Do que eles tinham medo? Suspirou resignado.

-- Há quanto tempo vem pensando em fazer isso? – Lúcio o indagou curioso.

-- Há um bom tempo. – respondeu. Olhando para todas as pessoas presentes. Além de sua família, que faziam parte da Corporação. Havia os diretores, executivos e assessores. Todos pareciam surpresos com a sugestão dele. Estava sendo mais difícil do que imaginou! – Do que eles têm medo? – disse irritado.

-- Estamos na sala de reunião da “Corporation e Incorporation Domenacci Ltda”. Sentados, envoltos de uma enorme mesa. Tendo a frente o nosso diretor geral... – Lúcio, foi sarcástico. --

Aleico Domenacci. Ditando novas regras e mudanças. – forneceu. – Como acha que iriam reagir? Dio Santo! Todos foram pegos de surpresa. Inclusive eu! – irritou-se. – Não acredito que não me disse nada. Sempre conversamos sobre tudo! – murmurou chateado.

-- Quase tudo, Lúcio. – Aleico corrigiu. – Decidi sobre isso nessa minha última viagem. – relatou. – Pensei bastante. Medi todas as consequências. E conclui que essas mudanças vão gerar uma expansão maior dos negócios fora da Europa. Fomentar essa crise é essencial. Expandir nossos negócios internacionalmente, é a solução. E para isso será preciso novos executivos, diretores. Pessoal competente. Como os que já temos. – explicou. – Acha que estou errado com o que propus? Não quero expandir nosso patrimônio. E ter que me preocupar ainda mais, do que já preocupo... Ou você, ou eles! – reclamou.

Lúcio fitou-o. Pensativo.

-- Concordo com você. Plenamente. – disse unânime. – Um crescimento internacional requer profissionais capacitados. Ou, teremos que nos virarmos em dez. E é isso que você não quer, não é? – quis saber. Aleico assentiu em acordo. --Eles, logo vão chegar a um acordo. Só estão um pouco surpresos. Dê lhes tempo?

-- Está sugerindo um prazo, é isso?

-- E por que, não! A compreensão seria mais clara, não acha?

-- É, tem razão. – concordou.

-- Falo, eu. Ou fala, você? – Lúcio quis saber.

-- Fique á vontade. – Aleico, lhe deu a palavra.

Lúcio piscou maroto.

-- Signores... – falou determinado. – Um minuto da atenção de todos, por favor? – um silêncio profundo reinou na sala. – Ótimo! Nosso diretor geral, aqui. – apontou Aleico. – Decidiu dar uma semana de prazo... Para todos chegarem a um contexto do aceite da pauta. A reunião está encerrada. – dispensou-a todos. Abruptamente.

-- Mas, signor Lúcio... – começou uma das executivas.

-- Reunião encerrada, signorina Júlia. – Lúcio a cortou. Asperamente. -- Estão todos dispensados. – dispensou-os, firme.

Eles olharam na direção de Aleico. Que os olhou. Inquestionável.

Dentro de cinco minuto a sala, se esvaziou. Permanecendo somente a família.

-- Pessoas teimosas! – Lúcio resmungou, zangado.

Aleico o olhou atônito. Riu.

-- Não gostou da reação deles, sob seu comando? – Aleico, quis saber.

-- Não, não gostei! – reclamou. – Mas, sou inflexível! – troçou. – E agora podemos falar de outra coisa? – disse em tom curioso.

-- Sobre o quê? – percebendo a curiosidade do primo.

-- Não aqui. – falou olhando em volta. Onde o restante da família conversava entre si. – Na sua sala. – apontou.

Os dois se encaminharam para sala de Aleico.

-- O quer saber? – Aleico, o indagou. Sentando em sua cadeira. – Sente, Lúcio.

-- Sobre, a bambina. – Lúcio foi direto. – Como ela, está?

-- Refere-se sobre a festa? Por ter bebido um pouco além da conta? – perguntou com certa cautela. Seu primo parecia um tanto estranho.

-- Tenho certeza que quanto á isso. Está tudo bem. Não é? – Aleico concordou em silêncio. -- Está tendo problemas com ela? – indagou.

-- Não. Estamos nos dando bem. – respondeu tranquilo.

Lúcio o analisou. Sério. Escondia algo. Conhecia-o.

-- Então, porque está nesta metamorfose toda? – Aleico arqueou as sobrancelhas, incompreensivo. Ele explicou. – O que quero dizer, é... Que durante a reunião parecia guerrear com seus próprios sentimentos, primo. – explicou. – Oras arrependido, oras confuso... – Lúcio observou. – Mas, teve uma hora que parecia estar no paraíso. Então... Puf! – falou, fazendo um gesto com as mãos para alto. – E tudo voltou ao começo. Uma verdadeira confusão... Aconteceu algo entre você, e a bambina?

Aleico percebeu o tom desconfiado do primo. Incomodou-se. Inteligência e sagacidade o constituíam. E isso era marca registrada de seu primo.

-- Acha que existe algo entre nós? – indagou-o nada seguro.

Lúcio percebeu a insegurança em sua voz.

-- Acredito que sim. – foi taxativo. – Não é obrigado a me dizer se não o quer! – replicou. – Mas, saberei... Quando a ver. – testou.

-- Como assim? – quis saber. Não percebendo a jogada de Lúcio.

-- Oras, Aleico! Com quantas virgens já dormiu?

-- Eu... Com nenhuma. – Olhou para o primo. Viu o seu sorriso triunfante. Havia caído na dele. – Disgraziato! Estava me manipulando o tempo todo! – resmungou. – Como pude me esquecer.. Sempre foi bom em fazer as pessoas dizer, ou demonstrar o que não queriam! – zangou-se.

Lúcio riu divertido da cara zangada dele.

-- Sempre fui muito bom nisso, não é! – exclamou orgulhoso. -- Como pôde esquecer primo? – disse, dando uma piscadela marota.

Aleico praguejou.

-- Bom, agora quero saber como aconteceu? O que pretende fazer? Visto que é enteada de Domenico. Já imaginou a complicação disso tudo? – perguntou demonstrando preocupação.

-- Não sei como dizer isso... – sentia-se desconfortável. -- Não precisa se envolver. Posso dar conta da situação. – procurou desconversar educadamente.

Não deu certo. Lúcio o olhava. Duvidoso.

-- Está tentando me fazer acreditar que não há nada... Entre você, e a bambina? – foi sarcástico. – Poupe-me, Aleico. – reprimiu-o. – Já sou bem crescidinho! – proferiu rudemente. Levantando se encaminhou para sair da sala do primo. Ao chegar à porta. Voltou-se. – Pode contar comigo... Com o

que for preciso. – ofereceu. – Sei que deve estar preocupado com nossa família... Com o casamento de Domenico. – explicou. Deixando claro toda sua certeza sobre o fato. – Não tiro sua razão... Não, não precisa explicar nada... – gesticulou com a mão negativamente. Ao ver que ele pretendia falar algo. -- Já sei o que preciso saber.

-- Eu não tive forças para resistir, Lúcio. Dio Santo! Não tive! – confessou, num lamento. -- Eu a desejei... Assim que a vi! – clamou aborrecido. Soltou o corpo sobre a cadeira. Sentia-se tenso. Cansado. Recostou a cabeça no encosto da cadeira. Desgostoso.

Lúcio voltou. Deu a volta na escrivaninha sentando na beirada. Bem próximo do primo. Tirou a caneta que este discorria, entre os dedos. Aleico sempre fazia gestos, quando aparentava nervosismo. E Lúcio conhecia um destes gestos. A amizade entre eles era muito grande. Um conhecia o outro profundamente. Algo eterno. Tinha certeza!

-- Foi tudo para mim quando me apaixonei, por Caterine. – começou. – E muito mais amigo... Quando a perdi. – lembrou, com amargura na voz.

-- Lúcio...

-- Tudo bem. – garantiu. – Não vou poder evitar isso para sempre, Aleico. – falou tentando não se afetar com as lembranças. -- Bom, quanto a você. – falou, mudando de assunto. Tocou-lhe o ombro. Demonstrando seu apoio. – Não me importo como pretende vivenciar o que há, entre os dois... Mas, me sinto ofendido por sua falta de confiança! – reclamou.

Vendo o tom ofendido do primo. Aleico procurou justificar sua atitude.

-- Não quero envolvê-lo em algo que eu e Rhane, decidimos ocultar por enquanto. É meio complicado. Arela, acha que é loucura! – exclamou. – E talvez tenha toda a razão... – murmurou angustiado.

Lúcio viu angústia e desespero, lhe tomar a face. Condoeu-se. Amar... Era uma faca de dois gumes! Não tinha como se livrar da dor. A dor da perda era lacerante! E ele, Lúcio Domenacci. Sabia disso!

Lúcio inclinou o corpo na direção do primo. Ficando cara a cara, com ele.

-- Conte comigo no que precisar Aleico. – fitando-o nos olhos. – Qualquer coisa, entendeu? – comprometeu-se.

Aleico lhe sustentou o olhar sincero. Então se levantou. Abraçou o primo.

-- Obrigado, Lúcio... Obrigado, mesmo. – expressou sua gratidão. – Perdone, minha falta de confiança. Foi mais por medo, creio!

-- Aleico Domenacci... Com medo. Posso saber do quê? – seu irmão Ricardo, quis saber. Adentrando na sala repentinamente.

-- Não sabe bater na porta, Ricardo? – Aleico, zangou-se. Ignorando a curiosidade dele.

-- Ah, mas eu bati... Pode perguntar para Gina. – resmungou.

-- Bom, vou indo. – Lúcio se despediu. Olhou para Aleico. – Consegui lidar com ele? – zombou.

-- Tenho plena certeza disso! – replicou.

Lúcio soltou uma gargalhada. E foi embora.

-- Sabe. Às vezes, eu o odeio. Sabia! – Ricardo, reclamou.

-- O que quer Ricardo? – falou áspero.

-- Você é pior do que mulher com TPM. Sabia?

-- Desculpe. Não era minha intenção ser rude. – pediu sem graça.

-- Ok. Mas, o motivo de minha ilustre presença... – fez graça.

Aleico riu. Balançando a cabeça.

-- Você... Realmente é impossível! – elogiou. – Como consegui? Eu sendo grosseiro. E você, tentando ser engraçado?

-- Bom, quando tiver esposa, e filhos. Entenderá! -- declarou.

-- É mesmo? – quis saber. Duvidoso.

-- Não tenha dúvida! – afirmou. – Bom. Isso não importa agora. – deu o assunto por encerrado. – Acho que não será preciso uma semana para a resposta do restante do grupo. Como você, estava ocupado. Gina passou a ligação de um do representante do grupo. Ele, já deu a resposta. Tem o apoio deles para as mudanças. – anunciou contente. – Agora, é trabalhar..

-- Obrigado, pelo apoio, Ricardo. – agradeceu o irmão.

-- De nada, Aleico. Somos uma família. E família, se apoia! – piscou maroto. Retirando-se.

Rhane acordou com um braço apertando-a. Gemeu.

-- Aleico, está me apertando... – reclamou, ao vê-lo deitado com ela.

-- Estou... – respondeu sonolento. Afrouxando o abraço.

Rai o olhou dormindo profundamente. Ainda era cedo. Teria vindo mais cedo do trabalho? Por causa dela! Perguntou-se. Desvencilhou-se dele com cuidado. Devia estar cansado. Pensou. Deixando-o dormir. Desceu para cozinha.

-- Que cheirinho bom? – disse.

Arela riu. Alegre.

-- Cheirinho de bolo pronto! Sente. Vou servi-la. – pediu. Apontando a cadeira. Rhane olhou e viu a mesa já posta. Para duas pessoas. – Adoro a hora do café da tarde. – foi espontânea. – Aleico virá? – quis saber.

-- Eu o deixei dormir. Parecia bastante cansado. – falou. – Faz tempo que ele chegou? – quis saber, se sentindo desconfortável.

Arela percebeu.

-- Logo que foi descansar... Ele chegou. E foi procurá-la. – relatou. – Não vejo motivo para se sentir desconfortável com isso, Rhane...

-- Ah! Mas, eu vejo! – clamou. – Ele não precisa alterar sua rotina de trabalho, por minha causa. Não quero dar motivos, para conversas...

-- Então, não devia ter se metido na cama dele. – Arela, a repriminou.

Rhane emudeceu diante da reprimenda. Recobrou-se.

-- Não sou a única culpada. – reclamou.

-- Tem idade o suficiente para ter dito, “Não”. Não é mesmo? – Arela foi dura.

-- E ele também! – revidou no mesmo tom.

-- Olha. Isso não vai nos levar a lugar nenhum. – Arela procurou contornar a situação. – Mas, tem de saber uma coisa. A partir do momento que chegou aqui. Mudou toda a rotina de nossas vidas...

-- E ao seu ver sou a única culpada. É isso? – quis saber indignada.

-- Dio Santo! Lógico que não! – Arela a corrigiu. – Está entendendo tudo errado. Sei muito bem que não é a única culpada. O erro foi mútuo. Algo que não devia ter acontecido. Mas, aconteceu... Finito! Vamos esquecer esse assunto...

-- Não, sem uma boa explicação sobre a mudança que causei? – indagou determinada.

-- Dio Mio! Ainda bem que os meus vizinhos ficam, há uma boa distância. Ou teriam, ficado horrorizado com as duas! – Aleico, chamou a atenção delas. Assustando-as. Com sua repentina aparição. -- E não me diga que não discutiam... – repreendeu. – Porque, foi assim que acordei. Com as duas, gritando... Posso saber o motivo de tanto alvoroço na minha cozinha? – perguntou, as olhando sorrateiro.

Rhane se sentiu envergonhada. Baixou os olhos. Fitou a toalha da mesa. Pensativa.

Percebeu que Arela deixou para ela a responsabilidade da explicação.

-- Você chegou cedo. Só quis saber o motivo... Ou melhor, achei que não havia razão para alterar sua rotina de trabalho, por minha causa. Percebi que não é seu costume fazer isso. -- respondeu sem rodeios. – E no calor da conversa acabamos por... Como disse. Exaltando-nos! – acatou sem graça.

Aleico se aproximou dela. A beijou nos lábios meigo. Deixando Ana, a ajudante de Arela. Boquiaberta. Soltou-a.

-- Amore, deixa lhe dizer uma coisa. – começou. Atencioso. – Sou dono de mim mesmo. Portanto, faço meu próprio horário. – explicou. Confiante. – Nunca cheguei em casa cedo mesmo. Nisso concordo... – afirmou. -- Mas, antes não tinha motivos para isso. Agora, é diferente. – piscou-lhe maliciosamente. – Quanto há se meter em minha cama. Ouvi isso, Arela. Isso é problema meu. Que fique bem claro. – reprimiu-a severo.

-- Oh! – exclamou, Arela. Chateada.

-- Ou, alterar a rotina de “nossas vidas”. Também, ouvi isso! E isso também, é problema meu. – salientou seriamente. – Mas, é algo do qual vamos ter que saber como lidar. Vai ser um pouco complicado no começo. Admito. – beijou-a novamente. – Com o tempo a gente acostuma. Certo?

-- Pode ser. – respondeu incerta.

-- Dio Santo! Que mulher mais sem fé. – Aleico brincou. – Não acredita?

-- É muito cedo para isso, não acha?

-- Por que acha isso? Posso saber? – indagou-a, descontente.

-- Nós nos conhecemos há 36 horas. – apontou ela. -- E isso diz tudo. Não concorda?

-- É pode ser. – foi obrigado a concordar com ela. O raciocínio dela estava melhor que o dele. Admitiu. – Bom, estou com fome. O que temos aqui? – quis saber. Pondo um ponto final na conversa.

Dentro de dois dias o material para o projeto da nova maquete chegou. Rhane achou muito bom. Teria algo para se distrair. Havia conhecido o neto mais velho de Arela. Este, logo se interessou por seu trabalho. Ela e Arela, se tornaram amigas. Os cafés da tarde, tomavam sempre juntas. E aproveitavam para conversarem. Ficou sabendo muitas coisas da infância de Aleico, dos seus irmãos. E primos. Ela contou muitas coisas da sua própria infância. Suas perdas, e dores. O difícil

relacionamento com a mãe. O período de sua rebeldia. Falou de quando achou estar apaixonada por um garoto na escola primária. E de quando conheceu Felipe Verazzi.

-- Apaixonou-se por ele? – Arela perguntou. Enquanto olhava para o projeto de alguma coisa. Sobre a enorme mesa. – Ficou bom o estúdio, não é? – comentou. Apreciativa.

-- Sim, ficou. – Rhane concordou. – Suzanne é uma excelente arquiteta. E muito eficiente. – elogiou. – Imagine só. Eu disse o que queria. E ela, em dois dias deixou tudo pronto... Assim. – estalou os dedos. – Como num passe de mágica. – brincou. Continuou. – No começo pensei que sim. Depois, descobri que era só admiração. Felipe é um ótimo engenheiro. Tem ideias bem modernas. Fiz algumas maquetes dos projetos que ele desenhou. Por isso, o nosso contato. Hoje, como um dos diretores da “Corporação” ficou difícil trabalharmos juntos. Quase, não nos encontramos. – respondeu ela.

-- E ele sabe disso? Ouvi boatos do interesse dele, em você? – indagou Arela.

-- Sim. Sempre deixei isso claro, entre nós. – informou. – Sou só mais uma conquista para ele, Arela. – disse. – Como recusei suas investidas. Acho que virei uma obsessão para ele... Espero que as coisas agora, mudem. Não sou mais a garota que ele conheceu...

-- Como assim? Explique-se?

-- Ele sabia da minha inexperiência com o sexo oposto. – respondeu sincera.

-- Disse-lhe? – Arela quis saber. Pasma. Com o que ouvira.

-- Não foi preciso... Felipe é bem experiente. Soube assim que me viu. Aliás, gosta disso... De ser o primeiro amante de uma mulher, entende? – falou, a deixando ainda mais chocada.

-- Dio Santo!

-- Bom, é um tanto chocante mesmo. Mas, alguns homens são assim, não?

-- Não consigo entender nada disso. – Arela apontou o projeto inacabado. Mudando o assunto. – Mio nipote, Gino. Não fala noutra coisa. Dio Mio! Quer ser como você. Construtora. Dessa coisa aí! – exclamou toda orgulhosa do neto.

A brusca mudança de assunto a deixou muito aliviada. Passado é passado!

-- Bom. Essa coisa, aí... – recriou-a gentil. – Ainda, está inacabada. Quero ver o que vai me dizer quando eu, terminá-la. – disse pomposa. – E Gino, é um excelente aprendiz... Tem sido de grande ajuda para mim. – enalteceu-o.

Rhane percebeu a alegria que lhe tomar a face. Arela era como todo o italiano. Tinha amor e muito orgulho pela família. E a união entre eles era o foco de tudo! E ela admirava isso. Almejou um dia ter um lar assim. Uma família com muito amor e dedicação. Pensou em Aleico. Seria possível?

Rhane havia levantado cedo. E estava no estúdio dando uma revisada no que já tinha feito. Havia progredido bastante. Mais, alguns dias. E a maquete. Sua melhor obra estaria pronta. Suspirou feliz.

Viu Aleico entrar. Parecia um tanto insatisfeito.

-- Buongiorno, amore. Hoje é domingo. Não é dia de trabalhar. – Aleico implicou.

-- Bom dia... Para você também. – respondeu, terminando de colar uma peça na maquete. Indo ao encontro dele, o beijou. Prazerosamente. Ele retribuiu com o mesmo ardor. -- Já terminei. Estava só conferindo...

-- Proíbo-a de trabalhar nos finais de semana. – ordenou ternamente. A enlaçando pela cintura. Puxando-a junto ao corpo.

-- Proíbe, é? – gostou da sua reação de posse.

-- Sì. Quero-a só para mim. – reclamou. Dengoso. – Com a expansão dos negócios. Mal nos vemos. Dio! Não faz ideia de como fico louco de saudade!

-- Mesmo? – fez cara de “vai-ter-de provar”.

Ele entendeu a deixa. Respondeu.

-- Eu provaria com prazer. – brincou. – Mas, fui abandonado no leito por minha linda namorada. – reclamou. Beijando-a. – Faria isso agora, caso pudesse. – completou. Desejoso.

Rhane franziu a testa. Indagadora.

-- Mamma ligou... – explicou. Nada contente. Queria poder fazer amor com ela. Pensou. – Pediu para chegarmos mais cedo. Algo referente uma festa de 15 anos. Não sei por que as garotas insistem nisso! – clamou.

-- Ah, sim. – assentiu, em acordo. – No próximo sábado. A aniversariante é neta de Dom Giancarlo. Amigo da sua família. Foi o que Daena, me disse ao telefone. Esqueci-me de avisar. – informou.

-- Nossa família, amore. Nossa família! – corrigiu-a sério.

-- Sì, signor! – respondeu sorrateira.

Aleico a olhou, balançando a cabeça. Descontente. O desinteresse dela. Mexia com ele. Deixava-o inseguro.

-- Não gosto quando leva as coisas na brincadeira, bambina. – replicou.

-- Mas, não levo. Você é que acha isso! – retrucou.

Pendurou-se nele. E ele teve de abaixar para lhe dar apoio. Ela lhe circundou a cintura com as pernas. Cruzou as pernas sobre o bumbum dele. Apertando-o. – Hum... Detesto ser tão baixa! – reclamou. Beijando-o. Ávida. Adorava o gosto da boca dele. A sensação inebriante era tão boa. Deliciosa. Sentiu-o segurando suas nádegas. Acariciando-a. Excitou-se.

-- É perfeita para mim! – sussurrou, junto aos lábios dela. Sôfrego. Excitado. – Dio Santo! Se continuar me beijando, assim... Não vamos a lugar nenhum! – arfou.

-- Detesto ser estraga-prazer. – troçou. – Mas, a aula de beijos acabou. Finito. – disse rindo, divertida.

-- Que pena. Gostei tanto. – entrou no clima. A abraçou. Apertando-a junto ao peito.

-- Temos um compromisso, inadiável. – o lembrou. Remexeu-se. E ele a soltou. Ela respirou. Aliviada.

-- Perdone. -- pediu. Preocupado. – Às vezes me esqueço de como é pequena...

-- Pensei que fosse, perfeita! – replicou. Fazendo beicinho.

-- Sì. Tenha certeza disso! – afirmou. – Adoro-a, assim. Pequena, frágil, delicada... Mia vita! Minha vida. – disse com carinho.

-- É assim que me vê? Frágil e delicada! – replicou. Fechou a cara. Insatisfeita.

Vendo o seu ar insatisfeito. Aleico tratou logo de explicar.

-- Rhane...

-- Não sou frágil. Muito menos delicada... Solte-me? – pediu brava.

Ele a soltou. Delicadamente.

Ela bufou de raiva com o seu gesto de delicado.

-- Não faz a mínima ideia do que passei para achar, que sou... Frágil e delicada! – esbravejou. Cutucando o peito dele com o dedo indicador. Conforme pronunciava cada palavra. Furiosa. Sentiu o ar rarear em seus pulmões. Tamanha era sua fúria.

Aleico se espantou. Diante da fúria que a tomou.

-- Rhane, calma. Sì? – pediu um tanto constrangido.

Ela inspirou e respirou. Devagar. Procurando se acalmar.

Puxou-a novamente para seus braços. A abraçando. Ela quis se soltar. Ele não deixou. Ela desistiu. Sentiu-o lhe beijar os cabelos. Com carinho. Deixou se levar no conforto dos braços dele. Sentia segura, ali.

-- Perdona, amore. – pediu sereno. – Sei que passou por situações nada agradáveis. E a admiro por isso! – elogiou-a. – Eu me referia ao ato de fazer amor... E não por sua pessoa...

-- Então, me acha frágil... Quando fazemos amor? -- interrompeu-o. Receosa. Insegura.

-- Não, claro que não! – respondeu de pronto. Cauteloso. Percebendo a insegurança dela. – Que conversa mais complicada. Dio Mio!

-- Foi você quem começou! – acusou.

-- É, pode ser. – concordou. E a soltou. Deu alguns passos. Parou. Passando as mãos nos cabelos. Nervoso. – Vamos esquecer isso, por favor?

-- Agrado, você... Como as suas outras mulheres? – totalmente insegura.

Aleico gemeu desgostoso. Dio! Onde fui me meter! Clamou. Pensativo. Fitou-a. Toda a sua insegurança visível em seu lindo rosto. Pela primeira vez na vida, ficou sem palavras. Doeu ver sua agonia. O medo por achar que não o agradava. E ela o agradava. E como! E queria que soubesse disso.

-- Rhane, nunca mais faça comparações entre você. E as amantes que tive. – pediu, segurando-lhe queixo. Gentilmente. Olhando-a bem nos olhos. -- Porque eu nunca vou fazer isso. Entendeu?

-- Mas, você mesmo disse que adora sexo! – discordou. Ele suspirou chateado. – E às vezes sinto que... Que... – gaguejou. Sem jeito. -- Se segura comigo. Por quê? – insistiu.

Aleico percebeu o seu incomodo diante do assunto. Ai, como queria não ter tido tantos casos! Lamentou. Daria tudo para ela ter sido a única em sua vida!

-- Amore mio. Adoro fazer amor com você... Fazer amor. Não, sexo! Compreendeu?

-- Qual é a diferença entre fazer amor, e fazer sexo? – indagou-o. Curiosa.

-- Muita! E, quanto a me segurar quando fazemos amor. – começou a explicar. – Tenho medo de machucá-la. Ainda está dolorida. É muito cedo. Então vamos com calma, está bem? – escolheu bem as palavras. Não queria magoá-la.

Ela assentiu em acordo. Disparou.

-- Qual a diferença entre fazer amor, e fazer sexo? – repetiu a pergunta calmamente. – E não responda a mesma coisa, certo? – inquiriu-o. O fitando. Segura.

Aleico lhe roubou um beijo. Prazeroso. Ávido. E outro. E outro. E outro. Deixando-a trêmula de prazer. Excitadíssima ao extremo. Ele, idem.

-- Como se sente? – perguntou, todo satisfeito com o efeito que seus beijos causaram nela. Sentia-a trêmula em seus braços. Tão excitada, como ele.

-- Trêmula. Excitada... Deus! Não sei o que dizer... Essa sincronia. É uma sensação tão boa! – revelou.

-- Que fica completa quando unimos nossos corpos, não é?

-- Sim! – admitiu.

-- É assim que me sinto com você! – afirmou ele. – Nunca senti isso antes, tesoro!

Ela o beijou. Docemente.

-- Quero que faça amor e sexo, comigo... Sempre? Quero os dois, Aleico! – exigiu. Audaciosa. Calorosa. Perversa.

Aleico a fitou. Seu olhar caloroso era de pura perversão. Riu.

-- Venha, vamos. – falou ele. – Estamos atrasados. Prometo... Pensar em sua proposta...

-- Não quero promessas. Quero ação! – exigiu ela.

-- Vá bene, sì! Está bem. – respondeu. Um tanto preocupado.

Assim que estacionou em frente á mansão. Ela viu carros diferentes. O que significava... Visitas.

-- Quem será? – perguntou ela.

-- Zio Rafael, e família. – respondeu ele. Apontando o carro preto. Uma Mercedes antiga. Raridade.

-- Uau. Ele coleciona? – quis saber ela.

-- Sim. Esta, é de 62. Uma de suas... Raridades.

-- Tem mais? – perguntou pasma. Olhando a relíquia de perto. – Incrível!

-- Até onde sei. São oito. – informou.

-- Puxa! – exclamou admirada. – Original?

-- Absoluta! – afirmou. – Vamos entrar.

-- Sim, claro. – concordou ela, dando uma última olhadela.

-- Rhane preciso perguntar uma coisa antes de entrarmos. – Aleico parou. Tomou-lhe a mão. Conduziu-a até um banco no jardim. E sentaram.

-- O que é? – perguntou. Ele parecia transtornado. Preocupou-se.

-- Hoje me lembrei de algo que nunca me aconteceu antes. Não usei proteção nenhuma vez com você. Nunca fiz sexo sem proteção... Acha que pode engravidar? – quis saber. Ansioso.

-- Sério mesmo? Nunca fez sexo sem proteção antes? – Ele assentiu afirmativamente. Sincero. Ela acreditou. – Não precisa se preocupar. Não vou engravidar. – assegurou. Pegou a mão dele. Levou-a aos lábios. E a beijou.

Levantou puxando-o.

-- Venha, vamos entrar. – falou ela.

-- Raí, usa anticoncepcional? – perguntou com voz estranha. Firmando-se no lugar. Retendo-a.

-- Sim. – respondeu, sem jeito.

-- Por quê? – quis saber. Desconfiado.

-- Não quero falar sobre isso, agora. – replicou paciente. Percebendo a desconfiança no tom de voz dele.

-- Temos que falar. Droga! – incutiu, ele.

-- Podemos falar sobre isso depois? – pediu ela. Mordendo o lábio inferior. Disfarçadamente.

Aleico a fitava. Percebeu o gesto. Ela escondia algo. E ele queria saber. Droga! Ele era seu primeiro amante! Porque usava anticoncepcional? Perturbou-se.

-- Tudo bem! – procurou se conter. Por hora. – Mas, nem pense que vou esquecer esse assunto! – intimou.

-- Sei que não vai. – anuiu ela. Fitando os próprios pés. Inquieta.

Sentiu-o lhe pegar a mão. O olhou. E Aleico viu a inquietude lhe tomar os olhos negros. Que ela logo disfarçou. Desvendá-la. Era tudo que ele queria!

Entraram na mansão de mãos dadas. Inconscientemente.

Dom Geovane viu os dois de mãos dadas. Achou que o filho estava levando muito a sério sua responsabilidade. Perturbou-se.

-- Buongiorno papa!

-- Buongiorno, Aleico. Rhane...

-- Buongiorno, Dom Geovane. – desejou ela. Gentil.

-- Geovane, por favor. – pediu ele. Embaraçado diante do tratamento. – Já não se usa mais esses títulos hoje em dia, picolla mia. -- observou. Fitando os de mãos dadas.

Aleico atento. Percebeu o olhar preocupado do pai. A soltou. Delicadamente.

Rhane percebendo a gafe deles. Tratou logo de desconversar.

-- Geovane. – concordou ela, forçando um sorriso. – olhou para Aleico. -- Vou ver sua mãe. – Ele abanou a cabeça em acordo. Ela pediu licença. E saiu em disparada.

-- Não sabia que zio Rafael, viria para o almoço. -- Aleico comentou. Desviando a atenção do pai. – O que significa que vamos ter churrasco? – quis saber ele. Interessado.

-- Agora que meu ajudante chegou. Sim. Vamos ter. – Dom Geovane. Confirmou. – Venha, temos um batalhão para alimentar. – brincou. Alegre.

Aleico suspirou. Aliviado. Cumprimentou o restante da família. Os tios e os primos. Depois foi para junto da churrasqueira, ajudar o pai. Tinha realmente muita gente para alimentar.

-- Dio Santo! É impressão minha. Ou, parece que nossa família... Está cada vez maior! – exclamou espantado.

Lúcio e Francesco, que também ajudava na churrasqueira. Riram. E ficaram a observar a família.

Juntamente com os pais. Dom Geovane, e Dom Rafael.

--É, quando você... – o tio apontou. – Lúcio... – este arqueou uma sobrancelha em alerta. – Stefano, resolverem se acomodar. Ela crescerá, ainda mais. E quero muito ver isso. – declarou feliz.

-- Eu também. – Dom Geovane fez coro. Abraçando o irmão com carinho. Todo feliz. – Quero ver meus bambinos, casados. E com filhos. Muitos, se possível. – piscou para o irmão.

-- Eu, idem. – Dom Rafael. Brindou com o irmão. Tocando-lhe as taças de vinho, uma na outra.

Lúcio fitava o chão. Em silêncio.

Aleico se inquietou.

Stefano que estava por perto. Replicou.

-- Papa não me apresse. Tenho 27 anos. Ainda estou novo. – Stefano resmungou. Olhou para o irmão. Lúcio olhava disfarçadamente para o lago. – Lúcio é mais velho. Apresse, ele. – implicou.

Lúcio nada respondeu. Levantou e saiu em direção do lago. Perturbado.

-- Droga! – Stefano praguejou. Arrependido. Olhando para o pai. Chateado.

-- Eu daria tudo para vê-lo feliz, outra vez. – Dom Rafael, lamentou amargo. Olhando o filho se afastar. Cabisbaixo. – É um homem de boa aparência. Inteligente. Gentil. Amoroso. Tem toda uma vida pela frente. Oh, Dio Mio!

-- Tudo bem papa. – Francesco, o confortou. – Ele, sabe que não fez por mal. – abraçou o pai. Carinhoso.

O desconforto os tomou.

-- Ainda bem quem nenhuma das mulheres está por perto. – Álvaro comentou. Preocupado.

-- Meno male! Graças a Deus! – Stefano clamou. Aborrecido. – Vou falar com ele. – prontificou-se.

-- Deixou-o. – Aleico o barrou. Stefano, o olhou. Chateado. – Rhane... – apontou.

Todos olharam na direção apontada. Ela veio ao encontro de Lúcio. O pegou pela mão. E encheu as mãos dele de farelo de pão. Se juntou a Matteo, Enzo e Eloisa. E rindo, começaram a jogar o farelo no lago para os patos. Viu Lúcio, abanar a cabeça. Sem escapatória. E fez o mesmo. Depois se sentou na grama com sua picolla. O assunto devia ser bom. A alegria, os tomava. Balançou a cabeça. Dissipando qualquer pensamento ruim. Não estava com ciúmes! Garantiu a si mesmo.

-- Com ciúmes, primo? – perguntou Stefano. Baixinho em seu ouvido.

Aleico o olhou de relance. Precavido.

-- Deveria?

Stefano riu divertido. Ficou sério.

-- Relaxe, Aleico. – disse com voz desvanecida. – Li em algum lugar; “Que para esquecer um grande amor. Só outro grande amor”. – recitou um tanto descrente. – Não acredito nisso! – replicou. Com o olhar indagador de Aleico. – Mas, caso seja verdade. Dio Santo! Rezo que seja! – clamou fervoroso. – É disso que Lúcio, precisa. Uma mulher que o faça esquecer, Caterine. Que o faça ver a vida, como a via antes. Desejo o melhor para ele. É o meu melhor amigo. Meu irmão. Amo-o... – pronunciou as últimas palavras. Comovido.

-- Sinto o mesmo, Stefano. – Aleico, também se comoveu. -- Amar Lúcio. Nunca foi difícil para mim.

Nossa amizade é algo da qual jamais viveria sem. – falou com desvelo.

Os dois ficaram a observá-lo. Por um tempo. Em seus próprios devaneios. Depois foram ajudar os demais com o churrasco.

Lúcio havia estendido a manta que ela havia trazido. Sentando-se.

-- Está tudo bem? – perguntou Rhane. Sentando ao lado dele.

-- Sì. – respondeu Lúcio. Fitando o lago. Desconfortável.

Rhane percebeu o desconforto dele. Sabia que alguma coisa o perturbava. Viu isso estampado no rosto dele, quando chegou junto dela e das crianças a beira do lago. Fazê-lo, alimentar os patos junto com ela e os pequenos. Foi uma estratégia que ela usou para distraí-lo. Parecia ter dado certo no começo. Agora não tinha tanta certeza. O ar angustiado voltou a lhe tomar a face. Lúcio era um homem belo. Inteligente. Mas, também indecifrável. Às vezes, muito sombrio!

-- Desculpe, por usá-lo. – pediu ela. – Refiro ao obrigá-lo a tratar dos patos, junto comigo e as crianças. – apontou os pequenos. – Sabe, há algumas semanas atrás daria tudo para ser como eles! – expos franca. -- Hoje... Daria tudo para ter mais experiência na vida! – disse num lamento fraco. Estendeu as pernas. Cruzou os pés. Usou os braços como apoio para a cabeça. Fitou os céus. Pensativa.

Lúcio a olhou. Confuso. Sentiu a preocupação na voz dela. Recostou-se, usando o cotovelo do braço direito como apoio. Ficando ao lado dela.

Ela virou para ele. O fitou. Com um fraco sorriso nos lábios.

Lúcio a observou. Analítico.

-- Não devia se preocupar com isso, Rhane. – aconselhou ele. – Aleico, adora você. Nunca o vi tão ansioso e desesperado para voltar para casa... Como o tenho visto nesta última semana. – riu descontraído. -- O homem fica doido. É impressionante.

-- Deve ficar com medo de eu por fogo na casa. – resmungou. – O deixei sem o jantar duas vezes, esta semana... – falou dando um suspiro.

Lúcio a olhou. Intrigado.

-- Coloquei o jantar para esquentar no forno. Fui trabalhar em meu projeto. E praticamente esqueci! – E explicou como aconteceu.

-- Rhane... – Aleico a chamou. Colocou as chaves do carro no aparador do hall de entrada. E então sentiu o cheiro de queimado. De novo. Parecia vir da cozinha. Rumou para lá. Rapidamente. E a encontrou. Estava furiosa. Praguejando. Encostou-se ao batente da porta. E ficou observando-a. Divertido. Ela simplesmente... Não parecia ser filha de uma “Chef de cuisine Internacional”. Não mesmo! Era uma verdadeira negação no quesito “cozinhar”. Isso sim! Pensou.

Preocupada em salvar o jantar. Ou melhor, o que restara dele. Não percebeu a presença dele. Assustou-se ao ouvi-lo limpar a garganta para anunciar sua presença. Queimando a mão com a travessa quente. Soltou-a rapidamente sobre a pia. Segurando o grito de dor na garganta. Agitou a mão machucada no ar. Virando-se na direção dele. Aborrecida. Apesar de toda a fumaça que tomava o ambiente. Ele parecia calmo. Com um leve sorriso divertido nos lábios.

-- Queimei o jantar, novamente... – tentou explicar.

-- Esqueça o jantar. – falou ele, calmamente. Tomando a mão dela, a levou sob a torneira. Abrindo-

a. Deixou que a água escorresse. Ela sentiu o ardor da mão aliviar-se. – Não quero que se preocupe mais com o jantar, amore... Faça isso quando chegar. Está bem?

-- Como consegue ficar tão calmo? Deus! Sou uma negação na cozinha! – reclamou chateada. – Minha mãe é uma “chef de cuisine”. E eu. – apontou para si. -- Não entendo nada de cozinhar. Não consigo nem esquentar o jantar! – lastimou.

-- Rhane...

-- Helen.. Tentou me ensinar. – soltou num rompante. Angustiado. – Mas, eu não quis. Odiava entrar na cozinha. Fazia-me lembrar do motivo dela, ter me deixado com minha tia... Meu pai, havia nos abandonado. E então... Ela também partiu. Senti-me desamparada, infeliz... Culpada. Por eles, terem sido infelizes. Entende? – disse num fio de voz triste. Aleico abraçou-a. Carinhoso.

-- Ei, não fique assim. Certo? – falou com cuidado. – Não teve culpa do que houve. Era uma criança...

-- Eles se casaram.. Por minha causa! – culpou-se.

-- Deixe-me cuidar disso. – falou, apontando a vermelhidão na palma da sua mão. – Prometa-me, não se aventurar novamente na cozinha? – pediu sério.

Ela assentiu em acordo.

-- Ótimo. – disse ele. Abrindo uma das portas do armário da bem equipada cozinha. Retirou uma caixa de primeiro socorros. Contendo mais medicamento que uma farmácia.

-- Nossa! Quanto medicamento! -- admirou-se. Sentindo um leve ardor. Quando ele aplicou um gel em sua mão. Logo a seguir, a sentiu refrescar.

-- Essa é uma vantagem em ter um médico na família. – Aleico brincou. – Então, melhorou? – perguntou.

-- Hum.. Está bem melhor. – respondeu. – Obrigada. – agradeceu. Num murmuro tenso.

-- Não mereço um beijo? Ainda não recebi nenhum hoje. – reclamou ele. Procurando descontraí-la. Falar dos pais, parecia ter mexido com ela. Percebeu tardiamente.

Ela o olhou, indecisa. E o beijou.

Capítulo 7

Aleico sentiu toda a sua tensão em seus lábios. Sentiu lágrimas molhar sua boca. Parou o beijo. Abraçou-a. Apertado. Beijou o alto da sua cabeça. Carinhosamente. Deixou ela derramar as lágrimas contidas. Iria, fazer lhe bem. Tinha certeza. Sabia através de seu irmão, como havia sido a infância dela. Helen, sua futura cunhada. Amava-a. Sabia disso com certeza. Mas, para uma criança isto poderia ser visto de um jeito diferente. Deixava marcas difícil de ser reparadas. Helen provara isso! Reconquistar o amor da filha, fora uma batalha para ela. Como ficou sabendo por Domenico.

-- Sinto muito. Molhei toda a sua camisa. – murmurou Rhane. Procurando controlar as lágrimas que teimavam em cair. Aleico beijou suas faces molhadas. Retirou um lenço do bolso da calça. E as secou. – Deve estar me achando... Uma boba sentimental. E nada adulta. Não é?

Aleico tomou o seu queixo na mão. Fitando-a nos olhos. Sincero.

-- Não acho nem uma coisa, nem outra. – disse ele. – Adorei-a, assim que a vi. E é isso que importa para mim! – exclamou alegre.

-- Mesmo sabendo que sou uma péssima cozinheira? – quis saber, com um sorriso tímido nos lábios. Envolvendo o pescoço dele, com os braços.

Ele envolveu a cintura dela, com os braços. Puxou-a junto dele. A beijou com paixão. Saboreando seus lábios, devagarzinho. Enroscou a sua língua, na dela. Ávido. Sugando-a. Ardorosamente. A deixando trêmula, e excitada. Sentindo-a tremer de desejo em seus braços. Sorriu feliz.

-- Não precisa saber cozinhar, Rhane. – disse interrompendo o beijo. – Tenho empregados para isso. – informou. – Se for preciso... Contrato, outros. Não quero você se arriscando na cozinha novamente. – advertiu-a. Pegando-lhe a mão machucada. A beijou com carinho. – Quero-a inteira na cama, comigo... Pegando fogo por mim. – piscou maliciosamente.

Rhane riu. Totalmente descontraída. E feliz.

-- Concordo! – disse. – Mas, estou com fome. – reclamou ela. – Terá que improvisar o jantar novamente, Chef. – brincou. – Posso ajudar, caso queira. Mas, já vou logo avisando... – escondeu a mão machucada nas costas. – Só tenho uma mão disponível. – falou rindo. Mostrando-a.

Aleico olhou a pia da cozinha. Esta, estava repleta de louças sujas. Teria que lavá-las. Precisava de espaço na pia para poder cozinhar. Olhou para ela que fingia uma inocência que não tinha mais. O culpado. Ele, é claro. Há muito tempo não se sentia tão feliz.

-- Ótimo! – clamou alegre. – Uma mão, é melhor do que nenhuma... Não acha?

-- Quanta maldade! – reclamou ela.

Ele riu. Divertido.

-- Bom, foi isso! – Ela, terminou de contar. – Agora, entende a pressa dele em voltar para casa. Tem medo de eu por fogo na casa...

Lúcio caiu na gargalhada. Deixando-a sem graça. Mas, não se conteve. E riu a valer.

-- Não vejo graça nenhuma! – resmungou ela.

-- Mas, eu vejo. E muita... – disse tentando controlar o riso. – Dio Mio! Sua mãe é uma “chef de cuisine”. E você... Não sabe cozinhar! Isso é incrível! – apontou ele. Não contendo o riso.

-- Há-há-há... – remedou, ela. Chateada com ele. – Quer parar de rir? – pediu. -- Isso não tem graça! – replicou.

Lúcio ergueu as mãos em sinal de rendição. Nunca rira tanto em sua vida. Procurou controlar o riso. Não queria magoá-la. Gostava dela. E muito. Adorava ver o quanto ela, fazia seu primo feliz. Aleico estava apaixonado. E como estava. Apesar de alegar que não. Ele estava. E logo, iria descobrir. O que ele, Lúcio. Tinha certeza. O mesmo acontecia com a piccola, ao seu lado. Que o olhava. Furiosa. Conteve-se.

-- Sinto muito, Rhane. – pediu gentil. – Mas, foi impossível de segurar. – alegou. – Eis aí, o motivo para não preocupar-se, cara mia. – apontou ele.

-- Aleico... Teve tantas namoradas experientes! Acha mesmo... Que não preciso me preocupar? – quis saber. Cheia de dúvidas.

-- Absoluta! -- Lúcio afirmou. -- Conheço meu primo, cara. – se levantou. E estendeu a mão, para ela. – Venha, vamos almoçar.

Rhane olhou na direção da mansão. E viu todos sentados à mesa, no jardim.

Os três patriarcas: Dom Gustavo, Dom Geovane, Dom Rafael. Ladeados por Aleico e Lúcio. Álvaro e Francesco. Todos em pé. Próximos à churrasqueira. Tomando suas taças de vinho. Observavam a numerosa família. Alimentada e feliz. Que agora riam e conversavam uns com o outro.

-- Interessante. – Dom Gustavo comentou. Todos, olharam-no. Intrigados. Ele indicou a família. Com a taça de vinho. – Há 30 minutos, atrás... Eles, não pareciam tão refinados e elegantes. Que mudança, si! – troçou.

Todos riram.

-- É, papa... – Dom Rafael foi o primeiro a concordar. -- É vero! É verdade! Uma vez ouvi um poema que dizia; “O amor alimenta a alma do homem. Mas a fome deste. Dilacera o bom costume. Corrói-lhe o espírito. Alquebrata o coração. Deixa-o sem razão.” – recitou. Ficou pensativo. Os ali, presentes. Fitava-o. Incompreendidos. Ele percebeu. Explicou. – Sabe, acho que o poeta não se referia ao amor entre duas pessoas. Mas, em toda a sua essência. E de como o vemos... O que quero dizer. É que cada pessoa vê o amor de forma diferente. Entenderam?

Todos. Olharam-no. Fixamente. Refletindo. E compreendendo. Cada um do seu jeito o que havia sido dito.

-- Zio... – Aleico disse. Este o olhou. Atento. Aleico ficou pensativo, por um segundo. Respirou forte. Ansioso. – Acha que amores diferentes. E complicados. Devem ser vividos? Independente das consequências desse ato? É esse o significado deste poema, não é? Em sua opinião. Concorda com o poeta? – quis saber. Foi o que entendeu. A ansiedade o matava. Queria ter certeza.

O tio o fitou. Perplexo. Com a quantidade de perguntas feitas. Seu sobrinho não era homem de muitas perguntas. Principalmente aquelas referentes ao “amor”. Estranhou. Olhou a sua volta. E viu que os demais esperavam por sua resposta.

-- Bom... – começou com calma. – Não sei o motivo de seu interesse. E tenho certeza absoluta que não irá dizer, não é? – O tio perguntou. Aleico assentiu em acordo. Sério. – Mas, acho que assim como o poeta citou. – colocou a mão no próprio coração. – Cada pessoa deve ouvir o que vai, aqui dentro... Em minha opinião deve ouvir seu coração, Aleico. – expressou. E Apontou o coração. Bateu levemente em seu ombro. Pediu licença a todos. E foi ao encontro da esposa.

Rhane, Daena, Rafael, Lucca, Pauline. Os cinco, haviam-se reunidos e conversavam sobre fatos engraçados ocorridos no colégio. Do nada o assunto virou para pratos culinários. Para desgosto de Rhane.

-- Amanhã é o dia das mulheres “Domenacci”. Preparar cada uma o seu prato predileto. Ou melhor, o que souber fazer. – Daena, anunciou facera. – Eu... Confesso. Não é o meu dia preferido! – disse fazendo uma careta. -- Mas, como temos uma estreante na família... – dramatizou. – Ela, terá as honras da casa. Nonna, o que acha? – dirigiu a pergunta à avó.

-- Muito justo! Creio que todos aqui concordam, não é? – Rhane, a ouviu dizer. Toda simpática.

Gelou. Era só o que faltava!

Ouviu Lúcio rir divertido. Olhou para ele, furiosa.

Aleico disfarçou. Mas, viu que ele procurava se conter. Em consideração a ela. Bom, não era uma “Domenacci”. Portanto estava livre! Pensou.

-- E onde ela está? – Rhane gracejou.

Daena a olhou confusa.

Ela olhou para os demais. Estes a olhavam. Incompreensivos.

-- Não sou uma, “Domenacci”. – soltou bruscamente.

Viu o semblante de Aleico, se anuviar. Droga! Maldizeu!

-- Claro que, é! – Pauline protestou.

Lucca, Rafael e Daena. Assentiram em acordo. Os demais permaneceram em silêncio. Que foi rapidamente quebrado por Dom Geovane.

-- Já faz parte da família, Rhane. Tendo, ou não. O nosso nome. – determinou, ele. -- O casamento de Domenico, e sua mãe. Já foi marcado. Portanto, é um membro desta família. Questionar isso está fora de questão! – afirmou. – E damos lhe a honra de demonstrar para nós, suas habilidades culinárias. Afinal, minha nora é uma “Chef de Cuisine” internacional, não! – disse com orgulho. – Como filha dela. Penso que deve ser uma excelente aprendiz, certo?

Rhane grunhiu. Desgostosa.

-- Sinto desapontá-los... Mas, sou uma péssima cozinheira. – falou sem jeito. Olhou para Aleico. Ele lhe piscou. Sorrateiro. – Aleico, é prova viva disto! – lamentou.

Ouviu-se um grande murmuro. Todos, olhavam-na. Descrentes.

-- Bom, na verdade... Essa também foi a minha reação. – Aleico coçou a cabeça. Sem jeito. – Mas, após ficar sem o jantar por duas vezes. Acreditei. – brincou.

Todos riram. Inclusive ela.

-- Então, nada de habilidades culinárias? – Dom Geovane brincou.

-- Não, nada. Cozinhar não é o meu forte. Detesto cozinhar! – disse com aparente magoa na voz. – Não morro de amores pela cozinha, e nem pelas panelas! – sentiu os olhos cheios de lágrimas. Levantou. – Com licença.

Aleico ficou olhando-a desaparecer porta adentro. Decidiu que iria ensiná-la a cozinhar. Era uma forma de ela esquecer toda a mágoa que sentia por Helen.

-- Aleico... – ouviu sua mãe chamar.

-- Sí, mamma.

-- Essa aversão dela, por cozinhar... Tem haver com a profissão de Helen, não é?

Ele viu que todos estavam atentos.

-- Rhane acha que a mãe a abandonou aos cuidados da tia. E que a profissão dela foi a responsável. – disse. -- Por isso, essa mágoa. – confirmou. -- Temos conversado sobre isso. Tenho certeza que ela, logo vai compreender.

Dona Elisa percebeu preocupação na voz dele.

-- Tem certeza disso, filho!

-- Sim, tenho.

Logo que chegaram a casa, resolveu explicar o motivo de ela usar anticoncepcional. Notou o ar aborrecido dele, ao dizer para não se preocupar em engravidá-la.

-- Olha, posso explicar o motivo de usar anticoncepcional... – começou a falar, enquanto tirava a roupa. Precisava de um banho.

-- Explique? – pediu um tanto áspero.

-- Certo. – assentiu ela. Desconfortável. – Bom. Devido todo o stress do que me aconteceu... Minha menstruação ficou irregular. Alterou-se. Minha médica prescreveu o uso para regularizar o ciclo. Foi isso. – explicou. Retirando a última peça de roupa.

-- Hum... Entendo. – falou, sua voz soou compreensivelmente rouca de desejo, ao vê-la nua a sua frente. Aproximou-se, a tocou. Gentil. – Já que isso foi resolvido. O que acha de um banho? – a indagou, beijando-a. Avidamente.

-- Uma ótima... Ideia. – respondeu, sem fôlego.

Sendo arrastada por ele, entre beijos cálidos. Corpos, excitados. Imediatamente para o banheiro.

-- Posso falar com Andrezzi Verazzi. Por favor? – Rhane, pediu para atendente.

-- Da parte de quem? – quis saber. Gentil.

-- Rhane Britte.

-- Um momento, por favor?

-- Obrigada. – agradeceu.

Estava nervosa. Ainda não tinha terminado a maquete. Faltava pouco. A apresentação do projeto seria em Milão. Como ainda não sabia a data. Resolveu fazer contato.

-- Alô, Rhane. Tudo bem? – ouviu a voz forte de Andrezzi.

-- Tudo ótimo. – afirmou. – Ainda não terminei a maquete, Andrezzi. – foi logo dizendo. – Já tem uma data marcada para a apresentação?

-- Ei, calma! – pediu paciente. – O que há com você? – perguntou. Calmo.

-- Estou nervosa. Sempre fico. Já sabe disso. Preciso de uma data. – resmungou. – E odeio este seu tom paciente. Me irrita!

Andrezzi riu divertido.

-- Sou um homem paciente, cara. – disse.

-- É coisa nenhuma. – ralhou. Ficando irritada. – Faz isso para me provocar?

-- Dio Mio! Quanta irritação. Está de TPM? – brincou.

-- Oh! Não estou de TPM. Droga. – xingou. – Pelo jeito ainda não tem uma data marcada, não é? – cortou-o. Aleico havia entrado no estúdio. Naquele momento. E a olhava intrigado. Odiava quando a olhava, assim. Fazia 15 dias que estava na Itália. 15 dias dormindo com ele. E ainda tinham muito que saber, um do outro. Suspirou.

-- Posso falar com ele, Rhane? – Andrezzi pediu.

-- Como sabe? – quis saber. Surpresa.

-- Mudou o tom de voz, cara mia. – esclareceu. – O que significa que tem companhia. Mas, chutei. E acertei? – quis saber. E comemorou.

Rhane riu. Aproximou de Aleico. Passou lhe o celular.

-- Ele quer falar com você? – Ela o viu arquear as sobrancelhas. Desconfiado. – Andrezzi Verazzi. – informou.

Aleico pegou o celular. E ela saiu do estúdio. Deixando-o, a sós.

-- Tudo bem? – ouviu-o perguntar. Ao adentrar no banheiro.

-- Sim, estou. – assentiu. Ligando o chuveiro. – Então?

-- Salvatore está viajando com a esposa. Volta dentro de vinte dias. – dizia enquanto a desenrolava da toalha. – Andrezzi, vai ligar para passar a data da apresentação... -- tocou-lhe o seio com carinho. Ela se arrepiou inteira com o simples toque. Ele riu. -- Quando Salvatore retornar da viagem. – finalizou.

Rhane deu um passo para dentro do box. Ele foi junto.

-- Então, tenho ainda 20 dias de prazo. Ótimo! – a água estava boa. Ele lhe sugando os seios. Era ainda melhor. – Ainda, está vestido. – o avisou.

Aleico retrocedeu. E tirou a roupa em segundos. Voltou para ela. Ávido de desejo. Sentiu saudade dela, o dia todo. Não via a hora de chegar em casa. Amá-la, tornou-se um vício para ele. Um vício prazeroso. Delicioso.

-- Dio! Senti saudade o dia todo. – falou, a beijando excitado. – Vai acabar comigo, piccola mia...

-- Não, vou não... – respondeu. Retribuindo os beijos gulosos dele.

Aleico lhe abriu as pernas, e a tocou com os dedos. Sentiu-a úmida. Puxou-a para cima. E a encaixou sobre seu membro. Apoiou-se na parede. Estocando-a com força. Queria-a demais. Ouvi-la gemer, era fabuloso! O excitava ao extremo. A beijou com paixão. Sentiu-a ter um orgasmo. Adorava sentir os espasmos lhe tomar o corpo. Fremir. Convulsionar.

-- Adoro senti-la ter um orgasmo, amore... Ver este rostinho lindo, arder de desejo... Ouvi-la, gemer de prazer...

-- Oh, Aleico! – gritou prazerosamente. Quando outro orgasmo a atingiu com força. O beijou com avidez. Ele retribui com prazer. Sugando-lhe língua. Guloso.

Rhane sentiu-o pulsante dentro dela. Aumentando de tamanho. Ficando apertado. Excitando-a ainda mais.

-- Oh, Rhane... – gemeu, quando o tesão. Tomou-o, fortemente. Seu corpo foi tomado de um espasmo violento. Que o deixou tonto. Precisou se apoiar na parede para não tombar sobre os joelhos. Fraquejantes. Arquejava e arfava ao mesmo tempo. Abraçou-a. Os corpos deles, tremiam. Sob a água que continuava a cair. Silenciosamente.

Se dependesse dele, ficaria em casa. Com ela. Amando-a. Nada de aniversário de adolescentes. Droga! Praguejou.

-- Como estou? – quis saber. Dando uma volta a frente dele. Sorrateira.

Ele a olhou. Estava maravilhosa. Sentiu ciúmes. Algo que vinha sentindo com muita frequência ultimamente. E isso o incomodava. MUITÍSSIMO.

-- Bellíssima, cara mia! – foi sincero. Procurando não demonstrar seus verdadeiros sentimentos. Ainda bem que sabia como esconder os sentimentos. Era a sua defesa. E era muito bom nisso. Admitiu.

Rhane o fitou. Queria poder lhe desvendar os pensamentos. E queria ser como ele. Conseguir esconder com perfeição o que realmente sentia. Aleico fazia isso com tanta naturalidade. Era inacreditável!

-- Posso trocar caso não tenha gostado. – disse, ao vê-lo a fitando. Enigmático.

Seu vestido era um corpete tomara que caia. Em um tom rose. Justo e curto. Muito curto. Bom, não era tão curto assim! Pensou ela. Completou o traje com sapatos de salto agulha. Altíssimos. Prateados. Prendeu os cabelos em um coque fofo no alto da cabeça. Deixando alguns fios soltos. Uma leve maquiagem. E um batom em tom de rosa. Para combinar com o vestido. Deixou as joias para Aleico, como haviam combinado. Parecia perfeito!

Mas, não era o que os seus olhos diziam. Achou, ela.

-- Posso trocar, caso queira. – disse ela. Diante do olhar crítico dele. Receosa.

-- Fique assim mesmo. – respondeu secamente. – Da próxima vez... Compre algo mais decente, menos extravagante. Também, não gosto de minissaias... Blusas decotadas, transparentes. Muito menos, de shortinhos... – advertiu-a. Severo. – Cuido do que é meu, acredite?

Olhou-o pasma.

-- Está brincando, não é? Vai querer controlar minhas roupas também? – perguntou. Achando tudo aquilo um absurdo. – Vi mulheres com menos roupa que eu, em sua companhia. – afrontou-o. Raivosa. – Controlava as roupas delas também? Ou elas podiam! Porque, eu... Não posso? – bufou. Inconformada. Sentia o sangue ferver em suas veias.

-- Já pedi para não fazer comparações entre você, e as mulheres com quais saí, Rhane. – lembrou-a. Pouco paciente. – Como elas, se vestiam ou não. Pouco me importava. Elas, não significavam nada para mim. O mesmo não posso dizer sobre você, cara mia!

-- Porque não? – retrucou. Provocando-o. – Somos todas mulheres! Vítimas do seu charme. E você, é muito bom no que faz. É um ótimo amante! Não vejo nenhuma diferença entre eu... E, elas. – bradou com raiva. Dane-se! Pensou. E se arrependeu.

Aleico sentiu o sangue lhe subir à cabeça. Avançou em sua direção.

Ela gelou. Sabia que havia ido longe demais. Tentou se afastar. Mas, foi impossível. Ele a alcançou em segundos. Encostando-a na parede. Postou uma mão em cada lado do corpo dela, junto à parede. Prendendo-a. Fuzilou-a com o olhar. Furioso.

Rhane se viu sem saída. Estava presa entre os braços dele. Teria que empurrá-lo, caso pretendesse escapar. Duvidou que desse conta disso. Ele era maior que ela. Apesar do salto alto. E era mais pesado. Algo impossível de conseguir. Concluiu, desanimada. E ainda por cima nunca o vira tão furioso. Temeu.

-- Há muita diferença entre você, e aquelas mulheres, Rhane. – esbravejou ele, com fúria. – Elas, são prostitutas disfarçadas de mulheres decentes. Deitam-se com qualquer um por dinheiro, joias, status, fama. – cuspiu as palavras com nojo.

Ela percebeu o asco na voz dele. Indignou-se. Como poderia falar daquele jeito. Vivia constantemente em companhia delas! Queria resposta. E como queria. Suspirou. Com raiva. Muita raiva!

-- Se é isso que acha, e pensa sobre elas. Porque sempre as tinha como companhia? Pode me explicar?

-- Porque sou homem, droga! – grunhiu as palavras. Impaciente. – Homens... Agem assim, Rhane. – disse. Nada feliz. – O que não significa que dormi com todas elas. Já lhe disse isso, mais de uma vez. Dio Santo! Procure compreender, per favore? – pediu sério. – É totalmente diferente delas, amore. –

falou, lhe tocando a face com carinho. Queria poder beijar aquela boca linda e tentadora. Vê-la brava, o excitou. E como! – É só minha. E de mais ninguém. E pretendo ser o único homem na sua vida. O único com quem irá fazer amor!

-- E serei a única mulher em sua vida? – quis saber ela. Desconfiada.

-- Sempre! – afirmou.

-- Em tudo? – insistiu ela. Nada convencida.

-- Sim, em tudo! – reafirmou. Fitando-a nos olhos. Sincero. Estava a um passo de levá-la dali, para a cama. E amá-la. Com prazer. Muito prazer. Controlou o máximo que pode sua libido. Dio! Ela fazia-o perder todo o bom senso! Lastimou-se.

Rhane sentia o hálito mentolado dele, na face. Devido o salto alto, ficou quase na altura dele. Exatamente no queixo. Gostou. Apesar de sentir seu corpo nada confiante. Tremia. Não sabia ser medo, ou excitação. Ouvi-lo repreendê-la. E se declarar. Deixou-a eufórica. Feliz.

Ver a felicidade tomar a face dela, aquiesceu-lhe o coração. Aleico pensou que não seria possível fazê-la entender o quanto significava para ele. Conhecê-la foi algo que adorou. E muito! Apesar de temer as consequências do que viviam. Sabia das perdas de seu irmão Domenico, e de seu primo Lúcio. Outrora, jurou não passar por isso. Agora, revia-se com outros olhos o que sentia. Danem-se as consequências! Pensou.

-- Venha. Precisamos escolher algo que combine com seu vestido. – ele disse. Tomando-a pela mão. Parou. A olhou da cabeça aos pés. Riu. Ela estava quase da sua altura. Com aqueles sapatos altíssimos. – Como conseguiu se equilibrar sobre isso? – quis saber. Apontado os sapatos.

-- Gostou? – perguntou. Com uma piscadela. Soltou-lhe a mão. Girando-se sobre os calcanhares. Fazendo pose de top model. Exultante.

-- Apesar de muito curto. – apontou o vestido. Reprovador. -- Admito. Está bellíssima! – elogiou-a.

-- Não é tão curto. – replicou.

Aleico a olhou. Era de baixa estatura. Mas, dona de belas pernas. Um lindo bumbum. E seios fartos. E um rosto de causar inveja em qualquer ‘top model’. E os cabelos negros mais belos que já vira. Sua inocência, e meiguice eram compostas de pura sensualidade. Mexia com todos os seus sentidos. Era uma atração e um desejo que transcendia todo o limite de seu ser. O deixando a sua mercê. Algo que nunca sentiu por mulher nenhuma. Um turbilhão de emoção delicioso de sentir!

Ao chegar ao hall. Entrou no escritório. Voltou logo a seguir com as joias.

Um belo par de brincos em forma de estrela, composto por um colar de ouro branco. O pingente também em forma de estrela. E minúsculas pedras de rubis preenchia todo o centro destes. Um conjunto riquíssimo e fabuloso!

-- Nossa... É fabuloso! – apreciou, ela. Tocando-as com cuidado.

-- Também, acho. – disse ele. Em acordo. Colocando-os nela. – Ficou lindo em você! – apreciou prazeroso.

Rhane selecionava uma música no DVD da Ferrari dele. Quando o ouviu praguejar. Levantou a cabeça rapidamente. Olhando-o. Alerta.

-- O que foi? – perguntou.

Ele apontou discretamente à sua frente. Ela olhou. Havia uma multidão de fotógrafos. Os

conhecidos paparazzi. Prostrados à frente da mansão de Dom Giancarlo. Aguardando afoitos, as celebridades. Os milionários. Pessoas da elite, e importantes. Como era a família de Aleico. E outras mais.

-- Oh! São muitos... – lastimou. Aflita.

-- Vamos aguardar um pouco no carro... Os seguranças de minha família estão aqui, ok? Eles abrirão caminho para nós, certo? – dizia calmamente. Enquanto discava no celular. – Assim que sairmos... – a orientou. -- Não diga nada. E nem responda nenhuma pergunta que fizerem. Está bem? – vê-la apavorada. O preocupou.

Ela assentiu. Estava apavorada. Odiava os paparazzi. Eram uns carniceiros! Havia sofrido com eles, em Londres. A pressão desgastante deles, sobre ela. Levou-a exaustão. Arrasando-a. Deu um suspiro angustiado.

-- Confie em mim, amore? – pediu carinhoso. – Vamos. – falou ao ver Tony, e os demais seguranças se aproximar da Ferrari. Criando um círculo em volta deles, logo que desceram do veículo.

-- Por aqui, signorina. – orientava Tony. Protegendo-a com o corpo. E a guiou até onde Aleico, a aguardava. Ele a pegou pelo braço. Caminhando rapidamente para a entrada da mansão.

Então as perguntas começaram. Uma atrás da outra. E fotos eram tiradas, sem parar.

-- Signor Aleico, ela é a sua nova namorada? – ouviu um repórter perguntar.

-- Sempre foi visto com mulheres altas e loiras. Porque resolveu diversificar?

-- Foi por isso que deu um tempo em seus casos?

-- Há mais de dois meses que não é visto em companhia feminina. É ela a causa?

-- Muitos diriam que ela não faz o seu tipo. O que tem a dizer sobre isso?

Aleico permaneceu calado. Apesar das sucessões de perguntas feita a sua pessoa.

Protegia-a com o corpo. A livrando dos flashes das câmeras fotográficas.

Seguiam os seguranças que tentavam abrir caminho entre os paparazzi ensandecidos por um furo de reportagem. E a todo custo. Sem importar o que isso causava as pessoas.

-- Rhane Britte. Este é o seu nome, não é? – Ela ouviu uma voz de mulher perguntar.

Estacou. Aleico trombou com ela. Quase a derrubando. A amparou ágil.

-- Continue andando... – murmurou em seu ouvido.

Ela, assim o fez. Deu dois passos. E as perguntas continuaram. Eram cercados pelos paparazzis. O tempo todo. Dificultando o trabalho dos seguranças.

-- Pode nos confirmar qual é o seu envolvimento com um dos solteiros mais ricos de toda a Itália. E preterido de muitas mulheres? – a repórter perguntou. Com satisfação na voz. – Acredita que ele será leal a você? Por ser totalmente diferente das ex-amantes dele? Já questionou isso, signorina Britte?

-- Nada a declarar. – Aleico respondeu. – Nos dê licença, per favore! – pedia impaciente.

-- Signor Aleico poderia deixar sua amiga responder. Por ela mesma? – Rhane, ouviu a pergunta de outra repórter.

Olhou para ele. Muito tensa. Não pretendia responder coisa alguma! Pensou.

Aleico compreendeu seu olhar. E avançou rumo à entrada. Abrindo caminho entre os paparazzi, com ajuda de seus homens. Já estava acostumado com aquilo. Quando saía em público para algum evento ou festas. Era sempre, assim. Queria ser esquecido ao menos de vez em quando!

-- Nada a declarar. – Ele tornou a repetir. Alcançado a entrada da mansão. E a empurrou porta à dentro. Fechando-a.

Ela tremia. Seu coração batia descontrolado. Sentia o ar rarear em seus pulmões. Iria ter que se acostumar com os paparazzi. Principalmente, sendo vista em companhia de Aleico Domenacci!

Aleico a levou até uma poltrona. Sentado-a. Procurou em volta por um garçom.

Localizou um. Fez sinal. E este veio. Rapidamente.

-- Pois não, signor Aleico – disse educadamente.

-- Providencie um copo com água para a signorina. Depois, procure por minha mãe. Certo? Pode fazer isso, por favor?

-- Sim, claro. Agora mesmo. – falou, saindo rapidamente. Adentrou o salão. Voltando logo a seguir com a água. Entregou para ele. – Já localizei sua mãe. Vou avisá-la. Volto, num instante.

-- Obrigado. – agradeceu ele.

Aleico a fitou aborrecido. Ela fitava o chão em silêncio. Pensativa.

-- Tome, beba um pouco. Vai-lhe fazer bem.

-- Estou bem. – disse pegando a taça de água. Bebeu um gole. Ficou girando a taça com a mão. Observando o líquido rodopiar. Delicadamente. – Não precisava incomodar sua mãe. Estou bem! – tornou afirmar. – Já passei por coisa pior. Acredite?

-- Sei disso, Rhane. – Aleico falou compreensivo. – Acontece... Como posso, dizer... – começou explicar, um tanto preocupado. – Será sempre assim. Onde formos. Haverá uma sucessão de perguntas... Indagações, comparações. – suspirou. – Nunca lhes dê atenção. Não fale. E nem responda a nada. Prometa?

Rhane percebeu certa aflição na voz dele. Colocou a taça na mesa ao lado. Deslizou a costa da mão na face dele. Carinhosamente.

-- Sei disso, Aleico. – afirmou. -- Fui assediada por eles, lá em Londres. Mas, tudo acabou assim que deixei de ser notícias. Com você... E sua família, é diferente. São da elite italiana. Multibilionários. Celebidades. – dizia. – Sei o quanto isso incomoda a todos... Não ter privacidade deve ser bem ruim, não é?

-- Não imagina o quanto! Queria ter pelo menos um dia de sossego. Sem a mídia no meu encalço... Loucos por um furo de reportagem! – reclamou.

-- Quanto a mim... Não há motivo para se preocupar. Não ligo para o que eles dizem. – tocou-lhe os lábios com os dedos. Sentindo a maciez. Tinha lábios carnudos. Gostosos de beijar. Adorava os beijos dele. -- Às vezes tenho medo do que sinto por você! – revelou. Comovida.

-- Não tenha amore. Não tenha. Confie em mim? – pediu ele. Segurou a mão dela em sua face. Levou-a boca. A beijando terno.

-- Filho... O que aconteceu? – Dona Elisa. Adentrou na saleta. Interrompendo-os.

-- Está tudo bem. – Rhane falou. Tentando amenizar o que sentia. – Aleico, se preocupou a toa.

Sinto incomodá-la! – senti dificuldade em controlar a emoção. O ar parecia carregado. Emocionalmente. Torceu para mãe dele não perceber.

Ele afastou-se dela. Assim que a mãe entrou. Disfarçadamente.

Dona Elisa olhou para o filho. Depois, para ela. Sentiu algo diferente. Entre os dois. Mas, não soube precisar o que era. Preocupou-se. Balançou a cabeça. Repreendendo a si mesma. Preocupava-se demais. O filho era adulto. Responsável.

-- Espero que tenha lidado bem com os paparazzi? – Dona Elisa, procurou saber dela. – Eles, não perdoam ninguém! Uns verdadeiros carniceiros! – lastimou.

-- Bem, consegui passar por eles inteira. Não é! – respondeu rindo.

Dona Elisa sorriu também.

-- Fico feliz... Venha. Vou apresentá-la ao dono da casa. E é claro, a aniversariante. – falou a levando pela mão. Virou para o filho. – Acompanhe-nos, caro. – pediu toda simpática.

-- Porque, não. – Aleico concordou. Alerta.

Rhane a seguia, prestando atenção na suntuosa construção. Tinha uma arquitetura fabulosa. Que remontava de muitos anos. Muito bem conservada. A decoração era moderna. Com alguns móveis antigos, criando um lindo contraste com os mais modernos. Bom gosto. Riqueza e sofisticação. Estava presente em cada canto.

-- Sempre apreciadora, não é? – Aleico falou. Vendo o prazer em seus olhos.

-- Adoro construções antigas. Admito. São maravilhosas! – disse encantada.

Aleico adorou ver o encantamento tomá-la. Amava-a. Absolutamente.

-- Giancarlo. Quero que conheça a enteada de Domenico. – Dona Elisa, falava com um senhor alto, louro. Bonito, para a idade. -- Rhane, este é Giancarlo. Nossas famílias são amigas, há muitas gerações... Que nem sei precisar! – expressou alegre.

-- É um prazer conhecê-la, cara mia. Seja muita bem-vinda a Itália, e em minha casa. – tomou-lhe a mão entre as suas. Num aperto forte. Depois a levou aos lábios para um beijo terno. – Mui bella! És belíssima. – elogiou-a. Encantado.

-- Obrigada. – agradeceu um tanto constrangida. Diante do sincero elogio.

-- Deixei-a constrangida. Perdão. – desculpou-se. Gentil. -- Não fique. É muito linda! Bom, venha. Vou lhe apresentar, o restante da família.

Havia conhecido a aniversariante e os pais desta. A felicitou. Depois, se encaminharam para o local onde toda a família de Aleico estava sentada.

-- Cansada? – Aleico perguntou baixinho.

-- Um pouco... Não sou boa dançarina. Mas, dancei com quase todos os homens da festa. – reclamou. Ele riu. – Menos com você! Deve-me, uma dança...

Ele se levantou imediatamente. Interrompendo-a. A puxou pela mão. Levou-a direto para a pista de dança. E a enlaçou pela cintura. Apertando junto de seu corpo. Entrando no ritmo da música. Conduziu. Graciosamente. Ela descansou a cabeça em seu ombro. Tranquila.

-- É um ótimo dançarino. É por isso que é tão requisitado?

Ele riu.

-- Ciúmes? – perguntou ele.

-- Hum-hum. – murmurou. Manhosa.

-- Não precisa ter. Amore. É única! -- afirmou. Rindo.

-- Que bom! Podemos ir para casa? – pediu.

-- Esperei por isso a noite toda! – exclamou alegre.

Despediu-se da família dele. E dos donos da casa. Conseguiram passar pelos paparazzi. Com êxito.

-- Ufa! Graças a Deus! Eles não desistem mesmo, não é? – clamou ela. Exaltada.

-- Pior, que não. – concordou ele. – Mas, pode acreditar. Amanhã estará nas primeiras páginas. – avisou.

-- Oh! – lamentou, ela.

-- Sinto muito! Mas, é a realidade que vivo. E que você irá viver de agora em diante.

Haviam chegado. Ela desceu do carro. Pensativa.

-- Acha que vão descobrir.. Sobre, Londres? – quis saber, preocupada. Ele lhe removia as roupas. Beijava-na os ombros nus. Mordiscava o lóbulo da sua orelha. A excitando.

-- Acredito, que sim. – falou. E a abraçou por trás. Tocando-lhe os seios com as mãos. Apertando-os com força. E os beliscou. Ela gemeu. Prazerosamente. – Quero fazer amor, Rhane. Nada de outro assunto. Quero lhe dar prazer. E sentir prazer. Podemos?

-- Sim.. – concordou. Excitada.

Aleico a tocou. Sentiu-a úmida. E a fez dele. Imediatamente. Estava muito excitado. Sem preliminares desta vez. Queria estar dentro dela. Senti-la gemer. E gemer com ela. Estocou-a com força. Violento. Sentiu-a convulsionar em um orgasmo. Estocou-a mais profundamente. Sem intervalos. E outro orgasmo a tomou E outro. Não aguentou segurar. Gozou junto com ela. Gemeu de puro prazer. E de satisfação. Era assim. Cada vez que a possuía. Queria-a ainda mais. Loucura! Pensou. Saciado.

A abraçou pelas costas. Aconchegando-a junto ao peito. Sentindo ela relaxar em seus braços. Dormiram.

-- Bom dia, Arela. – disse alegre.

-- Buongiorno, Rhane. -- Arela retribuiu. – Dormiu bem?

-- E como! – assentiu ela. Se sentando a mesa. Serviu-se de café. Bebia-o tranquila.

Arela empurrou em sua direção o jornal. Abrindo-o na primeira página. Apontou a manchete do dia. Dizendo logo, a seguir.

-- Não acredite em tudo o que dizem.. Adoram manipular informações. – Arela disse. Reprovadora.

Rhane a olhou compreensiva. Voltou à atenção para as manchetes. Leu-as.

“Garota inglesa, acusada de assediar professor em Londres. É vista em companhia do multibilionário italiano, Aleico Domenacci”. Dizia a manchete. Em letras garrafais. Bem grifadas. Impossível de não chamar a atenção.

Furiosa. Folheou o jornal em busca do restante do conteúdo. Encontrou. E o que dizia a chocou, ainda mais.

“Rhane Britte ficou conhecida em Londres, após ser acusada de assédio sexual. Mesmo tendo o Colégio negado qualquer evidência do mesmo. Ela teve de deixar o país. Por tempo indeterminado. Sua mãe, Helen Britte. ‘Chef de cuisine internacional’. Noiva de Domenico Domenacci. Confiou a responsabilidade dela ao futuro ao cunhado, Aleico Domenacci. Algo que deixou as muitas pretendentes do solteirão preterido pelas mulheres, em alerta total. E das mães casadoiras. Idem”. Viu abaixo o nome da repórter. Autora da manchete. Maldita! Praguejou.

Rasgou o jornal. Com fúria total.

Arela a olhou de olhos arregalados. Pasma. Acompanhada por Ana.

Rhane as olhou. Respirou profundamente. E disse tentando parecer confiante. Mas, no fundo estava desolada.

-- Qualquer coisa... Estou no estúdio. – avisou. Saindo rapidamente.

Aleico a encontrou no estúdio. Parecia concentrada. Absorta. Tentou falar com ela várias vezes por telefone. Ela não o atendeu. Irritou-se ao extremo com aquilo. Queria saber como estava. Preocupara com ela. E ela, se recusou a falar com ele.

-- Ficar me olhando assim. Não vai resolver as coisas, acredite? – reprimiu, ela. Com indiferença. Sem tirar a concentração do que fazia. Havia passado o dia todo envolvida em seu trabalho. Procurando esquecer o episódio. Algo impossível!

Ele respirou. Impaciente. Adentrando no estúdio. Parou ao lado dela. Com as mãos no bolso da calça. Observando seu trabalho. Parecia atencioso.

-- Liguei várias vezes. Porque não atendeu minhas ligações? – quis saber.

-- Porque não quis. Estava ocupada. – respondeu secamente.

-- Dio, Rhane! Eu.. – reclamou passando a mão nos cabelos. Com gestos impaciente. – Podia ao menos ter falado comigo. Droga! Fiquei preocupado! – alterou-se.

O olhou. Dando de ombros.

-- Pois não devia. Estou ótima! – revidou, no mesmo tom.

-- Pois a mim, não parece. – falou colocando as mãos sob o peito. Raivoso. – Parece achar que sou o único culpado...

-- Sei muito bem, que não é! – interrompeu-o. -- Sabia muito bem que isso iria acontecer. Aliás, tinha certeza! – afirmou. – Nossos nomes, juntos... Só serviu para aguçar a curiosidade da imprensa ainda mais! Afinal... Você, o solteiro multibilionário. Preterido das mulheres. – dizia. -- Eu. A garota devassa. O sonho dos homens sem escrúpulos! Somos o casal da vez, não concorda? – tentou ser sarcástica. Mas, sua voz saiu carregada de agonia. – E não precisavam ter mencionado minha mãe... Ela, nada tem a ver com isso! – protestou.

Aleico se aproximou. Puxou-a junto ao corpo. A abraçando. Sentindo ela estremecer de tristeza. Condoeu-se. Ninguém iria magoá-la. Jurou.

-- Já tomei as devidas providências sobre isso, amore. – anunciou. – O artigo será reescrito. – apertou-a nos braços. – Não vou permitir em hipótese alguma que seja, desrespeitada. – garantiu, ele. -- Entendeu? – perguntou carinhoso.

-- Sim.. – murmurou. Confiava nele. Totalmente. E às vezes sentia que esse era o seu maior erro.

-- Também, falei com Domenico. O alertei para evitar a imprensa. Caso os procurem. – falou procurando confortá-la. Embalando ela, suavemente. Despercebido.

Ela riu baixinho com o gesto carinhoso dele.

-- O que foi? – perguntou, ele. Confuso. Parando o que fazia.

-- Estava me embalando... Como a um bebê. – disse. Passando os braços envolta do pescoço dele. O fitando. Apaixonada.

-- Desculpe, não percebi. – procurou disfarçar. Sem jeito. Segurando o olhar dela.

-- Me beije, Aleico?

E foi exatamente o que ele fez. A levando dali para o quarto deles. A amando com prazer.

Depois de quase 20 dias que estava na Itália. Aleico conseguiu uns dias para levá-la para um tour por Merano, e nas cidades vizinhas. Foram preciso três dias para percorrem, e apreciarem tudo com calma. Bom, pelos menos ela queria ver tudo com calma. E ele foi paciente e gentil. Narrava-lhe as histórias e o significado de cada construção. E porque a preservação dos prédios históricos era importante para os italianos. Ali, naquelas construções esplêndidas dos séculos passados. Estava toda a trajetória de conquistas, oras derrotas. E superação da origem de seus descendentes. E para ele falar disso era motivo de orgulho. E ela, adorou ouvir da sua boca cada história. Cada palavra. Emocionou-se. Com a paixão dele, por seu país.

-- Pronta? -- quis saber. Logo assim, que tomaram o café da manhã.

-- Prontíssima! -- respondeu feliz.

Já havia estado duas vezes na cidade com Arela. Para ajudá-la nas compras. Mas, não como turista. A cidade era linda do ponto de vista turístico. As construções eram muito antigas e conservadas. "O Edifício Kurhaus" inaugurado em 1870 era um marco turístico de Merano. O rio Passírio era um dos rios que cortava a cidade. Ao longo do rio havia muitas lojas, cafés, bares e sorveterias. Entraram em uma sorveteria. Queria muito apreciar um típico sorvete italiano.

-- Tudo bem? – quis saber, dele.

-- Sem problemas. Hoje, sou somente o guia! – declarou com uma piscadela.

Ela riu gostoso.

-- Acha que seremos descobertos? – perguntou, ela. Baixinho.

-- Espero que não! – Aleico falou. Olhando envolta. Disfarçadamente. – Mas, nunca se sabe. Não é? – apontou o boné na cabeça dela. Rindo. – Não se preocupe os meus homens, estão por perto. – notificou.

-- Verdade? – olhando em volta, tentando localizá-los. Impossível.

-- Estão misturados com os turistas. – forneceu, rindo. – Não, os verá. Acredite.

-- Vejo, que não. – concordou. Não viu ninguém parecido com Manolo, o guarda-costas pessoal dele. Ou, Enrico. O seu guarda costas. Aff!

Vestiam-se como pessoas normais. Jeans, camiseta. Bonés e óculos escuros. Até aquele momento passaram despercebidos, diante das pessoas. O que era muito bom! Ter aqueles momentos, junto dela. Sem os paparazzi. Era tudo de bom.

-- Minha mãe, ainda não acostumou em me ver diariamente nos tabloides, com você... Acha, tudo isso um grande absurdo. – comentou, ela. Desconcertada.

-- E você. O que acha? – quis saber.

-- No começo era bem incomodo. Sentia-me sem privacidade, com medo... Sem vida. – foi sincera. Sentiu-o, segurar suas mãos. O olhou com carinho. – Agora, já não ligo tanto!

A garçonete veio anotar os pedidos. Enquanto anotava o pedido, parecia flertar com Aleico.

Ele manteve a compostura. Fez os pedidos, educadamente. Evitando o flerte. Cuidadoso.

Rhane disfarçou um sorriso. Olhando para garota. Intimidadora. A garota os olhou de mãos dadas. Voltando os olhos novamente para ela. Raí a encarou nada agradável. Ela terminou de anotar os pedidos, toda sem graça. Saindo rapidamente. Outra garçonete trouxe os pedidos.

-- Ela estava flertando com você, na minha frente! – reclamou. Ante o olhar indagador dele. – Cuido do que é meu. acredite! – o imitou.

Aleico riu gostoso. Com o lembrete.

-- Quanta maldade! Devo ter medo? – brincou ele.

Ela fez uma careta malvada. O fazendo rir novamente. E acabou rindo junto com ele.

-- Acha que o reconheceu? Ou, só queria flertar com você? – falou logo a seguir.

-- Espero que nem um, nem outro. – admitiu. – Caso contrário... Isso aqui ficará repleto de... – parou repentinamente. Vendo certo movimento na calçada. Foi reconhecido. – Paparazzis... – falou apontado para fora. Ela olhou. – Droga! – praguejou.

-- Como vamos sair? – falou, ela. Vendo o local cercado pelos os paparazzi. – Deus! Como chegam tão rápido?

-- Também gostaria de saber. – Aleico lamentou. Tirou o celular do bolso da calça. Fez uma rápida ligação. – Manolo, preciso de você... Traga o carro. – intimou. Forneceu o endereço. Desligou.

Assim que a equipe de segurança chegou. Foram encaminhados para fora do estabelecimento.

Aleico como sempre fazia, a protegia. Evitando os fotógrafos. E as sucessões de perguntas.

-- Signor, Aleico. O que tem dizer sobre seu relacionamento com a enteada de seu irmão?

-- Estão sempre juntos desde que ela, chegou à Itália?

-- Existe algo mais, entre vocês?

-- É verdade que pagou para que o artigo que falava dela, fosse reescrito?

Aleico não respondeu a nenhuma. Mas, admitiu. As perguntas estavam cada vez mais audaciosas. Comprometedoras. Por assim dizer. Precisava tomar uma atitude. E rápido.

Conseguiram chegar ao carro. E os seus homens, os tiraram dali. Rapidamente.

-- Ufa! -- disse ao desabar na cadeira na cozinha.

-- Então, o que achou do passeio? -- Arela quis saber. Servindo-a de suco de laranja.

-- Fantástico! -- exultou. -- Não imaginei que Merano, fosse tão linda! Bolzano, Tyrol, Marleno... Também, são belíssimas. – citou. -- Mas, tivemos um pequeno problema com os paparazzi. Como sempre! – reclamou.

-- Nossa que chato! Às vezes é ruim ser uma celebridade. Esqueça-os. – Ana falou. Voltando ao assunto. Disse empolgada. – Isso, porque não conheceu Veneza, Verona 'a cidade de Romeu e Julieta'. – dizia orgulhosa. – E Nápoles, Roma, Florença... É divino! -- falou maravilhada. -- Ah, Rhane... Precisa ver quando estamos perto do Natal. Todas as casas, e comércios enfeitados com luzes. É magnífico! -- exultou-se.

-- É. Deve ser realmente divino. -- Rhane concordou. Pensativa. Sempre pensava no seu envolvimento com Aleico. Estava cada dia mais apaixonada. E tinha medo do que poderia vir acontecer. Caso a família dele fosse contra. Ou, dele simplesmente vir a se cansar dela. Nos dias que estavam juntos não tinha motivos para reclamar de sua atenção. Procurava levá-la em todos os lugares. Nas viagens. Nas festas e coquetéis que eram convidados. Era sempre sua companhia.

-- Rhane... -- ouviu Arela, chamá-la.

-- Desculpe... -- pediu sem jeito.

-- Tudo bem... Preocupada com algo? -- a indagou, zelosa.

-- Não é nada importante. -- disfarçou. -- Pensava em 'Romeu e Julieta'. Só isso. -- mentiu. Pensou. Triste.

-- Se, é o que diz. -- Arela falou desconfiada. A achando triste e preocupada.

Todos os investidores já estavam sentados na sala de reunião. Esperando pela apresentação dos slides do mais novo, e imponente-bilionário 'Resorts hotel' na costa de Amalfi.

No entanto Andrezzi Verazzi pediu alguns minutos a mais para dar início. Felipe Verazzi, ainda não havia chegado. E como autor do projeto sua presença era essencial.

Rhane olhava através da vidraça de um dos edifícios mais altos de Milão. O movimento de pessoas e carros, num vaivém frenético e tenso. Absorta. Imune, aos burburinhos de vozes às suas costas.

-- Rhane... – Andrezzi a chamou. Prostrando-se ao seu lado.

-- Sim. – respondeu. Voltando a atenção para ele.

-- Creio que deve saber que Felipe é o novo presidente do escritório de Chicago, não?

Ela assentiu.

-- Esse era o seu objetivo. Fico feliz, por ele! -- exclamou ela.

-- Eu também. – Andrezzi falou com orgulho do irmão. – Pena que vamos perder um ótimo engenheiro. – lamentou.

-- Porque acha isso?

-- Isso aconteceu comigo. E com os demais. – apontou Aleico e Lúcio.

-- Nunca mais criou nenhum projeto. Ou, teve vontade de criar?

-- Vontade sim. Tempo não. – admitiu, ele. – Reservo o pouco tempo que tenho livre... Para usufruir um pouco dos prazeres da vida. Afinal sou de carne e osso. Não é! – esclareceu maliciosamente. Sorrindo.

-- Está certo! – exclamou. Rindo com ele.

-- Buongiorno. – Felipe desejou a todos ao entrar. – Peço que me desculpe pelo atraso. – pediu educadamente.

Todos os presentes assentiram em resposta.

Felipe agradeceu a todos em rápidas palavras.

-- Pode começar, caso queira. – dirigiu a palavra ao irmão, após cumprimentá-lo.

Aproximou-se de Rhane. Murmurou baixinho. Ousado.

-- Saudades minhas, cara?

-- Como vai, Felipe? – disse ela. Ignorando a pergunta ousada.

-- Melhor agora, ao vê-la! – respondeu. A apreciando da cabeça aos pés. Demoradamente.

Deixando-a constrangida. Sem graça, com sua falta de decoro. Voltou à atenção para Andrezzi. Que iniciava a reunião. Sem deixar de ouvir o sorrisinho zombeteiro de Felipe. Imbecil! Pensou.

Arriscou uma olhadela para Aleico. Fitava-a com aquele olhar enigmático e crítico. Preocupou-se.

Após a breve reunião e a apresentação dos slides com total sucesso. E aprovação de todos. Felipe, fez um rápido discurso.

-- Bom. Todos tem conhecimento ser este... Talvez, meu último trabalho como engenheiro. Mas... – Felipe dizia. -- Gostaria de dizer que neste projeto, como em outros. Tive a ajuda da minha colega de trabalho. Rhane Britte. – a apresentou. Deixando a todos surpresos com a revelação. – Creio, que todos a conhecem.. Como projetista de maquetes. Aliás, uma das melhores do ramo. – a elogiou. Todos concordaram. – Neste projeto que todos aprovaram. A colaboração dela foi fundamental para o sucesso do projeto. O que quero dizer.. – começou a explicar. Virando-se para Aleico. E todos o acompanharam. – É que existem outros projetos muito bons, de autoria dela. Que deveria dar uma olhada. – dirigiu-se a ele. Aleico o fitou. Depois voltou sua atenção para ela. Contrafeito. -- Apesar de não ser ainda, uma engenheira formada. Rhane, tem ideias e visões excelentes. Principalmente em relação ao meio ambiente...

-- Prometeu para mim.. Não fazer isso, Felipe? – cobrou ela. Constrangida e embaraçada.

-- Porque não? – revidou ele. – São projetos excelentes!

-- Não sou uma engenheira graduada, Felipe. E eles, estão inacabados! – replicou ela. Pondo um ponto final no assunto.

-- Algo que podemos fazer juntos! – insistiu ele. – Podemos...

-- Não... Eu, disse não!

Felipe grunhiu. Inconformado.

-- Tem conhecimento destes projetos? – perguntou para Aleico.

-- Não, não tenho. – respondeu seco.

-- Não lhes mostrou? – Felipe quis saber dela.

-- Não, não mostrei. – respondeu brava. – Podemos conversar as sós, Felipe?

-- Claro.

Pediram licença a todos. A reunião havia terminado. E ela percebeu que todos permaneciam sentados. Seguiu Felipe. Adentraram na sala ao lado. Estava furiosa com ele.

-- Não gostei de como agiu, Felipe. – acusou-o. – Devia ter comunicado comigo primeiro... Saber, o que eu... – apontou para si mesma. – Achava disso, não concorda? – alterou-se.

-- Venha comigo para Chicago? – pediu ele. Calmamente.

-- Está brincando, não é? – bufou. – Por acaso ouviu o que falei, Filipe? – o indagou. Pausadamente. Irritada.

-- Ouvi, ouvi. – retrucou, ele. Passando a mão nos cabelos. Com gestos nervosos. – Venha morar comigo. Vai gostar de Chicago. Pode terminar seus estudos... Por favor, Rhane? – pediu com voz aflita.

Rai o olhava. Aturdida. Abriu e fechou a boca. Sem pronunciar uma única palavra. Não sabia o que falar. Sentou na cadeira. Fitou o chão. Apreensiva.

-- Não posso, Felipe. – negou, receosa. Com medo da reação dele. Também não queria magoá-lo.

-- Claro que pode! – replicou com fúria. Ante a negação dela. – Sabia que não me deixam falar com você? Sempre dizem que não está! – reclamou.

-- Não, não sabia. – respondeu. Assustada. Nunca o vira tão bravo. – Depende para onde tem ligado...

-- Como assim? – quis saber. – Está na villa de Dom Geovane, não está?

-- Não, não estou. – negou ela. – Estou na villa de Aleico. Por isso não consegui falar comigo. – notificou-o. Delicadamente.

Filipe olhou para ela, desacreditado. E inconformado.

-- Rhane, não acredito no que está falando! É mais um truque para me afastar de você, não é? -- perguntou arrasado.

-- Sinto muito, Felipe. Mas não é um truque para afastá-lo... É a mais pura verdade, acredite? -- foi sincera. – Dom Geovane, rejeitou o pedido de Domenico. Então... Aleico ofereceu a casa dele. E eu fui para lá. – explicou. Procurando manter a calma.

-- Podia ter ligado para mim. Tenho uma villa na costa de Amalfi. Eu a teria levado para lá! Dio Mio! Está na casa de Aleico. É por isso que não quer ir comigo para Chicago?

-- Felipe...

-- O que há entre você e ele... Está dormindo com ele? Diga a verdade, si? – pediu angustiado.

Ela levantou. Nervosa. Foi para junto da janela. Procurando uma forma de contar. Sem ofensas. Ou afrontas.

-- Às vezes... Certas coisas acontecem.. – começou ela.

-- Acontece! – repetiu ele. Interrompendo-a. Nada gentil. – Olha, Rhane... -- pausou por segundo. Respirou profundamente. Tentando se acalmar. Então continuou. – Se a sua intenção é, me deixar

louco! Quero que saiba que já faz isso há anos... Dio Mio! Acho que já tive paciência demais com você! Não brinque comigo, Caríssima... -- falou em tom ameaçador.

-- Por Deus! Não estou brincando com você. – defendeu-se.

-- Andrezzi sabe que está na casa de Aleico? – quis saber. Desconfiado.

-- Só ficou sabendo quando eu já estava lá. – foi honesta.

-- Dio! E não me disse nada! Meu próprio irmão! – reclamou. Aborrecido.

-- Ele não tem culpa, Filipe. Talvez, queria poupá-lo. Não o condene injustamente? – pediu ela.

-- Poupar-me. – repetiu ele. Indignado. – Do quê? De saber que você... Se meteu na cama de Aleico! – vociferou. – E nem tente negar, Rhane. – a advertiu, ele. – Não sou cego. Está diferente. Bem diferente. Não é mais aquela garotinha inocente! – descreveu. Analítico. – Em nenhum momento acreditei naquela história de Londres... Sobre você, e o tal professor. – explicou ele. – Mas, agora. Vendo-a. Sabendo que está com Aleico... Ah, Rhane... – clamou. Fitando-a. Arrasado.

-- Eu gosto dele, Felipe... Muito! – revelou com ternura. Baixinho.

-- Dio Santo! Está apaixonada por ele? – quis saber, no mesmo tom. Estarrecido.

-- Sim... Acho, que sim. – assentiu ela. Um tanto embaraçada.

Felipe a olhou. Atencioso. Via-se claramente através dos olhos dela, sua paixão por Aleico.

Uma leve batida na porta. E Aleico, entrou. Interrompendo-os.

Filipe o encarou. Furioso.

Aleico não se intimidou perante a fúria estampado nos olhos dele.

-- Foi por isso que fui promovido? Para me afastar dela? – o indagou. Não ocultando sua fúria.

-- Não, não foi por isso. – Aleico foi sincero. – Mereceu Felipe. – citou, sincero. -- Não foi o único a ser promovido. Sabe disso? – informou.

-- E quer que eu acredite nisto, não é mesmo? – debochou. – Não me tenhas por um idiota, Aleico! – replicou áspero. – Acredite, não sou! – revoltou-se.

-- Sei perfeitamente que não é, Felipe. E acredite. Mereceu o cargo! É o meu melhor homem! – assegurou, ele. Ciente da tensão que o tomava. Ouvia com perfeição os brados de Filipe. Aliás, não foi o único. Por isso resolveu intervir. Enquanto Andrezzi e Lúcio dispensavam os investidores. Com pedidos de desculpa. Alegando assuntos familiares. Sabiamente.

Rhane permaneceu em silêncio. No mesmo lugar. Olhando o nada. Pensativa.

Felipe acreditou nele. Sabia que dizia a verdade. Havia lutado por aquela oportunidade. Conhecia Aleico. E para trabalhar com ele. Ou, para ele. Só os melhores! Foi para junto da janela. Colocou as mãos nos bolsos. Fitando a cidade. Arrasado.

-- O que quer saber, Felipe? – perguntou Aleico.

Felipe se voltou. Decepcionado.

-- Sabia de meu interesse por Rhane, não é?

-- Sim, sabia. – afirmou.

Felipe inspirou. Insatisfeito.

-- Andrezzi... Sabe, sobre você e Rhane?

-- Não, não sabia. – disse calmo. – Agora, sabe. Andrezzi, é muito perspicaz. O pouco que ouviu, foi o suficiente. – expôs.

Felipe anuiu em acordo.

-- E Domenico? – quis saber curioso.

Aleico negou. Com um gesto de cabeça.

Felipe o olhou. Interessado. Aproximou-se. Sentando à frente de Aleico.

-- Oras, oras, oras... O grande, Aleico Domenacci. Em apuros! – proferiu surpreso.

-- Não estou em apuros, Felipe. – defendeu-se. – Preocupado, seria o mais certo. – apontou, cauteloso.

-- É mesmo! Não diga! – caçou. – Mantendo um caso com a enteada de seu irmão? Nas sombras! – acusou. – Não somos muito diferentes um do outro, sabia?

-- Por enquanto, sim. – assumiu. -- Vou comunicar a todos, após o casamento de Domenico... Fazer isso, agora. Colocaria em risco o casamento dele. E não seria certo de minha parte. – acrescentou. Consciente.

-- Por isso o segredo! – exclamou sério. – É, sou obrigado a concordar. – Felipe assentiu. Pensativo.

-- E Felipe. – este, o olhou. Cauteloso. -- Somos bem diferentes, um do outro. -- Aleico retrucou. Olhando para Rhane, que silenciosa. Ignorava-os.

Felipe acompanhou o olhar dele. Olhar de pura paixão. Interessante! Pensou. Viu-se obrigado a rir, conformado.

-- Dio Mio, Aleico! Nunca imaginei isso da sua parte. Isso é sério? – quis saber.

-- Sim. – afirmou num murmuro. Constrangido. – Isso acontece, Felipe.

-- Apaixonado... Mesmo? De verdade? -- Felipe, perguntou baixinho. Olhando ressabiado para Rhane. Evitando ser ouvido por ela.

-- De corpo e alma! – Aleico respondeu baixinho. Imitando-o. Acompanhando o olhar dele.

-- Vai assumí-la como sua amante?

-- Não. – negou ele. Ríspido.

Chamando a atenção de Rhane. Que o olhou estranhamente. Confusa.

Ele fez um gesto com a mão, a chamando. E ela obedeceu.

A pegou colocando sob o colo. E a abraçou pela cintura. Puxando ela, junto ao corpo.

-- Pretendo... Torná-la mais que isso, Felipe. – revelou, ele. Carinhoso.

-- Ótimo! Já que a roubou de mim.. – Felipe, o acusou. – Cuide muito bem dela? – pediu.

-- Cuidarei. E com muito prazer..

-- Com licença. – a secretária de Andrezzi. Entrou, os interrompendo. – Signor Andrezzi, pediu para avisá-los. Que tem documentos que precisa ser assinados. – virou para Felipe. – Sua volta para Chicago já foi agendada. Só preciso que confirme quantas pessoas?

-- Somente, eu... – Felipe confirmou. Sério.

-- Oh, que pena! – brincou ela. Olhando para Rhane. Maliciosa.

-- Signor Aleico. – Julia, lhe entregou um envelope vermelho com uma fita dourada. – Um mensageiro, lhe deixou isso. – explicou ante o olhar inquiridor dele. – Signor Andrezzi, os aguarda na sala dele. – avisou. Retirando-se.

-- Vou pegar minha bolsa. A deixei na sala de reunião. – Rhane falou. – Espero por você na recepção. Tudo bem? – quis saber. Disfarçando sua curiosidade. E seu ciúme.

-- Sim, claro. – Aleico respondeu. Olhando o envelope em suas mãos. Um tanto desconcertado.

-- Pela cor.. É de mulher. – comentou, ela. Apontado-o. Virou e saiu da sala. De cabeça erguida. Séria.

Aleico se aborreceu com o seu comentário. Quem quer que fosse que enviou aquilo. Ferrou com ele! Conhecia Rhane. E sabia o quanto ela, era ciumenta. Dio! Que droga!

-- Põe droga, nisso! – Felipe concordou. – Proferiu os palavrões em voz alta... – explicou ele. Ante o olhar indagador dele. – Sabe, daria tudo para ela olhar assim para mim. Olhos negros, faiscando de ciúmes! Fascinante! – exclamou encantado.

Aleico o olhou. E concluiu que Felipe tinha razão. Desejar uma pessoa, e não ser correspondido. Doía. E muito. Mesmo, que fosse só desejo físico. Pura luxúria! Assim, mesmo. Doía!

-- Felipe... Sei que não agi corretamente com você. – começou. Desculpando-se. Do jeito dele. Discreto. – Quando estive em Chicago, tive a oportunidade de lhe dizer... E fiquei calado. – suspirou. – Acho que tive medo... Da sua reação. De complicar o casamento de meu irmão. Sei lá! – confessou. Sem jeito.

Felipe o fitou. Abobado.

-- ‘Aleico Domenacci’ com medo. E pedindo desculpa. Incrível! – zombou ele. Rindo divertido.

Aleico resmungou algo nada inteligível em italiano. Arrependido. Pedir desculpa não era do seu feitio. Fazer isso era incomum para ele! Admitiu.

-- Desculpe Aleico. Sem ofensas. Está bem? – Felipe pediu. Sério.

Aleico assentiu. Silenciosamente.

-- Até poderia odiá-lo. Caso ela demonstrasse por mim, algo... Além de amizade. E você, forçado a barra. – disse. – Mas, percebi muito bem que não foi isso que aconteceu. – conformou-se. – Deu para sentir o clima entre os dois... Ela adora você, sabia? Senti isso. – citou. Aborrecido.

-- Eu sei. E eu a amo, Felipe. Muito! – Aleico confessou. Sincero.

-- Então, cuide bem dela? A proteja de Anabelle, por favor? – pediu preocupado. – Acho que sabe que ela deixou as passarelas, não é?

-- Sim. Li a declaração dela, aos jornais. – respondeu calmo. – Mas, não vejo o que isso tem a ver comigo, Felipe? O que houve entre eu, e sua irmã. Terminou há muito tempo. Finito!

-- Não é assim que ela parece pensar, Aleico. – o avisou. – Ouvi algo, sobre ela... Querer reatar o noivado. – Felipe, o alertou.

Aleico retirou o envelope do bolso. Rapidamente. O abriu. Leu. Anabelle, o intimava para um encontro. Um encontro de negócios dizia. Duvidou. E muito.

-- Dio Santo! – exclamou irritado. – Isso, só pode ser brincadeira! – se exaltou.

-- Imaginei mesmo isso. – Felipe. Lamentou. – Anabelle, é egoísta. Arrogante e vingativa. Quando deseja alguma, coisa. Não perdoa. E nem poupa ninguém. Acredite. – tornou avisar.

Entraram na sala de Andrezzi. Encerrando o assunto.

Rhane encontrou Andrezzi, Lúcio e Felipe. A aguardando na recepção. Demorou um pouco para dar tempo a eles. E, para ela também. Aproveitou para se recompor. Olhou a volta a procura de Aleico. Não o viu. Estranhou.

-- Surgiu um imprevisto. E ele, teve de sair. – Lúcio, a avisou.

-- Oh, tudo bem! – respondeu dando de ombros. Nada feliz.

Ao sair do elevador na garagem. Sentiu Felipe pegar sua mão. A levando em direção oposta dos outros.

-- Felipe... O carro de Lúcio. Está do outro lado. – informou.

-- Eu sei, Rhane. – concordou. – Só quero me despedir de você. Posso?

-- Poderia fazer isso, lá. – apontou na direção dos dois, que os observavam. Atentos. – O que realmente quer Felipe?

-- Um último beijo de despedida? – pediu ele. Recostando no capô do próprio carro. Audacioso.

Rhane, balançou a cabeça. Revirando os olhos. Inclinou, e o beijou no rosto. Levemente. Alerta.

Felipe riu. Divertido.

Deixando-a, totalmente sem graça.

-- Não esse tipo de beijo, cara mia. – falou rouco. – E sim. Esse tipo de beijo... – a pegando desprevenida. Tomou-lhe os lábios com prazer.

Rhane tentou empurrá-lo. O que foi impossível. Felipe, a segurou com força pela cintura. Apreciando-lhe a boca. Sugando-a. Deliciado. Lentamente. Quando parou de beijá-la. Segurou-lhe o queixo com as mãos. E a fitou. Admirado.

-- Dio Santo! Como será fazer amor com você, tesoro? – quis saber, Felipe. Sôfrego.

-- Isso é algo que nunca irá saber, Felipe! – retrucou. Furiosa. Livrando-se dele. – Não devia ter feito isso. Droga! Respeito é bom. E eu gosto. Ouviu? – esbravejou.

-- Eu sei. Não resisti! – falou com carinho. – Respeito, você... Sabe disso! Nunca a obriguei a nada. Obriguei? – quis saber.

-- Não, nunca. – concordou ela. Fitando-o, chateada.

-- Addio, Rhane. Adeus! – falou Felipe. Deslizou o dedo na face dela. Carinhoso. Deu um suspiro triste. Entrando no carro. Acenou um último adeus. Partiu.

-- Adeus, Felipe! – sussurrou, vendo o seu carro desaparecer. Ao longo do corredor da garagem.

-- Pode me explicar o que foi aquilo? – Lúcio quis saber. Furioso.

-- Não foi nada, Lúcio. – respondeu, fingindo calma.

-- Estava aos beijos com Felipe. E diz que não foi nada? Dio Mio! – alterou-se. Incrédulo.

Inspirou e respirou. Tentando se acalmar. Notou que Andrezzi, também a fitava. Pasma.

-- Olha, ele pediu um beijo de despedida. E eu dei. Qual é o problema? – resmungou azeda. – Não é meu dono, Lúcio. Aliás, ninguém é! Portanto, me poupe dos seus sermões! – foi grosseira.

-- Olha, sei que está com raiva por Aleico ter que sair. – falava. Ignorando a grosseria dela. – Mas, isso não é motivo para agir assim. Entendeu? – a repreendeu. Sério.

-- Concordo com Lúcio, Rhane. – disse Andrezzi. Severo. – Felipe, foi abusado. Se há algo entre você e Aleico. Ele devia respeitar. E não complicar!

-- Pouco... Me... Importo. – disse lentamente. – E ele não complicou nada... Que já não esteja complicado!

-- Está sendo infantil, Rhane. Sabe disso, não é? – Lúcio. A corrigiu.

-- Dane-se. – xingou. E os deixou, seguiu para o carro. Entrou batendo a porta.

Lúcio e Andrezzi olhavam-na. Perplexos.

Droga, droga! Praguejou em silêncio. Sabia que seu comportamento fora infantil e impensado. Mas não foi culpa dela, Felipe, tê-la beijado daquele jeito. Um beijo que não teve nenhum significado para ela. Não, como os de Aleico tinham. Não mesmo! Ela o amava! Precisava dele. Como o sol, da lua. E a terra, da chuva! E isso a assustava... Como o inferno! Perdê-lo. Seria como perder a sua própria existência! Oh, Deus! Exclamou. Chorosa.

Quando Lúcio entrou no carro. Secou as lágrimas rapidamente. E tratou logo de pedir desculpa.

-- Lúcio me desculpe. – pediu. Toda desenxabida.

Lúcio percebeu as lágrimas derramadas. Mas, ficou em silêncio. Respeitável.

-- Não foi certo o modo como o tratei. Sinto muito! – lamentou.

-- Esqueça, está bem? – pediu. Carinhoso. -- Quer conversar? Sei lá... Desabafar? Contar o que a incomoda. E por quê... Talvez, possa ajudar. – se ofereceu. Gentil.

Rhane fitava o painel do carro. Em silêncio. Ouviu-o dar a partida. Ao sair do edifício. Pôs-se a observar o movimento da rua, com as muitas pessoas apressadas. Milão era considerada uma cidade linda. E no entanto não teve tempo de conhecê-la! Lamentou.

-- Sinto-me tão insegura, ultimamente... – começou a dizer baixinho. – Tento me controlar.. Mas, não consigo! – disse. Desconsolada. -- Sinto que ele percebe. E é ainda pior! Porque, quando olho para mim. Eu vejo como sou imatura. Pouco, ou nada sofisticada... Nem sei como administrar uma casa. Organizar jantares, e festas! – assumiu com voz triste. – Acha que posso ser mais do que, uma amante para ele? – o indagou. Angustiada.

-- Rhane, em primeiro lugar. Não se deprecie tanto. – a reprimiu. -- É uma excelente profissional. Responsável. Isso a meu ver já é muita coisa. Não vejo motivo em querer ser dona de casa... Arela, não irá gostar nem um pouco de ter seu espaço invadido. Pode acreditar! – observou ele. Sincero. – Segundo, pode aprender administrar uma casa. Organizar jantares, e festas. Caso queira. – concluiu ele. – Terceiro. Cara mia... Duvido que Aleico se importe com isso.

-- E quanto... Não ser o tipo preferido dele. Ou, os casos dele... Terem prazo de validade? – o indagou. Temerosa.

-- Dio Santo! Isso realmente a incomoda, si? – quis saber. Preocupado.

-- Muito. Mais... Do que possa imagina! – exclamou. Nada segura. Ficando em silêncio.

-- Rhane, isso é o que mídia quer fazer parecer aos olhos das pessoas. Marketing, para vender fofocas. – salientou, ele. Raivoso. – Aleico, nunca fez nenhuma declaração... Admitindo, isso. – Lúcio explicou. Defendendo-o. – Não acredite nessas bobagens, si?

-- Bobagens! – retrucou. Impaciente. – Diga-me, Lúcio. Quando o viu acompanhado por uma mulher, como eu? – o pressionou. Deixando-o, sem saída.

Lúcio emudeceu. Sentiu-se desprevenido de qualquer argumento que pudesse fazer. Olhou para ela, viu que esperava por uma resposta. Iria matar Aleico por deixá-lo naquela situação! Voltou à atenção para o trânsito. Caótico. Comum em uma grande metrópole. E em Milão. Não era diferente. Divagou.

-- Tudo bem. Nunca vi! – admitiu a contragosto. – Mas, para mim... Isso não quer dizer nada. E não devia dizer para você, também! É linda. E ele, adora você.

-- Ele me adora! – exclamou. Desprovida de emoção. – Indo se encontrar com uma mulher. Francamente, Lúcio! Posso ser imatura... Inexperiente. Mas, não pense que sou burra! – bradou. – E nem tente defendê-lo, ouviu? Nem tente! – pediu. Furiosa.

Percorreram o restante do trajeto até o restaurante. Onde as irmãs dele, os aguardavam. Em um inabalável silêncio.

Lúcio confirmou as reservas com porteiro. Adentrando na garagem no subsolo do restaurante.

-- Todos os restaurantes famosos deviam adotar o mesmo sistema. – observou ela. Quebrando o silêncio. – Os ricos e famosos, teriam mais privacidade. Nada de paparazzi! Que maravilha! Não acha?

-- É, acho. -- Lúcio murmurou. Num muxoxo.

-- Ficou aborrecido comigo? – quis saber, ela.

-- Não, não fiquei. – respondeu. Manobrando o carro na vaga. Desligando-o. – Só estava pensando.

Permaneceu sentado. Vendo ela retocar a maquiagem.

-- Sobre o quê? Posso saber? – perguntou olhando no espelho. Conferiu o batom que retocara. Ajeitou os fios de cabelos soltos do coque. Olhou para suas roupas. Não estava amassada. Tinha colocado um terninho, composto por saia. Modelo secretária. Em tom grafite. E uma camiseta justa, azul-claro. Que funcionou perfeitamente para reunião daquela manhã. Agora, já não tinha tanta certeza! – Acha que estou bem? – quis saber a opinião dele. Insegura.

Lúcio riu. Mulheres! Eram todas iguais! Pensou. Divertido.

-- Num momento, é só uma garotinha... Furiosa, e ciumenta. – observou. Calmo. – No outro... Uma bela mulher. Vaidosa, e preocupada com a aparência! Ah, picolla mia! Não tem ideia o estrago... Que pode causar na vida de um homem! – disse num lamento. Fitando-a. Angustiado.

Rhane viu os olhos dele. Anuviar-se. Emudeceu-se. Desconcertada.

Lúcio percebeu o constrangimento dela, diante de seu comentário. Ela não tinha culpa de sua triste sina. Recompôs-se.

-- Perdono, não devia ter dito isso. Sinto muito! – pediu, com carinho.

-- Tudo bem. Eu compreendi! – respondeu ela. Ao entender o comentário dele. – Eu... O faço lembrar dela?

Lúcio retirou o grampo que prendia os cabelos. Os deixando soltos.

-- Gosto assim. Fica melhor. Linda e exótica! – exclamou. Contornando a face dela. Lentamente. -- Catherine, era da sua estatura. Com o seu corpo. Mas, tinha cabelos louro-escuros. Lisos, como o seu. E lindos olhos azuis. Linda e exótica. Como, você! – as comparou. – No começo, sim. Fazia-me, lembrar dela. Hoje, não mais! São muito diferentes. Em vários aspectos, Rhane. Ela era uma garota totalmente dependente de outra pessoa. O que você... Não é! – explicou. Tranquilo. Dando ao assunto por encerrado.

-- Sei que não gosta de falar sobre isso. Mas, pode responder só uma coisa? – insistiu ela.

-- Depende. -- respondeu. Nada contente.

-- Tem medo... De se apaixonar novamente? – arriscou-se. Temendo o pior.

-- Não mais. – respondeu sincero.

-- Oh, que bom! – exclamou feliz.

Lúcio saiu do carro. Abriu a porta para ela. E entraram no restaurante.

Lá, estavam elas. Luciana e Isabella. Altas. Magras. Morenas, de olhos azuis. Bellíssimas!

-- Lúcio, caro mio! Quantas saudades! – expressaram, elas. Entre beijos e abraços. Saudosos.

-- Digo o mesmo, bambinas! – retribuiu, ele. Com beijos e abraços.

Rhane observava tudo com desvelo. Entre os italianos a devoção familiar, era tudo.

-- Então, você é a protegida de Aleico. Muito bem-vinda. É um prazer conhecê-la. – Luciana, foi pura simpatia. Abraçou-a. E lhe beijou a face. Gesto comum, entre eles.

-- Faço as palavras de minha irmã, as minhas! – disse Isabella, em concordância. Repetindo o gesto da irmã. – Dio Santo! Quando Stefano, falou de sua beleza. Achei um tanto exagerado da parte dele. Agora, tenho que rever... Tudo o que pensei! – exclamou exultante.

-- Concordo com você, Bella. – Luciana falou. Analisando-a com apreço. – Linda. Exótica! Mui bella!

Ser elogiada por elas era algo surpreendente. Ex-modelos. E designers de modas. Conhecia tudo sobre beleza. Luciana e Isabella faziam sucesso no mundo da moda. E nas passarelas de Milão.

-- Para mim, também. É um prazer enorme conhecê-las. – retribuiu o cumprimento. Alegre.

-- E, então... O que achou de Milão? – Luciana perguntou.

Enquanto o garçom lhe servia o vinho. E o outro, trazia os pratos escolhidos.

-- Bom. Isso é um pouco difícil de dizer... – sorriu. -- Ainda não tive tempo de conhecê-la. Viemos a trabalho. Então, fica para a próxima. Quem sabe! – respondeu.

Elas anuíram em acordo.

-- Não se pode ter tudo, não é? – Isabella brincou.

-- Com certeza. – Rhane concordou.

-- O que achou da nova cobertura de Aleico? – Luciana quis saber.

-- Dio Mio! -- exclamou Lúcio. Exasperado.

Rhane franziu as sobrancelhas. Inquisitiva. Desconfortável.

-- Fui indiscreta? Eu, não...

-- Tudo bem! Como estou na casa de Lúcio. Essa é uma informação que vou ficar devendo! – informou ela. Tentando se manter calma. Difícil.

Elas olharam-nos. Confusas. Indagadoras.

-- Não está na casa dele? – Isabella quis saber. Fitando o irmão. Curiosa.

-- Não, não estou! – respondeu ela. Tensa. -- Aleico, também está na casa de Lúcio. E não me pergunte... O porquê? Pois, não saberei responder... – expressou, procurando controlar seu desconforto. – Bom. Isso não importa. – disfarçou com um meio sorriso. – Como é ser uma estilista reconhecida internacionalmente... No ramo de roupas e joias? – perguntou. Repentinamente. Surpreendendo-as.

Lúcio arqueou as sobrancelhas. Também surpreso. O que funcionou. Suas irmãs adoravam falar de modas. Foi uma tacada de mestre da parte dela! Pensou.

Rhane procurava prestar atenção na conversa. Mas, sua cabeça estava longe. Muito longe. O teor da pergunta de Luciana. Abalou todo o seu estado emocional. Sentiu o sangue ferver em suas veias, precisava manter a calma. Ou, acabaria dando bandeira na frente das irmãs de Lúcio. A colaboração dele na conversa foi essencial. Pode ficar em silêncio, sem ser percebida. Deus! Como era idiota! Sabia que Aleico, tinha propriedades em vários lugares do mundo. Como não teria em Milão? Era onde ficava a sede da “Corporation & Incorporation Domenacci”! E para onde viajava constantemente! Escondia algo dela? Perguntou-se. Por isso, a levou para a casa de Lúcio? Teria ido se encontrar com a mulher do envelope, lá? Não sabia o que pensar. Irritou-se.

-- Está tudo bem, Rhane? – perguntou Isabella. Gentil.

-- Sim, claro. – mentiu. Soava frio. E sentia náuseas.

-- Tem certeza? – insistiu Bella. – Está pálida...

-- Com licença... Preciso ir... Ao toalete. – disse, silabicamente. Levantou-se, saindo rapidamente.

Lúcio ficou olhando-a desaparecer no salão. Preocupado. Droga! Onde aquele idiota do seu primo havia se metido? Perguntou-se. Sentindo o olhar das irmãs, sobre ele. Agoniou-se.

Capítulo 8

-- Não há nada entre, eu e ela. Sí. – explicou ele. Rapidamente.

-- Falamos disso, outra hora. – disse, Bella. Séria. Desconfiada. Olhando na direção do toalete. Preocupada. – Vou vê-la. Está bem? – disse, se levantando.

Ele assentiu. Desconfortável.

-- Vou com você. – Luciana, se prontificou. Seguindo-a.

Rhane entrou no banheiro. Sentia seu estômago revirar. Apavorou. Inspirou e respirou. Com calma. Lavou o rosto com água fria. Varias vezes. Sentiu melhor. Graças a Deus! Exclamou. Aliviada.

Retocava a maquiagem, e penteava os cabelos. Quando Isabella e Luciana, entraram no toalete.

-- Está melhor? – quis saber, Bella.

-- Estou... Foi um leve mal estar devido o calor. Já passou. – explicou serena.

Elas assentiram. Aliviadas.

De volta ao salão do restaurante. Viu o rosto agoniado de Lúcio, se aliviar.

-- Tudo bem? – se certificou, ele.

-- Tudo. – confirmou, ela.

Após o almoço, seguiram direto para o atelier de Isabella e Luciana. Tinha de provar o vestido que iria usar no casamento de Helen. Faltavam poucos dias para o casamento.

-- Uau! – admirou ela. – Nossa, o lugar é lindo. Parabéns! – as parabenizou. Observando o local. Atenta.

-- Obrigada! – as duas agradeceram. Orgulhosas.

Bella trouxe o vestido para provar. Uma linda peça. Exclusiva. Composta em cetim rosa bebê. Frente única. Um decote em v, que descia até o umbigo. Pequenos broches em strass ligava uma peça do decote no outro. Evitando a exposição total do seio. E do abdômen. Era longo. Ao colocá-lo. A peça, moldou o seu corpo. Perfeitamente.

-- Dio! Ficou perfeito! – exclamou, Bella. Admirada.

-- Sí, si. – Luciana, concordou.

Luciana tinha nas mãos um estojo de veludo preto. Entregou-o, para ela.

-- São para você... Abra?

-- Para mim?

-- Sim. Desenhei, exclusivamente para você. – disse alegre. – Domenico, quem escolheu. – informou.

-- Oh! -- exclamou Rhane. Surpresa.

Abriu-o. E se comoveu. Era uma gargantilha de ouro branco. Com finíssimos fios entrelaçados. Vários. Contendo um pingente com a inicial de seu nome. Cravejados de rubis.

-- É lindo! – exclamou emocionada. Com lágrimas nos olhos. – Coloque-o, para mim? – pediu Rhane. Extremamente comovida.

-- Queria algo que você pudesse usar sempre... E refletisse o seu valor para ele. – Luciana explicava. Virou a peça. – Esses pequenos arabescos com formatos de letras... Aqui. – apontou. Rhane olhou atenta. – São as iniciais do nome de cada um... Elas informam, quem é o dono. E a que família pertence. Usamos nossas iniciais, somente em joias familiares...

-- Está me dizendo que é preciso haver um vínculo familiar... Para o uso das iniciais. É isso? – perguntou. Atônita.

-- Exatamente! – afirmou. – Vou tirar suas medidas...

-- Bella, já fez isso. – Rhane, avisou.

-- Oh, sim. Eu sei... – Luciana riu. -- Essas são medidas para confeccionar joias, Caríssima.

-- Mas... Ah, claro. Esqueci... Do casamento. – lembrou. Sem graça.

Luciana e Bella. Entreolharam-se. Misteriosa.

Rhane sentiu um grande alívio ao deixarem o ateliê. Precisava ficar sozinha. Sentia suas emoções aflorarem. em seu ser. Seu coração palpitava angustiada. Deus! Sempre foi forte. Para ela esconder as emoções... Suas angustias e tristezas. Não era algo difícil! O que havia mudado? Perguntou-se. Estava apaixonada! Imortalmente apaixonada! Essa era a resposta. Amava Aleico Domenacci. E

como o amava!

-- Rhane, tenho que voltar para o escritório. Tem certeza que vai ficar bem? – Lúcio quis saber. O aparente silêncio dela na volta. Preocupou-o. Sentia a tensão e a angústia que fruía dela. Atingindo-o.

-- Vou sim... Preciso ficar um pouco sozinha. – afirmou com voz fraca. Segurando suas emoções o máximo que podia... Não iria chorar na frente de Lúcio. Não mesmo!

-- Qualquer coisa. Ligue-me. Está bem? – disse Lúcio. Abrindo a porta de sua casa para ela. – Volto logo. – despediu-se.

Rhane entrou fechando a porta. Foi direto para o quarto. Jogou-se na cama. E deixou as lágrimas retidas, custosamente... Descer. Num choro, misto de dor e angústia. Queria poder entender essa dor que amar causava! Amar... Não devia causar dor. E sim, alegria! Mas, tudo o que sentia no momento. Era dor. Muita dor! Depois de muitas lágrimas derramadas. Esgotada, e cansada. Acabou dormindo.

Aleico ouviu uma batida forte na porta.

-- Entrare. – ordenou.

Lúcio adentrou na sala, fechando a porta com força. O semblante fechado indicava. Problemas. Notou Aleico. Precavido.

-- Onde estava? Perdi as contas de quantas vezes liguei, para você. – esbravejou ele. – Tem ideia da situação em que me colocou? Rhane... Está transtornada. Magoada! E eu... Nem tive como consolá-la...

-- Fui encontrar com Anabelle. – Aleico contou. – Achei melhor não dizer nada a você. Por isso, não atendi seus telefonemas. Foi melhor, não acha?

-- Encontrar com Anabelle... Dio Santo! – Lúcio exclamou chocado. Com o teor da resposta. -- Sendo assim, com certeza! – compreendendo o ponto vista dele. -- Porque foi se encontrar com ela? – quis saber. Inconformado.

-- Recebi uma mensagem dela. – começou explicar. – Nele, ela mencionava um encontro de negócios. O que eu, sinceramente não acreditei. Achei melhor ir ver o que realmente queria. – deu um suspiro cansado. – Confesso. Arrependi-me, totalmente.

-- O que ela queria Aleico? – perguntou Lúcio. Apreensivo.

-- Reatar... Está arrependida. Quer uma nova chance para provar que mudou. – expressou. Desgostoso.

-- E o que disse?

-- O mesmo de quatro anos atrás. – respondeu ele. Sério.

-- Meno male! Graças a Deus! – Lúcio exclamou. Aliviado. – E passou todo o tempo fora... Não se deitou com ela... Não é? – perguntou. Desconfiado.

-- Vou fingir que não ouvi isso, Lúcio. – respondeu. Atônito. Com o tom desconfiado do primo.

-- Queria que pensasse o quê? Droga! Passou a tarde toda fora! – o acusou.

-- Anabelle deixou as passarelas. Creio que deva saber? – Lúcio assentiu que sim, sabia. Aleico continuou. – Ela resolveu investir no mundo da moda. Algo, do qual entende muito bem. Por sinal. –

explicou ele. Lúcio ouvia atento. – Então propôs a mim, investimento nos negócios dela. Que eu recusei. É claro!

Lúcio arqueou as sobrancelhas. Surpreso.

-- Mas, contatei alguns investidores... O negócio é bom. Sabe disso, não é?

-- Então, porque recusou um investimento? Se não engano estamos abertos a novos investimentos. Certo? – Lúcio. Sondou-o.

Aleico riu com a esperteza do primo. Levantou-se foi junto à janela de seu escritório em Milão. Observando atento o fluxo intenso de carros. Devido o horário do rush de fim de tarde. Todos queriam chegar a suas casas. Encontrar a família. Descansar. Lúcio prostrou ao seu lado.

-- Sabe... Nunca fui de recusar um bom investimento, Lúcio. – começou. – E este é bom... Muito bom! – deu um suspiro. Relaxado. – Mas, o que sinto por Rhane... É ainda melhor! – confessou. – Fazer negócios com Anabelle. Seria o mesmo que dar a ela, oportunidade para insistir em algo que já acabou. E que nem devia ter acontecido. Foi um erro que cometi. E que me arrependo amargamente.

-- Acha que terá problemas com ela? – Lúcio quis saber. Receoso.

-- Espero que não! – exclamou ele. – Bom, não dormi com ela. Entendeu? – replicou. -- E demorei. Porque passei na concessionária. Comprei um carro. – anunciou. Alegre.

-- Tudo bem! Entendi sobre Anabelle. Peço desculpas, por isso... Mas, quanto a comprar outro carro... Está colecionado carros agora, é? – brincou.

-- Não, não estou. – respondeu sorrindo. – É um presente de aniversário. – citou.

-- Rhane?

-- Sí.

-- Ficou doido é? – o recriminou. – Já imaginou a repercussão que um presente, desse porte... Vai causar? Nossa família vai estranhar, acredite!

-- Eu sei... Eu sei. -- Aleico murmurou. Aborrecido. – É o aniversário dela. Queria dar algo, que ela...

-- Desse qualquer outra coisa... Joias, roupas. Sei lá! – interrompeu-o. Zangado. -- Não um carro... Droga! – o corrigiu.

-- Exagerei, concordo. – Aleico, se defendeu. Amuado. Seu primo estava certo. Sabia disso! Dar um carro de presente para Rhane era muito arriscado. Droga! Onde estava com a cabeça!

-- Cancele a compra? – Lúcio sugeriu.

-- Não posso. – disse inquieto. -- Fretei um avião. E já o enviei para casa. – murmurou.

Lúcio o fitou. Refletivo.

-- Vá bene! Tudo bem! O que está feito. Feito está! – o apoiou. Compreensivo.

-- Darei um jeito. Não se preocupe... Prometo. – Aleico, o tranquilizou.

-- Espero que sim!

Ao entrar na sala da imponente cobertura. Os dois estacaram ao som suave de uma melodia romântica. Triste. Melancólica. Entreolharam-se.

-- É da sua suíte! – exclamou Lúcio. Secamente. Tomando a direção oposta dos quartos de hóspedes. Sua suíte ficava do outro lado. – Ah, estava esquecendo... – voltou-se. – Minhas irmãs, mencionaram sua... – fez um gesto com as mãos. Abrangendo sua casa. – Cobertura. E adivinhe? Ela não sabia! Imagine o resto... Se for capaz! – censurou-o. Virou, e se foi. Deixando-o, sozinho.

Lúcio antes de entrar em sua suíte, ainda pode ouvi-lo. Praguejar. Lamentou por ele.

Dio Santo! Clamou Aleico. Como iria resolver aquilo? Perguntou-se. Apreensivo.

Ao entrar na suíte percebeu que o som vinha do banheiro. O ipod dela sobre a pia tocava a música. Ouviu ela acompanhar a melodia suavemente. Sua voz era pura melancolia. Entristeceu-se. Estava na banheira coberta de espumas. Olhos fechados. Cantando. Alheia e infeliz. E ele, era o único culpado. Angustiou-se.

Rhane percebeu que já não estava sozinha. Abriu os olhos. E o viu a observando. Parecia angustiado. Ou, culpado. Não soube reconhecer. Dane-se! Não iria baixar a guarda de jeito nenhum! Queria explicações. Isso, ela queria. Mas, não iria indagá-lo em hipótese alguma!

-- Se quiser tomar banho... O outro banheiro. Está desocupado. – informou. Com voz aparentemente, deprimida. -- A suíte tem dois banheiros, sabia? – dispensou-o. Inerte. Voltando a fechar os olhos. E a cantar. Ignorando-o.

Aleico sorveu o ar. Tranquilamente. Os olhos inchados e vermelhos dela. Era prova das lágrimas derramadas. Lamentou amargamente. Aproximou da banheira. Sentou na beirada. Pegou-lhe, o queixo.

-- Olhe para mim, Rhane? – pediu com carinho.

-- Não... Deixe-me sozinha, por favor? – pediu ela. Entre dentes. Trêmula.

-- Precisamos conversar..

-- Não tenho nada para conversar com você, sinto muito! – o cortou, secamente. Segurando-se. Tentou livrar o queixo de sua mão. E ele apertou ainda mais. – Vai me deixar marcas... – avisou-o.

-- Não faça isso conosco, amore? – Aleico pediu. Soltando-a.

-- Oh, que maravilha! Posso saber do que estou sendo acusada, aqui? – bufou indignada. Se levantando da banheira rapidamente. O molhando todo. – Queria o quê? Que o recebesse... Com beijos e abraços! – alterou-se. Saiu da banheira. Furiosa. Jogando água por todos os lados. – Sumiu o dia todo. Não atendeu o celular.. Oh, que ódio. Jurei que não iria fazer isso! – parou abruptamente. Maldizendo-se. Procurando pela toalha que não via em lugar algum. – Droga! Droga! Onde está a porcaria da toalha?

Embevecido. Aleico fitava o corpo dela, coberto de espuma e molhado. Com gula. Ávido de desejo. Excitado. Ela o olhou. E localizou as toalhas. E toda a excitação dele, visivelmente aparente. Caiu em si. Ao perceber a jogada Dele. Queria-a fora da banheira. Maldito! Como podia estar excitado, depois de tudo! Homens!

-- Está sentado, sobre as toalhas. – apontou-as. Procurando controlar sua raiva. Com certa cautela.

-- E você, precisa delas. Que interessante, não? -- sorriu maroto.

-- Isso não tem graça! – advertiu-o. Estremecendo de frio. Sentiu o corpo se arrepiar. E os bicos dos seios, ficarem rígidos. Ele também viu. Constrangida. – Pode me dar a toalha, por favor?

-- Lógico. Aqui está. – a estendeu, de onde estava. Uns cinco passos dela.

Raí o olhou. Aborrecida. Estava jogando com ela. Oh, odiava-o!

-- Jogue-a, para mim? – pediu, trincando os dentes de raiva.

-- Não, terá de vir pegar. – a incitou. Provocador. Vendo a raiva estampada na face dela.

-- Oh, isto vai custar caro... Pode acreditar! – ameaçou. Injuriada.

Calculou o pequeno espaço entre eles. Aproximou rapidamente. Pegou a toalha da sua mão. Quando pensou estar livre. Ele a pegou. E a sentou em seu colo. Ela procurou escapar. Esperneando-se, toda.

-- Quieta, não vou soltá-la. – a segurou firme. Pôs-se, a secar o seu corpo. Roçando a toalha. Lentamente. Prazeroso.

Tremendo de frio. Deixou que ele, lhe enxugasse o corpo. Um grande erro da sua parte. As mãos dele em contato com seu corpo. A excitava. Sentia o sangue ferver em suas veias. A respiração acelerada. E o coração bater. Descontrolado. Gemeu.

Aleico sentiu ela esmorecer em seus braços. Levantou saindo do banheiro. A levando para a cama. Iria amá-la. Queria-a. E ela, o queria. Tinha muito sobre o que conversar. Estava ciente disso. Mas, excitado como estava. E a sentindo tão excitada, quanto ele. Ficava difícil. Muito difícil!

-- Aleico, isso não está certo... – replicou ela. Tentando manter o bom senso.

-- O que não está certo, amore? Diga-me? – pediu ele. Beijando os seus lábios. Descendo para o pescoço. Colo. Alcançando um dos seios com a língua quente. Depois o outro. Sugando-os. Enlouquecendo-a.

-- Estou com tanta raiva de você... – gemeu de prazer. Com os toques dele, em seu corpo. – E... E, me fez chorar.. Oh, pare... – pediu com voz fraca. Cruzando as pernas. Diante das caricias audaciosas dele. Dedos longos deslizaram entre suas pernas, as abrindo. E ela desistiu. Deixando-o tocá-la. Ele circulou um ponto extremamente sensível no clitóris. Estimulando-a. Ela gemeu. Então, deslizou a ponta do dedo para dentro dela. Depois outro. Raí, arfou com a sensação deliciosa. Dando adeus ao bom senso! – Oh, Deus! – murmurou.

-- Eu sei... Direi tudo o que quiser saber, amore... Mas, depois! – prometeu. Ardendo de desejo. – Agora, só quero amá-la... Mia vita! Minha vida! E quero que me ame, também? – pediu rouco. Beijando-a com paixão. Ao mesmo tempo em que livrava o corpo da própria roupa. Nu, sentiu seu corpo tocar o dela. Gemeu. Deliciado. Sem deixar de tocá-la. Ávido. Sugou-lhe os mamilos, guloso. Desceu a boca. Lambendo o seu sexo, já úmido. Introduziu a língua para dentro dela. Sentindo-a contorcer de prazer. Sugou-a. Forte. A levando ao um orgasmo. Delirante. Ouvi-la gemer e gritar seu nome. Era delicioso. Sentia-se no apogeu da glória. E da luxúria!

Rhane sentiu o corpo explodir num orgasmo. Extraordinário. Reluzente. Como uma chuva de estrelas. A elevando ao ápice do prazer. Recobrada. Quis tocá-lo. Segurou a mão dele.

-- Eu quero tocá-lo... Posso? – pediu ela. Os olhos brilhando de excitação. Adorava tocá-lo com as mãos. Ouvi-lo gemer. Nunca, ousou ser.. Mais audaciosa. Como ele, o fazia. Sem nenhuma inibição.

-- Sempre. Sou todo seu! – exclamou, se deitando na cama. Fitando-a. Ansioso. Sentia perder a inibição a cada vez que faziam amor. Adorava o toque dela em seu corpo. Deixava-o em estado de puro êxtase. Sentir aqueles olhos negros, o fitando. Ardorosos. Era pura tortura!

Ela o fitou embevecida. Ele tinha um corpo lindo. Perfeito. Acompanhou toda a extensão corporal dele. Apreciativa. Detendo-se um pouco mais em sua potente ereção. Sólida e rígida. Voltou os olhos

para a sua face. A fitava. Os olhos azuis, brilhando de desejo. O peitoral subia e descia. Arfante. Antecedendo seu toque. Então, o tocou. Lentamente. Primeiro na face, acompanhou o formato do rosto. Os lábios. Desceu no pescoço. Ombros. Circundou os mamilos. Enrijecidos. E foi descendo. Circulou o umbigo. Vagarosamente. Tocou o ventre. Enroscou os dedos nos pelos pubianos. Desviou do pênis. Ereto e potente. Propositadamente. Ouviu-o gemer. Frustrado. Delineou as coxas fortes. Longas. Tocou-lhe os pés. Massageou-os. Gentilmente. Parou. Ele arfou. Replicante.

-- Rhane...

-- Shiii... -- reprimiu-o. – Ainda, estamos nas preliminares... Nem comecei, excitá-lo. -- sussurrou com voz rouca. O beijou na boca. Introduzindo a língua dentro da dele. Sugando-o. Ele gemeu de prazer. Desceu a boca devagarzinho na linha do pescoço. Nos ombros. Sugou um mamilo. Depois o outro. Correu a língua quente, entre a linha das costelas. Indo direto para seu ventre. Roçou os pelos envolta do membro. O excitando. E torturando-o.

-- Dio Santo... Já estou por demais, excitado... -- gemeu ao senti-la, beijar o ventre. Indo em direção de sua ereção. -- Oh! Angello, não faça isso... Hum... -- pediu em vão.

Desejava fazer isso com ele, há dias! Inibida, receava que a achasse muita audaciosa. Mas a vontade era tanta que não resistiu. Queria ver a reação dele diante de seus toques. Era sempre ele, que tomava a iniciativa. E ela, não ousava ir além. Agora estava adorando tomar a iniciativa. E fazer com ele. Tudo o que ele, fazia com ela, na mesma proporção. Era delicioso. Nunca imaginou que a reação de Aleico, seria assim. Puro êxtase. Totalmente entregue aos seus beijos e carinhos. Adorou. Ouvir os seus gemidos prazerosos. Exultou-a.

Quando começou a tocar o membro, intumescido. Lentamente. Ele sentiu sua respiração acelerar. O coração bater descompassado. Achou difícil aguentar. Aquelas mãozinhas deslizando sobre seu pênis. Para cima e para baixo. Seguindo o formato deste, era uma tortura. Uma tortura deliciosa! Senti-la tocar seu pênis contornar a ponta, já úmida. Foi quase o bastante para levá-lo ao orgasmo. Um prazer inexplicável. Sensacional. Os lábios dela desceram devagar tomando o lugar da mão. A língua quente e úmida. Num vaivém, ao longo de seu membro. Excitando-o. Sentia seu sexo latejar. Uma dor latente. Pulsante. Quando a boca dela abocanhou o seu membro. Sugando-o. Gemeu alto. Contraíu o corpo. Segurando-se. Era seu limite. Todo o seu controle se esvaiu. Resolveu interrompê-la. Ou, iria gozar na boca dela. Sabia não ser errado. Mas devido á inexperiência dela. Poderia assustá-la. E ele, tinha toda uma vida junto dela. E iria ensiná-la tudo que poderia haver entre um homem, e uma mulher... No ato de fazer amor. E de como gostava. A puxou rapidamente para cima. Fazendo ela, cavalgá-lo.

-- Aleico... – reclamou. Quando a puxou para cima. -- Eu... Podia tê-lo machucado... – murmurou. Adorando ser colocada naquela posição.

-- Estou no meu limite, amore... Gosta assim, não é? – sussurrou rouco. Estava em ponto de explodir de desejo.

-- Hum... É muito bom! – gemeu. Deliciada. Acompanhando o vaivém do corpo dele, com o seu.

-- Então, goze gostoso para mim.. – gemeu ele. Seu corpo fremia de desejo. Levantou o quadril. Enterrando-se profundamente dentro dela. Com muita força. Ela gemeu. A segurou firme pelos os ombros. Impedindo de recuar. Incentivando-a na cavalgada.

-- Oh, Aleico...

-- Isso, amore mio... Isso... -- a sentiu ter um orgasmo. Espetacular. O corpo dela sucumbiu em

êxtase. Gemendo. Deleitada. Sentiu seus músculos internos, pressionar o seu membro. O clímax tomou lhe o corpo. Suplicante. E ele, o liberou. Gozando junto com ela. Urrou de prazer. Deliciado. Aliviado. Amá-la, era delicioso. E ele adorava. Não, não! Ele a amava. Isso sim. E de corpo e alma. Sua piccola era tudo para ele. Tudo!

Ela desmoronou sobre ele. Os olhos negros. Selvagens, devassos.

Aleico adorou. A aninhou nos braços. A beijando com meiguice.

-- Ciamo, Rhane.

-- Também, te amo.

Rhane acordou com som do celular. Despertando. Desligou-o. Estava sozinha na cama. Consultou a hora. Nossa! Dormiu por duas horas. Droga! Praguejou. O coquetel do fechamento de contrato do 'Resort Hotel' era dentro, de 2 horas. Atrasada! Porque ele não a chamou? Disse que iriam conversar sobre o sumiço dele. E agora. Teria mudado de ideia? Ou, achou que ao levá-la para cama... Estava tudo bem? Ah, mas não estava mesmo! Revoltou-se. Era uma idiota. Fraca! Ao menor toque dele. E ela, se derretia toda! Odiou-se.

Levantou tomou um banho rápido. Colocou o vestido de renda francesa escarlate. Apaixonou-se por ele, assim que o viu no ateliê. "Peça exclusiva". Foi o que disse Isabella. Curto e justo. Ousado. Moldava perfeitamente as curvas de seu corpo. Sem mangas. Decote quadrado, profundo. Salientando bem a curvas dos seios. Todo forrado. Exceto nas costas. Ali, a transparência... Chegava próximo ao seu bumbum. Peep-toe preto em verniz, nos pés. Maquiagem leve. Batom vermelho, nos lábios. Cabelos presos, em um coque fofo na nuca. Espalhou seu perfume, favorito. Nos pulsos, pescoço, e colo. Finalizou com as joias criada para ela, por Luciana. Os elos, que formavam a corrente de ouro branco maciços. Continha, incrustado no centro pequenos diamantes. Um pingente de opala negra também, envoltas em diamante, complementava a peça. Um par de brincos. E uma delicadíssima pulseira, fazia o conjunto. Bellíssimos!

Olhou no espelho. Maravilha! Adorou o efeito que o tom vermelho do vestido causou em sua pele. Sentiu-se, sexy e sedutora! Sabia perfeitamente que Aleico, não iria gostar. Ele vinha questionando frequentemente seu modo de vestir. E ela, fingia não ouvir. E isso o irritava. Sabia disso. Como ele há deixou plantada o dia todo. Sem nenhuma explicação. Daria o troco... Sendo ousada! A escolha do vestido foi exatamente para isso! Enfurecê-lo!

Assim que entrou na sala. O viu de pé, junto ao um quadro de formas geométricas estranhas. Fitando-o. Vestia um belo smoking, Giorgio Armani. A sua marca preferida. Ereto. Uma das mãos no bolso da calça. Na outra, um copo de bebida. Que sorvia lentamente. Parecia calmo. Concentrado. Apreciando a obra.

-- Aprecia este tipo de arte? – se anunciou. Quebrando o silêncio. – Consegue ver sentindo neles? São tão estranhos! – comentou, ela. Prostrando ao lado dele. Observadora.

-- Não, não aprecio. Também, os acho estranhos! – Aleico respondeu. Sem se mover. – Mas, são ótimos investimentos... Quando o artista é reconhecido. Este. – apontou o quadro. – É de uma artista... Amiga, antiga de Lúcio. Teve sua primeira exposição, há seis meses. Foi bem recebida no mercado... Tem um gosto bem eclético. Concordo! – assentiu ele. Virando para ela. O que viu o deixou, sem fôlego. Deslumbrado! O vestido de renda escarlate a transformou... Sexy e sedutora! Sua bambina, posando de mulher fatal! Era só o que lhe faltava! Incomodou-se. E muitíssimo!

Rhane viu o impacto que causou nele. Foi de surpresa para puro deslumbramento. Que na verdade

duraram poucos segundos. Pois, logo sua feição mudou. De surpreso, e deslumbrado. Para desaprovação total! Aliás, simplesmente. Adorou!

Ouviram um assovio apreciador. Voltaram-se, depararam com Lúcio. Belo. Elegantemente vestido. Parado no meio do hall. Fitando-a.

-- Está... Bellíssima, bellíssima! – exclamou atônito. Virou para Aleico. – Já estou com pena das outras mulheres, bella... Acho que teremos trabalho esta noite, caro. – avisou. Divertido. Os olhos do primo demonstrava toda sua reprovação. E seu ciúme. Muito, ciúmes! Riu.

-- É, parece que sim. – resmungou ele. Irritado. Compreendendo com perfeição o sorriso divertido dele.

-- Espero não ter atrasado nada? – Rhane perguntou. Mudando o foco da conversa. Não queria provocar nenhuma mulher naquele coquetel. Há única pessoa que ela queria provocar. Estava bem ali... A sua frente! Aleico Domenacci.

-- Não, não atrasou nada, Rhane. – Lúcio falou. Olhando as horas no relógio. – Ainda temos tempo. Uns quarenta minutos, exatamente. – informou. – Bom, tenho que fazer uma ligação. Com licença?

-- Sente, Rhane. – Aleico pediu. Áspero. Assim que o primo desapareceu corredor afora. – Precisamos conversar...

-- Mesmo, é? – desdenhou. Sentando-se, a contragosto.

-- Olha, sei que está com raiva... E tem toda a razão de estar..

-- Não diga! – troçou, ela.

Ele bufou. Impaciente.

-- Poderia ficar quieta. E me ouvir, por favor? – pediu, procurando se conter. – Eu disse que iria lhe contar onde estava. E o que fazia. Ok? Ajudaria muito ficando quieta, sabia?

-- Por quê? Está sem coragem de me dizer.. Que foi se encontrar com uma mulher. – ombreou, acusadora. -- Isso, eu já sei! Não sou nenhuma idiota, entendeu? – gritou. Furiosa. -- Se teve coragem para ir ao encontro dela. Devia ter para me contar. Porque não? – inquiriu-o. Alteradíssima. – Levar-me para cama não vai abrandar.. O que sinto! – gritou.

-- Dio Santo! Não a levei para cama com esse intento. – replicou ele. -- Eu a queria. Sei que devíamos ter conversado, antes...

-- Dormiu com ela também? – quis saber. Interrompendo-o. Aborrecida.

-- Dio, não! – negou.

-- Então, admite que foi se encontrar com uma mulher? Oh, Deus! – exclamou com dor no coração. Levantou-se abruptamente.

Aleico a segurou. Impedindo-a de deixar a sala.

-- Solte-me? – pediu ela. Tentando se livrar dele. -- Não quero ouvir.. Nem. Mais. Uma. Palavra! – cuspiu as sílabas, uma a uma. Furiosa.

-- Ah, você vai! – retrucou, ele. Firme. Sentando-a novamente. – Rhane, olha para mim? – Ela o olhou. Os olhos negros faiscando. Ódio. Foi o que ele viu. Seu coração doeu. – Não olha para mim assim, amore mio?

-- Como quer que eu olhe para você? – quis saber. Abrandando-se diante do pedido carinhoso dele. –

Saiu com outra mulher.. E escondeu de mim que tinha uma cobertura aqui! – o acusou. – Porquê? – sussurrou, triste.

-- Errei em não contar sobre a cobertura. Concordo plenamente. – admitiu. – Mas, foi para não magoá-la. – falava, com certa dificuldade. – Com toda essa correria. Não tive tempo de mandar organizar nada. Retirar nada. – dizia. -- Se eu a levasse lá? Qual seria sua reação diante das evidencias... Que certamente iria encontrar? -- Foi sincero. -- Tem coisas de ex-namoradas que tive, lá. – explicou. Chateado. – Compreende agora porque não a levei para lá?

E ela compreendia. Não queria nem pensar.. Em como iria se sentir! Coisas de outras mulheres! Deus! Como não pensou nisso! Como era imatura e inexperiente! Exclamou. Aborrecida.

Aleico percebeu seu aborrecimento. Ao vê-la silenciosa.

-- Quanto, ao me encontrar com uma mulher.. – pausou, passando as mãos nos cabelos. Nervoso. -- Realmente, fui mesmo. – contou. Viu o semblante dela. Entristecer. Droga! Praguejou. – Mas não do jeito que está imaginando. – explicou. Cauteloso. – Acredite, Rhane?

-- Com quem? Posso saber? – perguntou receosa. Com o coração a mil.

-- Anabelle. Minha ex-noiva. – Aleico revelou. Aborrecido.

-- Oh! Sua ex-noiva! Inacreditável! – gritou furiosa. Percebendo o aborrecimento na voz dele. – E o que ela queria? – quis saber. Com voz desprezível. Odiando a si mesma por fazer a pergunta.

-- Rhane, por favor? – pediu ele. Ao notar o ar depreciativo dela. Sob si mesma. – Temos que conversar. Não precisa se odiar por isso?

-- Diga logo o que ela, queria. Droga! -- berrou.

Ele a olhou horrorizado. Sua fúria era visível. Procurou manter-se calmo. Repetiu para ela, o que já havia contado para seu primo. Não omitindo nada. Desde a proposta de Anabelle, para que ele investisse em seu negócio. Tudo, tudo. Achou melhor. Queria que ela soubesse de tudo. Claramente.

-- E foi só isso? Demorou toda a tarde, assim? – Rhane quis saber. Aparentemente calma.

-- Não. Não passei a tarde toda, assim.. – respondeu ele. Percebendo o esforço dela, em se manter calma. – Recebi uma ligação de Francesco. Temos uma negociação em andamento em Moscou. Então, voltei para o escritório... -- parou. Repentinamente. Fitando-a. Ela o olhava. Estranhamente. Refletiva. – Rhane, estou falando a verdade! – clamou. Temeroso. -- Quando Lúcio chegou de volta ao escritório... Eu, já estava lá!

-- Eu, entendi... Só estou tentando assimilar as coisas. – começou a dizer. Num desabafo. -- Sabia que aquele envelope era de uma mulher. Então, saiu sem me dizer nada. Sumiu o dia todo! – acusou-o. – Sei que sou imatura... Tenho muito ainda o que aprender. Às vezes sinto que não o completo. E isso me dá medo! – lastimou. Com voz angustiada. -- Não faz ideia de como sofri.. E chorei... Por sua causa, sabia? – declarou ela. Aproximando-se dele.

-- Oh, Rhane... Perdono, si! Isso não vai acontecer mais. Juro. – prometeu. A puxou junto ao corpo. E abraçou forte. – E cara mia, é jovem. Mas não imatura. Temos muito ainda o que aprender, Rhane. E vamos aprender juntos, está bem? – disse, a beijando. Prazeroso.

-- Sim. – assentiu, ela. Confiante.

-- Podemos ir? – Lúcio perguntou. Entrando na sala. Interrompendo-os.

O tráfego estava calmo devido o horário. A limusine que os transportava discorria tranquila. Ela

apreciava em silêncio á noite em Milão. O contraste das luzes com a escuridão da noite. Era fascinante! Virou para Aleico. E ele também parecia absorto em seus próprios pensamentos. Lúcio, os observava. Silencioso. A discussão deles, já esquecida. Ou assim, achava.

-- Aleico... – chamou-o.

-- Sim. – respondeu, um tanto distraído.

-- Estou pensando em cursar a universidade... Aqui, em Milão. – disse, ela.

-- Para isso teria que se mudar para cá, Rhane. – questionou, ele. – E sinceramente não pretendo morar em Milão. Temos universidade bem mais perto...

-- Mas não será preciso. – interrompeu-o. -- Posso ficar aqui durante a semana. E voltar para casa nos fins de semana. Entendeu?

Aleico a olhou da cabeça aos pés. Vestida para matar. Sexy e sedutora! Uma Femme fatale! Ela... Entre, muito jovens... Com os hormônios a flôr da pele. Nem morto!

-- Não, mesmo! – reprovou ele. Dio Mio! Era só que lhe faltava! Pensou. Sem deixar de notar o sorriso zombeteiro no rosto do primo. Maldito! Estava se divertindo a suas custas.

-- Porque não? – quis saber. Contrariada.

-- Podemos conversar sobre isto outra hora? – pediu ele. Tentando manter a calma. – Faltam meses, para começar o semestre...

-- E porque não, agora? – replicou. – E faltam dois meses... Dois meses! – disse. Colocando dois dedos, na cara dele. Afrontando-o.

Aleico lhe tomou os dedos entre os seus. Levou-os, aos lábios. Os beijando. Paciente.

-- Conversamos sobre isso depois, entendido? – determinou, ele. Firme.

-- Mas...

-- Finito. Rhane. Finito! – decretou. Autoritário.

Ela abriu a boca para protestar. E a fechou. Diante do olhar enviesado dele. Discutir com ele naquele momento seria tolice da parte dela. Falta de maturidade! Isso sim. Concluiu. Desgostosa.

Percebeu a limusine parar. Olhando através dos vidros escuros, visualizou a imponente mansão de Salvatore. Majestosa e sublime!

-- Bom. Ai, vamos nós! – replicou ele. Referindo-se aos muitos fotógrafos de prontidão. Parcialmente irritado. Desceu do carro, estendendo a mão. Gentil.

Rhane não soube decifrar se o ar irritado dele. Devia-se aos paparazzi, ou, ao assunto inacabado mencionado por ela. Muitas das vezes sentia que a manipulava. E isso vinha a incomodando. Será que era por ela, ser jovem. E imatura? Talvez! Suspirou resignada. Pegou a mão dele estendida. Saindo do carro. Lentamente. Os espocar dos flashes. Ofuscou-a. Deixando-a tonta. Vacilou.

Aleico percebeu. A segurou firme. Preocupado.

-- Tudo bem?

-- Sim. Acho que pisei em falso. Obrigado! – remediou, ela. Agradecendo o apoio dele.

Lúcio também a olhava. Com ar preocupado.

-- Estou bem, sério! – firmou ela. Recobrada.

Seguiram para a entrada. Ela desviou o olhar dos flashes, olhando a sua frente. Salvatore os aguardava.

-- Como sempre, atraindo os paparazzi, caros? – brincou ele.

Aleico e Lúcio. Sorriram.

-- Acho que desta vez... Não fomos nós! – Lúcio reclamou. Piscando para Rhane. Ela riu sem graça.

-- Concordo plenamente! Vossa acompanhante... É magnífica! – expressou uma loura alta. Bela. Prostrada ao lado de Salvatore. A apreciando. – Sou Lorna, esposa de Salvatore. – apresentou-se. Educadamente.

-- Rhane Britte... -- parou. Sem saber o que dizer. Amante, sobrinha. Ou enteada do irmão dele. Que dilema!

Aleico percebeu o dilema dela. Vindo ao seu encontro.

-- Rhane, é enteada de meu irmão Domenico... Também, trabalha na companhia. – citou.

Lorna, a olhou. Surpresa.

-- Linda, jovem e inteligente. Uau! Que combinação perigosa! – observou ela. Sábia. – Querida... É casada? – Rhane negou. – Tem namorado? Ou... – fez aspas com os dedos.

-- Mais, ou menos... Nada oficial! – disse. Imitando-a, com as aspas. Dando de ombros. De canto de olho, o viu fechar a cara. Disfarçando a fúria. Gostou. E muito!

-- Oficial, ou não. Ele é um louco por deixá-la sair vestida, assim... – opinou ela. -- Ainda por cima acompanhada por esses dois!

-- Oh, esses dois... São inofensivos! – gracejou ela.

Lorna riu divertida.

Lúcio arqueou as sobrancelhas. Surpreso. Observando a reação do primo.

Aleico manteve o ar obscuro.

-- Bom... Azar, o dele! -- Lorna exclamou. – Está linda! Venha, quero que conheça uns amigos meus. São jovens executivos, como você. Tem um em especial. Vai gostar dele. – falava, levando-a para dentro. – Não se preocupe, Aleico. Cuidarei bem dela! – levando-a para longe dele.

-- Tenho certeza disso! – Aleico, se viu obrigado a dizer.

-- Bom, quanto a nós... Vamos beber. – falou, Salvatore. Os levando para o salão de festas. – Ah, me esqueci de dizer... Lorna, convidou sua ex-noiva. Espero que não ligue?

-- Não, não ligo. – respondeu, Aleico. Educado.

-- Ótimo. Fique à vontade. – saindo para receber outros convidados.

-- Que maravilha, não? Você. Anabelle. E Rhane. No mesmo lugar. Era só que faltava! – Lúcio exclamou. Descontente. – E, falando nela...

Aleico estava possesso. Sentia seu sangue ferver. Indignado. Em parte por Rhane estar dançando com Vlado Midras. O grego do ramo de fast-food. Jovem. E conquistador. Droga! Com aquele vestido vermelho. Linda e excitante! Deixava-o doido. E a metade dos homens presente! Inferno! E agora. Chegava Anabelle. Dio Mio! Precisava sair dali? Como?

-- É... Ela não perde tempo mesmo, não? Enzo Bonelli... Quem diria! – Lúcio criticou.

-- Espero que eles, deem-se bem. – desejou, Aleico.

-- Eu também. – Lúcio concordou. – Quer fazer uma saída estratégica? Fico para dar cobertura. Não por causa de Anabelle. – explicou. Diante do olhar, indagador dele. – Por sua causa. – apontou-o. Discretamente. – Ela está provocando você. Não percebe? – falou olhando para Rhane.

-- Eu sei.

-- Então, relaxa. Ou, vai ter um ataque cardíaco. – avisou.

-- Ela já dançou com dois, ou três... Agora, está dançando com o grego. Conhece-o. Droga! É um safado! – bradou, colérico. – Como quer que, eu... Relaxe?

Rhane sorria. Por algo que o grego devia ter dito. Pareciam bem entrosados. Lúcio, se incomodou.

-- A tire dos braços dele. Dance, com ela? – orientou-o.

-- Péssima ideia. – discordou, ele. -- Sou bem capaz de torcer o pescoço dela, isso sim! – admitiu, ele. Furioso.

-- Bom...

-- Aleico, caro mio. Que bom vê-lo novamente. – Anabelle, os interrompeu.

-- Olá, Anabelle. – Aleico, a cumprimentou. Secamente.

-- Lúcio, como vai? – cumprimentou, ela. Amável. Disfarçadamente. Diante do tom seco de Aleico. – Seu primo não parece nada gentil, não acha?

-- Muito trabalho e pouco descanso, Anabelle. Isso afeta a percepção de qualquer um. – desconversou. -- E você, como está? – perguntou ele. Mudando o foco da conversa.

-- Eu, estou bem. – disse nada contente com a mudança de conversa. – Voltei para a Itália. E agora para ficar. Pretendo retomar algo meu de volta. Tenha certeza! – disse. Fitando Aleico. Toda confiante.

-- Desejo-lhe... Toda a sorte do mundo. Vai precisar! – Lúcio falou. Paciente. O que a irritou. Grandemente.

-- Sempre consigo o que quero Lúcio. – revidou ela. – Quando quero uma coisa, a consigo! – declarou. Soberba.

Aleico e Lúcio. Entreolharam-se. Alertas.

Rhane viu quando Anabelle chegou. Sabia que era bonita. Mas, nada a preparou para o que viu diante de seus olhos. A mulher era o sonho de beleza de qualquer homem! Alta, loura. Esbelta. Glamourosa. Uma verdadeira... Top Model! Sua entrada causou certo “frisson”, em todos os presentes. Cabeças viravam para apreciá-la. E ela, percebia. Orgulhosa. Exibia-se. Tornou-se o centro das atenções. Rhane viu que ela, não aceitaria menos. Sua arrogância e egoísmo. Não permitia. Pobre coitada! Um dia iria envelhecer como todo mundo! Pensou ela.

-- Obrigada pela dança, Vlado.

-- O prazer foi meu, Rhane. – disse ele. A beijando na face. Amável. – Vou estar na cidade por mais uns dias. Podemos nos ver de novo?

-- Vou embora, amanhã... – anunciou.

-- Que pena! Queria muito vê-la, de novo... Tem alguém? – Vlado quis saber. Olhando na direção

de Aleico e Lúcio.

Rhane acompanhou o seu olhar. Anabelle, e o seu acompanhante conversavam com os dois. Ela parecia ter olhos somente para Aleico. Fitava-o, embevecida. Odiou-a. Principalmente, por ter sido ela, o motivo de sua discussão naquela tarde com Aleico.

-- Sim... Estou com uma pessoa. – confirmou.

-- Seu envolvimento. É sério? – perguntou, ele. Mantendo os olhos na mesma direção.

-- É, para mim. – revelou, ela.

-- Qual dos dois? – quis saber curioso. Voltando a fitá-la.

-- O que o faz pensar, assim? – retribuiu, ela. Astuta.

Vlados riu.

-- Garota esperta! – demandou, ele. Brincalhão. Ela riu. – Talvez, pelos os olhares de águia de dele. Cuidando da presa... Minha aposta vai para o próprio! – questionou.

-- Quem? – quis saber ela. Alerta.

-- Aleico Domenacci. Acertei? – deduziu ele. Com uma piscadela travessa.

-- Vai me comprometer, com ele? – Raí, quis saber. Acusadora.

-- Muito bom... Será uma excelente executiva. Sem dúvida. – Vlados, a elogiou. Admirado. Com o seu jeito meigo e esperto. Fugiu do assunto. O virando contra ele. Bom, muito bom! – Vou dar um conselho de amigo. Ok? Tenha cuidado com, Anabelle... É uma bela de uma víbora! – avisou.

-- Ok... Entendi. – agradeceu.

Enquanto conversavam se dirigiam onde estavam Aleico, e os demais.

-- Domenacci. – Vlados, os cumprimentou. – Anabelle... Bonelli. – recebendo os cumprimentos de volta.

-- Vlados... Como está? -- disse Anabelle. Toda amável. – Sua namorada? – quis saber. Olhando-a, com desdém.

-- Muito bem, Anabelle. – a respondeu. Pouco a vontade. – Rhane, não é minha namorada. Somos amigos. Nos conhecemos através de sua mãe... Na Grecia, há alguns anos. Helen, é chef de cuisine. E trabalhou um verão conosco, lá. – forneceu, ele. E olhando para Aleico. -- Ela está com os Domenacci. – esclareceu.

-- Oh, você é a enteada de Domenico? – quis saber. Tentando ocultar sua surpresa. Com um sorriso falsamente dócil nos lábios. – A garota de meu irmão Felipe! – exclamou feliz. – Nossa! Queria muito conhecê-la. Felipe, fala muito de você... Cara mia. – a bajulou. Deixando a todos surpresos. – Desta vez... Acho que Felipe, sossega. Não acha Aleico?

-- Digo o mesmo por conhecê-la, Anabelle. – disse Rhane. Precavida. – E não sou a garota de Felipe. – Rhane disse. Cortando-o. Evitando assim, que ele respondesse a pergunta dela. – Trabalhamos juntos algumas vezes. Só isso. – a informou. – Seu irmão, é uma ótima pessoa. E um excelente profissional. Somos amigos. Não existe nada mais, que isso. – foi áspera.

Viu as feições de Anabelle, se contrair com sua negativa. Que ela disfarçou com um pedido de desculpa. Forçado.

-- Oh, desculpe querida. Acho que compreendi erroneamente, meu irmão! – falou Anabelle. Deixando claro nas entrelinhas o quanto isso, iria... Custar-lhe.

-- Sem problemas. Isso acontece. – respondeu. Seguramente. Deixando claro. Recado dado. Recado compreendido. Sem se intimidar. Viu os olhos dela, anuviar-se. Furiosos.

-- Que bom! – exclamou ela. Novamente, toda meiga. – Oh, quero que conheça um amigo meu... Quer dizer, nosso! – virando-se, para o homem ao lado de Aleico.

Este a olhava. Da cabeça aos pés. Interessado. Era belo, como os demais. Admitiu, ela. Meu Deus! Parecia que todos os homens bonitos estavam realmente na Itália! Pensou.

-- Enzo... Essa é Rhane... Enteada de Domenico. – Anabelle, fez as apresentações. – Rhane... Enzo Bonelli. Um grande amigo nosso! – com uma ponta de ironia na voz.

-- É um prazer, signorina! – Enzo expressou. Deixando transparecer seu interesse nela.

-- Com vai, signor Bonelli. – aceitou o cumprimento dele. Receosa.

-- Enzo, por favor? – pediu ele. Gentil.

-- Com queira. – respondeu, ela. Um tanto sem jeito.

Aleico não gostou nem um pouco do comportamento de Anabelle. Sagaz. Parecia experimentar terreno. Desconfiada. Lembrou-se dela, o ter indagado. “Há outra mulher, não é?” Essas foram às palavras dela. E ele não respondeu. Silenciou-se. Aguçando-a. Arrependeu por isso. Droga! E agora tinha Enzo. Deixando claro seu interesse por sua piccola. Viu o constrangimento dela, diante dos olhos gulosos do homem. Enzo era tão experiente quanto ele na arte do sexo. Conhecia uma mulher inexperiente de longe. E gostava disso. Diferente dele que fugia delas. Rhane, era a sua primeira. E única!

-- Venha, vamos dançar. – Aleico, pegou sua mão. A levando para a pista.

-- Oh, que alívio! – exclamou ela. Abraçando-o. Acompanhando o embalo da música. -- Quase pedi para Vlado me levar, com ele.

-- Está brincando, não é? Vlado, é tão safado quanto Enzo! – resmungou, ele. Descontente.

-- E eu, conheço Vlado. Confiaria nele! E depois... Você. Era como eles. – o acusou.

-- Era, não sou mais! – replicou sem graça. Acariciando-a. Apalpou as nádegas, dela.. Discretamente.

-- Que ótimo! Oh, eu... – parou, repentinamente. Estremeceu-se com as mãos dele, que descia em suas costas e nádegas. Seus seios enrijeceram. Arrepiada e excitada. Sentiu suas entranhas em chamas. Seu sexo latejar. Sua calcinha umedecer. – Eu... Eu... – gaguejou.

-- Algum problema, amore? – sussurrou, ao ouvido dela. Provocador. Deliciado, com a reação dela. Conduziu-a na pista de dança. Lentamente.

-- Sim... Um grande... Deus! – gemeu excitada. Sentiu um orgasmo tomar o âmago de sua feminilidade. Enrijeceu-se toda. – Acho que devemos ir.. Embora. Podemos? – pediu angustiada.

-- Quer ir embora? – perguntou. Cinicamente. Acariciando-a. – Agora? Tem certeza?

-- Tenho. E você sabe muito bem por que? Não se faça de bobo! – reclamou ela. Agoniada.

-- Então, vamos. – disse, ele. Desvencilhou-se dela, abrindo a porta. – Damas excitadas... Primeiro. – falou, malicioso.

Rhane olhou a porta aberta. Surpresa. Sem ela notar, ele a conduziu para a saída enquanto dançavam. Discretamente.

Entraram na limusine. Rapidamente.

-- Lúcio... Não o avisamos. – lembrou, ela.

-- Não se preocupe. Ele sabe se virar. – falou. Sentando no lado oposto dela.

Rhane levantou para se sentar com ele.

-- Não. Fique aí? – Aleico pediu. Impedindo-a. – Quero fazer o que todos os homens, fizeram esta noite... Apreciá-la! – olhando-a, desejoso. Sua libido a mil! Aquele vestido vermelho mexeu com ele a noite toda. O deixando. Oras, furioso. Oras, encantado. Se a sua intenção era provocá-lo. Consegui! Nunca senti tanto ciúmes. E com tanto desejo ao mesmo tempo. – Nunca mais me provoque assim, Rhane. Não vou aceitar. acredite.

Rhane compreendeu. Perfeitamente. Ele, a excitou. Propositalmente. Em paga por tê-lo provocado com aquele vestido. Que sabia ser escandaloso. Envergonhou-se. E se irritou ao mesmo tempo.

-- Excitou-me, de propósito. Não é? – quis saber com raiva.

Ele a olhou. Sério. E não respondeu.

O silêncio os tomou. Rhane, se incomodou. Fora sua culpa. Não devia ter comprado aquele vestido. Isabella, a avisou. Arrependida. Levantou. E foi sentar ao lado dele. Ele a puxou rapidamente para o colo. A beijando com paixão. Ávido. Ela, se abandonou. Rendida aos seus beijos. E suas carícias. Apaixonada.

-- Eu te amo, tanto! – confessou, ela. Cheia de paixão.

-- Eu também, amore! – Aleico, disse. Com voz rouca.

-- Nunca mais faço isso, prometo! Sinto tanto...

-- Shii... Tudo bem! – falou, ele. Impedindo-a.

Ao entrarem no hall da cobertura. Ele tirou o seu vestido. Rasgando-o. Todo. Nunca odiou e amou tanto uma roupa como aquele vestido. Sentiu-a tirar sua a camisa. Beijando o seu corpo. Ardorosa. Levou-a para o sofá. Chegaram nus, ao sofá.

Sentou com ela no sofá. Ajeitando-a. A colocando de pernas abertas, sobre o colo. Beijando-a. Ela pegou a mão dele, a levou para sua feminilidade. Estava umidíssima. Ele introduziu os dedos dentro dela. Prazeroso.

-- Dio Mio! Que delícia... Como está molhada! – clamou, ele. Tocando-a com força. Entrando e saindo dela. Com os dedos. Excitado.

-- Estou assim.. Por culpa, sua! – reclamou ela. Deliciada. Ajeitando-se no colo dele. Excitada. – Quero montá-lo? – pediu. Acariciando o seu pênis. Sólido. Ereto. Sentindo o pulsar em suas mãos. Ele arfou. Sôfrego.

-- Rhane... Espere, um pouco. – pediu ele, num gemido. Delirante.

-- Não quero esperar.. Quero agora?! – suplicou, ela. Excitadíssima.

Aleico esticou a mão livre. Alcançando o terno no chão. O puxou para cima. Buscando por algo no bolso. Desesperado.

-- Dio! Onde está... Droga! – replicou. Gemeu novamente. Ela o beijava nos ombros. Mordiscava os mamilos. Deslizava as mãos ao longo de seu pênis. Tormentando-o. Perdeu-se todo. – Oh, amore... Pare! Deixe-me...

-- Deixá-lo fazer o quê? Excitou-me, a ponto de me fazer gozar.. Enquanto dançávamos! – replicou ela. -- Eu o quero. E agora?

Aleico adorou senti-la toda excitada. Úmida e deliciosa. Como gostava. Precisava encontrar as alianças. As colocou no bolso antes de sair. Droga! Onde foram parar?

-- Encontrei. Graças a Deus! – exclamou em inglês, ao encontrá-las. Todo feliz.

Rhane parou. Fitando-o. Intrigada.

-- Encontrou o quê? – quis saber. Nada feliz. O corpo freminho. Suplicando para ser saciado. – Aleico, quero fazer amor? Penetre-me? – suplicou.

-- Vou fazer isso, Rhane. Vou levá-la ao ápice do prazer. Tenha certeza! – disse jubiloso. – Agora quero fazer algo muito importante... Casa comigo? – pediu ele. Repentinamente. Contendo as mãos dela em seu corpo.

Ela o olhou assustada. Então, viu na mão dele uma caixa de joias. Que ele abriu. Revelando um par de alianças. Lindíssimas! Sentiu os olhos marejados.

-- Oh, Aleico... Está falando sério? – quis saber. Trêmula. O coração batia loucamente. Sentiu o ar em seus pulmões, rarear. Encalorou-se. Os seus sentidos se confundiram, em um turbilhão de emoções. Deixando-a, atordoada.

-- Muito! Quer. Casar. Comigo? – repetiu ele, palavra por palavra. Apaixonado. – Não vou aceitar um, não... Como resposta! – respondeu por ela. Pegou a mão direita dela. Colocou no dedo anelar direito a aliança. A Beijou. – Sua vez? – estendeu a mão direita.

Rhane pegou a aliança com mãos tremulas. Com lágrimas caindo dos olhos. Tremia tanto que teve dificuldade de colocá-la. Ele, a ajudou. Ela fez o mesmo. Beijou a aliança no dedo dele. Olhou-o nos olhos. Brilhavam felizes. E excitados. O beijou na boca. Prazerosamente.

-- Amo você! “Você é para mim, o ar que respiro. Sem você... Não quero viver!” – declarou ela. Não contendo as lágrimas que teimavam em cair.

-- Amarla per tutta la vita! – declarou ele, em italiano. Com paixão. Beijando as faces molhada, dela. Secando-as. – “Amarei-a, por toda minha vida”! – falou em inglês. Retribuindo o beijo dela. Colocou os dedos, novamente dentro dela. Umedeceu-os. Retirou. Lubrificou o próprio sexo. E penetrou-a. Fortemente.

O prazer que os tomou foi avassalador. Um êxtase fortíssimo, os levou ao orgasmo em segundos. Saciados. Aninharam-se, um ao outro. Felizes.

-- É linda! – Ela falou. Apreciando a aliança em seu dedo. -- Tem suas iniciais... – disse, contornando as letras. Acompanhou a forma. Duas fileiras de diamantes circundava o aro. – Oh, como vamos fazer? Alguém vai reparar! – exclamou preocupada.

-- Use-a, assim? – falou ele. Virando as iniciais do nome dele, para dentro da mão dela. – Ninguém vai perceber. Entendeu? Só até o casamento. Está bem?

-- Está bem. – concordou ela. Temerosa.

-- Ei, não se preocupe. Ninguém vai perceber. A sua, não é igual às outras. – explicou ele.

-- Como assim?

-- Todas as alianças das mulheres de minha família são iguais. Como as dos homens, também! A minha... – mostrou-a, para ela. – Continua igual. E vou usá-la junto com meu anel de formatura. Agora a sua, coloquei os diamantes...

-- Por quê?

-- Os diamantes são eternos, Rhane. Você. É eterna para mim! – falou, a beijando. Meigo.

Rhane pegou a mão dele. Contornando a aliança em seu dedo. Era larga. Em ouro branco e amarelo. Toda trabalhada. Entre as iniciais dele. Tinha um R. Formando, AxRD. Olhou para ele, indagadora.

Ele riu.

-- Aleico e Rhane Domenacci. – traduziu o significado. Beijando a própria aliança. – Gostou?

-- Muito! Quando mandou fazê-las? – quis saber. Curiosa.

-- Há duas semanas.

-- Duas semanas! Oh! – exclamou perplexa. Recobrada. Perguntou. – E se eu dissesse, não?

-- Disse que não aceitaria um "não", como resposta. Lembra? – recordou. A cobrindo com seu terno.

-- Hum-hum... – murmurou sonolenta. Aconchegando-se, ao corpo dele.

Quando entrou em sua cobertura. Lúcio tropeçou em um vestido vermelho. Ou melhor. O que foi um vestido vermelho. Pegou-o. E viu-se obrigado. A pegar sapatos, calça, camisa... Era só que faltava! Resmungou baixo. Dobrou tudo colocando sobre uma cadeira. Adentrando na sala. Estacou-se. Seu primo, e a dama de vermelho. Nus. Repousavam em seu sofá. Tranquilos. Na sua sala... Em seu sofá? Não, não viu isso! Francamente, não viu! Recobrou-se.

Aleico sentiu alguém lhe tocar ombro. Abriu um olho, vagarosamente. Sonolento. Deparou com olhos azuis. Que iam de zangados. Para zombeteiros e apreciador. Fitando-os. Lúcio! Reconheceu-o. Abriu os olhos. Assustado. Olhou para seu peito. Rhane dormia profundamente. Estava coberta. Meno Male! Graças a Deus! Ele, nem tanto. Olhou ao redor. Estava na sala. E no sofá. Voltou o olhar para o primo. Totalmente sem graça. Havia feito amor com Rhane, no sofá da sua sala. E, ele tinha todo o direito de estar zangado. Fez cara de quem pedia desculpa. E Lúcio, riu.

-- O sofá é confortável, concordo! – Lúcio sussurrou. – Mas, a cama... É melhor. – sugeriu, ele. Travesso. Contemplando a aliança em seu dedo. A tocou. E foi-se.

Aleico o esperou sair. Levantou com Rhane no colo. Foi para o quarto. Se aninhou, a ela. Dormindo novamente.

-- Buongiorno, amore. – ouviu-o, dizer em seu ouvido. – Acorde, Rhane.

-- Ainda, é cedo. – reclamou ela. Se cobrindo novamente.

Ele a olhou. Toda preguiçosa. Levantar cedo era algo que ela não gostava. E sabia disso. Ultimamente, parecia gostar menos ainda. Soube por Arela, que além de levantar mais tarde do que costumava. Estava se alimentando muito pouco. Notou que havia perdido peso. Estava mais irritada também. Preocupou-se.

-- Não, não é. – falou. Calmo. Descobriu-a. Beijando os ombros nus. – Temos que ir para Moscou. E você para casa, tesoro. – anunciou. Cuidadoso.

-- Moscou? – repetiu ela. Surpresa. Sentando na cama. – Não sabia que iriam para Moscou. Porque

não me disse?

-- Fiquei sabendo ontem quando Francesco, me ligou. – contou. -- Devia ter dito, ontem. Mas, a emoção do momento me impediu. E confesso. Não me lembrei de mais nada... Só, de amar você! – clamou. A beijando apaixonado.

Ao ouvir a declaração dele, se emocionou. Riu feliz. Amava-o. E como amava!

-- Ame-me, novamente? – pediu ela. A voz rouca de desejo. O assunto já esquecido.

E ele, a amou. Paixão e emoção. Dominando-os, completamente.

-- Buongiorno, Lúcio. – Aleico desejou.

-- Buongiorno, para você também. – demoveu, ele. Num muxoxo. – Tenho certeza que sua noite foi muito boa, não? – recriminou, ele. Com aparente tédio.

-- Tem todo o direito de estar aborrecido, Lúcio. É a sua casa. Sinto muito pelo acontecido. Foi mais forte que nós! – expressou com aparente volúpia na voz.

Lúcio o fitou. Sério. Era a primeira vez que via o primo falar sobre um relacionamento. Sem receios. E com entusiasmos. Nunca fazia comentários sobre seus envolvimento amorosos. Quer fosse bom, ou não. Com Rhane, era diferente. O homem estava vivendo para ela. E em função dela!

-- Não estou aborrecido com o que vi. Aleico. – Lúcio deu de ombros. Deixando claro que estava tudo bem, entre eles. -- Apesar, de não ter sido nada engraçado para mim. Entrar em minha casa. E recolher roupas e outras coisas mais. Esparramadas pelo chão... E encontrar meu primo, com a linda dama de vermelho. Nus. Em minha sala. No meu sofá! E eu, nem o experimentei ainda! – brincou.

-- Então, vai ter de experimentar. Posso afirmar que vai gostar. – Aleico falou. Malicioso.

-- Acho, um pouco difícil. Sem ofensas. Mesmo, que seja meu primo... – o fitou, sem jeito. -- Não durmo onde outro homem, dormiu. Não mesmo! – Lúcio respondeu. Nada a vontade. -- Também tenho os meus princípios. – disse com orgulho. – Acho que herdei um pouco do lado conservador e antiquado dos nossos velhos! – exclamou Lúcio. Coçando a cabeça. Avexado.

Aleico levantou dois dedos, assentindo em acordo.

-- Idem!

-- Outra coisa que também, sempre evitei. – observou Lúcio. – Foi nunca ir para cama com uma mulher, que já tenha dormido com outro Domenacci. Dio non voglio! Deus me livre! E sei que segue a mesma regra. Não é?

-- Sem sombra de dúvidas! – Aleico concordou. Plenamente.

-- Lógico, que quando a dispensar... Abro uma exceção, para Rhane. – declarou ele. Sincero.

Aleico cuspiu todo café de volta na xícara. Sujando todo o seu terno, e a camisa branca. Sentiu o sangue ferver em suas veias. Lúcio, não quis dizer aquilo. Ouviu demais. Tinha certeza. Ele viu a aliança em seu dedo. Sabia que nunca iria deixá-la. Onde ficava a droga de “Tenho os meus princípios”? Perguntou-se. Tentando controlar-se. Fitou o primo, atentamente. E viu um leve sorriso matreiro surgir no canto da boca dele. Estava testando-o. Zangou-se.

-- Sabe que odeio isso... Detesto este tipo de jogo, Lúcio. – disse zangado. – Se quer saber se tenho ciúmes dela. Sim, tenho. Demais. Além da conta... Satisfeito? – descarregou-se, ele. Com ar ofendido.

-- Perdono? Gostei da aliança. – disse com ar travesso. Diante do rompante do primo. – Vai ter que trocar de roupa, bonitão. – apontou, ele. Rindo divertido.

Aleico levantou raivoso. Queria poder dar um belo soco naquele rosto bonito. Iria se sentir muito feliz com isso. Ah, como iria!

-- Ah, Aleico... – Lúcio começou a falar. Fazendo o parar. E se virar. Indignado. – Sentir ciúmes, é bom. Apimenta o sexo! – revelou. Piscando maroto.

-- Oras, vai pro inferno!

Passou por Rhane, como um raio. Furioso.

-- O quê aconteceu? – perguntou ela, para Lúcio.

-- Derrubou café no terno. É muito azar, não? – falou com ar inocente.

Ela duvidou do ar inocente dele. Tinha certeza que algo aconteceu. E não era nada bom. Mas, resolveu não insistir no assunto.

Sentir ciúmes. É bom! Bom, uma ova! Aleico praguejou. Lembrou. Quando Felipe o procurou no dia anterior para entregar o arquivo que tinha dos projetos de Rhane. Contou o que ouviu. Ficou furioso. Ele a beijou. E na frente de Lúcio e Andrezzi. Propositalmente. Queria provocá-lo por tê-la tirado dele. A tomando na frente do seu primo. Sabia que amizade entre ele e Lúcio, era indiscutível. Mas seu primo, nem ao menos tocou no assunto. Não o informou. Por quê? Queria muito saber o que o levou não dizer nada. Bom, pelo menos Felipe foi honesto. Inocentando Rhane do ocorrido. Meno Male! Graças a Deus! Mas, se lembrou... Ela também não disse nada. Droga! Não estava gostando do rumo disso tudo. Pensou.

Chegando ao aeroporto particular onde um helicóptero a levaria para casa. Viu o jato particular da família dele, na pista. Aguardando-os. Lúcio, se despediu dela. E foi para o jato.

Aleico a acompanhou, até o helicóptero.

-- Porque, não posso ir com você? – quis saber ela. Frustrada.

-- Paolo... Esta é Rhane. – apresentou, ao piloto. – Rhane... Paolo.

-- Oi. – o cumprimentou, secamente.

-- Signorina... – Paolo, retribuiu o cumprimento. Educadamente. Ignorando a grosseria dela, com um sorriso maroto. Piscou-lhe.

Ela o ignorou. Fechando a cara.

Ele se voltou para aeronave. A preparando, para o voo.

Aleico riu. Sabia o quanto Paolo, era extrovertido.

-- Quero ir com você! – replicou, ela. Insistente.

-- Aprenda uma coisa, Rhane? – disse ele. Tomando o rosto dela. Entre as mãos. – Quando digo, não. É não! – foi taxativo. – E, depois precisa descansar...

-- Descansar! Não estou doente! – reclamou crítica. Interrompendo-o. – E posso fazer isso no hotel! – teimou.

-- Dio! Não vou levá-la comigo! Entenda isso? – pediu. Controlando-se. – Poderia ser menos teimosa, sabia?

-- Só que não sou... E não pretendo ser! – resmungou. Brava. Virando para entrar no helicóptero.

Aleico tinha certeza disso! Pensou. Puxando-a de volta, a beijou. Saboreando os lábios macios, dela..

Pega de surpresa. Não resistiu. Retribuindo o beijo saboroso dele.

Ouviu o motor da aeronave ser acionado.

-- Volto logo, está bem? – disse ele. A beijando novamente. Soltou-a.

Ela o abraçou novamente por baixo do terno.

-- Adoro seu cheiro. – aspirou-lhe o corpo. Prazerosa.

Aleico sentiu o corpo se arrepiar todo. Excitou-se.

-- Vá, precisa ir.. Volto logo. – repetiu.

Ela assentiu em silêncio. Ele a ajudou entrar. Dando-lhe instruções a respeito do uso do fone de ouvido. Fechou a porta. Afastando-se. Enquanto o helicóptero levantava voo.

Rhane, o viu encaminhar para o jato. Lentamente.

Concentrou-se na viagem. Logo, passou a relembrar os acontecimentos dos últimos dias. O pedido de casamento. O encontro com Anabelle. Suas dúvidas, e seus medos. A discussão dela, com ele... Sobre seus estudos. Suas atitudes, nada lógica. Onde estava com a cabeça? Afrontá-lo... Daquele jeito. Nunca mais agiria desta forma! Rodou a aliança no dedo. A observou. Ele, a amava. Ali, em seu dedo... Estava a prova. Beijou a aliança.

-- Também, te amo! – disse feliz.

Nossa! Como o mar é bonito visto do alto! Pensou. Paralisou-se. O mar? Perguntou-se. Porque estava vendo o mar? E não parreiras e mais parreiras de uvas? Olhou a sua volta. Vislumbrou uma pequena cidade nas encostas, ao longe. Falésias. Areias. Muitas casas ao longo da costa. Praias? Onde estava? Apavorou-se. Pegou o fone de ouvido.

-- Ei, como disse que se chamava? – perguntou. Toda apreensiva.

-- Paolo, signorina. – respondeu, ele.

-- Certo. Paolo poderia me dizer.. Porque, estou vendo o mar. E não plantações de uva? – quis saber. Receosa.

-- Porque estamos sobrevoando o mar, signorina. – respondeu, ele. Zombeteiro.

-- Isso, eu estou vendo! – reclamou ela. Ressabiada. – Essa, não é a rota para Merano. Tenho certeza!

-- Não, não é. – Paolo, confirmou.

Procurou o celular na bolsa. Achou. Ligou para Aleico. Deus! Seria um sequestro? Pensou apavorada.

-- Oh, Aleico... Atende, por favor?

-- Verificou a rede, Rhane? – Paolo, a orientou. A chamando pelo nome. Ela notou. – Geralmente, nesta área... Não costuma dar rede. Sinto muito! – informou, ele.

Ela olhou para o celular, desesperada. Sem área. Droga! E agora?

-- Olha, não sou tão importante assim! – avisou-o. Cautelosa. Acalme-se. Dizia para si mesma. Nada de desespero!

-- Não foi o que pareceu, cara mia. – disse ele. Com voz tranquila. -- A mim, pareceu ser muito importante para Aleico Domenacci! – esclareceu ele. Demonstrando interesse.

Ao pressentir o suposto o interesse dele. Ela gelou.

-- Mas, não sou. Pode acreditar! – procurou persuadi-lo.

Paolo riu. Com a tentativa dela, em persuadi-lo.

-- Não se preocupe Rhane. Onde irá ficar. Será muito bem tratada! – a informou. Sério. Pelo o espelho retrovisor pode ver o pânico tomá-la. Torcia as mãos. Apavorada. Dio! Aleico iria ficar uma fera com ele. Droga! Não imaginou que a garota fosse ficar tão apavorada. Resolveu contornar a situação. Ou, poderia esperar por um belo olho roxo, do amigo.

-- Olhando, a sua direita... Irá ver muitas casas de veraneio. Estamos na costa litorânea de Amalfi. – fingiu de guia turístico. -- Ficaré em uma delas... A família de Aleico tem uma Villa, aqui. Creio que saiba disso? – perguntou, ele.

-- Sim, claro. – confirmou. Procurando, se acalmar. -- Amalfi. É onde fica o resort. E onde será o casamento de minha mãe... Com Domenico? – disse ela. Com o fôlego curto.

-- Exatamente! E, Rhane... – chamou a atenção dela.

-- Sim. – olhou-o no espelho retrovisor. Ressabiada.

-- Não sou um sequestrador. Sinto muito, pelo mal entendido? Não foi minha intenção assustá-la! – foi sincero.

-- Tudo bem! Já compreendi que não é! – falou rindo. Sem graça. -- Posso fazer uma pergunta?

-- Claro.

-- É piloto mesmo?

-- Desde, que tinha 15 anos. Meu pai era piloto. Ensinou-me. – informou. -- Vamos pousar. – avisou, ele.

Ela olhou para fora. Avistou um homem. Parado. Olhando para cima. Stefan. Conheceu-o. Esperou a nave pousar. Soltou-se do cinto. Desceu. Abaixou-se evitando as hélices que ainda giravam. Paolo, também desceu. Ficou a observando.

Ela fez o mesmo. Além de bonito. Trajava um belo terno Armani, como Aleico... Sapatos de couro alemão. Cheirava-a perfume importado. Nossa! Seu olfato estava muito apurado, ultimamente! Que estranho? Pensou ela. Bom, que seja! Pilotos, não usavam aquele tipo de roupa. Tinha certeza. Ele, não era um!

-- Afinal, quem é você? Nunca vi um piloto... Usando Armani! – implicou.

-- Paolo Milani, piloto nas horas vagas... Ao seu dispor. – brincou ele.

-- Sério? É piloto nas horas vagas... Quer dizer. Não é sempre que pilota? – quis saber incrédula. -- Mas, disse que aprendeu com seu pai... Desde 15 anos. Mentiu para mim?

-- Não, não menti! Aprendi a pilotar com meu pai, aos 15 anos. – reafirmou. -- A companhia é minha, Rhane. – expos. -- Quando Aleico solicitou um helicóptero. O meu único piloto disponível, é jovem demais. Os demais estão ajudando combater um incêndio em uma reserva ambiental. Numa ação

solidária. Ao norte. – informou ele. -- Aleico ficou preocupado em confiar sua segurança ao meu piloto. Resolvi trazê-la, eu mesmo. – fitou-a. Apreciador. -- Entendo-o, perfeitamente! Mui bella!

-- Então, devo ser grata pela gentileza? – Brincou ela.

-- Bom, a única a receber este tipo de tratamento... É minha esposa! – falou todo extrovertido.

-- Oh, é casado! – chocou-se. -- E sempre olha desse jeito para outras mulheres? – quis saber. Repulsiva.

-- É linda, Rhane. Admito. – foi sincero. – Mas, não estou flertando com você. – expressou. -- É a garota de Aleico, meu amigo. Dio Mio! Nunca o vi tão feliz! – exclamou alegre. – Estão apaixonado um pelo outro. Percebi isso. – esclareceu. -- E, bella... Amo, minha esposa! Não flerto com outras mulheres. Sou fiel. E pode acreditar. Aleico, também será fiel a você!

-- Rhane, tudo bem? – Stefano, veio ao seu encontro. Interrompendo-os.

-- Sim. Tudo bem! – respondeu um tanto ansiosa. Sentia cada vez mais dificuldade em esconder seus sentimentos. Preocupou-se. Mas, viu sinceridade nas palavras de Paolo. Quando mencionou ser fiel á esposa. E sobre Aleico, ser fiel a ela.

-- Paolo, como vai? – Stefano, o cumprimentou. Amigável.

-- Vou indo, Stefano... – Paolo, retribuiu o cumprimento. Alegre.

Rhane deixou os dois conversando. Saindo em direção da bela casa. Térrea. Toda avarandada. Era linda. Toda branca. Janelas verdes. Um jardim maravilhoso tomava o enorme quintal. Um muro baixo divisava a margem do penhasco. Aproximou-se olhou para baixo. Nossa! Que vista linda! A vegetação nas encostas se misturava com as falésias, num contraste fabuloso! A areia branca. O azul do mar. Uau! Localizou ao lado uma escadaria que dava acesso a praia.

Viu Stefano, se despedir de Paolo. Vindo ao seu encontro.

-- Ele é um cara legal, Rhane... Às vezes, um pouco travesso.

-- Quem é ele, realmente?

-- Ele é o dono de uma companhia de aeronaves, agencias aéreas, hangares... Entre outras coisas. Só mais, um bilionário! Além, é claro... Amigo de Aleico. – explicou. Rindo.

-- O que foi?

-- Paolo, disse que você o confundiu com um sequestrador. Verdade? – Stefano, quis saber. Maroto.

-- Digamos que sim. Mas, tive meus motivos. – defendeu-se. Rindo. – E depois... Ele colaborou! – reclamou.

Ela contou o que aconteceu. E, os dois riram divertidos.

Os pais de Stefano, e de Aleico, também estavam na villa. E o nonno deles, também. Todos, já a aguardavam. Só ela não sabia de sua vinda para Amalfi. Queria saber o motivo de Aleico, não ter lhe dito?

Capitulo 9

Aleico adentrou no jato 40 minutos depois. Sendo logo interpelado por seu primo.

-- Onde estava? – Francesco quis saber. Ao vê-lo entrar. – Estamos esperando por você... Há mais, de 40 minutos! – o repreendeu. Severo.

-- Fui resolver algo... Pessoal. – falou vagamente. – Avise o comandante para irmos? – ordenou ele, a comissária.

-- Sim, senhor! – acatou, ela.

Logo o jato decolou.

Lúcio sentado a sua frente. Parecia pensativo. Ao seu lado Francesco. Observava-o. Atento. Incomodou-se. Detestava esse tipo de atenção.

-- Qual o problema, Francesco? – implicou ele.

-- Anda muito diferente ultimamente, Aleico. E confesso. Isso chamou a minha atenção. E dos nossos velhos, também! – comentou, ele. Discreto.

O comentário dele chamou a atenção de Lúcio. Que olhou para Aleico, com um leve franzir de cenho.

Francesco percebeu o ar cúmplice do irmão. Trocado com o primo. Intrigou-se. Fitou-os. Atento. Lúcio desviou o olhar. Olhando para fora do jato. Aleico passava as mãos nos cabelos. Incomodado. Os cabelos precisando de um bom corte. Foi outra coisa que chamou a atenção dos patriarcas. Quando jovem, ele usava os cabelos cumpridos e um brinco na orelha para demonstrar sua rebeldia. E viu que seu zio Geovane, parecia preocupado.

-- Problemas com seu cabeleireiro? – Francesco perguntou. Apontando o cabelo.

-- Problemas nenhum com meu cabeleireiro, Francesco! – respondeu impaciente. Tornando a passar as mãos nos cabelos. Os ajeitando.

Seu gesto prendeu a atenção do primo. Dando a ele a visão de sua orelha esquerda. Francesco automaticamente a tocou. Estupefato. Aleico, se retraiu ao seu toque.

-- Dio Santo! Voltou a usar brinco... Brinco. E cabelos sem corte! – disse. Reprovador. -- Uma combinação perfeita para aguçar ainda mais... A curiosidade dos velhos. Sabia?

Aleico riu. Rhane viu uma foto dele, com os cabelos cheios. Rebeldes. E gostou. O brinco também. E ele decidiu deixar os cabelos crescer. O brinco era uma surpresa para ela. Comprou-os, hoje. Quando a colocou no helicóptero. Ele voltou na joalheria. Foi mandar gravar a declaração dela, em sua aliança. Sentia feliz! Muito feliz!

-- Está apaixonado, Aleico? – perguntou Francesco. Repentinamente. Ao ver o seu semblante alegre. Curioso. Surpreendendo-o.

-- Acha que estou? – retornou ele. Retraído e enigmático.

Francesco, o fitou. O primo era uma pessoa difícil de decifrar. Principalmente quando retraído. Exatamente como estava agora! Mas o comportamento dele, nos últimos dias... Dizia tudo! Evitava viagens longas. Estava caseiro. E as voltas com a família. Algo interessante! A atenção dele com a enteada de Domenico. O intrigava. Grandemente. O fazendo tecer ideias ridículas! Preferiu o silêncio. Detestava opinar sobre a vida das pessoas.

-- Temos uma nova cláusula no novo contrato... Que precisa ser revida, Aleico. – desconversou ele. Mudando o assunto. Estendendo um contrato para ele, e outro para Lúcio. Percebendo o alívio dos dois, com a mudança de assunto. Relaxou.

Acompanhar Stefano, não foi uma boa ideia. O balanço da lancha com as ondas fortes. Enjoava-a. Rhane procurou disfarçar o máximo que pode. Não queria estragar o passeio. E depois queria ver o Resort.

-- O que achou? – Stefano, quis saber.

-- Gostei. O preservamento foi mantido... O local tem realmente uma vista maravilhosa. Totalmente diferente das fotos. O trabalho de vocês. É ótimo!

-- Procuramos sempre preservar o máximo da natureza, Rhane. – explicou ele. Alegre. – Para a nossa família... Isso é muito importante! E é esse o sucesso da companhia. Crescer, sem agredir!

-- Tenho certeza disso!

Voltaram conversando. Stefano contou sobre as férias que passavam ali, quando criança. Próximo ao píer. Parou. E mostrou para ela. Uma construção abaixo da villa da família dele. Era toda branca, como as demais. Janelas azuis. Toda avarandada. Uma piscina. Um píer particular. E junto deste, um iate. Novíssimo!

-- De quem é? – perguntou, ela.

-- Aleico, a comprou. – informou.

-- Sério?

-- Sim.

-- Oh, não sabia! – replicou. Aborrecida.

-- Desculpe, Rhane. Pensei que soubesse. – disse Stefano. Chateado.

-- Aleico, sabe que estou aqui?

-- Claro.

-- Porque, não disse nada sobre a casa... Bom, também não me falou da cobertura dele, em Milão! – resmungou. Alterada.

Desceram da lancha. Caminhavam em direção à praia. Absortos.

-- Quer ir lá? – Stefano perguntou. Repentino.

-- Quero.

-- Olha... Quanto à cobertura dele, em Milão. Foi certo da parte dele não ter levado você, para lá. – foi sincero.

-- Eu sei. – concordou, ela.

-- E a casa... Fechei o negócio, ontem. – explicou. – Talvez, seja por isso que não tenha dito nada. Já

falou com ele?

-- Não, não falei.

A casa estava praticamente vazia. Exceto por uma cama de casal na suíte principal. E a cozinha toda equipada. O restante precisava de mobília. Era enorme. Contou 25 cômodos ao todo. O jardim era soberbo. Adorou o lugar!

-- Gostou? – Stefano, quis saber. Ao ver a satisfação nos olhos dela.

-- Muito! É enorme... Puxa! Vai dar um trabalho danado para mobiliar tudo! – expressou sonhadora.

-- Achei que isso fosse diversão para as mulheres. – brincou.

-- Nem sempre! Tenho ajudado Suzane com a decoração da villa, a pedido de Aleico. Às vezes é estressante. Principalmente sem ter a opinião do dono. – reclamou, ela.

-- Bom, ele confia em você.

-- Acho que ele confia em Suzane, isso sim! – exclamou brejeira.

Stefano riu.

Deitada na areia da praia sob uma esteira. Ouvindo o barulho do mar. E sentindo o sol queimar suas costas. Estava sozinha. Resolveu soltar a tira do biquíni. Não viu problemas nisso! Enquanto isso, sua mente refletia. Era o quarto dia dela ali, em Amalfi. E o dia de seu aniversário. Recebeu os parabéns logo pela manhã... De Dom Gustavo, Dom Geovane, Dom Rafael. Depois foi a vez de Dona Elisa, Dona Daisy. Stefano também a parabenizou. Saindo logo a seguir para vistoriar a obra do Resort. Sua mãe, e sua Tia Karen. Ligaram para felicitá-la. Sua amiga Joane, também. E nada dele. Não ligou nem uma vez. Nem ao menos para saber dela! Enciumou-se. O que ele estaria fazendo em Moscou? Sozinho ou acompanhado? Porque não a levou com ele? Porque não contou que tinha comprado uma villa, em Amalfi. E totalmente vazia? A casa ainda podia relevar. Diante do que Stefano, falou. Poxa! Ele podia ter ligado para ela! E o que mais, ela não sabia... Sobre ele? Perguntava-se. Irritadíssima! Sentiu o corpo esfriar. Mas, estava no sol? Levantou a aba chapéu da cabeça. Olhou do lado. Tinha sol. Sorriu. Stefano. Só podia ser ele!

-- Agradeceria muito caso liberasse o sol, Stefano? – pediu ela. Rindo.

-- Não o vejo, por aqui. – ouviu a voz rouca de Aleico.

Ela virou rapidamente. Esquecida do biquíni solto. Os seios descobertos. Para o deleite dele. Vê-la deitada tomando sol, o excitou. Com os seios livres. E arfantes. O desequilibrou todo. Ela, o fitava. Extasiada. Saudosa. Procurando pelo o biquíni. Toda atrapalhada. Ele, se ajoelhou ao lado dela. E a impediu de se vestir. Tomou os seios nas mãos. Massageando-os. Desceu a boca e os sugou, com prazer. Ávido.

-- Alguém, pode ver-nos... – disse ela. Gemendo. Com a língua quente dele, circundando os seus mamilos. Deliciada.

-- Não tem ninguém. Já olhei. – avisou, ele. – Estou louco de saudade! – clamou, em êxtase.

-- Eu também! – sussurrou ela. Tocando-o. Sentindo a potente ereção dele. Vestido só com a calça do terno. Descalço. E sem camisa. Desceu o zíper. Tocou o membro dele, já úmido de desejo. – Oh, quero você dentro de mim. Agora? – pediu. O acariciando.

Aleico levantou, a tomando pela a mão. Saiu em direção das rochas. Encontrou um lugar. Sentou na rocha. E a puxou ao seu encontro. A abraçando. Beijou-a com prazer. Matando a saudade daqueles

lábios deliciosos. Aqueles quatro dias longe dela... Foi um inferno! Sentiu ela, liberar seu membro. E subir nele. Encaixando-se sobre ele. A penetrou com força. Violento. Sentindo-a toda molhada. Jubilou-se. E a estocou seguidamente. Forte. Fazendo-a ter um orgasmo. Latente e poderoso. Seu pênis era pressionado por sua vagina. Excitando-o. Seria rápido dessa vez. Não iria aguentar muito tempo. A saudade era demais. E estavam se arriscando.

-- Ah, tesoro... Vou gozar. – sussurrou, rouco. Em êxtase.

-- Goze, junto comigo... – gemeu ela. Sentindo-o latejar. E crescer, dentro dela.

Alcançaram o clímax juntos. Beijando-se com paixão. Ficaram abraçados sentindo os últimos espasmos de seus corpos. Saciados.

-- Foi tudo muito rápido, não é? – quis saber. Preocupado.

-- Vou cobrar por mais... Á noite. – brincou ela.

-- Vou esperar por isso. – assentiu ele. – É melhor sairmos, daqui... Venha.

Tomou-a pela mão. Entraram no mar. Ele, a ajudou se higienizar. Depois nadaram, e brincaram. Como duas crianças. Felizes.

Do alto do penhasco eram observados por Dom Gustavo. Que os viram no ato do prazer. Saciando-se. Sentiu estarrecido diante do que viu. Dio Santo! Quanta loucura! Exclamou ele. Desconfiava há dias sobre haver algo, entre os dois. Mas, nada assim! Não comentou com ninguém sua desconfiança. E nem comentaria. Conversaria com o neto primeiro. Pensou. Entre chocado e confuso.

-- Madonna mia! Impazito! Que loucura! – exclamou Dom Gustavo.

-- Falando sozinho, papa? -- Dom Geovane. Indagou-o, preocupado. Juntando-se a ele. Olhando para a praia. Avistou o filho, e a bambina. Saindo do mar juntos de mãos dadas. De repente a viu se soltar dele. Olhando para o mar. Era Stefano. – Acha que existe alguma coisa entre ela, e Stefano? – quis saber.

-- Talvez. – Dom Gustavo. Respondeu vagamente. Silencioso.

Dom Geovane, o olhou percebendo o seu ar sério. E sua resposta vaga. Estranhou-o.

Rhane recolhia suas coisas da praia colocando tudo na bolsa. Vestiu a saída de praia. E foi se juntar aos dois. Aleico, e Stefano conversavam sobre o Resort. Não podia ouvir o que falavam da onde estava. Estranhou ao ver Stefano, sair correndo escada acima. Desaparecendo-se.

-- O que aconteceu, com ele? – quis saber.

-- Algo, sobre um compromisso importante. -- disse Aleico. Dando de ombros. – Venha, vamos.

Ele seguiu em direção oposto a casa dos pais dele. Indo para casa que acabara de adquirir.

-- Vamos à sua casa?

-- Sim. Não fui lá ainda. Depois que a comprei! – disse com orgulho. Queria comprar aquela casa havia muito tempo. Tê-la adquirido era como um sonho. E dividi-la, com ela. Completava tudo!

-- Fui lá, com Stefano. – falou ela. Percebendo o tom orgulhoso dele.

-- Gostou?

-- Muito! É linda, enorme... Bem familiar. – sugeriu. -- E tem uma vista maravilhosa de Positano.

Fico imaginando como deve ser lindo ver o pôr do sol, da sacada... – divagou.

-- O pôr do sol, é? – a indagou. Gostou de ouvir isso. Muito.

-- Hum-hum. – assentiu, ela.

Pararam ao chegar à entrada da casa. A abraçou por trás. Beijando-lhe o pescoço.

-- Hum... Tem gosto do mar! – fazendo uma careta. Facera. – Prefere ver o pôr do sol, sozinha... Ou, acompanhada?

-- Acompanhada seria melhor, não acha?

-- Bem melhor! De preferência comigo, amando-a... Aceita?

-- Vou cobrar. – falou. Virou, o beijando gostoso na boca.

Entraram na casa. Olharam todos os cômodos. Reparando nos detalhes. Fizeram comentários sobre as disposições, e estilos das mobílias. E contatar uma pessoa para o trabalho. Ele, contou que Paolo, ligou avisando do episódio. O suposto sequestro.

-- Que sacana. – reclamou, ela. rindo.

-- Sim, ele é. – assentiu, ele. Também rindo. – Mas, é um cara legal. -- informou. Sério. – Bom... Vou ficar aqui esses dias para escolhermos a mobília, juntos. – falou, ele. Voltando ao assunto da villa. – Suzane, recomendou uma designer amiga dela, aqui de Positano. Creio que até o casamento. Muitos cômodos estejam prontos. O que acha?

-- Ótimo! Mas, ainda faltam alguns dias para o casamento. Vai ficar todos esses dias, aqui? Nada de trabalho? – o indagou. Duvidosa.

-- Não, claro que não. – riu ele, do tom duvidoso dela. – Vou ter que trabalhar em Milão. Por conta do novo contrato em Moscou. E tem também os novos investimentos na área de hotéis. Um helicóptero virá me buscar, todos os dias. E posso faltar um dia, ou dois... Visitou Positano?

-- Fui com Stefano. Mas, não fiz turismo. Caso seja isso que queira saber. – forneceu, ela.

-- E por que não?

-- Estava muito calor, me senti mal. Stefano, achou melhor voltarmos outro dia. – explicou.

Ele assentiu em acordo. A fitando preocupado.

-- Tem emagrecido muito esses dias, Rhane. Pode pensar que não notei. Mas, notei? Por isso não a levei para Moscou. Precisa descansar. E se alimentar melhor. – disse com voz severa. – Arela, me alertou...

Ouviram barulho de motor de carro chegando. E alguém batendo na porta levemente. Interrompendo-os.

-- São os entregadores. – Ele falou. Indo abrir a porta da frente da casa. – Buongiorno. Entre. – ouviu-o, dizer.

Os homens entraram cumprimentaram-na. E seguraram-no, casa adentro. Rhane foi ver o que estava acontecendo. Os encontrou, no quarto ao lado da suíte principal.

-- Comprou uma cama? – quis saber ela. Curiosa.

-- Um colchão, também! – brincou ele. Arrancando risos dos entregadores. E dela também.

-- Estou vendo seu bobo. – falou, ela. Divertida. – Só não entendi. O por quê? Vamos ficar aqui?

-- Sim. Por isso, a cama. Entendeu?

Sim, ela entendeu. Perfeitamente.

-- E acha que seus pais, vão concordar?

-- Se tem uma coisa que minha família aprendeu quando me tornei dono de mim mesmo. Foi não questionar minhas atitudes, Rhane. – expressou com arrogância. Decidido. A Deixando assustada. Há dias não via o se portar, assim. Altivo. Dominador. -- Já os avisei que vamos ficar aqui. Portanto, não precisa ficar preocupada. Suas coisas. E as minhas, serão enviadas para cá. – avisou-a. Olhando para relógio. Falou algo com os homens em italiano. Eles assentiram. Os agradeceu. – Vamos. O almoço, já deve estar pronto.

Pegou-a pela mão. Conduzindo para entrada principal da casa. Ao abrir a porta para ela. Raí, se estacou. Surpresa. Lúcio e Stefano, seguravam uma faixa onde se lia. “Feliz aniversário. Rhane”. Deixaram a faixa cair. Lentamente. Revelando uma Ferrari amarela, envolta em um grande laço vermelho. Surpreendida. Ela, se emudeceu. As emoções permeava seu rosto. Dividida, entre rir ou chorar. E ela, fez os dois. Chorou e riu, ao mesmo tempo. Não sabia ir ao encontro dos irmãos. Abraçá-los. Ou, do homem ao seu lado. Sua mão tremia, entre a dele. Aleico sentiu toda a emoção que tomava o corpo dela, através de sua mão. Ela o abraçou. O beijando. As lágrimas, caindo aos borbotões.

-- Pensei... Que tinha esquecido... -- gaguejou, tentando recuperar a fala. -- Oh, te amo tanto!

-- Parabéns, amore! Que esse seja o primeiro de muitos outros aniversários, que passamos juntos. Também, te amo! – desejou. Beijando-a. Levemente nos lábios.

Recebeu beijos e abraços dos irmãos. Retribuiu feliz.

-- Não vai abrir seu presente? – Aleico, a indagou.

-- É meu, mesmo? Sério? – quis saber. A ansiedade, a tomando.

Ela correu até o carro. Desfazendo o laço. A felicidade, tomando-a. O olhou todo. admirada. Encantada. Arregalou os olhos surpresa. Ao constatar que era uma Ferrari maranelo. Top de linha da categoria. Virou para, eles. Sem fôlego.

-- É... Uma... Maranello. Deram-me, uma... Maranello! – exclamou. Radiante.

Lúcio e Stefano. Apontaram na direção de Aleico. E ela entendeu que o presente era só dele. Só dele! Olhou para ele. Um olhar cheio de emoção. Apaixonado.

Aleico em pé ao lado dos primos. Com as mãos nos bolsos da calça. A fitava. Vê-la tomada de felicidade. Mexeu com ele, profundamente. Olhar aquele rostinho amado banhado de lágrimas de felicidade. Era muito para ele. Sentir aqueles olhos negros fixos nele. Cheios de paixão. Amando-o. Era o máximo que seu coração podia suportar! Amava-a, demais!

Correu para os braços dele que a recebeu com carinho. A abraçando. Aninhou-se neles. Feliz.

-- Queria poder beijá-lo... Não suporto mais ficar assim! – fungou. Triste.

-- Eu sei. – assentiu ele. A apertando forte junto ao peito. Beijou-lhe o alto da cabeça. Carinhoso. – Faltam poucos dias, tesoro. Só, alguns dias. E todos vão saber sobre nós. Está bem?

- Ok.

-- Vamos almoçar. – falou ele, colocando a chave nas mãos dela. – Você dirige.

-- Tem certeza?

-- Absoluta. O carro é seu!

Ela acionou o motor da Ferrari através da chave em suas mãos, antes de entrar nela. Acelerou-a. Apertou outro botão. Que automaticamente abriu as portas. Queria sentir a sensação de como era possuir uma máquina daquela.

-- Uau, sempre quis fazer isso! – vibrou ela, feliz. Correndo para o carro.

Aleico sorriu. E a acompanhou. Viu Lúcio entrando na Ferrari de Stefano. Tomando o rumo da villa da família deles.

-- Acha que devo acompanhá-los? – brincou ela. Engatando a marcha. Colocou o carro em movimento.

-- Seria uma boa ideia. – assentiu.

Quando chegaram. Havia vários carros estacionados em frente da casa. Ela o olhou curiosa. E desconfiada. Ele parecia descontraído. Inocente. Mas, sabia ser puro fingimento. Ele a fez pensar... Que havia esquecido seu aniversário. Chateou-se. Desligou o carro. Ele pegou na maçaneta para sair. Ela travou a porta. Aleico a olhou. Indagador. Ela fitava um ponto a sua frente. Séria. Então, deu um suspiro relaxado.

-- Porque me fez pensar que havia esquecido meu aniversário? – quis saber. Nada compreensiva.

E ele percebeu. Demorou um pouco para responder. Notou que ele, procurava por uma resposta conducente. E isso a irritou. Grandemente.

-- Está difícil de encontrar a resposta? – implicou ela. Azeda.

-- Ultimamente procuro escolher bem minhas respostas às suas perguntas, Rhane. – explicou precavido. – Anda muito irritada de uns dias para cá. – dizia. – E sempre distorcendo tudo o que respondo. Imaginando coisas onde não existem. – observou ele.

-- Não faço isso. Distorço suas respostas! – replicou ela. – E não ando irritada coisa nenhuma! – resmungou.

-- Não importa. – disse ele, cortando o assunto. Vendo a irritação estampada na face dela. Preocupou-se. – A festa foi ideia de minha mãe. E minha tia, a ajudou. – a informou. – Sei que não queria uma festa. A avisei. Mas, infelizmente não me ouviu. Estávamos em Milão, quando ela me ligou...

-- Oh! Não percebi nada todos esses dias que estou aqui! – exclamou ela. Interrompendo-o. Atônita.

-- Bom, não seria uma festa surpresa. Caso percebesse, não é?

-- Então, foi por isso que me mandou para cá? Sem me avisar? – quis saber. Um tanto hesitante.

-- Sim. -- riu. Mediante o ar hesitante, dela. – Surpresa em todos os sentidos. Lembro que quando mencionei nossa villa, aqui. Quis conhecê-la. Não gostou?

-- Gostei lógico. – respondeu pensativa. – Por isso sua mãe, e sua tia... Andavam um tanto, estranhas. Percebi. Mas, pensei que fosse por causa do casamento. São tantas coisas para resolver. Nossa! Nunca imaginei algo assim! – exclamou. Surpresa.

-- E então, estou perdoado? – Aleico, a indagou. Delicadamente.

-- Por isso, sim. – respondeu ela. Sensata.

-- Ótimo! – Aleico esticou o braço pegou a chave da mão dela. E destravou o carro. Saindo. Deu a volta no carro. Abriu a porta do motorista. Estendeu a mão. -- Venha. Temos uma festa a nossa espera.

Rhane pegou a mão dele. Deram dois passos. E ela parou.

Ele olhou. Ressabiado.

-- O que foi?

-- Acha mesmo que ando muito irritada? – quis saber. Temerosa.

-- Não importa, está bem? – falou ele. Continuando a andar. Puxando-a.

-- Importa para mim. – replicou ela. Estacando-se. O que o fez parar também devido o tranco em seu braço. O deixando injuriado. -- Não quero que pense que sou uma destas mulheres neuróticas, e desequilibrada! – replicou. Sem perceber sua aparente irritação. Mas, ele percebeu.

-- Não disse que era... Disse? – perguntou com certa cautela. -- Dio Santo. Quer me matar! – reclamou. Alongando o braço.

-- Não, não disse. – respondeu ela. O ignorando. – Mas, falou que procura escolher as respostas para as minhas perguntas. O que dá na mesma para mim! – retaliou.

-- Ultimamente. Foi que eu, disse. E ‘não sempre’, Rhane. – corrigiu-a. Aborrecido. – Vamos entrar..

-- Sei que sou um pouco impulsiva... Às vezes. – ombreou. -- Mas, não sou neurótica! – defendeu-se. – Mas, sou ciumenta... – admitiu baixinho, sem graça.

Aleico. a olhou de soslaio. Precavido.

-- Olha, vamos fazer o seguinte. Conversamos á noite. Estão nos esperando. É a sua festa. Certo?

-- Sempre fala isso. E nunca cumpre! – protestou ela.

-- Per amor di Dio! Pelo o amor de Deus! Não queira aborrecer minha mãe, com seus chiliques! – exclamou ele. Perdendo a calma. Arrependendo logo a seguir. Tinha certeza que ela iria interpretar erroneamente, suas palavras. Droga!

Chiliques! Ele. a acusou de estar tendo, um.. Chilique! Quem ele pensava que era? Pensou furiosa. Não, e não. Aquilo foi á gota d’água, para ela. Contou até dez. Lentamente. Inspirou, e aspirou o ar para os pulmões. Calmamente. Jamais iria aborrecer Dona Elisa. Seria eternamente grata a ela, por lhe fazer uma festa surpresa. Que sabia ter sido preparada com carinho. E não por obrigação. O fitou. Adotou um ar sereno no rosto. Decidida. Nunca mais iria dar motivo para ele, chamá-la de neurótica! Nunca mais!

Aleico sabia que aquele ar sereno adotado por ela. Era pura mentira. Relevou. Não queria ver sua mãe chateada. E estava grato por ela levar isso em consideração. O problema seria depois? Que inferno! As constantes mudanças de personalidades dela. O deixava maluco! Dio! O que estava acontecendo? Estava doente? Perguntou-se. E se estivesse? Como iria abordá-la, a respeito? Perturbou-se.

-- Para seu governo nunca iria aborrecer sua mãe. Eu, a adoro! – desferiu, ela. Batendo com o polegar no peito dele. Virou-lhe as costas se encaminhando para dentro da casa. Rapidamente. Trombou com Lúcio que vinha saindo. Com ar preocupado.

-- Opa! – exclamou ele. A segurando. – Tudo bem?

-- Tudo ótimo! – soltou-se dele. E entrou. Toda altiva.

Deixando Lúcio confuso e intrigado. Tinha certeza que ouvira ela e Aleico, gritando um com outro. Aliás, o tom alterado deles. Chamou a atenção de todos.

-- Dio! Dava para ouvir os gritos, lá dentro. O que está acontecendo? – quis saber ele. Aturdido.

-- Nem eu, sei. – Aleico lastimou. – Rhane, anda tão estranha... Irritada. Mal conseguimos trocar duas palavras, sem brigarmos. – falou com voz angustiada. – Arela, me contou que mal se alimenta, quando não estou por perto... E isso está me deixando preocupado.

-- Bom, que emagreceu... Isso percebi. – Lúcio comentou. – Talvez seja muito trabalho. O clima quente. Londres é frio. Dê um descanso para ela. Aproveite esses dias aqui, com ela. Posso muito bem tomar conta do grupo, Aleico.

-- Tem certeza? Não quero sobrecarregá-lo. Tem sua vida, Lúcio. – ponderou, ele.

-- Não se preocupe. Não estou saindo com ninguém no momento. Caso refira a mulher do outro dia. Foi, só sexo. Casual. E sem compromisso. Ainda, sou humano. – brincou ele.

-- E pensar que outrora achava a mesma coisa. – disse. Incrédulo. -- Para mim.. Sexo. Era sexo. E nada mais. Dio mio! -- exclamou chocado.

Lúcio gargalhou. Ao ver a cara chocada do primo diante da descoberta.

-- É. Fazer amor.. E fazer sexo... Quanta diferença, si? – Lúcio comentou. Impassível.

-- É. – Aleico concordou sem jeito. Sabia que seu primo conhecia a diferença. Entre fazer sexo, e fazer amor! E Dio! A diferença era enorme! Fazer amor era a coisa mais deliciosa do mundo! – Acho, melhor entrarmos.

Lúcio concordou.

A festa foi maravilhosa. Rhane soube disfarçar muito bem toda sua tensão diante da discussão com Aleico. Sentiu que a família dele percebeu, ou ouviu algo. Mas, ninguém fez nenhum comentário a respeito. A educação deles não permitia. E também temiam, e respeitavam Aleico. Todos, eram dominados por ele. E sabia muito bem disso.

-- Obrigada, Dona Elisa. – falou, a abraçando. Feliz. Ao adentrar na sala foi recebida com salva de palmas. E todos, cantando parabéns para ela. Foi emocionante! – Não achei que todos viriam!

-- Carissima, todos tem que vir. É uma ordem. Além, é claro. Uma obrigação. – manifestou, ela.

Rhane riu. Lembrando que participar das reuniões familiares, era obrigatório. Dom Geovane, não aceitava desculpas mal dadas. E exigia a presença de todos. Nem seu futuro padrasto era perdoado. Domenico, sempre vinha de Londres para as reuniões quando estas eram muito importantes. E muitas das vezes sua mãe, o acompanhou. Os presentes ganhos, foram muitos. Também preciosos, e caros. O que a deixou, um tanto desconfortável.

-- Não devia ficar desconfortável assim, Rhane. – caçoou Daena. – O presente mais caro foi de zio Aleico. – falou, olhando para ele. – Deu uma Ferrari para, ela. Inacreditável! – exclamou perplexa.

Chamando a atenção de todos. Causando um grande alvoroço, entre eles. As opiniões eram divergentes. Mas, nem todos quiseram opinar. Preferiu ignorar o assunto. Foi o caso de Stefano e Lúcio. Observou que Dom Gustavo, Dom Geovane, e Dom Rafael, e as referidas esposas, também. Ouviam atentos. Quietos. Rhane se sentiu coagida. Não sabia como amenizar a situação. Aleico olhava a tudo. Implacável. Silencioso. Fez sinal para ela sentar. O que ela, fez rapidamente. Aquele

assunto, a deixou nervosa. Zonza. Achou melhor mesmo, se sentar!

Viu-o, sentar-se. Cruzar as pernas elegantemente. O braço esquerdo sobre o joelho. E a mão apoiada no queixo. Visivelmente tranquilo. Apreciando o burburinho de voz. Onde ele, era foco do assunto. Atento.

Ouviu quando ele limpou a garganta chamando a atenção de todos. O ti-ti-ti... Foi finito! O que ela achou incrível. Semblantes surpresos, e arrependidos. Olharam-no. Apreensivos. Chocados.

-- Em primeiro lugar quero deixar uma coisa bem clara, aqui. – encarando a sobrinha. Sua voz era fria. E exprimia prepotência. Seu olhar era ameaçador. Que dizia “não abuse da sorte, mocinha”. -- É a segunda vez que opina em minha vida, Daena. E espero que seja a última. – repreendeu. Enérgico. – Cuide de sua filha, Álvaro. – se dirigiu, ao cunhado. – Ou, serei obrigado dar lhe umas boas palmadas... Da próxima vez.

Rhane viu o semblante de Álvaro, se contrair indignado. Com o comportamento abusivo da filha. A irmã dele, Tânia, parecia chocada. Magoada. Não soube identificar, ser pelo comportamento da filha. Ou, pela repreensão do irmão.

-- Segundo. Minha vida particular. Só diz respeito, a mim. – disse, se dirigindo a todos. – Terceiro. Sim. Dei uma Ferrari de presente para, Rhane. Como sempre presenteei, todos da família. E ela. É da família. – a lembrou. E todos, assentiram em acordo. -- Seu último presente, Daena. Custou para mim, mais caro que esta Ferrari. – citou, ele. -- Você escolheu. Eu paguei. E pouco me importei com o valor. Era o que você, queria. E para mim... Estava ótimo! – recordou, ele. Amável.

Daena abriu e fechou a boca. Envergonhada. Olhou para Rhane, sem graça. Rhane, lhe deu um sorriso. Compreensivo. Com quem, quer dizer “gosto muito de você, e não ligo para o que disse.” Daena, se levantou foi até ela. E a abraçou. Grata, com a sua compreensão.

-- Perdono, Rhane. – disse baixinho. – Você, também é da família. – virou para o tio. – Sinto muito, zio. – e saiu da sala correndo. Aborrecida. Tânia saiu ao encontro da filha. Magoada.

Rhane pensou em ir também. Mas, foi barrada por Aleico.

-- Acho melhor, não. Minha irmã cuidará dela. Precisa de tempo para refletir um pouco. E parar de fazer besteiras. – falou ele, um tanto inquieto. – Não precisa se preocupar com minha irmã, Rhane. Tânia é uma mulher inteligente. Jamais verá você como uma inimiga. É isso que a incomoda, não é?

-- Sim. – concordou. Receosa. Surpresa com a percepção apurada, dele. – Gosto dela. Tê-la como inimiga não seria nada bom!

-- Não terá, acredite.

-- Aleico posso falar com você?

-- Claro. Álvaro. – respondeu educado.

-- Em particular. Caso possível? – pediu sem jeito.

Aleico levantou. Dirigindo-se com o cunhado para o escritório. Ela percebeu o ar aborrecido e um tanto humilhado de Álvaro. Sabia que ele gostava. E considerava muito Aleico. E o respeitava, acima de tudo. Ver a filha confrontá-lo. O deixou desconfortável perante Aleico. Notou ela

Logo, eles estavam de volta. Viu que tudo estava bem, entre eles. Suspirou aliviada. Como o bolo já fora cortado. Ele a chamou para irem embora. Os demais, uns ficariam para o fim de semana. Outros, não. Era o caso de Guillermo e Anelize, eram médicos. E Guilherme, estava de plantão.

Anelize achou melhor voltar com o marido. O que ela achou admirável da parte de Anelize. Ato de amor. Puro amor!

-- O que está pensando? – Aleico, quis saber. Ao vê-la quieta. Pensativa.

-- Oh, em Guillermo e Anelize... – respondeu ela. Emotiva. Observando o trajeto de volta. Ele estava dirigindo. Ela achou melhor. Estava com dor de cabeça. Cansada.

-- Eles, se apaixonaram a primeira vista. Sabia?

-- Não acredita em amor a primeira vista?

Chegaram na casa dele. Saíram do carro. Ele pegou a mão dela. E a puxou junto ao corpo. A beijando. Apaixonado.

-- Hoje, sim. – respondeu a pergunta dela. – Meses atrás, não! Mudou minha vida, tesoro. Desde o momento que entrou nela. Fez-me, querer ser um bom marido. Um bom pai. Tudo o que eu não queria, meses atrás... Relacionamento de longo prazo, estava fora de meus planos. É a responsável por essa mudança, sabia?

-- Sou, é? – indagou-o. Dengosa.

-- Sim, é. – afirmou ele.

Pegando ela no colo entrou diretamente para o quarto. Queria amá-la, lentamente. Esperou o dia todo por esse momento. O rápido encontro deles, assim que chegou. Não foi o suficiente para satisfazê-lo. A depositou com carinho na cama. A beijando, sem pressa. Deixou ela, nua. E ficou olhando para o corpo dela. Deliciado. Ela era sua. Só sua! A tocou com doçura. Os seios, macios e cheios. O encantava. Apesar da perda peso. Estava linda! Maravilhosa. Contornou todo o corpo dela, com as mãos. Explorador. A excitando. Ela arqueou o corpo. Estremecendo de prazer. Riu feliz. Gostava do poder que tinha sobre ela. Sabia que não estava sozinho nessa paixão alucinante que sentia. Amava-a. E ela, o amava. Começou a beijar o seu lindo corpo, com adoração.

Rhane sentiu o desejo dele em cada toque. Cada beijo. Adorando-a. Amando-a. Demonstrando através dos gestos e toques carinhosos. Prazerosos. Seu amor. E sua paixão, por ela. Sentia seu corpo vibrar em resposta. Sabia que ele conhecia o poder que tinha sobre seu corpo. A fazendo dele. Somente dele!

-- Te amo tanto, Aleico...

-- Eu sei amore... Eu sei. – disse. Tocando-a com os dedos. Sentindo sua umidade. Estava pronta para ele. Mas, queria prolongar o seu prazer. Havia feito amor muito rápido com ela, logo que chegou. E o alívio da saudade não, os saciou. Os deixou, desejosos. Famintos, um pelo o outro. Percebia o desespero dela, em se saciar. Sentia-se igual. Conter o desejo. Era agonizante! Acariciava-a, gentilmente. Beijando os seus lábios, com prazer. Saboreando a doçura deles. Ávido.

-- Não consigo ficar tanto tempo longe de você, tesoro. – dizia, entre beijos e carinho. Audaciosos. Entrava os dedos nela, profundamente. Os músculos internos da vagina dela pressionavam seus dedos com o orgasmo que a tomou. Sentia sua seiva fruir. E escorrer por seus dedos. Molhando-os. Excitando-o. Achou difícil se segurar por muito tempo. Deixou-a concluir os espasmos que tomava o seu corpo. Languidamente. E resolveu mudar a carícia. Prolongar o prazer dela, era a sua intenção. A beijou entre as coxas. Descendo a língua vagarosamente em sua feminilidade. Introduziu a língua dentro dela. Lambendo-a. Provando-a. Rhane gemeu alto com o prazer que sentiu. A sensação era maravilhosa. Os espasmos que a tomava, eram grandiosos. Descontrolados. Seu corpo fremia por ele, dentro dela. Com a sua potência, sólida e pulsante. Dominando seu corpo. Enlevando-a, ao ápice

de um prazer ilimitado. Esplêndido. Glorioso.

-- Quero que entre em mim, com força... – pediu, entre um gemido e outro.

-- Agora... – sussurrou ele. Extasiado. Com o prazer que tomava o corpo dela.

-- Não aguento mais esperar. Agora, por favor? – implorou.

Seu corpo ansiava por ela. Ouvir o pedido desesperado dela, por ele. O ensandeceu por inteiro. Ele a penetrou com força. Violento. Arrancando um grito prazeroso da garganta dela. Um grito que chegou aos ouvidos dele. O deixando excitadíssimo. Sentiu seu corpo entrar em estado de um eterno enlevo. Estocava-a com puro prazer. Entrando e saindo do corpo dela. Seguidamente. Inconstante. E sem controle. Amá-la. Significava, para ele. Perder o controle de si mesmo. Vagar sem noção de tudo a sua volta. Se entregar de corpo e alma, a ela. Sentiu os espasmos do êxtase. Tomar seu corpo. Estremecê-lo. Notou a sintonia de seus corpos. Levando-os a atingir juntos, um clímax avassalador. Inexplicável. Os gemidos, e gritos de prazer. Misturavam-se. Unindo-os. Trocaram beijos famintos. Ardorosos. Arfavam. Aleico, virando deitou de costas, a levando junto com ele. E sem sair de dentro dela. Sentia os últimos espasmos pulsando em seus corpos. A abraçou.

Saciados do corpo, um do outro. Virou de lado, a puxando de costas para ele. Encaixando-a junto ao seu corpo. A simetria, e o encaixe dos corpos deles. Era de uma perfeição admirável. Com uma das mãos delineava as curvas do corpo dela. Com a outra. Massageava e moldava os seios. Fartos. E firmes. Preguiçosamente. Deliciado.

-- Gosta? – perguntou. Garboso. Ao vê-la, se arrepiar com seus toques.

-- É bom. Muito bom! – exclamou lânguida. -- Aleico...

-- Sí. – respondeu preguiçoso.

-- Todas as amantes que teve... Eram... Boas de cama? – perguntou de supetão. Sentiu-o retrair o corpo inteiramente com a veracidade de sua pergunta. O respirar pesado dele, em seu pescoço. Mostrava que o pegara desprevenido. Diante do seu silêncio desconfortável. Se virou, para ele. Os olhos dele mostravam todo o seu desagrado mediante sua pergunta. O encarou. Firme. Ele, desviou o olhar. Dando um suspiro. Cansado.

-- Rhane...

-- O sexo, era sempre bom? Sentia prazer com todas elas? – o encheu de perguntas. Sua voz era insegura. Triste.

-- Madre di Dio! Que perguntas são essas? – replicou ele. Sentando na cama. Passando as mãos nos cabelos. Nervoso. – Isso é errado, sabia? – a repreendeu. Sentiu-se num beco sem saída. Olhou-a. E viu uma determinação que dizia “meias-verdades não serão aceitas”. Desesperou-se. Dio! Aquilo seria o seu fim!

-- Não, não é não. – rebateu ela. – Só quero saber como era... E como elas, agiam. E como você reagia, a elas. Se elas gostavam de sexo oral, ou não? Sei que gosta de dar este tipo de prazer. Mas, ainda não sei com certeza... Se você gosta de sexo oral! O que você gosta. E como você gosta. Se elas, o agradavam. E o que elas faziam para agradar você? Qual é o problema? Nunca dormi com outro homem! Porque não posso fazer essas perguntas? – descarregou ela. Aflita, mordiscava o lábio inferior da boca com força. Temendo a reação dele.

Aleico, a olhava. Perplexo. As enxurradas de perguntas. O chocou. Jamais em sua vida... Imaginou-se, numa situação desta. Não conseguia encontrar um argumento útil. Percebeu que ela com sua

inexperiência se sentia insegura diante dele. Queria fazer comparações entre seus casos. E o que eles tinham juntos. Dio! O que eles tinham juntos. Era maravilhoso! Comparar isso com os seus relacionamentos passados. Era de um pecado sem tamanho! E ele jamais faria isso. Nada se comparava com o que vivia com ela. Nada! Olhou para ela, e fez um gesto com a mão para que viesse se sentar em seu colo. E ela foi. A fitou. Compreensivo. Deslizou o dedo em sua face. Delicadamente. A beijou docemente nos lábios. Precisava eliminar todas as suas dúvidas. E era isso que iria fazer!

-- Rhane... – começou gentil. – Preste atenção? – pediu ele. Ela o olhou. Atenta. -- Não sou um garoto que começou a ter relações sexuais, ontem. Tenho 32 anos. E iniciei minha vida sexual aos 15 anos. Portanto fica difícil fazer comparações. Fui ensinado a respeitar tanto os meus desejos, como o da minha companheira. Sempre procurei ser um bom, amante... Dio Mio! Nunca imaginei passar por uma situação, assim! – parou ele, angustiado. Ao ver o semblante aborrecido dela, com suas explicações. – Olha, não fique fazendo comparações. Nunca senti por nenhuma mulher, o que sinto por você. É minha vida, amore. – declarou ele. Beijando-a com paixão. Ela retribuiu o beijo, com igual teor.

Ao abraçá-lo notou o brinco na orelha dele. O tocou carinhosamente. Acariciando todo formato da orelha dele. Contemplando o brilho do diamante, ao centro do brinco.

-- Ficou lindo! – exclamou ela. – Não pensei que fosse voltar a usar. Foi porque pedi? – quis saber, envaidecida.

-- Sim, foi. – anuiu ele. Com uma cara nada feliz. Ela riu. Sentia-se enfraquecido diante dela. E não gostava nem um pouco disso. Gostava de dominar. Não ser dominado! Pensou. – Mas, vamos voltar ao assunto anterior... Está bem? Depois, pode tocá-lo á vontade. – disse, tirando a mão dela de sua orelha. – Preciso... Não. – se corrigiu. – Melhor... Não quero que meus relacionamentos passados, fiquem entre nós...

-- Isso é algo impossível de não acontecer. – cortou-o. Franca.

-- Por que diz isso? – quis saber. Incompreensivo.

-- Por que! – exclamou ela. Aborrecida. – As pessoas não me assemelham a você! – bufou. -- No começo surgiram algumas perguntas da mídia. Mas era pura especulação. Tanto que faziam comparações. Sobre eu não fazer o seu tipo. Só queriam ver o que você, iria dizer! Quando não deu a resposta que eles queriam ouvir. Desistiram. Sabe por quê?

-- Rhane...

-- Porque não sou alta, loura e magérrima. Muito menos glamourosa, exuberante e sofisticada... Não sou o tipo de mulher com a qual estava acostumado à circular, por ai... Levar para cama. E Deus sabe o que mais! – gritou ela. Levantado do colo dele. Furiosa. – Não faz ideia de como me sinto. Portanto, não tem o direito de me pedir... Para não fazer comparações. Deus! Como eu queria ter tido mais experiência. – lastimou angustiada. -- Devia ter ouvido minha amiga Joane. Ela estava certa. Não estaria aqui, agora. Nesta situação, humilhante! Querendo saber como te agradar. E você achando ridículas as minhas perguntas. E odiando ser obrigado a respondê-las! – protestou com voz agoniada. – Tudo, isso... Por medo de perdê-lo, sabia? Eles estão certos. Somos muito diferentes. – desabafou. Balançando a cabeça. Inconformada. E infeliz.

-- Graças a Deus, que não a ouviu. – replicou ele. Aliviado. Adorava ser o primeiro homem da vida dela. Tinha orgulho disso. -- E não somos diferentes coisa nenhuma. E não vai me perder.. Nunca! – prometeu. -- Quanto a estar odiando responder as suas perguntas... – parou. Um tanto sem graça. --

Bem, nunca lidei com nada assim. É complicado. Dio... E como é! Nem sei como. Ou, por onde começar. – suspirou. -- O certo, seria esquecer tudo. E começarmos, do dia em que nos conhecemos, Rhane. Meu passado, passou a não ter nenhum significado para mim desde momento que a conheci. – disse determinado. Levantou da cama. E se aproximou dela. Tomou o rosto dela entre as mãos. – Falar de minhas relações passadas. É algo que acho degradante. – dizia. Calmamente. -- E acho humilhante para você. Ouvir tal coisa... Essa sua preocupação, é desnecessária... – riu. Todo amenizador. E a beijou nos lábios. Levemente. – Sabe quantas reuniões. E quantos almoços de negócios. Tenho remanejado, ultimamente? Para poder almoçar com você? Ou, chegar cedo em casa?

-- Não, não sei. – Foi honesta ao responder. Saber, que ele vinha negligenciando o trabalho por causa dela, não a agradou nem um pouco. Sentiu desconfortável. Abriu a boca para reclamar. E ele, a impediu com um gesto.

-- Tenho deixado Gina, maluca! – exclamou todo travesso. Voltou a sentar novamente com ela no colo. – Resultado. Tomei algumas decisões que me levou a ser questionado na última reunião, por meu pai.

-- Que decisões?

-- Todos que trabalham para mim têm horário para entrar, e sair. Também, terei...

-- Você é um dos dono, da Corporação. Como pode ter horário de trabalho? – Rhane, inquiriu-o. Repreensiva. Achando totalmente absurda a atitude dele.

-- Por isso, mesmo. Como um dos, dono... Posso fazer o que quiser. – rebateu ele. Bronqueado. – Vou cumprir minha agenda de trabalho, deste mês... Já deixei claro não só para Gina, minha assistente. Como para todos de minha família. E o restante dos diretores e executivos da Corporação, a minha decisão. A partir, do próximo mês. Nada de almoço de negócios. Nem de reuniões com início, às 16h00 min. Resolverei todos os meus negócios, em horário comercial. E no meu escritório. Não vou ser negligente em hipótese alguma. Sou estou mudando algumas regras. As minhas regras... Portanto, não questione minhas atitudes, amore. – concluiu bruscamente. Demonstrando claramente não ter gostado da reprimenda dela.

Rhane entendeu perfeitamente. Se tiver uma coisa que Aleico Domenacci não apreciava, era ser questionado. Bater de frente com ele neste quesito. Era pedir para perder. E às vezes, ficava tentada. Só ficava, é claro! Acabava optando por se resguardar. Como fazia todas as vezes que surgia o assunto referente aos seus estudos. Ele sempre a enrolava. Era um assunto inacabado que precisava ser resolvido. Mas paciência! Oportunidade não iria faltar. Tinha certeza! Agora, ter conhecimento das mudanças feitas por ele, para terem mais tempo juntos. Deixou claro para ela, sua importância na vida dele. Sanando e preenchendo todas as suas dúvidas a respeito da relação deles. Então, se lembrou de um artigo que leu em uma entrevista dele, para uma revista de empreendedores de sucesso.

-- Sabe. Uma vez você declarou que só existiam três coisas, de suma importância em sua vida. Certo? – quis saber, ela. Curiosa.

Ele arqueou as sobrancelhas.

-- E quais, eram? – quis saber, ele. Nunca foi de fazer declaração em público. Estranhou.

-- Bom, era assim.. Seu trabalho. Sua família. E mulheres. – expos. -- Bem assim.. Por essa ordem. – esclareceu ela.

-- Dio Santo! Onde... E quando ouviu isso? – procurou saber. Horrorizado.

-- Em uma entrevista que deu para uma revista de economia que costuma eleger os novos empresários de sucesso. E foi cotado para ocupar a lista do ranking de um dos 50 homens, mais ricos do mundo. – forneceu, ela.

E ele, lembrou desta entrevista. A pergunta feita a ele sobre as três coisas importante em sua vida. Na época, parecia ser a resposta exata. Hoje, não mais. Riu divertido.

-- O que foi? – Ela quis saber. Incomodada.

-- Essa entrevista foi há muito anos, Rhane. – explicou ele. Sereno.

-- Eu sei. – concordou. – Ainda pensa assim?

-- Não. – negou. -- Há muitos dias que venho revendo todos os meus conceitos, tesoro. – revelou. Beijando-a com paixão. -- Vou ter que reverter às coisas. Dar uma nova ordem para elas. Passar à última... Para a primeira. No singular, é claro! – declarou maroto.

-- Por minha causa?

-- Sí. – foi sincero.

-- Alterei toda a sua vida, não é?

-- Bastante. – respondeu, meio desconfortável.

-- Sinto muito por ter entrado na sua vida, assim. A baguçando toda... Mas, não sinto muito por querer você... Por desejar você... Amar você... – dizia. Ao mesmo tempo em que o empurrava na cama. Deitando-o. Delicadamente. Acariciou-lhe a face. Beijou o queixo. O canto da boca. O nariz. Sedutoramente. Sentiu-o, ofegar. Deitou sobre ele. Delineando a boca dele, com a língua. E a deslizou rapidamente dentro da boca dele. A retirando em seguida. Ele arfou. Frustrado.

-- Isso não é justo. – reclamou ele.

Ela deu uma risada sexy, que soou deliciosa aos ouvidos dele. O excitando, além da conta. Rhane sentiu a sua potente ereção, pulsando junto ao seu abdômen. Deslizou uma das mãos. Sorrateiramente. E o acariciou lentamente. Com a outra. Discorria sobre o seu peitoral. Massgeando os mamilos. Tornou a beijar os seus lábios. Desta vez ficou ali. Deliciando-se. Introduziu a língua na boca dele. E entrelaçou sua língua com a dele. Sugando-a. Saboreando-a. Aleico a segurou pela nuca. Impedindo-a de se afastar. Retribuiu o beijo delicioso. Extasiado. Suas entranhas ardiavam. Devido o calor que os beijos dela, provocava. E seu corpo fremia. Diante dos toques macios de suas pequeninas, mãos. Que o enlouquecia totalmente.

-- Dio Mio, Rhane... – fungou, ele. Desesperado.

Ela desviou rapidamente da mão que a segurava pela nuca. Deslizando os lábios úmidos, ao longo do pescoço. Ombros, e o tórax dele. Sugou um mamilo, o outro. Desceu lentamente, depositando beijos e lambidas no seu abdômen. Ouviu-o, gemer. Baixinho. Ao aproximar do ventre. Tomou entre os dentes alguns fios pubianos. Puxando-os. Arrancando dele um gemido rouco. Misturado com prazer e dor. Deliciou-se, quando o ouviu implorar por satisfação.

-- Ah, amore! Leve-me ao paraíso... Antes de me matar? – implorou, sôfrego.

E ela, assim o fez. Tomando o pênis dele na boca. Sugando-o. Seguidamente. A cada envolvida da boca dela, em seu pênis. Ele sentia o mundo girar a sua volta. O coração batia alucinado. A dor que sentia no baixo ventre devido ao clímax que se aproximava era deliciosa. Sentiu-a deixar seu

membro. E montá-lo.

-- Quero que goze dentro de mim? – Ela pediu. Despudorada.

Aleico acompanhou o movimento que fazia com o corpo, sobre o dele. Os quadris num vaivém frenético. Que o levou a loucura. O arrebatando.

-- Ah, tesoro... Não aguento mais. – gemeu ele. Explodindo num tesão alucinante que o deixou tonto. Fechou os olhos para amenizar a tontura. Nunca sentiu nada parecido antes. Sentiu-a descer o corpo sobre dele. Tranquilamente. Com uma das mãos, tocava sua orelha. Contornando o brinco. Delicadamente.

-- Sinto muito, não pude segurar? – pediu com o fôlego curto. Sentindo os últimos espasmos fruir de seu corpo. Abriu os olhos. E a tontura também havia passado.

Ela levantou a cabeça. Apoiando-se nele, o fitou nos olhos.

-- Tudo bem! – tranquilizou-o. – Quando estávamos em Milão. E eu ousei tocá-lo, assim.. – Aleico ameaçou falar. E ela, o impediu. Colocando um dedo sobre os lábios dele. Continuou. – Não me dei por satisfeita. Sei o quanto fica excitado quando me acaricia. E me seduz... Então, quis saber o quanto poderia excitá-lo. Sem você... Me seduzir antes. – finalizou ela. Alegre.

-- E o que descobriu? – quis saber ele, deslizando a mão na face dela. Carinhoso.

-- Que o meu ego está maior que meu tamanho! – foi satírica. Encheu a boca de ar. Apontou o corpo com as mãos. Exprimindo com gestos como se sentia.

Aleico não se conteve. E caiu na gargalhada. Ela, o acompanhou.

Ele finalizou o riso com beijos suaves. Ternos.

-- Bom, agora já sabe que estou em suas mãos. – rendeu-se. – Quando me tocou assim, em Milão. Fez da minha viagem a Moscou um verdadeiro tormento. – Rhane arqueou as sobrancelhas. Surpresa. – Arrependi, por não a ter levado comigo. – confessou.

-- Acho que foi bom não ter me levado. – assimilou. – E confesso. Tenho questionado muito o nosso relacionamento. Imagino, e penso coisas... Onde não existem. – disse com voz triste. Beijou o dedo dele, onde estava a aliança. – Nem quando me pediu em casamento. Me senti segura. Entende? – pausou. Desconfortável. – Sei que achou um absurdo eu, o ter questionado você daquele jeito... Mas, foi bom termos conversado. Sanou minhas dúvidas... O que não significa que não terei ciúmes de você. Isso é algo que sempre terei! – lamentou, ela.

-- E não devia. Sou fiel a você. Sempre serei. – afirmou ele. Sincero. – Mas, fico feliz em saber que nossa conversa “absurda”... – frisou. -- Dissipou suas dúvidas.

Tomou a face com as mãos, a beijando ávido. Sugou-lhe a língua com força. Arrancando um gemido de prazer da garganta dela. Excitado. A deitou de costas na cama.

-- Levou-me ao paraíso, amore... Agora, levarei você. – prometeu.

E cumpriu a promessa. A amou de todas as formas possível. Alcançando junto o paraíso do prazer. Enlevados pelo êxtase da paixão.

-- Nada de dormir, tesoro. – Aleico, a chacoalhou em seus braços. Ao perceber-la, sonolenta. – Ainda temos mais uma surpresa, para você. – anunciou.

-- Sério? O que é? – quis saber. Espreguiçando toda, entre os seus braços. Com o gesto que fez, envolveu com os braços o pescoço dele. Aleico aproveitou para lhe beijar os ombros docemente. E

respondeu.

-- É surpresa, Rhane. Não posso contar, si.

-- Disse. Temos? Lúcio e Stefano. Fazem parte desta surpresa?

-- Sí. – respondeu, se desvencilhando dela. Sentou na cama. – Banho?

-- Sim, vamos. – concordou. O acompanhando ao banheiro. – O que devo vestir? – o indagou. Tentando disfarçar a curiosidade que a consumia inteira.

-- Algo informal. Nada glamouroso. – respondeu, enquanto a ensaboava. – Dio Mio! Como é curiosa! – falou rindo. Apertando a ponta do seu nariz. Delicadamente.

-- Não quero errar na roupa, só isso. – defendeu. Habilidosa. – Vamos, jantar. Dançar... Só uma dica, por favor? – suplicou. Colocando o sabonete líquido nas mãos, espalhando sobre o peito dele. Com movimentos sedutores. O excitando.

-- Está bem! Vamos fazer as duas coisas. – cedeu. Enfraquecido. Sentindo em seu corpo o poder daquelas mãozinhas poderosas. Contrariou-se. Segurou-as. Firmes. – Rhane, me seduzir com intento de me dar prazer, por amor. É aceitável, para mim. E estou adorando. Tenha certeza. Mas, nunca use a sedução para saber. Ou, conseguir algo de mim... Abomino isso! – a repreendeu. Gentil. -- Shiii... Me deixe terminar? – pediu. Ao ver que ela, ameaçou falar. – Sei que foi um gesto inocente da sua parte. Então, vou relevar. Mas não faça isso novamente, amore? – Bronqueou. A soltando.

-- Desculpe. Não farei mais. – admitiu. Toda sem graça.

Entregou a esponja para ele. E saiu do box envergonhada de sua atitude. Usar a sedução com o intento de conseguir algo dele. Foi sem dúvida um ato vulgar. E baixo. Como pode ser tão ridícula! Aleico, era um homem vivido. Sem dúvidas conhecia todas as formas de sedução possíveis. Francamente! Meu Deus! Era tão imatura! Lastimou.

Ouviu-o desligar o chuveiro. Ligou o secador. Com o canto do olho. O viu sair do box. E enquanto se secava. A fitava com ar preocupado. Evitou olhar para ele. Se concentrou em secar os cabelos. Não queria que visse como se sentia ridícula, devida sua falta de experiência. Que droga!

A saída brusca dela do banho. O preocupou. Só faltava ela achar que não podia mais seduzi-lo. Droga! E dizem que a base para um casamento sólido. É o diálogo. Como? Perguntou-se. Dialogar, não era nada fácil! Era cruel. Isso sim! Agora entendia porque alguns casamentos. Fracassavam! Pensou ele. Olhando-a agora. Via sua fragilidade. Sua insegurança. Quando a conheceu, a achou... Tão madura. Determinada para os seus quase, 20 anos de idade. Aqueles meses convivendo juntos. Serviu para ele conhecer o seu lado emocional. E afetivo. Totalmente diferente do profissional. Onde a inteligência e a praticidade predominavam. Era sem dúvida notável sua habilidade em lidar com as perguntas. E as sugestões e dúvidas dos investidores. Seu trabalho aos olhos de muitos, parecia simples. Insignificante. Mas, era de suma importância na Corporação. Sem uma maquetista. Ficava impossível apresentar um projeto. E ela, era a sua melhor. Vê-la nas apresentações recebendo elogios dos investidores. Homens inteligentes, multibilionários. O envaidecia muitíssimo. Mas, bastava uma pequena repreensão da sua parte. E se retraía toda. Como se ao desobedecê-lo, seria abandonada. Como iria fazer isso? Estava mudando toda a sua vida. Toda sua rotina... Por ela! Mas, uma coisa ficou clara para ele. A relação conflitante e turbulenta dos pais. E o fato de ter sido deixada pela mãe, com a tia. A afetou. Fragilizando-a. Proteger e cuidar dela, para sempre. Era tudo que queria! Prostrou atrás dela. Desligou o secador. A virou de frente com ele. Pegou-a, pelo queixo. A beijando com ternura. Ela retribuiu. E foi um alívio para ele.

-- Eu entendi. Aleico... – disse ela, entre beijos. – Usar a sedução como vantagem para conseguir algo. Foi ridículo. E vulgar de minha parte. Concordo com você... É abominável.

-- Tem certeza? – quis saber. Receoso.

-- Não sou tão bobinha assim. – replicou. Tocando-o, na face. Carinhosa. -- Sei a diferença entre uma sedução, e outra. Ok? – esclareceu.

Aleico deu suspiro aliviado. Tornou a beijá-la. E a deixou terminar de secar o cabelo.

Ao sair do banheiro ele, já não estava mais no quarto. Devia estar esperando por ela na sala. Achou melhor.

Colocou o vestido de crepe de seda branco, que comprou em Londres. Justo. Corpete tomara que caia. Pouco acima do joelho. Colocou o peep-toe de cetim preto. Com bolinhas Pink. Presente de Daena. Prendeu os cabelos em um rabo de cavalo. Usando a presilha de ouro. Presente da mãe dele. Maquiou-se. Batom, também Pink. A carteira que fazia par com o sapato. Cabia tudo o que precisava. Seu batom. Alguns euros. O cartão de crédito. E sua identidade. Ficou em dúvidas sobre as joias. E assustou com a aparição repentina de Aleico, vindo da sacada do quarto.

-- Nossa, que susto! Não vi que estava na sacada! – apontou. Com o fôlego curto. Estava entre assustada. E admirada. Ele estava lindíssimo. O seu traje informal. Arrancou um suspiro dela. Calça cinza grafite. Camisete azul Royal. Sapatos pretos de camurça. O contraste da camisa, com aqueles olhos azuis. O deixou esplêndido! – Uau! Meu Deus! – exclamou. Aproximou-se, dependurou no pescoço dele. Reclamou toda ciumenta. – Terei trabalho com as mulheres. Com você, lindo assim!

-- Desculpe, não quis assustá-la! Eu... Estava observando a noite. – disse. Sem jeito com o elogio. – E não vai ter trabalho nenhum, comigo... – replicou. -- Também está linda! – elogiou, a beijando. -- Precisa de ajuda? – perguntou. Apontando as joias sobre a penteadeira.

-- Obrigada! – agradeceu o elogio. -- Nada glamouroso. Nem curto. Certo? – apontou sua roupa. Ele a olhou. Apreciativo. Assentiu em acordo. – Que bom! E sim, preciso. Pensei em usar o que ganhei de Lúcio e Stefano. O que acha? Muito carregado? – perguntou com uma careta. Mostrando-os. O conjunto de ouro amarelo. E diamantes negros. No formato de pequenas pastilhas quadradas. Era composto de brincos. O colar. E um largo bracelete.

Aleico a fitou. Os poucos dias sob o sol, a deixou com um bronzeado excelente. O vestido branco. Destacou-se. Apesar de não ser curto. Muito do belo corpo ficava exposto. Parecia não ter mais, que 15 anos. Jovem. E linda! Suspirou. Enciumado. Olhou para o conjunto de joias. Ficaria ótimo! Quebraria o encanto de garotinha inocente! Pensou.

-- Não, não acho. – falou. Pegou o colar. E o colocou em seu pescoço. A beijou na nuca, após fechá-lo. Fez o mesmo com o brinco. E o bracelete. Beijou suas orelhas. E seu pulso. E a virou de frente para o espelho. – Bellíssima!

-- Acho melhor você, dirigir. – falou ela. Quando ele anunciou que iriam com o carro dela. -- Não conheço a estrada. E a noite, seria loucura! – usou de prudência, jogando a chave para ele.

Ele fez um gesto afirmativo. Mas, não fez nenhum comentário. Diante a prudente observação dela. Tinha conhecimento que o percurso para Positano, era cheio de curvas e precipícios. Para um motorista sem o conhecimento devido. Poderia ser fatal! Abriu a porta para ela, seguindo para o lugar dele. Seguiu viagem em silêncio.

Raí, se sentiu incomodada. Criar um clima de suspense... Talvez fizesse parte da surpresa. Mas, para ela. Era tudo muito tenso. Isso sim! Pensou.

-- Posso fazer uma pergunta? – o indagou.

-- Claro. -- respondeu. Calmo. Sem tirar a atenção da estrada.

-- Nossa diferença de idade incomoda você? – foi franca.

Vendo a demora dele em responder. Afligiu-se. Ele parecia pensativo. Perturbado. Ela emendou rapidamente.

-- Quero que saiba que não ligo á mínima, para isso... Não mesmo! – afirmou. Convicta.

-- Como posso, dizer.. – começou. Apreensivo. – Isso é algo que não posso relevar. Rhane. Pode não parecer. Mas, 12 anos... É uma boa diferença. Sem contar que as pessoas irão comentar. Será constrangedor não só, para mim. Como também, para você. E acredite. Irá dar o que falar para a imprensa! – exclamou descontente.

-- Sou a sua primeira adolescente? – o indagou. Toda graciosa.

Aleico fechou a cara. Reprovador.

-- Isso não tem graça, Rhane. – a repreendeu. – Chegamos. – anunciou.

No portão de entrada o segurança do local, conferiu as reservas. Liberados. Adentrou no pátio. Ela observou o local. Uma casa noturna. Grandiosa. A fachada era preta. Iluminada por muitos refletores de neon. O nome da casa em letras bem visível. Todo em aço escovado. “Giorgio”. Traduzia poder. Domínio.

-- Uma casa noturna? Me trouxe em uma casa noturna! – exclamou perplexa.

-- Sí. Uma das melhores casas noturnas internacionais. Serviço completo. Além das pistas de dança. Possui, restaurantes. Boutique. Perfumaria. Joalheria. Spas. Cabeleireiros, etc. – citou.

-- Uau! Isso é demais! Nunca imaginei uma casa noturna desse porte! – exclamou pasma. -- Giorgio... Não é o nome do irmão de Lúcio e Stefano. Que mora na Austrália? – observou ela.

-- Exato. – afirmou ele.

-- Ele, está aqui? – quis saber curiosa.

-- Não, não está. – respondeu. -- Mas, virá para o casamento de Domenico, e sua mãe. – informou.

Chegando ao estacionamento. Avistaram Lúcio e Stefano. Encostados na Ferrari de Stefano, conversando. Esperando-os.

-- Está mui bella, Rhane. – Lúcio, a elogiou. Beijando sua face.

-- Concordo plenamente. Bellíssima! – Stefano fez coro. A beijando de leve nos lábios.

-- Bom, que tal entrarmos? – Lúcio disse.

Chegando à recepção foram encaminhados para o chefe dos garçons.

-- Buonanotte, signores Domenacci... Signorina. – cumprimentou-os. Cortês. – Por favor, queiram me acompanhar.

Levando-os para uma área particular. Um camarote vip no andar superior. No centro da sala. Impossível de não ser notada. Elegantemente. Tinha uma mesa de jantar. Com velas. E arranjos de rosas vermelhas. E uma garrafa gelada de champagne. Esperando-os. Emocionou. As paredes da sala era toda de vidro, por onde se via as pistas de dança. O que chamou sua atenção. Se aproximou da parede. E ficou a observar. Encantada.

-- Fantástico! – exclamou. Virou para eles. E os agradeceu. Emocionada. – Obrigada!

Aleico pediu ao garçom para servir o champagne. Servidos. Propôs um brinde.

-- A você, amore. – piscou maroto. – Aos muitos aniversários... Que irá comemorar ao meu lado! – e a beijou na boca. Docemente. – Ciamo, vitta mia! Te amo. Minha vida.

-- Também, te amo!

Lúcio e Stefano. Entreolharam-se. Rindo. Para eles, ver o primo enamorado. Era surreal. Algo inacreditável! Beijaram-na em sua face. Parabenizando-a.

O jantar foi excelente. Conversaram sobre muitas coisas. Desceram para a pista de dança. Onde dançou com os três. Eram ótimos dançarinos. Exaustos. Foram para o bar. Pediram bebidas para um último drinque.

-- Então, vai mesmo assumir os negócios no Brasil? – Rhane perguntou para Lúcio. Bebericando seu drinque. Chamando a atenção de Aleico e Stefano, para o assunto.

-- Um de nós três... Terá que ir. – fazendo um gesto com a mão. Abrangendo os três. – Decidi ir. Preciso mudar um pouco, os ares. E será um bom desafio. Gosto de desafio! – brincou.

-- Concordo... Outro país. Pessoas, e costumes diferentes. Será interessante! – o apoiou, ela.

Aleico e Stefano assentiram em acordo.

-- Bom, está tarde. – disse olhando o relógio. – Podemos ir para casa? – Aleico propôs. Ao terminarem as bebidas.

-- Sim, claro. – assentiu, ela.

-- Vou ficar. Ainda, é cedo para mim. – Stefano falou. Travesso.

-- Eu vou indo. – Lúcio anunciou. Sensato.

-- Buonanotte, a todos. – Stefano desejou. Misturando-se a multidão.

Lúcio abanou a cabeça. Reprovador.

Aleico sorriu. Com o jeito cuidadoso dele.

-- Ele já cresceu. Lúcio. Precisa encarar isso?

-- É. Eu sei. – concordou.

Rhane acordou com náuseas. Sentou na cama. E esperou passar. Levantou devagar. No banheiro, resolveu tomar um banho. Sentiu-se melhor. Vinha tendo náuseas desde Milão. Preocupou-se. Colocou uma minissaia jeans. Um top rosa. Saiu à procura de Aleico. Percebeu-o levantar cedo para uma corrida matinal. Praticava exercícios diariamente. Algo... Que ela, detestava. Argh! Encontrou-o na cozinha. Recém-tomado banho. Conversando com uma mulher. Loura, alta, esguia... Bonita. Muito bonita! Admitiu. Mas, por incrível que pareça. Isso não a afetou. Graças a Deus! Sorriu feliz. Confiança nela mesma. Era tudo! A decoradora! Era isso! Lembrou-se. Aleico, disse algo sobre a visita dela, no domingo cedo.

-- Bom dia! – desejou animada, ao entrar na cozinha. Impactando-os com sua aparição repentina.

Percebeu o ar cauteloso dele. A loura... Receosa. Demonstrou claramente não ter conhecimento da presença dela, na casa.

Refeitos. Responderam-na ao mesmo tempo em italiano. Um desconfortável “Buongiorno”.

-- Atrapalho? – os indagou. Brejeira.

-- Nem um pouco, cara mia. – Aleico, se apressou em dizer. Cauteloso. – Rhane, esta é Sofia... A decoradora. – lembrou. Recompuesto. -- Sofia, esta é Rhane...

-- Muito prazer. Sinto, por fazê-la trabalhar no Domingo. – Rhane disse gentil. Demonstrando saber do que se tratava. Viu-o, suspirar aliviado. Riu. O deixando com ar surpreso. Desconfiado.

-- Oh, não ligo. Gosto do meu trabalho. E o prazer é meu! – Sofia foi simpática. – Aleico, disse não ter outro horário disponível... E o casamento, já próximo. Achei melhor começarmos logo. Espero que não os atrapalhe? – quis saber. Ressabiada.

-- Não se preocupe, não vai atrapalhar. – afirmou ela. Cordata.

-- Sofia... Sinto não tê-la avisado sobre, Rhane. – pediu ele, sincero. Ao mesmo tempo em que puxou uma cadeira para ela, ao lado dele. – Sente. Vou servi-la. – ordenou. Gentil.

-- Tudo bem! – Sofia, aceitou o seu pedido de desculpa. – Não quero trazer problemas...

Rhane sentou. Fitando a mesa de café repleta. Abismada.

-- Não trouxe. Fique tranquila. – Rhane, a tranquilizou. -- Quem é a nossa fada madrinha? Sua mãe? – perguntou. Brincalhona. Mudando o rumo da conversa.

Ele riu. Estranhamente. A servindo com café. E outras iguarias.

-- Sim. Parece que não vamos precisar ir às compras... Ela, já cuidou disso. – apontou a geladeira. E o armário da cozinha. – Estão repletos. Tem comida para alimentar um batalhão inteiro.

-- Quem bom! – exclamou, ela. Se servindo. – E então, por onde pretende iniciar a decoração? – o indagou. – Como sua mãe, contratou uma empresa de consultoria de casamento. Eles, já providenciaram colocação para todos os convidados. Sua família ficará na villa, de seus pais. – informou. -- Então não vamos hospedar ninguém... Pensei em começarmos, pelas salas. Para o caso de recebermos visitas. O que acha?

-- Vou deixar isso para as duas, decidirem.. E concordo com você. As salas, são o mais importante no momento. – anuiu, ele. Em acordo. -- Mas, irei acompanhar na escolha dos movéis... Posso, não é?

-- É lógico. A casa é sua. – respondeu, ela. Prontamente. – Será ótimo. Tem um bom gosto. Aprecio isso. – apontou. Levantou da mesa. – Então, iremos começar pelas salas. O que diz, Sofia?

-- Por mim, tudo bem. – Sofia, assentiu. Levantando-se.

Aleico a segurou pelo braço. Firme.

-- Termine seu café, Rhane. – ordenou.

-- Já terminei. – respondeu. Estranhando o seu tom autoritário.

-- Mal tocou no prato... Se continuar assim. Vou ser acusado de não alimentá-la direito. – reclamou. Preocupado. -- Sei que devido os negócios tenho sido negligente com você... Preciso corrigir isso. Ou, melhor farei isso. – observou. Atento. -- Está doente, Rhane? – a inquiriu. Cuidadoso.

-- Não, claro que não. Estou ótima! – esclareceu. – Nunca fui de comer muito no café da manhã. O mesmo, não posso dizer no almoço. – assegurou.

Ele a olhou da cabeça aos pés. Suspirou desanimado. Iria ser mais difícil do que imaginava! Pensou. Não era só no café da manhã, que se alimentava mal. Percebeu isso há dias. Desde a notificação de

Arela. Passou a prestar atenção nela. Ela estava... Diferente. E não era só pela perda de peso. Ou, a alteração de humor. Tinha mais alguma coisa. Sentia isso. O que seria? Perguntou-se. Percebeu que Sofia, estava atenta neles. Achou melhor mudar de assunto.

-- Tudo bem. – aceitou o argumento dela, a contragosto.

Rhane percebeu que ele, não acreditou muito nela. O que definitivamente deixava claro que aquele assunto não estava encerrado. Vinha se alimentando muito pouco. E sabia disso. Atribuiu isso ao trabalho. Foram dias cheios. E aqueles dias de descanso a ajudou relaxar. Apesar, de que ainda sentia muito sono. Cansava. E se irritava facilmente. O que ela iria fazer? Seu ciclo menstrual estava atrasado. E isso sempre a irritava. Iria esperar alguns dias. Os sintomas eram poucos. Sabia, ser normal se sentir assim. Muitas vezes, sentiu isso. E não estava grávida. Também pudera, não tinha relações sexuais. Agora, era diferente. Mas, tomava anticoncepcional. Seria possível? Ou, era sua TPM. Atacada! Perturbou-se.

Quando Sofia foi embora. Eles foram almoçar na villa da família dele. Logo após o almoço. Foi sugerido por Lúcio, irem velejar.

-- Aleico, que tal colocar aquele iate no mar?

-- Querendo se aventurar, Lúcio? – Aleico quis saber. Sorrindo.

-- Porque, não?

-- Vou procurar por, Rhane. – anunciou ele. Não a vendo por perto.

-- Vai levá-la? – Stefano, o indagou. Sereno.

-- Sim, lógico. Por quê?

-- Ela passou mal na última vez... Enjoou. – Stefano contou. – Mas, como estávamos na lancha... Não sei. – ombreou. – Pode ser que talvez seja diferente no iate. – supôs.

-- É, pode ser. – Aleico concordou. Saindo ao encontro dela.

Lúcio ficou olhando-o, sair. Então, voltou á atenção para o irmão.

-- Topa uma corrida? – afrontou. Travesso.

-- Até o iate? – quis saber. Lúcio assentiu em acordo. -- Demorou! – exclamou Stefano. E saiu em disparada.

Lúcio tentou segurá-lo. Impossível. O jeito foi sair ao seu encaicho.

Aleico observava os dois. Rindo. Quando foi abordado por seu avô.

-- Posso falar com você, Aleico? – Dom Gustavo, procurou saber.

-- Claro, nonno. – assentiu.

-- Venha comigo, por favor? – pediu o avô. Sério.

Aleico o acompanhou até o escritório. Achou seu nonno com o semblante, um tanto severo. Enigmático.

-- Sente, filho. – ordenou. Friamente.

Sentou lentamente. Fitando o avô. Precavido. Este, o encarou. Impassível.

-- O que foi, nonno? Alguma coisa errada? – quis saber. Receoso.

Dom Gustavo, tamborilava os dedos sobre o tampo da mesa. Desconfortável.

-- Não sei... Por onde começar. – disse um tanto sem jeito. Levantou, se serviu de uísque. Ofereceu a ele. Aleico recusou. Deu um gole. Fitou o restante do líquido no copo. Preocupado.

Aleico sentiu um tanto desconfortável, com o ar silencioso dele.

-- Não... Não, não diga nada! – o cortou, o avô. Áspero. Antes dele abrir a boca. Aquietou-se. – Ontem, vi os dois juntos na praia. – Aleico franziu as sobrancelhas. Incompreensivo. – Você, e a bambina. – esclareceu, Dom Gustavo.

-- Sim. Fui procurá-la, logo que cheguei... – parou abruptamente. Compreendendo o teor daquela conversa. Fitou o avô. Era sempre magnânimo e compreensivo. Mas, não foi o que viu naqueles lívidos olhos azuis. A seu ver, pareciam atormentados. Censuráveis. – O que viu, nonno? – quis saber. Aflito.

-- Tudo! – respondeu. Imóvel.

-- Dio Santo! – Aleico, exclamou. Passando as mãos nos cabelos. Agoniado. Levantou. Se serviu de uísque. Encheu o copo. E o bebeu num único gole. Fazendo uma careta. A bebida desceu queimando sua garganta. O acalmando. – Nonno...

-- Tudo, Aleico. Tudo! – continuou Dom Gustavo. O cortando bruscamente. – Desde o momento que a impiedu de se vestir... E começou a tocá-la, faminto! – pausou. Entre envergonhado e confuso. – No começo fiquei chocado com o que vi. Achei que a estava forçando... – balançou a cabeça, aparentemente aborrecido. – Mas, quando a vi corresponder a você. Com a mesma avidez. Percebi, o quanto já são... Íntimos. Estou errado? – o questionou.

-- Não, não está. -- Aleico concordou, sem jeito. – Estava louco de saudade... – confessou. – Onde estava que não o vi? Certifiquei-me... Tenho certeza. Não vi, ninguém! – clamou.

-- Não estava no deque. Caso, foi para lá que olhou. – o informou. – Estava no platô... Há muito tempo que não ia, lá. Desde que sua nonna, faleceu. – disse com voz embargada. – Era o seu lugar preferido... Quando, estávamos aqui!

-- Sinto muito, nonno! – Aleico, se compadeceu. Ao vê-lo emocionado com a lembrança da esposa. Sabia o quanto seu nonno, a amou. Era um sentimento mútuo. Lindo!

-- Fomos muito felizes, Aleico. Vivemos cada momento de nossas vidas. Como se fosse o último... Sem nunca arrependermos! – concretizou. Vívido. – Theodoro, estava comigo. E também, os viu... -- seguiu com o assunto.

-- Dio! – clamou. Estarrecido.

-- Quanto a Theodoro, não há com que se preocupar. Trabalha para mim, há 30 anos. É de confiança. Sabe disso! – garantiu Dom Gustavo. – O problema é... Como posso dizer? – perguntou a si mesmo. Nada contido. – Há quanto tempo isso vem acontecendo? O que vi... Deixou muito claro. Dio Santo! Parecia um animal selvagem em pleno cio! – o reprimiu. Brandamente.

Aleico gemeu todo desconfortável. Sentando novamente na cadeira, em frente o avô. Se sentia um tanto desanimado. Como explicar para seu nonno o que sentia por Rhane? Sua picollina. Resolveu abrir seu coração. Expor para seu nonno. Tudo o que sentia. Suspirou.

-- Não pude me conter... Queria estar com ela, possuí-la. – dizia. -- Ah, nonno! O que vou fazer? – suplicou. Em desespero. -- Sinto-a como parte do meu corpo. Entranhada em mim. Não consigo ficar longe! – parou. Incapaz de prosseguir. Fitava o chão. Imóvel.

Dom Gustavo, o observou. Atento. A confissão dele, o deixou sem palavras. Como resolver isso? Não imaginou algo assim! Pensou ser somente atração. Talvez, uma novidade para ele. Seu neto era um apreciador da beleza! E Rhane, era linda! Mas, era a enteada de seu outro neto. Domenico. E os dois, eram irmãos. Dio santo... Quanta confusão!

-- O que pretende fazer? – Dom Gustavo, o indagou. Um tanto consternado.

-- Eu... Eu, não sei. – murmurou, desalentado. – Nonno, sei que desaprova. Como papa, e zio Rafael, também vão. Tenho certeza! – clamou. – Contou-lhes? – quis saber preocupado.

-- Não, não contei. – respondeu cordato. – Quis primeiro falar com você. Era o mais justo!

Aleico suspirou. Aliviado.

-- Poderia esperar o casamento de Domenico? – pediu ele. Precavido. – Não quero por o casamento dele em risco, nonno! – lastimou.

-- E como colocaria! Sabe que Helen, não o aprova. Não é? Foi difícil para ela concordar em deixar a filha, sob sua responsabilidade...

-- Si. Sei disso! – afirmou. Aborrecido.

-- Aleico... – Dom Gustavo chamou sua atenção. Ele, o olhou com ar cansado. – Além, é claro. Ser ela, totalmente diferente das mulheres com quem sai. E não ser o seu tipo. Como dizem. – apontou. Prudente. -- O que realmente sente por ela? – o indagou. Claramente.

-- Primeiro... Nonno. Nunca tive um tipo... – o avô arqueou as sobrancelhas. – Fui rotulado pela mídia, com isso! Dio mio! Espero que isso acabe! – reclamou. – Rhane, é tudo para mim.. Tornou parte da minha vida. Meu coração! Cuore mio. Vitta mia! – declarou apaixonado.

Dom Gustavo assentiu. Entre, perplexo e comovido.

-- Confesso, não sei o que dizer. Mas, quero que saiba? Vou pensar antes de dizer qualquer coisa. – apontou. Refletivo. – Faltam alguns dias para o casamento. Tome cuidado? – orientou-o. Cuidadoso.

-- Sempre, tomamos. Nonno!

-- Quanto tempo?

-- Creio, que uns quatro meses. – respondeu. Solene.

O avô o olhou pasmo. Reconheceu. O garoto era prudente. Inteligente. Jamais colocaria a família em situação constrangedora. E contava com a vantagem de ter a sua própria villa. Com certeza á noite, era deles! Gargalhou. Extrovertido.

Aleico, o olhou. Estranhamente. Ele o dispensou com um gesto de mão. Sem parar de rir.

Aleico, o deixou rapidamente. Aliviado.

-- Signor Aleico... – Theodoro, o chamou.

-- Sim, Theo.

-- A signorina, já o aguarda no píer. Com os outros. – avisou. – O patrono, me pediu que a avisasse. – disse sem rodeios. -- Também foi providenciado um lanche para o passeio. Tenha uma boa tarde. – desejou. Pediu licença. Desaparecendo casa adentro.

Aleico ficou olhando-o, desaparecer. Não teve tempo nem de agradecer. Theodoro era um homem de boa aparência. Culto. Confiável. E muito reservado. Seguiu rápido para o píer. Os três estavam

sentados sob a proa do iate. Rhane, vestida num minúsculo biquíni branco. Ladeada, por Lúcio e Stefano. Conversavam e riam. Extrovertidos. Eles o avistaram. Lúcio, e Stefano. Permaneceram onde estavam. Ela, lhe saiu ao encontro. Ele, a pegou pela cintura. A enlevando. Cruzando as pernas dela, em sua cintura. Caminhando com ela, até onde os primos estavam. Ao tentar beijá-lo, na boca. Ele se desviou. Recebendo o beijo dela na face. Rhane, o percebeu um tanto taciturno. Preocupado. Estranhou.

-- O que foi? – quis saber ofendida. Ser repelida por ele. Não a agradou.

Aleico percebeu o ar ofendido dela. E tratou logo de se explicar.

-- Nada. É dia. E todo cuidado é pouco, si. – a lembrou.

Rhane refletiu por um segundo. Viu que Lúcio, e Stefano pensavam o mesmo. Concordou.

-- Não aguento, mais... Ficar me policiando! – reclamou, amuada.

-- Também não, Rhane. Mas, é preciso. – concluiu ele. Prudente. -- Nonno. Viu-nos, ontem na praia. – contou. Desconcertado. Com os olhares curiosos dos primos.

-- Como assim.. Quando estávamos.. Quero dizer.. – se enrolou toda. Compreendendo. – Oh, Deus! – exclamou. Sem jeito.

Stefano sorriu. Maliciosamente. Lúcio balançou a cabeça. Reprovador.

-- Madonna mia! Quanta imprudência... – Lúcio, os repreendeu.

O silêncio pairou sobre eles. Refletiam-se.

-- Bom, vou colocar nosso amigo iate. Sem nome... Para navegar. – Stefano, quebrou o silêncio. Maroto. – Vem comigo, Lúcio. – o chamou. – Aliás, precisa providenciar o registro na marinha. Já escolheu o nome?

-- Sim, já escolhi. Também tomei providencias para o registro. – Aleico, falou. Sem entrar em detalhes. Stefano compreendeu. Seguiu para a cabine de comando do iate. Lúcio, o seguiu.

-- Venha, vou mostrar as cabines. – a pegou pela mão.

Desceram para a parte interna da embarcação. O interior do iate era enorme. Composta por uma bem equipada cozinha. Uma sala ampla, muito confortável. Quatro cabines dormitórios. Sendo duas suítes. Aleico, informou que no andar abaixo daquele ficava a casa das máquinas. E o alojamento da tripulação.

-- Uau! Caso, queira dar volta ao mundo... É possível?

-- Com certeza! É uma embarcação para 13 pessoas. Incluindo a tripulação. É claro. – afirmou ele. – Tenho vontade... Não, agora. Seria impossível, com tantos compromissos de negócios. Mas, assim que as coisas estabilizarem. Faremos isso. Vamos explorar esse mar. Aceita?

-- E como.

Aleico, a puxou junto ao corpo. A abraçando. Procurou a sua boca, para um beijo. A sentiu doce. E receptiva. Aprofundou o beijo. Ávido. Sentiu o corpo ensandecer. Desejoso. Acariciou suas nádegas. Suas costas. Tocou os seios, por cima do tecido do biquíni. Os sentiu turgidos. Soltou a peça do biquíni. O jogando para o chão. Beijou-lhe os seios. Um, a um. Prazeroso. Lentamente. Contornando-os, bicos rijos. Delicadamente. A provocando. Ela gemeu, agoniada de puro prazer. Deleitosa. O sugou forte. Deliciado. Desceu a mão. E a tocou, entre as pernas. A sentiu úmida. Fremiu. Sôfrego.

-- Quero amá-la...

-- Lúcio... Stefano, eles... – resfolegou. Os beijos ávidos, dele. A deixou trêmula de desejo.

-- Eles são homens. Vão entender... Esqueça-os? – pediu, entrando com ela na cabine. Travou a porta. A deitou na cama. Despindo a calcinha do biquíni. Tirou a própria roupa. Deitou ao seu lado. A apreciando, com os olhos famintos. Tocou a pequena marca do biquíni nos seios. Desceu para o ventre. Acompanhou o triângulo com dedo. E seguiu a fina linha lateral da marca da calcinha. – Vire-se... Quero ver a marca do bumbum?

Ela virou lentamente de bruços. O sentiu contornar a marca. Delicadamente.

-- Está linda! – exclamou embevecido. – Também, fica linda... Com esta cor! – disse, beijando o triângulo branco protegido do sol, pelo biquíni. A arrepiando toda. – Adoro, as duas... – beijou as nádegas bronzeada. Mordiscando-as. Levemente. – Estou excitado demais... Chega doer! – clamou.

Rhane virou de costa. Acariciando o seu membro duro. Suavemente. Ele gemeu.

-- Tão sólido... E tão macio. Como pode? – disse. Deslizando a mão sobre a sua potente ereção. Admirada.

Aleico riu. Então segurou a mão dela, parando o toque. Levantou. E se ajoelhou na cama. Sentou, sobre os calcanhares.

Rhane arregalou os olhos. Deslumbrada. A visão dele, naquela posição. O deixava ainda mais excitado... Avantajado. Sentiu suas entranhas fremir. O queria dentro de si. Sua boca salivou, por ele. Lambeu os lábios. Desejosa.

Aleico acompanhou o gesto. E a viu salivar por ele. Desejosa. Faminta. Também se sentia assim. Um desejo frenético que o consumia. Dilacerava suas entranhas. Jamais iria deixar de querê-la. Amá-la. Era eterno!

-- Vem.. – a viu, se retesar. – Confie em mim? – pediu gentil. Estendendo a mão. – Não vou machucá-la. É uma posição diferente. Vai gostar! – prometeu.

Ela pegou a mão dele. E se levantou. Se aproximou devagar. Temerosa.

Ele, a pegou no colo pela cintura. Rodeando as suas pernas, em sua cintura.

-- Deixe que eu a conduza. Está bem? – instruiu. Ela assentiu afirmativamente com a cabeça. – Caso, se sinta desconfortável. Me avise... Certo?

-- Certo.

-- Relaxe o corpo... Isso. Deixe-me, entrar em você... Assim, assim. Hum... – Ele gemeu. Deliciado. – Sinta. Como é gostoso?

Sentia-o entrar nela. A possuindo lentamente. Cravou as unhas em seus ombros. Ensandecida. Pulsante. Sentiu o latejar do seu membro, dentro dela.

-- Está tão excitado. Sinto o seu latejar, dentro de mim... – murmurou. Procurando ver o movimento dele, entrando nela. O que ficou difícil com seus corpos colados...

-- Também, sinto você... Quer ver? – perguntou, ao vê-la observando o seu movimento.

-- Quero... Dá?

Aleico terminou de penetrá-la. Enterrando-se nela, por completo. Afastou o corpo. Ela fez o mesmo. A levantou pelo quadril. Saindo dela. E entrando novamente. Permitindo a visão do ato.

Seguidamente. O prazer de vê-lo, possuí-la. A excitou grandemente. Levando-a, num orgasmo vertiginoso. Seguido de outro. Que a deixou zozona.

-- Oh... – gemeu descontrolada, com o orgasmo duplo.

Aleico, a sentiu ter o corpo tomado por um orgasmo duplo. Algo, que ouvira falar... Mas, que jamais pensou ser possível. Agora... Sabia! Era possível! Excitado, com o duplo prazer dela. Sentiu seu corpo enrijecer. A segurou pelas nádegas. Aumentando o movimento do corpo dela, sobre o dele. Explodiu em um clímax alucinante. Qual nunca havia sentido. Convulsionava intensamente. Sentia sua seiva fruir sem parar. Sentiu ela, toda trêmula. Com a intensidade do próprio clímax.

Procurou os lábios dela. E a beijou ávido. Apaixonado. A abraçou apertado, junto ao seu corpo. Sentia os corpos deles. Liberarem, os últimos espasmos. Demoradamente.

-- Gostou da nova experiência? – perguntou. A beijando no pescoço. Docemente. A mantendo em seu colo. E ainda dentro dela.

-- Deliciosa! Quantas novas experiências assim. Terei? – quis saber. Maliciosa. Remexendo o quadril. Provocadora.

-- Muitas! -- respondeu travesso. -- Mas, agora preciso de um descanso... Ou, morro! – resfolegou. -- Teve um orgasmo duplo, sabia! – exclamou impressionado.

-- Hum-hum... Uma vez li algo sobre isso. Achei impossível. Agora, não mais! – concluiu ela. Estremecida.

-- Também, pensava assim. – concordou ele. – Apesar, que fiquei assustado comigo mesmo. Nunca senti um prazer... Assim, antes. – confessou. Rouco.

-- Não? – duvidou ela.

Aleico fez um gesto negativo com a cabeça. Levantou com ela no colo. Tomou o rumo do banheiro.

-- Aonde vai? – quis saber. Curiosa.

-- Vamos tomar um banho, tesoro. – falou, abrindo a porta na lateral da cama. Revelando um enorme banheiro.

-- Nossa! Isso é um iate... Ou, um navio? – brincou.

Ele riu. Abriu o chuveiro. Testou a água. E entrou com ela. Saiu dela, lentamente. A depositou no chão. Pegou a esponja começou ensaboá-la, com carinho. Prazeroso.

-- Cansada? – procurou saber. Ao vê-la abrir a boca. Sonolenta.

-- Um pouco...

-- Pode descansar lá no convés... Apreciando o passeio. Certo?

-- Sim, senhor! – respondeu. Matreira.

Capítulo 10

-- Confortável, madame? – Aleico quis saber. De volta no convés ajeitou uma espreguiçadeira para ela, descansar. E outra para ele. Sob guarda-sóis. Os protegendo do sol de verão.

-- Muito. – respondeu, sonolenta. – O mar. É tão lindo! – clamou, num suspiro lento.

-- Acho que isso... É seu. – Lúcio, estendeu a parte de cima do biquíni. Fingindo seriedade. – Fui à cozinha pegar, o champagne... – levantou um balde de gelo. Com uma garrafa dentro. E quatro taças

nas mãos. – E o encontrei perdido, por lá. – brincou ele. Ao ver a cara chocada dela.

-- Oh! – exclamou. Toda sem graça. Pegou a peça da mão dele. Rapidamente. Sem saber o que fazer com ela. Viu um meio sorriso tomar os lábios de Aleico. Jogou a peça nele. Raivosa. Ele a agarrou. Abriu a peça. A beijou. A dobrou novamente. E a guardou no bolso da bermuda. Piscando para ela. Malicioso. Sentiu as faces rubras de vergonha. – Sem graça! – o reprimiu.

Aleico e Lúcio, caíram na gargalhada.

-- Ao que vamos brindar? – perguntou a Lúcio. Procurando atenuar a situação. Calando-os. Stefano parou a embarcação. Olhou o celular. Mandou uma mensagem. E se juntou, a eles.

-- Bom... – Lúcio, deu de ombros. – Sei lá, pensei em brindar... A nós. Nosso primeiro passeio de barco juntos. Nossa amizade. Aos dois... Que sejam muito felizes! – Abrindo a garrafa, encheu as taças. E a ergueu para o brinde. Fizeram o brinde. Desejando felicidades, uns aos outros.

No final do passeio teve a felicidade de ver o lindo pôr do sol, sob a baía. Tingindo o mar de um alaranjado maravilhoso! Espetacular!

-- Nunca, vi... Nada mais lindo! – falou, com o fôlego entrecortado.

-- Já vi muitos assim, aqui... Quando garoto. Íamos para aquele platô. Com minha mãe... – apontou uma pedra achatada. Ao longo da orla. – Ficávamos lá, com ela. Observando, embevecidos. – contou saudoso. – É a primeira vez que faço isso... Com uma mulher, que não seja ela. – disse feliz. A abraçando apertado por trás. A beijou no pescoço. Cuidadoso.

Stefano ancoravam o iate novamente no píer. Viu-o sair apressado. Lúcio desceu. E seguiu para a villa. Calmamente. Os deixando, a sós.

Rhane virou entre os braços dele. E o fitou. Com um olhar apaixonado. O tocou na face com carinho. Sem expressar palavras. Não era preciso. Ele a conhecia. Sabia disso!

As duas semanas passou rápido. Durante o dia. Ajudava Sofia, na decoração da villa. À noite expunha para Aleico, os slides da decoração. Juntos, decidiam por aquele que os agradavam. E naquela noite. Receberiam, sua mãe e seu padrasto. Que viriam para o jantar. Dentro de dois dias. Era o casamento, deles. Resolveu preparar um jantar. Queria surpreender a mãe.

-- Quer ajuda? – perguntou ele. Entrando na cozinha de banho tomado. Muito bem vestido, num terno Armani grafite. Camisa prateada. E sem gravata.

-- Uau! Tentando impressionar a sogra? – brincou. Rodeando o pescoço. O beijou na boca. Apreciativa. Ele retribuiu, com prazer.

-- Preparando terreno. Seria, o mais exato. Dio Santo! Pare, Rhane... – pediu. Desesperado. Com os beijos ávidos que ela depositava em seu pescoço. Indo para seu peitoral. Arfou. Segurou as mãos dela. A impedindo de abrir sua camisa. A afastou dele. – Precisa terminar o jantar.. Arrumar a mesa. E tomar banho. Nada de beijos. E abraços. Entendeu?

-- Que chato! – reclamou. Toda faceira. – Certo. Nada de beijos. E abraços. – levantou as mãos. Desiludida. – Bom, o jantar está pronto... Deixei tudo no forno. Para não esfriar. – apontou o forno. - Segui a receita do Chefe. Fiz direitinho como me ensinou. Quer provar?

-- Não será preciso. – respondeu ele. A fitando orgulhoso. – Todos esses dias. Tem me surpreendido. Imaginei que fosse ser complicado, ensiná-la. Provou ser um excelente aprendiz. – elogiou.

-- Com um professor talentoso. E lindo. É difícil não aprender. Aliás, talento é o que não lhe falta.

Concorda? – disse. Provocadora. Tocando o seu sexo intimamente. Sentindo-o excitado. Gostou.

-- Quer parar de me provocar.. Domenico, e Helen. Chegam, a qualquer momento. Me deixar excitado. Não é uma boa ideia! – reclamou. Agoniado.

-- Ok. – levantou as mãos, para cima. -- Me ajuda a colocar os pratos. E os talheres? – pediu. Tirando o aparelho de jantar do armário. – Está tudo limpo... As taças, também. – informou. – Deixei o vinho para você. Certo? Acho que entende melhor.. Esse negócio de combinar o vinho, com o prato a ser servido... Sinceramente. Acho, um pouco complicado! – o ouviu, resmungar qualquer coisa em italiano. Que não entendeu. – O que foi? – quis saber. Virando de frente para ele. O viu parado. Analisando, a si próprio. – Algo errado?

-- Isso... – Abriu o terno. Mostrando toda sua potente excitação. – Estou tentando me descontraír.. – resmungou. Fazendo uma careta. Desgostoso.

Rhane riu.

-- Ouvi dizer que vai vender sua cobertura em Milão. Por quê? – quis saber. Levando o aparelho de jantar para a mesa.

Aleico, a ajudou com a mesa. E a seguiu de volta na cozinha. Recostou no balcão. Ela se sentou no banquinho. O aguardou.

-- Ultimamente. Tenho vendido vários imóveis meus... Como soube? – perguntou. Desconfortável.

-- Suzane. Ela ligou. Queria falar com você. – forneceu, ela.

-- Bom.. Com a entrada da Corporação no ramo hoteleiro. Não vejo motivo para manter tantos imóveis. – expôs. -- Geram alto custo. Além, é claro. Que preciso de empregados confiáveis. O que é difícil. E vou pouco nesses lugares. Com os hotéis... Irei, menos ainda! Eis o motivo para a decisão de vender..

-- Está sempre, em Milão... – o cortou. Descontente. -- Sei que possuí hotéis, lá. Mas, não é esse o motivo. Não é? – Ele assentiu em acordo. -- Concordo com os outros imóveis. Mas, não posso dizer o mesmo... Sobre a cobertura em Milão. Não precisa vendê-la. Podemos reformar. Mudar a decoração. Trocar a pintura. Conversei com Suzane. Foi ela que o decorou. Não foi? O que acha? – Viu-o levantar as sobrancelhas. Duvidoso. Tratou de convencê-lo. – Ela, me falou que o projeto do prédio. É seu. E que projetou a cobertura exclusivamente, para você. – contou. Percebeu o seu ar chateado. Será que exagerou. Intrometeu, onde não devia? Perguntou-se. – Não quero ser intrometida. Mas pedi para mandar alguns projetos de decoração. Separei alguns. Mas, fica a seu critério...

-- Rhane... Não acho que uma reforma será suficiente. – discordou ele. Respeitoso. – Posso comprar outra... Caso queira. Só não quero nada entre nós. Compreende?

-- Não precisa ter todo este cuidado comigo, Aleico. – contestou ela. Séria. Fitando o chão. Cabisbaixa. – Sei que levou mulheres, lá. Contou-me. Posso lidar com isso... Preciso saber lidar com isso! – exclamou determinada. – Vi as fotos da cobertura. Suzane me mandou. – contou. -- Quando olhei todo o projeto. Cada cômodo. Foi como ver.. – calou por um instante. Comovida. – Expressou seus sentimentos ali. Negar isso. Não irá me convencer. – objetou, ela. Viu-o disfarçar o olhar. Ocultando o próprio sentimento. -- Como pode querer vendê-la? Seria egoísmo de a minha parte concordar com isso. -- disse um tanto envergonhada. – Por isso não concordo! – expôs firme.

Aleico, a olhou surpreso.

-- Tem certeza? Não quero ser interrogado toda vez que cismar com algo, Rhane. – a avisou claramente.

-- Não farei isso! – prometeu. -- Amar uma pessoa. É confiar nela. E eu confio em você!

-- Não imagina como fico feliz em ouvir isso! – expressou, se aproximou. Acariciando a sua face. Terno. – Não quer, que a venda? – Ela fez um gesto negativo com a cabeça. – Então, não a venderei... Vamos reformá-la. Juntos. Certo?

-- Certo.

-- Ótimo! Agora, é melhor ir tomar banho. Nossos convidados... – disse, olhando para o relógio. – Chegam em menos de 30 minutos. – presumiu, ele. Virando-a na direção da porta. – Vá. Cuido do resto. – prontificou. Zeloso.

Rhane fez o que ele mandou. Deu dois passos. Parou. Voltou novamente na direção dele. Viu-o franzir as sobrancelhas. Inquiridor. Aproximou o beijou nos lábios. Docemente.

-- Eu te amo! – cochichou ao ouvido. Apaixonada. Dando meia volta. Rumou para o quarto.

Aleico ficou parado no lugar. Estático. Sem palavras. Meditativo. Ouviu um carro chegar. O tirando do transe. Balançou a cabeça procurando aliviar a tensão que o tomou. Encarar o irmão. E a futura cunhada... Ou, sogra. Seria complicado! Pensou. Inspirou o ar para os pulmões. O soltando levemente. Descontraíndo-se.

Abriu a porta antes de Domenico bater. O assustando.

-- Dio! Pode matar alguém, sabia? – satirizou ele. – Como vai, Aleico? – o cumprimentou, logo em seguida. Alegre. O abraçando saudoso.

Aleico retribuiu o abraço. Também com saudade do irmão.

-- Vou bem... Está ótimo, Domenico. – observou. Trajava um Armani prata. Camisa azul. Como ele. Dispensou a gravata. O analisou com ar atrevido. Deixando o irmão, sem graça. – Está bellíssima, Helen. – elogiou. Cortês.

-- Obrigado. – Helen agradeceu. Desconcertada com o elogio.

Aleico notou. Riu. Havia a elogiado de propósito. Helen era linda. Isso era fato! Mas, nunca ousou lhe fazer um elogio. Era a primeira vez! O vestido azul, justo. Frente única. Delineava o belo corpo. Ela, e o irmão. Faziam um belo par. À felicidade deles. Era visível, aos olhos. Ver o irmão feliz. Era muito bom. Domenico sofrera com a morte da esposa. Conhecer Helen. Foi a melhor coisa que aconteceu na vida dele. Eis, o motivo de ocultar sua relação com Rhane. Mas, isso... Vinha ficando cada dia mais difícil. O amor que sentia por Rhane, transcendia a sua alma. E isso... Às vezes, o incomodava! Pensou.

-- Se não fosse meu irmão... Desconfiaria de você, sabia? Isso lá, é jeito de olhar para um homem. – Domenico, implicou. – Podemos entrar? – quis saber. Percebendo a inquietação do irmão. Algo o incomodava. Preocupou-se.

-- Claro, entre. – falou rapidamente. Liberando a passagem. – Vamos para a sala. Nem todos os cômodos estão prontos. Como podem ver. – Aleico explicou. – Sente-se.

Domenico, e Helen se acomodaram no confortável sofá. Juntos. Aleico sentou em frente a eles. Totalmente desconfortável. Viu que seu irmão. O observava. Atento. Aumentando seu desconforto. Droga! Praguejou em pensamento.

-- E, Rhane. Onde está? – Helen, quis saber.

Totalmente alheia ao seu desconforto. Meno male! Graças a Deus! Clamou ele.

-- Estou aqui! – disse ela, entrando na sala. Toda alegre. Vestia um vestido lilás de um ombro só. Godê. Na altura do joelho. Sandálias de salto agulha. Brancas. Os cabelos presos num coque. No pescoço, trazia a gargantilha que ganhou de seu padrasto. – Mãe, que saudades... Está linda! – declarou, a abraçando. Apertado. Helen retribuiu o abraço com carinho. A envolvendo nos braços. Saudosa.

-- Também, está linda! – Tocou o rosto da filha. Apreciativa. – Ficou bem.. Assim, toda bronzeada. – a fitou, um tanto emocionada. – Sinto muito, por não estar presente no seu aniversário. – Helen, clamou. – Soube, que foi muito bom!

-- Tudo bem, mãe. – tranquilizou. – Foi tudo ótimo! Dona Elisa... Foi maravilhosa! – exclamou contente. – Domenico, como vai? – o cumprimentou. Alegre.

-- Vou bem, Rhane... Também, está linda! – elogiou.

-- Obrigada. – agradeceu. Voltando a atenção para Aleico. – Sirvo o jantar? – quis saber.

Domenico respondeu por ele.

-- Confesso. Estou faminto! – reclamou. Todos riram. – Estou falando sério... Aquela cerimonialista não me deixou um minuto em paz. Com tantos ensaios. Dio Santo! Mal consegui beber um copo de água! – resmungou. Pegando a taça de vinho que Aleico, estendia.

-- Ótimo! Vou servir o jantar.. – Rhane falou, saindo em direção à cozinha.

-- Quer ajuda? – Aleico, se ofereceu.

-- Não, não será preciso. – recusou, ela. -- Vou um servir um prato de cada vez. Como me ensinou. Certo? Volto já. – se voltou. -- Leve-os para mesa?

-- Certo. Farei isso. – garantiu, ele. – Por aqui... – pediu. Indicando o caminho para a sala de jantar.

-- Está sem empregados? – Domenico, quis saber.

-- Sim, por enquanto. Recontratei os antigos empregados. São de confiança. E de boa família. Chegam, amanhã. – Aleico, os informou. – Vão residir aqui. Como antes. Comprei a villa, para as férias de verão...

-- Isso é algo que ainda não compreendi? -- Domenico, o indagou. Incompreensivo. -- Há anos que temos uma villa ao lado. Exatamente para as férias de verão, Aleico. O que o levou a comprar outra?

-- Talvez, porque queira ter o meu próprio lugar. – citou. -- Sempre fui assim, Domenico. Sabe disso?

-- É. Sempre foi. – concordou. Pensativo.

Aleico viu Rhane, entrar com o primeiro prato. Interrompendo a conversa entre ele e o irmão. Helen, os observava. Em silencio. Ufa! Clamou aliviado.

Rhane colocou o prato sobre a mesa. Sentando ao lado dele. Com sua mãe e Domenico, á frente.

Enquanto comiam, conversavam sobre o casamento e outros assuntos. Despreocupados. Após o jantar, Helen, ajudou a filha tirar a mesa. Na cozinha conversavam. Tranquilas.

Na varanda, Aleico e Domenico. Olhavam alheios para Positano. Aguardando-as.

-- Sempre, inquieto... – Domenico, quebrou o silêncio com comentário. -- O que quero dizer é... Quando vai parar. Encontrar alguém. Casar. Ter filhos. E formar uma família? – procurou saber, com voz preocupada.

-- Depois de você. acredite! – respondeu. Enigmático. Viu o irmão arquear as sobrancelhas. Descrente. -- É o seu casamento, Domenico. Não seria certo tirar os holofotes de vocês, dois. Não acham? – apontou ele. Brincalhão. Tentando desviar o assunto.

-- Ouvi isso, meses atrás... E até agora, nada! – replicou ele, percebendo a manobra do irmão em mudar de assunto. Tudo bem! Por horas, deixaria passar. Pensou. Nada contente.

-- Já encontrei...

-- Acabei de saber... Que você tem habilidades culinárias. – Helen, interrompeu-os. Surpresa. – Nunca mencionou isso, Domenico... – cobrou ela. Gentilmente.

-- Não achei necessário. – argumentou ele.

-- É, tem razão. – Helen concordou. – Mas, quero agradecê-lo, Aleico. – disse sincera. -- Deve conhecer os fatos. Creio que conversaram sobre isso, não é? – Aleico fez um gesto afirmativo com a cabeça. Permanecendo em silêncio. -- Bom. O que quero dizer. É que... – sentiu desconfortável. Era um assunto muito complicado. Falar dele era reviver uma época difícil. Tanto para ela, como para sua filha. – Rhane, fez da cozinha uma inimiga. – contou. -- Sempre procurou evitar entrar na cozinha. Principalmente quando alguém.. Está cozinhando. Ver, que ela superou isso. É muito bom! Não. É maravilhoso! – se corrigiu emocionada. – Quando Domenico, me disse... Que ofereceu sua casa para Rhane, ficar. Confesso. Tive medo. – falou sem jeito. – Dado a sua experiência... Enfim, todas as coisas que sai sobre você, na mídia. – dizia. -- Custou-me, aceitar que podia confiar em você. A única vez que o vi. O achei tão diferente de Domenico... Vi, um homem prepotente, arrogante. Autoritário, também. Além, é claro. Um típico, “Casa nova”. – frisou. Aleico franziu as sobrancelhas. Nada contente. Domenico notou. – Quando comentei isso, com Domenico. Falou-me, que nem tudo que falam sobre você, é verdade. Que foi rotulado pela mídia... Que na realidade quando o conhecemos pessoalmente. Vemos que é um cara família. Honesto. Íntegro. Mas, acontece que preferi acreditar na mídia. Em nenhum minuto achei que poderia estar errada! Hoje, pude ver que errei em julgá-lo. – reviu ela. -- Mostrou ser uma pessoa totalmente diferente daquela... Que julguei, que fosse. -- elogiou.

Aleico se sentiu desconfortável. Dio! Olhou ao longo do corredor. Onde Rhane estava? Perguntou-se. Angustiado. Ouvir Helen, elogiá-lo. Foi à gota d’água! Droga! Se ela soubesse o que ele fazia, com a filha dela. Jamais lhe daria um elogio assim! Sentiu o suor umedecer a testa. Inferno! Nunca em sua vida se sentiu tão desconfortável.

Domenico percebeu o desconforto do irmão, diante do elogio de sua noiva. Estranhou. Algo acontecia ali. Tinha certeza! O que seria? Pensou. Preocupado.

-- Helen... – Aleico, começou.

-- Não, não. – Ela, o interrompeu. – Deixe-me, terminar? – pediu, gentilmente.

-- Claro. – concordou. – Desculpe. – pediu. Sem jeito.

-- Tudo bem. – assentiu ela. – Fico feliz em ver que se deram, bem. Que a respeita. Isso é bom! – Aleico, gemeu em silêncio. Atribulou-se. – Rhane, me contou que a ensinou cozinhar. O agradeço novamente, por isso! – foi sincera. -- Notei que minha filha, está diferente...

-- Quem está diferente? – Rhane quis saber, entrando na varanda. – Desculpe o meu sumiço. Fui ao

banheiro. – informou. – Mãe, sobre o que falava?

-- Sobre você. – Helen, falou. – Está diferente, querida.

-- Eu? – perguntou, sem graça.

Helen foi até ela. Tocou a sua face, delicadamente.

-- Não é mais... Aquela menininha que vi entrar no avião. Quatro meses, atrás. – Analisou-a. -- Como mãe. Percebi isso. – expressou. -- Cresceu. Deixou de ser menina. Transformou-se, numa mulher. Deus! – exclamou aturdida.

Rhane desconcertada. Olhou para Aleico. Viu-o totalmente desconfortável. Notou que seu futuro padrasto. Olhava atento para o irmão. Enregelou-se.

-- Mãe...

-- Só espero que não tenha entregado seu coração para um conquistador barato. Aproveitador de garotas inocentes. Oh, Rhane... Isso não aconteceu, não é? – a indagou. Temerosa.

-- Mãe. Olha... – começou a dizer toda constrangida. – Não podemos falar sobre isso depois. Só nós duas? – pediu, olhando ao redor. Chamando a atenção da mãe. Educadamente.

Viu Aleico, suspirar aliviado. Domenico, também pareceu aliviado.

Sua mãe a olhou. E a viu toda constrangida. Desculpou-se.

-- Tem razão. Sinto muito, filha. – pediu. Olhando para os dois homens, sem graça. – Preocupação de mãe. Acho, eu! – se justificou. Eles concordaram em silêncio. Desconcertados.

-- Á mim, parece nervosismo pré-nupcial. – Rhane brincou. Sorrindo. Suavizando o ar do ambiente.

-- É, pode ser... – Helen concordou. Também sorrindo.

-- Venha, vou mostrar meus presentes de aniversário. – a pegou pelo braço. E a levou embora.

Aleico passou as mãos nos cabelos. Os ajeitando. Nervoso. Iria cortá-los! Pensou. Incomodado. Olhando para dentro. O que elas conversavam? Perguntou-se. Agoniado.

-- Não vai assim ao meu casamento, vai? – Domenico, apontou o cabelo. Questionador.

-- Não. Vou cortá-los, amanhã. – respondeu prontamente, com voz agoniada.

-- Qual é o problema, Aleico? – Domenico, o inquiriu. Vendo a agonia dominar os olhos do irmão.

-- Nenhum. – respondeu. Voltando o olhar para o irmão. Procurando se acalmar. Droga!

-- Va bene! Tudo bem! – Domenico aceitou a contragosto. Deixando claro sua dúvida. – Como estão os negócios em Moscou? – perguntou.

-- Bem, muito bem! – respondeu. Se sentindo mais tranquilo. Passaram a conversar sobre a companhia. Esquecidos do resto.

Por voltas da 23h00min. Domenico, alegando cansaço. Chamou Helen para partirem.

-- Nós vemos amanhã, querida. – Helen, se despediu. A abraçando apertado. -- Buonanotte, Aleico. – despediu dele, estendendo a mão.

-- Buonanotte, Rhane. Aleico. – Domenico, fez o mesmo. Notou o presente dele no pescoço dela. Tocou gentil. – Ficou lindo!

-- Também, achei. – concordou Rhane. O beijando no rosto com carinho. – Obrigado, Domenico.

Significou muito para mim. Mesmo! – revelou.

Ele retribui o beijo. Emocionado.

Ela e Aleico, ficaram olhando o carro desaparecer na curva.

Sentiu-o, abraça-la. Cansado.

-- Dio Santo! Estou morto! – clamou. Pousando a cabeça no ombro dela.

-- Idem. – fez coro. Aconchegando a ele. – Nunca pensei... Que minha mãe soubesse que eu, ainda era virgem... Meu Deus! Por isso quando discordei em não fazer o exame de corpo de delito. Ela ficou do meu lado. Nem desconfiei, pode? – riu, achando graça da situação.

-- Rhane, isso não é engraçado. – Aleico, a repreendeu. Sério.

-- É sim. Muito hilário! – gargalhou.

-- Ótimo! Quero ver você rir quando ela, souber... Que perdeu a virgindade, comigo. – reclamou ele. Tenso. Ela se calou na hora. Percebeu agonia e medo na voz dele. Temeu. – Rhane, quando estava no banheiro. Sua mãe, me deixou bem claro... O que pensa de mim. – contou para ela. A conversa deles, na sala.

Rhane ficou chocada. Desacreditada. Virou para ele. E abriu sua camisa. Botão, por botão. O beijando. Desesperada no peito. E o abraçando em seguida.

-- Foi escolha minha... Amar você. Ela, não poderá impedir. Entende? Não vou aceitar, Não vou! Eu ti amo tanto!

-- Ah, Rhane. Eu, também. – respondeu. A beijando na boca. Ávido. – A amo demais!

Pegou ela no colo. E a levou para o quarto. Tirando a roupa dela. Apressado.

-- Ninguém vai tirá-la de mim. Ouviu? – prometeu. A beijando apaixonado. – É minha amore... Só minha!

-- Então, me ame? – pediu ela. Desesperada.

E ele, a amou. Loucamente. Despudorado.

A igreja estava linda! Toda ornamentada. E o noivo. Belíssimo. Seu nervosismo era visível. Ela como madrinha, também. Ao seu lado, Aleico. Parecia tranquilo. Sereno. Inacreditável! Todos os convidados estavam ansiosos. A marcha nupcial anunciava o início da cerimônia. A noiva surgiu deslumbrante num vestido prateado. O corpete era justo, até a cintura. A saia, toda pregueada. Longo. No lugar do véu. Um par de pentes de diamante, que prendia os cabelos. Era usado por todas as noivas, da família Domenacci. Um costume seguido, há gerações. Sua mãe, foi conduzida até ao altar por Dom Geovane. A cerimônia foi emocionante! Maravilhosa! Viu sua tia Karen chegar na última hora, bem no início da cerimônia. Chegou a pensar que ela não viria. Ficou feliz.

A festa organizada para poucos convidados, estava super animada. O jardim fora todo produzido. As mesas bem organizadas, dipostas sob os caramanchões ornamentados com flores do campo, e rosas. Muitas rosas. Garçons divinamente vestidos, serviam com esmero os convidados. Havia uma orquestra, ao fundo. Junto uma pista de dança improvisada. Tocavam músicas típicas italianas. Além, outras que era pedida pelos convidados. E era um convite para os exímios dançarinos. Ou, a quem quisesse arriscar a se divertir. O luxo permeava todo o lugar. Exuberância pura. Tudo brilhava! Deu um suspiro cansado. Ainda era cedo. E o cansaço já a dominava. Algo incomum para ela. O que estava acontecendo com ela. Sua menstruação ainda estava atrasada. Grávida! Será!

Sua tia Karen conversava com Andrezzi, e Giorgio. O primo de Aleico, que morava na Austrália. Havia chegado um dia antes. Estava acompanhado da filha. Realmente, era o Domenacci mais bello da família. Como ouviu dizer: Rhane, o achou... Além, de muito educado. Um tanto frio. Apático. Penalizou-se. Rumou em direção deles. Tentando desviar dos convidados. Difícil. A todo instante um deles, a cercava. Para dar os cumprimentos pelo o casamento de sua mãe. Ainda não tinha conversado com sua tia. Caso não evitasse os convidados, nunca iria chegar até ela. Suspirou. Inconformada. Sentiu alguém pegar lhe o braço.

-- Venha, vou ajudá-la. Ou, não vai chegar onde está, sua tia... Nunca. – Aleico, brincou.

-- Nisso, concordo. – assentiu, o seguindo. -- Sou parada a cada passo que dou. – reclamou ela. Rindo.

Aleico, a conduziu entre a multidão rapidamente. Evitando os cumprimentos só com o olhar. Chegaram aos outros, em segundos. Cumprimentou Andrezzi. Abraçou a tia. Saudosa. Saíram pelo jardim para conversarem. Particularmente.

-- Cansada? – Aleico, quis saber. Preocupado.

-- Um pouco...

-- Bom, logo acaba. – disse. Gentil. – Os noivos vão sair para a lua de mel, em meia hora. – informou. Olhando para o relógio. – Vamos voltar para casa, após a festa. Tudo bem?

-- Sim, tudo bem. – assentiu. – Já estou com saudades de casa... Deixei tudo arrumado. Sua mãe, já me avisou. – explicou ela. Ao vê-lo arquear as sobrancelhas. – Já estou sentindo falta de Arela... Do meu estúdio, da villa.

-- Eu também. Venha, vamos cumprimentar os noivos. – pegou a mão dela. E a conduziu em direção aos noivos.

Após cortarem o bolo. Os noivos partiram. Rhane, e Aleico os acompanhou até ao hangar. Onde o jato particular da família estava. Os viu partir, rumo a paradisíaca ilha do Caribe.

-- Caribe... Que bom! – exclamou, abrindo a boca de sono. – Nunca fui ao Caribe...

-- Eu a levarei. – prometeu ele. A abraçando.

-- Na lua de mel? – quis saber. Empolgada. Abrindo a boca de sono.

-- Por que não! – respondeu. – Com sono?

-- Um pouco.

Ele a pegou no colo. Dirigiu-se para o helicóptero que os aguardava. Colocou no assento. E a prendeu com o cinto de segurança. Fez o mesmo consigo. E deu ordem para levantar voo. Rhane adormeceu logo a seguir. Aleico, a envolveu nos braços. Protetor. Ela descansou a cabeça no seu ombro. Logo dormiu.

Pensou ouvir alguém chamar. Mas, sua cabeça pesava. Mal conseguia abrir os olhos. Sentiu ser carregada. Sonolenta. Murmurou.

-- Quero dormir...

-- Eu sei, amore. Vou colocá-la na cama. Está bem?

-- Hum-hum... – sussurrou, baixinho. Dormindo novamente.

Aleico a olhava preocupado. Além da perda de peso. E as inesperadas mudanças de humor...

Sonolência. Dores de cabeça. Tinha a sua menstruação, que nas contas dele. Estava atrasada. E muito atrasada! Dio! Era só o que faltava. Tê-la engravidado. Queria filhos. E muito! Mas, não agora. Não, antes de conversar com Helen... Com sua família. Droga!

-- O que foi? -- Arela, veio ao seu encontro, assim que desceu do helicóptero. – Aconteceu alguma coisa com ela? – quis saber, preocupada.

-- Não, só cansaço. Viemos direto da festa para casa. Tudo bem, aqui? – perguntou. Educado.

-- Sim, tudo bem. – Arela, respondeu.

-- Vou colocá-la na cama. – avisou. – Volto depois. Certo?

-- Certo. Quero notícias do casamento? – pediu.

Aleico virou para ela. Sorrindo. Tirou o celular do bolso. E lhe entregou.

-- Tem fotos suficientes... Para ver a noite toda. – brincou.

Arela, o agradeceu. Comovida.

-- Grazie!

Capítulo 11

Rhane acordou indisposta. Sozinha na cama. O travesseiro amassado denunciava seu acompanhante. Irritou-se. Olhou para o relógio no criado mudo. Marcava 09h00min. Droga! Viu o sol que entrava pela janela semiaberta. Reluzente. Lembrou que ao sair de Positano, começava a escurecer. O que significava que dormiu toda a viagem. E a noite inteira... Também. Ai, que horror! Clamou. Levantou. Tomou um banho. Na cozinha foi informada por Ana, que o patrão saiu cedo para o trabalho. Arela... Estava na cidade fazendo as compras da casa. E Suzane, a aguardava no estúdio. Se dirigiu para lá.

-- Bom dia, Suzane. – falou.

-- Buongiorno, Rhane. – respondeu, alegre. – Como foi o casamento?

-- Muito bom! Realmente, muito bom! – exclamou. Empolgada.

-- Trouxe os projetos da cobertura para você e Aleico, analisarem. – falou, entregando para ela, vários desenhos. – Usei vários estilos. Contemporâneo. Eclético. Moderno. Retrô-antigo... Tipo século XV. Sei que gosta!

-- Sim... Sou uma apreciadora do século XV. Pode acreditar! – concordou ela.

Suzane era uma mulher bonita. Cabelos louros. Olhos verdes. Alta e curvilínea. Uma típica escocesa. Culta. Educada. E muito discreta. Aceitou logo de cara, numa boa. O relacionamento dela, e de Aleico. Era uma apreciadora nata de romances.

-- Fico feliz que ele desistiu de vender a cobertura... O convenceu, não foi? – Suzane quis saber.

-- Sim... Convenci. Não vi motivos para vendê-la. – contou. – Quando você me mostrou o projeto. A amei. Conversamos. E resolvemos reformá-la. Juntos!

-- Que bom! – exclamou Suzane. Alegre. Estendendo uma amostra de tecidos. E outra de cores de tintas. – Podemos escolher algumas, estampas e cores. O que acha?

Durante as próximas horas se envolveram no trabalho. Criando e discutindo ideais. Suzane era uma ótima designer. E muito profissional como decoradora.

-- Rhane... – ouviu, Arela chamar.

-- Sim, Arela.

-- Anabelle. Está aí... E deseja. Vê-la.

-- Anabelle. – exclamou. Entre, surpresa e apreensiva. -- Tudo bem, Arela. Vou recebê-la. -- falou, demonstrando calma.

-- Se não quiser recebê-la, Rhane. Posso dizer para voltar outra hora. -- comentou, com aparente preocupação.

-- Bom, não quero que tenha problemas por minha causa. Vou recebê-la. Onde ela está? – perguntou, decidida.

-- Na sala de visita... Rhane... -- a chamou, ao ver que ela se dirigia para a sala.

-- Sim.

-- Eu, não importaria em ter problemas com Aleico... Por causa dessa, ‘aí’! -- disse com indiferença. Deixando claro toda sua antipatia, por Anabelle. -- Mas se eu fosse, você. Tomaria muito cuidado com ela. Não a deixe intimidá-la, Rhane. -- Alertou. Cautelosa.

-- Não deixarei. Arela. Não deixarei! -- afirmou. Confiante. E não iria mesmo! Pensou. Se dirigiu para sala onde sua inesperada, visita. A aguardava.

Ao entrar na sala, a viu. Com toda a sua extraordinária beleza. Examinava com aparente aprovação a decoração do ambiente. A observou. Era uma mulher constituída de extrema frieza, egoísmo, arrogância. Imprescindível não notar.

-- Bom dia, Anabelle. -- Rhane falou, ao ver que ela não havia notado sua presença. Entretida, vistoriando cada detalhe da sala. – Desculpe. -- pediu, gentilmente ao ver que sua aparição repentina. A assustou. -- Não era minha intenção, assustá-la. -- falou, procurando ser a mais educada possível.

-- Oh! Não me assustei. Aliás, não assusto, assim.. Tão facilmente! – falou, dando um sorriso falso e sórdido. Demonstrando logo a seguir cara de aparente surpresa. – Pensei que não fosse querer me receber. -- falou, com voz dócil.

-- E, por que achou isso? -- quis saber, não acreditando na doçura fingida da voz dela. -- Não acha que seria muito falta de educação de minha parte. Afinal, sou hóspede aqui. Nada mais que ser educada com os amigos de meu anfitrião, não é mesmo? -- Dando continuidade ao que dizia. Antes, que ela proferisse qualquer coisa. Educadamente.

-- Oh, é claro que sim! – respondeu ela, com ar desconfiado.

-- Sente-se. -- pediu Rhane. Indicando o sofá.

-- Obrigada! Bom, acho que deve estar querendo saber. Porque estou aqui, não é? -- foi logo dizendo com ar de superioridade.

-- Então, veio me ver? Interessante! – exclamou, fingindo surpresa.

-- Não precisa fingir surpresa para mim, Rhane. – revidou ela. Gentilmente. – Mal nos vimos em Milão. Não tivemos chance de conversarmos. Quero conhecê-la... Acha isso errado? – inquiriu. Astuta.

Rhane percebeu a estratégia dela. Desconfiava de algo... Ou, lhe queria dizer algo. Impor ela,

contra Aleico. A analisou. Astúcia e gentileza. Juntas. Sinceramente... Não combinava com ela! Presumiu. Cuidadosa.

-- Sinto muito, Anabelle! – disse claramente. – Mas, não vejo motivos para sermos amigas. -- resumiu ela. Rude.

-- Nossa! Quanta grosseria, cara. – Anabelle, a criticou. – Como enteada de Domenico. Deve saber que nossas famílias são amigas há anos. Não é melhor me ter como amiga. Ou, prefere inimiga? – a ameaçou. Disfarçadamente.

-- Olha, não gosto de ameaças... E não ameaço ninguém. Mas, acredite. Sei me defender muito bem! – revidou ela. Destemida. – Portanto, creio que não temos nada em comum. Dê-me licença. Suzane, me aguarda...

-- Suzane Baggio? -- perguntou com surpresa na voz.

-- Sim. Ela é a Arquiteta-decoradora, responsável pela reforma da casa. E eu, estou dando uma ajuda...

-- Oh! Então, é ela a responsável... – falou, observando tudo ao redor com olhar aprovador. -- Nossa! Preciso cumprimentá-la pelo bom trabalho. Ela, é ótima! Aliás, está tudo maravilhoso! Achei que Aleico fosse fazer algumas modificações diferentes. – dizia. -- Sabe, quando ele disse que iria fazer uma reforma na villa. Sugeri algumas mudanças. Mas, ele disse que não achava certo mudar nada. E vejo que tinha razão. Está tudo muito lindo! Sabe, fomos noivos... E por minha causa terminamos. Eu queria seguir minha carreira. – contou. – Aleico, queria uma família. Então, resolvemos dar um tempo. Mas, agora acho que vai ser diferente. Resolvi que já é hora de formamos nossa família juntos! -- se vangloriou. Orgulhosa. -- Oh! Desculpe, estou tomando seu tempo com tolices, não é?

-- Não acho que é tolice. Formar uma família. -- respondeu, procurando manter a calma. -- Uma família significa um ato de amor, entre duas pessoas... Que se ama... Anabelle! -- disse com frieza na voz.

E viu o sorrisinho de triunfo no rosto dela. Que não procurou disfarçar;

-- Fico feliz que pense assim, Rhane! Bem, já vou indo. – disse. Com educação fingida. – Mas, antes vou cumprimentar Suzane. Somos amigas. Não se importa, não é?

-- É claro que não. A casa é sua! -- respondeu, com uma pontada de deboche na voz.

-- Até mais. -- Anabelle, falou fingindo não ter percebido o deboche na voz dela.

Vendo ela, ir em direção onde havia indicado que encontraria Suzane. Começou a sentir novamente aquele mal estar que já lhe acompanhava fazia alguns dias. Não sabia dizer se era por causa do calor. Acreditava que sim. Os dias pareciam cada vez mais quentes. E tinham muito verão pela frente. Resolveu tomar um banho e descansar um pouco. Após um bom banho. E uma boa soneca. Tinha certeza. Iria se sentir melhor. Pensou.

-- Aqui, estamos... -- o ouviu dizer ao longe.

-- Rhane...

-- Sim... -- respondeu, saindo do transe em que se encontrava. Olhou para ele meia que perdida.

-- Está sentindo bem? -- perguntou, vendo que ela parecia estar a quilômetros dali. Ficando preocupado.

-- Sim, sim. Estou. Só, estava um pouco longe. Desculpe. Disse algo importante? – falou, procurando disfarçar seu mal estar, que simplesmente persistia em atormentá-la.

-- Não, não falei nada importante. Só disse que chegamos. Aliás, é a primeira vez que chegamos cedo. Depois que você chegou, sabia! -- a acusou, rindo maliciosamente.

-- Não sou a única culpada aqui, fique sabendo! -- se defendeu, rindo também.

-- Não, não é. – concordou. -- Adoro cada dia que passo com você! -- declarou, lhe tocando a face carinhoso. Ela percebeu que iria dizer mais alguma coisa, quando foram interrompidos por Matteo e Eloisa, que surgiram repentinamente.

-- Rhane... Zio Aleico...

Abraçou o tio. E lhe deu um beijo rápido na face. E fez o mesmo com Rhane. Sendo imitado por Eloisa. E a tomando pela mão. Saiu puxando ela, rapidamente em direção ao lago. Não dando a ela, se quer a oportunidade de cumprimentar os demais decentemente.

--Venha, Rhane... Quero que veja o que eu fiz. -- Matteo falava rapidamente, misturando os idiomas todo esbaforido.

-- Calma Matteo... Preciso cumprimentar os demais... – falou ela, ao passar por Dona Elisa, sendo arrastada por ele.

-- Oh, cara, não se preocupe! Vá ver o que ele quer... -- disse amável. -- Está assim a manhã toda. E não via a hora que você, chegava... -- a ouviu dizer, já longe.

-- O que deu nesse garoto? -- Aleico, perguntou a mãe enquanto lhe beijava a face. Carinhosamente. Vendo-o, arrastar Rhane como um vulcão em erupção. – Dio Mio! -- exclamou, rindo divertido.

-- Caro mio, realmente não sei. Deixa estar, ninguém vai reparar..

-- Imagino, que não. – anuiu ele. -- Pelo jeito deve ter deixado todos doidos, não...

-- E como deixa... Ricardo fica doido com a paixão deste garoto por Rhane. -- falava paciente. Olhando na direção que ela, e as crianças estavam. -- Disse... Que aos poucos ela está dominando todos os homens da família. -- revelou. -- O que eu discordo plenamente. Mas, sabe como é seu irmão. Quando põe uma coisa na cabeça. Não há quem o faça mudar de ideia. Há não ser, ele mesmo! -- declarou, dando um suspiro desanimador.

-- É. -- Aleico concordou a ouvindo com atenção.

-- Veja bem. -- ela voltou a dizer. -- Ele cismou de implicar com seu pai, porque está ensinando Rhane, a cavalgar..

-- Como disse? -- a interrompeu. Surpreso.

-- Disse que... – parou. Olhou a cara de surpresa dele. – Oh, eu imaginei que sabia...

-- Ele não sabia. Cara mia. -- Os dois viraram, ao ouvir a voz grave de Dom Geovane. -- Era surpresa...

-- Oh! -- expressou Dona Elisa com pesar. -- Eu não sabia, Geovane...

-- Tudo bem, Elisa. -- Aleico viu seu pai, acariciar a esposa com carinho. -- Rhane queria surpreendê-lo, filho. -- o pai explicou. Era um homem tranquilo. Sábio. E preservador. Mas, tinha um bom coração. Amava a família acima de tudo. Observou. -- Ela é muito inteligente. E aprende rápido. Pena que andou se sentindo mal com o calor. E tivemos que suspender os treinos...

-- Treinos? – perguntou ele, mais surpreso ainda. Olhando na direção dela. A admirando. – Está me dizendo que ela já pegou o jeito...

-- Pegou o jeito... Não diria que pegou o jeito. -- falou, rindo. -- Eu diria que já é uma amazona...

Uma pequena. E bela amazona. – falou, orgulhoso.

Vendo que seu pai olhava para Rhane, com extrema admiração. Preocupou-se.

-- Papa. O que está aprontando? E porque, Rhane... Anda treinando? Treinando o quê?

-- Equitação. -- falou tranquilo, diante de tantas perguntas. Mas, ao ver a cara de assombro que o filho fez. Tratou logo de explicar. -- Não equitação do jeito que está imaginando, Aleico. E só um treinamento para pegar afinidade, com o animal. Ter segurança, ao montar.

-- Meno Male! Graças a Deus! -- falou dando um suspiro aliviado. -- Não a quero envolvida com equitação, papa? -- pediu, com ar resignado.

-- Não se preocupe. Aleico. Ela, também não quer. -- revelou. -- Bom, agora que tal ir cumprimentar seus irmãos... Ah, já estava esquecendo. Domenico. Ligou. Chega hoje para o almoço. – o informou.

-- Aconteceu alguma coisa? – perguntou. Achou estranho seu irmão adiantar a volta da lua de mel.

-- Ele não disse. – O pai comentou. Aparentemente curioso.

-- Estranho, não?

-- Foi o que todo mundo, achou. – respondeu o pai. Tranquilo.

-- Disse que Rhane, passou mal durante o treino. Quando foi isso?

-- Oh, antes do casamento de seu irmão. – contou.

-- Isso, foi há 15 dias. Ela voltou aos treinos?

-- Não, não voltou. – respondeu. – Outro dia quando estive aqui, com Stefano. Procurei saber, quando voltaria a montar. Ficou de voltar na próxima semana. – concretizou. – Ela, daria uma ótima amazona. Pena não querer!

Aleico o fitou desconfiado. Não a queria envolvida em equitação. Aprender cavalgar. Até concordava. Havia prometido ensiná-la. Queria que ela aprendesse, para poder cavalgar juntos. Com os muitos contratos. E viagens infundáveis na Corporação. Pediu ajuda ao pai. Conhecia-o. Sabia, o quanto ele entendia do assunto. E a confiou, a ele. Pensou que ele não aceitaria. Visto que vinha implicando com a atenção que ele, dispensava a ela. E não deu uma resposta positiva. Resolveu ensiná-la. E não o avisou. Por quê? Perguntou-se. Curioso.

-- Papa... Porque, resolveu ensiná-la?

-- Porque, me pediu. -- respondeu. Sereno. – Sei que não dei uma resposta positiva para você. Pretendia fazer isso. Mas, Rhane... Me pediu segredo. – Aleico, o olhou. Duvidoso. Dom Geovane, percebeu. Explicou. -- Se está me perguntando, isso. Por termos questionado você a respeito dela na reunião, filho... -- o pai disse, com calma. -- Fique tranquilo. Foi mais pelo que estão comentando. -- expos. -- Sabe. Esses dias que passamos juntos. Foi bom. Gosto dela. -- declarou. Sincero. – Agora, vá ter com seus irmãos... -- o dispensou. -- E não se preocupe com isto. Está bem?

Aleico olhou onde ela se encontrava. Depois, para seu pai. Então, foi ao encontro do restante da família.

-- Mano, caiu da cama... – Guillermo, zombou.

-- É mesmo cunhadinho... O que aconteceu? – caçou, seu cunhado Andrei.

-- Não, ela quebrou. -- respondeu azedo. Ultimamente, andava detestando as zoações deles. Viu seu cunhado Álvaro, sentado no mirante. Afastado da piscina. Se juntou a ele. -- Incomodo? --

perguntou, pois se encontrava afastado dos demais que estavam na água.

-- Não, claro que não. Sente... E me faça companhia. – disse, meio sem jeito.

-- Algum problema, Álvaro? Tania? Daena? – quis saber. Preocupado.

-- Não, não. – negou. -- É que quando, os vi chegar.. Você e Rhane. -- explicou, ao ver o olhar intrigado de Aleico. -- Sabe, acho que ela será uma boa mãe. Matteo, Eloisa e Enzo, e Bia. Adoram-na. – disse em tom aprovador. -- Sem falar que os outros também disputam sua atenção... – falou, apontando Rafael, Lucca, Daena, Pauline. -- Era sobre isso que estava pensando quando chegou. Pegou-me, desprevenido. Só isso. -- sorriu, disfarçadamente.

-- Tá! – Aleico, o encarou. Descrente. -- Se eu não o conhecesse, querido cunhado... Diria que acredito. – acusou.

Fazendo gesto de derrota com as mãos. Álvaro confessou.

-- Está bem! Mas não leve a sério o que vou dizer. Ok? -- pediu.

-- Vou tentar. -- afirmou, sem prometer nada. Vendo que Álvaro não gostou da resposta.

Dando um suspiro de puro arrependimento. Álvaro prosseguiu.

-- Se ela não fosse enteada de Domenico... -- tornou a suspirar. – Formariam, um belo casal...

-- O que está sugerindo, Álvaro? -- Aleico, perguntou totalmente desconfortável.

-- Não estou sugerindo nada. – se corrigiu. -- Foi por isso que pedi... Para não levar a sério... -- parou. Repentinamente. -- O que ela está fazendo aqui? -- falou, contrariado.

Ao mesmo tempo os irmãos, e primos. Saíram da água. Juntando-se, a eles. Sentando nas cadeiras. Alheios ao assunto. Aleico viu Stefano, ir ao encontro de Rhane. Não gostou. Ultimamente a amizade do primo, e sua picolla. Incomodava-o. E muito. Suspirou. Então voltou a atenção para o cunhado.

-- Ela... Quem? – perguntou. Virando na direção indicada por ele. Mas, já sabendo quem era. Ouviu a voz melodiosa dela. Junto a sua família.

-- Ela... Anabelle!

-- Não sei.

-- Tem certeza?

Não teve tempo de responder, pois ela já estava ao lado deles.

-- Oi, querido! -- falou, o beijando na boca.

Anabelle foi tão rápida. Que ele não teve como escapar. Irritou-se. Viu quando Álvaro contraiu o rosto na hora em ato desaprovador. Os irmãos e primos. Sentados ao lado. Olharam-no, pasmos.

-- Álvaro, como vai. -- Anabelle, disse com doçura. – Meninos... – os cumprimentou. Eles, anuíram com um gesto de cabeça o cumprimento.

-- Como vai, Anabelle. -- Álvaro, respondeu secamente.

-- Oh! Vou muito bem... Nossa! -- exclamou fingida. – Tania, está maravilhosa... -- disse a ele. -- Nem parece que é mãe de três filhos... Aliás, são lindos! -- elogiou falsamente. O que não passou despercebido para todos.

-- É. Eles são. Ela é uma esposa adorável. Uma mãe excelente. E uma ótima profissional. – a

elogiou. Orgulhoso. -- E isso prova que não é preciso ter uma idade... Ou, qualquer outra coisa para ter uma família! -- retrucou. Antipatizador. Levantando, se dirigiu ao cunhado nada simpático. Ignorando-a. -- Com licença, Aleico.

Aleico fez um gesto afirmativo com a cabeça. Vendo-o, se afastar rapidamente. Adentrando a casa. Álvaro, nunca gostou de Anabelle. Aliás, não era o único. Todos seus irmãos, e primos. Nunca aceitaram aquele arranjo. Um casamento de conveniência. Os seus pais. Os tios e seu nonno. Foram os únicos a concordarem. Discordaram totalmente com o fim do noivado. Ele, se sentiu livre!

-- Não consigo entender porque ele não gosta de mim? -- Anabelle disse. Fingindo de magoada.

-- O que quer Anabelle? -- Aleico perguntou. Rudemente. Evitando responder a pergunta dela. Notou o arquear de sobrancelhas dos irmãos, e primos.

-- Nossa, Aleico! -- reclamou ela, com aparente tristeza na voz. E um pouco alto para o gosto dele. -- Não devia me tratar assim. Visto do que somos, um para o outro...

-- Nunca fomos nada um para outro, Anabelle! Era um casamento arranjado. Sabe disso melhor que eu. -- rebateu ele. Firme. -- Esse assunto já foi encerrado, há quatro anos...

-- Eu não encerrei nada, Aleico! -- reclamou, demonstrando constrangimento. -- Só pedi um tempo para pensar melhor. -- o acusou. -- E você, simplesmente achou que não devia aceitar. E pronto. Terminou tudo. -- replicou. Triste. -- Só que eu, não disse que concordava com você. Devia se lembrar, disso? -- o notificou, magoada. -- Não é certo ficar me constrangendo na frente de sua família. O que eles vão pensar de nós? -- falou meiga.

-- Não estou constrangendo você na frente de ninguém, Anabelle. Está fazendo isso sozinha. -- avisou. Nada amigável. -- Deixei bem claro. Quatro anos atrás. O porquê, de nosso casamento não dar certo. E fiz isso novamente quando aceitei me encontrar com você. Há dois dias. Não me force a fazer isso de novo. Anabelle! -- repreendeu. Friamente.

-- Como pode dizer isso! Mesmo sendo um casamento arranjado. Um acordo comercial. Como você mesmo, disse. Eu amei você... Nunca deixei de amar você! -- declarou. Repentinamente. O pegando desprevenido. -- Porque, não pode me dar uma chance, Aleico? Diga-me. Por quê? E eu juro que o deixarei em paz, por favor? -- implorou. Vendo o silêncio dele. Foi mais além. -- Tem que ter um motivo? Nada, acaba assim do nada. Como quer que eu aceite? -- o acusou, disfarçando o triunfo. Ao ver que a família dele estava atenta.

Percebendo a manobra dela, para chamar a atenção de sua família. Aleico perdeu a paciência.

-- Tem certeza que quer mesmo saber, Anabelle? -- foi irônico.

-- É claro que sim. -- respondeu, não percebendo o tom de ironia na voz dele. -- É lógico que sim. Assim saberei como agir para agradá-lo, caro mio. -- falou toda carinhosa.

-- Olha. Anabelle. Acho melhor você ir para casa? -- pediu ele. Impaciente.

-- Não, não vou. -- replicou ela. Insatisfeita. -- Tivemos nossas diferenças na época. Sei disso. Fui imatura. Reconheço. -- apontou ela. Sincera. -- Fiquei com medo. Principalmente, quando perguntei a você... Sobre fidelidade. Lembra-se?

-- Sí. -- Aleico respondeu. Desconfortável.

-- Disse-me, que não devia esperar fidelidade de sua parte. Sem rodeios. Friamente. Deixando bem claro, para mim... Que não mudaria seu jeito de viver. Continuaria sendo um mulherengo. -- disse com voz amarga. Aleico, se sentiu mal. Foi uma tática que usou na época para por fim ao noivado.

Poderia ser infeliz no casamento. Mas jamais seria infiel. Condoeu-se dela. Foi injusto com ela. Reconheceu. -- Como queria que eu, reagisse? -- perguntou ela, num lamento. -- Era uma união de conveniência. Um negócio arranjado. Entre minha família, e a sua. Que visava lucros. E nada mais! -- escarneceu. -- Como acha que me senti? Tendo que deixar minha carreira em plena ascensão. E, me unir ao um homem.. Que nem ao menos, me seria fiel! -- cuspiu as palavras. Injuriada.

-- Anabelle...

-- Não, não. -- cortou. Exaltada. -- Deixe-me terminar. Mereço isso, não acha? -- inquiriu. Petulante. Aleico, se resignou. Contrariado. -- Mas, agora estou aqui. Não ligo se for infiel. Aceito seus termos. Devia ter aceitado naquela época. -- Humilhou. Fingida. Aleico notou. Não foi o único. Lúcio, o fitou. Advertindo-o. Viu os demais. Incomodados. -- Arrependo-me. Fui uma idiota! -- exclamou. Friamente. -- Sei que podemos nos entender. Como, eu. Ainda está livre. -- apontou ela. Toda confiante. Foi além. -- Sou a mulher perfeita para você. Fui criada, e educada nas melhores escolas para ser uma excelente anfitriã. Sei como lidar com a sociedade que o rodeia. Esse foi um dos motivos que chamou sua atenção. Lembro-me, disso. -- vangloriou. -- Porque dificultar as coisas? Não tolero isso! -- foi arrogante.

Aleico deu um suspiro desgostoso. Que conversa maçante! Clamou. E ele era o único culpado. Devia ter sido honesto com ela na época. Droga! Praguejou. Respirou lentamente. Precisava se acalmar. Não tinha intenção alguma em magoá-la. Resolver aquele assunto rapidamente era tudo o que queria! Refletiu.

-- Está bem, Anabelle. -- concordou. Procurando manter a calma. Algo difícil. Lamentou. -- Sei que fui injusto com você na época. Reconheço. Quero que me perdoe por isso! -- pediu. Sincero. -- Mas, um casamento de conveniência nunca daria certo entre nós. Tínhamos interesses diferentes! Você... Sonhava com as passarelas internacionais. -- apontou ele. Firme. -- Eu... Naquela época. Confesso. Um relacionamento de longo prazo estava fora dos meus planos. -- admitiu. Sincero. Deu um suspiro. -- Principalmente um casamento de conveniência. Sem nenhum tipo de envolvimento emocional. -- suspirou aliviado. -- Quando... -- Fez um gesto para ela, a impedindo de interrompê-lo. -- Quando foi chamada para desfilar no exterior. Enxerguei minha chance de cair fora de algo que iria me arrepender amargamente. E que você, também iria! -- expôs. -- Não me interrompa? -- pediu. Nada paciente. -- Queria uma explicação? Estou dando. -- repreendeu. Rudemente. -- Como já disse. Fui injusto com você. Jamais seria infiel. Respeito o casamento. É algo que considero sagrado. Nunca trairia meus votos! -- declarou. Sincero. -- Dizer para você que seria infiel. Foi o único jeito que encontrei para por fim ao nosso noivado. -- explicou. Sensato. -- Sabia, que como qualquer mulher. Não aceitaria. E foi realmente o que aconteceu. Você, não aceitou. Não seríamos felizes, Anabelle. Sabe disso. Amava sua carreira. E eu, minha liberdade!

-- Mas, agora voltei. Estou preparada para ser sua esposa. Amo você... Nunca deixei de amá-lo...

-- Anabelle. Escute! -- pediu ele. Interrompendo-a. Impaciente. -- Tivemos essa mesma conversa há poucos dias. Entenda? Não há volta. É uma mulher inteligente. Compreenda que antes não foi possível. Agora, muito menos! Tenho outra pessoa, em minha vida...

Aborrecida com a frieza dele. E ouvi-lo dizer que tinha outra pessoa. Revoltou-a. Anabelle resolveu se vingar. E contra-atacou. Maldosa.

-- Vai se arrepender por me humilhar assim, Aleico! -- vociferou. Furiosa.

-- É mesmo. E posso saber por quê? Visto que foi você que insistiu neste assunto desagradável, Anabelle. Não vejo motivo para me ameaçar. -- foi calmo.

-- Eu implorei o seu perdão. -- berrou. -- E o que recebo em troca. Humilha-me, na frente de sua família. E ainda tem a coragem de dizer que não devo ameaçá-lo. -- clamou. Enfurecida. -- Pois escute o que vou lhe dizer, Aleico. Mas, escute bem. Porque não vou repetir. -- disse, apontando o dedo ameaçador para ele. Espumando de raiva.

-- Olha, acho que isso já foi longe demais, Anabelle. -- disse ele. Controlando-se. -- Porque não vai para casa, si? Será bem melhor para tudo mundo...

-- Mas eu vou! -- Concordou ela. Dando um sorriso diabólico. -- Mas, antes quero que saiba de umas coisinhas. -- falou, dando outra risada histérica. -- Se pensa que “ela”, não vai deixá-lo. -- frisou. -- Ah, caro mio. Está muito enganado. -- riu. -- Ah, mas ‘ela’ vai. E sabe como sei? Ah, não sabe. -- falou com triunfo na voz. Ao ver a cara dele, se contrair. -- Sabe. Eu tinha certeza absoluta que não sabia de nada. Ah, eis ela, ai! -- disse. Toda eufórica. Ao ver Rhane chegar com Stefano. -- Ai, que cena maravilhosa! -- exclamou. Exultante. Os deuses estavam do seu lado. Pensou ela. -- Então, minha querida... -- falou, se dirigindo a Rhane. Toda fingida. -- Eu estava nesse exato momento. -- pausou. Dramática. -- Dizendo para Aleico que você, vai deixá-lo. Mas, vê. -- ironizou. -- Parece que ele não quer acreditar. Pobrezinho! -- foi sarcástica. Aleico, se irritou extremamente. Mas, permaneceu calado. -- Então acho que nada mais justo que você mesma, lhe diga isso. Não concorda comigo? -- a questionou. Maléfica.

Sem saber o que estava acontecendo. Ou, porque estava sendo questionada. Acusada. Era o que parecia. Pensou. Entre surpresa, e desconfiada. Olhou para Aleico. E se Arrependeu imediatamente. Com o semblante fechado. Uma aparente calma, que sabia não existir. Conhecia aquele olhar. Impassível. Ele sempre ficava assim quando era contrariado. Ou, afrontado. Pior ainda! Lamentou. Quando desconfiava que ocultassem algo dele. Vendo que dele, não iria saber de nada. Fez a pergunta que tanto temia.

-- Dizer o quê? Posso saber? -- perguntou. Cautelosa.

-- Ora, não se faça de inocente comigo! -- gritou, com fúria. -- Quem acha que sou! Pensa que acreditei em toda sua reverente calma, quando fui vê-la! -- vendo a cara de surpresa que deixou escapar. Anabelle riu maldosa. -- Ai, cara... Sinto muito! Mas, é mesmo uma grande tola. Vejo que não tem à mínima experiência com o mundo de gente adulta! -- debochou. Feliz. -- Então vai contar? Ou, prefere que eu conte? -- a indagou, mortífera. -- Aproveita que estou sendo boazinha. Não costume agir, assim! Estou lhe dando uma chance...

-- Olhe, Anabelle... Não faço a mínima ideia do que está falando...

-- Ah, não sabe! -- foi sarcástica, mais uma vez. -- Então, me deixe refrescar a sua memória. -- virando para Aleico. Falou, toda mansa.

Rhane não conseguia entender como ela conseguia mudar o comportamento tão rápido, assim. De uma mulher, furiosa. E vingativa. Para uma mulher, doce. E meiga. Aff!

-- A sua caríssima protegida, aqui. Caro mio. -- disse, apontando para Rhane. -- Anda escondendo coisas de você. Coisas... Serias! -- acusou. Animou-se, ao ver que ele contraiu ainda o mais semblante. -- Oh, mas estou aqui. E vou lhe dizer tudo! Ela, está... Traindo-o. -- soltou, cruelmente. -- E sabe com quem? -- Ele permaneceu em silêncio.

Ao ver o silêncio dele. Rhane se manifestou.

-- Não é verdade! -- defendeu-se. Sentindo o sangue sumir de seu corpo. Sentiu levemente enjoada. O olhar frio que ele lançou em sua direção. Tornou tudo pior. Nauseou.

-- O que é não verdade? -- ele perguntou, friamente. Vendo que ela olhava assustada, e trêmula. Sua fúria, se tornou visível aos olhos de qualquer um. -- Tem o direito de se defender, Rhane. -- apontou. -- Faça? -- pediu, rude.

-- Não mesmo! -- Anabelle, gritou furiosa. -- Teve sua chance. E não soube aproveitar! -- Impediu-a. Alterada. -- Agora quero mais é que essa cadela, sem vergonha. Se dane. -- esbravejou. -- Stefano, ofereceu a casa dele em Turim, para ela morar..

Stefano gemeu. Agoniado. Chamando a atenção de todos.

-- Oh! Deus! -- exclamou Rhane. Olhando para Stefano. Apavorada. Sentiu seu mundo ruir sobre seus pés. Diante do olhar de fúria de Aleico. Que ia dela, para o primo. Viu Stefano, levantar para defendê-la. Lúcio, o impediu. Ele relutou. -- Não é bem, assim! -- protestou.

-- Oras, cale-se! -- Anabelle vociferou. -- Ela, vai ficar na casa dele para fazer os exames finais para a faculdade. E depois... Até encontrar um lugar para ficar! Foi o combinado entre os dois. -- com indiferença. -- Espero francamente que não acredite nela. Porque, eu não acredito. E duvido muito que você, vá acreditar! -- então virou para Rhane, dizendo triunfante. -- Nunca devia me subestimar, cara! E você Aleico. Não devia ter me rejeitado. Mas, tudo bem. -- disse, com um sorriso brando, no rosto. -- Quando resolver tudo por aqui. Com essa cadela vagabunda... -- olhou para Stefano. Com ódio. -- E com o seu, caro primo...

-- Chega Anabelle! -- vociferou entre dentes. -- É melhor ir para casa. -- Aleico pediu. Furioso.

-- Tudo bem, querido. -- falou docemente. -- Só espero que não acredite em nada que ela disser. E depois, ela não é nenhuma santa. Visto o escândalo que aprontou em Londres. Não é mesmo? -- alfinetou maldosa. -- Sabe onde me encontrar, caro. -- clamou. Amavelmente.

-- Não perca seu tempo com isso, Anabelle. Não irei procurá-la. -- disse friamente. -- Quanto á referência que fez do escândalo envolvendo Rhane. Quero que saiba que ela, é inocente. Eu mesmo providenciei para que o caso fosse reaberto, e resolvido. -- revelou bruscamente. Surpreendendo-a. Assim, como toda a sua família.

-- Está me dizendo isso. Só para se ver livre de mim.. Mas, não acredito em uma só palavra do que disse. -- Anabelle retorquiu.

-- Não tenho que lhe dar nenhuma satisfação, Anabelle. Mas, em todo caso para provar que falo a verdade. Ligue para o Dr. Batistti? -- pediu confiante. -- E ele irá confirmar tudo o que acabo de dizer. -- ironizou.

-- Vai se arrepender disso, Aleico! -- esbravejou.

Aleico levantou. A tomando pelo o braço. E a virou em direção a saída.

-- Não me ameace. Anabelle. Não sabe do que sou capaz. E fique longe de Rhane! -- ordenou tomado de ira. O que a deixou trêmula de medo. Nunca o vira assim. -- Agora, suma da minha frente. -- falou, a empurrando.

O que ela prontamente tratou de fazer. Estarrecida.

Rhane viu Lúcio, levantar para acompanhá-la. Intimidada. Ela, se dirigiu para saída. Parou repentinamente. Lúcio, desviou rápido. Evitando de colidir com ela. E virou novamente caminhando na direção de Aleico. Estacou na frente dele. Seus olhos, nublavam-se. Diabolicamente.

Aleico bufou. Exasperado.

-- Vá para casa, Anabelle? – pediu. Impaciente.

-- Eu vou. Acredite. Sei que não pretende reconsiderar meu pedido, Aleico...

-- Nem, em 100 anos! – rebateu ele. Indignado. – Vá embora, Anabelle. – pediu. Irado.

-- Não, ainda. – negou. -- Nunca teve motivo para me odiar, Aleico. Não fui a única que errou em nosso relacionamento. Sabe disso. Olha-me, com ódio. E não gosto disso! – replicou ela, raivosa. -- Então, vou lhe dar motivo para me odiar. Ok. – ameaçou. Deixando-o furioso. Ela riu, ao constatar sua fúria. -- Fará bem ao meu ego! -- Justificou-se. Exultante. Virou para a família dele, que os olhavam. Chocados. Incompreensivos. Perdidos. -- Constatei, que eles... – apontou-os. -- Não tem a mínima ideia do que há, entre você. E esta vadia. – cuspiu. Mortífera.

Aleico bufou. O que ela pretendia com esta conversa. Desestabilizá-lo? Maldita. Praguejou. Silenciosamente.

-- O ‘magnífico-brilhante-empresário’ do ano. – continuou ela, frisando as palavras. Ironicamente... -- Reverenciado e respeitado, por todos. ‘Megamultibilionário’. – brincava com as palavras por pura diversão. E acentuada maldade. Deixando a todos, assombrados e incrédulos. -- Quem diria! Não é mesmo, caro? – o indagou, jocosa. -- O que sua belíssima família, dirá? Que o que a mídia diz, sobre você. É pouco. Muito pouco. Já imaginou? Oh, vejo que não! – o afrontou, cinicamente. Ao vê-lo inflar o pescoço. E contrair o maxilar. Furioso. -- Imagine-os, quando souberem que por detrás deste rosto belo. E cativante... Esconde outra pessoa. Totalmente, diferente...

-- Signor... -- Manolo, o segurança particular dele. Surgiu do nada. Interrompendo-a.

-- Acompanhe a signorina Anabelle, até a saída da propriedade. – ordenou, secamente. -- Certifique-se, que ela não volte? – pediu. Impaciente.

-- Sim, signor. -- assentiu ele. -- Por aqui, signorina? -- pediu educadamente. Outro dois seguranças. Juntou-se, a ele. Escoltando-a.

-- Manolo... -- Aleico chamou. Sua voz saiu rude. Percebia que estava descontente. -- Porque a demora? Estou bipando há 5 minutos. O que houve? -- falou asperamente. Tirando o dispositivo do bolso. Olhando-o.

Manolo retirou o celular do bolso. O verificando. Atentamente.

-- Não há registro de chamada em meu celular. -- o informou. Educado. -- Deve haver algum problema com o seu dispositivo. Posso averiguar signor? -- Aleico, lhe entregou o dispositivo. Manolo pegou o aparelho. E o abriu, constatando o defeito. -- As pilhas estão superaquecidas. Precisam ser trocadas. Vou providenciar a troca imediatamente. -- disse. -- Fomos avisados por um dos funcionários da casa. -- explicou. -- Isto, não irá acontecer novamente. Sinto muito, signor. -- desculpou. Gentilmente.

-- Tudo bem, Manolo. -- Aleico, procurou amenizar. -- Não teve culpa. Providencie a troca. Está bem?

Rhane viu o homem assentir em acordo. Aliviado. Todos que trabalhavam para ele. Eram cientes de uma coisa. Ineficiência e incompetência. Era algo inaceitável para Aleico. Ele retirou o celular do bolso. Discou rapidamente um numero. O atendimento do outro lado seja lá, para quem. Foi instantâneo. Com um gesto de mão. Segurou os seguranças no lugar. Eles, se olharam entre si. Prevenidos. Anabelle parecia acuada entre os homens, que a cercavam.

-- Tony preciso que neste momento entre em contato com meu advogado. Quero um mandato

expedido contra Anabelle Verazzi. Restringindo. E a proibindo de se aproximar. Entrar em contato. Ou, estar no mesmo recinto seja, terreno. Aéreo. Marítimo. Ou, no espaço sideral. Pouco me importo, aonde. – ordenou. Nada simpático. – Quero-a, longe de qualquer um que tenha o sobrenome Domenacci. Inclua Raí, neste mandato. Quero isso agora... Neste momento. Entendeu? Ligue-me, assim que providenciar tudo. Fui claro? – demandou ele. Exigente. Desligando o celular. Ruidosamente.

Anabelle o olhava enfurecida.

-- Tire-a daqui? – pediu secamente. Sua fúria, lhe ensandecia a alma. – Antes, que perca o pouco de paciência que me resta.

-- Diga a eles, o que faz com ela... – Anabelle, gritou para ele. Furiosa. Enquanto era arrastada pelos os seguranças. – Conte, a eles... Para seu irmão... Para a mãe, dela. Conte? Deixe-os saberem... O perverso que é... – gritava a pleno pulmões. Sumindo, saída afora.

Olhou ao redor. Viu que toda a sua família. O fitava. Perplexos. Chocados. Stefano era contido pelos irmãos. A preocupação dele com Rhane. O incomodava. A buscou com olhos rapidamente. E a viu. Toda trêmula. Lívida. Parecia que iria desmaiar a qualquer momento. Fique mesmo com medo, cara mia! Exclamou. Estava furioso com ela. Bufou. Saber por outra pessoa, tudo o que ouviu. Foi demais! E por quem! Anabelle. Enfureceu-se. Quando aceitou encontrá-la. Pressentiu que o estava testando. Ela já tinha certeza que ele estava apaixonado por outra. Devia ter arrancado esta informação de Felipe. Era persuasiva. Felipe, o avisou. E sua visita a Rhane em sua casa, provou isso. Dio! Rhane não falou nada a respeito. Por quê? Ouvir Anabelle, falar todas aquelas asneiras. Expondo sua vida pessoal... Diante de sua família. Foi desagradável. Imperdoável. Sinceramente falando, aquilo era assunto dele! Não dela. Anabelle, Ah, Anabelle. Isto, irá lhe custar caro. Tenha certeza!

-- Fique onde está, Rhane! -- disse furioso. Ao vê-la se virar para sair dali.

Rhane estacou-se de susto com o tom cortante. E autoritário da sua voz. Enregelou-se da cabeça aos pés. Olhou em volta. E notou toda a família. Fitando-os. Os olhos exigiam respostas. E muitas explicações. Oh, Deus! O que fazer? Perguntou-se. Apavorada. E para ajudar sua cabeça agora doía. O estomago não parava de enjoar. Precisava sair dali. Resolveu apelar.

-- Não estou me sentindo bem, Aleico. Eu...

-- Não adianta. Rhane! -- falou com frieza. O que a fez se sentir pior. -- Não vou acreditar desta vez. É sempre assim! – disse, rudemente. -- Procura fugir dos assuntos complicados quando estes, se refere a você. Mas, agora sinto muito. Não vou permitir! -- falou com firmeza. -- Sente. -- pediu áspero. Indicando a cadeira à sua frente. Queria olhar bem dentro dos olhos dela. Precisava fazer isso. Vendo que ela, não se mexeu do lugar. Disse em tom apaziguador. -- Será melhor, caríssima! Temos muito que conversar. Muitas explicações para dar. – falou apontando toda a família.

Ela, os olhou novamente. Gemeu. Silenciosa. Voltou o olhar para ele. Adorava ouvi-lo chamá-la de “querida” em italiano. Mas, agora ali. Naquele momento. Não viu nada de adorável. Frente a frente, com aquele olhar frio... Como aço! Sem conseguir enxergar nada. Há não ser raiva. Muita raiva! Pensou. Apavorada.

-- Aleico... Realmente. Estou me sentindo mal... -- resolveu implorar. Sabia que tinha que lhe dar, explicações. Mas como! Estava péssima em todos os sentidos. Não tinha a menor condição para um simples, bate-papo. Pudera, para uma conversa daquele nível.

-- Implorar, não vai me fazer mudar de ideia, Rhane.

-- Está bem! -- retrucou. Indiferente... -- Então diga logo, o quer... E me deixe em paz! – respondeu. Perdendo a paciência.

-- Acho que é você, que tem o ‘que’ me dizer. Não acha? -- a indagou. Descortês. Não gostou nem um pouco do tom de pouco importância usado por ela. Zangou-se. De canto de olho viu seus primos Francesco e Lúcio, procurando impedir Stefano de defendê-la. Surtou.

-- Olha, não vamos chegar a lugar nenhum com esta conversa estúpida! -- respondeu ela. Agoniada. Sentia seu estômago nausear.

-- Estúpida! Acha estúpido de minha parte querer saber porque escondeu tudo isso... Que acabei de ouvir da boca de outra pessoa. É isso? – explodiu ele. Alteradíssimo. Possesso.

-- Não, não. – gaguejou. Aflita. -- Não foi isso que eu, quis dizer... -- parou, tendo dificuldade em encontrar uma palavra adequada. Deus! Seu mal estar só aumentava. Sentia que suava frio. Precisava se acalmar. -- Não podemos ter esta conversa depois, Aleico? -- tornou a pedir. Olhando a sua volta. Viu a preocupação tomar Stefano. Ele sabia da desconfiança dela em estar grávida. Tinha lhe contado. A atenção da família sobre eles. Atentos. Perplexo. Chocados. A afligiu, ainda mais.

-- Não, não podemos! Não vou dar a você há oportunidade de fugir, cara mia! -- afirmou com arrogância. -- Desde quando anda saindo com Stefano pelas minhas costas, Rhane? – indagou asperamente. Encarando o primo. Friamente.

-- Não estou saindo com ninguém pelas as suas costas. Juro! – exclamou. Entristeceu-se ao ver que ele não estava acreditando nela. Sentia os nervos a flor da pele. Angustiou-se. Seu mal estar aumentou. E se viu a ponto de cair em prantos. O ouvi dizer friamente. Escarnecedor.

-- Bom. Eu, é que não sou! Então, pare de me enrolar..

Furiosa, gritou.

-- Pouco me importo no que você, acredita. Seu... Seu...

Surpreendida com a reação inesperada dele. Quando a pegou com as mãos pela cintura, a levantando. E a chacoalhando no ar. Furioso.

-- Seu, o quê... Diga-me, Rhane. -- insistiu. – Seu, o quê?

-- Está me machucando... – sentia ele, apertar sua cintura com força. A deixando sem ar. Tonta. Viu Stefano, se soltar dos irmãos. E correr ao seu encontro. Apavorado.

-- Não viu nada, ainda. Isso é só o começo. -- cuspiu Aleico. Colérico. -- Pensei termos combinado de sermos franco... Um com o outro, Rhane! -- acusou. Possesso.

-- E estou sendo. – Ela se irritou com a acusação dele. Nunca imaginou vê-lo, tão furioso. Temeu.

-- Está sendo! -- ironizou. – Chama isso... Franqueza! -- gritou rudemente.

-- Por favor..

-- Como acha que estou me sentindo? – indagou, tomado de fúria.

-- Eu, não sei...

-- Pois vou lhe dizer! -- declarou, friamente. – Detesto quando agem pelas minhas costas, Rhane! -- vociferou exaltado.

-- Não agi pelas suas costas... – tentou se defender.

-- Cale-se! Não me tomas por idiota. Isso... Sinto muito. Não vou aceitar! -- bradou. Descontrolado.

Trêmula, lutava para se soltar dele.

-- Solte-me, seu bruto... – pediu, o esmurrando no peito. Ele, a ergueu para que ficasse frente a frente, com ele. O que aumentou ainda mais, o seu mal estar.

-- Saiu com Stefano, pelas minhas costas. E quando foi isso, Rhane? Quando eu estava viajando? Estava vendo faculdade com ele. Aceitou morar na casa dele, em Turim. Isso não é agir com franqueza. Diga-me? Quando decidiu que não precisava me dizer sobre o que fazia. Ou, que pensava. Combinamos sermos francos um, com outro... Tenho feito o diabo na minha vida por sua causa. Mudei minha rotina. Meu modo de viver... Por sua causa. Droga! – despejou. Furioso. A chacoalhando. Descontrolado. -- E é isso que recebo em troca...

-- Solte-a, Aleico. -- ouviu a voz de Stefano. Ele parecia calmo. Pensou. Sua cabeça girava. As náuseas aumentavam. Ofegava com a falta de ar. – Não há nada entre nós. Acredite, per favore? – Stefano pediu. Comedido. – Solte-a, ela não parece nada bem...

-- Fique fora disso, Stefano. – Aleico respondeu de pronto. Sem ao menos olhar para ele. -- Sua vez vai chegar. Tenha certeza! – avisou.

Stefano bufou. Indignado.

-- Dane-se... – menosprezou Stefano. -- Solte-a. Per l'amor di Dio? Pelo amor de Deus? – pediu resolutivo. – Está agindo como um doido. Assustando a todos. Largue-a. Não temos nada, um com outro. Somos amigos, Aleico. Só isso...

-- Já disse para ficar fora...

-- Concordo com Stefano, Aleico. – Guillermo interferiu. – Ela, não parece nada bem...

-- Isso não é da sua conta, Guillermo. Portanto, fique fora. – bradou ele. Exaltado.

-- Não, Aleico. Não vou ficar de fora. Sou médico. Francamente, a aparência dela não é boa! – explicou preocupado. – Stefano, está certo... Está fora de si, meu irmão. – dizia, calmamente. – Olhe a sua volta, por favor? – pediu hábil.

Aleico não moveu se quer um músculo do rosto. O olhar estava fixo nela. Irado.

Rhane tremia. Não sabia ser medo do olhar irado dele. Ou, do mal estar que a tomava.

-- O que está acontecendo aqui? – Ouviu-se a voz de Domenico. Inquiridora. Descontente. Olhou ao redor. Deparou com toda a sua família. Muda. Silenciosa. Pasma. Aproximou-se do irmão. Com extrema autoridade na voz. Falou. – Não sei o que está acontecendo aqui. Mas faça o que Guillermo, pediu. Solte-a, Aleico. Agora? – tirando-a das mãos dele. Desafiador.

Diante do olhar desafiador do irmão. A soltou. Contrariado.

Rhane cambaleou. Tentou manter o equilíbrio. Impossível. E viu sua mãe. Fitando-a. Horrorizada. Assustada. Veio em seu socorro.

-- Rhane, o que foi isso?

-- A gente brigou, mãe. Só isso. – falou, se apoiando na mãe.

-- Não foi o que pareceu para mim, querida. – Helen discordou. Olhando para Aleico, com fúria nos olhos. – Não me parece nada bem? O que ele fez com você?

-- Nada, nada. – dizia. Nervosa. – Preciso ir ao banheiro... – falou com desespero. Soltou-se da mãe. Saindo em disparada casa adentro. Helen, a seguiu. Agoniada.

Domenico viu a esposa seguir a filha. Desesperada. Preocupou-se. Fitou o irmão, firmemente. Dio Santo! Nunca viu seu irmão tão furioso. Muito menos violento. O que aconteceu ali? Perguntou-se. Queria resposta. E muitas!

-- O que diabo foi aquilo, Aleico? Ficou doido, é? Explique-me. Aliás, quero uma boa explicação. Não omita nada. Não vou aceitar. Pode acreditar! – decretou. Categórico.

Aleico olhou para o irmão. Voltou o olhar na direção da casa. Viu Rhane desaparecer casa adentro. Onde estava com a cabeça. Nunca fora violento! Pensou. Desconsolado. Sem saber o que fazer. Ou dizer. Andava em circulo. Passando as mãos nos cabelos. Nervoso.

-- Se continuar assim. Vai acabar com o gramado. -- brincou Guillermo. Chamando sua atenção.

Então, parou. Olhou ao seu redor. Viu todo tipo de olhar. Indagador. Perplexo. Chocado. Triste. Angustiou-se. Pela primeira vez na sua vida. Sentiu que não tinha nenhum argumento aparente para dar. Não sabia... Nem como começar!

-- Pelo começo, seria melhor. Não acha? -- pediu seu pai. Adivinhando o seu pensamento.

-- Dio Santo! -- clamou preocupado.

-- Ele... Não será de muita ajuda agora, Aleico. -- disse Dom Geovane. Rudemente.

-- Geovane! -- sua mãe, repreendeu o marido.

-- Sinto muito, cara mia. -- falou gentilmente. – Mas, Aleico, tem que dar uma boa explicação de tudo o que aconteceu aqui. E francamente! -- Deu um suspiro desanimador. Triste. -- Não acho que, Dio, vai ajudá-lo. E não sou o único aqui... E acho que a maioria também, não são estúpidos. A ponto de achar que não há nada acontecendo. Entre, o protetor. E a protegida. Não estou certo, filho? -- indagou, franco.

-- Sim, papa... – anuiu ele. -- Há muita coisa acontecendo. Entre, eu e Rhane...

-- Dottore... Dottore! -- Luzia, a governanta da casa. Gritava desesperada.

-- Sim, Luzia... -- Guillermo, respondeu prontamente. -- O que aconteceu?

-- A signorina Rhane, desmaiou lá na sala... -- dizia aos tropeços. O fôlego, lhe faltando.

-- Calma, cara... Procure se acalmar. Está bem? – pediu paciente.

-- Estou bem... Mas, é melhor ir ver a bambina. – disse, o puxando pelo braço para dentro da casa.

Aleico ficou ali parado. Feito uma estátua. Dio! O que foi que fez! Será que a tinha machucado! Assim, que digeriu a informação. Caiu em si. E entrou como um raio casa adentro. Seguido por Domenico.

Rhane teve certeza absoluta. Estava grávida. Constatou. Abraçada ao vaso sanitário. Sua mãe, a olhava. Preocupada. Abatida. Conhecia o sintoma. Sua filha estava grávida. Seria esse o motivo da reação do cunhado. Quem seria o pai? Stefano? Entristeceu. Foi descuidada com a filha. A deixou cometer o mesmo erro que ela. Engravidar, antes de terminar os estudos. O que seria dela agora? Seria feliz. Ou, infeliz? Ela, não fora feliz! Lamentou. Não queria o mesmo destino para a filha. Isso era fato!

-- Não precisa ficar, mãe. – Rhane disse. Com a cabeça dentro do vaso sanitário. – É horrível...

-- Tudo bem, filha. Não ligo. – Helen falou meiga. – Vou ficar com você, até melhorar. Isso. Abaixei a cabeça. Vai passar, viu. Vai passar... – dizia com lágrimas nos olhos. Era sua culpa... Não devia tê-la deixado! Nunca foi uma boa mãe. Falhara com sua única filha! Depreciei.

-- Mãe, não se sinta culpada. Por favor? – pediu ela. Ao ver lágrimas, descer na face. – Eu o amo... – procurou levantar. E sentiu tudo rodar. Escurecer.

Ouviu a voz da mãe, de longe. Desmaiou.

-- Alguém... Me ajude? – gritou Helen. Desesperada.

-- O que foi, tia Helen? O que aconteceu? – Rafael, veio junto à porta do banheiro. E a viu tentando levantar Rhane.

-- Ela, desmaiou.

-- Pode deixar comigo. – pediu. E a pegou no colo. A levando para a sala. Deitou, ela no sofá. Helen, se prostrou ao lado da filha. Angustiada.

Rafael chamou a governanta. E a mandou procurar por seu tio Guillermo.

-- O que aconteceu, Rafael... Helen? -- Guillermo, os indagou. Viu Rhane no sofá. Desacordada. -- Luzia, falou que a socorreu. Podem me dizer alguma coisa? -- quis saber.

Rafael olhou para Helen. Ela, se manifestou.

-- Acho... Quer dizer, desconfio. Deus! – clamou desesperada.

-- Helen, tudo bem? – pediu Guillermo. Calmamente. Notando as lágrimas nos olhos da cunhada. -- Vou examiná-la. Está bem?

Ela assentiu. Tristemente.

-- Do que desconfia, Helen? – Guillermo quis saber. A examinando.

-- Acho que está grávida. – murmurou. Sua voz soou triste. Amargurada.

-- Porque, acha isso? – Guillermo, perguntou. Sentiu o pulso. Abriu a pálpebra. Apalpou os seios, por cima da roupa. Desceu para o abdômen. E fez o mesmo. Vendo que o sobrinho olhou para ele. Todo reprovador. – O que foi?

-- Tem mesmo que fazer isso?

-- Isso, o quê? -- caçoou.

-- Ficar a tocando. É esquisito, sabia! – replicou.

Guillermo sorriu.

-- Sou médico, Rafael. Entenderia, caso fosse um. – expôs. Gentil. Rafael fez uma careta. – Me faz um favor? – pediu, rindo da careta dele. – Peça para sua tia Anelize, trazer minha maleta de primeiro socorro. Está bem?

-- Guillermo, o que está acontecendo? -- Aleico entrou na sala desesperado. Não sem antes, reparar na cara fechada de Rafael. Que saia da sala no exato momento que ele entrava. -- O que aconteceu com ele?

-- Qual das duas quer que eu responda? -- Guillermo, falou com aparente calma.

-- Oh! Não importa... Como ela está? – quis saber. Preocupado. Viu seu irmão Domenico, abraçar a esposa. Notou que ela chorava. Desconsolada.

-- Tudo bem, amore! -- falou Domenico. Tentando tranquilizá-la. – Não é nada grave. Ok?

-- Ah, Nico... – Helen choramingou. Tristemente.

Domenico a levou para o outro lado da sala. A abraçando. Dali, podia ver seu irmão Guillermo. A examinando. O desespero de Aleico, seu outro irmão. Era visível aos olhos.

-- Guillermo vai examiná-la, está bem? Talvez, seja um mal estar súbito. E sinceramente, ainda não sei o motivo da discussão, deles...

-- Eu sei. – Helen, o cortou. Desgostosa.

Domenico, a olhou. Questionador.

-- Como?

-- Lembra como me encontrou ao voltar da Itália?

-- Claro. – afirmou ele. – Ligou-me. Disse que não estava bem. Então, deixei Rhane aos cuidados de Aleico. E voltei o mais rápido que consegui. – dizia. Calmo. – Quando cheguei em casa. Encontrei-a, as voltas com o vaso sanitário... Você olhou para mim. E me disse ‘Acho que estou grávida’. – riu. A abraçando. E acariciou o seu ventre. Feliz. – Mas, o que isso tem a ver com Rhane?

-- Foi assim que a encontrei. Quando a segui...

-- Dio Santo! – clamou Domenico, olhando na direção da enteada. Consternado.

-- Ela está grávida. Tenho certeza, Nico. – expôs. Vulnerável.

Domenico, a fitou. Preocupado.

-- Helen, não se aflija. Está bem? – pediu cuidadoso. – Sente-se... Ficar nervosa, não irá ajudar em nada. Pense em nossos filhos. Ok? – pediu. Tocando o ventre arredondado dela. – Caso, isso seja verdade. Pode ser resolvido. Vou resolver. Confie em mim?

-- Está bem. Confio em você. – Helen assentiu.

-- Ótimo! Procure descansar... – parou. Assustado com o grito de Guillermo. Chamando a esposa, Anelize. Também médica.

Helen gelou. Encolheu-se, toda no sofá.

Domenico olhou para o outro lado da sala. Viu Aleico, petrificado. Pálido. Sua cunhada Anelize, adentrou a sala. Rapidamente. Rhane, ainda estava desacordada.

-- Fique aqui. – pediu calmo. – Vou ver o que aconteceu. Certo?

Helen concordou com um gesto afirmativo de cabeça.

-- Como ela está? -- Aleico insistiu. Ao ver o irmão demorar em respondê-lo.

-- Ainda não tenho certeza. Mas, logo saberei. Quanto a Rafael. -- falou procurando mudar de assunto. -- Acha que não preciso tocar a paciente, para examiná-la. – a apalpando novamente. Não tinha dúvida de seu diagnóstico. Gravidez. Suspirou.

Vendo o irmão, a tocando intimamente. Concordou com o sobrinho.

-- E realmente precisa? -- disse com secura. O semblante reprovador.

-- Francamente, Aleico. Não acredito no que estou ouvindo. -- indignou. -- Isso é um ato normal. Sou médico...

-- Algum problema, querido. -- Anelize que entrou na sala perguntou. Ressabiada. Entregando a ele, a maleta médica.

-- Sim. Estou sendo repreendido por minha conduta médica! -- falou bravo, sem perder o foco do que fazia. Abriu a maleta. Retirou o estetoscópio. E o medidor de pressão arterial.

-- Está brincando! E posso saber como? -- olhando para o semblante carrancudo do cunhado.

-- Não, não estou! Aleico e Rafael, acham que não precisamos tocar o paciente para examiná-los. Dá para acreditar? -- falou, sorrindo para a esposa.

-- E como acha que devemos fazer isso, Aleico? -- Anelize, o indagou curiosa. Ao ver o ar desconfortável dele, diante da pergunta dela. -- Não precisa responder se não quiser. -- provocou.

-- Olha... -- Ele começou a responder. Parou. Fitou os dois. Percebeu a manobra deles, para fugir de lhe dizer o que estava acontecendo com sua piccola. Arqueou as sobrancelhas. Impassível. -- Não sou tão idiota, assim. "Dottora"...

-- Ah, caro mio. Acho que não deu certo. -- lastimou. Séria.

-- É, acho que não. -- Guillermo concordou, preocupado. -- Bom. O que quer saber, Aleico?

-- Porque, ela desmaiou? -- disse constrangido. Sentindo em parte culpado com o acontecido.

Vendo-o constrangido. E aparentemente culpado. Guillermo, procurou tranquilizá-lo.

-- Tenho que terminar o auto-exame para saber. Mas, posso garantir que não é de todo o culpado pelo o que aconteceu, Aleico. -- forneceu. -- Percebi logo assim que chegou, algo diferente na fisionomia dela...

-- Tenha dó, Guillermo. Isso até eu que não sou médico, sei. -- replicou. -- Sabe, o que eu quis dizer? Não se faça de mal entendido. -- protestou. Impaciente. -- Acha que não sei que já tem um diagnóstico formado na cabeça. E que só precisa examiná-la, para confirmar isso!

-- Bom, acho que vou lá fora dar um parecer aos demais. -- Anelize informou. Retirando da sala.

-- Faça isso, cara. -- Guillermo agradeceu. Virando para o irmão. Indagou. -- Tem certeza mesmo... Que quer saber, Aleico?

-- Claro que tenho. Se não, não estaria perguntando. Não acha? -- falou irritado.

-- Tudo bem. Ela está grávida! -- Soltou de uma vez. Não deu tempo dele similar as palavras. Emendou. -- E como você mesmo, disse. Só estou, a examinado. Para ter certeza do que já sabia. Satisfeito agora? -- falou, olhando na direção do irmão. Zangado. -- Dio! Aleico... Anelize... -- Guillermo, chamou agoniado.

-- Dio Santo! Guillermo, por que... Oh, Dio Mio! O que aconteceu? -- o indagou, aflita. Ao ver o cunhado petrificado. Pálido. Parecendo ter visto um fantasma. -- Guillermo, o que aconteceu? -- insistiu.

-- Não sei. Estávamos conversando... Ele quis saber o diagnóstico. Então, quando disse. Ficou assim, em estado de choque...

-- E o que diagnosticou que o deixou, assim? -- indagou, preocupada.

-- Bom, disse a ele... Que ela está grávida.

-- Madre di Dio! Aleico... Sente-se. -- Anelize, o conduziu até ao sofá. -- Está tudo bem... -- falou de modo tranquilizador. -- Isso acontece nas melhores famílias, acredite. -- afirmou, ao ver o olhar

angustiado dele. – Agora, a única coisa de que precisamos é... Ficarmos tranquilos. Está bem? -- vendo que ele, já recuperava do susto.

-- Eles... Estavam, todos ali... – Aleico, começou a dizer.

-- Eles... Quem? -- Anelize, perguntou.

-- Os sintomas! -- replicou. Nervoso. -- Anelize... Os sintomas. As dores de cabeça, o estresse nervoso, a falta de apetite. O ciclo menstrual atrasado. Dio! Como não reparei nisso! – Anelize prestava atenção no que ele dizia. Estupefata. Principalmente, a menção do ciclo menstrual atrasado. – Poderia... Tê-la feito perder o bebê... -- lamentou, amargamente.

-- Aleico, não precisa se preocupar. Está bem? -- pediu Guillermo. -- Ela está bem. O bebê, pelo que deu para ver. Também! -- explicou. -- Gravidez. É assim mesmo no começo. Agora, o que precisa. É notificar Stefano. -- falou em tom preocupante. -- Se ele é o pai. Ele precisa saber! – disse clamo. Olhando para Aleico. Completou. -- Acho que papa, pode se encarregar..

Aleico olhou para o irmão assustado, quando este mencionou o nome de Stefano.

-- O que... O que o faz pensar que Stefano, é o pai do bebê? -- cortou, injuriado.

-- Oras, pelo o que Anabelle, disse. Apesar que depois. Ela, deixou a mim... E a todos confusos. Mencionado você, e Rhane... E o que você faz com ela. O que ela quis dizer com isso? -- indagou. Despreocupado. Emendou. -- Porque, está assim tão bravo? Stefano, é um ótimo rapaz. Não tenho nada contra ele. Você tem? – perguntou, inocentemente.

-- Não, não tenho. Há não ser, é claro. O motivo de querer dar lhe, à paternidade... – rosnuu. -- Sobre o que Anabelle, mencionou haver entre mim, e Rhane. Prefiro dizer com todos os presentes. – Guillermo, assentiu em acordo.

-- Então, não vejo motivo para não falar com nosso pai, Aleico. Ele saberá resolver isso... – interrompeu-o.

-- Olha. As coisas não é bem assim, Guillermo...

-- Os dois poderia abaixar o tom. Per favore? – Domenico pediu. Interrompendo-os.

-- Como ela, está? – quis saber Guillermo. Olhando na direção da cunhada. Sua esposa, Anelize, conversava com ela. A auto-medicando.

-- Anelize tirou a pressão. Está boa. Ela, só precisa descansar..

-- É. No estado dela... É necessário. – Guillermo concordou. Receoso. – Ser mãe e avó, ao mesmo tempo...

-- Não se preocupe Guillermo. – Aleico, o tranquilizou. – Helen, contou para a filha. E ela, me contou. – informou. Olhando de cara feia, para Domenico.

-- Desculpe-me, por não lhe contar nada. – pediu Domenico. Sincero. – Antes, de Helen contar para Rhane. Guillermo, e Anelize eram os únicos que tinham conhecimento. Deixei para dizer após o casamento. – explicou constrangido. – Não queria magoar, nossos pais...

-- Imagino, que sim. – Aleico concordou. – Rhane, me disse que são gêmeos. Já sabe o sexo? -- quis saber. Procurando amenizar seu próprio estado de espírito.

-- Sim. Passamos em Milão, na clínica de Guillermo para fazer a ultrassom. – Contou. Emocionado. - É um bambino. E uma bambina! – expressou. Orgulhoso.

-- Quase, quatro meses. E gêmeos! – exclamou. Boquiaberto. – Um bambino. E uma bambina? – Aleico, o indagou. Domenico assentiu em acordo. – Nunca imaginei algo assim vindo de você. Não mesmo! Incrível... ”Domenico o correto”. – brincou.

-- Acontece, sabia? – Domenico, se defendeu. Todo sem graça.

Aleico riu. Satisfeito. Por enquanto! O preocupava a reação de sua família. Seu irmão... Sua cunhada. Suspirou.

-- Então, você vai ser pai. E avô... Dio! Parabéns, mano! – desejou, abraçando o irmão.

-- Obrigado, Aleico. – agradeceu. Alegre. – Que tal dar a notícia duplamente á família? Nosso pai, e tio Rafael. Vão gostar. O que acha?

Aleico, o olhou. Desconcertado. Angustiado.

-- Domenico, antes de darmos qualquer notícia a nossa família. Precisamos conversar primeiro?

-- Aleico. Sei que está aborrecido com o que aconteceu. – Domenico, dizia. Desconhecido do assunto. – Ficou responsável por Rhane. Mas, isso não quer dizer que podia controlar tudo. Compreendo. Não é culpado. – disse compreensivo. – Ela, é jovem. Linda. E Stefano, é um bom rapaz. Vai dar tudo certo. Entendeu?

Aleico, se irritou.

-- Inferno! – praguejou ele. Furioso. Viu os irmãos recuarem. Assustados. – Querem parar de insistirem nisso? – pediu revoltado. – Stefano, não é o pai... Droga! – gritou, passando as mãos nos cabelos. Impaciente. Perturbado. – Não era assim que pretendia dizer o que está acontecendo. Dio! A aparição repentina de Anabelle. Complicou tudo... Inferno! Inferno! – praguejava. Furioso. Andando de um lado, para o outro.

Domenico, Guillermo. Anelize e Helen. Olhavam-no. Horrorizados. Emudecidos.

-- Porque esta demora dela, em voltar a si? – perguntou repentinamente. Deixando-os, ainda mais confusos. – Me ouviu, Guillermo? Porque está demorando tanto?

Guillermo recuperado. Olhou para o relógio no pulso.

-- Ainda está dentro do tempo considerado normal pela medicina. – explicou. Desconfortável. A reação do irmão. Enervou-o. Suspirou. Disse que Stefano não era o pai! Quem era então? Perguntou. Temendo a resposta. Não, não. Era loucura! – Sabe quem é o pai, Aleico? – quis saber. Temeroso.

Aleico abriu a boca para responder. Mas, a fechou ao ouvi-la.

-- Aleico...

-- Grazie a Dio! Graças a Deus! -- exclamou Aleico. Jubiloso. -- Pensei que não fosse acordar mais! -- a tomou nos braços. A beijando na boca com doçura. – Quase me matou de susto. Sabia? – acusou, com carinho.

Os demais. Fitavam-nos. Estarrecidos.

Guillermo teve a resposta que temia.

-- Dio Santo! – clamou ele. Agoniado.

-- Aleico... Preciso de ar... -- pediu. Ele a abraçava com força. Com medo dela, desmaiar. – Ou, vou acabar desmaiando novamente... -- murmurou, respirando fundo para recuperar o fôlego.

Percebendo sua respiração difícil, e cansada. A soltou com cuidado.

-- Perdono, Rhane? Estava tão preocupado que me esqueci. Deu-me, um susto tão...

-- Eu ouvi. Sinto muito! – interrompeu-o. Cansada. Sentiu seu estômago nausear novamente. Soltou-se dos braços dele correndo para o banheiro. Vomitar era horrível! Lamentava. – Deus! – clamou, com a cabeça dentro do vaso sanitário.

Capítulo 12

-- Abaixei a cabeça. – ouviu a voz de Aleico. Calma. Meiga. Sentiu pegar seus cabelos. Os retirando de seu rosto. Segurou-os, atrás de sua nuca. Ao ver a crise de enjoo dela, passar. Ajudou a se levantar. – Deixe-me, ajudar você. Abaixei a cabeça na pia, Rhane. – obedeceu-o.

Molhou-lhe a nuca com água fria. Seguidamente. Aliviando o calor causado pelo mal-estar. Ela enxaguou o rosto, e a boca. Várias vezes. Suas pernas estavam tremulas. Devido o esforço para vomitar seu estômago doía. Precisava descansar.

-- Minha mãe está aborrecida. O que vou fazer? Isso é tudo o que ela não queria! – lamentou. – Contou a eles, sobre nós? – quis saber. Preocupada.

-- Rhane... Está tudo bem. – Aleico falou. Procurando acalmá-la. – Não, ainda não. Mas, irei dizer. Logo. – a respondeu. Com aparente calma. – Primeiro, vamos cuidar de você. Venha. – falou, a pegando no colo. Levando-a de volta para a sala. Sentou no sofá. Distante dos demais.

-- Não, não está! Estou grávida! – clamou, em desespero.

-- Eu sei...

-- Como pode estar tudo bem.. – sussurrou. – Pensei que minha menstruação estava atrasada. Isso já aconteceu antes. – dizia. – Então, começaram as náuseas. No começo não dei importância. Achei que fosse o calor.. Acho que engravidei na troca de medicamentos. Troquei a injeção por pílulas. Fui uma idiota!

-- Shiii... Fique calma. – pediu ele, e a abraçou. Beijando o alto da cabeça. Carinhoso. – Não é momento para ficar nervosa. Pense no bebê. É nele que temos que pensar agora. Entendeu?

-- Está bem. – concordou ela. Procurando controlar o nervosismo. Soltou dele. Deitou no sofá. Tentando se relaxar.

Helen veio e sentou ao seu lado. Aleico levantou. Deixou-as, a sós. Foi para perto dos irmãos. Quietos. E atento.

-- Filha. Olha... Sei que sempre a aconselhei sobre o risco de uma gravidez fora do casamento. Aconteceu, comigo. – falou, acariciando sua face. – Não queria o mesmo, para você. Mas, aconteceu. Não é? Estava tomando injeção? Parou de tomar?

-- Mãe... Sim. Resolvi trocar por pílulas... – contou. Aborrecida. – Eu... Me esqueci de tomar.. Uma. Não... Acho, que duas vezes. Não achei que fosse engravidar. Oh, mãe... Está zangada comigo, não é? – choramingou.

-- Tudo bem. Não estou zangada. Aborrecida, seria o certo. – disse. Angustitada. – Não, com você. Comigo. Falhei. -- reconheceu. – Nunca devia ter deixado você, vir para cá! – lamentou. Amargamente. – Mas, quero que saiba. Não vou deixar você cometer o mesmo erro, que eu.. Sei que Stefano, aparenta ser um bom rapaz...

-- Stefano. O que ele tem com isso? – perguntou. Receosa. Olhou para Aleico, viu aquele olhar

indecifrável. Apavorada. Explicou. – Se realmente estiver grávida. E tenho certeza que estou. Não é dele. Juro! – dirigiu a palavra. Helen, o encarou. – Pesquisei na internet. Encontrei duas faculdades que oferecem cursos a distâncias. Apesar de que preferia frequentar o curso. – reconheceu. -- Ele, só estava me ajudando. E me levou para fazer o vestibular em Turim. E em Milão. Eu, praticamente o obriguei. Ele me avisou que quando soubesse. Ficaria furioso. – falava. – Pretendia lhe dizer quando o resultado da prova, chegasse...

-- Rhane...

-- Deixe-me terminar. -- pediu. Aflita. -- Como Anabelle, soube? Sinceramente, não sei! Nem eu. Nem Stefano, comentamos com ninguém. – explicou. – Mas, isso não vem ao caso agora. – Aleico, a ouvia. Silencioso. -- Quero que saiba que não há nada entre, Stefano e eu. Nada! Entendeu? Nada! - - Os olhos rasos de lágrimas. Sentiu-as, descer pela face. Nublado-lhe a visão.

Aleico sentou ao lado dela. Tomou o seu rosto com uma das mãos. Com a outra, tirou um lenço do bolso. Secou as lágrimas. Gentil.

-- Não chore, está bem. -- pediu. Amável. -- Acredito em você. Dio! Como não poderia! Mas, agora quero que fique calma. – pediu. A pegando no colo. Continuou. – Guillermo precisa que responda a algumas perguntas, amore. Pode fazer isso?

-- Perguntas? Que tipo de perguntas? – quis saber. Olhando-o. Confusa. Sentiu-se desajeitada. Diante do olhar pasmo de sua mãe. Ao vê-la, á vontade no colo dele.

-- Sei que está confusa. É muita coisa para assimilar. Concordo. – refletiu ele. – Mas, é importante terminar o diagnóstico. Ok?

Ela assentiu.

-- Ok.

Guillermo, se aproximou. E fez as perguntas necessárias. Estava nervoso. Sua cabeça fervia. Aquilo estava complicado. E como!

-- Muito bem. Vamos lá. – disse, limpando a garganta. – Quando foi sua última menstruação?

-- Minha última menstruação? -- repetiu. Atônita.

-- Sim. Ou, há quanto tempo está atrasada. Sabe me dizer?

-- Eu, não sei. Não me lembro. Duas semanas. Acho... Não sei! – disse incerta. Constrangida.

-- Quatro semanas. – Aleico, a corrigiu. – Sua menstruação está atrasada. Há quatro semanas. – forneceu. Seguro.

-- Tem certeza? – perguntou ela. Duvidosa.

-- Absoluta! – Aleico, reafirmou.

-- Como sabe disso? – Helen quis saber. Chocada. – Isso não é coisa para você saber... – parou. Repentinamente. Gelou. O fitou. Ele, segurou o seu olhar. Impassível. Voltou o olhar para a filha. Atônita. – Deus! Por isso sua discordância sobre a paternidade do bebê. Irritou-se quando Nico, e Guillermo... Pensou ser Stefano, o pai. Meu Deus! – exclamou. Ainda aturdida.

Sentou-se na poltrona. Frente a frente, com eles. Viu a filha, se aconchegar nos braços dele. Temerosa. Aleico, a apertou entre os braços. Protetor. Confusa, ela não soube o que dizer. Lembrou-se do jantar na villa dele, em Positano. Quando contou para a filha, sobre sua gravidez. Ela recebeu a notícia com alegria. A parabenizou pelo o casamento. E pelos bebês. Feliz e

emocionada, contou que conheceu uma pessoa. Ao procurar saber detalhes sobre a tal pessoa. A filha foi categórica. Após, sua lua de mel. Prometeu. E daria todos os detalhes. Riu. Ironicamente.

-- Como não pensei nisso! – Helen salientou. – O seu incomodo... – falou, olhando-o. Firme. -- Com os elogios que fiz. Que idiota eu fui! Eu, o elogiando. E você... Dormindo, com ela. Meu Deus! – ridicularizou-se. Sarcástica. -- Virou para o marido. O acusou. – Falou-me, que podia confiar nele. Deu sua palavra, Nico. Deus! O que eu fiz? – culpou-se.

-- Helen... Olha, tenho certeza que eles têm uma explicação para isso. – Domenico, disse. Procurando manter á calma que havia, evaporado de seu corpo. Dio Santo! – Sente. – pediu. Indicando uma poltrona para ela. Helen recusou. Preocupou-se. -- Procure não ficar nervosa. Sí?

-- Espero mesmo, que eles. Tenham. – murmurou. Triste. – Porque, não sei o que pensar. Nem o que falar. Me sinto, péssima. Cansada. Derrotada. – balbuciou as palavras, confusamente. Continuou. Encarando o cunhado. – Ela... Não é como as mulheres que você está acostumado a sair. Usa-as. Depois, descarta-as. Na lata de lixo mais próxima. Ela, é minha filha! Enteada de seu irmão. Meu marido. Compreende isso? Isso é errado. Muito errado...

-- Helen... Sei muito bem que Rhane, não é qualquer uma. Não tenho dúvida quanto, há isso! – Aleico protestou. – Mas, isso não lhe dá o direito de me ofender. Nunca tratei uma mulher, assim. – reclamou. Ofendido.

-- Ótimo! Fico feliz em ouvir isso! – exclamou ironicamente. – Acha realmente que com o currículo que tem, entre as mulheres. Será capaz de fazê-la feliz? Ser fiel. Honrar seus votos? – inquiriu. Descrente.

-- Honrarei. Cada um que eu, fizer. Vou honrar... Apesar das críticas da mídia. E ser rotulado como um pervertido. Ou um “Casanova”. Como me chamou. – apontou. – E me associarem ao um determinado tipo de mulher. Que felizmente não tenho. – se defendeu, ele. Terminantemente. – Helen, tem todo o direito de ficar preocupada. Afinal de contas, é sua filha. Saiba, desde que a conheci. Jurei ser fiel, a ela. Honra e casamento, é algo sagrado. Respeito isso. – assegurou. – Quando, me elogiou... Me senti péssimo. Confesso. – disse. Sem jeito. – Mas, não podia fazer nada. Rejeitar. Seria, revelar minha relação com Rhane. Colocaria o casamento de vocês, em risco. E isso seria irrelevante da nossa parte. – explicou.

Helen olhou para o marido. Refletiva.

-- É, pode ser. – concordou ela.

-- Acha que mudaria algo, cara mia? – Domenico, quis saber. Desconfortável.

-- Sinceramente... Não sei!

-- Mãe, no começo pensava que fosse só uma atração... Algo, que logo acabaria. – Rhane, começou a dizer. – Sabia que as relações de Aleico, tinha prazo de validade. Não liguei. Queria-o. Negar. Foi pior. – anuiu ela. Coerente. -- Saber das muitas relações, dele. Aguçou-me. – confessou. Atrevida. Sentiu-o desconfortável com o seu comentário. Helen, a olhou. Atônita. – Conhecê-lo, era algo que queria. Profissionalmente. Sabia disso? – Helen assentiu em acordo. -- Só não imaginei me sentir atraída, por ele... E que fosse um sentimento mútuo. Que crescesse. E evoluísse para algo concreto. – recostou nele. Feliz. Aleico, lhe beijou o ombro. Sentiu-o, tocar seu ventre com uma das mãos. Com a outra a apertou, junto ao peito. Embevecido. – Quero, e vou viver com ele. É minha escolha, mãe. Sei que é, para você. Como será um choque, para todos... Nossa relação. Mas, aconteceu. – anunciou. – Teremos dificuldades como qualquer casal. Isso é fato! Todos têm. Não é?

Helen deixou os ombros cair ao longo do corpo, desanimada. Cansada demais para continuar com aquela conversa. Suspirou.

-- É. Todos têm. – respondeu. Nada feliz. – Querida, estou cansada da viagem. Lenta. Chocada. Horrorizada. Não consigo raciocinar, logicamente. Compreender, muito menos... Acho, algo... – suspirou. Triste. -- Não quero falar nada que venha me arrepender. Podemos terminar essa conversa depois? Preciso descansar. E você também. – observou ela. Cuidadosa. Levantando.

-- Concordo plenamente. – Guillermo, entreviu. Profissionalmente. – Precisam descansar. O restante do assunto. Podem resolver depois. O que para mim, parece estar tudo certo. Domenico vai ser pai. Aleico, também. Tenho três, ou mais... Sobrinhos para trazer ao mundo. Fico honrado. Muito mesmo! – falou emocionado. Abraçou os irmãos. Feliz. – As leve para descansar? Vou distrair as feras, por enquanto. – assegurou.

Domenico pegou a esposa no colo. Sobre protestos dela. Alegando que podia andar. Gravidez, não era doença. Rindo. Subiu as escadas. Desaparecendo no corredor.

-- Também, vai reclamar? – Aleico quis saber. Rindo maroto.

-- Não, vou não. – balançou a cabeça. Sorrateira. – Gosto quando me carrega no colo. É bom. – disse toda manhosa.

-- Dengosa. – reclamou ele.

-- Não, sou não. – protestou ela.

Guillermo com as mãos nos bolsos. Fitava-os. Sorridente. Alegre.

Seus irmãos, casados. E futuros pais. Incrível! Balançou a cabeça. Seu pai? Como irá reagir?

-- O que é tão engraçado? – Ricardo que entrava na sala, quis saber. Rudemente. – Até onde ouvimos. Nada é engraçado. – resmungou. – Domenico, escondeu a gravidez de Helen. E o dottore aqui, sabia. Excelente! – bateu levemente nas costas de Guillermo. -- As loucuras de Aleico. É relevante. Sempre foi um rebelde. Tenho pena de nosso pai...

-- Pois, não tenha. Ricardo. – cortou, Dom Geovane. Secamente. – Vou para o meu escritório. Diga para seus irmãos, onde me encontrar... – falava, enquanto caminhava em direção ao escritório. Entrou. Fechando a porta com um baque surdo.

Guillermo soube que o pai. Magoara-se.

-- Oh, não se preocupe. – Ricardo zombou. – Um bate papo com Aleico. E, tudo é perdoado. Sempre foi assim! – resmungou. Azedo.

-- Quanta implicância, Ricardo. – Guillermo, o repreendeu. – Vai ser assim o resto de sua vida? Aleico, adora você. – acusou. Aborrecido.

-- E eu, o adoro. – piscou zombeteiro. – Só gosto de implicar... E ele, sabe... -- riu. – Apesar, de ele magoar papa... Não sei se o que ele fez, é imoral. Ou, pecaminoso. Entende, Guillermo? – citou. – Mas, ele... – apontou, a porta fechada do escritório do pai. – Pensa exatamente isso. Compreende?

-- Eles não são do mesmo sangue, Ricardo. – defendeu. – Penso diferente...

-- Eu também... – assentiu. – Mas, vamos falar com o restante da família. Ver o que cada um pensa. Certo?

Guillermo balançou a cabeça, inconformado. Seguiram ao encontro da família. Lado a lado, um do outro. Não via nada de errado... Pecaminoso. Será? Não, não era. Não tinham nenhum parentesco

sanguíneo. Pensou.

Aleico a tomou no colo, e rumou para seu quarto. Entrando. Colocou-a na cama. Gentilmente. Notou ela olhando a tudo, com notável interesse. Silenciosa.

-- Então, gostou? -- quis saber. Preocupado com o silêncio dela. -- É bem masculino. Não é?

-- Bastante. -- confirmou. -- Mas, de muito bom gosto. -- elogiou. E realmente. Era mesmo. As paredes, em um tom branco gelo. Fazia um bonito contraste, com os moveis em laca branca. As cortinas de linho azul marinho, composta por detalhes marfim. A colcha da cama acompanhava, os mesmos detalhes da cortina. O quarto era bem amplo. E arejado. As portas-janelas davam para a sacada, de onde podia se ver toda a paisagem. Outra porta, dava para o banheiro. Outra, para o closet. A cama, era uma king size. Uma chaise longue, aos pés desta. A completava. Toda a decoração do quarto. Como os quadros da parede. Indicava realmente, um aposento bem masculino.

-- Há quanto tempo não dorme aqui? -- perguntou. Curiosa.

Aleico estava dobrando a colcha que havia retirado da cama para ela, se deitar. A colocando sobre a chaise, aos pés da cama. Após, pensar um pouco. Respondeu.

-- Uns seis meses. Creio, eu.

-- Serio! -- falou, demonstrando surpresa na voz.

-- Sim. -- afirmou. -- Dois meses, antes de você chegar.. – pausou. -- Boa parte da minha casa estava um verdadeiro, caos. – explicou.

-- Oh! Esqueci da reforma. Desculpe. -- concordou, rindo. -- E quanto tempo ficou?

-- Um mês. – respondeu, ajeitando os travesseiros para ela. Gentilmente.

-- Hum... -- anuiu. Desconfortável. Enquanto subiam as escadas, se lembrou do episódio com Felipe. Precisava lhe contar... Iria, fazê-lo. E tinha de ser agora! Suspirou.

-- Tudo bem? Sente alguma coisa. Náuseas. Tontura? – quis saber. Preocupado, com o seu ar desconfortável.

-- Não, estou bem. – falou. Receosa. – Preciso lhe contar algo que aconteceu em Milão. – soltou de uma vez. Encorajada. Continuou. -- Quando foi se encontrar com... Anabelle. Sem me avisar. Fiquei furiosa. E fiz algo que não devia ter... Feito. – disse aflita.

-- Como beijar Felipe. Na frente de Lúcio, e Andrezzi? – Ele citou, gravemente. Fitando-a. Com o cenho carregado.

-- Oh, já sabia! – Raí, exclamou. Tensa. – Como soube? Lúcio. Andrezzi? – quis saber. Toda chateada.

-- Não. – negou, secamente. – O próprio Felipe, me contou. – disse, friamente.

-- Deus! – clamou. Apavorada. O estomago, nauseou. Num pulo. Levantou. E correu para o banheiro. Desesperada. Seu estomago parecia virar ao avesso. – Ai, não aguento mais. Isso é horrível! – lastimou.

-- Ei, logo passa. Está bem. – o ouviu, falar. Carinhoso. A ajudou, se levantar. E a levou novamente para a cama. – Precisa descansar.

-- O que ele, disse? – perguntou, chorosa.

-- Nada de mais. Só o que aconteceu. – dizia. – Que ele, agiu por ciúmes. Queria me provocar. Só

isso. Não a culpou. Fique tranquila. – pediu. – Confesso. Fiquei louco da vida. Tive vontade lhe dar umas palmadas. Por agir infantilmente. E torcer o pescoço de Felipe por aproveitar de sua fraqueza. Mas, depois... Cheguei á conclusão, que o maior culpado de tudo. Tinha sido... Eu mesmo. Por isso, não disse nada. – contou. Aparentemente, chateado. – O que sentiu? – perguntou. Repentinamente. Apreensivo.

-- Como? – indagou. Incompreensiva.

-- Quando o beijou. O que sentiu? – quis saber. Sério.

Rhane abriu a boca para protestar. E tornou a fechar novamente. Cruzou os braços sobre o peito. Exasperada.

-- Nada. Não senti nada! – resmungou. Irritada.

Deitado na cama, ao lado dela. Virou-se. Tocou-lhe o rosto. Delicadamente. Sorriu.

-- Nada, é? – perguntou. Contornando os seus lábios, com os dedos. Desejoso.

-- É. – afirmou ela. – Está me deixando... Excitada. – murmurou. Ofegante.

-- Estou, é? – perguntou, ele. Ciente. Penetrou um dedo dentro de sua boca úmida. Ela, o sugou. Lentamente. Ele gemeu. -- Dio Mio! – clamou. Ávido de desejo. A beijou guloso. Impaciente. Mordiscou o seu queixo. Desceu pelo pescoço dela. A beijando. Lambendo. Desceu-lhes as alças do vestido. Desnudando-lhes, os seios. Mordiscou os bicos dos seus seios. Prazerosamente. Um depois, o outro. Tomou um dos seios na boca. Sugou-os. Delicadamente. Deliciado.

-- Aleico... – sussurrou, o nome dele. Lânguida de desejo.

-- Sí, amore... – respondeu ele, tomado de desejo. Descontrolado.

-- Minha mãe, acha nossa relação errada... – disse, num lamento. Choroso.

-- Ei, não pense nisso. Certo? – interrompendo-a. Gentil. -- Não somos parentes de sangue. É enteada de meu irmão. Nada mais. Portanto, não é errado. Entendeu? – disse, voltando a beijá-la. Tocando-a. Ela gemeu. Deliciada.

Uma batida repentina na porta. E ele, estacou automaticamente. Frustrado com a interrupção. Praguejou. Falando vários palavrões em italiano. Ajeitando rapidamente as roupas dela. Olhou para si, mesmo. Ouviu o risinho maroto, dela.

-- Não vejo graça nenhuma, nisso! – reclamou. Tocando sua visível excitação.

-- Eu sei. – concordou ela. -- Mas, não deixa de ser engraçado. -- falou, ainda rindo. Tocou o membro enrijecido dele. Carinhosamente. Ouviu-o gemer. Baixinho. Colocou um travesseiro sobre o colo dele. -- Pronto!

Aleico olhou para o improviso inteligente dela, sorrindo. Sua excitação era tanta que chegava doer. Lamentou. Recostou na cabeceira da cama. Respondendo.

-- Sim.

-- Posso entrar? -- sua mãe pediu, educadamente.

-- Entre, mamma.

Dona Elisa entrou. Demonstrava um misto de simpatia, e generosidade.

-- Vim saber como está. Cara mia?

-- Tirando, os enjoos. Estou bem. – garantiu Rhane.

-- No começo, é assim mesmo. Seja paciente? – pediu amável.

-- Vou tentar. Não gosto muito de vomitar. Mas, não tenho feito outra coisa nas últimas horas. – riu, sem graça. – É uma sensação... Horrível. – reclamou.

Dona Elisa, riu. Apesar da tensão, oculta. Rhane percebeu o esforço dela, em se manter compreensiva. Devia ser difícil encarar a relação deles. Pensou.

-- Helen está descansando. Faça o mesmo. – ordenou. Olhou para o filho, desceu o olhar para o travesseiro. Franziu o cenho. Ele disfarçou desviando o olhar. Sem jeito. – Seu pai, o aguarda no escritório. – Aleico gemeu. Desgostoso. -- Não o faça esperar. Sí. – advertiu. – A deixe descansar. Entendeu? – pediu. Deixando claro que sabia o que houve ali.

-- Ok. – concordou ele. Um sorriso divertido, brincando em seus lábios.

Dona Elisa, o olhou. Balançou a cabeça. Reprovadora.

Ele ficou sério. Rhane segurou o riso na garganta. Disfarçadamente.

-- Bom, ainda falta duas horas para o almoço. – comentou Dona Elisa. Consultando as horas no relógio do pulso. – Terá bastante tempo para descansar. Será bom. Vai ajudar com os enjoos. – explicou. – Vou mandar lhe trazer um suco. Está bem?

-- Oh, claro. Obrigada. – agradeceu.

-- Mamma... – Aleico, a chamou. Antes, dela sair.

-- Sim. – respondeu ela, virando na direção dele. Tentando manter o sorriso no rosto.

-- Perdono. Sinto muito... Por tudo. – pediu aparentemente, solene. – Não era minha intenção, magoar ninguém. Aconteceu. Foi mais forte que, eu... Que nós. – corrigiu. – Apaixonei-me... E a amei... Logo, que a vi... Perdono, si? – disse sincero.

-- Oh, caro mio. – disse Dona Elisa. O abraçando. Fortemente. – Se a ama... Que posso fazer, ou dizer. Quero que seja feliz. Vê-lo, feliz. É tudo, para mim. – revelou. – Preocupa-me, seu pai... Está chocado, magoado... Acha errada essa relação. – disse, num fio de voz. Triste.

-- É o que pensa também, não é?

-- Não sei. Estou confusa. É muita coisa para pensar... Não vou julgá-los... Ainda, si. – falou. Um tanto reservada. Pediu licença, e saiu.

Rhane ficou olhando a porta fechar. Voltou o olhar na direção dele. Fitava o travesseiro, sob o colo. Pensativo.

-- O improvisado, não foi suficiente. Não é? – brincou ela. Procurando, desviar sua atenção.

-- Não, não foi. – concordou ele. Compreendendo-a. Dissipando a tensão. Acariciando o ventre. Embevecido.

-- Está feliz? -- quis saber. Ao vê-lo, depositar beijos ao longo do seu ventre.

-- Muito! -- revelou. -- Nunca imaginei que fosse me senti assim, Rhane. – disse, a beijando nos lábios. Emocionado. -- Tem um pedacinho de mim, aqui dentro... – falou, com a mão no ventre dela. - - Aqui, Rhane... Crescendo aqui... Dio Mio! Como não poderia estar feliz? Como? -- exclamou exultante.

-- Também, estou muito feliz! -- confessou, colocando sua mão sobre a dele, sob seu ventre. – É tão novo. Diferente. Eu nem, sei como explicar.. O que estou sentindo... -- murmurou. A voz embargada de emoção. -- Eu... -- Não terminou o que ia dizer, pois ele voltou a beijá-la. Ávido. Apaixonado. A deixando sôfrega.

Rhane arfou. Apaixonada. Excitada. Tudo misturado. Não soube distinguir o que sentia por ele. E pelo bebê. Naquele momento. Sentia tudo. Era isso! Certificou.

-- Amo, os dois! – declarou, ela.

-- Também, os amo! – falou, contornando seu rosto, com a mão. Carinhoso. – Vou ter que ir agora. Não é algo que queria. Mas, não tenho escapatória. – a beijou nos lábios. Docemente. -- Volto logo! -- prometeu, deixando o quarto.

Rhane assentiu. Bom, ao menos as coisas estavam encaminhando melhor do que esperava. A reação de sua mãe, não foi tão ruim. Ufa! Suspirou aliviada. O mesmo, não podia falar de Dom Geovane. Aleico estava indo falar com ele naquele exato momento. Teria que esperar para saber. Pensou. Bocejou. Ajeitou na cama. Adormecendo.

Aleico falava ao celular quando entrou no escritório do pai. Estacou. Olhou ao redor. Todos os homens da família estavam presentes. Incluindo, os três patriarcas. Seu pai, nonno Gustavo, zio Rafael. Que maravilha! Resmungou.

-- Obrigado, Tony... Não, não. Isso é tudo. Me mantenha informado. Ok? – desligou o celular. – Isso será uma conversa. Ou, um interrogatório? Vou precisar de um advogado? – apontou ele. Caçoísta.

Dom Geovane fechou o semblante. Desaprovador.

-- Um pouco mais, mano. E vai precisar da inquisição papal. Seu crime. É grave. – Ricardo, zombou.

Aleico, o ignorou.

-- Sente-se, Aleico. – Dom Geovane, ordenou.

Aleico olhou. Viu duas cadeiras posicionada frente á escrivaninha do pai. Os demais ocupantes da sala estavam posicionados. Lateralmente. Muito engraçado! Resignou. Domenico, estava em pé. Encostado no batente da janela. Olhando para fora. Parecia perturbado. Isso não era bom! Sentiu o suor banhar sua fronte. Droga! Estava nervoso. E muito!

Domenico, se voltou vindo sentar na cadeira ao lado. Quietos.

-- Não vejo motivo em sermos... O centro das atenções. – reclamou. Chateado.

-- Muito bem. – Dom Geovane começou. Ignorando-o. – Em primeiro lugar vou deixar claro, a todos... Não aprovo a conduta de nenhum, dos dois. – falou, encarando-os. Repudiador. – Vamos começar por você. – apontou para Aleico.

-- Porque não, por Domenico. – resmungou ele. Ressabiado.

-- Seu caso, é mais grave. – salientou, firme.

-- Meu caso, é mais grave! – exclamou irritado. – Madre di Dio! Isso acontece todos os dias, no mundo todo...

-- Não, nessa família! – Dom Geovane, o interrompeu. Severo. Dando um murro na mesa. Fortemente. Assustando, todos os presentes.

Aleico, o encarou. Perplexo. Nunca em sua vida viu o pai, tão furioso. Gelou.

-- Não, nessa família. – repetiu, no mesmo tom. – Domenico, já nos adiantou o acontecido. Soubemos da gravidez de Helen. – contou. -- Em toda a minha vida... Nunca, imaginei isso! Estou chocado. Envergonhado... Não tenho palavras para expressar o que sinto. Com os dois. acredite! -- exclamou. Desgostoso. – Mas, a sua situação... É muito pior! – proferiu. Inconformado. – Temos um nome para zelar. Um legado de tradição. Nossa família. – expôs. Descontente. – Proteger e honrar. Foi o que aprendi. E ensinei, a todos. – apontou. – Quando, saiu de casa... Procurei compreender. acredite. Sempre foi uma criança, instável. Cresceu. Tornou-se, um adulto rebelde. Inquieto. Incompleto. Criar o seu próprio destino era tudo, para você... – dizia. -- Sempre fomos ricos. Não havia necessidade. – balançou a cabeça. Inconformado. -- Impedi-lo, teria sido o fim. O deixei ir. – suspirou. – Surpreendeu o mundo. Tornando-se, um dos maiores empresários do país. Voltou. Ajudou-nos. Somos gratos por isso. Fez as fusões. Idealizou, e fomentou a nova expansão no Brasil. E me surpreendeu novamente. Hoje, comanda a Corporação. Respeito-o. Todos o respeitam. – falou, abrangendo a todos na sala. Aleico fitou o chão, constrangido. – Mas, isso! Esse seu caso com a bambina. Irá expor toda a família. Será um dos maiores escândalos de toda a Europa. Pensou nisso? Onde estava com a cabeça? Ela, é enteada de seu irmão. Sua sobrinha! – repreendeu.

Aleico reagiu.

-- Minha sobrinha! – replicou exasperado. – Nós, não temos nenhum parentesco sanguíneo. Portanto, ela não é minha sobrinha, papa... Precisam, entender isso? – expôs. Hábil. -- E pouco me importo com o escândalo! – resmungou, zangado.

-- Eu me importo! – esbravejou. – Só porque não tem o mesmo sangue, não deixa de ser um membro da família. É enteada de seu irmão. Portanto, sua sobrinha. Finito.

-- Finito! – Aleico, exclamou indignado. – Sinto muito. Mas, não concordo...

-- Pois era assim, que devia vê-la. -- Dom Geovane, o cortou. -- Suas inconseqüências não lhe dá o direito de tratá-la... Como, uma de suas mulheres... Não ouse me interromper. – o recriminou. Bravamente. Aleico abriu a boca para protestar. A fechando novamente. Ressabiado. – Não sou cego. E nem surdo. Também, leio os jornais. Sei como o chamam na mídia. Vi uma nota onde dizia ‘Famílias de prestígio italianas. Protejam suas filhas. Aleico Domenacci, o magnata italiano. Está de volta. Além, de lindo. É um irreverente ‘Casavona, pervertido’. Por isso, mães casadoiras. Cuidado!’ Sua mãe, quase enfartou. – falou com amargura. Aleico praguejou baixinho. – E o senhor não se deu por rogado. Fez jus, aos comentários. Sempre rodeado por um rabo de saia. Sem ao menos, se preocupar com as conseqüências. Francamente, Aleico. Esse é um lado seu... Que não me orgulho. Nunca aprovei. – dizia. Desgostoso. – Como acha que Helen, está neste momento? Vendo a filha que ela confiou, através de seu irmão. Em suas mãos. Grávida. Dio Santo! – Dom Geovane, exclamou. Arrasado. – Quando decidiu tomá-la? Logo que resolveu me contradizer? Oferecendo sua casa. Ou, depois que a viu? Ou, foi à acusação de assédio sexual que o excitou? – Dom Geovane, acusou com perguntas constrangedoras. Sem piedade. As inconseqüências do filho. Desapontou-o. Amargamente.

-- Dio Santo... Papa! – Aleico, replicou. Diante das impiedosas acusações do pai. Levantou da cadeira. Passou as mãos pelos cabelos, nervosamente. – Acha que agi com segundas intenções, quando ofereci minha casa. É isso? – fez a pergunta. Temendo a resposta. Olhou em volta. Todos estavam atentos. Suspirou.

-- Agiu? – Dom Geovane, quis saber. Implacável.

Aleico bufou. Irritado.

-- Não, lógico que não. Me ofende saber que pensa assim. – se defendeu.

-- Se ofende! – Dom Geovane, rugiu. Furioso. – Ofendido, estou eu... – bradou vorazmente. – Com a sua falta de conduta... Sua indecência. – lastimou. -- Mil coisas, se passam em minha cabeça... Para, lhe dizer. Mas, penso ser melhor não dizer... Onde foi que falhei com você. Diga-me? – revoltou, o reprimindo. Aleico soltou os ombros ao longo do corpo. Se remexendo na cadeira. Chateado. – Podia, e pode... Arruinar, o casamento de seu irmão. Onde estava com a cabeça? – quis saber, repreensivo.

Aleico olhou para o irmão. Domenico fitava um ponto imaginário, sobre a mesa. Impassível. Silencioso.

-- Nunca foi minha intenção prejudicar seu casamento. Acredite? – pediu tenso.

Domenico, o encarou por um segundo de tempo. Voltou a fixar o olhar no mesmo lugar. Quietos.

Aleico percebeu que a tensão tomava o ambiente, pesadamente. Perturbou-se. Em hipótese alguma pensou em prejudicar o casamento do irmão. Foi próximo à janela. Fitou a paisagem lá fora. Refletiu. Passou as mãos nos cabelos. Temeroso. Voltou-se para eles, ganhando a atenção. Suspirou.

-- Não agi, intencionalmente. Quero que isso fique bem claro. – falou em tom áspero. Viu seu pai e os demais, olhar para ele. Inquiridores. Prosseguiu. – A mesma foto que todos viram. Foi a que vi. – dizia. -- Uma garota de 13 anos... Com nada de especial. – apontou ele. Cômico. Todos riram. Domenico, o olhou reprovador. Ele ombreou. Ignorando-o. – Por acaso, alguém imaginou ela... Aos 20 anos, assim? E Belíssima? – quis saber. Hábil.

Todos assentiram negativamente. Ótimo. Pensou.

-- Bom... Digo o mesmo. – anuiu ele. Cuidadoso. -- Jamais, imaginei me sentir atraído por ela. Mas, me senti. Foi uma atração fatal. Quebrantou-me. – admitiu. Sincero. – Ela, me afrontou. Tornou tudo, mais difícil...

-- Como assim? Porque, ela o afrontou. O que quer dizer... Com isso? – Domenico quis saber. Saindo do estado silencioso. Interrompendo-o. Nada compreensivo.

Aleico coçou o queixo, distraidamente. Inquieto.

-- A atração foi mútua, Domenico. Sentimos-nos atraído um pelo outro, instantaneamente. Entende? – Domenico fez que ‘sim’ a contragosto, com um aceno de cabeça. – Acontece, que... Dio santo! Que coisa complicada! – reclamou, com dificuldade em se expressar. Algo raro. Fechando os olhos momentaneamente. Suspirou. Procurando relaxar. – Sei que todos acham que não pensei na repercussão, disso tudo. Acontece que pensei. – falou. -- Sabia o quanto isso podia, magoá-lo. – disse, olhando para o pai. – E o quanto isso poderia prejudicar seu casamento. – voltou-se, na direção do irmão. – Mas quando Rhane, me disse que não voltaria para Londres, como havia vindo para Itália. Surtei. Pensar em outro homem, com ela. Deixou-me, louco. – soltou, em um único fôlego. Tenso.

-- Como assim? Defina isso, Aleico? – Domenico, pediu. Ressabiado.

-- Bom... Digamos, que a questão do assédio sexual. Foi uma acusação falsa. Entendeu? – suspirou. – Aliás, já tomei todas as providências necessárias sobre isso. E foi, tudo resolvido...

-- Espera um pouco, Aleico. – Domenico, o interrompeu. Intrigado. – Resolveu como? Sem o exame de corpo de delito. Seria impossível. – contestou. – E ela, se negou em fazê-lo. – apontou.

-- Como poderia. Ficou com medo! – ele, a defendeu. Domenico, o olhou. Inquiridor. -- Ela, não

chou certo. Nunca teve relações sexuais, antes... Compreende? – soltou, claramente. Ouviu vários “ohs” horrorizados. Ignorou-os. Seu pai, o fitava descontente.

-- Soube disso, antes. Ou, depois? – Domenico quis saber. Deixando claro seu aborrecimento.

-- Antes. Ela, me contou. – respondeu. Desconfortável.

-- Madre di Dio! Mãe de Deus! -- Domenico exclamou. Arrasado. – Tirou a virgindade, dela? – quis saber. Pasma. Aleico assentiu. Sem jeito. -- Helen vai surtar! Porque não tentou resistir? – quis saber. Inconsolável.

-- Algo impossível, Domenico. – murmurou, ele. – O que senti não foi só atração. Foi muito mais. É muito mais. Entende? Me desculpe. Sei que compliquei seu casamento... Helen, não me vê com bons olhos. Acredita no que a mídia diz sobre mim. – virou para o pai. – Não devia acreditar em tudo, papa. Não sou esse, “Dom Juan”, todo. – reclamou. – Trabalho, 15 horas... Ou, mais por dia. Mas, as longas viagens de negócios. Acredite. Não dou conta. Dio Santo! Nessas alturas, estaria morto enfartado. – declarou. Gracioso. Causando um acesso de riso nos demais. Dom Geovane, permaneceu sério. Aleico tirou o anel de formatura do anelar direito. Passou-o para o esquerdo. Liberando a aliança de noivado. Chamando a atenção de todos para o seu ato. Estendeu a mão. – Quero deixar claro, mano. Há 20 dias, a pedi em casamento. Vou me casar, com ela. Estando grávida, ou não. – declarou. Decidido.

Dom Geovane abriu, e fechou a boca novamente.

Os demais. Emudeceram-se.

-- Está apaixonado por ela? A ama? – Domenico, certificou. Quebrando o silêncio. A frieza na declaração do irmão. O chocou.

-- Claro que sim. Por quê?

-- Falou em se casar de um modo tão frio...

-- Domenico... Jamais, entraria em um casamento sem amor. – interrompeu-o. -- Falta de amor. Foi um dos motivos que me impediu de casar com Anabelle. – expôs. Sincero. Domenico fitou-o. Satisfeito. -- Bom, é isso. – disse. -- Vou ver minha noiva. Com licença? – disse. Educadamente. Levantou para sair da sala. Estrategicamente.

Domenico segurou o seu braço. Impedindo-o, de se levantar. Olhou-o, inquiridor.

-- Espere... Quero saber uma coisa, primeiro. Tudo bem? – A voz de Domenico, soou conflitante. Refletiva. O que chamou a atenção dos patriarcas.

-- Faça. – respondeu Aleico. Seguro.

-- No dia que Rhane chegou na sua, casa... – falava, com aparente calma. – E o encontrei, às 03h00min da madrugada. Angustiado e bebendo. Foi por causa dela, não foi?

-- Sí.

Domenico suspirou.

-- Desconfiei, mesmo. – disse. – Estava em abstinência de sexo?

-- Que conversa é essa? Estava viajando a trabalho. Sem tempo de me envolver sexualmente. Foi uma abstinência forçada. Entendeu? – Aleico respondeu. Desconfortável.

-- Abstinência forçada. O que isso quer dizer? – Dom Geovane, interferiu. Inquiridor. Fitando-os.

-- Eis, o motivo para não acreditar tanto na mídia, papa. – explicava Domenico. – Aleico, tem mania de ficar em abstinência de sexo, por certo tempo. – contou. Trocista.

Dom Geovane, o olhou. Surpreso.

-- Não faço isso, há muito tempo. – resmungou ele. Bravo. Notando os olhares curiosos, sobre ele. – Simplesmente, tive muito trabalho. Aconteceu. Fiquei sem tempo...

-- Quanto tempo? – Domenico, indagou. Interrompendo-o.

-- Sei lá... Dois meses, acho. Por quê?

-- Talvez, se não estivesse tanto tempo sem sexo. Isso poderia ter sido evitado. – disse, friamente. -- Lembro-me, de ouvir você ao telefone marcando um encontro para depois do jantar. Certo? – Aleico assentiu em acordo. – Mas, não foi. Por quê?

-- Não consegui. – respondeu. Contrafeito. – Quando você e Raí, se recolheram para dormir. Preparei-me, para ir. Mas, quando entrei no carro... Me senti, traindo-a. – Domenico arqueou uma sobrancelha. Indagador. Ele explicou. – Foram dias dentro de vários, escritórios. Salas de conferencias. E muitas reuniões. Estava cansado da viagem. Estressado. Longe de casa. – dizia. – Então, chego. E a encontro. Linda. Maravilhosa! Eu... A desejei imediatamente. – suspirou. – Recriminei-me, a mim mesmo. Pensei que fosse o cansaço. Os dias sem sexo. Procurei lidar com o desejo... Mas, quando fui ao encontro dela... Descontrolei-me. – contou o que aconteceu no lago, quando a beijou. – Então, liguei para Cecília. Precisava extravasar. Relaxar. Marquei o encontro. Achei, que talvez um pouco de sexo. Resolveria. – falou o que sentiu quando ela desceu para jantar, naquela noite. – Vê-la, belíssima. Antes do jantar. Complicou o meu encontro. Logo que você se recolheu. Não resisti. A desejei com um louco. A beijei. E me arrependi na hora. A mandei ir dormir. Mas, ficou impossível seguir adiante. Desisti. Liguei, desmarcando. Voltei. E fui beber. E me encontrou, lá. Afogando... O meu descontrole.

-- Que não consegui controlar mais, não é? – acusou Domenico. Com um sorriso zombeteiro nos lábios. Compreensivo.

-- É. Não consegui. E estou feliz por isso. – afirmou. Coerente.

-- Obrigado, pela explicação, Aleico. Era uma duvida minha. Queria entender como tudo começou. – agradeceu. – Não se preocupe com o meu casamento. Helen irá compreender. Tenho certeza. É questão de tempo. Será exigente, não tenha duvida. – avisou.

-- Ficará no meu encaixo. É isso? – quis saber. Balançando a cabeça. Inconformado.

-- Creio que sim. Sabe o que ela pensa sobre, você. Não é? – respondeu, claramente.

-- Posso conviver com isso. – brincou ele.

-- Tenho certeza disso. – concordou.

Aleico deu um suspiro, cansado. Levantou para deixar a sala, novamente.

-- Aleico... – Dom Geovane, chamou. Impedindo-o.

Aleico bufou. Virando na direção do pai. Descontente.

-- Sei que quer ver sua bambina. – disse Dom Geovane. Nada emotivo. Ignorando o ar descontente dele. Virou para os demais presentes, ali. Dispensando-os. – Acredito que todos têm outras coisas para fazer. Per favore? – pediu gentil.

Em pé próximo da porta. Aleico foi esmagado pelos abraços dos primos, cunhados e irmãos.

Domenico passou por ele, dando um tapinha em seu ombro. Indo embora. Ele suspirou. Sabia que o irmão tentava disfarçar que estava aborrecido com ele. Entristeceu-se.

-- Não fique preocupado. Precisa de tempo. Aliás, todos nós. – seu irmão Ricardo, o tranquilizou. Referindo ao ar aborrecido de Domenico. – Desconfiar, é uma coisa. Ser verdade. É outra... Mas, tudo bem. – o abraçou. -- Bem-vindo, ao “Clube das coleiras”. – disse, piscando caçoísta.

-- Clube das coleiras? – Aleico indagou. Intrigado. Achando a brincadeira nada interessante. – Porque, clube das coleiras? – insistiu. Olhando o ar risonho, no rosto de cada um.

O irmão riu. Gostoso.

-- Casamento. Significa exatamente, isso. Uma bela coleira em seu lindo pescoço... Logo, logo. – zombou. Rodeando o seu pescoço com o dedo indicador. -- Isso é o que elas, fazem de melhor. acredite. – Ricardo, bateu a mão em seu ombro. E foi-se corredor afora.

-- Não lhe dê ouvido, Aleico. – Francesco, repreendeu o primo. – Casamento, não é tão ruim assim. Pega-se o jeito rápido. Logo, irá se acostumar. É fácil, entendeu? – falou sabiamente. Continuou. – Todo o seu desespero em estar de volta, quando fomos para Moscou. Deixou-me, desconfiado. – apontou. -- Ufa! Sinto-me, aliviado! – clamou. Aleico, o fitou com um olhar atravessado. Ele explicou. – Achava o seu cuidado com ela, muito exagerado. Agora, entendo. – brincou. Abraçando-o. Fortemente.

-- Oito horas, longe dela. É o meu limite. – Aleico resmungou. Sufocados. Com o abraço de urso do primo. Os olhares zombeteiros dos demais, sobre ele. O deixou desconfortável. – Oras. O que foi? Sou novo nisto. Deem-me, um tempo. Certo? – implicou ele.

Todos riram. Dispersando-se.

Sozinho com o pai. Aguardou. Silencioso.

-- Sente-se. – pediu, Dom Geovane. Ameno.

Aleico sentou. Cruzando uma perna sob o joelho. Apoiando o cotovelo esquerdo no braço da cadeira. Segurou o queixo com o polegar. Impaciente.

Dom Geovane tamborilava, os dedos das mãos sobre o tampo da mesa. Distraidamente. Fitando-o. Cauteloso.

-- Bom... Estou muito chocado com tudo isso. Atordoado, melhor dizendo. – falava brando. – Quero que entenda... Que, preciso pensar... Compreender. – Dom Geovane deu um suspiro. Aborrecido. -- Sinceramente, nunca imaginei algo assim. Mas, aconteceu. Então temos que lidar com isso. Não é? – falou, olhando-o. Fixamente. Aleico, lhe sustentou o olhar. Concordando. – Acredito, deve ser difícil para você também? Um casamento, uma criança... Como vê essa mudança em sua vida, Aleico?

-- Complicada. Mas, aceitável. – respondeu. Sereno.

-- A diferença de idade, entre os dois. O preocupa?

-- Um pouco... Raí, é jovem. Quer estudar.. – falava, um tanto desmotivado.

-- Do que tem medo?

-- Perdê-la. – respondeu aflito. – Ela é tudo para mim, papa. Apaixonei-me, por ela. Perdidamente! – revelou. Passando as mãos nos cabelos. Constrangido.

Dom Geovane, o estudou. Atentamente. Como homem de negócios, era implacável. Determinado. Aos 32 anos, mostrou a todos. Inclusive, a ele. Sua capacidade de comandar e dominar. Era

respeitado no mundo dos negócios. Mas, sua frieza calculista. E seu jeito dominador. Sempre o preocupou, como pai. Nunca o imaginou um dia, apaixonado... Muito menos casado. E com filhos. Mas, esse dia chegou. Quem diria! Exclamou. Silenciosamente. E compreendeu que os sentimentos do filho, eram verdadeiros. Seus olhos revelavam o desvelo e a paixão, pela bamba.

-- Aconselho-o, antes de qualquer coisa. Conversar com ela. – falou. Sabiamente. – Confiança e respeito. É tudo. Pense nisso. Certo? – aconselhou-o. Aleico assentiu em acordo. – Outra coisa? – pediu. -- Não vejo necessidade de um pedido de mandato judicial, proibindo a aproximação de Anabelle. – expôs. -- Nossas famílias se conhecem, há anos. Temos negócios, com eles. Sempre fomos amigos dos pais, dela. Será constrangedor, não acha? – apontou. Esclarecedor.

Aleico, o fitou pensativo. Acreditou que foi um tanto precipitado. Seu pai tinha razão. Tomar uma atitude dessas. Implicaria com os negócios. Além da amizade, entre eles. Iria conversar com Anabelle. Resolveria isso pessoalmente. Pensou decidido. Suspirou.

-- Tem razão, papa. – concordou. -- Vou pedir que Tony, cancele tudo. Estava nervoso. E me precipitei. – o agradeceu. Levantou. Pediu licença. E saiu, a se encontrar com Rhane.

Rhane acordou. Abriu os olhos, meio sonolenta. Pressentiu a presença de alguém no quarto. Chamou.

-- Aleico...

-- Não querida, sou eu. – Helen respondeu. Sentando ao seu lado na cama.

-- Mãe... Tudo bem? – quis saber, esfregando os olhos.

-- Sim, claro. – afirmou.

-- Quer conversar? – Rhane foi direto ao ponto. Sua mãe não viria, ali. Caso fosse outra coisa.

-- Podemos? – Helen, perguntou. Ressabiada.

-- Tudo o que quiser saber. – garantiu. Tomando as mãos da mãe, entre as suas.

Helen sorriu. Apertou suas mãos, nas dela. Carinhosa.

-- Oh, Rhane. Fico aliviada em ouvir isso! – exclamou. Feliz.

-- O que quer saber, mãe? – incentivou.

Helen refletiu. Nervosa.

-- Era... Como, tudo começou? O que sentiu? E o que sente por ele? – soltou. Ansiosa. – Desculpe. Acho que estou muito, nervosa. – falou. Envergonhada.

-- Não fique. Não fará bem, aos meus irmãos? – pediu. Gentil. Tocando o ventre da mãe. – Estou feliz, por você... Por eles. – abraçou a mãe. Apertado. – Oh, mãe! Te amo, tanto! – declarou. Chorosa.

-- Também, te amo! – Helen retribuiu o abraço. A apertando. Lágrimas, descia a face.

Recuperadas. Secaram as lágrimas, uma da outra. Contentes.

-- Quando ele chegou de viagem. Eu, o vi. Senti um desejo incalculável... – começou contar. – Quis ser dele. Ter ele... Saber como era ser amada, por ele. Mesmo que fosse, só sexo. Não me importei. Entende?

Helen assentiu. Atenta. Atônita.

Rhane contou tudo desde começo. O combinado entre eles. Sob, ocultar o caso. O medo de estragar o casamento da mãe. Suas brigas com ele, por ciúmes. Suas inseguranças. O receio de perdê-lo. A paciência dele em relação a isso. O pedido de confiança dela, nele. A jura de fidelidade dele, para com ela. Tudo.

-- Sei que isso não é o suficiente... Mas, eu o amo tanto! – declarou apaixonada. Tocando o coração atribulado da mãe.

-- Querida, isso é o suficiente. – confortou. Insegura. – É um pouco difícil para mim, aceitar.. Esse relacionamento. Como mãe, me preocupo. – disse, com certa aflição na voz. – Aleico, é um homem vivido. Experiente. – citou. -- Tinha medo, por você. É jovem. Inexperiente. Apaixonada. – confessou. Receosa. – Ouvi-la, foi bom. Saber, isso. Foi ótimo! Meu Deus! -- suspirou. Aliviada. – Foi bom refrescar um pouco a cabeça. – reconheceu. Raí, a olhou incompreensiva. – Vejamos? – pediu. Concludente. -- Aleico é um empresário reconhecido no mundo dos negócios. Respeitado. Os próprios, da família. Obedecem-no. – salientou. Sabiamente. – Imagine o que isso significou, para ele. Humilhar para você, pedindo sua confiança. – expôs. -- Rhane, homens como ele... Não pedem. Exigem. Sabia? – a reprimiu. Gentil. – Me preocupa você, não compreender isso...

-- Oh, mãe. – choramingou. Interrompendo-a. – Sou muito ciumenta. Reconheço. Sou ingrata. – admitiu. – Tenho medo... – parou. Constrangida. Aleico era louco por sexo. Não iria dizer isso, para mãe. Nem sobre o seu receio, em não poder agradá-lo o suficiente. Procurava aprender com ele, tudo sobre sexo. Mas, às vezes percebia que ele, se retraía sobre certos assuntos relacionados a isso. Pensou. – Não, não tenho medo. – corrigiu rindo. Helen, a olhou indagadora. – O que quero dizer. É que não precisa se preocupar.. Posso ser inexperiente. Mas, não sou burra. – dizia altivamente. – Como minha experiência sexual, era baseado no que ouvia dos namoros de Joane... Bem, exigi dele um aprendizado completo. Tudo. Sem restrições. E sem censura. – contou. Vaidosa.

Helen, a olhou boquiaberta. Atônita. Então, caiu na gargalhada.

-- Mãe, isso não é engraçado. – reclamou.

-- Eu sei... Desculpe? – pediu ela. Procurando controlar o riso.

-- Tudo bem. – Rhane, a desculpou.

-- Meu Deus, Rhane! Realmente, cresceu mesmo. Quanta ousadia! – admirou. – Qual foi à reação dele, com o seu pedido? – Helen, quis saber. Curiosa.

-- Ficou um pouco chocado no começo... Desconversou. Tentou me enrolar. Não aceitei... Disse-me, que gostava do jeito que fazíamos amor. Não acreditei. Insisti no assunto. – falou calmamente. – Dei-lhe, um ultimato. – murmurou. Enrubescida.

-- Não! – clamou Helen. Entre chocada e divertida.

-- Sim. – afirmou Rhane.

-- De que tipo? – quis saber, temendo a resposta.

-- Do tipo. ‘Existe outros homens, na Itália’. – disse, num revirar de olhos.

-- Meu Deus, Rhane! Isso não se diz para um homem. – Helen, a repreendeu.

-- Foi o que descobri. – concordou. Sem graça. – Mas, foi bom...

-- Foi? – Helen perguntou. Incrédula.

-- H-hum... – respondeu alegre. Contou para a mãe a reação inesperada dele, diante de seu ultimato.

A conversa que teve com Lúcio, em Milão. E o livro que este, lhe deu para ler. – É isso. Acha, que agi errado? – quis saber.

-- Bom, estou um pouco atordoada com tudo isso. Meu Deus! – Helen exclamou. Fitando-a. Pasma. – Quando a vi, em Positano. Percebi que não estava mais, diante de uma menininha. Mas, sim de uma mulher. Tinha certeza que algo havia mudado. Mas, nada nessa magnitude. Vê-la, tão adulta. Ousada e determinada. Quem diria! – Helen, a abraçou. Alegre. – Quero vê-la feliz. Isso é muito importante para mim, Rhane. – falou sincera. – E respondendo sua pergunta. Não agiu errado, não. Faça o que achar melhor, querida. Sexo... Os homens. Adoram isso. – aconselhou. Piscando maliciosamente. Rindo.

Raí se juntou a ela. Riram a valer. Sua mãe voltou ao quarto para descansar. E ela, fez o mesmo.

Aleico entrou na suíte, a encontrou dormindo. Deitou ao lado dela. Aconchegou junto ao corpo. Ouviu-a balbuciar seu nome. Adorou. Beijou os seus cabelos. Adormeceu.

Acordou com beijos ardorosos sendo depositado em sua face. Abriu um olho, lentamente. Depois o outro. A fitando. Desejoso.

-- Oi. – o cumprimentou. O beijando na boca. Saboreando-o.

-- Oh, amore... – gemeu. Segurando a cabeça dela. Sugou-lhe a boca úmida. Tomando-lhe a língua. Sugando-a. Deliciado. Ávido. A virou na cama. Deitando-a de costas.. Ficou por cima. Desceu a boca beijando ao longo do seu pescoço. Alcançado o colo. Seguiu adiante. Abriu o roupão. Tomou o seio na boca. Sugando-o. Mordiscando-o. Fez o mesmo, com o outro. Instigando-os. Ouviu-a gemer. Desceu a mão. E tocou o sexo. Introduziu o dedo. A excitando. Juntou outro dedo. Entrando, e saindo dela. Fortemente. Sentiu ela, gozar. Umedecer inteira. Molhar toda. Ele gemeu. Extasiado. Ouviu-a arfar. Trêmula. Ela gritou ao ser atingida, por outro orgasmo.

-- Isso. Goze para mim. Ouvi-la, gemer.. É delicioso. Amo. – Aleico, falou. Embevecido.

-- Mandaram avisar, que o almoço... – Daena estacou. – Oh! – exclamou. Horrorizada. Fitando-os.

-- Não sabe bater na porta, Daena. – Aleico, a repreendeu. Frustrado. Fechando o roupão de Rhane. Rapidamente. – Saia. – ordenou. Áspero.

E ela, saiu rapidamente. Chocada.

-- Merda! – praguejou. Passando as mãos nos cabelos. Nervoso. – Tinha que ser justo, ela. Que droga! – xingou.

Rhane ficou sem ação. Envergonhada. Emudeceu.

-- Tudo bem, Rhane. – falou. Frustrado. Zangado. Era um misto de sentimentos.

-- Ai, que vergonha... Meu Deus! – clamou. Tendo um ataque de riso. Gargalhou alto.

Aleico, a fitava. Inconformado.

-- É frustrante. Isso sim.. E duas vezes. Em único dia! – reclamou. Azedo.

-- Sinto muito. – Ela falou, contendo o riso. Esforçadamente.

-- Venha, vamos almoçar. – falou, a tomando pela mão. Dando um suspiro, cansado.

-- Preciso ir ao banheiro. Trocar de roupa. Tudo bem?

-- Certo.

Rhane tomou um banho rápido. Havia trazido um par de roupas extra. Shorts jeans Branco curto. Um top amarelo, frente única. Calçou sandálias brancas baixas. Escovou os cabelos. Olhou no espelho. Estava pálida. Com olheiras. Lábios opacos. Nada elegante. Abriu as gavetas procurando alguma maquiagem para amenizar um pouco sua aparência. Nada. Era um quarto masculino. Lembrou. Soprou o ar dos pulmões. Entristeceu.

-- O que foi? – Aleico quis saber. Ao vê-la, sair do banheiro. Triste. – Rhane, não se preocupe com Daena, está bem?

-- Não estou preocupada com ela. – afirmou. – É outra coisa. – falou sem jeito. Suspirou. -- Ouvi quando Anabelle se referiu sobre precisar de uma mulher educada para ser uma boa anfitriã. E isso é importante. Sei que é. – afirmou ela. Convicta. -- Acha-me, preparada para ser a esposa que precisa? – quis saber, repentinamente. Insegura.

Pego desprevenido demorou a responder. Viu a insegurança dela, aumentar. Agoniou-se. Aproximou dela, e tomou o rosto entre as mãos. Beijou seus lábios. Docemente.

-- Rhane, não ligo a mínima para isso. Entendeu? – disse sincero. -- Tenho empregados para isso. Caso, seja preciso recepcionar alguém. Estarei ao seu lado. Não vou deixá-la sozinha. Nunca. Compreendeu? – prometeu, tornando a beijá-la.

-- Compreendi. – respondeu ofegante.

-- Ótimo. Vamos almoçar. – falou, tocando seu ventre. – Tem alguém aqui, para alimentar.

Rhane riu.

Após o almoço, todos sentaram no jardim. Homens de um lado, próximo à mesa de bilhar. Mulheres do outro, ao lado da piscina. Rhane estava dando a atenção para Matteo, que mostrava seus desenhos. Terminado, juntou com os primos para brincar. Ela levantou para se juntar as mulheres. Ao passar por Aleico, a puxou para o seu colo. Rápido. A abraçando pela cintura, junto ao corpo.

-- Uau! – clamou, ela. Surpresa.

-- Aonde vai? – Ele quis saber. Rindo.

-- Sentar-me, com as mulheres. – respondeu sem graça. Notou os olhares dos homens sobre eles.

-- Sabe, terá que fazer isso outro dia. – falou. – A quero em meu colo. Não faz ideia de como há muito tempo, desejo fazer isso. – murmurou. Eufórico. -- Esses meses todos tendo que conter o que sentíamos um pelo outro, a luz do dia... Era horrível. – reclamou. Chamando a atenção de Domenico, e os demais. -- A sensação de liberdade. É muito boa. Não concorda? – disse, puxando o short dela para baixo. Insistidamente. Ela segurou a cintura do short. Impedindo-o.

-- Sim, concordo. – respondeu, incomodada. -- Pare com isso. É um short. Não vê?

-- Estou vendo. Aliás, não sou o único. – resmungou. Olhando em volta. Ela acompanhou o olhar. Ombreou. Provocativa. Irritando-o. -- Odeio essas roupas curtas... Cansei de lhr pedir para usar roupas, mais decentes. Quando vai me ouvir? – advertiu, com voz alterada.

Ela inspirou o ar. E o soltou pesadamente.

-- Ok. Certo. – assentiu ela, rapidamente. Ele arqueou uma sobrancelha. Desconfiado. Cauteloso. Audaciosa, continuou. – Mas, com uma condição...

Aleico soltou uma gargalhada. Esplendorosa. Calando-a. Raí, o fitou. Totalmente sem graça. Recobrado, tomou o queixo na mão. A beijando calorosamente.

Seus familiares, olhavam-nos. Curiosos.

-- Quer tornar isso... Uma negociação? Interessante. – avaliou. Os olhos semicerrados. Impiedosos. Cravados nos olhos dela. Causando nela um calafrio, ao longo da espinha. -- Qual é a sua proposta, Rhane? – quis saber, friamente.

Desviou o olhar para o lado. Fixou um ponto ao longe. Queria conversar com ele, sobre seus estudos. Arrependida. Demoveu-se do assunto... O momento era inoportuno, pensou.

-- Oh, esquece.

-- Rhane...

-- Seu pai, não esteve no almoço. Devo acreditar que a conversa entre, vocês... Não foi agradável? – quis saber. Mudando de assunto. Finamente. O que não passou despercebido aos olhos e ouvidos, dele. – Também, não está junto aos outros. – observou ela. Olhando para onde se encontrava sentados. Seu avô, sua mãe, tio Rafael e a esposa, que conversavam. Animadamente.

Aleico, a fitou por um momento. Aparentemente, exasperado. Ela sustentou seu olhar. Desafiadora. Em seguida, voltou a olhar os patriarcas. Ele balançou a cabeça, contrariado. Acompanhando o seu olhar. Onde a presença de seu pai, era inexistente. Suspirou.

-- Não foi de tudo, ruim... – respondeu ele. Ponderado. – Assim, como sua mãe... Papa, precisa de tempo. Isolar-se. É uma maneira dele, expressar que está considerando. Aceitando. Entendeu. – concluiu ele.

-- Acho, que sim. – assentiu ela. – Acha que ele vai se ressentir de mim? – quis saber. Ressabiada.

-- Não, não vai. – assegurou. – Meu pai, é um tanto antiquado e moralista. Mas não é um homem rancoroso, cara mia.

-- Que bom! – exclamou ela. Volteando o pescoço com os braços. Aproximou o beijo nos lábios. Lentamente. E afastou dele, em seguida. – Bom, acho que vou falar com minha mãe...

Ele a segurou no colo. A impedindo de levantar. Ela, o olhou de cara feia.

-- Voltando ao outro assunto. – abordou, ele. Sério. – Sei o que quer propor. – falou sem receios.

-- Esquece, está bem. – pediu ela. Cautelosa.

-- Não. Vamos resolver isso de uma vez. – retrucou. Contrafeito. – Isso foi o motivo que me levou hoje, a perder o controle. Nunca agi assim, Rhane. – suspirou. – Poderia, tê-la... Dio Santo! Não quero nem pensar no que poderia ter acontecido. Perdi a cabeça. Entende? – lamentou. Passando as mãos pelos cabelos. Nervoso.

-- Foi culpa minha... Não devia ter feito as coisas, sem falar com você...

-- Não, não devia. – rebateu. Interrompendo-a, severamente. – Foi o combinado. Lembra-se? – ralhou. Ela assentiu. – Muito bem. – disse suspirando. – Quer estudar, não é?

Ela, o olhou receosa. Concordou.

-- Sim, quero. – respondeu. -- Quero poder assinar meus próprios projetos. -- afirmou sincera.

-- Onde foi fazer os exames... Tem ensino a distancia. Certo? – indagou.

-- H-hum.

-- Tudo bem. – cedeu ele. Evitando olhar para ela. Desconfortável.

Rhane sentiu o desconforto dele. Ceder era algo que não fazia parte da rotina dele. As pessoas, sim... Cediam-lhe! Pensou. A respiração curta e pesada elevava o seu peitoral, num subir e descer rápido. Demonstrava todo o seu desconforto. Virou no colo dele. Sentou colocando as pernas uma de cada lado, da cintura dele. Aconchegou. Envolveu o seu pescoço. E o fitou nos olhos. Feliz. Ele, a olhou inquiridor.

-- Prometo que não irá se arrepender. Juro. – declarou ela. Grata. – Vou tentar fazer tudo, o que você pedir..

-- Rhane, Rhane... – cortou. Tirando os braços dela, de seu pescoço. Segurando-os, longe do próprio corpo. Firmemente. A deixando confusa. – Não faça promessas que não irá cumprir. Concordei, porque sei que não vai me obedecer.. – disse num lamento. Pesado. – Nesses meses que vivemos juntos. Aprendi uma coisa. Há certas coisas que não podemos mudar. Ou, controlar. – dizia com voz calma. Soltou suas mãos. Contornou o formato do rosto com o dedo indicador. Lentamente. Apreciativo. -- É impulsiva. Um tanto complicada... – Ela revirou os olhos, desdenhosa. Ignorando-a. Continuou. – Agi, primeiro. Pensa, depois... Não, não. – cortou. Severo. Ao perceber intenção dela. Colocou o dedo indicador nos lábios dela. Impedindo-a de protestar. A silenciando. – Deixe-me, terminar. Poderá dizer o que quiser depois. – pediu. Paciente. – Certo... Vamos ter muitas divergências. Isso é fato... Mas é aceitável. – observou ele. Meticuloso. Rhane arqueou as sobrancelhas. Indagadora. -- Enfim, para evitarmos algo, como o que aconteceu hoje... “Confiança”. – frisou ele. Sério. – Essa palavra será de uso obrigatório, entre nós. Capisce? Entende?

Ela ensaiou um sorriso. Lento.

-- Deixa ver se entendi. – ironizou ela. Aleico exalou o ar do peito. Intranquilo. – Não preciso me preocupar em ser controlada. Ou, dominada. É isso?

-- É isso, Rhane. – afirmou. – Satisfeita?

-- Devo ficar?

-- Sim, deve. – assentiu. – Mas vou continuar cuidando de você. A protegendo... – pausou. – Pelos próximos, 60 anos. Ou, mais. Posso?

Ela o abraçou. E o beijou. Meigamente.

-- Vou cobrar por isso, signor. – falou feliz. – Agora, vou falar com minha mãe. Tudo bem? – quis saber. Levantando do colo dele.

-- Vai lá. – concordou ele.

Ela deu dois passos. Voltou. Abaixou junto dele. Frente á frente.

-- Confiança. Certo?! – exclamou firme. O beijou nos lábios levemente. Ele assentiu. Silencioso.

Aleico ficou olhando-a, ir em direção da “cunhada-sogra”. Colocação de parentesco interessante. Pensou. Isso sem falar naquela decisão, um tanto... Precipitada. Era isso... Ou, nunca iriam se entender. Deu um suspiro, desalentador.

-- O que foi? – Domenico, perguntou. Curioso. Com o ar de desalento dele.

-- Nada. – respondeu. Sem jeito. Ao ver o irmão, e os demais. O fitando.

Viu o irmão arquear as sobrancelhas. Desacreditado.

-- Quer que eu, e os demais... – apontou em volta. -- Acredite nisso? Acabou de dar toda a liberdade para uma garota, mano. A sua garota. Algo incomum, vindo de você. Olha, espero que não se arrependa. É sério. – falou, rindo divertido.

-- Sinceramente... – pausou. Aborrecido. – Também, espero que não. – reclamou, ele. – Rhane... É um tanto... Geniosa... Ciumenta. É difícil manter um dialogo coerente com ela. Entende?

-- Sim. – assentiu Domenico. – Quando conheci Helen. Me avisou deste lado ciumento dela. Via-me, como um inimigo. Pensava que eu, iria lhe tirar a mãe. Ignorou-me, tudo o que pode. Foi difícil. – falava olhando na direção da esposa, e da enteada. – Bom, agora todos tendo conhecimento do romance dos dois... O bebê. Tudo muda, não é?

-- Espero que sim. – concordou.

Duas semanas haviam passado. Sua mãe, e Domenico. Voltaram para Londres. O ultrassom que fez há duas semanas, atrás. Acusou uma gravidez de quatro semanas. Havia entrado para a sexta semana. Os tramites do casamento estavam sendo preparado. Seus enijos haviam diminuído. Graças a Deus! Sua confirmação para a faculdade chegou, estava com ele nas mãos. Sorriu. Feliz. Andava de um lado para outro. Super ansiosa. Eufórica. Queria dar a notícia para Aleico. Ligou para ele. Atendeu no primeiro toque.

-- Amore, tudo bem? – procurou saber, amável. Mas, firme ao mesmo tempo.

-- Sim, tudo bem. – respondeu insegura. Ao ouvir burburinhos de vozes, ao longe. – Liguei em mal hora? – certificou.

-- Estou em uma reunião, Rhane. – respondeu. – Caso, não for importante. Ligue-me depois, si? Ou, melhor deixe que eu retorne a ligação. Está bem? – avisou. Um tanto frio.

-- Sim, claro. – concordou. Estranhando, a frieza repentina dele. – Desculpe incomodar você? – pediu, chateada. Ouviu-o, desligar sem se despedir.

O que teria acontecido? Parecia amável num dado momento. Frio, no outro. Estranho, muito estranho! Pensou.

Ligou para mãe. Para a tia. E finalmente para Andrezzi. Este lhe informou que estava esperando ordem de Aleico, para lhe mandar trabalho. Tinha muito a sua espera.

-- E o que ele, lhe disse na última vez que se falaram?

-- Que não estava nada bem. Com muito enjoo. – Andrezzi respondeu.

-- Não o impediu de me mandar trabalho?

-- Não, Rhane, não impediu... E não acho que vá fazer isso. – Falou rindo.

-- É, acho que não. – concordou ela. Conversaram um pouco mais. E desligaram.

-- Rhane... – ouviu Ana, chamá-la.

-- Sim. – respondeu, levantando a cabeça do livro que estava lendo. Atenta.

-- Signor Aleico. Ligou. – dizia. – Mandou avisar que vai chegar tarde. Não vem para o jantar. Não tem um horário previsto. O aeroporto de Sardenha. Foi interditado. Por causa do mal tempo. Mas, chega ainda hoje. Bem tarde, é claro. – informou.

-- Grazie, Ana. – agradeceu.

Ela pediu licença e partiu. Rhane olhou para o relógio na parede da sala. 18h00min. Ainda era cedo. Voltou a ler. Jantou. Esperou um pouco mais. Preocupou. Olhou novamente no relógio, pela milésima vez. Constatou as horas, 01h30 da madrugada. Tornou a ligar novamente. Era a décima vez. Caixa postal. Ou, telefone desligado. Novamente. Droga! Sentia cansada e injuriada. E sem notícias! Avisou o segurança que iria se deitar.

-- Rico... – chamou.

-- Signora... – respondeu, ele. Materializando-se, à sua frente.

-- Sempre à espreita, não é? – reclamou ela.

-- É o meu trabalho, signora. – respondeu. Sério.

-- É, é o seu trabalho. – o imitou. Sarcasticamente. – Vou deitar. Caso o seu patrão ligue. Me chame. Entendeu?

-- Sim, entendi.

-- Boa noite.

-- Boa noite, signora.

O que teria acontecido para ele, não ligar novamente. O celular estava inoperante. Por quê? Pensava. Atribulada. Acabou adormecendo. Acordou com o sol entrando janela adentro. Alguém as abriu. Virou para o lado. Nada dele. Sentou assustada. Levantou rapidamente. Escovou os dentes. Penteou os cabelos. Trocou de roupa. Desceu. Indo direto para o escritório. Olhou lá dentro. Nada. Nem, na sala. Foi para a cozinha.

-- Arela... Buongiorno. Tem notícias de Aleico? – quis saber. Aflita.

-- Calma, si? – pediu amável. – Afligir-se não fará bem, ao bambini. Certo? – Ela assentiu. Procurando controlar a respiração. – Ótimo, assim está melhor. – falou. Gentil. – Sim, tenho. Sobre o mal tempo, creio que sabe? – Ela assentiu novamente. Atenta. – Quando chegaram a Milão. Tomaram o helicóptero para cá. O helicóptero sofreu uma pequena pane elétrica. Nada grave. Pousaram no meio do nada. Distante de tudo. Tiveram que esperar por socorro. Outro helicóptero.

Capisce? Entende? – quis saber.

-- Sim. Entendo. Continue? – pediu. Impaciente.

Arela balançou a cabeça.

-- Stefano pisou de mau jeito ao descer do helicóptero. Machucou. Foi levado para o hospital. Torceu... Quebrou o pé. Também, o joelho... Me parece. Essa parte não entendi, muito bem. – avisou. – Ficaram incomunicáveis com o pane elétrico. O pouco de bateria que tinha no celular. Aleico, usou para chamar o socorro. Passaram a noite em Milão. – narrou. – Mandou lhe dizer que o motivo dele, ainda estar em Milão. E não em casa. É que hoje, há a reunião internacional com os presidentes de todos os escritórios da Companhia. Com início, as 15h00min. Antes desta, tem outras... Na parte da manhã. Vai chegar um pouco tarde. Mas, que vem assim que puder. Pediu para você, ligar para ele... – olhou para o relógio na parede da espaçosa cozinha. – Antes da 10h00min... Ainda é cedo. -- observou. – Stefano, também quer falar com você. – avisou.

Rhane levantou apavorada. Pegou o telefone. Ligando primeiro para Stefano. Soube através dele, como tudo aconteceu. Não havia quebrado o pé, nem o joelho como Arela, pensou ter entendido. Informou ele. Mas, tinha sofrido uma luxação no joelho, e torcido o tornozelo da perna direita. Sentia-se, um imprestável. Estava com dor. E sem poder por o pé no chão. Lamentou. Ela prometeu ir vê-lo, assim que possível. Ele exigiu, naquele mesmo dia. Dengoso. Fazendo-a rir. Desligou o telefone. Ana, a esperava com um envelope dourado amarrado com uma fita vermelha. Reconheceu o envelope. Imediatamente. Anabelle Verazzi. O mesmo que Aleico, recebeu em Milão. Quando foi se encontrar com ela.

-- É para quem?

-- Para signora. – disse sorridente. – Acabaram de entregar. – falou, estendendo o envelope para ela.

Rai o pegou. Ressabiada. O coração perdeu uma batida. Em seguida acelerou. A deixando com falta de ar. Levou a mão na garganta. Sufocada.

-- Está tudo bem, signora? – Ana, indagou. Preocupada. – Não acha melhor sentar. Vou buscar um copo de água... – dizia. Aflita. A ajudando sentar. – Vou avisar a signora Arela... – e saiu correndo.

Rhane sentada. Inspirou, e respirou o ar para os pulmões. Lentamente. Acalmando. Relaxando.

Mais tranquila, abriu o envelope. Lentamente. Chocou com o que viu. Folheou, uma por uma, as fotos. Lentamente. Anabelle, e Aleico estavam em todas. As mais recentes. Eram do dia anterior. No hospital, vestida com o terno dele. Entrando no táxi, com ele. Saindo do táxi com ele, em frente de um edifício de luxo. Virou a foto. Continha o endereço escrito. O endereço da casa de Anabelle. Surtou. Viu Arela, se aproximar. Ocultou as fotos rapidamente sob a almofada do sofá. Discretamente. Ajeitou no sofá numa posição confortável. Demonstrando um ar sereno e tranquilo.

-- Ana, me avisou...

-- Estou bem. – cortou. – Não se preocupe. Pode cuidar dos seus afazeres. Qualquer coisa, aviso. – disse com tranquilidade fingida.

-- Tem certeza? – Arela, quis saber. Cuidadosa. Notando o ar tranquilo dela. Acreditou.

-- Absoluta. – respondeu firme. Ao ver que ela, aceitou sua possível serenidade disfarçada.

-- Bom, tenho que ir na cidade repor, umas coisas. Mas, Ana... Vai ficar. Volto logo. Tudo bem?

-- Claro. Vai tranquila. -- reafirmou. Calma.

Menos de 10 minutos, Arela saiu. Rhane cautelosamente. Certificou. Deu um suspiro aliviado. Ligou para o seu segurança. Menos de 1 minuto, ele chegou.

-- Algum problema, signora? – perguntou. Adentrando a sala. Os cabelos molhados do banho.

-- Perdão... Atrapalhei seu banho. Não é? – Ela falou sem jeito. – Quando for assim, me avise. Está bem?

-- Já tinha terminado. Não atrapalhou nada. – respondeu, em tom profissional.

-- É meu segurança. Não meu escravo, Rico. – murmurou ela. Aborrecida. – E acredite, eu nem queria um. – reclamou. Infeliz. Ele manteve a compostura em seu terno preto cortado sob medida. Estilo 007. Silencioso. Sério. – Mas, neste momento... Estou feliz, por ter um..

-- Não é o que parece, signora. – observou. Atento.

-- Eu sei. – falou com voz fraca. – Preciso de sua ajuda. É algo fora do contexto do seu trabalho. Arriscado. Sigiloso. Mas, não é ilegal. Disso tenho certeza. Posso contar com você? – indagou, descrente. – Não é obrigado a aceitar. – completou.

-- Sou pago para trabalhar para a signora. Recusar fazer o meu trabalho. Custará meu posto...

-- Fazer o que vou pedir, também. – avisou.

-- Se dizer do que se trata. Posso avaliar a situação. E dar o meu veredito. – falou educado.

Rhane lhe entregou o envelope. Ele pegou. E o avaliou sem abrir. Olhou para ela, esperando uma explicação.

-- Recebi-o, minutos atrás. São fotos. Tiradas recentemente. Pode abrir?

Ele o fez, verificou todo o conteúdo. Uma, a uma. Analisou-as. Profissionalmente. Arqueou as sobrancelhas. Surpreso. As colocou de volta no envelope. E as devolveu para ela. Mantendo silêncio.

-- Imaginei mesmo que fosse reconhecer. Estava comigo quando comprei a gravata. E a pulseira. O que prova que as três primeiras, foram tiradas semana passada. E essas, últimas... Ontem. – disse. – Reconheci o terno. Eu mesma escolhi. Colocou-o, pela primeira vez. – esclareceu.

-- A pessoa que as enviou. Tem um propósito. E usou a oportunidade que teve para prejudicá-lo. – falou, em tom profissional. -- Talvez, ele... Tenha uma explicação plausível, para dar..

-- Talvez, não. – cortou, secamente. – Vou confrontá-lo com a verdade. Posso contar com você?

-- Certamente. – firmou. – Posso perguntar uma coisa antes?

-- Que bom. – clamou. Grata. – Sim, claro. O que quer saber?

-- Sabe quem enviou o envelope com as fotos? – quis saber.

-- Sei. – foi a resposta clara. – Anabelle Verazzi. Por quê?

-- A signorina Verazzi... – repetiu. Surpreso. Nada feliz. Enrico ficou pensativo por um nano segundo. Aleico havia pedido para Tony cancelar o pedido do mandato judicial que impedia Anabelle Verazzi, de se aproximar dele. E sua família. E de Rhane. Principalmente! Pensativo. Há quatro meses era o guarda-costas dela. E o que aprendeu com ela, foi... Ser impulsiva e imprevisível. Era parte da natureza dela. E isso era imudável!

-- Vou precisar de um helicóptero. Pode providenciar? – quis saber. Notando o ar pensativo dele. Perguntou. – Alguma dúvida?

-- Não, nenhuma. – Enrico, afirmou. -- Vou providenciar o helicóptero. Com licença. – saiu rapidamente em direção da sala de segurança. Retirando o celular do bolso, fazendo uma rápida ligação.

-- Rico... – chamou. Ele voltou em sua direção. – O mais rápido possível... Quero sair antes que Arela... Volte da cidade. – pediu. Cortês.

-- Ok. – acenou ele. Terminando o contato com agência de táxi-aéreo. Ligou para o irmão. Havia pegado as fotos novamente. Iria pedir uma averiguação delas. – Tony, é Enrico. Pode falar?

-- Claro, Rico. – respondeu o irmão. – Tudo bem?

-- Sim, tudo bem. – confirmou. – Preciso que localize para mim o mais rápido possível. O fotografo que tirou estas fotos. Vou mandar por e-mail. Certo?

-- Manda. É sigiloso?

-- Sim. Reporte, só a mim. Entendeu?

-- Com certeza. Algum problema?

-- Não. Só preciso saber se estas fotos foram manipuladas. É importante. E quem, o contratou. Pode fazer isso, logo?

-- Pode apostar que sim! Ligo assim, que tiver tudo em mãos. Ok?

-- Ok.

Quarenta minutos depois. Deixava a Villa de Aleico em direção a Milão. Ligou para Bella. Irmã de Lúcio. Pediu lhe que marcasse com o cabeleireiro que cuidava da aparência das modelos, da sua grife. Chegando lá, passou por uma sessão de beleza. Massagens, limpeza de pele, depilação, manicure, pedicure. Maquiagem, e cabelo. Um processo de relaxamento completo. Estava precisando! Exclamou.

-- Pronta? – quis saber, Sandy. Todo eufórico. Sandy era no momento. O mais famoso cabeleireiro de Milão. Virando para o espelho. Antes dela, responder.

-- Uau! Meu Deus! – exclamou, impactada. – Ficou esplêndido! – elogiou. Balançando os cabelos. O corte em camadas. Suavizou seu rosto. Deixando com um ar maduro, e determinado. E muito sexy. Amou o resultado. – Tem certeza que esta cor é natural? Sai mesmo com água? Não vai ser prejudicial ao bebê? – preocupou.

- Absoluta... Cara. – afirmou ele. – Não é tóxico... Pode acreditar. Duas lavadas, E já era. – falou ajeitando as mexas do cabelo dela. – Ficou realmente... Impressionante! – exclamou todo orgulhoso.

Tinha levado uma troca de roupa para colocar depois de todo o processo. Trocou. Uma saia de cetim branca fosca, acima do joelho. Justa. Uma camisa estilo regata, em chiffon amarelo. Colocou um cinto fino, trançando em amarelo e branco. Sapatos peep-toe, com os mesmo detalhes do cinto. Nada de bolsa. O envelope estava com seu segurança. Era tudo o que precisava. Olhou no espelho. Fantástico! Sandy surtou com sua aparência.

-- Estou com pena desse pobre coitado! – disse todo romântico.

Rhane sorriu. Disfarçadamente. Despediu dele, e do restante de sua equipe. Seguiu para seu próximo encontro. Rico, a esperava na recepção. Pareceu surpreso com sua mudança. Mas, preferiu o silêncio. Como sempre! Cara, mais sem sentimentos! Resmungou.

-- Disse alguma coisa, signora? – quis saber.

-- Não, não disse. – respondeu, sem jeito. – Vamos.

Chegaram ao edifício, onde se encontrava a sede do escritório da “Corporation & Incorporation Domenacci”. Subiu para o ultimo andar. Onde ficavam os escritórios do presidente. E seus vices. E onde se realizavam todas as concretizações de negócios. E as muitas reuniões importantes. E naquele exato momento uma estava sendo realizada. E ela pretendia interrompê-la. Desceu do elevador. Passou pela recepcionista. Sem lhe dar atenção.

-- Posso ajudar... – começou ela. – Não pode entrar sem identificação, signora... Signora. – chamou aflita. – Precisa se identificar..

Rhane a sentiu correndo em seu encaço. Prosseguiu tranquila. Chegando ao hall onde ficava a respectiva secretaria, que auxiliava Gina, a assessora de Aleico. Garota nova. Notou. Esta olhava para ela, assustada. Ao ver a recepcionista tentando impedi-la, de entrar. Levantou rapidamente.

-- O que está acontecendo, Norma? – perguntou, severamente.

-- Ela, não quis se identificar. Foi entrando sem permissão, signorina, Bruna. – reportou. – Devo chamar os seguranças?

-- Faça isso. – Bruna, comandou. – Não pode entrar aqui, sem permissão. É particular. – falou, a seguindo. E a advertindo com a aparente calma. – Signora. Não pode entrar.. Nem você. – prostrou na frente de Rico. O impedindo de andar. Ele a pegou pelos braços. A tirando do caminho. – Não pode entrar. É uma reunião particular. – gritou. Furiosa.

Aleico levantou os olhos do documento que Gina, colocou a sua frente. A atenção desviada ao barulho que vinha de fora da sala de conferências. Notou que não era o único. Gina repartiu os documentos para o restante dos presidentes. Olhou para ele. Nada Tranquila. E se dirigiu para o foco do barulho.

-- Vou ver o que está acontecendo. – anunciou ela. Reportando a ele.

-- Faça isso, Gina. – agradeceu.

Antes que ela chegasse á porta. Esta se abriu com um estrondo. Batendo na parede. Fortemente. Gina estacou. Lívida com o susto. Emudeceu-se.

-- Signorina, Gina. Desculpe o transtorno. Mas, foi impossível... Impedi-la. Esse cara... – apontou para Rico. Furiosa. – Estava dando cobertura. Mas, já chamamos os seguranças...

-- Tudo bem, Bruna. – falou Gina, recuperada do susto. – Pode cancelar os seguranças. Ela é a noiva do signor Aleico...

-- Noiva! – exclamou. Horrorizada. – Pobre coitado! – replicou. Olhou para Rhane, depois para seu segurança. Furiosa. Olhou para Aleico. Olhar de pena. Virou às costas e saiu da sala.

-- Quase, não a reconheci. Nossa! – Gina, disse. Pasma.

-- Obrigada, Gina. – Rhane, agradeceu. Continuou andando.

-- Rhane, estamos em uma reunião...

-- Sei disso. – respondeu ela, sem parar. Olhar fixo à sua frente.

-- Que bom. Posso acompanhar você, até a sala de Aleico. – ofereceu, ela. Gentil.

-- Sei que pode. Mas, dispenso. – respondeu. Docemente. – Quero falar com seu patrão...

Aleico olhava para os documentos à sua frente, procurando se concentrar. Evitando prestar atenção

na confusão fora da sala de conferências. Não notou o olhar de pena da funcionária. Mas, levantou a cabeça rapidamente. Reconhecendo o som familiar da voz de Rhane no exato momento em que ela, adentrou na sala. Boquiaberto. Olhava-a. Pasma. Dio Santo! O que houve com sua picolla? Cortou os cabelos. E os tingiu de louro. Louro! Exclamou. Chocado. Seria reação dos hormônios. Seu irmão Guillermo, o alertou sobre isso. Lembrou. A fitou. Não, não era isso. Notou, ele. Embaixo daquele ar inocente. E sereno. E o som macio, da sua voz... O seu semblante dizia outra coisa. Reconheceu rapidamente. Gritava com ‘P’ maiúsculo a palavra. ‘Problemas’. Isso sim! A viu se aproximar. Ajeitou na cadeira, desconfortável. Ansioso.

-- Oi. – disse, ela. Tranquilamente.

-- Oi. – respondeu, ele. Com certa cautela. Totalmente desconfortável.

-- Vejo que está ótimo. – Aleico, levantou o sobrecenho. – Digo, sobre o acidente. – explicou.

-- Stefano, foi o único prejudicado. – informou. Entre, desconfiado. E nada paciente.

-- Serão... Só cinco minutos. Prometo. – Ela foi logo dizendo. Notando o ar impaciente. E desconfiado dele. – Depois, pode seguir com sua reunião... Tranquilamente. Tudo bem? – sem esperar resposta. Emendou. – Gostou do meu novo visual? Eu gostei. – assentiu. Provocadora. Aleico, a mediu da cabeça, aos pés. Impassível. – Muito radical? – quis saber. Insistente.

-- Invadiu minha reunião para falar do seu novo visual? – replicou, duramente. – Rhane, estou no meio de uma reunião internacional. E quer saber o que achei do seu cabelo? Onde está com a cabeça... – pausou. -- Por que, fez isso? – quis saber, irritado. Apontando o cabelo. – O que você fez...

-- O deixei como você, gosta...

-- Como, eu gosto! – replicou. A encarando. Todos os seus neurônios em alerta total.

-- Claro... Louras, magérrimas, altas. Agora. Magérrima, fica um pouco difícil... Estou grávida. Esse último. Posso compensar com saltos. – recostou o quadril na mesa, em frente dele. Instigativa. Enlevou o pé. Mostrando os saltos, altíssimos. – Viu?

Aleico ficou olhando para os saltos altíssimos. Descontente. O tom provocador dela. O deixou em estado de alerta geral. Estava cansado. Devido ao acidente. Teve uma noite, longa. Insone. Procurou manter a calma. Inspirou o ar para os pulmões. Lentamente. O que estava acontecendo com ela? Perguntou, em pensamento.

-- Está tendo uma crise? – perguntou, com voz preocupada.

-- Crise? Oras. Lógico, que não. – respondeu. Aparentemente, paciente. – Tenho 20 anos. Estou muito nova, para ter uma crise. Seja lá, do que for. Não acha? – gracejou.

Aleico bufou.

-- Essas coisas de hormônios, Rhane? Guillermo, me disse...

-- Sei o que ele disse, Aleico. – interrompeu-o. Azeda. – Não estou tendo nenhuma crise de hormônios. – afirmou. – Então, gostou? – insistiu ela. Mexendo nos cabelos. E dando uma volta. Recostando novamente na mesa, de frente para ele. O encarando. Firme.

Aleico olhou em volta na sala de conferências. Tinha 34 pessoas presente. Três, em videoconferências. Felipe Verazzi, seu primo Giorgio. E seu irmão Domenico, era um deles. Todos. Olhavam-nos. Atentos. Suspirou. Exasperado.

-- Tem ideia de quantas pessoas estão. nesta sala. E em videoconferências. Esperando o término desta nossa conversa, estúpida e infantil...

-- Vinte... Trinta. Não sei. Pouco importo. Dane-se... Essa, sua droga de reunião. – respondeu alterada. – Só, me responda. – exigiu ela.

Aleico sentiu o sangue subir à cabeça. Descontrolou-se. Desde o momento que Arela ligou. E informou que ela, havia saído sem dar nenhuma satisfação. Perdeu o pouco de paz, que tinha. Agora, ali estava ela. Frente a frente, com ele. Seus lindos olhos negros soltavam faíscas. Condenativos... Acusadores, sob ele. Qual o motivo? Não fazia a menor ideia! Deu um bufo. Cansado. Exasperado.

-- Fico feliz em ver como é responsável, Rhane. – acusou, rudemente. – Quer mesmo saber o que achei? – vociferou. – Não, não gostei do seu novo visual. É horrível. – reprovou asperamente. -- Prefiro a minha garota anterior. Cabelos longos pretos, pequenina. Linda. E minha. – apontou. Todo arrogante. A irritando. -- E não acredito que veio até Milão, para falar de aparências. Saiu de casa sem avisar Arela. A deixou louca de preocupação. A mim, também... Com o acidente que sofremos. E horas no hospital com Stefano. Estou praticamente, sem descansar. Mal tive tempo de fechar os olhos a noite toda. Essa é a quarta reunião do dia. Tem ideia de como fiquei ao receber a ligação, de Arela... Liguei para a agência de segurança. Tony me garantiu que estava, tudo bem. Enrico é irmão, dele. E seu melhor homem. Ex-FBI. Mesmo, assim... Tenho ligado a todo segundo que posso para seu celular. O desligou de propósito, não foi? – inquiriu. Irascível. Ao vê-la, fazer um gesto afirmativo com a cabeça. Sentiu o sangue em suas veias ferver. Os braços apoiado sob o encosto de sua cadeira de presidente geral. Procurou desesperadamente manter o controle. Sob si, próprio. Usando do costume que tinha. Abrindo as mãos e as fechando em punhos. Seguidamente. Ouvia os nós dos dedos estalarem, devido á força extrema que os infligiam. Suspirou longamente. A indagou áspero. – Onde esteve todo este tempo? E por quê? – quis saber dela. Virou para o segurança, com o dedo em riste. Disparou. Rudemente. – Também desligou seu celular. Falaremos sobre isso, pode apostar... Depois. – cortou. Ao ver Enrico, abrir a boca. Voltou para ela, novamente. – Respostas? – pediu seco. Levantando da cadeira. Em pé, colocou as mãos nos bolsos. A encarando.

Rhane viu e ouviu claramente o esforço extremo dele, em se manter calmo. E não foi a única. Os demais, presentes na sala também. Focalizou seu padraço em um dos monitores de videoconferências. Atento. Mas, ao mesmo tempo um tanto aturdido. Preocupado. Evitando fraquejar diante de seu propósito em por fim ao noivado deles. Suspirou, lentamente. Precisava... Terminar o que veio fazer! E foi o que fez. Endireitou compostamente, à frente dele.

-- Antes, quero deixar claro. Enrico, não teve culpa... Eu tirei o celular dele. – colocou a mão no bolso da saia. Tirou o celular dele. Jogando em sua direção. Enrico o agarrou no ar. O ligando imediatamente. Conferiu as ligações. E mensagens. O guardando no bolso do terno. Dando um suspiro de puro alívio. Aleico olhou para o segurança. Desacreditado. Rhane riu. – Bom, pedi emprestado. Aleguei que a bateria do meu acabou. Enrico, me emprestou. Educadamente... Ex-FBI... É? – zombou. Enrico fechou a cara. Chateado. Ela viu um meio sorriso divertido, permear os lábios de Aleico, que ele, logo tratou de disfarçar rapidamente. Fixando nela, um olhar nada amigável. Exigente. Ela ombreou. Indiferente. – Bom, fui ao cabeleireiro. Como viu... Hum... Passei algumas horas, aos cuidados de uma equipe de beleza...

-- Está dizendo que deixou, a mim. E Arela, loucos de preocupação... Enquanto estava em um SPA? – rugiu. Furioso. – Dio Santo! Perdeu a noção das coisas, Rhane...

-- Precisava de tempo para pensar... – revidou ela. Com fúria. – Posso ser estúpida, e infantil... Mas, não sou irresponsável. Como me acusa. – retrucou. -- Eu, eu, quero um tempo... Quero um tempo,

para pensar. – disse, com certa dificuldade.

-- Tempo? Do que está falando, Rhane. Posso saber? – cortou. Secamente. Alerta.

Ela estremeceu inteira diante do tom seco dele. Canalha, insensível! Praguejou em pensamento. Fragilizada. Sentiu suas mãos tremer. Droga!

-- Acho que dar um tempo... Seria bom. Para mim, para você... – disse. Percebeu que sua voz soou fraca trêmula. Aleico semicerrou os olhos. Atento. Sem jeito, diante do olhar perscrutador, dele. Inspirou o ar. O soltando fortemente. Alentador. Sentindo mais corajosa. Prosseguiu. – Quero terminar meus estudos. Também, trabalhar..

-- Já concordei com a parte, sobre estudar... – reviu. Solícito. Interrompendo-a. – Agora, quanto a trabalhar. Está grávida, Rhane. E isso é algo a ser discutido, com o tempo...

-- Não. – negou ela, veemente. Dando dois passos para trás. Ao vê-lo, caminhar em sua direção. – Não resta nada para ser discutido... – replicou determinada. Recuou outros passos. Mantendo certa distância dele. Viu ele franzir o cenho. Perscrutador. Precavido. – Somos muito diferentes, Aleico...

-- Não, não somos...

-- Sim, nós somos. – rebateu. Firme. – Não quero seu passado, entre nós... – proferiu com extremo rancor na voz.

-- Não o terá. – garantiu. – Sei que não posso apagar o modo como vivi, no passado. E magoa-me, saber que isso afeta tanto você... Mas, acredite em mim? Mudei. Mudei por você... Por mim...

-- Não, não mudou! Homens, como você... Não muda, nunca! – o cortou, seu tom era frio. Acusador.

Aleico relaxou os ombros. Os braços caíram ao longo do corpo. Desgostoso. Achou melhor relevar a acusação dela. Suspirou. Estava irritado. Cansado. E ela demonstrava estar perturbada. Insegura. Notou.

-- O que está acontecendo, Rhane? – indagou, com certa cautela -- Conversamos sobre isso muitas vezes. Dio! Esqueça tudo... O passado, é passado. Como o nome, já diz. – ironizou cômico. -- O importante, é o presente que vivemos. E o nosso futuro, juntos... Certo? Vamos ter um filho...

-- Sei disso... Como poderia esquecer. Sou lembrada todas as manhãs. – retrucou. Apática. Os enjoos eram poucos. Mas, ainda os tinha. Suspirou. – Mas, não acho que temos um futuro...

Capítulo 13

Estendeu a mão para Rico seu segurança. Aleico, o viu abrir o seu terno de 007, como Rhane o chamava. E tirar de lá um envelope dourado, com fitas vermelhas. E entregar em suas pequeninas mãos. Notou o desprezo nos olhos dela, ao fitar o envelope. O balançou nas mãos. Incomodada. O sangue gelou em suas veias. Lívido. Sentiu seu coração perder uma... Uma... Não. Várias batidas. Reconheceu-o de imediato. Anabelle Verazzi. Inferno! O que ela aprontou desta de vez? Perguntou. Tratou logo de se recompor. Sua respiração foi acelerando, gradualmente. Seu sangue... Discorria rapidamente em suas veias, como fogo vivo. O fôlego, alterado. Nervoso. Olhava do envelope, para ela... Apavorado! Madre di Dio! Viu dor, angústia. E desprezo, nos seus olhos negros. Gemeu.

-- Foi me entregue... Esta manhã. – falava devagar. Pronunciando cada palavra com extremo desprezo. E pesar.

Aleico a olhou desconfortável. O tom pesaroso e desprezível na voz dela. Mexeu com ele, profundamente. Odiava vê-la, triste. Magoada. E ele, a havia magoado. Saber ser ele, o causador de

sua tristeza. Doeu fundo nele. Pegou o envelope com mãos trêmulas. Sentiu um medo terrível tomar as suas entranhas. Sem forças. Ficou a olhar para o envelope. Indeciso. Cabisbaixo.

-- Abra-o. – ordenou, em tom cortante. Como, o aço frio.

Ouvir a sua voz, tão fria. Desprovida de emoção. O obrigou a abrir o envelope, a contragosto. O que viu, o quebrou. Sentiu empalidecer. Seu coração em descompasso. Batia acelerado. O deixando sem ar. Travou a voz. Levantou a cabeça. A fitou. Sentimento de culpa, e medo... Sabia, permeava sua face. Tinha toda certeza. Difícil ocultar. Fato! Literalmente! Pensou em desespero. Errou em não lhe contar sobre ajuda que estava dando para Anabelle, junto aos investidores. Lembrou que pouco disse sobre seu relacionamento com Rhane, quando ela perguntou. O que foi o suficiente para Anabelle. E aquelas fotos. Provou isso. As usou para prejudicá-lo. Maledetta!

Notou que sua picollina, tinha a face desprovida de qualquer emoção. Raiva, ódio... Desprezo. Nada. Só um olhar gelado. Cortante!

-- Posso explicar..

-- Não é necessário. – cortou, com frieza.

-- Sim, é. – insistiu. – Quer um tempo para pensar? Tudo bem. – concordou. Todo recomposto. E, com aparente ar contrariado. A deixando frustrada diante de tanto fingimento. – Mas, não sem antes lhe dar uma explicação... – continuou. Batendo com o dedo indicador sobre as fotos. Sua voz, aos ouvidos dela. Soava calma. Ao mesmo tempo, imponente. – Não seria justo nem para você, nem para mim.. O quê está fazendo? – quis saber. ao vê-la retirar a aliança do dedo.

-- Já disse... Que não precisa. – recusou. Rudemente. Terminando de retirar a aliança. A estendeu para ele. Procurando demonstrar uma tranquilidade que ela, propriamente, sabia não existir. O medo dele perceber. A afligiu. Principalmente porque ficava difícil disfarçar os tremores que acometia seu já, frágil corpo. – Devolvendo sua aliança...

-- Olha, faremos uma pausa de 20 minutos... – dizia, com calma. Baixo. Ao mesmo tempo em que caminhava na direção dela. Lentamente. Ela, ciente do movimento dele. Recuava no mesmo ritmo. A mão estendida com aliança em sua palma. Aleico parou. Fitou sua mão estendida. Voltou o olhar em seu rosto. Percebeu o esforço dela, em se manter calma. Composta. Suspirou resignado. – Não há necessidade de devolver a aliança, Rhane. Vamos conversar... Resolver tudo. Caso, ainda queira um tempo. Tudo bem! – anuiu. -- Venha, vamos para minha sala. – falou convicto. Aproximando rapidamente dela.

-- Não me toque... Fique longe de mim! – bradou. Furiosa. Ele estacou, ante o tom furioso dela. Assustado. A viu recuar rapidamente na direção de Enrico, que a esperava com a porta aberta. Parou. Olhos chispando. Uma mistura de ódio, e rancor. Jogou a aliança na direção do peitoral dele. Aleico a pegou antes de bater em seu peito, num gesto automático. Rhane viu o peito dele, subir e descer. Freneticamente. As veias do pescoço, inflar. Possesso. Significava, que o gesto dela. O atingiu em cheio. Enfurecendo-o. Dane-se! Praguejou. -- Não, não diga nada. – cortou-o. Ao vê-lo abrir a boca. -- Sei o que vai dizer. Que estou agindo antes de pensar. – retrucou. – Acontece que hoje foi diferente. Pensei. E muito. – foi até a mesa, pegou o envelope na mão. – Desde o momento, que o recebi.. Tive 6 horas para isso. Surpreso? Sabia que ficaria! – foi sarcástica. Devolveu o envelope na mesa. O rosto dele tornou sombrio. O viu colocar as mãos nos bolsos da calça. Novamente. Cabisbaixo. -- É exatamente isso mesmo que está pensando. – observou, friamente. Ele levantou a cabeça, a encarando. Gélido. Ela ombreou. Indiferente. Continuou. -- Poderia ter ligado... Ou chegado, antes da reunião. Procurado por você na sua sala. Existiam, mil e uma

possibilidades. Mas não preferi nenhuma delas. – disse em tom irresponsável. Proposital. Irritando-o. – Preferi invadir sua reunião. Infantil, não é? É. Essa sou eu! – Ele dirigiu um olhar cortante. Endurecido. Um tanto desprezível. A atingindo. E a estilhaçando, pedacinhos. Olhou para o lado, evitando o olhar gelado dele. Não queria que ele visse como era difícil para ela, dizer tais coisas. O amava. E muito. Sempre o amaria. Eternamente. – Pensar por horas, me fez entender. Nunca, será fiel. Casar, nunca foi sua intenção. Relacionamentos de longo prazo. Não fazia parte de sua vida. Filhos. Sim, filhos. Queria-os. Mencionou isso. Lembro-me... Como, também de ter dito que não precisava casar para ter filhos. Que tinha amigos, que eram pais solteiros. Que funcionava. É, foi isso! – falou, batendo o dedo indicador na testa. Pensativa. – Também, não vejo razão para me casar. Não quero. E não vou me casar com você. Não serei a única mãe solteira, no mundo. E muito menos terei problemas para criá-lo. O pai. É multibilionário. – desdenhou. O percebeu cada vez mais, alterado. Ignorou-o. Dando um suspiro longo. Lamentoso. -- Sabe, odeio o dia em que o conheci! Odeio a mim mesmo, por amar você! – vociferou, se menosprezando. Batendo as mãos no próprio peito, com fúria. Virou-lhes, as costas. -- Adeus, Aleico.

-- Que porra, Rhane... Não pode soltar tudo isso... O que há? – implicou ele, quando foi interceptado por Enrico. Que prostrou a sua frente. Bloqueando a passagem. -- Quer sair da frente, Enrico. – pediu. Asperamente.

-- Sinto muito, signor. – disse Enrico. Educadamente. – Mas, não acho que é uma boa ideia. É melhor deixá-la ir. – observou. Hábil. Virando, fechou a porta. E a seguiu ao longo do corredor.

Aleico ficou olhando-a, ir. Desanimado. Enrico tinha razão. Alterados, como estavam.. Não chegariam a lugar nenhum. Queria ir atrás dela. Fazê-la, lhe ouvir. Prostrou uma mão em cada lado do batente da porta. Recostou a cabeça na porta fechada.

-- Ah, Anabelle... Vai pagar caro, por isso! – rugiu. Dando um murro com toda sua força na porta de vidro temperado à prova de som. O impacto foi tão forte que o som repercutiu por todo o andar. Assustando a todos que exerciam funções no devido andar. Curiosos. Se dirigiram ao local do barulho. Olhavam-no, horrorizados. A porta destruída pendia dos lados. O chão repleto de vidros espalhados. Dando um suspiro. Indignado. Voltou-se para a sala de conferências. Seus irmãos, e primos. Além, claro. Toda sua equipe. Fitavam-no. O horror era visível em cada olhar. Pareciam terem visto à frente deles, em plena Itália. Mas, precisamente dentro de um escritório em Milão, o monstro “Godzilla” neste caso. Lógico, ele. Era algo surreal. Literalmente. Figurativamente! Pensou. Passou a mão esquerda nos cabelos. Desesperado. Sua mão direita começou a latejar. A ignorou. A dor em seu peito era muito pior. Gemeu. Agoniado. Toda a mágoa e o ódio que viu refletido nos olhos dela. Quebrou-o. Dio! Caminhou para junto da enorme vidraça que praticamente ocupava toda a parede frontal da sala. Ficou olhando lá fora. Uma mão no bolso. A outra, ao lado do corpo, latente. Apoiou a testa na vidraça. Alheio. Esquecido dos demais. Da reunião em si. O que fazer? Perguntou. Sempre foi bom, em estratégias... Solucionar problemas. Mas no momento, nada surgia! Que droga! O que estava acontecendo com ele? Precisava agir, ou iria perdê-la. Isso de jeito nenhum! A amava demais! Ela, era sua a vida! Dio!

-- Aleico. – ouviu, a voz de Gina. O toque dela, em seu ombro.

-- Sim. – respondeu, sem virar. Sua voz soou angustiada.

-- Quer que transfira a reunião para outro dia? Amanhã? – Gina, quis saber. Cuidadosa. – Também, precisa cuidar disto. – apontou sua mão. Que sangrava sujando sua calça. E o brilhante granito negro do chão.

Aleico teve um estalo. Droga! Tinha se esquecido da reunião. Virou. Notou todos o olhando.

Penalizados. Que maravilha! Era tudo o que precisava. Fantástico! Balançou a cabeça. Irritado.

-- Não. Não vou mudar nada. – falou. Decidido. Tirou um lenço do bolso envolveu sua mão. Olhou os estilhaços de vidro no chão. A porta que pendia do batente. – Passamos para outra sala. Providencie isso, Gina?

-- Sim, signor...

-- Não vejo necessidade em continuar com a reunião, Aleico. – objetou seu irmão Ricardo. Com ar preocupado. – Não acha melhor resolver esta questão primeiro com, Rhane?

-- Concordo com Ricardo, primo. – apoiou Francesco. – A reunião, pode esperar...

-- Não, não pode. – resistiu. Aleico olhou para todos que ali, estavam. Aguardando por uma decisão que competia, dele. Disse com aparente calma. – Gina, solicite ajuda de Bruna. E de outra assistente. Transfira tudo para outra sala. – viu o pessoal da limpeza removendo os cacos de vidros. E os homens da manutenção retirando a porta. Totalmente destruída. Gina, como excelente profissional. Havia tomado às devidas providências. Olhou para ela. Grato. – Obrigado. – agradeceu. Compreensiva. Devolveu o agradecimento, com um sorriso simpático. – Nesses quatro meses que vivo com Rhane... Aprendi uma coisa, Ricardo. – dirigiu a palavra. Irônico. – Minha vida será cheia de emoções. Sejam elas, boas. Ou, ruins! Quer saber o que penso sobre isso? – perguntou com um meio sorriso. Ricardo assentiu. Os demais presentes atentos. – Não ligo à mínima... Vou dos céus. Ao inferno, por ela! – declarou com paixão.

-- Dio Santo! -- exclamou Ricardo. Perplexo. – Nunca o imaginei, assim... Caído de amor!

-- É, estou. – afirmou. -- Caído de amor por um cisco de gente. Como disse uma vez, lembra?

-- Sim, com certeza! – Ricardo assentiu. – É. Quem diria! Aleico Domenacci, o sonho das mulheres... Perdido de amor! – gargalhou. Divertido.

-- Bom, preciso somente de vinte minutos. Para cuidar disso. – pediu, levantando a mão. -- E, reiniciamos. – Ignorando a risada divertida do irmão. Dando o assunto por encerrado. – Gina, assim que puder. Me encontre em minha sala. – pediu.

-- Ok.

Deixou a sala abruptamente. Ouvia o burburinho de vozes que sucedeu após sua saída. Dirigiu rapidamente a sua sala. Estava no banheiro lavando o esfolado da mão. Quando seu primo Lúcio, adentrou o escritório.

-- Aleico...

-- Aqui. – gritou, do banheiro.

-- Olga vai dar uma olhada, em sua mão... – Lúcio, apontou. -- Pode ter quebrado algum dedo. – deduziu. Preocupado.

Aleico olhou para o primo, ao lado dele. Estava uma senhora, bonita. Aparentando 40 anos, toda vestida de branco. E um sorriso suave nos lábios. Uma enfermeira. Lembrou que o edifício era um complexo composto por vários escritórios nos seus 36 andares. E contava com uma sofisticada enfermaria. Com profissionais prontos para atender funcionários, clientes, visitantes.

-- Não quebrei nada. – falou, abrindo os dedos. Normalmente. – Estou bem.

-- Pode ter estilhaços de vidros, entre a pele. Deixe me dar uma olhada. Prometo, não vai doer nada. – A enfermeira, disse com voz meiga. Depositando a maleta de primeiros socorros sobre o tampo da

pia de granito italiano. Retirou alguns itens necessários para os cuidados da mão dele. Antisséptico, algodão, gazes, pinça de prata. Ele riu. Apesar da dor latente, estendeu a mão em sua direção. Olga a pegou. Levou junto à água da torneira que corria. Continuando a fazer o que ele, havia começado. Lavou com sabão. Usou a toalha para secar. Pegou a pinça, junto ao gazes. Derramou o antisséptico com abundância sobre a mão dele. O esfregou em sua mão. Aleico arfou.

-- Madre di Dio! Isso dói... – reclamou.

-- Um pouco. – Ela falou, com um leve sorriso. – É para limpar a ferida. Caso tenha algum estilhaço, sairá. – informou.

-- Com certeza! – retrucou, com uma careta de dor.

Lúcio sorriu. Divertido.

-- Isso não tem graça. Vai por mim! – resmungou. Trincando os dentes, procurando conter a dor. Impossível. Olhou para sua mão já livre de todo o sangue. A pele toda esfolada. Havia feito um belo estrago, aos nós dos dedos. Teve sorte não ter quebrado nenhum. Arfou, novamente. Suspirou de alívio quando Gina adentrou, em sua sala. Dirigiu a ela. – Quero que ligue para Batistti... – segurou um gemido. Gina, enjoada com o cheiro do antisséptico, virou o rosto. – Peça para ele providenciar uma licença especial de casamento, para mim..

-- Está limpo. – disse, Olga em tom amável. – Vou higienizar. Passar uma pomada antibacteriana... – dizia, ao mesmo que executava o trabalho em sua mão. Habilidade, a enrolou em bandagens. – Pronto. Finito.

-- Obrigado, Olga. – Aleico, simpático. Agradeceu.

-- É o meu trabalho. – respondeu Olga. Gentil. Rapidamente, recolheu o material de primeiro socorros usados. Os jogou no lixo. Guardou o restante na maleta. E foi embora.

-- Odeio este cheiro. – reclamou Gina. Com ar enjoado. O nariz tampado. Abanou-se. – Para quando quer a licença? – quis saber, com um arquear de sobrancelha.

Aleico olhou para o relógio do pulso.

-- A quero junto com um juiz de paz. Ou, um tabelião. Na cobertura de Lúcio, às 20h00min. – Lúcio, o olhou. Surpreso. Aleico riu. – Ligue para minha prima Isabella. A mande providenciar um vestido glamouroso. Com tudo o que for preciso. Detalhe. Tem que ser branco. Entendeu? – Gina assentiu. Virou para Lúcio. -- Avise Stefano, sobre o acontecido. Peça para manter segredo. Tenho certeza que Rhane, está com ele...

-- E ela, está... Liguei para Stefano, antes de vir ter com você. – Lúcio interveio.

-- Ótimo! -- exclamou aliviado. – Ligue de volta para, Stefano. – pediu. -- O encarregue de por ela, pronta. Ele é esperto. Saberá o que fazer.

-- Não acha que é tudo muito precipitado? Nunca agiu assim. – expôs Lúcio, precavido. Tirando o celular do bolso. Buscou na agenda o número do irmão. Efetuando a chamada.

-- Tem sempre a primeira vez para tudo, Lúcio. – cortou. Vendo-o falar com o irmão. Lúcio colocou no viva voz. A resposta positiva de Stefano. O animou. – Sem táticas, desta vez. Serei prático. Ou, impulsivo. Chame do que quiser... Não ligo. Eu a quero. Isso, sim importa! – declarou sincero. Continuou. – Ligue para aquela jornalista, Juliana Boninni. Acho, que é esse o nome dela... – refletiu.

-- Aquela, que anos atrás... O difamou. Quando voltou para Itália? – Gina perguntou. Chocada.

-- Essa mesmo.

-- Ficou maluco? – indagou Gina. Nada compreensiva. Lúcio o olhava. Inquiridor.

-- Não, não fiquei. – discordou. – Anos atrás, me difamou perante minha família. E toda a Itália. Agora, vai ter que reescrever uma história... Totalmente diferente. É minha revanche, cara mia! – expressou. Sagaz. – Nunca esqueço uma ofensa, Gina. – fez saber. Com ar malévolo.

-- Então, é pessoal? – quis saber. Curiosa.

-- Digamos, que sim. – assentiu. Nada singelo. – Mas acredito que ela, será a maior beneficiada. – observou, todo arrogante. – Darei a ela uma entrevista, exclusiva... Viu, não sou tão mal!

-- Ah, tá! -- Gina balançou a cabeça, em desaprovação. -- Quero ser sua amiga para sempre! – falou ela.

-- Idem! – concordou Lúcio.

Os três riram. Divertido.

-- Onde será a entrevista? Quando? Que horas? – perguntou.

-- Na cobertura de Lúcio. No mesmo horário do casamento. – forneceu. – Ela pode levar um fotógrafo. Quero fotos. Muitas fotos. – foi sarcástico.

-- Ok! – exclamou Gina. – Voltemos à reunião?

-- Lúcio, e eu. Certamente. – assentiu. -- Você. Trate de providenciar o que pedi. – ordenou. Categórico. -- Volte somente para dizer que conseguiu. Compreendeu?

-- Sim, senhor. – respondeu. Cômica.

Ele riu.

Ela caminhou para o elevador rapidamente. Ignorando o chamado dele. Queria chorar. Mas não iria chorar dentro do elevador. Com pessoas dentro. Nem na frente de seu segurança. Precisava chegar até Stefano.

-- Leve-me, para casa de Lúcio? – pediu, com voz embargada.

-- Sim, signora. – Enrico assentiu.

Permaneceu em silêncio todo o caminho. Viu Enrico, a observando pelo retrovisor com ar preocupado. A vontade de chorar era enorme. Sentia o peito arder. O coração enegrecer. Doer. Todo o seu corpo doía... Ao pensar nele. Em sua voz, seus beijos, seu corpo, seu... Seu cheiro. Ah! Adorava o cheiro dele. másculo. Excitante. Sua personalidade. Estava no cheiro de sua pele. O amava.

Envolvidas em seus pensamentos, não percebeu que chegaram ao edifício de Lúcio. Enrico a ajudou descer. Conduzindo ela, para o elevador. Segurava seu braço. Protetor. Sentia desesperada para chegar até, Stefano. O elevador parecia nunca chegar. Trêmula. E sensivelmente abalada. Temia perder o controle. A porta abriu. E ela, o viu a espera dela. Encostado na porta de entrada. O semblante preocupado. Apoiado sob uma muleta, engessado do joelho para baixo, numa bota de plástico. Parecia sentir dor. Abriu os braços para ela. Acolhedor. Jogou-se nele, em prantos. Descontrolada. Sentia as lágrimas embaçar sua visão. Soluçou alto, em total desespero.

Stefano a apertou em seus braços. Consolador. Beijou-lhe os cabelos. Carinhoso.

-- Ah, amore... Não fique assim. – falava baixinho. – Ajude-me, Enrico. – pediu. Dando um gemido de dor. Ao dar um passo com o peso dela, abraçada a ele. – Essas muletas, são bem desconfortáveis. – as entregou, para ele. – Venha, entre.

Enrico as descartou no canto do hall. O ajudando entrar com ela. Stefano apoiou nele, seguindo até o sofá. E a levou junto com ele, ao sentar. Usou a mesa de centro para apoiar a perna. A aninhou em seus braços. Acalentando-a. Sussurrando palavras de conforto em seu ouvido.

-- Vai ficar tudo bem. Acalme. – pedia terno.

-- Eu, eu... Terminei com ele... Ele estava se encontrando com Anabelle. Às minhas custas... Escondeu de mim... Oh, Stefano... O que vou fazer? Disse coisas horríveis para ele... Não devia ter dito. Não devia. Me arrependi. O que vou fazer? – repetiu. Desesperada. – Eu o amo... Amo tanto, que dói... – voltando a chorar. Copiosamente.

-- Olha, tudo o que precisa agora, amore mio. É de acalmar. E de descansar. Está bem? Pense no bebê. Ficar assim, não é bom para ele. – Ela assentiu, com lágrimas caindo por sua face. Stefano, as secava com as costas da mão. Gentil. -- As coisas vão se ajeitar. Dê um tempo para Aleico. E para você, também. Entendeu?

-- Não, não vão. – negou. Enterrando o rosto no peito dele. Molhando sua camiseta. – Ficou furioso, quando disse que invadi a reunião de propósito... Podíamos termos falado, a sós. Mas, não o fiz... – murmurou, com um gemido. Doloroso.

-- Eu sei... Lúcio. Me ligou. – Stefano, falou. Beijando-lhe o alto da cabeça. – Contou-me, tudo... Olha para mim? – pediu meigo. – Preste atenção no que vou dizer. Está me ouvindo? – indagou. Sério.

-- E-estou. – gaguejou.

-- Precisa descansar. Vem cá?

Rhane foi. Lágrimas deslizavam em sua face. Stefano a envolveu em seus braços. Acalentando-a. A deixou chorar. Não havia nada que poderia fazer, por hora. A não ser esperar o momento oportuno. Sentiu os soluços dela, diminuir. Quieta, tentava se recobrar. Aninhou-se nele. Cansada, permaneceu em silêncio. Ele também. Estava cansado. E com um pouco de dor. Sua perna, ainda doía. Stefano procurou uma posição melhor no sofá. A puxou junto ao corpo. Sonolento. Sentiu que o antibiótico que tomou começou a fazer efeito. Acabou, por dormirem.

Acordou com um toque em seu ombro. E a voz baixa de Bianca, a governanta da casa.

-- Signor Stefano... Tudo, já foi entregue. Coloquei no quarto, como pediu. – avisou. – Quer que prepare algo para comerem?

-- Obrigada, Bianca. – agradeceu, sonolento. -- Sim, faça isso. – assentiu. Bianca, se dirigiu para cozinha. Voltou sua atenção para a garota ressonando em seu peito. Acariciando-a. Ela abriu os olhos inchados. Lentamente. Levantou-os, para ele. Triste. Doeu nele ver tanta tristeza. A beijou na testa. Carinhoso. – Sabe que adoro você, não é?

-- Sim, eu sei. Também, adoro você. – assentiu. – É meu amigo. Sempre vou amar você. – declarou.

Enrico os interrompeu, com um limpar de garganta. Discreto.

-- Perdono, signora, signor. – falou, educadamente. – Tomei a liberdade de fazer algumas investigações. Meu irmão localizou o fotografo que fez as fotos para a signorina Anabelle. – informou. – Foram realmente alteradas, como previ. Tony, ficou de me mandar os originais para

fazer as comparações. A aviso assim que chegar. Tudo bem?

-- Sim, claro. Obrigada... – agradeceu, num sussurro, baixo. Melancólico. Lágrimas quentes voltaram a descer. Abundantemente. Sentiu Stefano, estreitá-la nos braços. Pensou ter ouvido um pedido constrangido de desculpa de Enrico, que desapareceu tão discretamente como chegou.

-- Ei, tudo bem. – ouviu, a voz meiga de Stefano.

-- Preciso... Ficar sozinha. – falou, com fôlego entrecortado. Soltou-se dele. Ele assentiu em acordo.

-- Procure descansar? – pediu. Preocupado.

Rhane rumou para o quarto, o mesmo que ocupou da última vez. Jogou-se na cama. Aos prantos. Chorou tudo o que pôde. Lamentou sua falta de experiência. Seu ato impulsivo custou à perda do homem que amava. Soluçou alto. Cansada, adormeceu.

-- Rhane... – ouviu uma voz vinda de longe, chamar. – Acorde princesa. Hora do baile. Precisa colocar o vestido. E a sua linda coroa. – reconheceu a voz de Stefano. Soava um tanto sorrateiro. – A festa, já vai começar. – brincou.

Levantou a cabeça. Sonolenta.

-- Que festa? – quis saber. Abrindo a boca de sono.

-- A nossa. -- disse Stefano. Sorrindo feliz.

-- A nossa? -- quis saber. Toda confusa.

-- Exatamente. – assentiu. Curvou o corpo, diante dela. Colocou a mão esquerda nas costas. Estendeu a direita para ela. Galantemente. – Dê-me a honra por esta noite. Seja minha bela acompanhante? – pediu todo, charmoso.

Rhane em estado de total confusão. O fitou. Viu o cabelo úmido do banho. Recém-tomado. Desceu o olhar devagar. Vestia-se a caráter. Num belo smoking. Todo preto. A perna da calça fora cortada para acomodar a perna engessada. Estava belíssimo. Cheirava deliciosamente, a perfume importado!

-- Como pretende ser o meu par.. Com esta perna, assim? – apontou. Balançando a cabeça. Confusa. Fechou os olhos. Devo estar sonhando! Clamou. Isso. É muito esquisito! Sentiu uma mão em seu ombro. A chacoalhando. Lentamente. Ouvia o sorriso alegre e contagiante de Stefano, ressoar no quarto. Abriu um olho. Depois, o outro. Ressabiada. Viu o sorriso ainda nos lábios dele. E ao seu lado, estava Bianca. Toda sorridente.

-- Isso é real. – falou ele. E a pegou pelo queixo. Ergueu sua cabeça. A olhou nos olhos. – A festa não pode começar sem a sua presença, cara mia...

-- Que festa? Do que está falando, Stefano? Que assunto esquisito... Você, está bem? – perguntou. Tocando a face dele. Preocupada. Poderia, estar febril. Pensou.

-- Estou ótimo, amore. – tornou a rir. Pegou as mãos dela, levou aos lábios. As beijou gentilmente. – Bianca, lhe preparou um banho. – falou, olhando para a governanta. Esta sorriu, com simpatia. – Também, vai lhe ajudar a se vestir. – olhou no relógio. – Venho buscá-la... Em, 30 minutos. Ok?

-- Ok. – Ela achou melhor concordar por hora. Pensou. Nunca viu Stefano tão estranho. O viu sair apoiando nas paredes com extrema dificuldade. Notou uma cadeira de rodas no corredor, ao passar pela porta. A fechou. – O que há com ele? – perguntou para Bianca. Que lhe dirigiu outro sorriso, simpático.

-- Oh, nada. – foi à resposta evasiva. – Quer ajuda com o banho?

-- Não, não precisa. – respondeu. Olhou em direção da janela. Nossa! Já era noite. – Isso tudo é muito estranho... – resmungou. -- E pelo jeito, Stefano conta com o seu apoio. Logo vi. Bom, vamos lá. Ele quer jogar. Vamos jogar. – disse, em tom desanimado. Ouviu o sorrisinho tímido de Bianca. Que droga! O que menos precisava agora... Era de festa. Queria Aleico. Isso sim! Secou uma lágrima que caiu. ‘Controle-se’. Repreendeu a si mesma. “Amanhã vou ao seu escritório. Pedirei... Não, implorarei seu perdão’, murmurou. Um tanto confiante. Entrou na banheira, afundou na água morna. Relaxou. Pegou o shampoo passou sobre os cabelos. Os esfregando vigorosamente. Repetiu por duas vezes. Retirando quase por completo, o louro dos cabelos. Aliviada. Saiu do banho. Secou. Encontrou Bianca, a esperando. Notou sobre a cama um vestido todo branco. Reluzente. Belíssimo. Boquiaberta. Aproximou. O tocou delicadamente. Encantada.

-- Lindo, não é? – Bianca falou, com voz emocionada. – Digno de uma princesa!

-- Ou, de uma noiva! – Rhane sussurrou, sem deixar de olhar o vestido.

Bianca aproximou, retirou o vestido da cama. Colocou a frente dela. – Vai ficar linda nele! – exclamou admirada. -- Venha, temos pouco tempo. – comentou.

Raí a olhou, podia negar se vestir. Refletiu. O que estava acontecendo ali? Perguntou. Para saber precisava colocar o vestido. E sair daquele quarto. Ok! Faria isso!

Bianca, a ajudou se vestir. Secou e penteou os seus cabelos, Os prendendo num coque fofo. Deixando uns fios levemente dourado, soltos. A maquiou levemente. Cuidando em disfarçar as olheiras adquiridas com as lágrimas por ela, derramadas. Calçou os sapatos. Olhou no espelho. O vestido ficou maravilhoso. O corpo justo, todo plissado em cetim de seda branco. A saia em um leve godê. Era composta em renda francesa. Toda trabalhada. Acima do joelho. Alças fininhas. Davam suporte ao bojo. Junto aos seios. Princesa, ou noiva? Perguntou, tomada de ironia. Olhou o seu reflexo no espelho, O dourado em seus cabelos negros. Não a agradou. Balançou a cabeça inconformada. Como foi capaz! Agora entendia a reação chocada de Aleico, quando a viu. Deus! Como era estúpida!

-- Está belíssima!

-- Obrigada, Bianca... – parou, ao ouvir uma batida leve na porta.

-- Pode deixar. Eu, atendo. -- falou Bianca. Dirigindo para porta.

Sentada em frente ao toucador. Cabeça abaixada. Olhos fechados. Percebeu os passos de Bianca, deixando os aposentos. E outros passos rápidos e leves, que adentrou o quarto. Passos, estranhos. Pensou. Sentiu a presença em suas costas. Tão perto, que podia sentir o calor do corpo dele no seu. Seu perfume. Lembrou-a de Aleico. Parecia o cheiro dele. Murmurou aborrecida.

--Não sei o que passa em sua cabeça, Stefano. – disse com voz cansada. Triste. – Mas, vou logo avisando. Estou de péssimo humor.. Sabe, não quero festa nenhuma. Quero Aleico...

-- Para casar, amar.. E respeitar, por toda vida? – Aleico perguntou com voz embargada. Interrompendo-a. A fitando. Encantado.

Ela levantou a cabeça rapidamente para o espelho a sua frente. E o viu através do espelho. Fitando-a. Vestido a rigor. Num belo, Black-Tie. Preto. Bellíssimo. Custou acreditar. Mas, era real. O cheiro maravilhoso. E o calor que emanava do corpo dele, junto ao seu. Comprovou isso. Num ato automático. Levantou. E o abraçou.

-- Pode me perdoar? – pediu, em total desespero.

Aleico a abraçou. Apertando-a junto ao corpo. Beijando-lhe o alto da cabeça.

-- Casa comigo, agora? – pediu ele.

-- Nesse minuto?

-- Sim.

-- Como?

-- Venha. – a pegou pela mão, a conduzindo para fora do quarto.

-- Não acha que devemos conversar, antes...

-- Não, nesse exato momento. – cortou. A puxando rapidamente pelo corredor.

Parando próximo da escada. Com ela, ao lado. A fitou por um nano segundo. Virou a cabeça em direção ao grande salão abaixo, deles. Rhane fez o mesmo. O que viu. A deixou sem ar. Muda. Na sala de estar constava mais ou menos 50 pessoas. Entre, os familiares dele. E funcionários da “Corporação”, alguns amigos executivos. Todos. Elegantemente, vestidos. Homens, em seus belos Smokings. Mulheres, em seus vestidos de festas. Glamourosos. As crianças pareciam pequenas estrelas de cinema. Os meninos, em seus mini-smoking. As meninas, em seus vestidos, luxuosos. Belíssimas. Abaixo, sentado no braço do sofá. Ao lado de Lúcio, estava Stefano. Como todos, ali. Tinha uma taça de champagne na mão. A elevou em sua direção. Um sorriso encantador nos lábios. Logo a seguir, lhe soprou um beijo. Todo brejeiro. Voltou o olhar para Aleico. Admirando-o. Sem fôlego. Sua beleza era descaradamente, estonteante. Sentia sua libido à mil. Sua boca salivar, por ele. Encalorou-se.

-- Organizou essa festa. Antes, ou depois... Que sai do seu escritório? – perguntou, um tanto constrangida. Sua voz soou trêmula. Sabia ser visível em seus olhos, o desejo ardente que tomava seu corpo.

Aleico a puxou junto ao corpo.

-- Relaxa... – falou baixo em seu ouvido. Deixando claro que sabia o que passava com ela. Sentia do mesmo jeito. – Depois, que saiu... – respondeu. -- Gina, Bruna e outros tantos. Aliada com minha conta bancária. Foram os grandes responsáveis. – forneceu. -- A ideia, claro. Foi minha! – ressaltou. A fitou nos olhos. Um olhar firme. Decidido. – Rhane... Não é uma festa qualquer. É o nosso casamento...

-- Nosso casamento! – exclamou com voz rouca. Cortando-o. Toda trêmula. O fitando-o. Os olhos dele, brilhavam por um desejo contido.

-- Si.

-- Oh! Pensei que estava brincando...

-- Não estava. – replicou. -- Venha, o juiz nos aguarda. – disse, a pegando pela mão. Desceram as escadas. Lentamente.

-- Sua mãe, não vai gostar disso. A avisou?

-- Não, não vai. E, sim. Avisei-os. – contou. – Queriam estar presente. Mas, foi impossível.

-- Por quê?

-- Chove forte, em Merano. O que torna impossível levantar voo. Lamento!

Ela assentiu compreensiva. -- Minha mãe?

-- Chamou-me de egoísta, e arrogante... – pausou. – Também de cínico, e insensível! -- reclamou, sua voz soava sem graça. Desconfortável.

Rhane parou no degrau da escada, com um ar de riso nos lábios. Olhou para ele.

-- Acho, que não teve um bom começo com a sogra. – brincou.

-- É, acho que não. – concordou ele. – Sua mãe, não é minha melhor fã. – admitiu. Reiniciando a descida.

-- E isso, o preocupa? – quis saber, enquanto desciam o segundo lance de escadas do segundo andar para o grande salão.

-- Não. Minha única preocupação. é você. E nosso bambini... – parou ao ver Matteo e Eloisa, subirem as escadas ao encontro deles. Trajados de mini-noivos. Mui bellos. Cada um trazia nas mãos, uma cestinha. Ao aproximar deles. Matteo retirou da cesta uma pequena tiara de diamantes. E a entregou para Aleico. Dizendo.

-- É da nonna. Todas as noivas da família... Devem usar. – disse, em tom ameno. Olhando para mãe. Alicia, fez sinal positivo. Alegre. Continuou. – Deve colocar nela, zio Aleico?

Aleico a pegou nas mãos. Olhou para ela, em busca de instruções. Raí o ajudou. A colocando na frente do coque. A ajeitou. A prendendo com os grampos que segurava os cabelos.

-- Ficou bom?

-- Está linda! – disse, orgulhoso.

-- Toda noiva precisa de um buquê. Trouxe o seu. – disse uma tímida, Eloisa. Retirou da cesta um lindo buquê de rosas vermelhas. E a entregou. Extremamente alegre. – Agora, vai ser minha zia de verdade! – exclamou, emocionada.

Muito emocionada. Rhane elevou o buquê de rosas, próximo às narinas. Aspirou o cheiro delas. Prazerosamente. Transbordando de felicidade. Parecia sonho. Mas, era real. Muito real! Levantou a mão tocou a face de Aleico. Os olhos rasos de lágrimas.

-- Eu te amo! – declarou, emocionada. Acariciando-o com carinho. Ele beijou a palma da sua mão. Um beijo quente. Apaixonado.

-- Eu sei. – disse. Todo imponente. Secando as suas lágrimas com a costa da mão. Contornou-lhe toda a face. Meigo. – É tudo para mim, amore mio. – beijou os lábios levemente. – O juiz nos espera. – falou, pegou a mão dela. Descendo o restante dos degraus. Tinha pressa em fazê-la sua esposa.

Um pequeno altar todo ornamentado com lindos arranjos de rosas vermelhas, foi montado no centro da sala. Muito luxo em tão pouco tempo. Ser um multibilionário. Poderoso. Tinha suas vantagens! Pensou ela. O juiz, os aguardava. Alto, moreno. Típico italiano. Sorridente. Cumprimentou-os.

-- Podemos iniciar a cerimônia?

Os dois assentiram.

-- Ótimo...

Após o fim da cerimônia. Iniciaram os cumprimentos de felicitações dos convidados, aos noivos. Foram muitos beijos e abraços apertados. Agradeceu Isabella, pelo lindo vestido.

-- Cara. Foi um prazer imenso... Espere para ver o vestido oficial. Bellíssimo! – exclamou. Vaidosa.

Gina e Bruna, pela organização da cerimônia.

-- Oh, não foi nada. – disse, Gina. Simpática.

Viu Aleico que falava com uma mulher morena, alta, magra. Lindíssima. Toda sorridente. Não gostou. Não mesmo!

-- Quem é ela? – quis saber, de Gina.

-- Juliana Boninni. É colunista social da revista “Life Celebrity”, voltada para falar sobre a vida dos ricos, e famosos... Enfim. Uma paparazzis. É claro. – criticou Gina. Nada simpática. -- É a maior revista com este tipo de conteúdo, na Europa. Com filiais fora do país. Pertence ao “Grupo Bonelli”, os magnatas dos meios de comunicações. Seja, qual for. Eles, estão no meio. Acredite?

-- Oh, já ouvi falar deles. Conheci Enzo Bonelli, em uma festa. – assentiu. – Mas o que ela faz, aqui? Representa-os? – procurou saber. Intrigada.

-- Não, não. – negou Gina. -- Mas, sei o que quer dizer. Aleico, odeia os paparazzis. Não resta sombra de dúvidas. – confirmou. – Mas, anos atrás ela fez uma reportagem sobre ele. Que o deixou furioso...

-- Oh, me lembro desta reportagem. – interrompeu-a. -- Li, na internet. – Rhane explicou. Diante do olhar interrogador de Gina. Uma suspeita surgiu em sua mente. – Foi convidada por ele?

-- Sim, foi.

-- Hum, foi o que imaginei. – Olhou na direção dele, e da colunista social. Notou que a linda paparazzi. Era a única repórter presente. Riu. – Como única repórter presente. Será obrigada a fazer a matéria... Que azar o dela, não?

-- Com certeza! – Gina assentiu. – Aleico Domenacci, não perdoa desaforo. Acredite! -- exclamou rindo.

-- Posso saber o motivo deste sorriso lindo? – perguntou ele, meigo. Aproximando delas, acompanhado da bela repórter. Deu um beijo de leve nos lábios. – Amore, esta é Juliana Boninni. Juliana, minha esposa, Rhane. – apresentou.

-- Muito prazer, Juliana. – Rhane, a cumprimentou. Educadamente.

-- O prazer é meu, signora Domenacci. – disse a repórter. Um tanto sem jeito. – Seu esposo, a elogiou, muitíssimo.

-- É mesmo! Que fofo! – exclamou carinhosa. Notou as ataduras na mão direita dele. Franziu as sobrancelhas. – O que aconteceu com sua mão? – quis saber preocupada. Tomando a mão dele, entre as suas. A acariciou levemente.

-- Um pequeno acidente. Nada grave. – respondeu. A fitando com desvelo e paixão. – Ah, mia vita! – exclamou rouco. A puxando junto dele. E a beijou com ardor. Senti-la corresponder com o mesmo calor. O enlouqueceu de desejo. Dio! Parou de repente. Ciente que todos. Além, é claro. A repórter paparazzi. Olhavam-os, boquiabertos. Envolveu Rhane, nos braços. A sentiu trêmula. Quente. E totalmente sem jeito com o acontecido. A apertou tranquilizando. Tímida. Se escondeu no seu peitoral. Aleico riu. E a beijou nos cabelos. Falou. – Bom, signorina Boninni... Espero que faça bom proveito desta oportunidade. Não costumo ser bonzinho com paparazzis. Principalmente. Aqueles que me criticam. Tenha uma, buonanotte. – disse ele, um tanto áspero. Dispensando-a. Gina, o olhava chocada.

-- Oh, sim. Claro. – assentiu, a repórter. Toda sem graça. – Buonanotte...

Manolo, o segurança particular de Aleico. Surgiu do nada ao lado da repórter e do fotógrafo. Indicando a saída. Sem opção. Eles, o seguiram.

-- Não acha que foi um pouco grosseiro dispensá-la, assim? – perguntou Rhane. Sentindo pena da repórter.

-- Não, não fui. – disse franco. – Gina, peça ajuda a Lúcio. – dizia. Calmo. -- A festa acabou. Quero todos, fora daqui...

-- Aleico, isso é falta de educação. – Rhane, o cortou. Horrorizada. – É a sua família, e seus amigos...

-- Nossa família, e nossos amigos, amore. – corrigiu. – E eles, sabem que quero ficar sozinho com você... Venha, vamos sair daqui. – disse. A pegando pela mão, dirigiu para o elevador.

-- Sem despedir dos convidados? – quis saber ela, olhando a sala. Viu Lúcio e Gina, falando com os convidados. Eles olhavam na direção deles. Sorrindo, compreensivos.

-- Sem despedir dos convidados! – replicou, ele. Vendo que Lúcio e Gina, já estavam em ação. Sorriu.

Entrando no elevador a tomou nos braços. Beijando-a ávido. Introduziu a língua na boca dela, sugando-lhe a língua. Prazeroso. Desceu a língua úmida, ao longo do pescoço dela. Incendiando-a. Retrocedeu. E mordiscou todo o lóbulo da orelha. Lambeu-o. Lentamente. Fazendo-a gemer de prazer. Voltou novamente à boca. Sugando-lhe a língua. Mordeu os lábios de leve. Arrancando dela, suspiros de prazer.

-- Aleico...

-- Quer despedir dos convidados? – perguntou, com voz rouca. Afastando um pouco dela. Extasiado.

-- Não...

O elevador chegou ao andar. Desceram abraçados em um grande hall, com duas portas de vidros nas laterais.

-- Nunca estive aqui. Faz parte da cobertura? – perguntou. Sôfrega.

-- Sim, faz. Essa parte ainda, não foi usada. Exceto, a porta a nossa esquerda... -- apontou. -- Onde há uma academia, sauna, piscina...

-- Então a nossa esquerda temos uma academia. E tudo mais... E a nossa direita. O que temos?

-- Duas suítes... Sem uso. – informou. – Uma, toda preparada para a nossa noite de núpcias. – disse. A beijando nos lábios. Pegou-a no colo. Abriu a porta da direita. Rumando para a suíte. A porta encontrava aberta. O que viu, a deixou boquiaberta. Toda iluminada com velas dentro de pequenos vasos de cristal. O chão repleto de pétalas de rosas vermelhas. Os guiando até a enorme cama de casal. Próxima à janela uma pequena mesa redonda com um balde de gelo. Com champagne. E duas lindas, taças. E muitas rosas vermelhas. A cama, também estava repleta de pétalas de rosas.

-- Oh, Meu Deus! Que lindo! – exclamou emocionada. Olhando tudo com apreço. Lágrimas desciam a face.

Aleico ainda com ela no colo. Adentrou o quarto. Observou a tudo também emocionado. Sinceramente, não tinha ideia do que esperar. Havia dito a Gina que queria flores. Muitas flores. E ela, falou que iria surpreendê-lo. E realmente o surpreendeu!

-- Gina... Caprichou mesmo! – elogiou.

-- Sério! Isso foi obra dela?

-- Sim. – assentiu ele. – Pensei em ir para um de nossos hotéis. Mas, Lúcio... Lembrou-me, que tinha duas suítes, sem uso... Como sei que gosta de rosas. Queria algo romântico que as envolvessem. Gostou?

-- Amei! – declarou envolvendo o pescoço dele. O beijando nos lábios. – Só quero que faça amor comigo, agora?

-- Com prazer, signora Domenacci. – sua voz soou cheia de amor. – Ah, amore mio...

Carregou-a em direção a cama. A depositou com carinho sob os lençóis. A fitou com paixão. Percorreu com olhos famintos todo o corpo dela. Abrasando-a.

-- Acho que se esqueceu de um pequeno detalhe. Não acha? – indagou, num murmuro. Sentia o corpo como larva quente. Excitadíssima, diante daqueles olhos famintos.

-- O quê? – quis saber, todo fingido. Deslizando a mão no corpo dela, acompanhando as curvas delgadas, lentamente. Prazeroso.

-- Tirar o meu vestido? – pediu. Excitada. Desejosa.

-- Ah, vou fazer isso, mia adoratta! – disse. em tom prazeroso. – Mas, primeiro me deixe apreciá-la. Posso? – pediu gracioso. Ela assentiu muda, sua voz falhou devido o prazer que os olhos dele proporcionavam ao seu corpo. Viu-o sorrir diante do tremor de seu desejo por ele. – Está linda com este vestido. Bellíssima! – desceu o olhar por todo o corpo dela. Apreciativo. Tocou-lhes os cabelos agora quase negros novamente, com alguns fios dourado. Deslizando os dedos entre eles, suavemente. Lembrou o choque que teve, ao vê-la entrar na reunião. Toda loura. – Dio Santo! Quase enfartei quando a vi. Loura! – reclamou ele. Desgostoso. – É tinta natural? Inofensivo, para o bebê?

-- Sim, é natural. Não é prejudicial à saúde do bebê. Com outra lavada, sai tudo. – garantiu. -- Sinto muito! – pediu sem jeito. Segurou a mão dele em seus cabelos. – Queria chateá-lo. Perdoe-me?

-- Não faça isso nunca mais, Rhane. – pediu, dando um suspiro. – Apaixonei-me por você assim, amore... Toda pequenina. Independente. Determinada. Olhos negros selvagens. Cabelos longos negros, como ébano. Quente. E toda minha. Só minha! – reclamou, a beijando com paixão. A amava com todo o seu ser. Ela, era sua agora. Eternamente! Sentiu completo. Perfeito. Totalmente, em paz! A despiu. A amando lentamente. Sem pressa. Com prazer.

Rhane acordou com o roncar de seu estômago. Oh, que horror! Clamou. Baixinho. Ouviu ele, rir baixinho perto de seu ouvido. Tinha os braços envoltos em sua cintura. Toda sem graça. Perguntou.

-- Diga, que não ouviu isso?

-- Impossível não ouvir, amore. – respondeu, rindo. – Alguém aqui, quer se alimentar. – falou, acariciando o ventre. Carinhosamente.

Rhane voltou o olhar para a mão esquerda dele que acariciava sua barriga, vendo o curativo que lhe envolviam os nós dos dedos. Tocou-a de leve. O sentiu retesar ao seu toque.

-- Disse que Stefano, foi o único que se machucou no acidente? – falou virando de frente com ele.

-- E, foi.

-- Queria fazer esta pergunta desde ontem à noite. Então, o que houve? – quis saber, segurando a

mão dele, entre as suas. A observando de perto. Notou que os esfolados na pele deixaram, sua mão aparentemente inchada. – Como se machucou? Quando?

Aleico a fitou demoradamente. Sem jeito. Ela aguardou.

-- Bom, fiquei furioso por causa daquelas malditas fotos. Por terminar comigo na presença de minha equipe. E minha família. Por Anabelle, ser tão maléfica. E usar meu lado cavalheiro, para me prejudicar com você. Por você, não me dar a chance de explicar.. Ou, me defender. Por magoá-la. E entristecê-la... Por ver a mulher da minha vida. Dizer-me, adeus... – dizia, acariciando a face dela com carinho. – Num ato de fúria perdi a cabeça. Esmurrei a porta de vidro da sala de conferências. – confessou ele, erguendo a mão machucada. – Nunca na minha vida... Me senti tão impotente e vazio... Ah, Rhane. Não sabe o quanto significa para mim! O quanto te amo! – declarou, a beijando na boca com paixão.

Ela correspondeu com igual paixão.

-- Oh, Aleico... Sinto muito, por tudo. – pediu beijando a mão dele. Carinhosa. – Não devia ter invadido sua reunião daquele jeito. Dito aquelas coisas na frente da sua equipe. Não ter confiado em você. Não ter dado a você, chance de se defender. Fui tão idiota. Sou uma idiota... – reclinou.

-- Não, não é. – discordou. – Confesso. Estava muito zangado. Louco de preocupação. Saiu de casa, sem avisar. Sumiu por horas. E eu, com uma reunião atrás da outra, sem tempo para tentar localizá-la... Aguardando por um contato de Tony. Dio! – exclamou agoniado. Ela encolheu-se toda. Chateada. – Então, do nada você surge. Diz-me, coisas horríveis. Termina comigo... – reclamou.

-- Oh, Aleico, sinto muito mesmo! – exclamou arrependida. -- Por ciúmes, não confiei em você. Sinto pelas palavras horríveis que disse. Pode me perdoar?

-- Sim, não confiou em mim. – concordou. – Suas palavras horríveis. E seu ciúme. Mostrou-me, o quanto me amava. E fiz o que achei que devia fazer. Casar-me, com você... Ontem, terminou comigo. Hoje, é minha esposa. – tocou o ventre, onde seu filho crescia. Depois os seios inchados. – Estão diferentes... Maiores.

-- Sim, estão. – assentiu. – Logo, toda eu... Estarei diferente. – reclamou.

-- Ficaré linda!

-- Ficarei gorda. Isso sim!

-- E, bellíssima! – disse, emocionado.

-- Duvido!

-- Bom, chega de se preocupar com isso. – falou, apertando o seu pequeno nariz, com carinho. -- Vou amá-la, do mesmo jeito. – declarou. – Agora, você precisa comer. Também, estou faminto. Venha, vamos descer. E tomar um bom café da manhã. – falou. Indo até ao closet, voltou vestido com calça de agasalho cinza chumbo, camiseta justa branca. Estendeu para ela um pijama de algodão, composto de calça comprida. E camiseta baby look, manga curta. As mangas. O barrado, e o decote em V. Era todo bordado em fios de seda branco. Belíssimo. – Minha prima Bella, mandou junto com o vestido. – explicou ele, diante do olhar admirado dela.

-- É lindo! – exclamou, o vestindo.

-- Buongiorno, Bianca, Stefano. -- desejou Aleico. Todo animado. Entrando na cozinha de mãos dadas, com ela. Indo sentar em uma das cadeiras giratórias, junto da larga bancada de granito preto italiano. Ao lado de Stefano. Puxando Rhane, para o próprio colo.

Ela também os cumprimentou.

-- Buongiorno, aos dois.

-- Buongiorno, Aleico, Rhane. – Bianca, devolveu o cumprimento com alegria.

-- Digo, o mesmo. – Falou Stefano, sorrindo. – Dormiram bem? Ou, não dormiram? – brincou ele. Malicioso. Ao mesmo tempo em que lhe empurrava dois envelopes. Um dourado, outro branco.

Aleico reconheceu o envelope. E o olhou indagador.

-- São as fotos para as comparações. – Stefano, explicou. – Enrico, pediu que Tony localizasse o fotografo. Ele foi localizado. E deu todas as informações. Sabe como Tony, age. Não é? Graças a Deus, não casou com aquela mulher! – exclamou, elevando as mãos para cima. Grato.

Aleico assentiu em acordo. Abriu os envelopes fazendo as comparações. Rhane o acompanhou. As alterações foram muito bem feitas. Coisa de profissional. Impossível ver a diferença, sem o original. Os encontros dele, e Anabelle. Junto, com os investidores. Agora era visível. Nos almoços junto dele, estava sempre um da família. Lúcio, Francesco, Ricardo. Álvaro, Stefano. o No hospital. Viu a amiga de Anabelle sendo amparada por Aleico, até ao taxi. Em frente ao prédio onde residia. A cena se repetiu. Então notou o sedã deles. O Rolls-royce preto. Dirigido por Manolo, o seu guarda-costas particular. Que estava parado em frente ao prédio de Anabelle. Esperando, por ele. Sentada no colo dele. Encolheu-se. Toda envergonhada.

-- Deus! Como fui estúpida! – lamentou. Empurrando as fotos para longe.

-- Esqueça isso, está bem? -- pediu ele, com voz firme. -- Faz parte do passado. O presente, é o que importa. Nossa vida juntos. Compreende? – disse Aleico. Pegando o seu queixo, a virou para ele. E beijou os lábios. Docemente. – Agora, vamos comer. – disse. Encerrando o assunto. – O que temos para o café, Bianca?

Bianca, com um sorriso simpático. Colocou a frente deles uma bandeja, com torradas. Queijo fresco. Mel. Manteiga. Saladas de frutas. Cereal. E pães frescos. Juntamente, com suco de laranja. Leite e café.

Aleico a serviu de suco. Torradas. E um pouco de salada de frutas. Logo a seguir, serviu a si mesmo.

-- Lúcio, já foi para o escritório? – quis saber, dirigindo a Stefano. Servindo de café.

-- Sim, já.

Rhane sentiu náuseas com o cheiro do café. Levou à mão a boca. Tapou o nariz. Enjoada. Chamando a atenção dos dois.

-- Tudo bem? – Aleico, quis saber.

-- O café, me enjoa. – reclamou, enjoada.

-- Pensei que os enjoos, houvessem melhorado. – indagou. Fazendo sinal para Bianca, retirar o café da mesa. O que ela, o fez rapidamente. – Obrigado.

-- Não os sinto tanto, como antes...

-- Com licença, signor Aleico. – foi interrompida com a entrada repentina de Manolo.

-- Sim, Manolo. O que houve?

-- Signorina Anabelle Verazzi. Encontra-se aqui. E insiste em falar com o signor. – notificou o guarda-costas. Sério.

-- Aqui! Quem deu autorização para ela, subir? – quis saber, em tom alterado. Totalmente descrente. – Deixei ordens explicitas, Manolo. Qual parte não entendeu? – recriminou rudemente.

-- Sinto muito, signor. – pediu, Manolo. Sem jeito. – Mas, foi o signor Lúcio. Que a deixou subir. – informou. – Não a deixei entrar.. Está no hall de entrada com Enrico. Mas, entrei em contato com o signor Lúcio. – disse, estendendo o telefone celular. – Ele, deseja falar com o signor.

Aleico pegou o telefone da sua mão. Furioso. Assustando o segurança. Levantou da cadeira deslizando Rhane, gentilmente sobre o assento. Ficando em pé. Deu um suspiro. Exasperado.

-- Onde está com a cabeça, Lúcio? Como pôde deixá-la entrar, sem ao menos se comunicar comigo. – gritou. Aguardou em silêncio. Ouvindo o que Lúcio dizia. – Inferno, Lúcio. Acha que devo falar com esta maldita. Depois de tudo que ela, fez? – pausa. – Não, não acho... – dizia zangado. Passando a mão livre nos cabelos com gestos nervosos. Rhane e Stefano. Olhavam entre sem si. Descontentes. Bianca saiu discretamente da cozinha. Manolo o aguardava. Tenso. -- Quase perdi Rhane, por causa dela. – reclamou com um suspiro agoniado. – Tem certeza? Quando falou com ele? Está bem.. Acho que tem razão. Farei isso. – cedeu. Desligou o celular entregando para Manolo. Espalmou as mãos no rosto, as deslizando até os cabelos. E as apoiou na nuca. Soltando um grande suspiro. Todo indignado. – A deixe entrar, Manolo. – ordenou seco.

-- Sim, signor. – respondeu, deixando a cozinha rapidamente.

-- Por quê? – Raí, o indagou. Aborrecida.

Aleico veio ao seu encontro pegou o rosto entre as mãos. E a beijou. Apaixonado.

-- Sei o que estou fazendo. Confie em mim, por favor? – pediu. Dando vários beijos seguidos, na sua boca.

-- Hum-hum. – Rhane, concordou.

Ao mesmo tempo em que ouviam os saltos de Anabelle, ressoar no piso de granito preto. Surgindo perante eles, junto à cozinha. Com um exemplar do jornal mais popular de Milão em uma das mãos. Seu rosto desprovido de qualquer emoção. Impassível. Mas, elegantemente vestida num vestido justo, vermelho. Na altura do joelho. E que ostentava o belo corpo. E com um decote em V. Que lhe moldando os fartos seios. Sandálias salto agulha prata. Cabelos presos, em um belo coque. Muito bem maquiada. Parecia ter saído naquele exato momento do salão de cabeleireiro. Um belo conjunto de diamante. Composto de colar e brincos. Que complementavam sua extrema beleza. Anabelle Verazzi, realmente justificava o título de ‘Top model internacional’. Rhane, reconheceu.

Assim que entrou Anabelle, em seu olhar sagaz. Perscrutou todo o ambiente. Pousando rapidamente sob, Stefano. Stefano, a encarou com ínfimo desdém. Desprezível. E ela, friamente passou sua atenção dele, para Rhane. Que estava ladeada por Aleico. A mediu da cabeça, aos pés. O olhar gélido dela passou por seu corpo. Absorvendo todo o detalhe, do seu belíssimo pijama branco bordado. Provocante. Rhane colocou os braços lado a lado da cintura em pose de modelo. E com um meio sorriso debochado nos lábios. Toda moleca. Aleico, aparentemente apreensivo com sua atitude. Permaneceu sério. Stefano, não resistiu. Dando uma estrondosa gargalhada. Manolo que permanecia em pé. De sobre guarda. Entre, a sala e o aberto da cozinha. Fingia vistoriar o lugar. Anabelle, que se aparentava parcialmente desestabilizada com sua atitude. Deu um bufo. Disfarçando sua irritação. Elevando o queixo toda altiva. E já recomposta. Os ignorou. Dirigiu sua atenção unicamente para Aleico. E lhe estendendo o jornal. Ele arqueou uma sobrancelha. Arrogantemente.

-- Fui acordada por minha assistente, às 7h00 da manhã... Com isso! – falou com voz magoada. Descrente. – Tivemos uma semana maravilhosa, juntos. Aleico. Como isso pode ser verdade? – inquiriu. E o jornal estendido em sua direção. – Olhe... E veja o que estão falando? Casou com ela? Isso não é verdade, é? – Ela exgiu. Olhando com desprezo, para Rhane.

Aleico pegou o jornal. E o abriu lentamente. Em destaque na primeira página como exigiu da parte da repórter. E cumprindo sua parte, a paparazzi Juliana Boninni exibiu as fotos. Noticiando ao mundo seu casamento. ‘O empresário multibilionário Aleico Domenacci, além de conquistar sua própria independência financeira. E também ser um dos herdeiros do Clã Domenacci. Contraiu em matrimônio ontem à noite, aqui em Milão. Numa cerimônia privada, com Rhane Britte.’ Em entrevista a mim, Juliana Boninni. O empresário declarou apaixonado por sua bela esposa. ‘Rhane... É tudo que almejo para viver, o resto de minha vida. Amo minha esposa.’ Questionado sobre sua vida, de eterno ‘Casanova’. Respondeu. ‘Nunca me considere um ‘Casanova’. Fui rotulado, pela mídia. Isso sim! Respeito às mulheres. Nunca prometi nada, a nenhuma delas. É livre para entrevistá-las. Caso queira. Não vivo do passado, Juliana. O que me importa é o presente. E o meu futuro... E sabe o que vejo nele? Minha esposa, e nossos filhos. Nossa felicidade. Nada mais! Quanto a sua pergunta sobre a signorina Anabelle Verazzi. O que houve entre nós acabou, há muito anos atrás. Termos sido vistos juntos? Foi unicamente por uma assessoria de negócios. Qual intermediei juntamente com alguns investidores, a pedido de meu pai. Que entreviu o pedido do pai dela. Nossos pais. São amigos, de longas datas... Foram negócios. Nada mais.’ A entrevista seguia. Mas, fechou o jornal sem terminar de ler. O jogando na bancada da cozinha. Já sabia tudo o que estava escrito. Ele mesmo tinha ditado cada palavra.

-- É verdade tudo o que esta jornalista, está dizendo? – Anabelle, quis saber ansiosa.

-- Sim, é verdade. Palavra, por palavra. – Aleico, afirmou. – Não sou de dar entrevistas, Anabelle. Principalmente, para os paparazzis... Odeio, expor minha vida pessoal. A este, tipo de gente...

-- Quando concordou em me ajudar, junto aos investidores. Fez me acreditar que estava reconsiderando nosso relacionamento. – o interrompeu, com voz magoada.

-- Em que momento, isso ocorreu? – a cortou, seco. – Viu, a aliança em meu dedo. – levantou sua mão, em sua direção. – Quando me perguntou, o que significava... Revelei meu amor, por Rhane. E falei de nosso casamento... Não lhe dei nenhuma esperança. Dei? – disse, virou na direção da esposa. A fitou. Apaixonado. Aborrecendo Anabelle. -- Em todos os almoços com os investidores. Deixei tudo muito claro, Anabelle... Negócios, somente isso. E foi por isso, que levei sempre alguém da minha família comigo. – apontou. Olhando para Stefano, que assentiu em acordo. – Eu, estava ali. – citou, aborrecido. -- A pedido de meu pai... Que achou, estar fazendo um favor para um amigo. O seu pai. – acusou. -- E neste exato momento. O meu pai, está se remoendo de arrependimento... Por ter sido feito de tolo. – dizia. Dirigiu até a bancada de granito. Pegou os envelopes. Voltou para ela. Os balançando no ar. Seu semblante fechado. Mostrava seu estado de espírito. Fúria. Notou o olhar assustado dela. E os estendeu. Ela, os pegou com mãos trêmulas. – Quando ele, soube das suas armações... – apontou, as fotos nas mãos dela. – E que quase perdi a mulher da minha vida... Por sua causa. Ficou furioso. Ah, Anabelle, não faz ideia da confusão em que se meteu. Dom Geovane, é implacável em suas ações quando feito de tolo... Somos uma família unida, cara. Jamais, tente prejudicar a felicidade de um Domenacci. Isso vai contra qualquer coisa, para nós! – avisou. Sua voz suave desprezível. Furiosa.

-- Oh! – exclamou, lívida. – Eu... Eu... – gaguejou, apavorada.

-- Quando estas fotos... – tornou apontar as fotos. – Chegou às mãos de Rhane... Você, conseguiu

que seu intento desse certo. Ela me deixou... – Anabelle, arregalou os olhos. Surpresa. Aleico, riu. Ao ver sua cara, toda surpresa. – É, você conseguiu. – reafirmou. A encarando. – Mas, então descobri... Que jamais poderia viver sem você, amore... – Foi até Rhane, e a beijou nos lábios com paixão. Encurvou, e lhe plantou beijos ao longo do ventre. Deliciado. Acariciando-a. – Sem ela. Ou, ele... Não sei.

-- Ela... Está grávida? – a voz de Anabelle, saiu esganiçada. Chocada com os gestos de carinho dele. Seu semblante, tornou sombrio. Derrotado.

-- Sim, vou ser pai. Dio Santo! – exclamou, feliz. – Sua atitude tresloucada. Me fez decidir imediatamente, em me casar. E tomei todas as providências para isso acontecer. Nisso sou grato, Anabelle... Eternamente! – foi rude.

-- Aleico...

-- Desapareça, Anabelle. – a enxotou. Fez sinal para Manolo. – Leve a daqui, Manolo.

-- Sim, signor. – assentiu, a pegando pelo braço. E a conduzindo para porta. – Por aqui, signorina? – Manolo, pediu. Gentil. E Anabelle, o seguiu. Muda.

Rhane, a olhou desprovida de pena. Stefano, a olhava. Curioso. Rhane notou.

-- O que foi? – invocou. – Não vou ter pena dela. Sou egoísta. E daí?

-- Nisso, somos iguais. Também sou. – Stefano, assentiu. – Não sinto um pingo de pena. Não mesmo! – refutou.

-- Esqueçamos isso? – pediu Aleico. – Vamos terminar nosso café?

Rhane que se encontrava sentada, novamente. Folheava o jornal. Parou na página onde Aleico, dava a entrevista para a paparazzi, Juliana Boninni. Lendo o conteúdo. Atenta. Arqueou as sobrancelhas, surpreendida. Levantou os olhos do jornal. O fitando. Cenhos franzidos. Ele, sentado do outro lado da bancada. Olhava-a, tranquilo. ‘Seus olhos diziam, me pergunte o que quer saber, cara mia’. Voltou a olhar para o jornal novamente. Descrente. Impossível. Ele não faria isso? Levantou os olhos do jornal. Direcionou o olhar primeiramente para Stefano. E este deu de ombros. Deixando claro ter conhecimento do que estava escrito no jornal. Deu um longo suspiro. Olhando para Aleico. E o encarou. Séria.

-- Isso é verdade? – perguntou, ela. Apontando o jornal. – Vai mesmo deixar a presidência da companhia? Por quê? – quis saber. Totalmente incrédula.

Capítulo 14

Aleico arqueou as sobrancelhas sorrateiramente diante de sua incredulidade. E num movimento rápido com a mão retirou o jornal dela. O descartando na cadeira ao lado. Estupefata, com o gesto grosseiro dele. Deu um bufo. Dirigindo a ele, um olhar carrancudo. Questionador. Aleico, se encolheu todo. Fingido de amedrontado. Diante do seu olhar carrancudo. E questionador. Fazendo a rir.

-- Ah, nem vem! Não tem medo de nada, caro. Fingir isso... Não cai lhe bem! – ralhou ela.

-- Ontem, quando me deixou... Eu, tive medo. Muito. Foi a primeira vez na minha vida... Dio! É uma sensação horrível. – confessou, angustiado. – Bom, esqueçamos isto...

-- Sim, esqueçamos. Agora, se explique?

-- Certo. Vou deixar a presidência do escritório aqui, em Milão. Ricardo vai assumir. Já que mora

aqui. Como pretendo continuar morando em nossa villa, em Merano. Vou transferir meu escritório. E minha equipe de trabalho. E vou gerenciar os negócios, de lá...

-- Sérioo? Isso é brincadeira, não é? – o cortou. Descrente. -- É jovem. Só tem 32 anos. Um tanto eufórico. Muito intenso. – dizia calma. -- Adora a adrenalina que os desafios do mundo dos negócios lhe desperta. – apontou, apreensiva. -- Não o vejo como... Um, telespectador. Sinto muito!

-- E, não serei. – Aleico, concordou. – Cara, não prestou atenção em uma palavra, do que eu disse. – repreendeu, gentil.

-- Sim, prestei. Vai transferir o escritório para a sua villa. Mas, realmente não o entendo. Por quê? – replicou.

-- Então, me ouça? Sem interromper. Certo? – pediu.

-- Certo.

-- Primeiro, quero que entenda que tudo que, é meu... Passou a ser seu, também. Portanto, nossa villa! Nosso tudo! – reclamou, dando um suspiro. Aparentemente zangado. – Não, não me interrompa... – repreendeu, severo. – Eu fiz isso em segredo. E era para ser uma surpresa. Um presente! Mas, tudo bem! – reclamou. -- Há dois meses... Desenhei e projetei. Um prédio de escritório, para nós. Lá na villa. – Ela, o olhou surpresa. – Isso mesmo, cara mia. – assentiu empolgado. – Vou levar toda a minha equipe comigo. É lógico que terei que vir há Milão. Vezes, ou outras. Ou, caso precise. Viajar, a negócios. Mas, será limitado... Assim, pode terminar seus estudos. E continuar com seu trabalho. E eu, também. Vamos trabalhar juntos. Quero acompanhar sua gravidez. Estar perto de casa. Ao lado de nossos filhos. Ver o crescimento deles. Quero estar por perto... Sempre! Acha muito sufocante? – quis saber, sincero.

-- Acho... – começou a falar. Pausou. Levantou rodeou a bancada. E subiu no colo dele. Colocou uma mão de cada lado do seu belo rosto. O fitando nos olhos. Apaixonada. -- Acho que nunca vou te amar o suficiente! – declarou, o beijando com ardor. – Te amo. Te amo. E te amo, para sempre! – dizia, entre beijos. Quentes. Devassos.

Percebendo-a cheia de desejos. Levantou. Pouco importando com a troca de olhares, entre Stefano e Bianca. Rumou para a suíte deles.

-- Também te amo, tesoro. Muito, muito. Para sempre! – falava. Enquanto a despia toda, para seu deleite.

Uma semana depois renovaram os votos na capela da villa, dos pais dele. Uma exigência da família. Todos. Queriam, estar presentes. Num vestido de noiva, belíssimo. Feito exclusivamente para ela. Pela estilista Isabella Domenacchi, prima de Aleico. Ele, muito bem trajado em um belíssimo, Black-tie de dois botões prata. Sendo ela conduzida pela nave da capela por seu lindo, e orgulhoso padrasto. Um Domenico, todo emocionado a entregou para Aleico. O abraço trocados entre os dois. Comoveu os presentes. A alegria, o amor e o respeito. Era visível nos olhos, deles. Quando Aleico tomou sua mão, para ajoelhar no altar perante o sacerdote. Rhane viu refletido nos lindos olhos azuis dele, muito amor e paixão. Então, murmurou baixinho. ‘Eu te amo’. Ele riu, dizendo. ‘Eu também, te amo’. A troca de votos foi comovente. Emocionada. Lágrimas descia a face. Aleico, as enxugou com a costa da mão. Também emocionado. Após, a trocas de congratulações. Seguiram para a festa. Ela, olhou a tudo. Estupefata. Queria saber como em tão pouco tempo, Dona Elisa, e a irmã desta. Dona Daisy, com ajuda e apoio da cerimonialista, organizaram tudo. Tudo com muito luxo. Muita pompa. Por causa de seu gosto por rosas, orquídeas e tulipas. O arranjo da capela. E do jardim. Onde se deu a continuação da cerimônia. Estava repleta delas. Simplesmente inesquecível.

-- Esplêndido! Acho que elas, não dormiram. Nos últimos sete dias. – Rhane, comentou. Felicíssima.

-- Com certeza, não mesmo! – Aleico, concordou. Também maravilhado com o arranjo da festa. – Está maravilhoso! – exclamou. Rodeou sua cintura. Depositando beijos ao longo do pescoço. Extasiado. – Quero ir embora logo. Certo?

-- Tenha paciência, amore?

-- Não tenho, não. – resmungou. Todo impaciente. – Quero minha lua de mel!

-- E terá, mano. – ouviram, a voz de Domenico. Ao lado deles. Sorrindo. Junto dele. Estava seu irmão Ricardo, Guillermo. Seus cunhados, Álvaro, Andrei. E seus primos Francesco, Giorgio, Lucio, Stefano. – A paciência... É uma doce e grande virtude. – observou, com ar divertido.

-- Então, vou dispensar... ‘Essa doce grande virtude’. – resmungou. Ignorando o ar divertido de Domenico. – Estou impaciente, isso sim... Mamma, já atrasou minha lua de mel em uma semana. -- tornou a reclamar. Arrancando risos deles, com sua falta de paciência.

-- Calma, homem. – pediu, seu primo Francesco.

-- Calma. Coisa nenhuma! – replicou. – Venha, amore. Vamos despedir de nossos pais. Quero ir embora...

Rhane olhou para Domenico. Buscando apoio. Ele riu.

-- Vá, angello. – disse, calmo. A abraçando. E a beijou nas faces. Os demais. Fez o mesmo.

Despediram de seus pais partindo para a viagem de lua de mel. Aleico havia traçado um roteiro longo. Iriam, primeiramente ao Caribe. Depois, visitariam Verona, Florença, Turim. E outras cidades italianas... Seria, uma longa lua de mel. Tudo isso devido ao seu desejo de conhecer os lugares. E as grandes obras arquitetônicas criadas pelos os grandes mestres, como Michelangelo, Leonardo da Vinci. E outros. Tudo muito bem preservado pelo patrimônio histórico da Itália. Cidades, onde histórias como as de Romeu e Julieta. O Coliseu. E as sangrentas batalhas aconteceram. Os grandes teatros de óperas. Os museus. E as belas catedrais. E tinha Veneza. E seus muitos canais, com suas gôndolas. Eram muito para se apreciar... E ter Aleico, como guia turístico. Era o Maximo! Sua paciência, e seu conhecimento... Surpreendeu-a.

Estava o admirando. Embevecida. Ele massageava seus doloridos pés com cuidado. E desdobrada gentileza. E percebeu, como aqueles dias foram especiais em sua vida. Pode assim, conhecer que por trás de todo aquele seu jeito dominante. Implacável. E de extremo controle. Havia, outro homem. Um todo... Terno. Gentil. Carinhoso. Ouvinte. Confidente. Conselheiro. Amigo. Marido. Amante. Pai... Um futuro pai, muito ansioso. Por sinal. E isso, era bom! Muito bom! Amou cada momento que passou com ele, naqueles dias. Foram dias inesquecíveis. Memoráveis! Rendida de amor e paixão. Tocou o seu rosto delicadamente. Contornando a face lentamente. Suspirou. Dizer, que ele. Era lindo... Era pouco! Belíssimo! Ah, isso sim! Seu ‘Deus’ Grego. Seu Adônis! Aleico a olhou com as sobrancelhas arqueadas. Um misto de riso um tanto divertido nos belos lábios. Sentiu suas entranhas, aquecer. Umedecer. Arfou.

Ele riu, beijou a mão em sua face. Meigo. E continuou a massagear os seus pés. Carinhoso. Trabalho concluído. Levantou rapidamente. Empurrando-a de costas sobre a cama. Acelerando seus batimentos cardíacos. Sua libido foi a mil. Atordoada. Tornou a arfar. Escandalosamente.

-- Gosto de vê-la assim. A minha mercê. Precisando de mim. Do meu toque. Do meu cuidado... – enquanto falava. Beijava, todo o seu corpo. Prazeroso. -- Adoro cuidar de você. Mimá-la. Protegê-la... – dizia. A prendendo com seu corpo. Ergueu-lhes, os braços acima da cabeça. Os prendendo

com uma das mãos. Voltou. E beijou sua boca, com avidez. Ela ofegou. – Sei que pensa que quero, dominá-la. Controlá-la... Não, não quero. Isso, amore. É algo impossível de fazer. Você, não lida bem com isso. – apontou. – Aprendi que o mais importante. É ter você. Amar você... E esses dias, foram maravilhosos. E inesquecíveis, para mim...

-- Para mim, também. – interrompeu. Delicadamente. – Conheci um homem maravilhoso... Delicioso. – reclamou. -- Que neste momento, está me deixando muito frustrada... Estou ardendo de desejo... Estou hiperquente, Aleico. Por deus, me ame logo? – implorou.

Aleico a fitou extasiado. Seus olhos azuis brilhando. Todo seu corpo sendo consumido de desejo, pelo corpo dela. E ouvi-la clamar por ele. E por seu amor. O excitou ao extremo. O desequilibrando. Sentiu suas entranhas em chamas. Seu pênis já endurecido. Inchou. E Doeu. Gemeu. Começou a beijá-la, guloso. Seu corpo, e o dela. Estavam trêmulos. Excitadíssimos. Desceu os lábios ao longo do pescoço. Indo na direção dos mamilos eriçados. Os mordeu levemente. E em seguida, os sugou. Várias vezes. Ouviu-a, gemer. Prazerosa. Desceu os lábios por seu corpo. O adorando. Depositou beijos longos, ao redor do ventre. Levemente arredondado. Carinhoso. Seu filho! Sangue, do seu sangue. Gerando ali! Sentiu seu corpo explodir de prazer. Emocionado. Rhane percebeu a emoção que o tomou. Procurou soltar as mãos. Queria tocar os seus cabelos. O seu corpo. Mas, ele a segurou forte. Impedindo-a. Ela tentou resistir.

-- Não, amore... – ralhou. – Quero amá-la. Devorá-la... Inteirinha...

Voltou a morder os mamilos. Alternando leves mordidas. Com sugadas forte. A excitando. A mão livre. Explorava suas coxas. As nádegas. E sua virilhas, com extrema avidez. Devasso. Impiedosamente. Arrancando dela, gemidos altos. Desceu a mão. Tocando-a. Introduziu dois dedos em sua intimidade. Estava molhada. Quente. Entrou nela com força. Metendo os dedos dentro dela, fortemente. Com movimentos rápidos. A sentiu estremecer toda. Os músculos internos da vagina, apertar seus dedos. Anunciando um orgasmo poderoso. Aumentou os movimentos. Rhane explodiu em êxtase. Gemendo. Sussurrando palavras incoerentes, misturadas com o nome dele. Totalmente, fora de órbita. Sôfrega.

-- Isso, tesoro... Goze para mim. Amo, ouvi-la gritar meu nome... Ficar assim, toda largada. Só minha! – exclamou. Todo orgulhoso. – Agora, vou entrar você. Muito forte. E levá-la, comigo...

E antes, que ela recuperasse o fôlego do seu delicioso. E extraordinário orgasmo. Ele a penetrou com força. Bem fundo. Entrando, e saindo dela. Seguidamente. Com movimentos rápidos. E fortes. A estocando com prazer. Senti-la escandalosamente molhada. O deixou tarado. Muito tarado! Gemeu alto.

-- Ah, está muito molhada... – falou rouco. -- Sabe como fico quando está assim, não é? Dio Santo! – clamou. O tesão. Comendo-o. Seu pau doía. – Que tesão! – gritou. Batendo nela com força. A estocando deliciado. Gemendo. Sentiu seu pau, inchar. Iria gozar. Estava no ápice. Impossível se conter. Seus testículos. Juntou. Sentiu os músculos internos femininos pressioná-lo. Anunciando um orgasmo. Arfou novamente. Feliz.

-- Oh, Aleico... – gemeu, sentindo outro orgasmo aproximar. O tesão louco, dele. E os movimentos rápidos de seu quadril. Entrando, e saindo dela, com força. A deixou em estado de pura luxúria. Impossível segurar o êxtase que a tomava. Gemeu alto. Liberando todo o seu prazer. Deliberadamente.

-- Isso... Goze comigo. – pediu, liberando o seu próprio prazer. Gemeu deliciado com a explosão de seu corpo. – Ah, que delícia! – gritou em êxtase. Jorrando seu sêmen dentro dela. Buscou a boca

dela, a beijando guloso. Sugando seus lábios. Sua língua. Mordiscando o canto de sua boca. O êxtase tomava seu corpo. O ensandecendo. A sentiu convulsionar com o seu prazer. O liquido quente de seu esperma bateu fundo no útero dela, que a incendiou. E aumentando a duração de seu orgasmo. A deixando trêmula. Fraca.

Aleico a sentiu gozar longamente. Seu corpo também demorou se acalmar. Ainda sentia pequenos fruídos expelir dentro dela. A virou puxando sobre ele. Sem sair de dentro dela. A abraçou. Raí, deitou a cabeça em seu peito. Cansada.

-- Descanse, amore. – sua voz, soou preocupada. Chamando a atenção dela.

Ela levantou a cabeça. E o olhou nos olhos. Os notou nublados. Sérios.

-- O que foi?

-- Preciso me controlar.. Está grávida! – murmurou.

-- Acha, que é prejudicial ao bebê?

-- Sim, acho que sim. – assentiu. – Preciso moderar, entende? Vamos ter que fazer amor com menos calor.. Dio! Odeio sexo baunilha! – reclamou.

Ela riu.

-- Bom, tenho uma ultrassom amanhã. – lembrou. – Aproveita, e conversa com seu irmão sobre isso?

-- É, farei isso. – concordou. Retirou-se, dela. Lentamente. – Vamos tomar banho. Precisa descansar. Venha. – a ajudou levantar. – Vou pedir para servir o jantar na suíte. Tudo bem?

-- Sim. É nossa última noite... Quero aproveitá-la, com você! – exclamou com voz triste.

-- Terá muitas noites comigo. Pode apostar! – prometeu.

-- Farei questão de cobrar isso, todos os dias. – avisou. Continuou. – Acha mesmo, que vai se acostumar em tomar conta dos negócios. Do escritório da villa?

-- Sim, serei absolutamente capaz de cuidar dos negócios da corporação do quintal, da nossa casa. – afirmou, com eficiência. E determinação. – Foi por isso, cara mia, que deleguei novos encargos para os membros da família. E altas posições para os executivos. Com participações nas ações da companhia. – expôs. Categórico. Ele era tão sério quando o assunto era os negócios. Que ela sabia, ser impossível não dar certo. O homem tinha uma determinação de ferro! Pensou ela. Continuou. -- Assim, evito roubos. E obtenho um pessoal honesto. E extremamente eficaz. Capisce? – indagou, com aquele olhar malicioso. Um sorriso sorrateiro. Permeando os grossos lábios. A deixando toda quente. Muito quente!

-- Sim, perfeitamente, amore mio. – respondeu. Feliz. O enlaçando pelo pescoço. E o beijando. Ávida. Enquanto correspondia o beijo guloso dela. Ele esticava o braço para abrir o chuveiro. E ao mesmo tempo a levantou do chão. Aqueles olhos brilhantes de desejo. A boca gulosa invadindo, a dele. O deixou duro novamente. Entrou no banheiro, com ela. As pernas enroscadas em sua cintura. E a desceu sobre membro. Estava molhada. Deliciosa.

-- Hum.. Deliciosa. E só minha!

Deitada na cama hospitalar na clínica de Guillermo. E pronta para o ultrassom. Rhane aguardava ansiosa pela sua demorada aparição. Nervosa, procurava intercalar sua alterada respiração com movimentos respiratórios. Tipo. Inspirar pelo nariz. Soltar pela boca. Como se estivesse em uma sessão meditativa de ioga. Argh! Odiava ioga! Com o canto do olho notou que seu lindo marido,

aparentava visivelmente sua impaciência. Era a quarta vez que pedia para a enfermeira verificar o motivo da demora de seu irmão.

-- Olha, poderia ir ver 'o porquê' desta demora? – ouviu, quando ele pediu novamente para a enfermeira. Irritado.

-- Calma, signor Aleico. – pediu ela. Toda paciente. – Ele, está com outra paciente. Vem num minuto, acredite. – disse, ajustando o aparelho de ultrassom. Depois, se voltou para Rhane. Com voz meiga. – Já fez ultrassom, antes? – Rhane assentiu. – Então, já sabe como funciona?

-- Hum-hum.

-- Ótimo! Não precisa ficar nervosa. Ok?

-- Ok.

Aleico expelia o ar pelo o nariz. Irritado. Impaciente. O ar calmo da enfermeira, o incomodava além do limite.

-- Ficar nervoso não ajuda, caro. – Guillermo, o repreendeu. Adentrando a porta do consultório. – Como foi à lua de mel? – quis saber, ignorando a carranca dele. Ele respondeu “muito bom” num resmungo, baixíssimo. O irmão sorriu. Virou para a paciente. – Como está, cara mia? – perguntou, a beijando no rosto. Gentilmente. Posicionando na cadeira, ao lado dela. Tomou sua mão, entre a dele. Terno. – Nervosa?

-- Um pouco. – respondeu. – Mas, estou bem. E a viagem foi ótima. – respondeu, olhando para Aleico. Reprovadora.

Guillermo riu.

-- Estou nervoso. – defendeu. -- E você... – Virou para o irmão. – Demorou uma eternidade! – reclamou.

Guillermo olhou para o relógio do seu pulso.

-- Não, não demorei. Estou dentro do horário marcado. – informou. – Esse pequeno intervalo foi para a preparação da paciente. – a apontou na cama. -- E isso, é o trabalho das enfermeiras. Isto aqui é uma clínica. Não, um conglomerado industrial. Tem uma enorme diferença, sabia? – recriminou. Severamente.

Aleico elevou as mãos para cima. Em sinal de derrota.

-- Ok. Ok... Já entendi. Não preciso de um sermão. Certo? – Aleico, resmungou. Azedo.

-- Que bom! – Guillermo, fitou a cara azeda dele. Sabia como o irmão odiava ser repreendido. Riu divertido. Aleico bufou, indignado. – Pronta? – quis saber.

-- Sim. – respondi.

Então, ele começou o exame. Conforme passava o aparelho ótico sobre seu ventre. E identificava o bebê. Fornecia as informações. Viu Aleico, aproximar próximo do monitor. Abobalhado. O som alto do coração do bebê mexeu com ele, passou a mão direita nos cabelos com gestos nervosos. Abria, e fechava a boca sem expressar palavra alguma. Mudo. Perplexo. Maravilhado.

-- Dio! – exclamou, por fim. – É o coração dele? – indagou o irmão. Referente ao som alto, em que batia o coraçãozinho. Guillermo assentiu em acordo. – Como você... Identifica, ele. Aqui? – perguntou apontando o monitor, com manchas escuras. Sua mão estava trêmula.

Guillermo o fitou. Embevecido. Jamais imaginou ver um dia, seu irmão caçula. Maravilhado. Perplexo. E assustado. Tudo junto, ao mesmo tempo. E trêmulo. Foi demais! Emocionou-se.

-- Sim, consigo. – respondeu, com voz embargada. – Esse aparelho de ultrassom. É um 4D ultramoderno de última tecnologia. Nele, poderá ver as feições do bebê em tempo real. – explicava. Aleico, e ela. Olhavam-no. Perplexo.

-- Está me dizendo que podemos ver o rosto do bebê? – Aleico, quis saber. Pasma.

-- Exatamente. – Guillermo confirmou. -- O que você está vendo no momento, não é o bebê. Estou verificando os batimentos cardíacos. E os demais órgãos internos. Sua anatomia. Agora... Veja, acompanha a flecha... Pode colocar a mão? Vou circular ele, ou ela... Tudo bem? – quis saber. Ao me ver chorando. – É muita emoção, não é? Também, sinto. – revelou, comovido. -- É isso, caro mio. – expôs, ao irmão. – Esses pontinhos granulados. É o bebê, de vocês. Vamos ampliar. Colocar em 4D. Pronto. E eis, ai... Nosso pequeno. E saudável bebê...

-- Deus! Está dormindo! – exclamei emocionada. Lágrimas caindo dos meus olhos. Aos borbotões. Aleico contornava o rosto do bebê, com a mão trêmula. – Meu Deus! Todo, enrugadinho. Que feio! – reclamei. Guillermo gargalhou gostoso. Aleico olhou para mim, chocado.

-- Ele ainda vai crescer. – ralhou. Nada contente. Encolhi os ombros, sem graça. Murmurei um “sinto muito”, baixinho. Ele sorriu. Voltou à atenção para o monitor. Todo encantado.

-- Isso é verdade. – concordou, Guillermo. – Está com 16 semanas, Rhane. O bom de tudo. É que está perfeito... E, êpa! – exclamou.

-- O que foi? – Aleico e eu. Falamos ao mesmo tempo. Preocupados.

-- O que aconteceu, Guillermo? Diga logo? – Aleico, exigiu desesperado. Os olhos fixos no monitor. Os meus também. Minhas mãos tremiam. Funguei alto. Aleico virou em minha direção. Correu para mim. Pegou minhas mãos. Apertou-as. Estavam geladas. – Calma, amore... Não é nada, está bem? – Eu concordava. Nervosa.

Guillermo atento examinando o monitor. Custou perceber o nosso desespero. Quando ouviu o meu fungado, virou para mim rapidamente. Desculpando.

-- Perdono... Mas, não é nada grave... É que é, uma bambina. Olhem? – apontou o monitor. Todo feliz. – Está vendo, aqui. Vê?

Aleico, e eu. Estreitamos nossos olhos Procurando por algum, vestígio feminino. Nada. Exasperado, Aleico bufou. E eu, sorri. Igual uma idiota. Feliz. Muito feliz!

-- Guillermo... Não vejo nada. Não sou médico. Isso é muito confuso. – replicou. – Tem certeza? É uma bambina, mesmo?

-- Absoluta, Aleico. – respondeu um pouco, sem jeito. – Sei que todo o homem deseja que o primeiro filho, seja um bambino...

-- Eu, não... Minha, Geovanna! – exclamou, todo orgulhoso.

-- Come? O que disse? – Guillermo, quis saber.

-- Disse, que não ligo. Para mim, tanto faz...

-- Não... O nome?

-- Geovanna. – repetiu. -- A versão feminina do nome de nosso papa. – explicou. -- Tudo bem, para você? – quis saber, dela. Ressabiado. – Se não gostar. Tudo bem. Escolhemos, outro...

Guillermo olhava de um para outro, ansioso.

-- Não, eu gosto. É bonito. – concordou ela.

Aleico a beijou nos lábios. Agradecido. Feliz. Muito feliz! Sentia em combustão. Iper-mega-super-feliz!

-- Dio Santo! Dom Geovane, vai surtar de felicidade! – Guillermo, exclamou. Felicíssimo.

-- Posso saber quem vai surtar? – Anelize adentrou a sala, toda sorridente. – Ah, cheguei tarde! – lamentou, quando viu tudo terminado. O monitor já desligado. E a enfermeira ajudando Rhane, a descer da cama. Anelize aproximou dela, a amparando. A abraçou. E a beijou no rosto. Meiga. – Então, como foi tudo?

-- Guillermo, falou que está tudo ótimo. E, é uma menina. – informou, emocionada. Tocando o ventre, já arredondado.

-- Sério? – inquiriu ela, olhando para o cunhado. Aleico vertia felicidade pelos poros. Difícil não notar. Observou. – Parabéns, papai! – desejou, o abraçando. Feliz.

-- Obrigado, Anelize. – agradeceu. Retribuindo o abraço da cunhada.

-- Deixe que eu a ajudo se trocar, Glória. – falou, Anelize.

-- Ok. Parabéns, aos dois. – desejou. Deixando o confortável consultório.

-- Vamos aguardar na minha sala, tudo bem? – Guillermo, informou.

-- Faça isso. – Anelize, respondeu.

Aleico seguiu Guillermo. Adentraram uma sala grande. Paredes brancas. Moveis cinzas. Frio. Exatamente como um consultório médico, devia ser. Suspirou. Viu o irmão dar a volta na mesa. E tomar seu lugar na cadeira de médico. Guillermo olhou para ele, indicando a cadeira a sua frente.

-- Sente-se. – pediu. – Caso, queira me fazer alguma pergunta. Fique á vontade?

Ele sentou. E sentiu super incomodado. Passou as mãos nos cabelos. Os ajeitando. Desnecessariamente. Lógico. Encarou o irmão. Este, o incentivou com olhar. Sem jeito. Desviou o olhar. Olhando a parede logo atrás dele, repleta de diplomas médicos. Desconhecia essa parte da vida do irmão. Curioso. Perguntou.

-- Quantas formações médicas, você tem?

-- Oito. – respondeu. Tranquilo.

-- Madre de Dio! – exclamou, entre chocado e orgulhoso. – Não sei... Nem o que dizer! Desconhecia, totalmente... Achei que fosse um médico... Tipo. Clínico Geral? – disse. Todo abismado.

-- Realmente, me formei em Clínico Geral. – assentiu. -- Mas, continuei me especializando na área. Graduei-me, em muitas áreas clínicas. E pretendo me graduar em outras. – informou, ele. Orgulhoso. – Amo a medicina, Aleico.

-- Sim, eu sei. É incrível! – clamou, cheio de orgulho.

Guillermo sorriu. E continuou.

-- Bom, agora que conhece essa parte de mim que desconhecia. Desembucha?

-- É... Bom... Como posso... Isso é complicado. Caramba! – rosnou. Sem jeito.

-- Sexo? É sobre isso que quer conversar?

Aleico o olhou. Hiper sem jeito. Guillermo gargalhou alto.

-- Isso, não tem graça! – resmungou.

-- É, não vai ter mesmo. – Guillermo concordou, ficando sério.

Aleico o encarou. Atento.

-- O que quer dizer?

-- Sei sua preferência sexual nada “baunilha”, como costuma dizer. Certo? – Ele assentiu em acordo.

– Bom, acontece que terá praticar muito sexo “baunilha”, durante os próximos nove meses...

-- Nove meses! – gritou exasperado. – Por que, nove meses? A bebê nasce dentro de cinco meses...

-- Tem o período de convalescença para a recuperação do parto. Três meses, é o tempo que o corpo da mulher leva para se recuperar. Precisa respeitar isso, Aleico! Principalmente, caso for uma cesariana. Acredito que será. A bebê, é bem desenvolvida. Vai se desenvolver muito mais. Raí, é miúda. Receio que um parto normal... Está fora de cogitação. – demandou. – Está me acompanhando, Aleico? – quis saber, sua voz soava um tanto aborrecida.

-- Sim, estou. – replicou ele. Pensativo. – Perdono, Guillermo? – pediu todo constrangido. – Acho que estou vendo, só o meu lado... E esquecendo que, mia piccola. É um ser humano. Não, uma máquina de sexo. Dio! É muita coisa para mim em questão de meses! – exclamou nervoso.

-- Sei que é, Aleico. – concordou Guillermo. – Mas, vai conseguir conciliar tudo... Nunca imaginei vê-lo tão feliz, como hoje. Melhor. Nesses dias todos. O amor, e o casamento. Além, é claro... A paternidade. Fizeram-lhe, muito bem! – expressiu. Feliz.

Aleico o fitou. A menção de sua bebê. O emocionou.

-- Amo, minha nova família... Mais que tudo nesta vida, Guillermo. – declarou ele. Apaixonado.

-- Tenho certeza disso!

-- Adorei ouvir isso! – Rhane exclamou, adentrando no consultório.

-- Eu também! – Anelize, fez coro. Sorrindo, feliz.

-- Cara... Como foi sua conversa com minha linda paciente? – Guillermo quis saber da esposa.

-- Bom, pela cara de Aleico... – Anelize, o olhou com ar divertido. – Muito melhor que você. Acertei?

-- Completamente! Tive que fazer um discurso. – reclamou, com uma careta. Anelize riu gostoso.

Rhane sentada ao lado de Aleico. Observava tudo. Silenciosa.

Aleico olhou para o irmão, depois para a cunhada. Todo encabulado.

-- Tinha certeza que esta conversa surgiria, não é? – perguntou. Todo acusador.

-- Ah, sim!

-- Se Anelize, iria ter essa conversa com minha mulher.. Poderia me ter poupado todo o constrangimento. Não acha, bonitão? Não, não o fez! – replicou, aborrecido. -- Por quê? – perguntou em tom, inquiridor. -- Adorou me ver todo envergonhado. Foi isso? – o indagou, muito chateado.

Percebendo o tom magoado na voz do irmão. Guillermo se preocupou.

-- Dio Santo! Não foi nada disso, Aleico. Está equivocado. – tratou logo de refazer o mal entendido. -
- Precisávamos ter essa conversa... É seu primeiro filho. Vai precisar ter conhecimento de como... É
uma relação a três. Neste período gestacional. – vendo a carranca do irmão. Insistiu. – Não é papo
de médico. Acredite. Falo sério! – disse em tom humilde. Sincero. Abrindo uma gaveta na lateral
direita de sua mesa, retirou um pequeno folheto. E lhe entregou.

Ele pegou o folheto com certo receio. Ouviu sua piccola, limpar a garganta. Olhou para ela que lhe
mostrou. Algo semelhante. Voltou o olhar para o folheto. O folheou. Atento. Fechou-o. Encarou o
irmão, que o fitava. Ansioso.

-- Hum... Tudo bem! Passa, por hora. – avisou.

Guillermo deu um suspiro, aliviado.

-- Sempre dá um folheto, deste... Para os futuros, pais? – perguntou Aleico. Curioso.

-- Não. – negou. Aleico levantou os olhos para ele. Fuzilando-o. – Só para os pais, de primeira
viagem. – emendou, sorrindo.

-- Muito engraçado! – resmungou, um leve sorriso surgindo nos lábios. – Mas, muito útil. Gostei! O
conteúdo é excitante! – apontou, balançando o folheto no ar. Divertido. – Quem elaborou?

-- Eu. – Anelize respondeu. Muito séria.

-- Verdade! – Aleico exclamou. Surpreso. Sua cunhada parecia ser uma mulher doce, meiga... Super-
baunilha! Uau! Quem diria! – Interessante... Muito mesmo!

-- Além de minha formação em pediatria. Estou me graduando em Genética do Comportamento
Sexual. – explicou ela. Ao notar o ar surpreso. E interessado dele. Acanhada.

-- Tipo. Terapia de Orientação Sexual? – perguntou.

-- Exatamente!

-- Uau! Quem diria! – Aleico. exclamou. Pasma.

-- Na verdade, Aleico. Meu interesse nesta área. Está voltada para atender. E compreender.. Os
diversos casos de abuso sexuais, contra crianças e adolescentes... – dizia ela. Sua voz triste
demonstrava toda sua dor com o sofrimento de seu paciente. – Assim, elas podem ao atingir a vida
adulta. E entender que o sexo praticado com amor. É totalmente diferente do abuso que sofreram.
Entende?

-- Perfeitamente. – respondeu. Todo admirado.

Anelize vendo o ar de compreensão. Respeito e admiração dele. Continuou.

-- Quando Guillermo me pediu uma orientação para tornar menos desgastante, uma explicação
verbal neste quesito. Resolvi elaborar este folheto. Muitos casais acham que a relação sexual, no
período gestacional. Torna-se enfadonha. Aqui... – pegou o folheto das mãos de Rhane. Dizendo,
com um sorriso malicioso nos lábios. -- Tem dicas, excelente. Há de concordar comigo. Não é? E,
Aleico. Não sou de toda ‘baunilha’, como pensa... – disse, dando uma olhada marota para o marido.
Guillermo, lhe piscou.

Todo sem jeito por ela ter adivinhado seus pensamentos, errantes. Concentrou na resposta acerca
do folheto.

-- Sem sombra de dúvida! – exclamou. – Gostei muito... Hum, interessante! – falou, folheando o
folheto novamente. Sentiu o sangue ferver. Seu corpo, se excitar. Com as sugestões apimentadas

contidas ali. Dio! Levantou rapidamente. – Bom, a consulta terminou. – virou para sua piccola. Todo agitado. – Vamos.

Rhane olhou-o, constrangida.

-- Aleico...

-- Culpe, Anelize... Por isso!

Causando uma onda de risos, na sala. Qual sua participação foi indispensável. Passado a crise de risos. Tratou logo de sair dali, direto para sua casa. Tinha coisas novas em vista, para por em prática. E rápido.

Epílogo

O alvoroço de risos, palmas e os gritos eufóricos das crianças. Durante o número infantil apresentado pelos artistas de circos, covers. Era simplesmente, excepcional. Aleico assistia a tudo atento. Seu irmão Domenico ao seu lado, também. Sua filha, e os gêmeos de Domenico. Completavam o segundo aniversário. Apesar dos quatro meses de diferença de idades, entre eles. Os aniversários eram comemorados, sempre junto. E era simplesmente, muito barulho. Um verdadeiro caos! Mas, ver toda a sua família presente. Envolvida, naquele alvoroço todo. Era divinamente muito emocionante! Extraordinário!

-- Quem diria, nós dois juntos... Acompanhando tudo isso! – exclamou Domenico, emocionado. – Meus filhos. Seus filhos... – falou, virando passou a mão nos cabelos do mais novo membro da família que constava somente dois meses. E que ressonava a sono alto no colo do pai. Alheio, a todo aquele alvoroço. Domenico se abaixou. E beijou as bochechas rosadas de seu sobrinho-neto. – Dio! Como está belíssimo! Meu “sobrinho-neto”, que colocação interessante de parentesco! – observou, sorrindo.

-- Bom, seus filhos são meus “sobrinhos-cunhados”... E você. Meu “irmão-sogro”. Doido, isso!

-- Você... Meu “irmão-genro”. Hum... Isso é complicado!

-- Não tanto, como ter uma “cunhada-sogra”. – apontou Aleico. Sério.

-- Que tal, uma “cunhada-enteada”... Sabe, é estranho. Mas, divertido! – concluiu Domenico. Os dois se entreolharam. Caindo numa estrondosa gargalhada.

Vitório acordou todo assustado. E resmungou. Calando-os.

Dom Geovane, se juntou eles. Intrometendo-se, entre os dois. Prostrou um braço no ombro de cada filho. Abraçando-os. Apertado. Relaxou o abraço. Abaixou e beijou o neto na bochecha. Vitório ressonou gostoso, com o gesto de carinho.

-- Sei que a troca de novas colocações de parentescos entre os dois, parece divertido. Mas, presumo que este piccolino precisa de uma cama confortável. E sua esposa, filho... Também precisa de repouso. Não acha? – apontou, preocupado.

-- Sim, papa. – concordou Aleico. Rhane, estava há horas envolvida com a festa. E já demonstrava sinal de cansaço. -- Vou colocar Vitório, na cama. E volto para buscá-la...

-- Eu faço isso, filho. Leve o meu nipote, para dormir. A mando para lá, num segundo... Dio Santo! – exclamou. Feliz. Tornou a abraçar os dois. Beijou a face de cada um. Domenico, e Aleico. Entreolharam-se. Surpresos. – Sonhei com o dia em que o veria casado novamente e com filhos, Domenico. Vê-lo, perder sua esposa. E seus filhos. Tão jovem. Afetou-me, grandemente. Vê-lo,

apaixonado novamente. E feliz. Engrandece-me muito. Tem uma esposa maravilhosa. E filhos lindos! – disse emocionado. Apertando o abraço, envolta do filho.

-- Obrigado, papa. – Domenico, agradeceu. Feliz. Realmente sua felicidade se completou. Após tantas perdas. – Realmente, sou um homem realizado!

-- E você... – Dom Geovane, se dirigiu para Aleico. Dando um beijo suave na testa. – Surpreendeu-me, novamente. Confesso. Tive medo, por você. – declarou.

-- Dio Mio! Por quê? – quis saber, num murmuro. Aborrecido.

-- Por quê? Sua relutância, em se casar. O jeito como levava sua vida de solteiro. A pouca idade da bambina. Este seu modo, tão... Sei lá. Imponente. Possessivo... Dominador. – dizia-lhe, o pai. Suavemente.

Aleico olhava para o pai. Estupefato.

-- Posso ser condizente muito das vezes. – replicou ele. – Principalmente, em se tratando da minha esposa. E de meus filhos. – emendou, com orgulho. Beijando os cabelos negros do pequeno Vitória, em seus braços.

-- Foi uma das coisas que notei. – assentiu o pai. Sorridente. Ao ver o orgulho. E o carinho dele para com o filho. – Nunca o imaginei, assim... Tão protetor. Tão carinhoso. Sua dedicação como marido. E como pai... Dio. É espantoso!

-- Amo minha esposa. E meus filhos, papa. – declarou apaixonado.

-- Vejo isso! – concordou. – Agora, vá. Levo-o. – ordenou seu pai. – Vou mandá-la ao seu encontro... – Dom Geovane, olhou o relógio. Brincalhão. – Em menos de 5 minutos. – E saiu ao encontro da nora.

-- Tudo bem? – Aleico, indagou o irmão.

-- Claro, Aleico. Leve-o para descansar. – Domenico, assentiu. – Vou ajudar Helen, com os gêmeos. Eles são terríveis. – brincou.

Os dois riram.

Raí o encontrou no quarto, ao lado do berço. Cobria o pequenino deles. Todo orgulhoso. Ficou a observá-lo. Ninguém diria que Aleico Domenacci, conhecido no mundo dos negócios como um homem frio. E implacável. Era na vida pessoal. Um excelente marido... Além de sexy, viril e um ardoroso amante. Maravilhoso, e carinhoso como pai. E ela, o amava. Terrivelmente! Aproximou dele, o envolveu pela cintura. Beijou-lhe as costas largas e fortes.

-- O amo tanto! – disse, com voz embargada. Acariciando o peitoral, bem tonificado. Adorava tocá-lo. O corpo firme e definido dele. Era o inferno de excitante. Desceu as mãos lentamente para o cós da calça. Abrindo o botão. Rumou para o zíper. Desceu-o. Tocou-o. Já estava duro, feito rocha. Apertou-o na mão. Deliciada. Ouvi-o gemer. – Quero você? – pediu.

-- Oh, vitta mia! Vai acabar comigo, assim.. – disse, segurando a mão dela. Virou de frente para ela. A pegou no colo. A fitando nos olhos. – Também, te amo. É minha vida, amore!

-- Eu sei... Agora, me beija? – pediu com urgência. Suas entranhas ardiam de desejo. Sentia úmida. E pronta.

Aleico colocou a mão entre as coxas dela, afastou a calcinha do lado. Introduziu um dedo. Tocando sua intimidade. Ao senti-la, toda molhada. Gemeu alto.

-- Molhadinha, como eu gosto! – clamou guloso. Deliciado.

-- Sim... Como você gosta!

Ele a beijou ávido. Necessitado. A levando para cama. A despiu rapidamente. Precisava estar nela. Senti-la. Possuí-la.

Fim

Agradecimentos,

Agradeço pelo apoio incondicional que recebi, de meus queridos filhos. Amo-os. E de meu amado esposo, por sua paciência e seu amor. ‘Te amo, querido’. Aos meus amigos, que não vou citar os nomes. São muitos. A minha querida amiga Josiane Amoras, que mora na Itália. Apresentadora do programa na internet (www.rotasced.com), e que me forneceu e ajudou em minha pesquisa sobre este país maravilhoso. Este é o primeiro, que disponibilizo aos queridos leitores... Divirtam. Sonhem. Viagem. Pois, ainda tenho muitos livros ainda por lançar... Aguardem!